

JOHN KENNEDY GUEDES RODRIGUES

JEAN CLAUDE AURIOL

PHILIPPE REIFFSTECK

MANOEL LEANDRO ARAÚJO E FARIAS

SOLOS LATERÍTICOS

UTILIZAÇÃO EM PAVIMENTOS RODOVIÁRIOS



Universidade Estadual da Paraíba
Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*
Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba
Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

**John Kennedy Guedes Rodrigues
Jean Claude Auriol
Philippe Reiffsteck
Manoel Leandro Araújo e Farias**

SOLOS LATERÍTIÇOS

UTILIZAÇÃO EM PAVIMENTOS RODOVIÁRIOS



**Campina Grande - PB
2024**



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

S689 Solos lateríticos [recurso eletrônico] : utilização em pavimentos rodoviários / John Kennedy Guedes Rodrigues ... [et al.] ; prefácio de José Camapum de Carvalho ; apresentação de Márcio Muniz de Farias. – Campina Grande : EDUEPB, 2024.

574 p. : il. color. ; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-268-0041-6 (Impresso)

ISBN: 978-65-268-0042-3 (41.979 KB - PDF)

ISBN: 978-65-268-0040-9 (62.071 KB - Epub)

1. Solos Tropicais. 2. Pavimentos Rodoviários. 3. Classificação de Solos. I. Rodrigues, John Kennedy Guedes. II. Auriol, Jean Claude. III. Reiffstreck, Philippe. IV. Farias, Manoel Leandro Araújo e. V. Titulo.

21. ed. CDD 625.8

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA, 29

PREFÁCIO, 30

FOREWORD, 34

PRÉFACE, 37

APRESENTAÇÃO, 40

PRESENTATION, 44

PRÉSENTATION, 47

**LISTA DE SÍMBOLOS, NOMENCLATURAS, ABREVIATURAS
E SIGLAS IMPORTANTES, 50**

**CAPÍTULO 1 – CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES INICIAIS,
54**

CAPÍTULO 2 – CARACTERÍSTICAS E PROPRIEDADES, 68

CAPÍTULO 3 – MELHORAMENTO E ESTABILIZAÇÃO DOS

SOLOS, 107

**CAPÍTULO 4 – CLASSIFICAÇÃO DE SOLOS LATERÍTICOS,
136**

**CAPÍTULO 5 – APLICAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO
UNIVERSAL: ESTUDO DE CASOS, 184**

**CAPÍTULO 6 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E
MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS:
COMPORTAMENTO À CARGA ESTÁTICA, 274**

**CAPÍTULO 7 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E
MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS:
COMPORTAMENTO À CARGA CÍCLICA, 309**

**CAPÍTULO 8 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E
MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS:
INFLUÊNCIA DA RETRAÇÃO NO COMPORTAMENTO
MECÂNICO, 384**

**CAPÍTULO 9 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E
MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS:
AVALIAÇÃO MECANÍSTICA-EMPÍRICA COM O *SOFTWARE*
MEDINA, 479**

**CAPÍTULO 10 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS
E MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS:
COMPOSIÇÃO DE CUSTOS, 492**

REFERÊNCIAS, 496

SOBRE OS AUTORES, 564

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Designação genérica geral das camadas de solos nas regiões tropicais, 58
- Figura 2:** Formação pedogenética de solos tropicais, 59
- Figura 3:** Padrões de imagens indicativos de solos lateríticos (aumento 3000x), 64
- Figura 4:** Padrões de imagens indicativos de solos não-lateríticos (aumento 3000x), 64
- Figura 5:** Distribuição de solos lateríticos no mundo, 66
- Figura 6:** Distribuição de solos lateríticos no Brasil, 67
- Figura 7:** Macroestrutura dos solos lateríticos, 69
- Figura 8:** Faixas de plasticidade de solo laterítico e minerais argilosos comuns na tabela de plasticidade, 73
- Figura 9:** Zonas de parâmetros de compactação para solo/cascalho/argila laterítico (a), 75
- Figura 10:** Variabilidade dos valores de LL e IP de três amostras de solos lateríticos, 78
- Figura 11:** Atividades de argilominerais em função da porcentagem de argila e a Adsorção de Azul de Metileno, 80
- Figura 12:** Ponto de adsorção máxima no ensaio de Adsorção de Azul de Metileno, 81
- Figura 13:** Efeito do conteúdo de óxido de ferro na resistência de agregados lateríticos, 83
- Figura 14:** Solo laterítico em processo de trincamento por “cura ao ar”, 85
- Figura 15:** Estrutura de um solo compactado, 88
- Figura 16:** Deformações resilientes e plásticas sob carga dinâmica, 92

- Figura 17:** Modelos de comportamento à deformação permanente , 100
- Figura 18:** Modelos de comportamento a deformação permanente de solos: Análise do acomodamento (*shakedown*), 101
- Figura 19:** Variação na deformação permanente em função do número de ciclos de carga aplicados (N), 103
- Figura 20:** Investigação da ocorrência de *shakedown*, 103
- Figura 21:** Reforços e estabilizadores em solos cimentados, 114
- Figura 22:** Estrada nacional na Bacia do Petróleo de Urucu no estado do Amazonas, Brasil, 120
- Figura 23:** Curvas de contração de laterita tratada e não tratada, 123
- Figura 24:** Efeito das adições de cimento e do tempo de cura no CBR do solo laterítico pedregulhoso, 125
- Figura 25:** Curvas de compactação e variação do CBR em diferentes proporções de mistura e períodos de cura, 126
- Figura 26:** Comparação entre o módulo de resiliência do solo natural e estabilizado com cal, 127
- Figura 27:** Aumento no módulo de resiliência na tensão de confinamento 6 psi, 128
- Figura 28:** Variação do módulo de resiliência com o teor de cal e tempo de cura, 129
- Figura 29:** Deformações permanentes para areia siltosa não plástica pura e cimentada, 132
- Figura 30:** Gráfico da classificação MCT, 140
- Figura 31:** Programa de ensaios e seus resultados para a classificação MCT, 141
- Figura 32:** Ensaios para classificação MCT e G-MCT, 142
- Figura 33:** Programa de ensaios e seus resultados para a classificação MCT, 143
- Figura 34:** Gráfico dos tipos granulométricos específicos dos solos de granulação grossa, 144
- Figura 35:** Tabela classificatória da G-MCT, 145
- Figura 36:** Critérios para Classificação Universal de Solos Lateríticos, 149
- Figura 37:** Solo laterítico fino (a), arenoso (b) e pedregulhoso (c), 150
- Figura 38:** Sequência lógica para classificação, 158
- Figura 39:** Gênese, morfologia e composição química, 160
- Figura 40:** Exemplos do teste de Adsorção de Azul de Metileno, 162

- Figura 41:** Ensaio de Adsorção de Azul de Metileno, 164
- Figura 42:** Ensaio de limite de retração/contração, 166
- Figura 43:** Esquema das etapas do ensaio de fragmentabilidade, 168
- Figura 44:** Execução do ensaio de fragmentabilidade, 169
- Figura 45:** Esquema das etapas do ensaio de degradabilidade, 170
- Figura 46:** Execução do ensaio de degradabilidade, 170
- Figura 47:** Equipamento normatizado do ensaio de friabilidade, 172
- Figura 48:** Adaptação na execução do ensaio de friabilidade das areias com moinho de bolas, 173
- Figura 49:** Adaptação das cargas abrasivas para o ensaio de friabilidade das areias, 174
- Figura 50:** Ensaio de compactação, 176
- Figura 51:** Ensaio de Índice de Suporte Califórnia (CBR), 178
- Figura 52:** Ensaio de módulo de resiliência, 179
- Figura 53:** Ensaio de deformação permanente, 183
- Figura 54:** Localizações geográficas das amostras coletadas, 185
- Figura 55:** Localizações geográficas das amostras coletadas no Distrito Federal (BSB), 185
- Figura 56:** Localizações geográficas das amostras coletadas no Goiás (GO), 186
- Figura 57:** Localizações geográficas das amostras coletadas na Paraíba (PB), 186
- Figura 58:** Localizações geográficas das amostras coletadas no Pernambuco (PE), 187
- Figura 59:** Localizações geográficas das amostras coletadas no Piauí (PI), 187
- Figura 60:** Aspectos das amostras nos pontos de coleta, 188
- Figura 61:** Aspecto visual dos solos estudado, 190
- Figura 62:** Solo BSB-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 192
- Figura 63:** Solo BSB-2: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 192
- Figura 64:** Solo BSB-3: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 192
- Figura 65:** Solo BSB-4: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 193

Figura 66: Solo GO-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 193

Figura 67: Solo GO-2: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 193

Figura 68: Solo GO-3: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 194

Figura 69: Solo GO-4 (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 194

Figura 70: Solo GO-5: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 194

Figura 71: Solo GO-6: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 195

Figura 72: Solo PB-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 195

Figura 73: Solo PB-2: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 195

Figura 74: Solo PB-3: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 196

Figura 75: Solo PE-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 196

Figura 76: Solo PI-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 196

Figura 77: Solo PI-2: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 197

Figura 78: Solo PI-3: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 197

Figura 79: Solo PI-4: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 197

Figura 80: Solo PI-5: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 198

Figura 81: Solo PI-6: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 198

Figura 82: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-1 (8000X), 199

Figura 83: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-2 (8000X), 199

Figura 84: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-3 (8000X), 200

Figura 85: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-4 (8000X), 200

Figura 86: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-1 (8000X), 201

Figura 87: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-2 (8000X), 201

Figura 88: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-3 (8000X), 202

Figura 89: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-4 (8000X), 202

Figura 90: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-5 (8000X), 203

Figura 91: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-6 (8000X), 203

Figura 92: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PB-1 (8000X), 204

Figura 93: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PB-2 (8000X), 204

Figura 94: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PB-3 (8000X), 205

Figura 95: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PE-1 (8000X), 205

Figura 96: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-1 (8000X), 206

Figura 97: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-2 (8000X), 206

Figura 98: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-3 (8000X), 207

Figura 99: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-4 (8000X), 207

Figura 100: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-5 (8000X), 208

Figura 101: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-6 (8000X), 208

- Figura 102:** DRX do solo BSB-1, 213
- Figura 103:** DRX do solo BSB-2, 213
- Figura 104:** DRX do solo BSB-3, 214
- Figura 105:** DRX do solo BSB-4, 214
- Figura 106:** DRX do solo GO-1, 215
- Figura 107:** DRX do solo GO-2, 215
- Figura 108:** DRX do solo GO-3, 216
- Figura 109:** DRX do solo GO-4, 216
- Figura 110:** DRX do solo GO-5, 217
- Figura 111:** DRX do solo GO-6, 217
- Figura 112:** DRX do solo PB-1, 218
- Figura 113:** DRX do solo PB-2, 218
- Figura 114:** DRX do solo PB-3, 219
- Figura 115:** DRX do solo PE-1, 219
- Figura 116:** DRX do solo PI-1, 220
- Figura 117:** DRX do solo PI-2, 220
- Figura 118:** DRX do solo PI-3, 221
- Figura 119:** DRX do solo PI-4, 221
- Figura 120:** DRX do solo PI-5, 222
- Figura 121:** DRX do solo PI-6, 222
- Figura 122:** Curvas granulométricas das amostras do Estado de Brasília, 231
- Figura 123:** Curvas granulométricas das amostras do Estado do Goiás, 232
- Figura 124:** Curvas granulométricas das amostras dos Estados da Paraíba e Pernambuco, 232
- Figura 125:** Curvas granulométricas das amostras do Estado do Piauí, 233
- Figura 126:** Valores de adsorção de azul de metileno, 238
- Figura 127:** Limites de retração, 240
- Figura 128:** Grau de contração, 241
- Figura 129:** Coeficientes de friabilidade das areias, 242
- Figura 130:** Ensaio de fragmentabilidade do solo GO-4, 244
- Figura 131:** Ensaio de fragmentabilidade do solo GO-5, 245
- Figura 132:** Ensaio de fragmentabilidade do solo GO-6, 245
- Figura 133:** Ensaio de fragmentabilidade do solo PB-3, 246

- Figura 134:** Ensaio de degradabilidade do solo GO-4, 246
- Figura 135:** Ensaio de degradabilidade do solo GO-5, 247
- Figura 136:** Ensaio de degradabilidade do solo GO-6, 247
- Figura 137:** Ensaio de degradabilidade do solo PB-3, 248
- Figura 138:** Curvas de compactação dos solos lateríticos do estado de BSB, 250
- Figura 139:** Curvas de compactação dos solos lateríticos do estado do GO, 250
- Figura 140:** Curvas de compactação dos solos lateríticos dos estados da PB e PE, 251
- Figura 141:** Curvas de compactação dos solos lateríticos do estado do PI, 251
- Figura 142:** Resultados de CBR e Expansão dos solos estudados, 255
- Figura 143:** Tipos granulométricos G-MCT da fração granular dos solos analisados, 263
- Figura 144:** Distribuição da classificação MCT dos solos analisados, 264
- Figura 145:** Resultado do ensaio de granulometria por difração de laser do Cimento Portland, 279
- Figura 146:** Cimento Portland Pozolânico (CP IV-32) e ensaio de massa específica, 280
- Figura 147:** Cimento Portland: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 282
- Figura 148:** Resultados de EDS: elementos constituintes do Cimento Portland (300X), 283
- Figura 149:** Resultados de EDS: elementos constituintes do Cimento Portland (8000X), 283
- Figura 150:** Difratoograma de Raios-X (DRX) do Cimento Portland, 284
- Figura 151:** Resultado do ensaio de granulometria por difração de laser da Cal Hidratada, 286
- Figura 152:** Cal Hidratada I (CH-I), 286
- Figura 153:** Cal Hidratada: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x, 287
- Figura 154:** Resultados de EDS: elementos constituintes da Cal

Hidratada (300X), 288

Figura 155: Resultados de EDS: elementos constituintes da Cal Hidratada (8000X), 288

Figura 156: Difractograma de Raios-X (DRX) da Cal Hidratada, 289

Figura 157: Dosagem do teor de cimento, 290

Figura 158: Dosagem do teor mínimo de cal, 292

Figura 159: Evolução do pH com o teor de cal, 294

Figura 160: RCS do SLP (PB-3) com 1% de cimento, 296

Figura 161: Mistura e homogeneização do solo, estabilizante e água, 299

Figura 162: Comparação entre CBR e Expansão dos materiais naturais e melhorados, 301

Figura 163: Curvas de distribuição granulométrica dos materiais da BGTC, 304

Figura 164: Aspecto visual da mistura de BGTC, 304

Figura 165: Comparação entre RCS e RTCD dos materiais naturais e melhorados, 305

Figura 166: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-1, 312

Figura 167: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-1, 312

Figura 168: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-2, 313

Figura 169: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-2, 313

Figura 170: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-3, 314

Figura 171: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-3, 314

Figura 172: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-4, 315

Figura 173: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-4, 315

Figura 174: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-1, 316

Figura 175: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-1, 316

- Figura 176:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-2, 317
- Figura 177:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-2, 317
- Figura 178:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-3, 318
- Figura 179:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-3, 318
- Figura 180:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-4, 319
- Figura 181:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-4, 319
- Figura 182:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-5, 320
- Figura 183:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-5, 320
- Figura 184:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-6, 321
- Figura 185:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-6, 321
- Figura 186:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-1, 322
- Figura 187:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-1, 322
- Figura 188:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2, 323
- Figura 189:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2, 323
- Figura 190:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3, 324
- Figura 191:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3, 324
- Figura 192:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1, 325
- Figura 193:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1, 325

Figura 194: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-1, 326

Figura 195: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-1, 326

Figura 196: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-2, 327

Figura 197: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-2, 327

Figura 198: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-3, 328

Figura 199: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-3, 328

Figura 200: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-4, 329

Figura 201: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-4, 329

Figura 202: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-5, 330

Figura 203: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-5, 330

Figura 204: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-6, 331

Figura 205: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-6, 331

Figura 206: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1_2%, 336

Figura 207: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1_2%, 336

Figura 208: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2_2%, 337

Figura 209: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2_2%, 337

Figura 210: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3_2%, 338

Figura 211: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3_2%, 338

- Figura 212:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para a BGTC, 339
- Figura 213:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para a BGTC, 339
- Figura 214:** Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para a BGS (BGTC_0%), 340
- Figura 215:** Superfície de ajuste usando o modelo composto para a BGS (BGTC_0%), 340
- Figura 216:** Variação do módulo de resiliência médio com a estabilização, 341
- Figura 217:** Relação entre o MR da BGTC e das misturas de solos *in natura* e melhorados, 342
- Figura 218:** Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PE-1, 347
- Figura 219:** Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-2, 348
- Figura 220:** Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-3, 349
- Figura 221:** Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PE-1, 353
- Figura 222:** Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-2, 353
- Figura 223:** Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-3, 354
- Figura 224:** Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1, 355
- Figura 225:** Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-2, 356
- Figura 226:** Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-3, 357
- Figura 227:** Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PE-1, 358
- Figura 228:** Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-2, 359
- Figura 229:** Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-3, 359

- Figura 230:** Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%, 362
- Figura 231:** Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%, 363
- Figura 232:** Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-3_2%, 364
- Figura 233:** Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. BGTC, 365
- Figura 234:** Variação do deslocamento permanente com a estabilização, considerando $\sigma_3 = 120$ e $\sigma_d = 360$ kPa, 367
- Figura 235:** Relação entre a DP das misturas de solos *in natura* e melhorados e a DP da BGTC, 368
- Figura 236:** Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PE-1_2%, 371
- Figura 237:** Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-2_2%, 371
- Figura 238:** Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-3_2%, 372
- Figura 239:** Investigação de ocorrência de *shakedown*. BGTC, 372
- Figura 240:** Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%, 376
- Figura 241:** Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%, 377
- Figura 242:** Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-3_2%, 378
- Figura 243:** Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. BGTC, 379
- Figura 244:** Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%, 380
- Figura 245:** Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%, 380
- Figura 246:** Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-3_2%, 381
- Figura 247:** Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. BGTC, 381
- Figura 248:** Processo de secagem dos corpos de prova, 386
- Figura 249:** Ensaio de sucção matricial com papel filtro Whatman® N°42, 387
- Figura 250:** Ensaio de sucção matricial com papel filtro Whatman® N°42,

Figura 251: Processo de saturação e secagem dos corpos de prova e pesagem do papel filtro, 390

Figura 252: Curva de calibração do Whatman® N°42 conforme ASTM D5298/2016, 391

Figura 253: Perda de massa (a) e deformação volumétrica de retração (b) médias durante o período de secagem. Solos PE-1 e PE-1_2%, 394

Figura 254: Perda de massa (a) e deformação volumétrica de retração (b) médias durante o período de secagem. Solos PB-2 e PB-2_2%, 395

Figura 255: Perda de massa (a) e deformação volumétrica de retração (b) médias durante o período de secagem., 396

Figura 256: Parâmetros da curva característica bimodal, 398

Figura 257: Curva bimodal de retenção de água no solo: (a) PE-1; (b) PE-1_2%, 403

Figura 258: Curva bimodal de retenção de água no solo: (a) PB-2; (b) PB-2_2%, 404

Figura 259: Curva bimodal de retenção de água no solo: (a) PB-3; (b) PB-3_2%, 405

Figura 260: Curva unimodal de retenção de água no solo: (a) PE-1; (b) PE-1_2%, 406

Figura 261: Variação do módulo de resiliência médio com o processo de retração volumétrica. Solo PE-1, 408

Figura 262: Variação do módulo de resiliência médio com o processo de retração volumétrica. Solo PB-2, 409

Figura 263: Variação do módulo de resiliência médio com o processo de retração volumétrica. Solo PB-3, 410

Figura 264: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1_PR, 410

Figura 265: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1_PR, 411

Figura 266: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1_2%_PR, 411

Figura 267: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1_2%_PR, 412

Figura 268: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2_PR, 412

Figura 269: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2_PR, 413

Figura 270: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2_2%_PR, 413

Figura 271: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2_2%_PR, 414

Figura 272: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3_PR, 414

Figura 273: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3_PR, 415

Figura 274: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3_2%_PR, 415

Figura 275: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3_2%_PR, 416

Figura 276: Relação entre o MR dos solos *in natura* e melhorados, antes e após o processo de retração volumétrica, 417

Figura 277: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PE-1 (ξ para 150.000), 427

Figura 278: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-2 (ξ para 150.000), 427

Figura 279: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-3 (ξ para 150.000), 428

Figura 280: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PE-1_PR, 428

Figura 281: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PE-1_2%_PR, 429

Figura 282: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-2_PR, 430

Figura 283: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-2_2%_PR, 431

Figura 284: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-3_PR, 432

Figura 285: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-3_2%_PR, 433

Figura 286: Ocorrência de *shakedown*: (a) Solo PE-1_PR; (b) Solo PE-1_2%_PR, 440

Figura 287: Ocorrência de *shakedown*: (a) Solo PB-2_PR; (b) Solo PB-2_2%_PR, 441

Figura 288: Investigação de ocorrência de *shakedown*: (a) Solo PB-3_PR; (b) Solo PB-3_2%_PR, 442

Figura 289: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1_PR, 444

Figura 290: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%_PR, 445

Figura 291: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-2_PR, 446

Figura 292: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%_PR, 447

Figura 293: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-3_PR, 448

Figura 294: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-3_2%_PR, 449

Figura 295: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos: (a) Solo PE-1_PR (b) Solo PE-1_2%_PR, 450

Figura 296: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos: (a) Solo PB-2_PR (b) Solo PB-2_2%_PR, 451

Figura 297: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos: (a) Solo PB-3_PR (b) Solo PB-3_2%_PR, 452

Figura 298: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PE-1 ($N = 10^7$), 454

Figura 299: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PE-1_2% ($N = 10^7$), 455

Figura 300: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PE-1_PR ($N = 10^7$), 456

Figura 301: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PE-1_2%_PR ($N = 10^7$), 457

Figura 302: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-2 ($N = 10^7$), 458

Figura 303: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-2_2% ($N = 10^7$), 459

Figura 304: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-2_PR ($N = 10^7$), 460

Figura 305: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-2_2%_PR ($N = 10^7$), 461

Figura 306: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3 ($N = 10^7$), 462

Figura 307: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3_2% (N = 10⁷), 463

Figura 308: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3_PR (N = 10⁷), 464

Figura 309: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3_2%_PR (N = 10⁷), 465

Figura 310: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas.

BGTC (N = 10⁷), 466

Figura 311: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PE-1 (N = 10⁷) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 70$ kPa e $\sigma_d = 70$ kPa, 467

Figura 312: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PE-1 (N = 10⁷) Estado de média tensão: $\sigma_3 = 100$ kPa e $\sigma_d = 300$ kPa, 468

Figura 313: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PE-1 (N = 10⁷) Estado de alta tensão: $\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa, 469

Figura 314: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-2 (N = 10⁷) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 70$ kPa e $\sigma_d = 70$ kPa, 470

Figura 315: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-2 (N = 10⁷) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 100$ kPa e $\sigma_d = 300$ kPa, 471

Figura 316: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-2 (N = 10⁷) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa, 472

Figura 317: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-3 (N = 10⁷) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 70$ kPa e $\sigma_d = 70$ kPa, 473

Figura 318: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-3 (N = 10⁷) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 100$ kPa e $\sigma_d = 300$ kPa, 474

Figura 319: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-3 (N = 10⁷) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa, 475

Figura 320: Conformação final da base e trincamento em função da secagem, 478

Figura 321: Desempenho do pavimento tipo durante a vida útil: (a) porcentagem de AT (b) ATR. Tráfego N = 10⁶, 485

Figura 322: Desempenho do pavimento tipo durante a vida útil: (a) porcentagem de AT (b) ATR. Tráfego N = 10⁷, 486

Figura 323: Modelo ou função sigmoideal da camada de BGTC, 489

Figura 324: Comparativo de custos do metro cúbico e relação com o valor da BGTC, 494

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1:** Modelos comumente utilizados de deformação permanente, 105
- Tabela 2:** Sequência de tensões para determinação do módulo de resiliência, 180
- Tabela 3:** Sequência de tensões para determinação da deformação permanente, 182
- Tabela 4:** Resultados dos ensaios de EDS: porcentagens dos elementos constituintes (8000X), 211
- Tabela 5:** Análise química das amostras de solo, 224
- Tabela 6:** Classificação do tipo de laterização por meio dos índices de intemperismo K_i e K_p , 225
- Tabela 7:** Identificação do caráter laterítico ou não laterítico das amostras, 229
- Tabela 8:** Resultados dos ensaios de caracterização e classificação TRB dos solos (Fonte: De autoria própria), 234
- Tabela 9:** Classificação granulométrica dos solos lateríticos estudados, 236
- Tabela 10:** Valores dos coeficientes de fragmentabilidade e degradabilidade, 248
- Tabela 11:** Massa específica aparente seca máxima e umidade ótima dos solos, 252
- Tabela 12:** CBR e Expansão dos solos pesquisados, 254
- Tabela 13:** Metodologia de Classificação Universal de Solos Lateríticos, 259
- Tabela 14:** Classificação MCT e G-MCT, 265

- Tabela 15:** Análise comparativa entre metodologias de classificação, 267
- Tabela 16:** Resultados da compactação sem e com reuso, 275
- Tabela 17:** Resultados de CBR do solo sem e com reuso, 276
- Tabela 18:** Resultados dos ensaios de RCS e RTCD, 277
- Tabela 19:** Caracterização do Cimento Portland, 281
- Tabela 20:** Resultados dos ensaios de EDS: porcentagens dos elementos do Cimento Portland, 284
- Tabela 21:** Caracterização do Cal Hidratada, 287
- Tabela 22:** Resultados dos ensaios de EDS: porcentagens dos elementos da Cal Hidratada, 289
- Tabela 23:** Teor mínimo de cal necessário para a estabilização físico-química, 293
- Tabela 24:** Compactação para dosagem do teor de cimento, 295
- Tabela 25:** RCS para dosagem do teor de cimento, 295
- Tabela 26:** Resultados dos ensaios de RCS para os solos melhorados com e sem imersão, 298
- Tabela 27:** Compactação dos solos naturais e melhorados, 300
- Tabela 28:** CBR e Expansão dos solos naturais e melhorados, 300
- Tabela 29:** Composição da dosagem da brita graduada, 303
- Tabela 30:** RCS e RTCD dos materiais naturais e melhorados, 305
- Tabela 31:** Modelos e respectivos valores dos coeficientes de regressão para as amostras, 332
- Tabela 32:** Resumo da classificação MCSL e o comportamento resiliente, 333
- Tabela 33:** MR e coeficientes de regressão, 344
- Tabela 34:** Resultados de deslocamento permanente acumulado, 346
- Tabela 35:** Parâmetros de regressão obtidos por meio do modelo de Guimarães (2009), 350
- Tabela 36:** Resultados de deslocamento permanente acumulado, 360
- Tabela 37:** Parâmetros de regressão obtidos por meio do modelo de Guimarães (2009), 369
- Tabela 38:** Parâmetros de ajuste da curva de retenção, 402
- Tabela 39:** Relação entre o teor de umidade, sucção matricial e

módulo de resiliência médio dos solos em estudo, 419

Tabela 40: MR e coeficientes de regressão dos materiais antes e após processo de retração, 420

Tabela 41: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PE-1, 424

Tabela 42: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-2, 425

Tabela 43: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-3, 426

Tabela 44: Relação entre o teor de umidade, sucção matricial e deformação permanente dos solos em estudo, 436

Tabela 45: Parâmetros de regressão obtidos por meio do modelo de Guimarães (2009), 437

Tabela 46: Estrutura e as propriedades dos materiais constituintes do pavimento, 482

Tabela 47: Desempenho frente a porcentagem de área trincada (AT) e ao afundamento de trilha de roda (ATR), 484

Tabela 48: Composições de custos com o SICRO, 493

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descrição dos parâmetros utilizados na classificação de solos LCPC/SETRA, 147

Quadro 2: Metodologia de Classificação Universal dos Solos Lateríticos para utilização em camadas de rodovias, 152

Quadro 3: Breves descrições dos grupos de solos da classificação G-MCT, 266

AUTORES

Prof. Dr. John Kennedy Guedes Rodrigues

Prof. PhD. Jean Claude Auriol

Prof. PhD. Philippe Reiffsteck

Prof. Dr. Manoel Leandro Araújo e Farias

COAUTORES

Prof (a). Dra. Ana Maria Duarte Gonçalves Mendonça

Prof. Dr. Fabiano Pereira Cavalcante

Prof. Dr. Jonny Dantas Patricio

MSc. Leonardo Rodrigues Guedes

Prof. Dr. Paulo Germano Tavares Marinho Filho

Mestranda Ana Letícia Feitosa De Macêdo

COLABORADORES

Dr. Arthur Felipe de Farias Monteiro

Mestranda Amanda Mendes Arruda

Mestrando Arthur Nóbrega de Sousa

Graduanda Hillary de Oliveira Marinho

Graduando João Pedro Silveira Salustiano

Graduanda Maria Eduarda Olinto Costa Ferreira

Jadilson Silva Trigueiro

MSc. Lara Pereira Tavares Mendes

MSc. Gilson Gabriel Teixeira Varela

DEDICATÓRIA

Expresso aqui a minha Gratidão!!!

“A minha Esposa e Filhos, Rá, Cláudio Manoel e Maria Izabel, fontes de inspiração para contribuir na formação de jovens Engenheiros do nosso País.”

PREFÁCIO



Prof. Phd. José Camapum de Carvalho
Universidade de Brasília – UnB

O livro “Solos Lateríticos: Utilização em Pavimentos Rodoviários” constitui-se em iniciativa relevante fundamentada na experiência dos autores sobre Solos Tropicais. Cabe destacar que a Universidade Federal de Campina Grande anteriormente intitulada Universidade Federal da Paraíba é uma das pioneiras do país no estudo das propriedades e comportamentos dos Solos Tropicais brasileiros. Os Solos Tropicais podem ser de origem residual ou sedimentar. Antes de dar continuidade a este Prefácio, destaco que ao usar a expressão “Solos Tropicais” para perfis de solos residuais refiro-me ao perfil de intemperismo que marca as regiões de clima tropical abrangendo os solos pouco intemperizados, solos saprolíticos, os solos

medianamente intemperizados, solos de transição, e os solos profundamente intemperizados nos quais se enquadram os solos lateríticos. Os Solos Tropicais sedimentares podem ter sido intemperizados nos locais de deposição dando origem a perfis de solo similares aos residuais. Quando intemperizados antes do transporte e deposição ocorre tendência a inversão nas propriedades e comportamento ao longo dos perfis. Como o livro trata da classificação dos Solos Tropicais torna-se relevante atentar para tais particularidades.

Dadas as propriedades e comportamentos particulares dos Solos Tropicais, ao longo dos anos várias pesquisas foram realizadas no Brasil como um todo faltando quase sempre, no entanto, uma maior desvinculação dos conhecimentos já firmados para os solos presentes em regiões de clima temperado e frio, isso talvez devido à falta de percepção de que os conhecimentos postos para os solos não correspondem a verdades absolutas e que as experiências adquiridas no campo geotécnico dificilmente se repetem.

As normas de um modo geral se fundamentam em pesquisas e experiências desenvolvidas sobre solos de regiões temperadas e frias abstraindo-se de avaliações de especificidades de certos solos como as Marnes e Craies que recobrem parte do território europeu, em especial a França, e como os solos lateríticos que marcam as regiões de clima tropical. As especificidades de propriedades e comportamentos destes solos, em especial dos Solos Tropicais, tornam muitas vezes estas normas inapropriadas ou marcadas por restrições. A visão estática da Engenharia Geotécnica no tempo e no espaço, assim como sua submissão aos conhecimentos postos não permite dotá-la de características que retratem a dinâmica que comanda a natureza, em especial aquela dinâmica de origem antrópica.

No Brasil a preocupação em entender os Solos Tropicais e contribuir para a superação das deficiências existentes nas normas geotécnicas estabelecidas no país e fundamentadas naquelas oriundas das regiões de clima temperado e frio, é antiga. Na década de 70 do século passado, a hoje Universidade Federal de Campina Grande, na qual é professor o Engenheiro John Kennedy Guedes Rodrigues, deu início, apoiada pelo Instituto de Pesquisas Rodoviárias (IPR), a um amplo estudo para fins rodoviários dos Solos Tropicais das Regiões

Norte e Nordeste do Brasil. Laureou-me a sorte ao me permitir participar deste estudo como aluno do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. Naquela fase de minha vida tive ainda a grande oportunidade de ser aluno do professor Jean Jacques Crispel que me convidou para ir fazer doutorado na França onde estudaria as *Marnes* compactadas, que segundo ele, guardavam certa similaridade com os solos lateríticos. Aceitei o desafio, e sob a supervisão do grande engenheiro Claude Mieussens comecei com as *Marnes*, a entender os Solos Tropicais. Relato essa passagem de minha vida para apontar para a importância de se ter uma visão até certo ponto universal dos solos e buscar o entendimento de suas particularidades, entendimento este, que é buscado ao longo deste livro.

Outras iniciativas como a proposta de classificação dos Solos Tropicais finos para uso na construção rodoviária de baixo custo apresentada por Job Shuji Nogami e Douglas Fadul Villibor trouxeram significativas contribuições ao entendimento dos Solos Tropicais.

Cabe ainda destaque as pesquisas conduzidas pelos professores Jacques de Medina sobre o dimensionamento de pavimentos e João Batista Queiroz de Carvalho sobre a estabilização química dos solos para fins rodoviários. É relevante lembrar o nome do professor Milton Vargas pelas relevantes contribuições que trouxe ao entendimento dos Solos Tropicais em sentido amplo.

Finalizando o destaque a algumas contribuições relevantes para o entendimento das propriedades e comportamento dos Solos Tropicais cabe aqui citar o artigo publicado por José Camapum de Carvalho e Gilson de Farias Neves Gitirana Junior em 2021, no qual é destacado que as propriedades estruturais, químicas e mineralógicas dos Solos Tropicais constituem-se em ferramenta importante na análise das propriedades e comportamentos destes solos submetidos a diferentes níveis de intemperização.

Após este preâmbulo citando particularidades do cenário brasileiro, que seria certamente em muito enriquecido por aquelas oriundas dos países de outras regiões de clima tropical, não é difícil perceber que o livro ora lançado se reveste de grande importância passando a integrar o esforço para superar deficiências nas normas e classificações oriundas de estudos realizados em regiões de clima

temperado, e ainda hoje, geralmente adotadas com pouca ou nenhuma restrição nos países de clima tropical.

Como síntese, é possível dizer que os autores fundamentados em suas experiências propõem um sistema classificatório que leva em conta peculiaridades dos Solos Lateríticos, devendo, enquanto proposta ser testado no que tange aos aspectos simplicidade, praticidade, eficiência e repetibilidade. Como ponto de partida vislumbrando a consolidação de um modelo de Classificação Universal dos Solos Lateríticos, o livro representa uma contribuição relevante e um convite especial a maiores reflexões sobre as propriedades e comportamento mecânico dos Solos Tropicais com finalidade aplicada.

Expresso aqui minha gratidão aos autores pela oportunidade de prefaciá-la esta relevante obra, e destaco que fazê-lo me permitiu alargar as fronteiras do meu conhecimento sobre os Solos Tropicais.

Cordialmente.

FOREWORD

The book “Lateritic Soils Use in Road Pavements” represents a significant initiative based on the authors’ extensive experience with Tropical Soils. It is important to note that the Federal University of Campina Grande, formerly known as the Federal University of Paraíba, has been a pioneer in Brazil in studying the properties and behaviors of Brazilian tropical soils. Tropical soils can originate from residual or sedimentary processes. Before continuing with this Preface, I wish to clarify that when I refer to “Tropical Soils” in the context of residual soil profiles, I am addressing the weathering profile characteristic of tropical climate regions, encompassing poorly weathered soils, saprolitic soils, moderately weathered soils, transition soils, and deeply weathered soils, which include lateritic soils. Sedimentary tropical soils may also exhibit weathering processes at their deposition sites, resulting in soil profiles like residual ones. When weathering occurs prior to transport and deposition, there is often an inversion in soil properties and behaviors along these profiles. Given the focus of this book on the classification of Tropical Soils, it is crucial to pay attention to these particularities.

Due to the distinctive properties and behaviors of Tropical Soils, numerous research efforts have been undertaken in Brazil over the years. However, there has often been a disconnect from established knowledge on soils found in temperate and cold regions. This may be attributed to a lack of recognition that knowledge about soils does not constitute absolute truths, and experiences gained in geotechnical

fields are rarely replicable.

Standards in general have been based on research and experiences developed in soils from temperate and cold regions, abstracting from evaluations of the specificities of certain soils, such as Marls and Chalks, prevalent in European territories, particularly France, and lateritic soils found in tropical regions. The unique properties and behaviors of these soils, particularly tropical soils, frequently render these standards inadequate or overly restrictive. A static view of Geotechnical Engineering over time and space, coupled with adherence to established knowledge, often fails to capture the dynamic processes governing nature, especially those influenced by human activities.

In Brazil, efforts to understand Tropical Soils and address deficiencies in geotechnical standards, primarily derived from studies in temperate and cold regions, have a long history. In the 1970s, the Federal University of Campina Grande, where Professor John Kennedy Guedes Rodrigues teaches, initiated a comprehensive study of Tropical Soils for road construction purposes in the North and Northeast regions of Brazil, supported by the Road Research Institute (IPR). I was fortunate to participate in this study as a graduate student in Civil Engineering. During this period, I also had the privilege of studying under Professor Jean Jacques Crispel, who invited me to pursue my doctorate in France, where I studied compacted marls, which he believed shared similarities with lateritic soils. I accepted the challenge and, under the guidance of the esteemed engineer Claude Mieussens, embarked on a journey to understand Tropical Soils through the study of marls. I recount this phase of my life to underscore the importance of adopting a broad perspective on soils and striving to comprehend their intricacies, an endeavor that resonates throughout this book.

Other initiatives, such as Job Shuji Nogami and Douglas Fadul Villibor's proposal to classify fine Tropical Soils for economical road construction, have significantly contributed to the understanding of Tropical Soils. Mention should also be made of research conducted by professors Jacques de Medina on pavement design and João Batista Queiroz de Carvalho on chemical soil stabilization for road

purposes. It is pertinent to acknowledge Professor Milton Vargas for his substantial contributions to the comprehensive understanding of Tropical Soils.

Lastly, in highlighting some noteworthy contributions to comprehending the properties and behaviors of Tropical Soils, it is essential to reference the article published by José Camapum de Carvalho and Gilson de Farias Neves Gitirana Junior in 2021. This article underscores the importance of structural, chemical, and mineralogical properties of Tropical Soils in analyzing their behaviors under varying degrees of weathering.

Given the specificities of the Brazilian context, which would undoubtedly benefit from insights derived from tropical climate regions worldwide, the release of this book assumes great significance. It represents a concerted effort to address deficiencies in norms and classifications derived from studies conducted in temperate climates, which are still generally adopted with little modification in tropical climate countries today.

In summary, the authors' proposed classification system, grounded in their experiences, aims to account for the unique characteristics of Lateritic Soils. As a proposal, it should be subjected to rigorous testing regarding its simplicity, practicality, efficiency, and repeatability. Serving as a foundation for the development of a Universal Classification Model for Lateritic Soils, this book constitutes a valuable contribution and an invitation to further explore the properties and mechanical behaviors of Tropical Soils for practical applications.

I extend my sincere gratitude to the authors for inviting me to contribute this preface to their important work, which has allowed me to expand my knowledge about Tropical Soils.

Sincerely.

PRÉFACE

Le livre «Utilisation des sols latéritiques dans les chaussées routières» représente une initiative significative basée sur l'expérience des auteurs avec les sols tropicaux. Il est important de souligner que l'Université Fédérale de Campina Grande, anciennement connue sous le nom d'Université Fédérale de Paraíba, a été pionnière au Brésil dans l'étude des propriétés et comportements des sols tropicaux brésiliens. Les sols tropicaux peuvent avoir une origine résiduelle ou sédimentaire. Avant de poursuivre cette préface, je tiens à préciser que lorsque je parle de «sols tropicaux» dans le contexte des profils de sols résiduels, je fais référence au profil d'altération caractéristique des régions de climat tropical, comprenant des sols peu altérés, des sols saprolitiques, des sols modérément altérés, des sols de transition et des sols très altérés, incluant les sols latéritiques. Les sols tropicaux sédimentaires peuvent également subir des processus d'altération sur leurs sites de dépôt, donnant lieu à des profils de sols similaires à ceux résiduels. Lorsque l'altération se produit avant le transport et le dépôt, il y a souvent une inversion des propriétés et comportements du sol le long de ces profils. Étant donné que le livre traite de la classification des sols tropicaux, il est crucial de tenir compte de ces particularités.

En raison des propriétés et comportements distinctifs des sols tropicaux, de nombreuses recherches ont été menées au Brésil au fil des ans. Cependant, il y a souvent eu une rupture avec les connaissances établies sur les sols des régions tempérées et froides. Cela peut être attribué à une méconnaissance du fait que les connaissances sur

les sols ne constituent pas des vérités absolues et que les expériences acquises dans le domaine géotechnique sont rarement reproductibles. En général, les normes sont basées sur la recherche et les expériences menées sur des sols des régions tempérées et froides, en ignorant les évaluations des spécificités de certains sols, tels que les Marnes et les Craies, prévalents dans les territoires européens, en particulier en France, ainsi que les sols latéritiques trouvés dans les régions tropicales. Les propriétés et comportements uniques de ces sols, en particulier des sols tropicaux, rendent souvent ces normes inadaptées ou excessivement restrictives. Une vision statique de l'ingénierie géotechnique dans le temps et l'espace, combinée à une adhésion aux connaissances établies, ne parvient souvent pas à saisir les processus dynamiques qui régissent la nature, en particulier ceux influencés par les activités humaines.

Au Brésil, les efforts pour comprendre les sols tropicaux et combler les lacunes des normes géotechniques, principalement issues d'études menées dans des régions tempérées et froides, ont une longue histoire. Dans les années 1970, l'Université Fédérale de Campina Grande, où enseigne le Professeur John Kennedy Guedes Rodrigues, a lancé une étude approfondie des sols tropicaux à des fins de construction routière dans les régions Nord et Nord-Est du Brésil, avec le soutien de l'Institut de Recherche Routière (IPR). J'ai eu la chance de participer à cette étude en tant qu'étudiant en génie civil. À cette époque, j'ai également eu le privilège d'étudier sous la direction du Professeur Jean Jacques Crispel, qui m'a invité à poursuivre mon doctorat en France, où j'ai étudié les marnes compactées, qu'il pensait partager des similitudes avec les sols latéritiques. J'ai accepté ce défi et, sous la direction de l'éminent ingénieur Claude Mieussens, j'ai entrepris de comprendre les sols tropicaux à travers l'étude des marnes. Je relate cette période de ma vie pour souligner l'importance d'adopter une perspective large sur les sols et de chercher à comprendre leurs subtilités, un effort qui résonne tout au long de ce livre.

D'autres initiatives, telles que la proposition de Job Shuji Nogami et Douglas Fadul Villibor de classer les sols fins tropicaux pour une construction routière économique, ont apporté une contribution significative à la compréhension des sols tropicaux.

Il convient également de mentionner les recherches menées par les professeurs Jacques de Medina sur la conception des chaussées et João Batista Queiroz de Carvalho sur la stabilisation chimique des sols à des fins routières. Il est pertinent de rendre hommage au Professeur Milton Vargas pour ses importantes contributions à la compréhension globale des sols tropicaux.

Enfin, en mettant en lumière quelques contributions notables à la compréhension des propriétés et comportements des sols tropicaux, il est essentiel de faire référence à l'article publié par José Camapum de Carvalho et Gilson de Farias Neves Gitirana Junior en 2021. Cet article souligne l'importance des propriétés structurales, chimiques et minéralogiques des sols tropicaux dans l'analyse de leurs comportements sous différents degrés d'altération.

Compte tenu des spécificités du contexte brésilien, qui bénéficieraient certainement des perspectives issues des régions de climat tropical à l'échelle mondiale, la publication de ce livre revêt une grande importance. Elle représente un effort concerté pour remédier aux lacunes des normes et classifications issues d'études menées dans des climats tempérés, encore largement adoptées avec peu ou pas de modifications dans les pays à climat tropical aujourd'hui.

En résumé, le système de classification proposé par les auteurs, basé sur leurs expériences, vise à tenir compte des caractéristiques uniques des sols latéritiques. Comme proposition, il devrait être soumis à un examen rigoureux de sa simplicité, sa praticité, son efficacité et sa reproductibilité. Servant de base pour le développement d'un modèle de classification universelle des sols latéritiques, ce livre constitue une contribution précieuse et une invitation à approfondir la compréhension des propriétés et comportements mécaniques des sols tropicaux à des fins pratiques.

Je tiens à exprimer ma sincère gratitude aux auteurs de m'avoir invité à contribuer à cette préface à leur travail important, qui m'a permis d'élargir mes connaissances sur les sols tropicaux.

Bien cordialement.

APRESENTAÇÃO



Prof. Phd. Márcio Muniz de Farias
Universidade de Brasília – UnB

Caros leitores,

É com grande entusiasmo que escrevo a Apresentação do livro “*Solos Lateríticos: Utilização em Pavimentos Rodoviários*”. Aqui centramos na trajetória do autor, Professor John Kennedy Guedes Rodrigues, em complemento ao inspirador prefácio do colega Professor José Camapum de Carvalho que destaca a obra em si.

Conheço o Professor **Kennedy** há mais de três décadas e testemunhar sua jornada é um privilégio. Sua paixão pela Geotecnia e sua dedicação à formação de recursos humanos são como sementes que germinam e se espalham, influenciando não apenas a região Nordeste, mas também todo o país e além.

O Professor Kennedy, titular do Departamento de Engenharia

Civil da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), traz consigo uma bagagem impressionante. Sua sólida formação inclui Graduação e Mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba, e Doutorado em Engenharia de Transportes pela Universidade de São Paulo. Seu Pós-Doutorado no Laboratoire Central des Pontes et Chaussées (LCPC), na França, permitiu-lhe explorar a Geotecnia em um contexto global. Esta experiência internacional é complementada em sua temporada como *Professor invité* do LCPC (agora Université Gustavo Eiffel), o que contribuiu para a compreensão dos solos em diferentes climas e contextos.

Sua liderança pode ser apreciada desde sua atuação como diretor do Centro de Tecnologia e Recursos (CTRN/UFCG), onde demonstrou habilidades de gestão e visão estratégica. Sua atuação como Coordenador de projetos em parceria com grandes empresas, como a PETROBRAS, destaca sua capacidade de unir academia e indústria. Como Chefe do Laboratório de Engenharia de Pavimentos (LEP), ele pavimentou caminhos para a inovação e a resiliência. Por meio da prestação de serviços técnicos, seu trabalho contribuiu para projetos de infraestrutura com sólida base teórica e técnica. Sob sua liderança, o LEP se tornou um centro de excelência em pesquisa aplicada. Estudos sobre materiais, técnicas de pavimentação e comportamento de rodovias têm sido conduzidos com brilhantismo, beneficiando tanto a academia quanto a indústria.

Enfatizo o papel transformador de suas pesquisas que abrangem desde estudos de solos tropicais até o comportamento de ligantes e misturas asfálticas. O Professor Kennedy é um defensor da sustentabilidade, explorando o aproveitamento de resíduos sólidos na pavimentação. A publicação de mais de 40 artigos em revistas especializadas e dois livros é um testemunho de sua dedicação à disseminação do conhecimento. Essa produção acadêmica só reforça a qualidade e a relevância de sua contribuição no campo da Geotecnia e, especificamente, no estudo dos Solos Lateríticos.

Acrescento à trajetória do Professor Kennedy sua notável capacidade de formação de recursos humanos. O compromisso com o desenvolvimento acadêmico e profissional de outros é uma marca de sua carreira. Com 16 teses de Doutorado e 44 Dissertações de

Mestrado sob sua orientação, o Professor Kennedy tem moldado a próxima geração de pesquisadores e profissionais. Além das Teses e Dissertações, o Professor também inspira estudantes de Graduação. Dezenas de trabalhos de conclusão de curso e projetos de iniciação científica têm se beneficiado de sua orientação e expertise. Essa dedicação à formação de recursos humanos é um legado que transcende os números e impacta diretamente o avanço da Engenharia Civil regional e nacional. Que essa habilidade de formar mentes brilhantes continue a florescer, contribuindo para um futuro mais sólido e resiliente em nossa área.

Como Nordestino não poderia deixar de salientar que o Professor Kennedy é um exemplo do que temos de melhor no Nordeste brasileiro e é sempre um grande prazer visitá-lo na “Rainha da Borborema”. Campina Grande é uma cidade que brilha com luz própria no cenário nordestino. Sua importância regional transcende as fronteiras da Paraíba e se estende por todo o país e internacionalmente. Conhecida como a capital do conhecimento na região Nordeste, abrigando uma das maiores concentrações de instituições de ensino superior e centros de pesquisa da área. Suas Universidades e Institutos são verdadeiros celeiros de talentos. Polo Educacional e Científico, formando Profissionais em diversas áreas, incluindo Engenharia, Medicina, Tecnologia e Ciências Sociais. Aqui está um dado impressionante: Campina Grande é uma das principais cidades do Brasil com o maior número de Doutores per capita. Isso significa que, proporcionalmente, há uma abundância de especialistas altamente qualificados, contribuindo para o desenvolvimento Local e Nacional. A presença de tantos Doutores impulsiona a inovação e o empreendedorismo. *Startups*, projetos de pesquisa e soluções tecnológicas florescem nesse ambiente intelectualmente vibrante. O Professor Kennedy certamente dá uma importante contribuição para colocar Campina Grande no mapa da excelência acadêmica.

Enfim, este Livro é mais do que um Guia Técnico; é uma jornada pelo conhecimento e pela paixão do Professor John Kennedy Guedes Rodrigues. Que suas pesquisas inspirem futuras gerações de Engenheiros a pavimentar estradas com sabedoria e respeito à diversidade e ao Meio Ambiente. Que o legado do Professor Kennedy

continue a florescer e a pavimentar caminhos para as gerações vindouras. Que seus Livros continuem a inspirar e informar aqueles que buscam compreender e aprimorar nossa Infraestrutura Rodoviária!

Cordialmente.

PRESENTATION

Dear readers,

It is with great enthusiasm that I present the book “Lateritic Soils: Use in Road Pavements.” In this presentation, we will delve into the trajectory of the author, Professor John Kennedy Guedes Rodrigues, as well as the inspiring preface by my colleague, Professor José Camapum de Carvalho, which illuminates the significance of his work.

I have had the privilege of knowing Professor Kennedy for over three decades, and witnessing his journey has been truly inspiring. His passion for Geotechnics and his dedication to developing human resources are seeds that have flourished, influencing not only the Northeast region but also the entire country and beyond.

Professor Kennedy, who heads the Department of Civil Engineering at the Federal University of Campina Grande (UFCG), brings with him an impressive background. He holds bachelor’s and master’s degrees in civil engineering from the Federal University of Paraíba, and a PhD in Transportation Engineering from the University of São Paulo. His postdoctoral fellowship at the Laboratoire Central des Pontes et Chaussées (LCPC) in France allowed him to explore Geotechnics in a global context. This international experience was complemented by his tenure as an invited professor at LCPC (now Université Gustave Eiffel), where he deepened his understanding of soils in diverse climates and contexts.

His leadership qualities were evident during his tenure as director of the Center for Technology and Resources (CTRN/UFCG), where he demonstrated strong management skills and strategic vision.

His coordination of projects in collaboration with major companies such as PETROBRAS highlights his ability to bridge academia and industry. As head of the Pavement Engineering Laboratory (LEP), Professor Kennedy has fostered innovation and resilience. Through the provision of technical services, his work has contributed significantly to infrastructure projects based on a solid theoretical and technical foundation. Under his guidance, LEP has evolved into a center of excellence for applied research, conducting pioneering studies on materials, pavement techniques, and highway behavior that benefit both academia and industry.

I emphasize the transformative impact of his research, which spans from studies on tropical soils to the behavior of binders and asphalt mixtures. Professor Kennedy is a proponent of sustainability, exploring the use of solid waste in pavement construction. His publication record includes over 40 articles in specialized journals and two books, underscoring his commitment to advancing knowledge in Geotechnics and specifically in the study of Lateritic Soils.

Beyond his research, Professor Kennedy's remarkable dedication to training human resources is evident. With supervision of 16 PhD theses and 44 master's dissertations, he has played a pivotal role in shaping the next generation of researchers and practitioners. His guidance extends to undergraduate students, benefiting numerous senior papers and scientific initiation projects. This commitment to human resource development is a legacy that transcends numbers and directly impacts the progress of Civil Engineering regionally and nationally.

As a Northeasterner, I am proud to highlight Professor Kennedy as an exemplar of the best talent from Brazil's Northeast. It is always a pleasure to visit him in Campina Grande, known as the "Queen of Borborema." This city shines brightly within the Northeast, boasting a regional significance that extends beyond Paraíba to influence the entire nation and beyond. Recognized as the educational and scientific hub of the Northeast, Campina Grande hosts a concentration of higher education institutions and research centers that nurture talent across various fields, including Engineering, Medicine, Technology, and Social Sciences. Campina Grande is particularly notable

for having one of the highest concentrations of PhDs per capita in Brazil, indicating a wealth of highly qualified specialists who contribute significantly to local and national development. The presence of these experts' fuels innovation and entrepreneurship, fostering a dynamic environment where startups, research initiatives, and technological solutions thrive. Professor Kennedy's contributions play a crucial role in enhancing Campina Grande's reputation as a center of academic excellence.

In summary, this book is more than a technical guide; it is a journey through the knowledge and passion of Professor John Kennedy Guedes Rodrigues. May his research continue to inspire future generations of engineers to construct roads with wisdom, respect for diversity, and environmental consciousness. May Professor Kennedy's legacy endure and pave the way for generations to come. May his books continue to inspire and enlighten those who seek to understand and enhance our road infrastructure.

Best regards.

PRÉSENTATION

Chers lecteurs,

C'est avec beaucoup d'enthousiasme que je vous présente le livre «Sols latéritiques : Utilisation dans les chaussées routières». Dans cette présentation, nous allons explorer la trajectoire de l'auteur, le Professeur John Kennedy Guedes Rodrigues, ainsi que la préface inspirante de mon collègue, le Professeur José Camapum de Carvalho, qui met en lumière l'importance de son travail.

J'ai eu le privilège de connaître le Professeur Kennedy depuis plus de trois décennies, et assister à son parcours a été véritablement inspirant. Sa passion pour la Géotechnique et son engagement dans le développement des ressources humaines sont des graines qui ont fleuri, influençant non seulement la région du Nord-Est, mais aussi tout le pays et au-delà.

Le Professeur Kennedy, du Département de Génie Civil à l'Université Fédérale de Campina Grande (UFCG), apporte avec lui un parcours impressionnant. Il est titulaire de diplômes de licence et de maîtrise en Génie Civil de l'Université Fédérale de Paraíba, ainsi que d'un doctorat en Génie des Transports de l'Université de São Paulo. Sa bourse postdoctorale au Laboratoire Central des Ponts et Chaussées (LCPC) en France lui a permis d'explorer la Géotechnique dans un contexte mondial. Cette expérience internationale a été enrichie par son poste de professeur invité au LCPC (aujourd'hui Université Gustave Eiffel), où il a approfondi sa compréhension des sols dans divers climats et contextes.

Ses qualités de leadership étaient évidentes lors de son mandat

de directeur du Centre de Technologie et de Ressources (CTRN/UFCCG), où il a démontré de solides compétences en gestion et une vision stratégique. Sa coordination de projets en collaboration avec des grandes entreprises comme PETROBRAS souligne sa capacité à relier le monde universitaire et l'industrie. En tant que responsable du Laboratoire de Génie des Chaussées (LEP), le Professeur Kennedy a favorisé l'innovation et la résilience. À travers la prestation de services techniques, son travail a contribué de manière significative à des projets d'infrastructure basés sur des bases théoriques et techniques solides. Sous sa direction, le LEP est devenu un centre d'excellence pour la recherche appliquée, menant des études pionnières sur les matériaux, les techniques de pavage et le comportement des autoroutes, bénéficiant à la fois au monde universitaire et à l'industrie.

J'insiste sur l'impact transformateur de ses recherches, qui vont des études sur les sols tropicaux au comportement des liants et des mélanges d'asphalte. Le Professeur Kennedy est un défenseur de la durabilité, explorant l'utilisation des déchets solides dans la construction des chaussées. Son dossier de publication comprend plus de 40 articles dans des revues spécialisées et deux livres, soulignant son engagement à faire avancer la connaissance en Géotechnique et spécifiquement dans l'étude des Sols Latéritiques.

Au-delà de ses recherches, l'engagement remarquable du Professeur Kennedy dans la formation des ressources humaines est évident. Avec la supervision de 16 thèses de doctorat et 44 mémoires de maîtrise, il a joué un rôle essentiel dans la formation de la prochaine génération de chercheurs et de praticiens. Son encadrement s'étend aux étudiants de premier cycle, bénéficiant à de nombreux mémoires de fin d'études et projets d'initiation scientifique. Cet engagement dans le développement des ressources humaines est un héritage qui transcende les chiffres et impacte directement le progrès du Génie Civil à l'échelle régionale et nationale.

En tant que Nord-Estien, je suis fier de souligner le Professeur Kennedy comme un exemple du meilleur talent issu du Nord-Est brésilien. C'est toujours un plaisir de le visiter à Campina Grande, connue sous le nom de «Reine de Borborema». Cette ville brille intensément dans le Nord-Est, avec une importance régionale qui dépasse les

frontières de Paraíba pour influencer l'ensemble du pays et au-delà. Reconnue comme le pôle éducatif et scientifique du Nord-Est, Campina Grande abrite une concentration d'institutions d'enseignement supérieur et de centres de recherche qui nourrissent le talent dans divers domaines, dont le Génie, la Médecine, la Technologie et les Sciences Sociales. Campina Grande est particulièrement remarquable pour avoir l'une des plus fortes concentrations de docteurs par habitant au Brésil, témoignant d'une richesse de spécialistes hautement qualifiés qui contribuent de manière significative au développement local et national. La présence de ces experts alimente l'innovation et l'entrepreneuriat, favorisant un environnement dynamique où les start-ups, les initiatives de recherche et les solutions technologiques prospèrent. Les contributions du Professeur Kennedy jouent un rôle crucial dans le renforcement de la réputation de Campina Grande en tant que centre d'excellence académique.

En résumé, ce livre est bien plus qu'un guide technique ; il est un voyage à travers la connaissance et la passion du Professeur John Kennedy Guedes Rodrigues. Que ses recherches continuent d'inspirer les générations futures d'ingénieurs à construire des routes avec sagesse, respect de la diversité et conscience environnementale. Que l'héritage du Professeur Kennedy perdure et ouvre la voie aux générations futures. Que ses livres continuent d'inspirer et d'informer ceux qui cherchent à comprendre et à améliorer notre infrastructure routière.

Cordialement.

LISTA DE SÍMBOLOS, NOMENCLATURAS, ABREVIATURAS E SIGLAS IMPORTANTES

AASHTO	<i>American Association of State Highway Officials</i>
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ASTM	<i>American Society for Testing and Materials</i>
AT	Área trincada
ATP	Afundamento plástico em trilha de roda
ATR	Afundamento na trilha de roda
BGS (BGTC_ 0%)	Brita Graduada Simples (BGTC sem cimento)
BGTC	Brita Graduada Tratada com Cimento
BR	Rodovia Federal
BSB	Estado de Brasília
CAP	Cimento asfáltico de petróleo
CBR	<i>California Bearing Ratio</i>
CP ou CPs	Corpo de prova ou corpos de prova
MCSL	Metodologia de Classificação Universal de Solos Lateríticos
D ₁₀	Diâmetro efetivo do solo
DG	Coefficiente de degradabilidade
DNER	Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
DP	Deformação permanente
DRX	Difratometria de Raios-X
EDS	<i>Energy Dispersive X-ray Detector</i>

EDX	Espectroscopia de Raios-X
FN	<i>Flow Number</i>
FR	Coefficiente de fragmentabilidade
FRX	Fluorescência de Raios-X
FS	Coefficiente de friabilidade
g	Gramas
g/cm ³	Gramas por centímetro cúbico
GC	Grau de contração
G-MCT	Granular- Miniatura, Compactado, Tropical
GO	Estado do Goiás
HRB	<i>Highway Research Board</i>
Hz	Hertz
IG	Índice de grupo
IP	Índice de plasticidade
ISC	Índice de Suporte Califórnia
k	Coefficientes de regressão dos ensaios de módulo de resiliência
kg	Quilograma
kgf	Quilograma-força
Ki	Relação molecular sílica/alumina
km	Quilômetro
kPa	Quilopascal
Kr	Relação molecular sílica/sesquióxidos
LCPC	<i>Laboratoire Central des Ponts et Chaussées</i>
LEP	Laboratório de Engenharia de Pavimentos
LL	Limite de liquidez
LP	Limite de plasticidade
LR	Limite de retração/contração
LVDT	Linear Variable Differential Transformer
MCT	Miniatura, Compactado, Tropical
md	Massa de solo seco
MeDiNa	Método de Dimensionamento Nacional
MEV	Microscopia Eletrônica de Varredura
mm	Milímetro
MPa	Megapascal

MR	Módulo de resiliência
N	Número de repetições do eixo padrão
NBR	Normas Técnicas Brasileiras
PB	Estado da Paraíba
PB-2	Solo laterítico arenoso da Paraíba (natural)
PB-2_2%	Solo PB-2 estabilizado
PB-2_PR	Solo PB-2 natural após processo de retração volumétrica
PB-3	Solo laterítico pedregulhoso da Paraíba (natural)
PB-3_2%	Solo PB-3 estabilizado
PB-3_2%_PR	Solo PB-3 estabilizado após processo de retração volumétrica
PB-3_PR	Solo PB-3 natural após processo de retração volumétrica
PE	Estado do Pernambuco
PE-1	Solo laterítico fino de Pernambuco (natural)
PE-1_2%	Solo PE-1 estabilizado
PE-1_2%_PR	Solo PB-2 estabilizado após processo de retração volumétrica
PE-1_2%_PR	Solo PE-1 estabilizado após processo de retração volumétrica
PE-1_PR	Solo PE-1 natural após processo de retração volumétrica
pH	Potencial hidrogeniônico
PI	Estado do Piauí
PR	Após processo de retração volumétrica
RCS	Resistência à compressão simples
RTCD	Resistência à tração por compressão diametral
SICRO	Sistema de custos referenciais de obras
SLA	Solo Laterítico Arenoso
SLF	Solo Laterítico Fino
SLP	Solo Laterítico Pedregulhoso
TRB	<i>Transportation Reserach Board</i>
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
VA	Adsorção de azul de metileno
Wótima	Umidade ótima
δp	Deslocamento permanente
δp_{total}	Deformação permanente total
ϵp	Deformação permanente específica

ϵ_r	Deformação específica axial resiliente
ϵ_t	Deformação específica resiliente de tração
θ_r	Umidade residual
θ_s	Umidade na saturação
μ	Coefficiente de Poisson
ξ	Expansão
$\rho_d, \text{máx}$	Massa específica aparente seca máxima
σ_3	Tensão confinante
σ_d	Tensão desvio
Ψ	Coefficientes de regressão dos ensaios deformação permanente

CAPÍTULO 1 – CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

INTRODUÇÃO

A pesquisa de materiais que sejam adaptados as especificações existentes é um problema complexo os quais são confrontados os organismos nacionais de rodovias em regiões tropicais. As condições geológicas e climáticas variadas sob as quais os Solos Tropicais são formados conferem a eles um comportamento particular. Desse fato, o conhecimento em particular das possibilidades e dos limites dos materiais presentes em países de clima tropical e subtropical podem auxiliar a resolver os problemas impostos e a escolher as soluções mais econômicas para a construção de infraestruturas rodoviárias.

Solos são materiais naturais não consolidados, isto é, constituídos de grãos separáveis por processos mecânicos e hidráulicos, de fácil dispersão em água, e que podem ser escavados com equipamentos comuns de terraplenagem (pá carregadeira, moto escavo-transportadora, etc.). Geralmente, os materiais constituintes da parte superficial da crosta terrestre e que não se enquadram na condição de solo, são considerados rochas, mesmo que isso contrarie as conceituações adotadas em geologia e em pedologia. O solo pode, também, apresentar-se como estrutura natural ou artificial. Terá estrutura artificial quando transportado e/ou compactado mecanicamente, em aterros, barragens de terra, reforços do subleito de pavimentos etc. (Villibor *et al.*, 2009).

O clima tropical de regiões como África, Índia e Brasil leva à

formação em larga escala de solos do tipo lateríticos (Dutra, 2014). Estes solos têm sua fração argila constituída principalmente pelo argilomineral caulinítico e apresentam elevados teores de óxido de ferro e alumínio. Estas características, aliadas a fatores mineralógicos, de estrutura de grãos, índice de vazios e outros, influenciarão diretamente nos parâmetros de resistência, de compressibilidade e de condutividade hidráulica da massa de solo. Na condição indeformada, estes solos apresentam elevada compressibilidade devido aos altos índices de vazios, porém na condição compactada têm melhorada esta propriedade, sendo bastante utilizados em pavimentação, aterros e barragens de terra (Martínez, 2003).

As propriedades de engenharia dos solos lateríticos são especiais devido à variedade desses materiais de diferentes rochas geradoras em condições variadas de acordo com o continente e latitude. Com isso, apresentam características geotécnicas diferentes daquelas tradicionalmente adotadas, sendo estas relacionadas à região, ao tipo de clima, a topografia, a vegetação e ao tempo de formação dos solos (Gidigasú, 1976; Mahalinga-Iyer & Williams, 1997; Villibor *et al.*, 2009; Joel & Agbede, 2011; Portelina *et al.*, 2012; Carvalho *et al.*, 2015; Mengue *et al.*, 2017).

Perante toda essa variabilidade, as classificações geotécnicas mais difundidas, como o Sistema Unificado de Classificação dos Solos (USCS – *Unified Soil Classification System*) e a classificação para fins rodoviários TRB (*Transportation Research Board*), desenvolvidas em países de clima temperado e baseada na distribuição granulométrica e nos limites de *Atterberg*, apresentam limitações quando utilizadas para a previsão de propriedades dos solos tropicais (Guimarães *et al.*, 2018).

Estudos e práticas têm demonstrado que as recomendações baseadas nestes sistemas, em particular a atividade da fração fina na presença de água e a durabilidade, resistência e dureza das frações grossa e arenosa durante o pré-tratamento dos materiais, não são compatíveis com os resultados obtidos no campo e no laboratório (Rodrigues *et al.*, 2010).

Tendo em vista, entre outras, as dificuldades, deficiências e diferenças apontadas no uso das classificações tradicionais, Nogami

& Villibor desenvolveram um sistema classificatório empírico, denominado MCT (de Miniatura, Compactado e Tropical) que, por meio de ensaios de laboratório, tais como compactação e imersão em água, mimetizam, de certa forma, as situações a que os solos são submetidos quando compactados e utilizados em obras viárias. A partir dos resultados, os solos foram classificados, segundo seus comportamentos, em lateríticos e não lateríticos (Fabbri, 1994).

Apresentar natureza laterítica, quer dizer que o solo deve ter as seguintes propriedades: presença de minerais 1:1 (grupo caulinítico); ausência dos grupos de argilas, podendo, ocasionalmente conter illita em pequena quantidade, fraca porcentagem de matéria orgânica; cor com matriz vermelho e amarelo; baixa expansibilidade; tendência para o concrecionamento e endurecimento sob exposição ao sol (Cunha, 1992).

A classificação MCT resolve, de maneira satisfatória, o problema da classificação de solos tropicais, fornecendo previsões adequadas a respeito de seu comportamento, quando utilizado como material integrante de pavimentos. Porém, essa classificação ainda carrega alguns problemas devido à sua complexidade, sendo necessário continuar pesquisando na tentativa de proporcionar meios mais simples e/ou mais rápidos e econômicos para determinação das classes MCT de solos analisados (Fabbri, 1994).

Ciente que o comportamento mecânico dos solos lateríticos é fortemente influenciado pelas suas propriedades químicas, físicas, e mineralógicas e observando que peculiaridades climáticas, geológicas, geomorfológicas e biológicas causam resultados diferentes não só de um país ou continente para outro, mas também entre microrregiões e até mesmo sobre perfis de intemperismo próximos, o desenvolvimento de um novo procedimento de classificação para solos lateríticos, que leve em consideração as concepções apropriadas do meio ambiente tropical úmido, permitirá prever suas utilizações em camadas de rodovias com uma porcentagem mais elevada de solos locais naturais ou estabilizados, objetivando a melhor utilização destes solos, de forma a otimizar os custos de projetos e proporcionar sustentabilidade, principalmente por serem encontrados em regiões com escassos recursos.

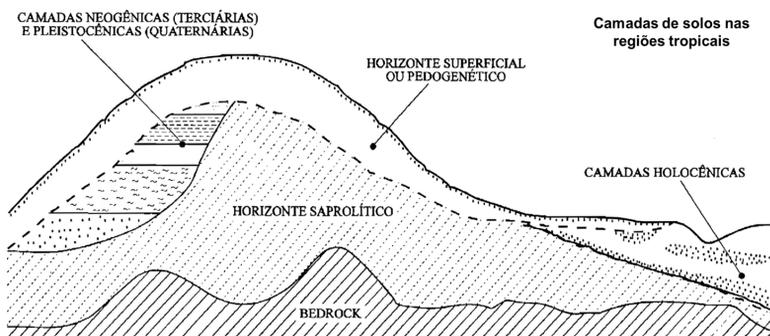
SOLOS TROPICAIS

Aos solos formados nos trópicos deu-se a designação de solos residuais tropicais. Quanto à composição mineralógica, são constituídos por minerais argilosos, minerais silicatados, óxidos metálicos hidratados, quartzo e S_iO_2 , cuja proporção depende da intensidade do intemperismo e do avanço da degradação (Dutra, 2014). São denominados de solos tropicais em decorrência da atuação de processo geológico e/ou pedológico típicos das regiões tropicais úmidas. Dentre os solos tropicais destacam-se duas grandes classes: os solos lateríticos e os solos saprolíticos (Villibor *et al.*, 2009).

Os solos tropicais caracterizam-se pelas grandes espessuras do horizonte superficial (Figura 1), em geral maior que um metro, podendo ultrapassar 10 metros, principalmente se tratar-se de horizonte superficial laterítico. O horizonte saprolítico também apresenta grandes espessuras, frequentemente ultrapassando uma dezena de metros (Silva, 2019).

Segundo Villibor *et al.* (2009), os solos lateríticos são solos superficiais, típicos das partes bem drenadas das regiões tropicais úmidas, resultantes de uma transformação da parte superior do subsolo pela atuação do intemperismo, por processo denominado laterização. Várias peculiaridades associam-se ao processo de laterização sendo, as mais importantes do ponto de vista tecnológico, o enriquecimento no solo de óxidos hidratados de ferro e/ou alumínio e a permanência da caulinita como argilomineral predominante e quase sempre exclusivo. Estes minerais conferem aos solos de comportamento laterítico coloração típica: vermelho, amarelo, marrom e alaranjado.

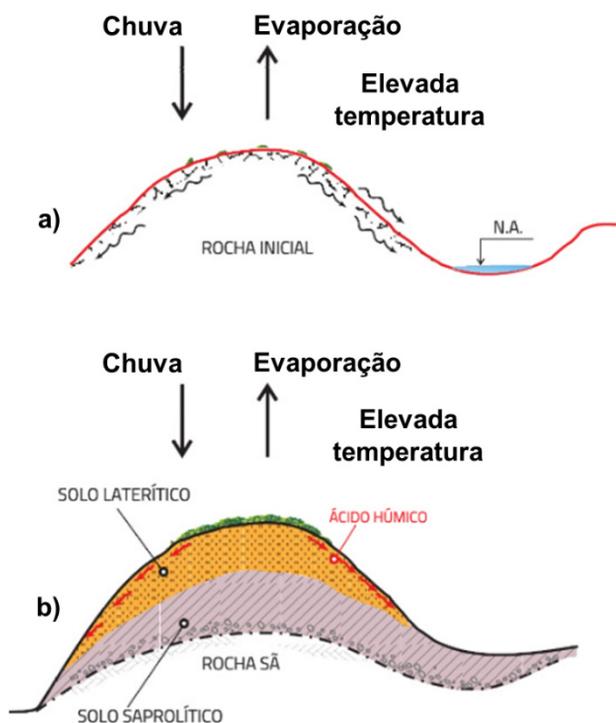
Figura 1: Designação genérica geral das camadas de solos nas regiões tropicais



Fonte: Adaptado de Nogami & Villibor (1995)

Na Figura 2 está ilustrada a evolução dos fenômenos de intemperismo físico e químico, responsáveis pela formação dos solos tropicais, ressaltando-se que esses processos ocorrem simultaneamente. Inicialmente, ocorre o intemperismo físico, com fratura da superfície da rocha. Com o passar do tempo geológico, ocorre o surgimento da vegetação na camada superficial (a), com a formação do húmus e do ácido húmico. Nas condições ambientais tropicais (alta temperatura, muita chuva e elevada evaporação), ocorre intensamente o intemperismo químico, com a presença do ácido húmico (b). Com a infiltração e percolação do ácido húmico na rocha fragmentada, após um determinado tempo geológico, ocorre o processo de laterização peculiar às partes bem drenadas do subsolo das regiões tropicais, cujo resultado é um manto superficial de solo laterítico. Entre o manto de solo laterítico e o substrato rochoso, tem-se um solo designado como saprolítico que, tendo sofrido o processo de intemperismo físico e, em algumas partes em fase de intemperismo químico, ainda apresenta resquícios da rocha que lhe deu origem (Villabor & Alves, 2019).

Figura 2: Formação pedogenética de solos tropicais



Fonte: Adaptado de Nogami & Alves (2019)

Os solos saprolíticos guardam as estruturas da rocha e porque, dentre os minerais que os compõem, estão muitos argilominerais primários, do tipo 2:1 ou 3:1. Uma propriedade frequentemente observada nos solos saprolíticos é a expansão. Os argilominerais primários presentes nesses solos têm um alto potencial de expansão (Carvalho *et al.*, 2015a).

PROCESSO DE LATERITIZAÇÃO E PRINCIPAIS FATORES DE INFLUÊNCIA

Citando Tardy (1993), Rodrigues *et al.* (2010) afirma que a alteração natural da superfície, resulta de interações atuais e passadas entre a

litosfera e os envelopes fluidos que circundaram nosso planeta. Segundo o autor, o motor principal desta alteração é a água, que sob uma ação dinâmica interveio na dissolução química das rochas da litosfera e sob uma ação estática agiu como regulador na estabilidade dos minerais e de estruturas e sua ação mecânica quando dos eventos variados que teriam preponderado no processo de erosão superficial. As condições climáticas particularmente favoráveis nas regiões tropicais conduziram ao desenvolvimento dos Sistemas Lateríticos ao depender da crosta continental essencialmente ácida (graníticas/magnetita) das Guianas, da Amazônia, do Oeste Africano, do Congo-São Francisco, da Índia e do Oeste Australiano.

O “Processo de Laterização” engloba um conjunto de fenômenos que deram origem a uma alteração extremamente forte da rocha mãe, e de uma individualização dos elementos tais que a sílica e óxidos ou hidróxidos e hidratos metálicos, em particular de ferro, de alumínio, de manganês e de titânio (Aubert, 1964; Maignein, 1966).

Esse processo pode ter sido seguido por outros processos pedogenéticos tais que o emaranhado de hidróxidos da superfície *versus* um horizonte semi-profundo duramente concrecionado ou em carapaças de hidróxidos metálicos precedentes individualizados e por vezes acumulados; segregações de elementos de um horizonte hidromórfico (Autret, 1983; Schellmann, 2009).

Para Vallerga (1960), os fatores que exercem uma influência preponderante sobre o Processo de Laterização são: o clima (pluviometria); a topografia (erosão e drenagem); a vegetação (matéria orgânica, bactéria, ácidos húmicos); a Rocha mãe e o período de formação.

Segundo Rodrigues *et al.* (2010), as temperaturas observadas nos países tropicais são favoráveis a uma alteração das rochas do tipo Laterização, pela formação dos óxidos de ferro e de alumínio e da lavagem da sílica. À umidade constante, a relação $K_i = \text{SiO}_2/\text{Al}_2\text{O}_3$ aumenta com a temperatura; ela mesma serve de catalisador das reações químicas que podem ter seus efeitos multiplicados por 2 ou por 3 para cada aumento de 10°C de temperatura. A pluviosidade e o balanço hídrico da água em abundância são necessários para a alteração química (Hidrólise).

O Processo de Laterização consiste em trocas iônicas em meio

aquoso, necessita de água e de tempo. A topografia influi sobre esse processo na medida onde ela favorece ou impede a acumulação de água (Rodrigues *et al.*, 2010).

A vegetação influi sobre o teor de elementos grosseiros dos horizontes superficiais dos Solos Lateríticos limitando a erosão (os fragmentos de quartzo e agregados miúdos se concentram pela mistura de materiais finos por ação da água). O conjunto de Laterita sob a forma de “carapaças” é mais frequente em zonas de savanas enquanto o inverso, as concreções lateríticas (Pedregulhos Lateríticos ou Concreções Lateríticas com elementos mais grosseiros são constituídos de materiais menos alterados ou não completamente alterados), são observadas onde há presença de lençóis d’água (Rodrigues *et al.*, 2010).

A natureza da rocha mãe não parece ter incidência sobre a existência do Processo de Laterização, porém apresenta influência clara sobre as rochas básicas ígneas do tipo basalto, sobre rochas ácidas do tipo granito, gnaiss ou sobre outras rochas sedimentares do tipo feldspáticas, xistos e calcários. Ela exerce um papel sobre o tipo de reação e a natureza dos constituintes argilosos; as rochas cristalinas básicas como as basálticas são menos ricas em sílica e compostas em parte de “Olivina” que se altera em montmorilonita; as rochas cristalinas ácidas (tais como as graníticas e as gnaisses) se alteram principalmente em Caulinita ou Mica; e as rochas sedimentares argilosas (tais como os xistos e as feldspáticas) em Ilita e Mica. Atualmente se admite que o Processo de Laterização consista em um fenômeno lento que ocorre em períodos de milhares de anos (época geológica) (Rodrigues *et al.*, 2010).

SOLOS LATERÍTICOS

Os Sistemas Lateríticos, produto do Processo de Laterização, dão origem aos Solos Lateríticos que são utilizados em Engenharia Civil. Estes solos são caracterizados por uma alteração intensa dos minerais da rocha mãe com a eliminação quase total de base alcalinas e alcalino-terrosas, e parcialmente a sílica e uma decomposição intensa da matéria orgânica. Uma acumulação mais ou menos importante de hidróxidos e óxidos de Fe, Al, Ti, Mn. Em conjunto, podem

ocorrer, em graus diversos, os processos acessórios de lixiviação, de acumulação de matéria orgânica e de endurecimento (Segalen, 1964; Schellmann, 2009).

Segundo o Comitê de Solos Tropicais da Associação Internacional de Mecânica Solos e Engenharia de Fundações (ISSMGEF, 1985), a maneira mais apropriada para definir os solos tropicais é através da conceituação geotécnica, que os descreve como aqueles que apresentam peculiaridades de propriedades e de comportamento, que os diferenciam dos solos formados em ambientes não tropicais, em virtude da atuação de processos geológicos e/ou pedológicos desencadeados pela ação alternada de temperaturas elevadas e chuvas intensas.

As porcentagens de óxidos e de hidróxidos de ferro e de alumínio (sesquióxidos) podem chegar, para alguns solos lateríticos concrecionados ou pedregulhosos, até 80% do produto da laterização. O argilomineral presente, geralmente, na fração fina dos solos lateríticos é a caulinita, que é coloidalmente menos ativa. Esta atividade se reduz ainda quando ela está associada aos óxidos e aos hidróxidos de ferro ou de alumínio, que recobrem geralmente a caulinita (Lima, 2013).

Klamt (1989) afirmou que solos geralmente com alta capacidade de troca catiônica (CTC) e/ou altos índices K_i ($\text{SiO}_2/\text{Al}_2\text{O}_3$) e K_r ($\text{SiO}_2/\text{Al}_2\text{O}_3+\text{Fe}_2\text{O}_3$) contêm minerais argilosos na proporção 2:1, expansivos ou parcialmente expansivos (esmectita ou vermiculita). Contudo, os de baixa capacidade de troca catiônica e índices K_i e K_r , contêm argilominerais do tipo 1:1 e óxidos, como caulinita e hematita.

O parâmetro K_i é o índice para avaliação do grau de intemperização do solo e para classificação de entre solos de granulação fina e grossa. Já K_r é o índice para classificação entre solos oxidicos e cauliniticos.

Segundo Marangon & Motta (2001), os Latossolos apresentam normalmente a relação molecular K_i inferior a 2,0, admitindo-se valores até 2,2. O caráter de intemperização, definido pela é definido pelos seguintes critérios: $K_r < 2,2$ para solos lateríticos (muito intemperizados); $K_r > 2,2$ para solos não lateríticos (pouco intemperizados).

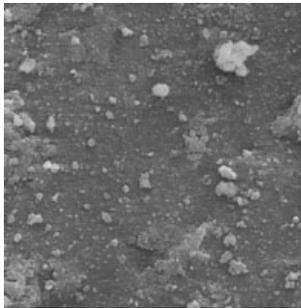
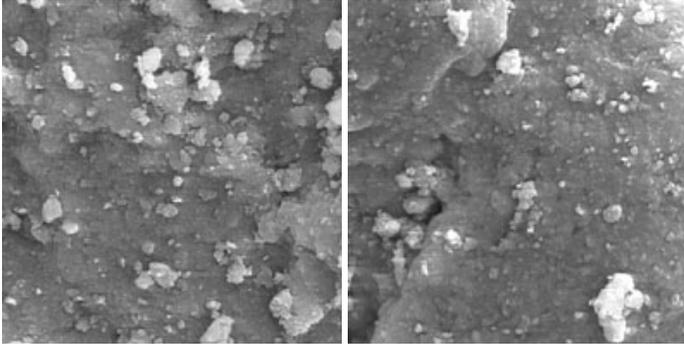
A interpretação dos valores de K_i e K_r , conforme Embrapa (2013), fornece informações sobre o grau de intemperismo de acordo com o exposto abaixo:

- $K_i > 0,75$ e $K_r > 0,75$ sugerem solos cauliniticos;
- $K_i > 0,75$ e $K_r \leq 0,75$ sugerem solos cauliniticos-oxidicos;
- $K_r \leq 0,75$ sugere solos oxidicos (hematiticos ou goethiticos);
- $K_i \leq 0,75$ e $K_r \leq 0,75$ sugerem solos gibbsiticos-oxidicos;
- $K_i < 2,2$ sugerem solos lateriticos, mais intemperizados.

Autores como Mahalinga-Iyer & Williams (1991) e Biswal *et al.* (2018b), através de análise em difratogramas de raios-X (DRX), observaram que os principais minerais presentes em amostras de solo laterítico granular são caulinita, quartzo, hematita e goethita, verificando, através de microscopia eletrônica de varredura (MEV), que as partículas de quartzo são revestidas, geralmente, com finas partículas de caulinita (Figura 3).

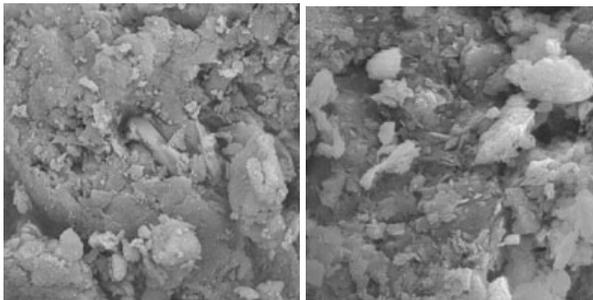
Segundo Nogami & Villibor (1995), os solos lateríticos caracterizam-se por possuírem a sua fração argila constituída pelo argilomíneral caulinita. Estes ainda contêm elevada porcentagem de óxidos e hidróxidos de ferro e de alumínio que recobrem a caulinita conferindo ao conjunto um aspecto “cimentado”. Ou seja, para os solos lateríticos espera-se encontrar imagens com um aspecto cimentado, e, para os solos não-lateríticos (Figura 4), imagens em que seja possível a identificação do contorno dos argilominerais constituintes da fração fina, ou ainda, uma imagem distinta do aspecto cimentado dos solos lateríticos (Takeda, 2006).

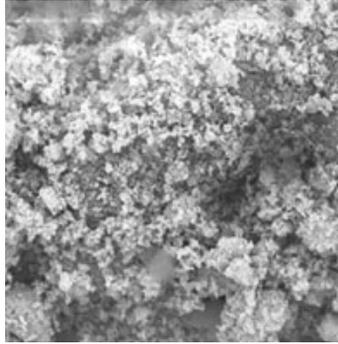
Figura 3: Padrões de imagens indicativos de solos lateríticos (aumento 3000x)



Fonte: Adaptado de Takeda (2006)

Figura 4: Padrões de imagens indicativos de solos não-lateríticos (aumento 3000x)





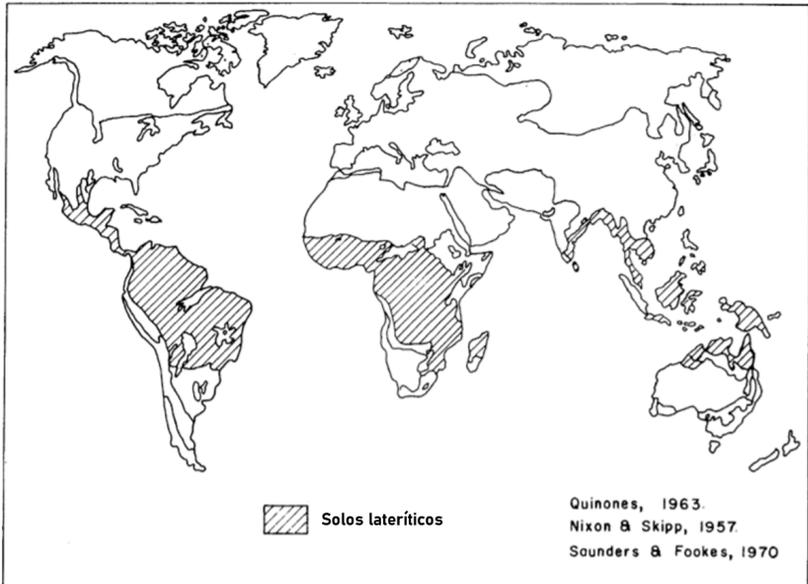
Fonte: Adaptado de Takeda (2006)

A estrutura é extremamente variada e pode ser reduzida a três elementos: os elementos endurecidos formam um esqueleto coerente e contínuo, os elementos endurecidos são concreções ou nódulos livres no meio de um material terroso e os elementos endurecidos cimentam os materiais pré-existentes. Suas pigmentações são devidas a óxidos de ferro mais ou menos hidratados e às vezes também ao manganês. A cor dos solos é variada, mas geralmente de intensidade vívida (Rodrigues *et al.*, 2010).

O interesse por solos lateríticos desenvolveu-se inicialmente entre cientistas e geólogos do solo porque o material era um obstáculo para a agricultura e porque, em alguns casos, tinha um valor econômico significativo como fonte de ferro e alumínio (Alexander & Cady, 1962). Posteriormente, também chamou a atenção dos engenheiros geotécnicos e de pavimentação pelo seu potencial como material de construção em estradas (Caro *et al.*, 2018).

Estão disponíveis em muitas partes do mundo como um material marginal, que pode ser usado, estabilizados ou não, em camadas de sub-base e base em pavimentos (Biswal *et al.*, 2020). Depósitos de solos lateríticos ocorrem comumente na Austrália, África e América do Sul (Gidigas, 1976) (Figura 5). A Figura 6 abaixo ilustra áreas de solos lateríticos arenosos e argilosos (LG²), perfazendo 65% do território brasileiro, segundo Villibor & Nogami (2009).

Figura 5: Distribuição de solos lateríticos no mundo



Fonte: Adaptado de Gidigas (1976)

Figura 6: Distribuição de solos lateríticos no Brasil



Fonte: Adaptado de Villibor & Nogami (2009)

CAPÍTULO 2 – CARACTERÍSTICAS E PROPRIEDADES

INTRODUÇÃO

Casanova (1988) afirma que um solo dito tropical tem a sua mineralogia restrita a argilominerais do tipo (1:1) e óxidos livres, além de sílica livre na forma de quartzo, podendo ocorrer pequena quantidade de material paracristalino. Todos esses minerais compartilham o fato de serem minerais cuja carga superficial é variável e dependente do pH. Como um todo, apresentam baixos valores para a superfície específica, a capacidade de troca catiônica e densidade superficial da carga.

Já para Godoy & Bernucci (2000), os solos lateríticos são aqueles que quando devidamente compactados, ao perderem umidade, adquirem condição de baixa perda de resistência ou até nenhuma perda, mesmo na presença de água. Por outro lado, no estado natural, quanto maior o grau de laterização menor a sua suscetibilidade à erosão, além de serem altamente permeáveis, possuem baixa capacidade de suporte, elevada deformabilidade, excelentes condições de drenagem e possibilidade de colapso quando submetido a determinadas cargas e molhagem (Nogami *et al.*, 1993).

Godoy & Bernucci (2000) afirmam também que uma das principais peculiaridades dos solos tropicais lateríticos (que os diferencia dos solos de clima temperado), é justamente a presença desta cimentação natural provocada pelos óxidos e hidróxidos de ferro e alumínio.

Devido à cimentação existente entre os elementos que compõe a microestrutura (diâmetro inferior a 2 microns), a granulometria resultante dos ensaios padronizados pode acusar elevada porcentagem de grãos maiores nas frações silte e areia, devido à presença de torrões, conforme Figura 7 (Delgado, 2007).

Figura 7: Macroestrutura dos solos lateríticos



Fonte: Adaptado de Oliveira (2018)

Já Santana & Gontijo (1987) observaram em solos de comportamento laterítico as seguintes características bastante peculiares: pequena fração de areia grossa entre as peneiras n° 10 e n° 40; possibilidade de ocorrência de elevados teores de finos, mais de 25% passando na peneira n° 200, com elevados valores de LL e IP, maiores que 25 e 8, respectivamente, embora com índices CBR elevados; dificuldade em enquadrá-los nas especificações granulométricas da AASHTO, similarmente ao que ocorre em relação aos limites de $LL \leq 25\%$ e $IP \leq 6\%$ e expansão baixa.

MORFOLOGIA

Segundo Rodrigues *et al.* (2010) a presença de concreções e coesão das amostras dos Solos Lateríticos depende de fatores como: o grau de cristalinização dos componentes, o conjunto de diferentes constituintes e do grau de envelhecimento do solo.

A estrutura extremamente variada pode ser reduzida a três elementos: os elementos endurecidos formando um esqueleto coeso e

contínuo, os elementos endurecidos são de concreções ou de nódulos (torrões) livres ao meio de um material terroso e os elementos endurecidos cimentados dos materiais pré-existentes.

Moh *et al.* (1969) afirma que um grau crescente de laterização se traduz por um aumento de espessura de revestimentos em óxidos de ferro das partículas do solo. Estas partículas se coagulam mais tarde em grandes agregados e sem uma diminuição da sua área específica. Essas diferenças entre os solos de zonas temperadas e os Solos Lateríticos podem ser explicadas a partir destes revestimentos e da coagulação das partículas do solo.

A cor dos solos é variada, mas geralmente de intensidade viva. Os pigmentos mais frequentes são: rosas, vermelhos, amarelos e marrons. Geralmente admite-se que a cor do solo é devida à presença do ferro como no caso de alguns sedimentos. As cores vivas, rosas e amarelas, são devidas aos óxidos ou hidróxidos de ferro. A cor vermelha é provocada pela presença da hematita, a cor amarela pode ser atribuída à presença de goetita (Segalen, 1964).

A densidade real varia em grandes proporções (2,5 a 3,6) e dependem da composição química do Solo Laterítico. Ela aumenta com os teores de ferro e diminuem com os teores de alumínio. As formas oxidadas são mais densas que as formas hidratadas. Os resultados disponíveis indicam que a densidade não varia somente por meio dos grupos de solos baseados sobre a textura, mais igualmente de uma fração a outra (LYON ASSOCIATES INC., 1971). O autor encontrou, para um mesmo solo, uma fração de agregados que teria uma densidade mais elevada que a fração de finos, por causa da concentração de óxidos de ferro em primeiro lugar, apesar de que o alumínio está concentrado na fração fina e de argila.

A evolução da rocha mãe em direção a superfície de diferentes conjuntos concrecionados permitem distinguir geralmente: um conjunto de alteração; um conjunto mediano de acumulação de hidróxidos metálicos e fases argilosas; e um conjunto móvel superior lixiviado constituído de minerais residuais primários resistentes.

Entretanto, segundo Rodrigues *et al.* (2010) estes três conjuntos podem apresentar entre eles discordâncias e alguns podem por vezes estar ausentes. Outros podem apresentar sucessões complexas de

diferentes facetas.

Os Solos Lateríticos podem ser classificados de maneira sintética ou analítica. A primeira é baseada em fatores genéticos e em propriedades de fatores ou de processos pedogenéticos. A segunda considera características, sobretudo morfológicas, com considerações pedogenéticas (Maignein, 1966).

Vários autores utilizaram fortemente a relação $\text{SiO}_2/\text{Al}_2\text{O}_3$ (K_1) para classificar os Solos Lateríticos. Entretanto, esta definição não é unanimidade e gerou muitas controversas em função de conduzir a uma separação dos Solos Lateríticos com presença de mineral Caulinita (Argilas Cauliniticas), no entanto, ela classifica as lateritas com mineral de ferro, com bauxita e com vários graus ferruginosos. Esta relação depende muito da fração granulométrica analisada (Autret, 1983).

As principais denominações utilizadas são: Laterita, Solos Tropicais, Solos Lateríticos, Solos Ferruginosos, Solos Ferralíticos, Solos Ferrealíticos, Ferrisolos, Ferrasolos, Andosolos, Oxisolos, Podzolos, Latossolos e Plinthosolos.

MINERALOGIA E MICROESTRUTURA

O fato de um solo tropical ser produzido pela ação do intemperismo favorece um conjunto de modificações físicas e químicas, desintegração e decomposição, que conjugadas alteram as propriedades e estrutura do solo, impactando diretamente em seu comportamento hidromecânico. O intemperismo pode ter maior ação física ou química, de acordo as componentes de temperatura, do ar, da água e de pressão. Nos solos tropicais tem-se mais intemperismo químico, onde a ação da água é muito importante, alterando as forças internas e externas, gerando hidrólises, lixiviação, acumulação, oxidação e outros processos nos quais se alteram algumas propriedades e minerais do solo, gerando-se os solos lateríticos (Lopera, 2016).

Nos solos tropicais, o intemperismo químico gera a lixiviação dos álcalis (K, Mg, Na, Ca, etc.) e ficam os componentes de Al, Fe e Si, com sedimentação dos minerais lixiviados nas camadas inferiores do solo e a alteração dos minerais que ficam. Geram-se, portanto, cimentações de suas partículas (grãos ou argilominerais) formando

agregados, ao mesmo tempo em que pode ocorrer o preenchimento dos vazios com lixiviados ou com coloides (Araújo, 2022). Formam-se ainda nódulos que são parcelas microscópicas de solos menos alterados e, finalmente, novos vazios. Todas essas alterações originam solos lateríticos com formações granulares, sem orientação, com agregados unidos por pontes de argila e/ou óxidos e hidróxidos de ferro e/ou alumínio, formando estrutura porosa com distribuição de poros geralmente bimodal (Santos, 1975).

No geral, a decomposição tropical resulta na formação do argilo-mineral caulinita e, sob condições adequadamente úmidas, na formação de haloisitas. Usualmente, parte da sílica produzida no solo está na forma de quartzo. Óxidos de ferro cristalizam formando um mineral dependendo das condições in situ. Por exemplo, frequentemente são identificadas ilitas em solos africanos lateríticos, mas não em solos lateríticos brasileiros, onde normalmente só a caulinita está presente (Queiroz de Carvalho, 1981, 1985, 1991).

Segundo Borba (1981), os elementos Si, Fe e Al são considerados os constituintes químicos mais importantes dos solos lateríticos. Além destes, as composições químicas sempre têm revelado a presença de óxidos de titânio, cálcio, magnésio, sódio, potássio e fósforo, mas em proporções reduzidas (menores que 1%, com exceção de óxido de titânio que as vezes chega até 7%).

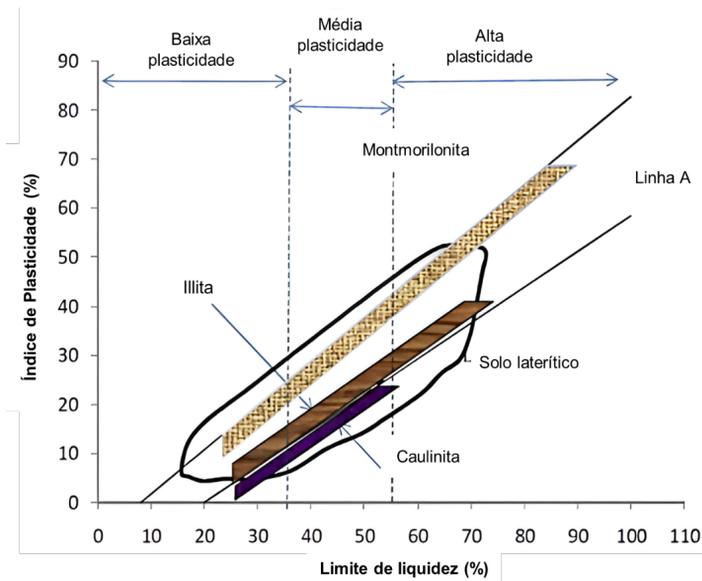
Ademais, os óxidos e hidróxidos, principalmente de ferro e alumínio, formados nos solos tropicais são, geralmente, componentes amorfos e abundantes, de alta agregação, que atuam como agentes de cimentação. Além disso, são neutros ou carregados positivamente, possuem alta superfície específica, não são expansivos e não possuem plasticidade, sendo os mais comuns a bauxita, a gibbsita, a hematita e a goethita (Araújo, 2022).

A formação dos solos lateríticos está intimamente relacionada à gênese, grau de intemperismo, características morfológicas, químicas e mineralógicas do sistema em questão. Assim, o entendimento do processo de laterização destes solos auxilia a sua aplicação e o seu desempenho em obras de engenharia (Araújo, 2022).

PROPRIEDADES GEOTÉCNICAS

Depois de muitos estudos, existe um consenso no fato de que os solos lateríticos são marcados pela ampla gama de valores de certas propriedades geotécnicas que dependem, como já dito, da gênese e de fatores pedogenéticos, e também da preparação das amostras. Com relação, por exemplo, a distribuição granulométrica da maioria dos solos lateríticos estudados indica a presença marcante de areia e cascalho e menos de 30% de silte. Observa-se também que o limite de liquidez varia entre 25% e 63% e os índices de plasticidade estão na faixa de 5-42%. Ou seja, a maioria dos solos lateríticos se encontram em uma faixa baixa a média de plasticidade. A Figura 8 mostra a localização do solo laterítico na carta de Casagrande, levando-se em conta a grande variabilidade desse tipo de solo (Townsend, 1985).

Figura 8: Faixas de plasticidade de solo laterítico e minerais argilosos comuns na tabela de plasticidade



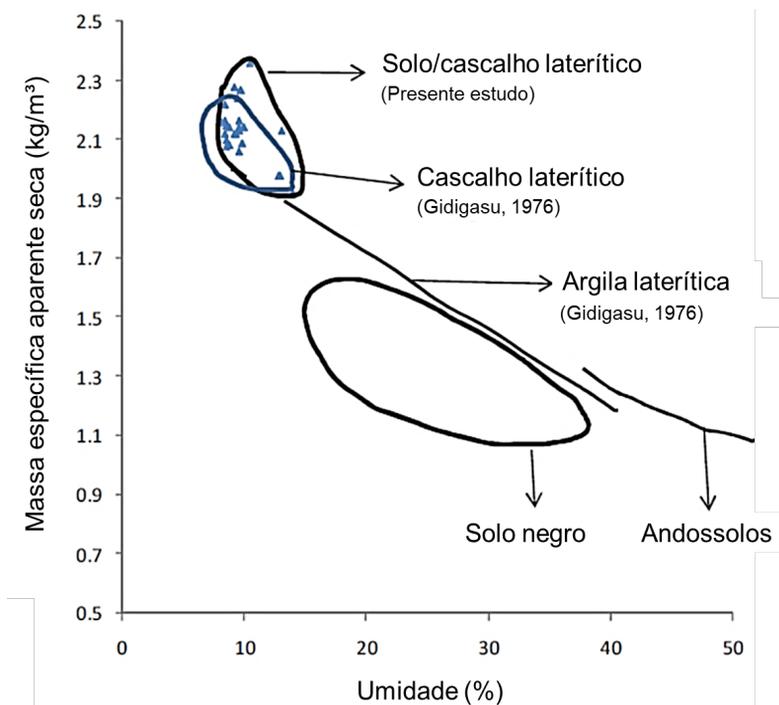
Fonte: Adaptado de Townsend (1985)

Muitos pesquisadores (Alao, 1983; Bello, 2011; Horpibulsuk *et al.*, 2012 e Omotoso *et al.*, 2012) também estudaram as características de compactação de argilas lateríticas secas ao ar, solos lateríticos e cascalhos lateríticos. Verificou-se que o teor ótimo de umidade varia entre 9% e 19%, enquanto a massa específica seca máxima varia entre 1,3 e 2,4 g/cm³, conforme mostra a Figura 9, onde OMC representa a umidade ótima e MDD a massa específica aparente seca máxima.

Quanto ao CBR, sigla para California Bearing Ratio, uma ampla gama de valores também tem sido relatada em pesquisas. Mahalinga-Iyer & Williams (1997) observaram que os valores de CBR do solo laterítico australiano estão na faixa de 35-90%. Da mesma forma, Bello (2011), Ugbe (2011) e Bayewu *et al.* (2012) estudaram solos lateríticos de várias regiões da Nigéria e relataram que os valores de CBR desses solos variam entre 26-34%, 3-43% e 16-29%, respectivamente, em seus estudos.

A grande variabilidade dos valores de CBR também é encontrada em solos lateríticos brasileiros, onde valores máximos obtidos para o mesmo material chegam a ser até três vezes maiores que os mínimos, conforme estudos desenvolvidos por Nogami & Villibor (2009).

Figura 9: Zonas de parâmetros de compactação para solo/cascalho/argila laterítico (a)



Fonte: Adaptado de Biswal *et al.* (2015)

A percepção das peculiaridades dos solos tropicais para sua utilização como material de construção rodoviária foi importante para conduzir alguns dos profissionais da área, a um novo enfoque, diferente daquele apoiado essencialmente na tecnologia estrangeira (Marangon, 2004).

GRANULOMETRIA

Para Lecomte-nana *et al.* (2008), Lyon Associates Inc. (1971), ISTED (1990), Nogami & Villibor (1995) e Villibor & Nogami (2009), a estrutura granulométrica dos solos lateríticos apresenta geralmente:

- Uma alta proporção de elementos finos (inferiores ao tamanho de 80µm), de 10 a 40%;
- Um percentual retido na peneira de 2 mm de 20 a 60%;
- Uma dureza relativa dos agregados para uma mesma jazida que está em função da maturidade das partículas lateríticas concrecionadas e da quantidade de sesquióxidos (Al_2O_3 e Fe_2O_3) que predominam no agregado;
- As curvas granulométricas tendem a apresentar uma queda ou descontinuidade denotando ausência de certas frações granulares. Esta falta situa-se entre os diâmetros de 80 µm e 0,2 mm;
- Os materiais com agregados pétreos, ricos em ferro, normalmente apresentam comportamento mecânico estável;
- Na fração granular, a constituição mineralógica da fração silte é geralmente simples. Há uma predominância de quartzo com a presença nítida de porções de argila;
- Os principais constituintes da fração argilosa (diâmetro inferior à 0,002 mm) são: óxidos e hidróxidos de ferro e/ou alumínio e constituintes orgânicos.

A estrutura metaestável dos Solos Lateríticos é sensível às variações dos níveis de energia térmica e/ou mecânica, com consequências sobre as propriedades físicas e mecânicas. Em termos de granulometria, a secagem induz a um aumento do tamanho das partículas, fazendo se aglomerar a fração argilosa e a fração siltosa até chegar ao tamanho da fração arenosa em função da coagulação do óxido de ferro durante a secagem (Terzaghi, 1958; Lneq, 1969; Newill, 1961; Moh *et al.*, 1969; Townsend, 1969; LYON ASSOCIATES INC., 1971; Gidigasú *et al.*, 1974).

Os Solos Lateríticos Pedregulhosos secos em estufa têm a fração de argila menor que as amostras intactas (com teor de água natural) ou secas ao ar (Moh *et al.*, 1969). A diminuição do teor de argila é acompanhada de um aumento da fração fina e arenosa produzida pela cimentação e pela coagulação por óxido de ferro livre das partículas argilosas em pequenos agregados (Terzaghi, 1958).

Para Lyon Associates Inc. (1971), as mudanças de propriedades com a secagem podem ter uma importância não desprezível durante a construção. Se ensaios realizados em laboratórios não são

executados com amostras secas ao ar, seus resultados podem corresponder à de solos alterados.

Para os Solos Lateríticos, o incremento de energia mecânica tem por consequência aumentar sua vulnerabilidade. O aumento da massa específica aparente seca máxima e do teor de água em areias finas, sobretudo com a fração superior ao material que passa na peneira de diâmetro de 80 μm e onde a fração menos argilosa tem um teor maior em Fe_2O_3 (Novais & Meireles, 1972).

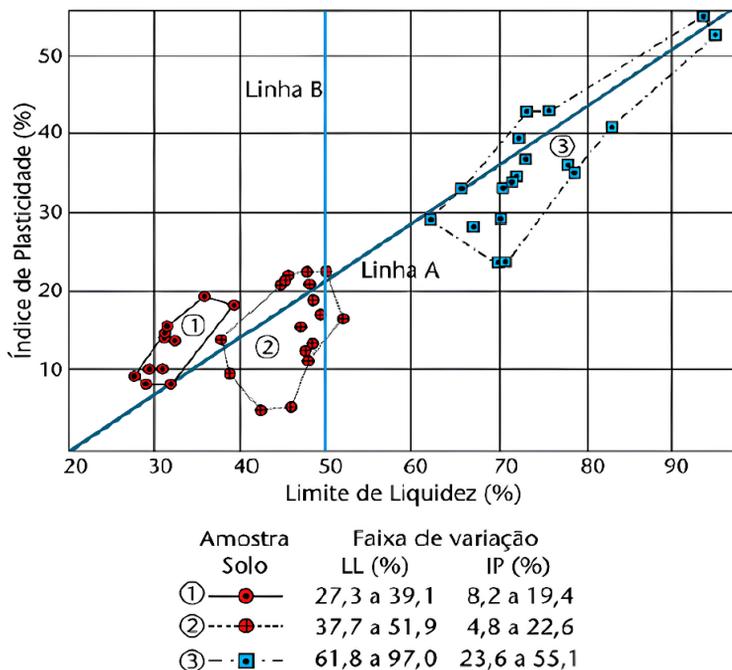
PLASTICIDADE

A influência dos sesquióxidos faz com que os solos lateríticos tenham um comportamento plástico diferenciado dos solos de clima temperado. Pode-se observar durante os ensaios que o aumento da área específica, devido à desintegração das partículas e/ou quebra da estrutura granular do solo, tem como consequência o aumento da absorção de água pelas amostras (Vargas, 1982; Nogami *et al.*, 1995; Villibor *et al.*, 2009).

Newill (1961) e Villibor *et al.* (2009) afirmaram que quando ensaios de limite de liquidez são efetuados, as uniões de partículas de argilas são quebradas pelas manipulações inerentes do ensaio; isto conduz a uma difícil obtenção de valores reprodutíveis pelo ensaio de limite de liquidez. O tratamento aplicado ao solo gera também problemas de discrepância entre os resultados dos ensaios realizados em laboratório e o comportamento mecânico do solo em campo onde ele não recebe necessariamente um tratamento equivalente (Figura 10).

Em relação aos limites de consistência, com a ampliação dos estudos, ficaram evidentes as limitações da utilização de LL e IP devido à pequena reprodutibilidade dos resultados dos ensaios, o que tem sido confirmado em relatos de diversos trabalhos genéricos sobre solos tropicais (Araújo, 2022).

Figura 10: Variabilidade dos valores de LL e IP de três amostras de solos lateríticos



Fonte: Adaptado de Villibor *et al.* (2009)

Em função das inconsistências supracitadas, outro método apresentado na literatura refere-se ao uso do ensaio de adsorção de Azul de Metileno como índice classificatório de solos tropicais (Araújo, 2022).

De acordo com Chaves (2000), trata-se de uma técnica ainda pouco utilizada no meio rodoviário do Brasil, mas já bastante difundida no exterior, principalmente na França, sendo padronizada pelo *Laboratoire Central des Ponts et Chaussées* (LCPC, 1979), onde foram desenvolvidos inúmeros trabalhos utilizando tal metodologia. O ensaio de azul de metileno foi divulgado no meio técnico brasileiro de pavimentação pela primeira vez por Casanova (1986) indicando que

este ensaio relativamente simples poderia ser utilizado nas determinações da capacidade de troca catiônica e superfície específica total, mesmo para as amostras com elevados teores de sesquióxidos, como é o caso dos solos tropicais.

De acordo com Merck & Co. (1952), o corante denominado “Azul de Metileno” é denominado, na química, de “cloridrato de metiltiamina”, com composição química $C_{16}H_{18}N_3SCl$. Trata-se de um corante catiônico, ou seja, em solução aquosa dissocia-se em ânions cloreto e cátions “azul de metileno”.

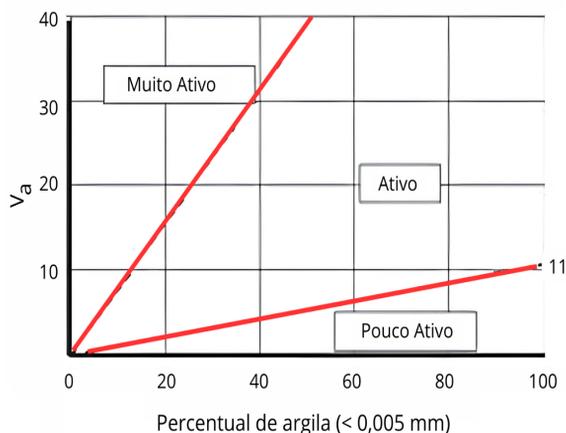
Fabbri (1994) em estudos sobre a influência do pH sobre o valor de Azul de Metileno, conclui que, em geral, os testes de adsorção do Azul de Metileno devem ser realizados com o pH natural da suspensão solo/água, enquanto dado que essa variação não introduz mudanças significativas nos resultados dos ensaios. Segundo o autor, esta é ainda a condição mais favorável a essa realização, porém ela não é necessariamente ligada a outro produto em suspensão, não sendo necessário medir nem controlar o pH, nestes casos, acarretaria um aumento no tempo de execução do ensaio.

Barroso & Fabbri (2003) estudaram a possibilidade de utilização do ensaio de adsorção de azul de metileno para prever o potencial de uso dos solos da região metropolitana de Fortaleza para aplicação na pavimentação, e concluíram que: “O ensaio de adsorção de azul de metileno é considerado uma técnica experimental de execução simples e rápida. Acredita-se que a atividade da fração argila do solo, inferida por este ensaio, exerça uma influência importante nas propriedades mecânicas do solo e, associada às características granulométricas da fração grossa, pode resultar em um método completo de classificação de solos”.

Diversas pesquisas (Fabbri, 1994; Barroso & Fabbri, 2003; Chaves, 2000) indicam a viabilidade de se utilizar o ensaio de adsorção do corante orgânico Azul de Metileno pela fração fina (passante na 0,074 mm) do solo. O ensaio utilizado como índice classificatório de solos é baseado na superfície específica dos argilominerais presentes. O corante é adsorvido pelo solo quando em meio aquoso, formando uma camada monomolecular quase que completa sobre sua superfície.

Os estudos de Fabbri (1994) indicam que o ensaio de adsorção de Azul de Metileno pelo método da mancha é capaz de identificar o tipo de argilomineral presente na fração fina dos Solos Lateríticos. O autor apresenta um ábaco de caracterização da atividade dos argilominerais da fração fina dos Solos Lateríticos, com graus de atividades (muito ativo, ativos e pouco ativos – Figura 11), relacionando com a porcentagem de argila contida na amostra do solo.

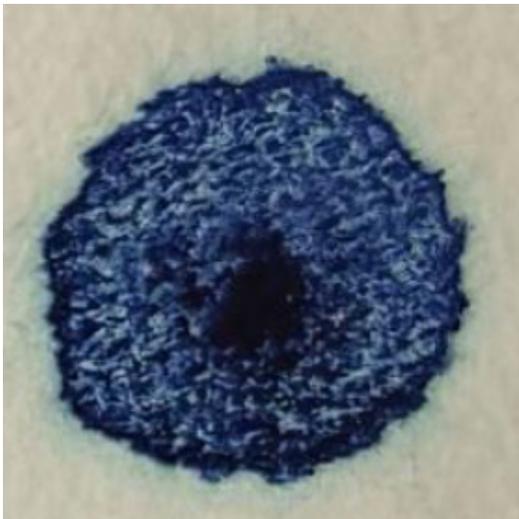
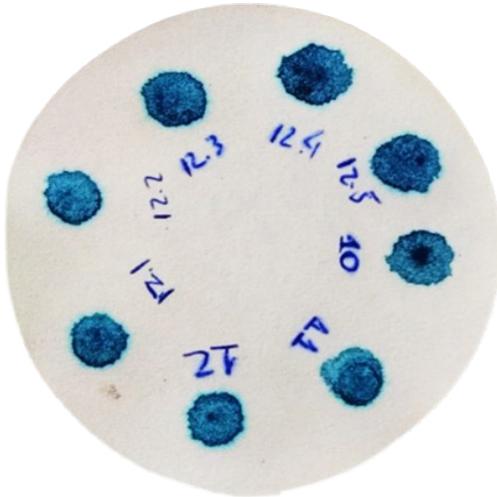
Figura 11: Atividades de argilominerais em função da porcentagem de argila e a Adsorção de Azul de Metileno



Fonte: Adaptado de Fabbri (1994)

O ensaio objetiva medir a quantidade de azul de metileno que pode ser adsorvida pelo solo em suspensão na água. Para isso, adiciona-se sucessivamente quantidades de azul de metileno com monitoramento da adsorção após cada adição. A cada adição, retira-se uma gota da suspensão e coloca-se sobre um papel filtro, o que provoca a formação de uma mancha. A adsorção máxima é alcançada quando uma auréola azul clara persistente aparece na periferia da mancha (Figura 12).

Figura 12: Ponto de adsorção máxima no ensaio de Adsorção de Azul de Metileno



Fonte: Adaptado de Araújo (2022)

DUREZA

A resistência e a dureza das frações pedregulhosas e arenosas é função da composição química, de sua idade e de sua homogeneidade nos Solos Lateríticos. As lateritas ricas em ferro são mais duras ou resistentes que as ricas em alumínio (Ackroyd, 1967; LYON ASSOCIATES INC., 1971; De Graft-Johnson *et al.*, 1972; Gidigas *et al.*, 1973, 1974; Enuvie, 1992; Nwaiwu, 2006).

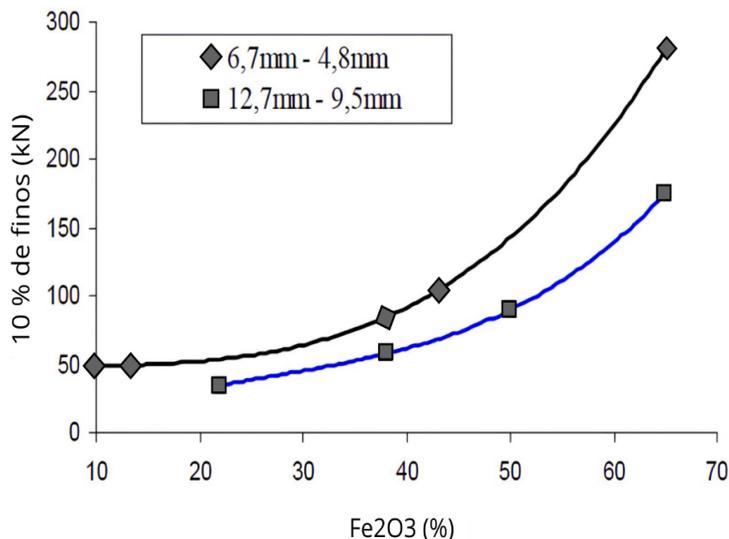
Alguns autores, como Maignein (1966) e Netterberg (1975), consideram que a dureza das concreções lateríticas está em função da concentração de ferro, do teor de umidade, grau de estabilidade e particularmente ao seu estado de compactação, e que a formação de couraças porosas e de pequena dureza parece estar associada à lixiviação da caulinita, que, por sua vez, absorve o ferro, impedindo a formação da goethita cristalina, gerando uma descontinuidade na fase cristalina ou um mecanismo no processo de endurecimento.

Estudos microscópicos realizados por Queiroz de Carvalho (1991) revelaram que as composições química e mineralógica não são suficientes para explicar o grau de dureza das lateritas e que o potencial de endurecimento parece estar associado ao arranjo e a espécie dos componentes lateríticos.

Segundo Maignein (1966), o óxido de ferro é a base do processo de endurecimento de materiais lateríticos e seus estudos mostram que quanto maior o conteúdo de sesquióxidos (Fe_2O_3 e Al_2O_3), maior o endurecimento, com a dureza sendo função do conteúdo de ferro (Figura 13) e que comumente, na mesma ocorrência de materiais lateríticos a parte mais antiga e mais desidratada é mais dura que a parte mais recente.

Netterberg (1975) descreve que o endurecimento das formações lateríticas é de grande importância para o estudo da evolução dos solos tropicais e estão associados à impregnação e à acumulação de ferro e alumínio, oxidação do ferro, desidratação dos sesquióxidos e ao desenvolvimento da estrutura contínua de sesquióxidos cristalizados.

Figura 13: Efeito do conteúdo de óxido de ferro na resistência de agregados lateríticos



Fonte: Adaptado de Maignein (1966)

CONTRAÇÃO

Nas regiões tropicais, dada a possibilidade de secagem das camadas compactadas do pavimento durante a construção ou já na fase de operação, a contração passa a ser uma propriedade que deve ser levada em conta (Araújo, 2022).

Tem-se observado, cada vez mais, que nos climas tropicais quentes e úmidos, com estações de seca e chuvas alternadas, a umidade de equilíbrio das camadas compactadas do pavimento geralmente é inferior à umidade ótima de compactação. A diminuição de umidade pode proporcionar contração da massa do solo e, conseqüentemente, o aparecimento de fissuras e/ou trincas. As fissuras e trincas são caminhos que proporcionam a circulação de água e de ar, alterando a permeabilidade e homogeneidade da camada compactada (Araújo,

2022).

O trincamento intenso de camadas de base pode acabar refletindo na superfície de rolamento, deixando-a descontínua e trincada, promovendo a diminuição da vida útil do pavimento. A fissuração e o trincamento são indícios da coesão do material quando perde umidade. Solos não coesivos, essencialmente granulares, não apresentam fissuração por contração. Sua contração, caso exista, é praticamente inexpressiva (Bernucci, 1987).

O conhecimento do Limite de Contração é importante para prever se os solos lateríticos, arenosos ou finos, não correm o risco de ficarem sujeitos, principalmente em países tropicais, à diminuição acentuada de volume. Seria fundamental, então, evitar variações do teor de água ou eventualmente não utilizar as amostras de solos sem algum tipo de estabilização, seja ela química ou mecânica (Villibor *et al.*, 2009).

Os solos lateríticos podem apresentar alta sensibilidade à água, fica mole quando absorve uma grande quantidade de água e retrai e racha quando perde umidade. Além disso, sob a alternância de longo prazo da precipitação atmosférica e evaporação, bem como outros fatores ambientais, pode levar a acidentes de engenharia, como diminuição da capacidade de suporte da fundação, rachaduras de taludes e colapso (Tan *et al.*, 2020).

Segundo Villibor & Nogami (2009), o trincamento (Figura 14) pode ser explicado, em parte, pela “cimentação” dos grãos de quartzo da areia (inerte) pelo ligante de argila laterítica (coesivo), que são frações constituintes do solo. A compactação força o contato dos grãos de quartzo com a argila laterítica, a qual está umedecida pela água que é necessária para se obter o teor de umidade de compactação. O processo de secagem da base gera esforços de tração (criados pelas tensões capilares) que protendem a camada, produzindo trincas verticais e horizontais e criando uma base com estrutura em blocos, que lembra um arenito natural cimentado por argila. Essa cimentação é resultante de uma coesão diferente da química (não há reações) e ocorre pelo binômio compactação-capilaridade, aliado a outros fatores ainda não claramente definidos. Esses blocos apresentam dimensões irreversíveis, mesmo quando há aumento eventual

no teor de umidade da base em relação ao teor após secagem.

Figura 14: Solo laterítico em processo de trincamento por “cura ao ar”



Fonte: Adaptado de VILLIBOR & NOGAMI (2009)

A ação pedogenética confere aos solos brasileiros características diferentes dos solos formados em clima temperado que devem ser

levadas em consideração na investigação de características e propriedades de interesse direto dos projetos de Engenharia particularmente os de pavimentos. Nas regiões tropicais, dada a possibilidade de secagem das camadas compactadas do pavimento durante a construção ou já na fase de operação, a contração passa a ser uma propriedade de que deve ser levada em conta (Araújo, 2022).

A secagem das camadas compactadas da estrutura do pavimento é um fenômeno frequente nas regiões tropicais, seja logo após a compactação, como já na fase operação da rodovia. As camadas de compactadas com solos finos estão, portanto, sujeitas à perda de umidade, propiciando o aparecimento são de fissuras e/ou trincas que, quando excessivas, indesejáveis. A contração é, portanto, uma propriedade que deve ser medida ou avaliada como auxílio para controlar a fissuração e o trincamento excessivo. Dentro de uma determinada classe de solo tropical, quanto mais plástico for o solo, maior a contração. Porém não se pode prever a contração pela plasticidade pois não se pode generalizar certos limites para toda gama de solos tropicais. Eles podem apresentar mesmos índices plásticos, porém comportamento bastante diferenciado em campo. A plasticidade, no caso de solos tropicais, não é capaz de agrupar solos de comportamento ou propriedades similares numa mesma classe (Bernucci, 1987).

Segundo Nogami & Villibor (1995) os solos lateríticos quanto mais argilosos mais contráteis. Desse modo, o conhecimento da contração é importante para prever se os solos lateríticos não correm o risco de ficarem sujeitos, principalmente em países tropicais, à diminuição acentuada de volume. Seria fundamental, então, evitar variações do teor de água ou eventualmente não utilizar as amostras de solos sem algum tipo de estabilização, seja ela química ou mecânica (Villibor *et al.*, 2009).

COMPACTAÇÃO

A compactação de um solo é caracterizada pela redução rápida do índice de vazios por meios mecânicos face à compressão ou expulsão de ar dos poros. Esse processo objetiva conferir ao solo propriedades e comportamentos que atendam às necessidades de desempenho de

uma determinada obra geotécnica (Kodikara *et al.*, 2018).

Entretanto, a compactação deve ser compreendida como algo que vai além da simples redução dos vazios do solo. Após a compactação, as partículas dos solos se organizam em diferentes configurações e a estrutura resultante tem impacto direto no comportamento geotécnico de um solo compactado (Romero, 2013; Zhang *et al.*, 2018).

Segundo Alonso (2004), as propriedades e o comportamento geotécnico dos solos sedimentares e solos tropicais pouco intemperizados (saprolíticos) apresentam boas correlações com o índice de vazios e a umidade. Contudo, o mesmo não acontece para os solos tropicais profundamente intemperizados, em que o comportamento passa a ser função, também, da distribuição dos poros no solo.

As estruturas dos solos finos sedimentares e dos solos saprolíticos compactados tendem a seguir a teoria proposta por Lambe (1958), em que a compactação executada no ramo seco promove a formação de uma estrutura floculada advinda de forças de atração entre as partículas de argilominerais. Já a compactação realizada no ramo úmido resulta em uma estrutura dispersa, com disposição paralela entre as partículas, conforme ilustra a Figura 15. Também pode ser observado que o grau de orientação das partículas aumenta com a energia de compactação. Nesses solos, o nível de anisotropia de comportamento é, portanto, diretamente relacionado às condições de compactação.

Nos solos tropicais profundamente intemperizados, a formação de estruturas floculadas ou dispersas fica impossibilitada por não ocorrer a orientação das partículas, visto que a grande maioria das partículas de argila encontram-se formando os agregados. Nesse caso, tem-se apenas poros intra-agregados e poros interagregados, classificados respectivamente como micro e macroporos (Cetin *et al.*, 2007; Ferner & Yesiller, 2013).

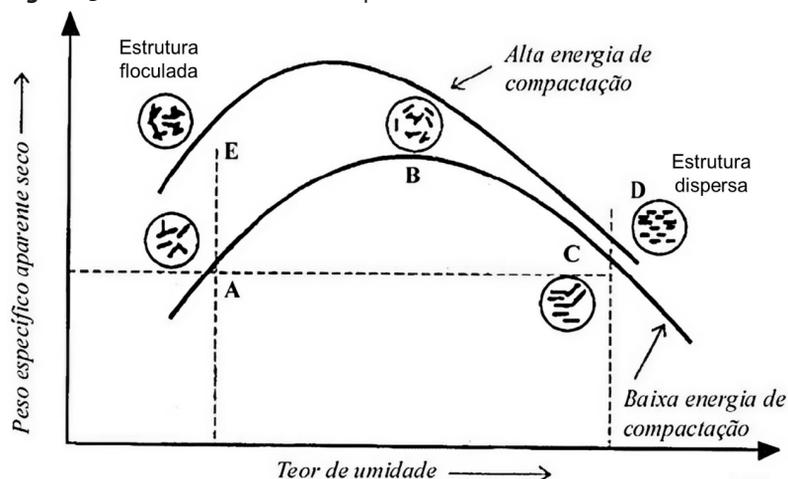
Os poros interagregados são compressíveis e seu volume é associado ao índice de vazios final do solo compactado. O efeito da compactação é, portanto, refletido nesses poros afetando a macroestrutura. Por outro lado, as variações térmicas e os ciclos de secagem e molhagem desses solos acabam por afetar a microestrutura nos intra-agregados, acarretando muitas vezes o aparecimento de

microfissuras (Li & Zhang, 2009).

A variação volumétrica dos poros interagregados é maior em compactações maior nível de energia, enquanto a variação dos poros intra-agregados tem um comportamento quase indiferente, altamente dependente da formação do solo (Li & Zhang, 2009).

Na execução das camadas dos pavimentos rodoviários, é essencial o conhecimento do limite até onde pode-se tirar proveito da energia aplicada nos materiais. Osei *et al.* (2000) ressaltaram que uma notável parcela da energia de compactação adicional utilizada para fins de obtenção de maiores massas específicas e melhoramento das características geotécnicas do solo, pode ser desperdiçada por proporcionar a quebra da estrutura do solo.

Figura 15: Estrutura de um solo compactado



Fonte: Adaptado de Lambe (1958)

De Graft-Johnson *et al.* (1968) verificaram que determinados aumentos na energia de compactação podem causar um aumento ou uma diminuição no valor do índice CBR. Tal efeito foi atribuído à presença da caulinita, que possui uma estrutura sensível, tendendo a dispersar com o aumento do esforço de compactação no lado úmido

da curva.

Para solos lateríticos arenosos recomenda-se uma energia Proctor Intermediária quando utilizados em camadas de base ou sub-base (Balbo, 2007). No caso de solos lateríticos pedregulhosos, a compactação pode ser nociva em caso de fragilidade dos torrões. Esta fragilidade pode provocar um crescimento do teor de elementos finos por destruição da estrutura do solo sem aumentar, no entanto, a massa específica aparente seca, nem a capacidade de suporte de maneira significativa, além de tornar o material sensível ao efeito da sucção (Rodrigues *et al.*, 2010).

Villibor & Nogami (2001) testaram diversos solos compactados com energia Proctor Intermediária e sugeriram uma parametrização mínima de algumas propriedades técnicas para utilização de solos lateríticos em camadas de base e sub-base, tais como com capacidade de suporte maior ou igual a 40% e uma expansão quando imerso em água menor que 0,3%.

Segundo a Lyon Associates Inc. (1971), os principais fatores que interferem nas propriedades de compactação dos solos lateríticos podem ser divididos em dois grupos: o primeiro, relacionado à gênese dos solos e o segundo, referente aos métodos de pré-tratamento antes dos ensaios. Os fatores são:

- Textura;
- A transformação da halloysita hidratada em metahalloysita devido à secagem em estufas;
- A localização das amostras no perfil do solo (profundidade das amostras);
- O atrito dos pedregulhos lateríticos concrecionados durante a compactação e o grau de maturidade da laterização do solo.

No que diz respeito às condições ambientais, a estrutura do pavimento está sujeita às intempéries e sofre com a sua ação. A radiação solar e a precipitação atmosférica são elementos que podem interferir no desempenho do pavimento, uma vez que sua resistência é fortemente influenciada pelo teor de umidade do subleito (Medina, 1997). Villibor (1981), ao estudar a variação do teor de umidade em camadas de base constituídas de solo arenoso fino laterítico (solo arenoso com predominância da fração areia fina e que foi submetido,

durante sua formação, à laterização) no estado de São Paulo, concluiu que os teores de umidade da camada estavam compreendidos no intervalo de 55% a 110% da umidade ótima. Portanto, de um modo geral, a umidade de trabalho manteve-se abaixo da umidade ótima de laboratório, mesmo nas épocas de chuvas.

Em um trabalho realizado por Bernucci *et al.* (2000), foram estudados os efeitos da sucção e da temperatura na movimentação da água em pavimentos construídos com solos lateríticos. Os autores concluíram que os efeitos do clima tropical, associados às condições hidrológicas e de relevo do interior paulista, são capazes de provocar umidades de equilíbrio, de bases constituídas de solos, abaixo daquelas utilizadas na compactação do material.

CAPACIDADE DE SUPORTE

Segundo ISTED (1990), a capacidade de suporte dos solos lateríticos depende dos seguintes parâmetros naturais, além dos parâmetros de estado supracitados:

- O diâmetro máximo dos agregados;
- O material que passa na peneira de abertura 80 μm ;
- O material retido na peneira de diâmetro de 20 mm;
- A descontinuidade da curva granulométrica entre 80 μm e 2 mm;
- A argilosidade da fração fina;
- A fragilidade dos nódulos (evolução em função da compactação);
- A natureza mineralógica das partículas finas.

Estudos realizados sobre redes de rodovias africanas, citadas por ISTED & LCPC (1983), indicaram que os teores de água das camadas de rodovias *in situ* são inferiores a 6% (em Mali) e mesmo à 2% (na Nigéria). Portanto, o valor de CBR após quatro dias de embebição poderia conduzir a rejeição da quase totalidade dos materiais e teria como consequência tornar inviável a busca de soluções com Solos Lateríticos em harmonia com a excelente quantidade de materiais disponíveis nestas regiões.

Alcock (1950) demonstra que o CBR de um Solo Laterítico Pedregulhoso aumenta com a perda de água como diminui com a o fator embebição. ISTED & LCPC (1983) conclui que a introdução de um critério de capacidade de suporte em termos de CBR na classificação

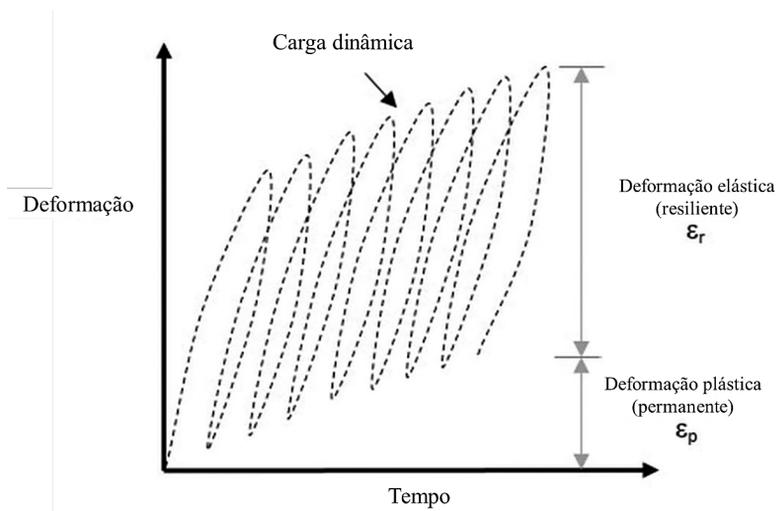
dos Solos Lateríticos Pedregulhosos constitui um progresso. Resta, entretanto, definir sua forma de operação ou de execução para adaptá-lo às condições climáticas próprias das regiões tropicais secas a fim de inserir em sistemas de classificação e formas de sua utilização.

Alguns pesquisadores ressaltam a inconsistência conceitual quanto ao período de embebição dos corpos de prova presente na metodologia do ensaio, especificamente para solos tropicais. A etapa de embebição retratada pela metodologia americana é similar à saturação das camadas no período de degelo das primaveras de países de clima frio e temperado. Tal condição não retrata a realidade de países de clima tropical, cujos valores de equilíbrio da umidade das camadas inferiores do pavimento ficam próximas aos valores ótimos (MEDINA; MOTTA, 2015).

COMPORTAMENTO À DEFORMAÇÃO RESILIENTE E PERMANENTE

A Figura 16 indica um comportamento típico elastoplástico dos solos sob cargas repetidas (dinâmicas). A deformação total é dividida em deformações permanentes e resilientes. A deformação permanente é uma das propriedades mecânicas mais comumente usadas no projeto de pavimentos estruturais. Geralmente é obtido a partir do ensaio triaxial de carga repetida (Medina & Preussler, 1980; Motta *et al.*, 1985; Medina *et al.*, 1986; Motta & Ceratti, 1986; Espinosa, 1987; Motta *et al.*, 1990; Martins, 1993; Medina & Motta, 2015; Alnedawi *et al.*, 2019).

Figura 16: Deformações resilientes e plásticas sob carga dinâmica



Fonte: Adaptado de Alnedawi *et al.* (2019)

Para Mecânica dos Pavimentos o Módulo de Resiliência (MR) é definido como a relação entre a carga cíclica aplicada e a deformação elástica ou recuperável do material. É um parâmetro que caracteriza o comportamento elástico dos materiais, como solos e britas, sob carregamento repetido, em laboratório, ou pelas ações das cargas dos veículos, repetidas sobre o pavimento. É uma propriedade importante utilizada nos métodos de dimensionamento mecanístico-empíricos de pavimentos asfálticos. O reflexo de tais deformações repetidas podem ser observadas nos revestimentos asfálticos que apresentam trincamento, muitas vezes prematuramente. A obtenção deste parâmetro é realizada a partir de ensaios triaxiais de carga repetida, que tem por finalidade reproduzir em laboratório as condições de carregamento das cargas de tráfego na estrutura do pavimento no campo. Tal relação para a maioria dos materiais de pavimentação é do tipo não linear, diferente de outros sólidos elásticos, havendo grande dependência das tensões aplicadas (Norback, 2018).

A deformação permanente, por sua vez, resulta do comportamento

plástico, ou seja, quando a camada do pavimento sofre ação da carga pelo tráfego de veículo, há uma parcela da deformação total que não volta ao seu estado original, acarretando no acúmulo de pequenas quantidades de deformação não recuperáveis ao longo da vida de serviço do pavimento. Este defeito estrutural, quando ocorre ao longo de um segmento longitudinal da faixa de tráfego nas trilhas de roda é denominado de afundamento de trilha de roda (ATR), sendo considerado um defeito estrutural grave se passar de certa profundidade. Com o acúmulo de água neste afundamento da trilha de roda ocorre a perda de capacidade de drenagem lateral do pavimento, e o acúmulo de água gera problemas de segurança para o usuário. Esse defeito pode ser atribuído ao revestimento somente, às camadas subjacentes, ao subleito ou ainda à combinação de contribuição de diversas camadas. Para aplicação prática em um método de dimensionamento é necessário obter modelos de desempenho em laboratório que permitam selecionar os materiais e prever a contribuição de cada um no ATR, de forma a definir espessuras adequadas sob este aspecto (Norback, 2018).

A partir das características do comportamento tensão-deformação dos materiais que compõem as camadas, bem como da frequência, intensidade de tráfego e condições ambientais regionais é que se pode prever o desempenho de pavimentos. Ao projetar uma estrutura de pavimento, deve-se atentar que com o aumento do tráfego, tanto em peso quanto em volume, tornam-se necessários uma maior durabilidade e um melhor desempenho do pavimento. A boa performance do pavimento é condicionada pelo surgimento e acúmulo de defeitos ao longo do tempo de exposição às intempéries e ao tráfego. Já a durabilidade, está relacionada à capacidade de acumular os defeitos desde a sua construção, o que leva a uma perda de serventia e da capacidade do suporte (Pascoal, 2020).

Ainda é largamente utilizado no país o método de dimensionamento do DNIT, que se baseia no ensaio do CBR. Porém, em vários países a tendência é o estabelecimento de métodos mecanísticos-empíricos, como é o caso do Método MeDiNa, atual método de dimensionamento do DNIT. O programa MeDiNa possui uma interface amigável e utiliza a rotina AEMC (Análise Elástica de Múltiplas

Camadas) para calcular as tensões e deformações de estruturas de pavimentos, considerando sistemas de rodas com eixo padrão rodoviário (8,2tf). Para execução do dimensionamento o programa solicita uma série de informações relacionadas à estrutura do pavimento (tipos de materiais, espessuras, módulos, coeficientes de Poisson), incluído os parâmetros dos modelos de comportamento resiliente e de deformação permanente dos materiais a serem utilizados, determinados por regressão dos resultados dos ensaios experimentais. Solicita ainda dados referente ao tráfego, tais como: tipo de via, Volume Médio Diário (VMD), taxa de crescimento, número N, período de projeto etc. (Sousa, 2021).

MÓDULO DE RESILIÊNCIA

O termo “resiliência”, no âmbito da mecânica dos sólidos, significa armazenamento de energia quando ocorre a deformação de um corpo. Nessa condição, quando interrompidas as tensões causadoras das deformações, tal energia é devolvida por meio de recuperação elástica. Já a “rigidez” expressa a capacidade de um corpo de resistir à uma deformação.

Esses conceitos passaram a ser incorporados nas análises do comportamento estrutural de pavimentos em meados do século XX, através dos estudos de deformabilidade liderados por Francis Hveem (MEDINA; MOTTA, 2015). A integração desses conceitos à pavimentação foi responsável pelo desenvolvimento da Mecânica dos Pavimentos, uma subárea que viabilizou as ferramentas teóricas para o entendimento racional das estruturas e diminuiu o caráter de empirismo das metodologias de análise.

O entendimento de que o trincamento progressivo do revestimento asfáltico se devia aos sucessivos ciclos de deformações resilientes (ou recuperáveis) das camadas inferiores, sobretudo do subleito, foi essencial para a formatação de metodologias que levassem em conta o fato dessa estrutura ser um sistema multicamadas, de interação complexa (Medina & Motta, 2015).

A forma de aplicação do carregamento no ensaio CBR pouco se assemelha ao que ocorre nas estruturas de pavimentos, visto que a aplicação do carregamento é feita de forma lenta e crescente,

provocando um estado de ruptura plástica caracterizada por grandes deslocamentos. No entanto, a estrutura de um pavimento está submetida a um regime de cargas repetidas, transientes, com diferentes intensidades e frequências e que, na maioria das vezes, provocam pequenos deslocamentos (Bernucci *et al.*, 2008).

Em laboratório, simular a complexidade do carregamento dinâmico, contemplando sua variabilidade ao longo do tempo e diversidade de intensidades e frequências, constitui difícil tarefa. Somam-se a isso as particularidades relacionadas ao meio físico, impossíveis de serem completamente consideradas em laboratório. Os ensaios de carga repetida, cuja intensidade do carregamento varia ao longo do tempo e sua aplicação ocorre em regime cíclico, constituem a melhor configuração para reprodução parcial da complexidade de condições que existem em campo (Medina & Motta, 2015).

Sob esse contexto, trabalhar com propriedades mecânicas que reatrem tal condição de carregamento e regime de deformações, constitui forma de análise mais racional. O entendimento da estrutura do pavimento como um sistema multicamadas, cada qual com suas propriedades elásticas, reagindo à aplicação de cargas repetidas e dinâmicas, ratifica a necessidade de utilização de metodologias de análise que considerem tais propriedades (Marangon, 2004). Nesse sentido, o parâmetro mecânico mais importante é o Módulo de Resiliência (MR), que pode ser obtido por meio de ensaios laboratoriais e procedimentos de campo. A Equação 1 define o Módulo de Resiliência:

$$MR = \frac{\sigma_d}{\epsilon_r} \quad (1)$$

Onde:

- MR é o módulo de resiliência;
- σ_d a tensão desvio;
- ϵ_r a deformação específica axial resiliente.

Logo, o módulo de resiliência pode ser descrito como uma grandeza que retrata a intensidade das deformações recuperáveis de um

material, diante da intensidade do carregamento aplicado. Valores elevados de módulo de resiliência, denotam pouca deformabilidade do material sob determinado estado de tensão induzido pelo carregamento, ou seja, retratam maior rigidez. Valores baixos indicam material com muita deformabilidade, característica indesejável à pavimentação. Além disso, a relação entre a tensão desvio e a deformação resiliente, para a maioria dos materiais de pavimentação, é do tipo não linear, diferente de outros sólidos elásticos, havendo grande dependência das tensões aplicadas (Marangon, 2004).

Bernucci (1997) destaca, com relação aos solos lateríticos, que a natureza mineralógica contribui favoravelmente no comportamento resiliente deste tipo de solo, pois os óxidos hidratados de ferro e de alumínio agem como agentes cimentantes, produzindo um efeito de maior resistência e estabilidade e, portanto, menor resiliência (maior módulo resiliente).

Ainda segundo Bernucci (1997), quanto ao estado, em solos lateríticos compactados observam-se importantes variações do módulo resiliente dependendo da umidade, da energia e do método de compactação. A deformação resiliente cresce sensivelmente nos solos compactados no ramo úmido em relação àqueles compactados no ramo seco, com o mesmo peso específico aparente seco. Ademais, os solos apresentam um aumento significativo do módulo de resiliência com o aumento da energia de compactação.

Guimarães (2009) aponta que solos lateríticos arenosos na condição de base do pavimento pode ter módulo resiliente variando entre 220 a 300MPa. Gomes *et al.* (2018), por sua vez, verificaram que solos argilosos lateríticos apresentam aproximadamente módulo resiliente na faixa entre 354 e 358MPa. Pascoal (2020) obtiveram valores de MR entre 162 e 213MPa para solos argilosos lateríticos compactados na energia Proctor Intermediário. Serra *et al.* (2020), para solos arenosos lateríticos compactados na energia Proctor modificada, encontraram valores de MR médio 411 e 532MPa. Por fim, Osten (2018) afirma que para emprego em camadas de pavimento, o solo arenoso fino laterítico apresenta tipicamente um valor de módulo de resiliência entre 100 a 500MPa.

Kumar & George (2018) se concentram em correlacionar o efeito

do tamanho do grão no módulo de resiliência (MR) medido usando ensaios triaxiais cíclicos para várias misturas de solos lateríticos. Eles observaram que os valores de MR diminuem com o aumento do teor de finos de 14 a 86% independente do teor de umidade de moldagem. Além disso, um aumento na proporção de partículas grossas ou de areia, seguido de uma conseqüente diminuição do teor de finos, promovem aumento dos valores de MR.

Para os solos lateríticos finos, o módulo de resiliência tende a decrescer com os valores de tensão desvio. Para os solos lateríticos grossos, por sua vez, o módulo de resiliência aumenta com a tensão de confinamento e varia relativamente pouco com a tensão desvio. Isso ocorre, pois os campos eletromagnéticos entre as partículas dos solos finos coesivos são vencidos por deformações cisalhantes, desse modo a tensão de desvio é mais significativa. Da mesma forma, com o aumento das deformações volumétricas, aumenta o atrito entre as partículas nos solos granulares, explicando o aumento de MR com a tensão confinante. Já nos solos lateríticos, a cimentação das partículas produzida pela laterização tem o efeito de reduzir a dependência de MR com estado de tensões. Ao mesmo tempo, o próprio valor do módulo tende a aumentar, juntamente com a resistência (DNIT, 2006; Oliveira, 2007; Kumar & George, 2018; Serra *et al.*, 2020). Em outras palavras, existe uma variação do módulo de resiliência com o estado de tensões.

Sabe-se que tensão de desvio é responsável pelas deformações angulares no material, enquanto a tensão de confinamento é responsável pelas deformações volumétricas no material. Por isso, o modelo composto (Equação 2) é de grande abrangência, pois nele são levadas em conta todas as tensões que causam deformações no corpo de prova (Viana, 2007; Fall *et al.*, 2007; Pascoal, 2020; Freitas *et al.*, 2020; Jose *et al.*, 2022).

$$MR = k_1 \cdot \sigma_3^{k_2} \cdot \sigma_d^{k_3} \quad (2)$$

Onde:

- MR é o módulo de resiliência em kPa;
- k_1, k_2, k_3 os parâmetros de regressão;

- σ_3 a tensão de confinamento em kPa; e
- σ_d a tensão desvio em kPa.

Conforme Trindade *et al.* (2013), os ensaios para determinação do módulo resiliente ainda são considerados especiais, exigindo equipamentos relativamente complexos e caros, o que torna a sua utilização restrita fora de instituições acadêmicas ou de pesquisa. Tal situação motivou o desenvolvimento de vários trabalhos com a finalidade de se obter correlações que permitissem a estimativa do módulo de resiliência a partir do CBR, já que o CBR é um ensaio simples, de baixo custo e realizado em minutos.

Heukelom & Foster (1960) propuseram uma correlação para a estimativa do módulo resiliente a partir do valor do índice CBR (Equação 3), com base em dezenas de dados experimentais contendo argilas e areias.

$$MR = K \times CBR \quad (3)$$

Na equação 3, o CBR é determinado a 0,1 polegada de penetração e o parâmetro K é igual, em média, a 110, podendo apresentar variação no intervalo compreendido entre 50 e 200. O módulo resiliente é expresso em kgf/cm². Entretanto, vários pesquisadores criticam as correlações entre o módulo de resiliência e o índice CBR, tais como Medina & Motta (2014), pois no ensaio CBR o solo é caracterizado de “modo grosseiro” quando submetido a deformações plásticas elevadas. Além disso, os dois tipos de ensaios extraem características dos solos totalmente distintas, já que o modo de ruptura do ensaio CBR não seria, considerando-se os aspectos físicos, comparável a um ensaio triaxial dinâmico em que o solo não é conduzido à ruptura.

DEFORMAÇÃO PERMANENTE

Para Lekarp & Dawson (1998) a deformação permanente é o acúmulo das pequenas deformas plásticas resultantes de cada solicitação. As diversas falhas em pavimentos são sentidas pela dimensão do prejuízo que causam. A mais comum delas é o abatimento ou

afundamento de parte do pavimento, nos locais de maior solicitação, chamadas ‘trilhas de roda’. As trilhas de roda são a manifestação aparente do fenômeno da deformação permanente, que pode ter origem no revestimento asfáltico, por fluência da mistura asfáltica; nas camadas de base, por cisalhamento do material granular ou densificação da camada; ou em situações de danos às partículas constituintes do revestimento ou base (Dawson *et al.*, 2004).

Lekarp & Dawson (1998) verificaram que os corpos de prova tendem a estabilizar a taxa de deformação permanente, levando ao comportamento esperado a baixos níveis de tensões – onde encontra-se um comportamento preponderantemente resiliente. Esse fenômeno é denominado *shakedown*.

De acordo com a teoria do *shakedown*, tem-se que um corpo de prova ou uma estrutura de pavimento estando na condição de *shakedown* mantém constante a deformação permanente acumulada quando submetido à ação de cargas repetidas, ou seja, se acomoda em relação à deformação permanente. A condição de acomodamento das deformações plásticas está diretamente associada ao surgimento de tensões residuais, mais precisamente a um campo auto equilibrado de tensões residuais que surge em materiais submetidos à ação de cargas repetidas, e que passa a interagir com o carregamento aplicado. As tensões residuais tendem a aumentar ao longo do tempo, diminuindo o efeito da carga aplicada em cada ciclo de carregamento, até que a tensão atuante no material não atinja a condição de escoamento plástico, e o material apresente apenas deformações elásticas (Guimarães, 2009).

Segundo a norma DNIT-IE 179 (2018), é possível distinguir vários tipos de comportamento dos materiais comparados entre si, ou mesmo, para cada material, os intervalos de comportamento quanto à resistência à ruptura plástica, em função dos níveis de tensão:

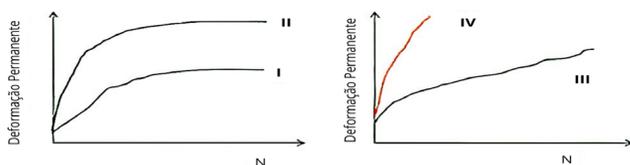
- Tipo I: Acomodamento plástico (ou *shakedown*) – tendência à estabilização da deformação permanente com o número de ciclos de carregamento, para poucos ciclos, para um determinado nível de tensão vertical e horizontal;
- Tipo II: Acomodamento plástico (ou *shakedown*) – tendência à estabilização da deformação permanente com o número de ciclos de

carregamento, porém com um valor alto de deslocamento permanente acumulado antes do acomodamento, para um determinado nível de tensões vertical e horizontal;

- Tipo III: O material não se acomoda, continuando a acumular deformação permanente com o aumento do número de ciclos;
- Tipo IV: Colapso incremental – O material apresenta ruptura a baixos números de repetições de ciclos de carga.

Na Figura 17 abaixo são apresentados os tipos de comportamento.

Figura 17: Modelos de comportamento à deformação permanente



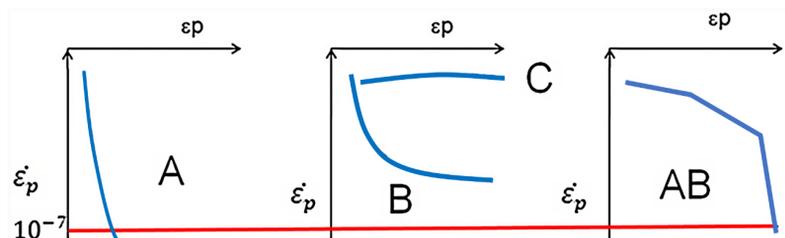
Fonte: Adaptada de DNIT-IE 179 (2018)

Para avaliação do acomodamento, a norma adota 10^{-7} metros por ciclo de carga como Limite de *Shakedown* e plota três tipos de comportamento esperados em gráficos de deformação permanente acumulada, em mm, versus taxa de deformação permanente por ciclo de carga, em mm, em escala logarítmica. Estes gráficos podem ser observados na Figura 18. Segundo Guimarães (2009), o comportamento combinado do tipo AB pode ser encontrado em solos lateríticos.

Em geral, o tipo A (*plastic shakedown*) representa baixas DP acumulada e baixa taxa de acréscimo de DP, e, conseqüentemente, o material neste estado de tensão não contribui muito para os afundamentos no pavimento. O tipo B (*plastic creep*) apresenta progressivo aumento de DP, ainda que apresente uma baixa, e quase constante, taxa de acréscimo. O tipo C (*incremental collapse*) representa a situação em que, para poucos ciclos de carga, o material apresenta

considerável diminuição da deformação elástica e aumento sucessivo da plástica a cada aplicação de carga, podendo resultar em ATR excessivos e na ruptura do pavimento. Por fim, o tipo AB representa o material atingindo o comportamento do tipo *plastic shakedown*, porém com maior magnitude inicial de acúmulo de DP (Lima *et al.*, 2021; Jose *et al.* 2022).

Figura 18: Modelos de comportamento a deformação permanente de solos: Análise do acomodamento (*shakedown*)



Fonte: Adaptado de DNIT-IE 179 (2018)

De acordo com Chen *et al.* (2019), para infraestruturas de sistemas de transporte, deve-se escolher materiais granulares que se comportem dentro do estágio A e, em casos específicos, que atinja o estágio B durante a via útil prevista do pavimento. A escolha de materiais no estágio C induz à incerteza do comportamento, ou mesmo ruptura da superestrutura por deformação plástica, levando à formação de sulcos e rachaduras na superfície do pavimento.

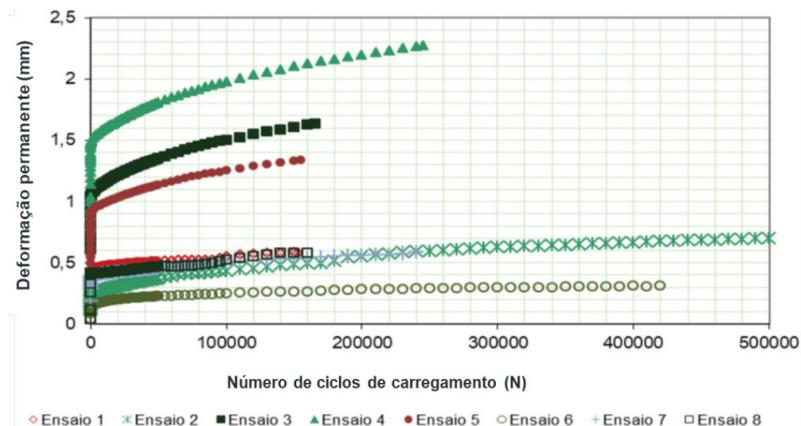
Embora tenham sido pouco os materiais estudados até o presente, parece que o comportamento laterítico é determinante para descrever o comportamento do material, porque os solos lateríticos apresentaram acomodamento da deformação permanente – tipo A – enquanto os não lateríticos apresentaram no caso de ensaios com os níveis mais altos de tensões comportamento tipo B (Guimarães, 2009).

Guimarães *et al.* (2018) verificaram que solo da classificação LA'

(Laterítico Arenoso) teve um bom desempenho em relação à deformação permanente. Segundo os autores, os três últimos ensaios apresentaram comportamento do tipo B, comportamento plástico, indicando que o material apresentaria um aumento contínuo na deformação permanente, embora a deformação total tenha sido baixa. Este solo foi utilizado como base do pavimento rodoviário para um baixo volume de tráfego de um trecho experimental de estrada construído em 2009, o qual está sendo monitorado e não havia nenhuma vala de rodagem significativa registrada a partir de 2017 (Figuras 19–20). O grupo de solos LG' (Laterítico Argiloso) pode variar em comportamento e pode apresentar uma deformação permanente baixa ou alta, dependendo do estado de tensão. O bom desempenho dos solos lateríticos em relação à deformação permanente também é citado por Lima *et al.* (2019).

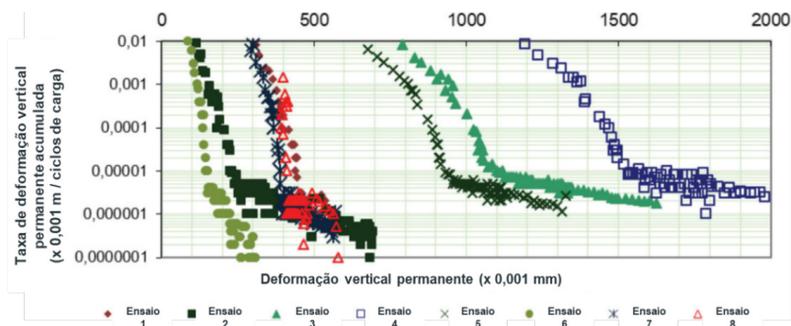
Segundo Guimarães (2009), evita-se grandes deformações permanentes ao empregar-se solos granulares e finos que se acomodam quando compactados e assim permaneçam quando solicitados. Ademais, ele conclui que para solos lateríticos finos ou pedregulhosos, ocorre um enrijecimento durante o ensaio de deformação permanente de longa duração. Tal enrijecimento pode ser estar associado a aspectos físico-químicos dos solos lateríticos e pode representar um benefício para o comportamento estrutural de pavimentos em fase de operação.

Figura 19: Variação na deformação permanente em função do número de ciclos de carga aplicados (N)



Fonte: Adaptado de Guimarães *et al.* (2018)

Figura 20: Investigação da ocorrência de *shakedown*



Fonte: Adaptado de Guimarães *et al.* (2018)

Zago *et al.* (2021), ao analisar três solos, sendo dois de comportamento laterítico, verificaram que após 10.000 ciclos, os corpos de prova tinham deformado em média 97% do valor final, tendendo a se tornar constante, ou apresentando variação mínima, após um certo

número de ciclos de aplicação de carga. Entretanto, é possível que o material não entre em *shakedown* até 10.000 ciclos, mas entre 10.000 e 100.000 ciclos. Isso ocorre porque até 10.000 ciclos o acúmulo de deformação permanente é devido à deformação da fração fina da laterita, e a partir daí, com o contato do cascalho, a fração grande evita maiores deformações (Guimarães, 2009).

Bona & Guimarães (2021) encontraram uma situação em que um solo laterítico apresentou valores de CBR inferiores ao mínimo aceitável para construir material de base de pavimentos, contudo quando analisaram os resultados dos ensaios fundamentais da mecânica dos pavimentos (módulo resiliente e deformação permanente) notaram que o material apresentou excelente comportamento. Diante disso, os autores concluíram que a laterita estudada pôde compor a camada de base do pavimento sem risco de desempenho insatisfatório, e, além disso, que o uso de estabilização granulométrica com brita graduada para aumentar o valor de CBR resultaria em um aumento de até 30% de brita no projeto, o que levaria a um aumento de o custo unitário do serviço básico de igual proporção.

Por fim, a resposta à deformação permanente é geralmente modelada em relação ao número de aplicações de carga e condições de tensão no âmbito da análise de *shakedown*. O modelo de Guimarães (2009) é relevante, pois considera as particularidades dos solos e materiais granulares que ocorrem em áreas tropicais, como o Brasil. Os modelos comumente adotados estão resumidos na Tabela 1.

Tabela 1: Modelos comumente utilizados de deformação permanente

Modelo de deformação permanente	Referência
$\varepsilon_p = a + b \cdot \log(N)$	Bennert <i>et al.</i>
$\varepsilon_p = a \cdot N^b$	Jitsangiam & Nikraz
$\varepsilon_p = a \cdot \left(\frac{\sigma_d}{P_a} \right)$	Ullditz
$\varepsilon_p = a \cdot \left(\frac{\sigma_d}{P_a} \right) \cdot (N)^c$	Puppala <i>et al.</i>
$\varepsilon_p = \psi_1 \cdot \left(\frac{\sigma_3}{P_a} \right)^{\psi_2} \cdot \left(\frac{\sigma_d}{P_a} \right)^{\psi_3} \cdot N^{\psi_4}$	Guimarães (2009)

Fonte: Adaptada de JOSE *et al.* (2022)

Na Tabela 1, a , b , c , ψ_1 , ψ_2 , ψ_3 e ψ_4 são coeficientes de regressão; N representa o número de ciclos de carga; P_a é a pressão atmosférica; σ_d é a tensão desviadora; σ_c é a tensão de confinamento e σ_{oct} são as tensões octaédricas normais [$\sigma_{oct} = (\sigma_d + 2\sigma_c) / 3$].

Segundo Zago *et al.* (2021), o modelo de Jitsangiam & Nikraz apresentou as piores correlações estatísticas (média de $R^2 = 0,50$), aumentando com a proposta de Bennert *et al.* ($R^2 = 0,72$), e culminando com os melhores resultados obtidos pelo modelo de Guimarães (2009), com R^2 médio de 0,91. Resultados semelhantes também foram obtidos por Gomes (2021), que estudou a deformação permanente de solos argilosos lateríticos. Os parâmetros foram calculados segundo a equação de Guimarães (2009), apresentando sempre uma boa correlação para as amostras de solos em estudo, possuindo um R^2 superior à 0,92 em todos os casos.

O modelo de Guimarães (2009), apresentado na Equação 4, é relevante, pois considera as particularidades dos solos e materiais finos e granulares que ocorrem em áreas tropicais. Tal modelo foi

desenvolvido para prever a contribuição de cada material para a deformação permanente total durante o dimensionamento mecanístico-empírico do pavimento, além de permitir verificar a tendência de ruptura ou acomodação das deformações.

$$\varepsilon_p (\%) = \psi_1 \cdot \left(\frac{\sigma_3}{P_0} \right)^{\psi_2} \left(\frac{\sigma_d}{P_0} \right)^{\psi_3} \cdot N^{\psi_4} \quad (4)$$

Onde:

- ε_p (%) é a deformação permanente específica (em porcentagem);
- ψ_1 , ψ_2 , ψ_3 e ψ_4 os parâmetros de regressão;
- σ_3 a tensão de confinamento em kPa;
- σ_d a tensão desvio em kPa;
- P_0 a tensão de referência, considerada com a pressão atmosférica de 100 kPa; e
- N o número de ciclos de carga.

CAPÍTULO 3 – MELHORAMENTO E ESTABILIZAÇÃO DOS SOLOS

INTRODUÇÃO

Os materiais empregados nas camadas de um pavimento devem possuir características adequadas para sua utilização. Na natureza, nem sempre os materiais e solos apresentam parâmetros suficientes para serem utilizados diretamente nas camadas de um pavimento.

Segundo Rodrigues *et al.* (2010), os solos utilizados na construção de rodovias devem possuir propriedades físicas e mecânicas conforme as normatizações. O engenheiro tem então a escolha entre duas soluções: primeiramente, substituir os materiais que não correspondem às exigências contidas nas normas por outros mais qualificados ou adaptados, e/ou, de outra forma, os modificar de maneira a lhe dar, por métodos adequados de estabilização granulométrica ou com auxílio de adição de Ligantes Hidráulicos (tratamentos), um comportamento mecânico compatível com as solicitações do tráfego para o qual a estrutura da rodovia foi projetada.

Para o autor, em geral, a estabilização granulométrica dos Solos Lateríticos Arenosos ou Finos tem por finalidade a diminuição das atividades da fração argilosa relacionada à plasticidade, as quais estão associadas às propriedades mecânicas de contração e de expansão ou de dilatação.

A estabilização dos solos por adição de ligantes hidráulicos (cal ou cimento) confere às misturas propriedades físicas e mecânicas particulares. Em função disto, se distinguem para o engenheiro de

rodovias, aquelas que tem uma incidência sobre a plasticidade, a granulometria, as variações volumétricas por absorção de água, a pressão de expansão, as características de compactação, as quais estão associadas à capacidade de suporte (resistência ao cisalhamento e as deformações plásticas e as elásticas), a dureza, a permeabilidade, a sucção e a adsorção. O grau no qual as modificações acontecem é dependente da natureza, do tipo de método (tempo e forma de cura, compactação da mistura, etc.) assim como da quantidade do ligante.

Com relação aos tratamentos, geralmente a cal é utilizada para estabilizar os Solos Lateríticos Finos ou Arenosos Siltosos e o cimento para estabilizar os Solos Lateríticos Pedregulhosos ou Arenosos. Uma combinação dos dois ligantes também é possível.

MÉTODOS E MATERIAIS PARA ESTABILIZAÇÃO

A estabilização do solo é uma técnica praticada há muito tempo na construção. Permite modificar as propriedades do sistema solo-água-ar e as torna permanentes e compatíveis com as aplicações desejadas na construção. Existem vários tipos de estabilização: estabilização mecânica, que consiste em compactar o solo para aumentar sua densidade, sua resistência mecânica e diminuir sua permeabilidade e sua porosidade; estabilização física, que consiste em modificar as propriedades do solo intervindo na sua textura, como no tratamento de granulometria, tratamentos térmicos (desidratação ou congelamento) ou elétricos (eletrose) que conduzem à drenagem do solo e conferem-lhe novas propriedades estruturais); e estabilização química, que consiste em adicionar ao solo outros materiais ou produtos químicos que modifiquem suas propriedades, seja por uma reação físico-química, seja pela criação de uma matriz que une ou reveste as partículas do solo. A reação físico-química pode envolver a formação de novas fases, como compostos pozolânicos (Billong *et al.*, 2009).

O uso de técnicas tradicionais em engenharia geotécnica geralmente enfrenta problemas devido a altos custos e/ou questões ambientais. Nas estradas, por exemplo, o uso de bases granulares tornou-se inviável quando o local do empréstimo está longe do local da construção. Outro exemplo é a construção de fundações em solos

com baixa capacidade de sustentação, onde os custos de uma solução profunda de fundação podem ser incompatíveis com os custos gerais de projetos de construção de baixo orçamento (Consoli *et al.*, 2007).

Desse modo, adições de outros materiais como forma de alterar algumas características dos solos e materiais de pavimentação, de modo a conferir-lhes as características necessárias, vem sendo estudadas e executadas. A cal hidratada e o cimento Portland têm sido considerados excelentes estabilizantes para o melhoramento de diferentes solos e têm sido amplamente utilizados nas últimas décadas (Portelinha *et al.*, 2012).

Estudos realizados por Quintans (2008) indicam que o efeito de retração dos Solos Lateríticos Arenosos pode ser minimizado por incremento de quantidade de areia ou de materiais arenosos até o limite de 30% do peso da mistura.

Villibor *et al.* (2009) considerou que o bom comportamento dos Solos Lateríticos pedregulhosos, arenosos e Finos, estabilizados granulometricamente, é devido a sua alta estabilidade e resistência durante sua vida útil, assim que as condições do meio ambiente tropical que fazem com que o teor de umidade das camadas das rodovias seja inferior ao teor de umidade de compactação. Segundo o autor, este comportamento está associado aos estudos geotécnicos dos materiais que precedem a execução das camadas e que devem se basear sobre os seguintes critérios:

- estudos da plasticidade da fração fina do solo;
- estudo da dureza da resistência da fração dos agregados retidos pela peneira de diâmetro 2 mm; e
- estudo da mistura estável em função dos parâmetros de granulometria, de expansão e da capacidade de suporte.

Villibor *et al.* (2009) considera que as misturas dos Solos Lateríticos para uma camada de base de uma rodovia de baixo custo pode ter uma granulometria contínua ou descontínua. No primeiro caso, a estrutura tem por objetivo garantir a estabilização da base compactada, com a formação de uma estrutura granular, que transmite as pressões provenientes das cargas que são exercidas sobre ela em direção a camada inferior. No segundo caso, a qualidade dos finos lateríticos exerce um papel importante na estabilização pela interação

de seus grãos de areia com os de argila laterítica de coesão elevada, na medida onde os grãos mais grossos, não têm, geralmente, contato entre eles, e são distribuídos na massa do Solo Laterítico. Isto cria uma estrutura diferente de bases estabilizadas granulometricamente.

O comportamento mecânico de um solo laterítico pode ser efetivamente melhorado pela adição de cal (Todingrara *et al.*, 2017; Muntohar & Khasanah, 2019; Tan *et al.*, 2020) ou cimento (Portelinha *et al.*, 2012; Biswal *et al.*, 2018a). A escolha do tipo de solo a ser utilizado na mistura não se refere diretamente a uma característica específica do solo, pois qualquer solo endurece satisfatoriamente quando misturado com cimento e devidamente compactado. A questão é determinar quais os solos economicamente empregáveis na execução do solo estabilizado, o que conduziria a duas restrições, uma vez que existem solos que necessitam de elevados teores de cimento, enquanto outros tornariam as operações de execução em grande escala bastante difíceis (Pessoa, 2004).

O cimento Portland vem sendo bastante utilizado como um estabilizante quando se requer melhorias na resistência dos solos. Quando água é misturada com cimento ocorrem reações de hidratação formando compostos cimentícios como o silicato de cálcio hidratado (C-S-H) e o aluminato de cálcio hidratado (C-A-H). Além disso, cerca de 31% em massa da mistura é liberada na forma de hidróxido de cálcio (CaOH) que pode reagir com materiais pozolânicos (Firoozi *et al.*, 2017).

Esses compostos unem as partículas do solo conferindo uma melhoria de sua resistência, compressibilidade e durabilidade. A qualidade e grau de melhoria vão depender de uma série de fatores tais como quantidade de cimento, qualidade de mistura, grau de compactação, umidade e condições de cura. Outros fatores como tensão de confinamento, peso específico e a forma e distribuição granulométrica do solo também são fundamentais. Quanto ao teor de cimento, a relação é direta haja vista que é esse material que proporciona o ganho de resistência (Clough *et al.*, 1981).

A utilização de cimento Portland no melhoramento das propriedades do solo, por sua vez, é uma alternativa utilizada na Geotecnia e que vem evoluindo com grandes resultados tanto no âmbito nacional

quanto internacional. A aplicação da técnica de tratamento de solos com cimento vem sendo empregada com sucesso para proteção de taludes em barragens de terra e canais, na contenção de plumas de contaminação, na construção de bases para pavimentos, ou ainda no encapsulamento de solos contaminados (Venson, 2015).

Solo-cimento é uma técnica de construção de estradas ecologicamente correta para materiais de base e sub-base, que permite o aproveitamento de solos colocados na faixa de domínio da estrada ou no entorno, melhorando suas propriedades de engenharia. Com esta técnica, é possível reduzir a sobre-exploração de pedreiras, a necessidade de aterros e a emissão de gases poluentes devido à redução da fabricação e transporte de agregados. A fabricação do solo-cimento geralmente é controlada por meio do teste de Resistência à Compressão Uniaxial (RCS) de sete dias, de acordo com as regulamentações de cada país (Linares-Unamunzaga, *et al.*, 2019).

Dando enfoque ao emprego em pavimentação, a adição de cimento ao solo é uma forma de melhorar as qualidades plásticas do mesmo e às vezes, seu encaixe na curva granulométrica especificada. É de conhecimento geral, que a adição de cimento ao solo melhora sua resistência, mas nem sempre é realizada uma verificação adequada em relação a este ganho (Macêdo, 2004).

A adição de cimento ao solo altera as propriedades do solo porque o cimento se liga às partículas do solo e endurece nos poros. As mudanças dependem de vários fatores, como propriedades do solo, tipo e quantidade de cimento, compactação da mistura, tempo e condições de pega, etc. (Gajewska *et al.*, 2017).

Já a estabilização de solo com cal é conhecida por reduzir o potencial de expansão, limite de liquidez, índice de plasticidade e máxima densidade seca do solo e aumentar o teor de umidade ótima e resistência (PEI *et al.*, 2015). Também melhora a trabalhabilidade e compactação de solos do subleito.

Com a mistura da cal ao solo ocorrem reações físicos-químicas de pequeno e longo prazo. Inicialmente os íons de Ca^{++} dissolvidos na solução são adsorvidos pelas partículas de argila em um processo de troca catiônica que reduz as cargas negativas e consequentemente a atração da água. A redução no teor de água permite um contato

mais efetivo entre as partículas causando sua floculação e tornando o solo mais friável e granular (Nicholson, 2014).

Quando adequadas quantidades de água e cal são adicionadas ao solo, o pH rapidamente aumenta para em torno de 10,5 permitindo a quebra das partículas de argila e liberação da sílica e alumina. À longo prazo esses compostos reagem com os íons cálcio da cal para formar produtos cimentícios semelhantes aos formados na hidratação do cimento Portland, em especial CSH e CAH. Isso dá origem a uma matriz que contribui para a resistência da mistura transformando o solo em um material endurecido, durável e com significativa redução de permeabilidade. Além disso, a cal presente também pode reagir com o dióxido de carbono do ar para formar carbonato de cálcio (Firoozi *et al.*, 2017).

As areias, por exemplo, geralmente apresentam boa capacidade de suporte estática. Entretanto, às vezes se faz necessária a realização de melhoramento do solo, aumentando a resistência e rigidez, para emprego em situações como, por exemplo, quando se trabalha com cargas de tráfego intenso, com um número considerável de ciclos (Fonseca *et al.*, 2013).

Quando se adiciona cal a um solo argiloso suas propriedades físicas são alteradas, apresentando, em geral, melhora na plasticidade, trabalhabilidade, e nas características de resistência, tensão-deformação e fadiga. Essas alterações dependem de diversos fatores, entre eles: tipo de solo, tipo e teor de cal, energia de compactação, período e condições de cura (Lovato, 2004).

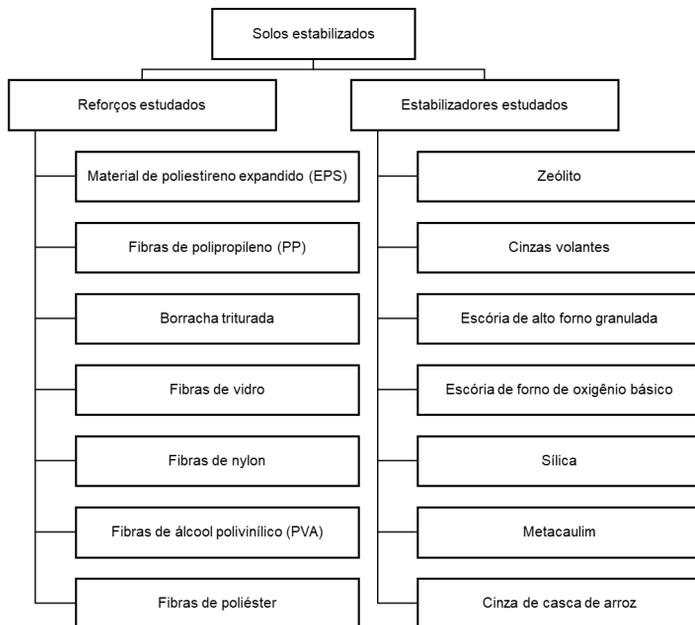
O solo quando adicionado da cal inicia algumas reações imediatas e outras que se desenvolvem em longo prazo, o que implica que a mistura apresente modificações nas suas características físicas e propriedades mecânicas. A plasticidade é uma das características do solo que sofre alteração em curto prazo, apresentando uma redução do valor do índice de plasticidade e, como consequência tem-se uma melhora da trabalhabilidade do solo. Além disso, o aumento da umidade ótima e a redução da massa específica seca máxima do solo-cal são mudanças típicas desse processo de estabilização. A alteração dessas duas propriedades é resultado da floculação do solo quando a cal é adicionada, portanto, a quantidade e a dimensão dos vazios

aumentam (Silva, 2016).

Segundo Lovato (2004), misturas de solo laterítico finos com cal apresentaram comportamento aceitável para utilização em camadas de base e/ou sub-base de pavimentos. Entretanto, a queda de resistência com o tempo de cura, constatada nos ensaios laboratoriais, deixa claro que a execução de camadas de solo-cal demanda o emprego de técnicas construtivas adequadas, incluindo o cuidadoso controle da mistura, realizada preferencialmente em usina, a fim de garantir a ocorrência das reações pozolânicas, e evitar a formação de compostos prejudiciais à resistência e durabilidade.

Além do cimento e da cal, a busca por novos materiais para serem empregados ou misturados vem sendo bastante pesquisada (Figura 21), como, por exemplo, a zeólita (Molaabasi & Shooshpasha, 2016; Molaabasi *et al.*, 2019), vidro (Xiao *et al.*, 2019), fibras (Consoli *et al.*, 2010, 2011, 2013; Park, 2011; Festugato *et al.*, 2013; Jamsawang *et al.*, 2015) e cinza volante (Duan & Zhang, 2019).

Figura 21: Reforços e estabilizadores em solos cimentados



Fonte: Adaptado de KHAJEH *et al.* (2019)

RESÍDUO DE POLIMENTO DE PORCELANATO

Durante a fabricação das peças cerâmicas ou porcelanatos polidos, há a etapa de polimento das peças, responsável por melhorar o acabamento do produto. Durante esse processo, que ocorre na presença de água, o resíduo gerado resultante do desprendimento de partículas da cerâmica e do material abrasivo é descartado, o qual é denominado de resíduo do polimento de porcelanato (RPP) (Sousa *et al.*, 2022).

Esse resíduo, geralmente é descartado em aterros e necessita de grandes áreas para armazenamento nas indústrias tornando-se uma fonte de contaminação do solo e lençol freático, ou ainda ser carreado pelos ventos afetando a vegetação local (Breitenbach, 2013).

A composição do RPP é constituída de elementos presentes no material cerâmico e no abrasivo utilizado. A massa porcelânica é fabricada pela mistura de argilas, feldspatos, quartzo e caulins. As argilas conferem plasticidade a massa permitindo a conformação das peças na prensa. Os feldspatos atuam como fundentes auxiliando na densificação da massa e o quartzo é usado como material de preenchimento reduzindo o custo das peças e proporcionando estabilidade na conformação por redução da contração na secagem. Por fim, os caulins vitrificam durante a queima e contribuem para o ganho de resistência das peças além de conferir o tom mais branco do produto final (Kayaci, 2021).

O material abrasivo utilizado é constituído por elementos de carvão de silício unidos por meio de uma matriz cimentícia à base de cloreto magnésiano, no intuito de aumentar a eficácia do processo de abrasão com pequeno despendimento de partículas (Breitenbach, 2013).

Com isso, a análise química do RPP resulta em grandes quantidades de sílica e alumina, podendo ainda apresentar teores de magnésio e outros óxidos fundentes existentes nas peças de porcelanato (Medeiros *et al.*, 2021).

Análises específicas a exemplo da condutividade elétrica e consumo de hidróxido de cálcio (MEDEIROS *et al.*, 2021) ou ainda a análise de materiais cimentícios com incorporação de RPP por meio de ensaios de resistência mecânica ou termogravimetria (Jacoby & Pelisser, 2015; Matos *et al.*, 2018b) confirmaram a atividade pozolânica desse material.

O RPP com produção de 74 mil toneladas por ano no Brasil (Matos *et al.*, 2018b), é um produto do desgaste de peças de porcelanato com materiais abrasivos, possuindo elevada atividade pozolânica (Jacoby & Pelisser, 2015; Matos *et al.*, 2018a) e já foi utilizado na produção de cimentos, concretos e argamassas (LI *et al.*, 2021; Medeiros *et al.*, 2021), proporcionando ganhos nas propriedades mecânicas e de durabilidade desses compósitos. Sua composição majoritária de óxido de silício e alumínio, em estado amorfo contribui significativamente para melhoria das propriedades mecânicas dos solos, desse modo, viabilizam sua incorporação como material suplementar para

estabilização dos solos em misturas pozolânicas.

As características do RPP também impulsionaram o desenvolvimento de estudos voltados à sua utilização como um material suplementar. Entretanto, enquanto diversos trabalhos já avaliaram o uso desse material na produção de cerâmicas (Liang *et al.*, 2021; Sousa *et al.*, 2022; Wang *et al.*, 2021a), cimentos (Andreola *et al.*, 2010; Jacoby & Pelisser, 2015; Matos *et al.*, 2020), argamassas (Jacoby & Pelisser, 2015; Li *et al.*, 2020b, 2020a, 2021; Sánchez de Rojas *et al.*, 2018) e concretos (Matos *et al.*, 2018a, 2018b; MEDEIROS *et al.*, 2021), ainda não foram encontradas pesquisas que avaliassem seu uso em processos de melhoria de solos, apenas na composição de camadas compactadas como um material inerte (Araújo, 2016; Silva, 2016).

RESÍDUO DE QUARTZITO

O estado da Paraíba possui grandes reservas de quartzitos, os quais são constituídos por quartzo com micas de 75% de sílica (SiO₂). Nos últimos anos, ocorreu um aumento considerável na escala de produção desse produto devido ao aumento do consumo, tanto das placas de quartzito, com inserção em novos mercados, quanto de novos produtos, como por exemplo, os mosaicos que são gerados por novas técnicas de beneficiamento e tiveram grande aceitação no mercado. No entanto, essa produção promoveu a geração de um elevado volume de resíduos com composição minerológica rica em sílica, pequenas porções de alumínio, ferro e cálcio, desse modo, sua composição permite que seja utilizado como um material alternativo na estabilização de solos, uma vez que irá contribuir para o ganho de resistência, minimização dos impactos ambientais originários do seu descarte e ainda a redução de custos frente ao processo de estabilização de solos.

Os maiores depósitos de quartzito do Brasil estão localizados nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Goiás e Rio Grande do Sul (ABIROCAS, 2021). Portanto, 4 das 5 macrorregiões brasileiras são afetadas pela extração e corte de quartzito, o que evidencia um potencial favorável ao reaproveitamento desses resíduos também em termos de logística de transporte (Martins *et al.*, 2023).

Segundo Mendonça (2023), a utilização de resíduos de quartzito

(RQ) como agregado de pavimentação ainda é um assunto pouco explorado nas pesquisas e práticas brasileiras, de acordo com a busca por trabalhos nos bancos de dados científicos. Os resíduos de quartzito geralmente são usados como agregado fino ou graúdo em compósitos à base de cimento. Esses rejeitos foram estudados como agregado miúdo em concreto, fibrocimento (Pereira *et al.*, 2020) e argamassas (Russo, 2011; Dias, 2017; Santos, 2015; Duarte & Santos, 2019; Lima, 2020; Mendes *et al.*, 2020; Barreto *et al.*, 2021). Portanto, as características físicas, químicas, mineralógicas e microestruturais dos rejeitos de quartzito indicam que este resíduo apresenta alto potencial de empregabilidade na construção civil, principalmente quando estabilizado em compósitos à base de cimento (MARTINS *et al.*, 2023).

Alecrim (2009) e Garb *et al.* (2012) verificaram que, com base nos estudos laboratoriais e verificações mecânicas, os resíduos de quartzito britados e misturados ao solo podem ser usados em bases e sub-bases de estruturas de pavimentos. Para algumas aplicações rodoviárias, esses agregados não poderiam ser aceitos devido à forma, porém a alteração no processo de britagem pode melhorar essa característica melhorando a forma das partículas. Outra maneira de empregar os agregados seria utilizá-los em misturas solo-resíduo, em que a forma do agregado não é uma limitação (Alecrim, 2009).

Os resultados dos ensaios de abrasão Los Angeles, impacto no aparelho Treton e Índice de degradação Proctor indicaram que o material pode ser usado como base em pavimentação (Russo, 2011). Segundo Mendonça (2023), as misturas granulares com os resíduos de quartzito apresentaram valores de CBR acima de 130%, tanto na energia intermediária quanto modificada. Além disso, segundo o autor, o resultado do módulo de resiliência médio foi compatível com as referências bibliográficas para módulo de resiliência de brita graduada simples.

Diante do contexto, observa-se que o resíduo de quartzito tem elevado potencial para utilização como elemento suplementar para estabilização de solos, o que configura como um novo material a ser utilizado para essa finalidade, além de agregar valor a um resíduo indesejável, dar uma destinação ambientalmente correta e minimizar

os impactos ambientais da sua disposição no solo.

ESTABILIZAÇÃO COM POLÍMEROS

Em obras de pavimentação, o solo está presente desde o subleito, na sub-base, e pode fazer parte, ainda, em diversas situações, do revestimento primário e da base (Soliz, 2007). Deste modo, a estabilização consiste em utilizar-se de técnicas para fazer com que o solo adquira a capacidade de suportar esforços e carregamentos induzidos pelo tráfego aplicado sobre o pavimento, bem como, torna-lo resistente aos desgastes que ocorrem naturalmente nas condições mais adversas, o que se traduz em durabilidade.

Em obras geotécnicas, as técnicas que fazem uso de polímeros visam otimizar e melhorar parâmetros de resistência de diferentes tipos de solo. Há, também a possibilidade de aplicação de polímeros em áreas como: aterros de solo mole, fundações superficiais, estabilidade de taludes (Barreto *et al.*, 2018), contenção de fluidos durante escavação de fundações profundas e em obras subterrâneas (Lam & Jefferis, 2018), pavimentação, estabilização granulométrica com borracha e asfaltos modificados – asfaltoborrachas e com adição de polímeros (Forde, 2009) –, geossintéticos e suas inúmeras aplicações (Palmeira, 2018).

Entre os aditivos estabilizantes que podem ser utilizados em solos, os polímeros possuem um potencial de uso relevante. Normalmente são empregados, para fins de estabilização de solos, os copolímeros acrílicos ou acetatos de vinila. Esses aditivos atuam envolvendo as partículas de solo, impermeabilizando os grãos após a evaporação da água, formando ligações “físicas” entre elas (Tingle *et al.*, 2007).

A estabilização polimérica pode ser empregada em solos de diversas granulometrias, sendo eficaz tanto na estabilização de solos granulares como de solos finos (Marques, 2015). Quanto as características otimizadas após os processos de estabilização, destacam-se o aumento da durabilidade e redução da expansão da camada de base

Segundo Soliz (2007), a estabilização estabelecida com o uso de polímeros está baseada, na maioria das vezes, na eficiência do aditivo em repelir a água, bem como dotar o solo da parcela coesiva, a partir de polimerização, que pode ser compreendida como uma forma de

cimentação, onde o polímero atua no sentido de flocular a estrutura dos solos, aumentando a sua resistência ao cisalhamento.

De acordo com Khatami e O’Kelly (2012), o processo de reticulação, conecta cadeias poliméricas por meio de reações químicas, sendo elas ligações iônicas/eletrostáticas ou covalentes; ligação de hidrogênio (polar de forte atração) e forças de Van Der Waals (absorção física), originando uma rede abrangente no solo matriz. Essas reações fortalecem toda a estrutura polimérica, melhora a resistência mecânica e reduz a permeabilidade.

Diversos estudos têm sido desenvolvidos (Al-Khanbashi & El-Gamal, 2003; Hernández *et al.*, 2005; Zandieh & Yasrobi, 2010; Khatami & O’Kelly, 2013; Garcia *et al.*, 2015; Barreto *et al.*, 2018; Okonta, 2019), com a finalidade de utilizar polímeros para fins de estabilização de solos, objetivando melhorar as propriedades mecânicas. No entanto, estudos voltados a investigação da flexibilidade do solo com a adição de polímeros são inexistentes na literatura e se faz necessário o desenvolvimento de estudos que contemplem essa avaliação.

INFLUÊNCIA DA ESTABILIZAÇÃO

Solos lateríticos são normalmente usados como material de base e sub-base granular em seu estado não tratado, sujeito ao cumprimento das especificações estabelecidas pelos órgãos regulamentadores. No entanto, em muitos casos esses solos não atendem às especificações em termos de limite de liquidez, índice de plasticidade e outros parâmetros de resistência e durabilidade e precisam ser tratados com ligantes adequados para uso em camadas estruturais do pavimento (Biswal *et al.*, 2018b).

Especialmente os solos lateríticos de granulação fina são considerados materiais problemáticos, tanto no que concerne a trabalhabilidade quanto ao comportamento. Isto ocorre devido as suas características de expansão, contração e plasticidade, que se apresentam frequentemente elevadas, além de sua grande sensibilidade às variações de umidade (Pessoa, 2004).

Um exemplo de problema é a deterioração não por causa de um problema de projeto estrutural, mas por causa da interação solo-atmosfera. Essa interação gera fissuras longitudinais no aterro, devido

ao inchamento do solo em períodos de chuvas intensas, e fissuras transversais em seções ligeiramente acima do nível natural do solo onde apenas aterros estavam presentes. Essas últimas são geradas por tensão de contração (Figura 22), relacionada à resistência à tração dos materiais, em períodos de seca (Carvalho *et al.*, 2015).

Figura 22: Estrada nacional na Bacia do Petróleo de Urucu no estado do Amazonas, Brasil



Fonte: Adaptado de Carvalho *et al.* (2015)

Esse tipo de problema pode ser resolvido pela incorporação, conforme indicado nos resultados apresentados por Sales (2011), de fibras naturais. Cunha (1992), por sua vez, observa que um acréscimo no teor de cimento tende a reduzir a contração devido à intergranular coesão produzida pela hidratação do cimento. Entretanto, altas concentrações de cimento tendem a produzir fendas de contração na mistura solo-cimento e, algumas vezes, são suficientes para comprometer a resistência. George (1968) verificou que para teores de cimento abaixo de 3%, a retração volumétrica diminui e, a partir deste teor, a retração volumétrica aumenta com o acréscimo do teor de

cimento. Isso também foi observado por Bezerra (1976), que verifica uma redução na contração total quando se coloca cerca de 3 a 5% de cimento.

É comum a presença de fissuras e/ou trincas que se formam inicialmente em bases do tipo solo-cimento, devido à retração térmica ocasionada pela hidratação do cimento (cura) bem como pela consequente contração causada através da perda de umidade. O espaçamento e a abertura dessas trincas dependem da quantidade de cimento e, principalmente, das características do solo. Quando são utilizados solos mais coesivos e argilosos, a base de solo-cimento sofre trincamento mais severo que acabam refletindo na camada de rolamento (Sanbonsuge, 2013).

A retração, associada ao processo de hidratação do cimento, é refletida na forma de fissuras ou, nos casos mais severos, sob a forma de trincas (Sanbonsuge, 2013). Balbo (2007) verifica que o alto consumo em misturas de solo-cimento potencializa o aparecimento de fissuras por retração, que aparecem durante o período de cura e pode ser ainda mais relevante quando são misturados com solos argilosos. Pitta (1985) concluíram que a retração nos solos argilosos tratados com cimento é muito mais lenta quando comparadas aos solos granulares, ou seja, estes atingem a estabilidade volumétrica logo nas primeiras idades, aqueles seguem retraindo-se por mais tempo. Ademais, foi verificado que quanto maior a concentração da fração argilosa (<0,002 mm), maior será sua tendência de retração. O tipo de argila também apresentou influência, onde a montmorilonita contribuiu mais para a retração que outras argilas. A quantidade de água no momento da compactação se mostrou como um dos principais fatores na retração do solo-cimento, sendo indicada uma compactação com teor de umidade ligeiramente inferior a umidade ótima para minimizar este fenômeno. Por fim, foi verificado que períodos extensos de cura não aumentam de forma significativa a retração total.

Sanbonsuge (2013) expõe que, comparando misturas de solo-cimento com solo puro, este último apresenta a metade do potencial de contração. O resultado pode ser explicado pela alteração granulométrica e aumento da superfície específica da amostra com a adição do

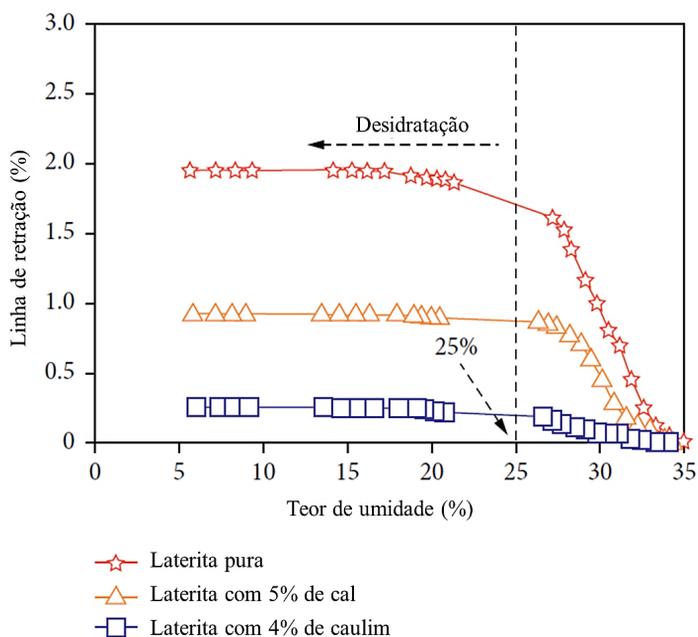
cimento. Esse incremento propicia o desenvolvimento de um maior número de meniscos capilares no interior do solo com pequenos diâmetros. O menisco possui um limite de pressão negativa, a partir da qual a tensão superficial é vencida e a água evapora. Quanto menor o tamanho das partículas, menores são os capilares formados e maiores são as forças desenvolvidas. Desta observação, conclui-se que os solos plásticos possuem um grande potencial de sofrerem contração, comportamento contrário ao de solos com predominância arenosa, onde o tamanho dos meniscos é maior, resultando menores forças de atração.

De acordo com Bernucci *et al.* (2010), para que o solo seja estabilizado com cimento de forma econômica o mesmo deve conter porção de areia, pois caso tenha um teor muito elevado de argila pode exigir um aumento considerável de cimento, apresentar elevada retração e, ainda, tornar o processo mais caro. As misturas de solo-cimento podem acontecer de duas formas distintas: (i) no caso de se objetivar um enrijecimento significativo do solo, empregam-se percentuais em massa em geral acima de 5% e (ii) no caso da melhoria parcial das propriedades, principalmente trabalhabilidade conjugada com certo aumento da capacidade de suporte, empregam-se percentuais mais baixos, da ordem de 3%, caso do solo melhorado com cimento.

Isso também foi observado por Joel & Agbede (2011), que notaram que o uso de areia em adição ao cimento resulta na estabilização econômica de um solo laterítico mal graduado para torná-lo adequado para a camada de base. Uma mistura de 45% de areia e 6% de cimento com solo laterítico resulta em um aumento de resistência à compressão simples (RCS) de 7 dias em 270%.

Tan *et al.* (2020) investigaram os efeitos do caulim e da cal nas características de retração de um solo laterítico. Amostras de solo tratadas com 5% em peso de cal ou 4% em peso de caulim foram preparadas. Como principais resultados, foi observado que a cal reduz a retração da laterita (Figura 23) e aumenta a resistência geral.

Figura 23: Curvas de contração de laterita tratada e não tratada



Fonte: Adaptado de Tan *et al.* (2020)

Além da retração, Mengue *et al.* (2017) verificaram que a adição de 3 a 9% de cimento foi suficiente para obter um desempenho mecânico aceitável do solo laterítico estabilizado, podendo ser utilizado como sub-base e base em pavimentos. A melhoria na capacidade de suporte da laterita tratada é, em primeiro lugar, resultado do enrijecimento da laterita por hidratação do cimento e, em segundo lugar, do desenvolvimento contínuo de C-S-H, que são conhecidos por serem compostos do tipo cimento.

Portelinha *et al.* (2012) indicaram que a adição de 2% e 3% de cal ou cimento foi suficiente para alterar a trabalhabilidade e resistência mecânica do solo. Ademais, observaram, através de análises mecânicas, que a modificação do solo pode ser aplicada ao projeto de base de pavimentos flexíveis produzindo baixos níveis de deformação

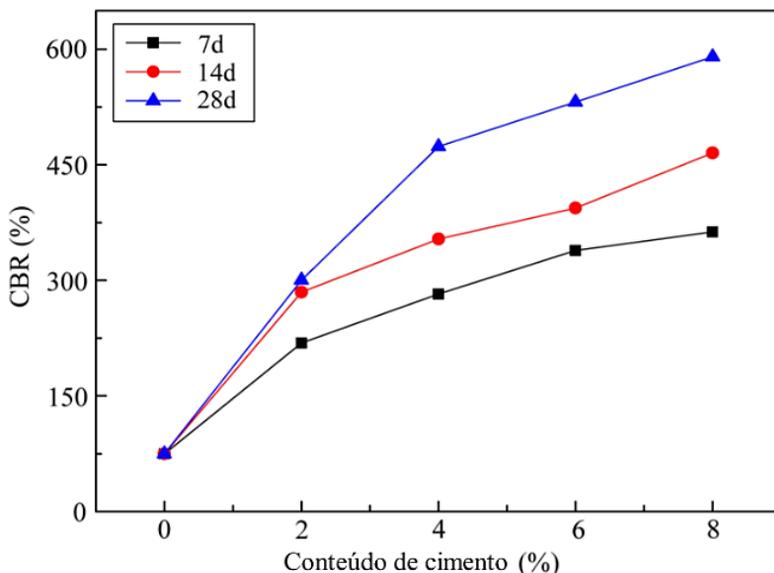
elástica e tensões. Por fim, verificaram que a configuração mais eficiente (econômica e mecanicamente) de pavimentos sugerida neste estudo foi a melhoria de subleito ou base de solo modificada.

Embora a resistência à compressão simples seja o principal parâmetro para avaliar a adequação de materiais estabilizados, outros parâmetros, como resistência à flexão e resistência à tração indireta também são igualmente importantes para avaliar o desempenho de materiais estabilizados. A resistência à compressão, à tração e à flexão aumentam com o teor de cimento ou cal e com o tempo de cura (Lovato, 2004; Mengue *et al.*, 2017; Biswal *et al.*, 2018b; Biswal *et al.*, 2018c; Tan *et al.*, 2020).

Cunha (1992) analisa resultados dos ensaios de ISC (CBR) e revela que os solos lateríticos, utilizados como material de base, estabilizam com 3% a 4% de cimento. Mengue *et al.* (2017), por sua vez, verificaram que para adições de cimento maiores ou iguais a 6%, os valores de CBR podem subir de 15% a 27% para valores maiores que 160%, principalmente quando compactados no teor de umidade ótima e no ramo seco.

Na Figura 24 abaixo, Qian *et al.* (2015) apresentam as variações no CBR de um solo laterítico pedregulhoso com adição de cimento e diferentes tempos de cura. A baixa resistência no período inicial (sete dias) deve-se à ineficácia das reações do cimento resultantes da baixa quantidade de grãos finos devido às propriedades do mineral argiloso. Por outro lado, a maior resistência, relevante para os corpos de prova curados por períodos mais longos (14 ou 28 dias), pode ser atribuída ao desenvolvimento contínuo da tobermorita, que é conhecida como composto cimentício.

Figura 24: Efeito das adições de cimento e do tempo de cura no CBR do solo laterítico pedregulhoso



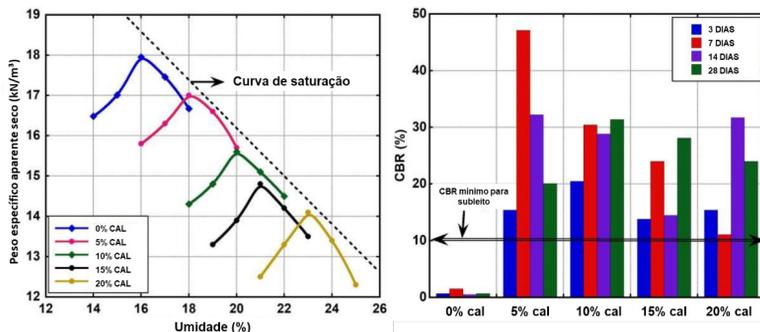
Fonte: Adaptado de Qian *et al.* (2015)

Barbosa *et al.* (2018) utilizaram sete teores de cal (1%, 2%, 3%, 4%, 5%, 6% e 7%) e dois tipos diferentes de cal viva (CHI e CHIII). Os resultados obtidos indicaram que houve pouca variação no teor de umidade ótima e na densidade seca máxima. Para os valores de CBR, houve aumento gradativo de acordo com a porcentagem de teor de cal, bem como redução na expansão.

Resultados semelhantes também foram obtidos por Okeke *et al.* (2020) através de estudos com solos lateríticos localizados no sudoeste da Nigéria (Figura 25). Contudo, os autores observaram que o maior valor de CBR foi obtido a partir da mistura contendo 5% após um período de cura de sete dias. Um aumento adicional na quantidade de cal resultou em uma diminuição no CBR. As análises físico-químicas indicaram uma diminuição significativa nas concentrações de condutividade elétrica, cálcio e potássio do fluido dos poros das misturas solo-cal. Os resultados sugerem que o potencial

de perda de resistência foi maior nas misturas estabilizadas abaixo de seus teores ótimos de cal do que naquelas estabilizadas acima de seus teores ótimos de cal.

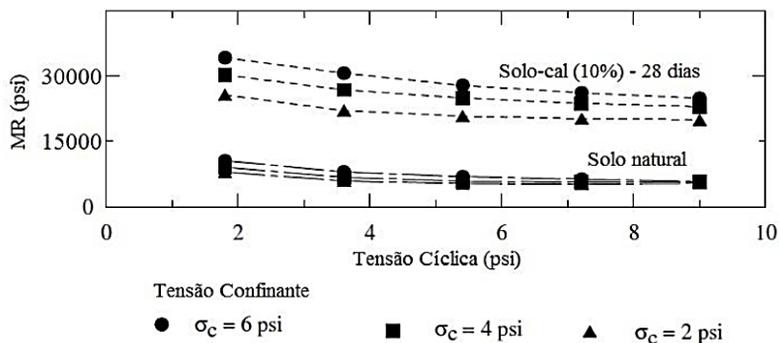
Figura 25: Curvas de compactação e variação do CBR em diferentes proporções de mistura e períodos de cura



Fonte: Adaptado de Okeke *et al.* (2020)

Mohammad & Saadeh (2008), trabalhando com um solo estabilizado com 10% de cal, expõem que o aumento no MR foi de 225 a 325% em relação ao solo não estabilizado (Figura 26). Pode-se observar, adicionalmente, a influência da tensão confinante na mistura solo-cal. Sob a mesma tensão cíclica, as misturas apresentam um crescimento no valor do MR conforme a tensão confinante aumenta. Tal crescimento é observado no solo natural, no entanto com menor variação e significância (Silva, 2016). Segundo Svenson (1981), esse fato pode ser atribuído, em parte, às mudanças de textura ocorridas na mistura devido às reações imediatas da cal com o solo, levando a mistura a apresentar um comportamento semelhante a solos granulares.

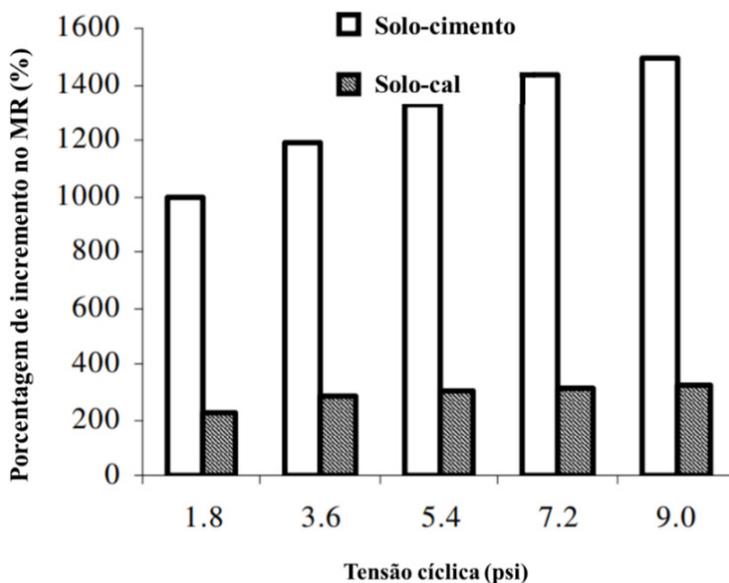
Figura 26: Comparação entre o módulo de resiliência do solo natural e estabilizado com cal



Fonte: Adaptado de Mohammad & Saade (2008)

Para solos estabilizados com cimento, segundo Mohammad & Saadeh (2008), o aumento percentual no módulo de resiliência do solo tratado com cimento em relação ao módulo de resiliência do solo de subleito não tratado variou de 1000% a 1500% (Figura 27). Portanto, o desempenho dos solos tratados com cimento é melhor do que o dos solos tratados com cal e não tratados. No entanto, trincas de retração nos solos tratados com cimento é uma grande preocupação quando usados como material de pavimento, principalmente quando empregados em solos finos.

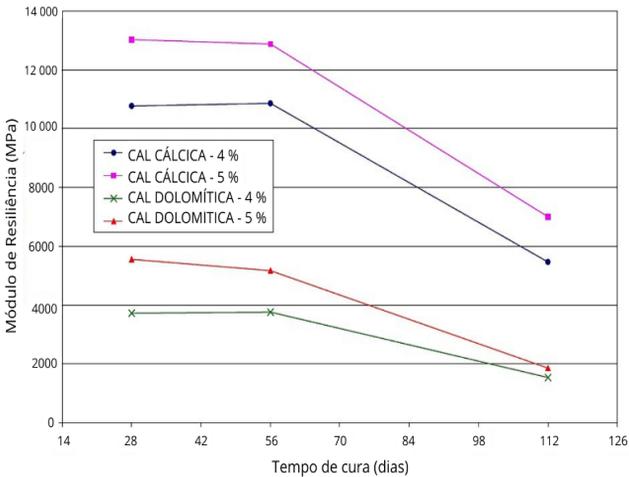
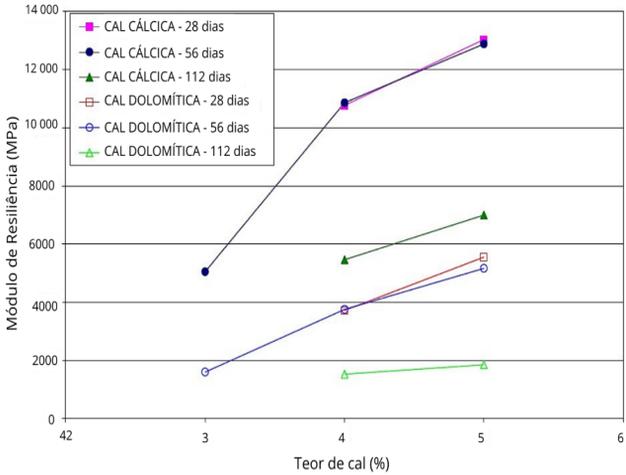
Figura 27: Aumento no módulo de resiliência na tensão de confinamento 6 psi



Fonte: Adaptado de Mohammad & Saade (2008)

Lovato (2004) analisou a influência do teor de cal, do tempo de cura e do tipo de cal no módulo de resiliência de um solo argiloso de comportamento laterítico. Os resultados indicaram que as misturas com cal cálcica e as misturas com cal dolomítica apresentaram um mesmo padrão de comportamento com o tempo de cura. O módulo de resiliência das misturas solo-cal aumentou com o teor de cal. Entretanto, dos 56 aos 112 dias houve uma redução na rigidez, podendo também ser atribuída a uma possível formação de etringita e taumassita, aliados à presença do CaCO_3 (Figura 28).

Figura 28: Variação do módulo de resiliência com o teor de cal e tempo de cura



Fonte: Adaptado de Lovato (2004)

Silva (2016) corroborou com tais resultados, sendo possível verificar que para o período de cura imediata, o solo LG' com adição de cal apresentou um valor de MR 54% superior ao MR do solo natural. Após o período de cura imediata, a mistura de solo LG' com cal sofre uma redução de 31% para a mistura curada por sete dias, mantendo o valor para a mistura curada por 60 dias. Mesmo com a redução, o valor de MR para as misturas curadas por sete e 60 dias é 9% superior ao valor do MR para o solo natural. Segundo o autor, para explicar o decréscimo do MR das misturas de solo LG' com cal, pode-se adotar duas hipóteses: a) A quantidade de cal utilizada para estabilizar os solos é insuficiente. Portanto, a mistura pode não ter desenvolvido completamente as reações pozolânicas por falta de íons Ca^{++} , prejudicando o acréscimo no valor de MR; b) A cal utilizada estava carbonatada, conduzindo parcela do aditivo a trabalhar como *filler* inerte e de baixa resistência.

Fall *et al.* (2007) investigaram o efeito da compactação do solo e da porcentagem de cimento adicionado sobre o módulo de resiliência de solos lateríticos grossos. Os autores apontam que a compactação do corpo de prova não apresentou influência significativa no módulo de resiliência dos solos lateríticos investigados. Já a porcentagem de cimento foi o parâmetro significativo que altera a rigidez do solo, onde o módulo de resiliência dos solos lateríticos varia de 300 a 1.800kPa para o corpo de prova estabilizado com 1% de cimento; e de 500 a 2.500kPa para 2% de cimento e maior para 3% de cimento.

Kumar & George (2018) se concentram em correlacionar o efeito do tamanho do grão no módulo de resiliência (MR) medido usando ensaios triaxiais cíclicos para várias misturas de solos lateríticos. Eles observaram que os valores de MR diminuem com o aumento do teor de finos de 14 a 86% independente do teor de umidade de moldagem. Além disso, um aumento na proporção de partículas grossas ou de areia, seguido de uma consequente diminuição do teor de finos, promovem aumento dos valores de MR.

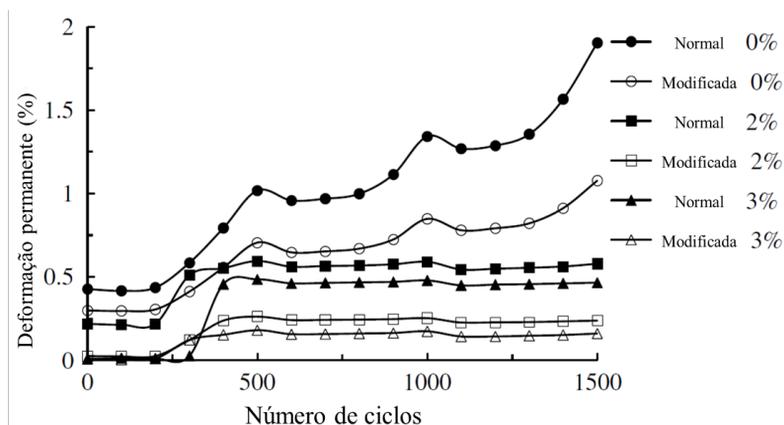
Jose *et al.* (2022) evidenciam que as deformações resilientes reduzem à medida que a dosagem de cimento aumenta. Além disso, as

deformações reduzem com o aumento da energia de compactação. Observa-se que à medida que a condição de compactação muda de Proctor Normal para Modificado, as deformações reduzem em 18%, 2% e 3,2% para um material arenoso não tratadas, 2% e 3% cimentadas, respectivamente. Maior energia de compactação reduz as deformações no material; no entanto, seu efeito diminui à medida que o teor de cimento aumenta.

Silva (2016) verificou que a adição de cal ao solo levou a uma redução no valor da deformação permanente no corpo de prova e que a deformação diminui ainda mais com o aumento do período de cura. Partindo do solo natural (LG') para o solo com cal de cura imediata, verifica-se uma redução de 22% na deformação permanente total. Para as misturas curadas por sete e 60 dias, as reduções na deformação permanente total em relação ao solo natural foram de 57 e 67%, respectivamente.

Jose *et al.* (2022) investigaram as características de resistência e resposta resiliente de materiais classificados como areia siltosa não plástica puros e cimentados. Segundo os autores, as deformações resilientes e permanentes diminuem com o aumento do teor de cimento e da energia de compactação. À medida que o teor de cimento aumenta, a deformação permanente se estabiliza com o aumento do número de ciclos. Ademais, o efeito da compactação é predominante na diminuição da deformação permanente em relação ao aumento do teor de cimento (Figura 29).

Figura 29: Deformações permanentes para areia siltosa não plástica pura e cimentada



Fonte: Adaptado de Jose *et al.* (2022)

No que se refere ao comportamento à fadiga, González *et al.* (2013), Fedrigo *et al.* (2019) e Biswal *et al.* (2020), através de resultados de ensaios de fadiga à flexão de quatro pontos, verificaram, em termos gerais, que as curvas de fadiga podem ser divididas em duas partes; fase 1: taxa constante de redução do módulo e fase 2: redução acelerada do módulo. Em geral, a fase 1, de redução do módulo, se mantém até que o módulo atinja entre 75% e 85% do módulo inicial e, a partir daí, inicia-se a fase acelerada de redução do módulo.

Biswal *et al.* (2020) verificam que existe uma relação linear entre a vida em fadiga e a taxa de tensão em um gráfico semi-log para conteúdo variável de cimento. A tensão aplicada predeterminada causa ruptura acelerada quando atinge cerca de 90% ~ 95% da tensão de flexão de ruptura. Portanto, segundo os autores, o comportamento da amostra estabilizada sob o ensaio de fadiga controlada por tensão é de natureza frágil.

Lekha *et al.* (2012) estudaram o comportamento de um solo laterítico com e sem adição do produto químico denominado “Zycosoil”. O produto químico quando adicionado à água e misturado ao solo altera as propriedades de engenharia dependendo do tipo de solo e

da dosagem do produto químico. Esses produtos químicos são aditivos líquidos, que atuam no solo para reduzir os vazios entre as partículas do solo e minimizar a absorção de água no solo para máxima compactação. Os autores verificaram que as amostras de solo não tratadas eram tão fracas que não conseguiam suportar nem mesmo um nível de tensão de 20% durante um ciclo. A vida em fadiga das amostras tratadas, mostram a melhoria no comportamento à fadiga do solo com tratamento químico.

Hoy *et al.* (2023a) avaliaram o papel do látex de borracha natural na melhoria da durabilidade de solo laterítico estabilizado com cimento e misturas de materiais reciclados. Com os resultados, ficou evidente que a formação dos filmes de látex preencheu os espaços porosos e as microfissuras, atuando como mecanismo de ponte de trincas. Hoy *et al.* (2023b), por sua vez, confirmaram que o aditivo poderia melhorar as propriedades mecânicas e de fadiga do solo estabilizado com cimento com substituições de materiais reciclados, o que melhora o serviço dos pavimentos sob cargas de tráfego cíclicas.

As propriedades de fadiga de materiais estabilizados geralmente são avaliadas por meio de ensaios de flexão cíclica de quatro pontos ou ensaios de compressão diametral cíclica. O ciclo de vida das camadas ligadas e a frequência de manutenção necessária dependem da fadiga e da resposta resiliente do material na estrutura do pavimento (Huang, 2004)

O comportamento mecânico tende a melhorar com a incorporação de determinado teor de cimento, cal, cinzas volantes, polímeros ou outro estabilizante e com o tempo de cura (Lovato, 2004; Fall *et al.*, 2007; Silva, 2016; Mengue *et al.*, 2017; Biswal *et al.*, 2018b; Biswal *et al.*, 2018c; Tan *et al.*, 2020; Jose *et al.*, 2022). Contudo, o aumento da rigidez de camadas tratadas ou estabilizadas provoca o aumento de sua fragilidade e como consequência, redução de sua flexibilidade, o que conduz inevitavelmente à propagação acelerada de fissuras mediante solicitações do tráfego e futuramente reduzindo seu desempenho estrutural. Vale ressaltar que o surgimento das trincas e sua propagação são processos distintos, e devem ser analisados como tal (Wirtgen, 2012).

A flexibilidade de solos estabilizados é uma característica importante para avaliar a capacidade do solo de suportar cargas sem sofrer danos ou perdas de estabilidade. Quando um solo é estabilizado, isso significa que foram realizadas intervenções para melhorar suas propriedades e torná-lo mais resistente.

Para o aumento da flexibilidade, alguns modificadores podem ser empregados, tais como modificadores minerais, compostos químicos, pó ou agregados de borracha ou ainda polímeros elastoméricos. As modificações visam conferir propriedades melhoradas, tais como diminuição de deformações plásticas, aumento da vida de fadiga, aumento da flexibilidade e elasticidade. Muitos países também vêm desenvolvendo tecnologia para a incorporação de borracha moída de pneu, para promover o aumento da flexibilidade, a redução de deformações permanentes, o aumento da vida de fadiga, etc., bem como reduzir o passivo ambiental (Pinheiro, 2004).

A grande flexibilidade e tenacidade das fibras de polipropileno concede substancial aumento da resistência ao impacto aos materiais a que é incorporada. Um tipo especial de fibra polimérica utilizada em várias pesquisas são as fibriladas. Estas fibras são confeccionadas a partir de séries longas de polipropileno orientadas paralelamente, sendo, no processo de produção, divididas ao longo do comprimento. Esses segmentos são conectados às fibras de hastes mais grossas. A fibra resultante, quando estirada, perpendicular à direção do polímero da série longa, se assemelha a uma malha em miniatura. Por este motivo é conhecida como fibra tipo *mesh* (Specht, 2000).

Um aditivo comumente utilizado é o polímero sintético. Esses polímeros são adicionados ao solo estabilizado para melhorar sua capacidade de deformação sem comprometer sua estabilidade. Eles atuam como um agente de ligação, tornando o solo mais maleável e flexível. Além disso, as fibras de vidro ou polipropileno também podem ser adicionadas ao solo estabilizado para aumentar sua flexibilidade. Essas fibras funcionam como reforços, proporcionando maior resistência ao solo e permitindo que ele se deforme sem perder sua integridade estrutural. É importante ressaltar que a escolha do aditivo adequado depende das características específicas do solo e da aplicação pretendida.

A adoção de tecnologias sustentáveis tem levado à utilização de subprodutos industriais nessas operações como forma ainda de reduzir os problemas associados à sua destinação e os custos produtivos. Resíduos como a cinza volante (Horpibulsuk *et al.*, 2009; Mahvash *et al.*, 2018; Simatupang *et al.*, 2020), pó de vidro (Baldovino *et al.*, 2020; Consoli *et al.*, 2019a, 2021) e cinza da biomassa (Consoli *et al.*, 2019b; Ghorbani *et al.*, 2018) podem ser efetivamente incorporados nas misturas e já foram utilizados para melhorar o desempenho de obras geotécnicas.

CAPÍTULO 4 – CLASSIFICAÇÃO DE SOLOS LATERÍTICOS

INTRODUÇÃO

As propriedades dos solos lateríticos são influenciadas pelo clima, geologia e grau de intemperismo ou laterização (Gidigas, 1976). As propriedades geotécnicas de solos lateríticos dependem em grande parte da geografia de formação (Biswal *et al.*, 2018b). Como as propriedades índices tradicionais variam em função da estrutura dos solos, estas não se prestam para prever de forma apropriada o comportamento dos solos lateríticos em obras civis (Delgado, 2007).

Uma classificação geotécnica, além de estabelecer uma linguagem técnica, tem o objetivo de estimar, previamente, as propriedades do solo em questão e elencar um ou mais atributos relevantes para sua utilização em projeto e construção de vias. A classificação é a fase de maior importância para o desenvolvimento do estudo inicial de solos, pois permite estimar os valores das propriedades de interesse para uma finalidade. Isto permitirá executar programas de ensaios mais onerosos com maior segurança (Villibor & Alves, 2019).

Os solos tropicais podem revelar comportamentos distintos relacionados com seu comportamento mecânico e hidráulico devido ao processo de “laterização”. O processo de laterização ou latolização ocorre em regiões tropicais úmidas onde os cátions básicos são lixiviados, com consequente concentração residual de óxidos de ferro e de alumínio. Devido ao processo de laterização, a fração argila dos solos lateríticos é constituída essencialmente de argilo-minerais do grupo das caulinitas e de hidróxidos e óxidos hidratados de ferro e/ou alumínio. A combinação desses componentes é responsável pela formação

de agregações estáveis em presença de água, graças ao recobrimento dos argilo-minerais pelos hidróxidos e óxidos hidratados que, além de reduzirem a capacidade de adsorção de água pelos argilo-minerais, atuam como agentes cimentantes naturais entre as partículas. Na fração areia e silte, são encontrados principalmente quartzo, agregações lateríticas e, em menor escala, minerais pesados (Santos, 2006).

A dificuldade de classificar os solos tropicais, onde o processo de laterização tem importância vital nas suas propriedades mecânicas, parece residir, na maioria das classificações, na incapacidade de se prever o comportamento desses materiais quando submetidos à ação da água. Para a previsão do comportamento de um solo, como camada integrante de um pavimento, é necessário que se saiba se este solo, quando em contato com a água, expande e, consequentemente, descompacta e perde suporte; se ele é resiliente, ou seja, se apresenta deformações elásticas apreciáveis quando submetido à ação do tráfego; se ele apresenta coesão suficiente para garantir uma fácil trabalhabilidade no campo; e se ele garante a manutenção, ao longo do tempo, das características obtidas na sua compactação, etc. (Fabbri, 1994).

CONSIDERAÇÕES SOBRE CLASSIFICAÇÕES TRADICIONAIS

Mesmo com um bom controle dos ensaios executados (mesmo operador, coeficientes de variação baixos) as classificações tradicionais não se aplicam na previsão do comportamento dos solos tropicais. No caso de solos maduros, pedogeneticamente desenvolvidos e de comportamento laterítico, as classificações tradicionais subestimam o comportamento destes solos, costumando superestimar as propriedades dos solos granulares de comportamento não laterítico (Passos, 2000; Baia, 2019; Silva, 2019).

Segundo Villibor *et al.* (2009), duas classificações tradicionais têm sido mais usadas para obras viárias: a HRB (*Highway Research Board*) da AASHTO (também adotada pela ASTM) e a USCS (*Unified Soil Classification System*). Estas classificações consideram fundamentais a granulometria, o limite de liquidez (LL) e o índice de plasticidade (IP). Entretanto, tais classificações tradicionais quando

aplicadas para os solos típicos dos climas tropicais úmidos (incluindo os lateríticos e saprolíticos), resultavam em incongruências relativamente às suas propriedades mecânicas e hídricas e, consequentemente, no estabelecimento de uma hierarquia para os diversos grupos. Solos considerados por aquelas classificações como inseríveis para bases de pavimentos, frequentemente, possuíam elevada capacidade de suporte. Como resultado, a aplicação daquelas classificações tornava a escolha preliminar de solos para uso em rodovias, muitas vezes, incorreta e restringia a utilização de jazidas de solos de boa qualidade, com consequente aumento nos custos de construção (Villibor & Nogami, 2009).

Ocorrem limitações nas avaliações referentes às propriedades dos solos tropicais, baseadas nas classificações TRB e SUCS, devido à dificuldade em se obter repetibilidade confiável nos ensaios de limites de consistência. Isso ocorre parcialmente devido à decomposição dos materiais primários, as partículas finas fortemente agregadas e a força de ligação variada nas concreções (Villibor, 1981; Guimarães *et al.*, 2018).

As propriedades previstas nas classificações tradicionais conduzem geralmente a um comportamento diferente ao verificado na prática quando se trata dos solos lateríticos ou saprolíticos (Villibor, 1981). Solos que se classificam no grupo A-7-5, quando adequadamente compactados, podem se comportar como um ótimo subleito, caso laterítico, ou um péssimo subleito, caso saprolítico. Do mesmo modo, solos do grupo A-4 com comportamento laterítico, podem ser utilizados com sucesso em bases de pavimentos. Em contrapartida, ocorrem frequentemente muitos solos saprolíticos do mesmo grupo, que constituem péssimos subleitos. Na condição ótima de compactação da energia Proctor Normal, eles podem apresentar um valor de CBR da ordem de 3%, quando saprolíticos e podem atingir valores de CBR superior a 30% (na mesma condição de compactação) e superior a 80% na energia intermediária, quando lateríticos (Villibor *et al.*, 2009).

Segundo Fabbri (1994), estas classificações tradicionais, originárias de países de clima temperado, foram desenvolvidas para os solos lá encontrados, não sendo adaptadas para os solos tropicais, mesmo depois de algumas tentativas de introdução de índices auxiliares tais como atividade da argila e outros.

De acordo com Wesley & Irfan (1997), existem várias razões pelas quais os solos residuais tropicais necessitam de um sistema de classificação especial, pois suas características não estão devidamente cobertas pelos atuais métodos convencionais de classificação de solos. Entre estas razões podem ser citadas:

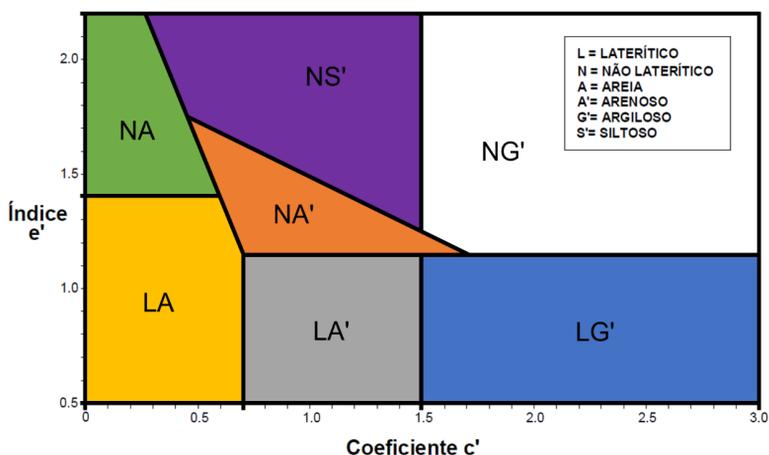
- a mineralogia distinta das argilas em alguns solos tropicais produz características que não são compatíveis com o grupo no qual se enquadram no Sistema Unificado de Classificação dos Solos. A composição mineralógica promove fenômenos de agregação que induzem à resultados enganosos de distribuição granulométrica;
- a massa de solo residual *in situ* pode apresentar uma sequência de materiais que vai desde um solo propriamente dito até uma rocha branda, dependendo do grau de intemperismo, e que não pode ser adequadamente descrita usando os sistemas convencionais, baseados em solos transportados;
- os sistemas de classificação convencionais focalizam principalmente as propriedades do solo no estado deformado. Isto é diferente para os solos residuais, cujas propriedades são fortemente influenciadas pelas características estruturais *in situ*, herdadas da massa de solo original ou desenvolvidas como consequência do intemperismo. O próprio termo solo residual engloba toda a profundidade do perfil, incluindo mesmo alguns horizontes que se comportam mais como rocha que como solo.

Tendo em vista, entre outras, as dificuldades e deficiências apontadas no uso das classificações tradicionais desenvolvidas para solos de clima frio e temperado, quando empregadas em solos de ambientes tropicais, Nogami & Villibor desenvolveram uma metodologia designada MCT (Miniatura, Compactado, Tropical), específica para solos compactados tropicais. A mesma baseia-se numa série de ensaios e procedimentos cujos resultados reproduzem as condições reais de camadas compactadas de solos tropicais, quando usadas em pavimentos, através das propriedades geotécnicas que espelham o comportamento *in situ* dessas camadas. É baseada em propriedades mecânicas e hídricas obtidas de corpos de prova compactados de dimensões reduzidas. Essa classificação não utiliza a granulometria, o limite de liquidez e o índice de plasticidade, como acontece no

caso das classificações geotécnicas tradicionais. Separa os solos tropicais em duas grandes classes: os de comportamento laterítico e os de comportamento não laterítico (Villibor *et al.*, 2009).

Através do ábaco de classificação, a distribuição dos solos lateríticos se dão conforme os valores do coeficiente c' e do índice e' . O coeficiente c' , associado à argilosidade do solo, corresponde às abcissas e o índice e' , que reflete o caráter laterítico do solo, corresponde às ordenadas (Figura 30). Para a determinação do coeficiente c' e do índice e' , são necessárias as execuções dos ensaios de Mini-MCV e Perda de Massa por Imersão (Santos, 2006).

Figura 30: Gráfico da classificação MCT



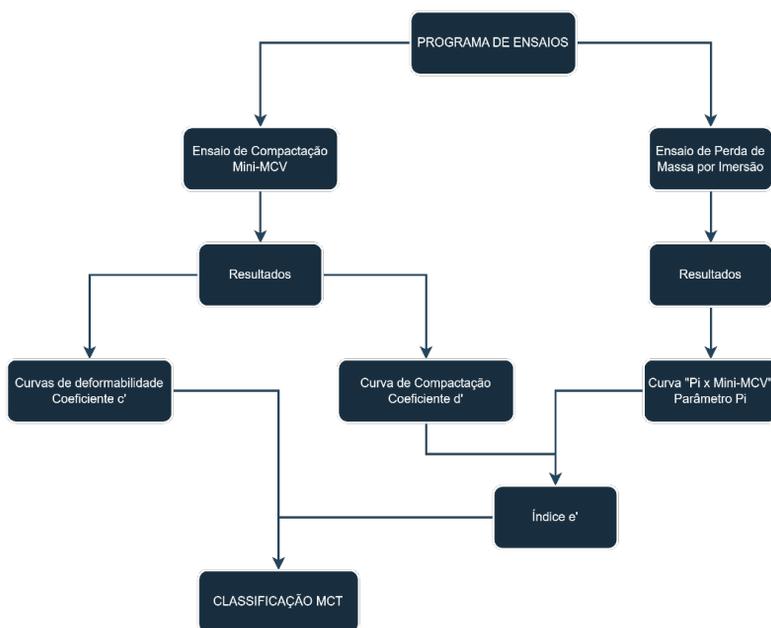
Fonte: Adaptado de Nogami & Villibor (1981)

O coeficiente c' , denominado de coeficiente de deformabilidade, é obtido por meio do coeficiente angular da parte retilínea da curva de deformabilidade que mais se aproxima do valor Mini-MCV igual a 10. Como supracitado, este coeficiente indica a argilosidade do solo, ou seja, um c' elevado (acima de 1,5) caracteriza as argilas e solos argilosos, enquanto valores baixos (abaixo de 1,0) caracterizam as areias e os siltes não plásticos ou pouco coesivos. No intervalo entre

1,0 e 1,5 situam-se diversos tipos de solos, como areias siltosas, areias argilosas, argilas arenosas e argilas siltosas. Já o índice e' é calculado a partir do coeficiente d' (inclinação da parte retilínea do ramo seco da curva de compactação, correspondente a 12 golpes do ensaio de Mini-MCV) e da perda de massa por imersão P_i (porcentagem da massa desagregada em relação à massa total do ensaio quando submetida à imersão em água) (Villibor *et al.*, 2009).

Conforme Villibor & Alves (2019), os solos são divididos em duas classes: uma de comportamento laterítico (classe L) e outra de não laterítico (classe N). Dentro delas, têm-se três grupos da classe L e quatro da classe N. Para sua obtenção, utiliza-se um programa de ensaios para os coeficientes e parâmetros (Figura 31).

Figura 31: Programa de ensaios e seus resultados para a classificação MCT



Fonte: Adaptado de Villibor & Alves (2019)

Para o Ensaio de Compactação Mini-MCV, realizado seguindo as instruções da norma DNIT-ME 258 (1994), é homogeneizado 200g de solo passante na peneira nº10 (2,0mm) e compactado em um molde com 50mm de diâmetro, com cinco teores de umidade e energia variável. Dos resultados fornecidos pelo ensaio são utilizados, para fins classificatórios, o coeficiente c' e o coeficiente d' .

Para o Ensaio de Perda de Massa por Imersão, regido pela norma DNIT-ME 256 (1994), os CPs resultantes do ensaio de compactação Mini-MCV são extrudados parcialmente dos respectivos moldes, de maneira que ficaram salientes aproximadamente 10mm. Os moldes contendo os CPs foram imergidos, completamente, em água por 24 horas. Este ensaio fornece o parâmetro P_i , utilizado na classificação MCT, que é a porcentagem de massa seca despreendida de um corpo de prova, quando imerso em água, em relação à parte extrudada da amostra de solo compactada.

A Figura 32 exibe os equipamentos utilizados nos ensaios para classificação MCT.

Figura 32: Ensaio para classificação MCT e G-MCT

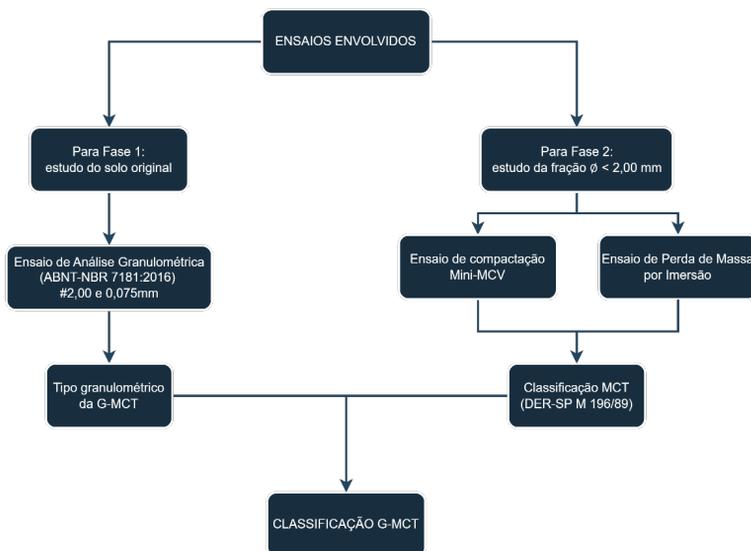


Fonte: De autoria própria

Villibor & Alves (2017) propuseram uma classificação inédita para solos tropicais de granulação grossa, com fração retida na

peneira 2,0 mm. A mesma foi designada de G-MCT (Figura 33), G de granular e MCT da classificação usada para caracterização dos finos do solo granular. Com a MCT e G-MCT, é possível classificar os solos tropicais tanto de granulação fina como grossa, com seus diversos grupos de solos, o que permite prever suas propriedades e hierarquizar seu uso na área rodoviária.

Figura 33: Programa de ensaios e seus resultados para a classificação MCT



Fonte: Adaptação de Villibor & Alves (2019)

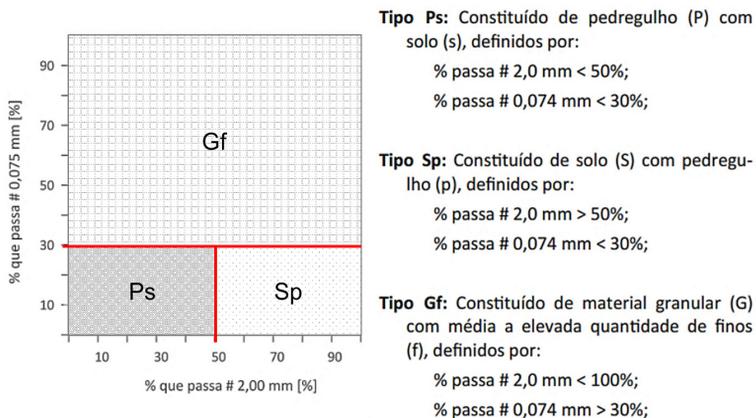
Esta classificação fundamenta-se nos seguintes aspectos:

- (1) Definição dos tipos de granulométricos do solo integral;
- (2) Classificação MCT da fração que passa na peneira 2,0 mm, obtida da amostra integral.

A Fase 1 consiste na análise granulométrica de acordo com a porcentagem de material que passa nas peneiras 2,0 e 0,075 mm e, após definição os tipos granulométricos específicos: solo com pedregulho

(Sp), pedregulho com solo (Ps) ou granular fino (Gf). A Fase 2, após estabelecido o tipo granulométrico a que pertence o solo granular, prossegue-se na determinação dos grupos da Classificação MCT, da fração do solo original que passa na peneira de 2,0 mm. O programa de ensaios da Classificação G-MCT é apresentado, esquematicamente, na Figura 34.

Figura 34: Gráfico dos tipos granulométricos específicos dos solos de granulação grossa



Fonte: Adaptado de Villibor & Alves (2017)

Após a conclusão das definições elencadas nas Fases 1 e 2, procede-se para definição da classificação G-MCT, utilizando a Figura 35:

Figura 35: Tabela classificatória da G-MCT

CLASSIFICAÇÃO G-MCT									
Granulometria			Grupo MCT da parte fina da amostra						
% passante		Tipos	LA	LA'	LG'	NA	NA'	NS'	NG'
# nº 10	# nº 200		Classe GL			Classe GN			
2,0 mm	0,075 mm		Grupo G-MCT do solo de granulação grossa						
< 50	< 30	Ps	Ps-LA	Ps-LA'	Ps-LG'	Ps-NA	Ps-NA'	Ps-NS'	Ps-NG'
> 50	< 30	Sp	Sp-LA	Sp-LA'	Sp-LG'	Sp-NA	Sp-NA'	Sp-NS'	Sp-NG'
-	> 30	Gf	Gf-LA	Gf-LA'	Gf-LG'	Gf-NA	Gf-NA'	Gf-NS'	Gf-NG'

Fonte: Adaptado de Villibor & Alves (2017)

Todas as informações, metodologias e definições sobre as classificações MCT e G-MCT são melhor apresentadas no livro de Villibor & Alves (2019), intitulado de “PAVIMENTAÇÃO DE BAIXO CUSTO PARA REGIÕES TROPICAIS – Projeto e Construção - Novas Considerações”.

Outra classificação que tem sido bastante empregada e estudada em países de clima tropical ou subtropical é a classificação francesa LCPC/SETRA. Tal está normatizada pela norma francesa NF P 11-300 (1992) e surgiu da necessidade de encontrar uma metodologia classificatória específica que se adaptasse à construção e operação de aterros e leitos de pavimentos. Dessa necessidade, criou-se um guia técnico para construção de aterros e leitos de pavimentos desenvolvido pelas instituições francesas LCPC (*Laboratoire Central des Ponts et Chaussées*) e SETRA (*Service d'Étude Techniques des Routes et Autoroutes*).

A classificação LCPC/SETRA (2002) centraliza-se em parâmetros ligados à natureza do material, ao comportamento mecânico e ao estado (Quadro 1). Os parâmetros de natureza, granulometria e argilosidade, referem-se às características intrínsecas do solo, ou seja, aqueles que não variarão ou terão pouca variação no decorrer das solicitações de tráfego e das condições meteorológicas. A

argilosidade é avaliada pelo índice de plasticidade e pelo ensaio de adsorção de azul de metileno. Já os parâmetros de comportamento mecânico são aqueles que distinguem os materiais resistentes ao tráfego, durante a vida útil do pavimento, daqueles que são suscetíveis a se fragmentarem em elementos finos.

Os parâmetros de comportamento mecânico são: o coeficiente Los Angeles; o coeficiente Micro-Deval em presença de água; o coeficiente de friabilidade das areias; e os coeficientes de fragmentabilidade e degradabilidade de materiais pedregulhosos. Por fim, os parâmetros de estado referem-se ao estado hídrico natural do solo, em que, a depender do estado (muito seco, seco, umidade média, úmido ou muito úmido), ocorre a verificação do índice de capacidade de suporte imediata (índice que avalia a capacidade do solo em resistir à circulação de máquinas durante a construção do pavimento), da razão entre a umidade natural e a umidade ótima, e do índice de consistência.

Quadro 1: Descrição dos parâmetros utilizados na classificação de solos LCPC/SETRA

PARÂMETROS DE NATUREZA		
Parâmetros granulométricos	% passante na peneira de 0,075 mm (n° 200)	> 35%: O comportamento do solo é regido pela fração fina. 12% passante é o limite entre os materiais arenosos e cascalhentos, pobres ou ricos em finos.
	% passante na peneira de 2 mm (n° 10)	70% passante é o limite entre os materiais com tendência arenosa e os materiais com tendência cascalhenta.
Parâmetros de argilosidade	Índice de plasticidade (IP)	IP ≤ 12: Solos pouco argilosos.
		IP entre 12 e 25: Solos medianamente argilosos.
		IP = 40: Fronteira entre os solos argilosos e muito argilosos.
	Azul de metileno	< 0,1: Solo é insensível à água.
		> 0,2: Solo começa a manifestar sensibilidade à água.
		1,5: Limite que distingue solos arenosos com argila de solos arenosos com silte.
		2: Limite que distingue solos siltosos muito plásticos de medianamente plásticos.
		6: Limite que distingue solos siltosos de argilosos.
8: Limite que distingue solos argilosos de muito argilosos.		
PARÂMETROS DE COMPORTAMENTO MECÂNICO		
Coeficientes utilizados	Coeficiente Los Angeles	O valor limite é 45%
	Coeficiente Micro-Deval em presença de água	
	Coeficiente de friabilidade das areias	O valor limite é 60%
	Coeficiente de fragmentabilidade de materiais pedregulhosos	O valor limite é 7%
	Coeficiente de degradabilidade de materiais pedregulhosos	O valor limite é de 5%
Com base nos valores, os materiais são divididos em dois grupos:		
Materiais suscetíveis de resistir ao tráfego.	Materiais suscetíveis à fragmentação, se transformando em solos com excesso de finos. Necessitam de tratamento para serem aplicados no pavimento.	
PARÂMETROS DE ESTADO HÍDRICO		
Avaliam a variação da consistência do material com a umidade.		
A classificação encontra-se dividida em cinco estados hídricos distintos: muito seco, seco, umidade média, úmido, muito úmido.		
Parâmetros que se verificam	Índice de capacidade de suporte imediata (IPI)	Para os estados úmido e muito úmido.
	Razão entre a umidade natural e umidade ótima	Para os estados seco e muito seco.
	Índice de consistência (I _c)	Para os solos finos e medianamente à muito argilosos.

Fonte: Adaptado de LCPC/SETRA (2002)

METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO UNIVERSAL DE SOLOS LATERÍTIOS (MCSL)

Segundo Marson (2004) o parâmetro c' é fundamental para a classificação do solo, uma vez que se correlaciona aproximadamente com a granulometria, mesmo que de maneira complexa, não havendo mais a necessidade de fazer o ensaio granulométrico para classificar o solo. O coeficiente d' , por sua vez, parece não ser muito adequado à classificação genética dos solos, uma vez que não se correlaciona com a granulometria e é pouco sensível ao caráter genético dos solos. Além disso, existem casos em que a determinação desse parâmetro é extremamente difícil, podendo gerar dúvidas e até erros na classificação de um dado solo, além de ocorrer numa ampla faixa de valores dentro da mesma categoria de solos. Por fim, o parâmetro P_i expressa o comportamento do solo compactado e totalmente imerso em água, com confinamento parcial, em relação às suas características de coesão e expansibilidade, e avalia sua estabilidade superficial quando submetido à ação hídrica. Tal apresenta considerável importância na classificação do solo, pois a suscetibilidade de um solo à erosão hídrica está ligada à sua gênese.

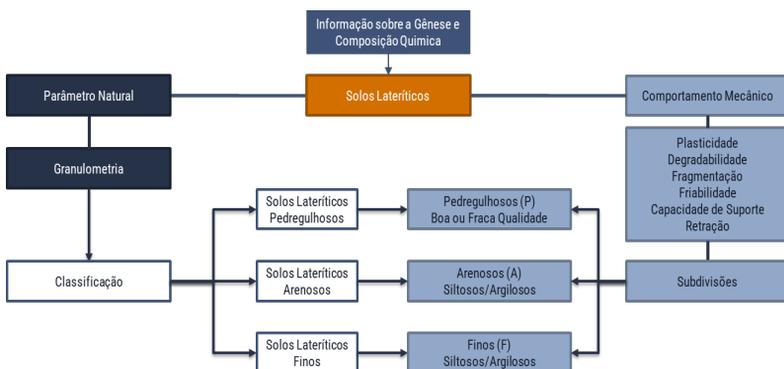
Em relação as vantagens da classificação MCT, Marson (2004) cita a ausência da necessidade do uso de considerações geológicas, geoquímicas, pedológicas, etc., para distinguir os diferentes tipos genéticos de solos tropicais; a utilização de ensaios de laboratório (tais como compactação e imersão em água), que representam, de certa forma, as situações a que os solos são submetidos quando utilizados em obras viárias; e o custo mais baixo do que os tradicionais (limite de liquidez, limite de plasticidade e granulometria), cerca de 30%. Já quanto as limitações, a autora destaca que, do ponto de vista operacional, a metodologia é mais trabalhosa, quando comparada aos métodos tradicionais, pois exige uma quantidade grande de medições, cálculos e gráficos para obtenção dos parâmetros classificatórios.

Como observamos, o comportamento mecânico dos solos lateríticos é fortemente influenciado pelas suas propriedades mineralógicas e físicas. O desenvolvimento de um novo procedimento de classificação para solos lateríticos, que leve em consideração as concepções apropriadas do meio ambiente tropical úmido, permitirá

prever suas utilizações em camadas de rodovias de baixo custo com uma porcentagem mais elevada de solos locais (Lima, 2013).

O desenvolvimento de um sistema de classificação universal para solos lateríticos constitui um projeto ambicioso, em virtude da complexidade desses materiais, pois devem, imperativamente, levar em consideração o “processo de laterização”, bem como as propriedades mecânicas inerentes às composições químicas dos sistemas lateríticos (Rodrigues *et al.*, 2010). Nesse cenário, a partir de estudos das experiências brasileiras, portuguesas, francesas, indianas, australianas e de diferentes países de clima tropical e subtropical, Rodrigues *et al.* (2010) propuseram a Metodologia de Classificação Universal de Solos Lateríticos, onde se analisa a influência da textura, granulometria e mineralogia na estabilidade e classificação desses materiais utilizados em camadas de pavimentação de baixo custo. A Figura 36 ilustra a sequência lógica de uma proposta de classificação de Solos Lateríticos com base em numerosos estudos bibliográficos e usando como entradas os parâmetros de natureza, condição e comportamento mecânico obtidos em laboratório.

Figura 36: Critérios para Classificação Universal de Solos Lateríticos



Fonte: Adaptado de Rodrigues *et al.* (2010)

Neste método são considerados dois aspectos: em primeiro lugar, a estrutura metaestável dos solos lateríticos, sensível às variações dos

níveis de energia térmica e mecânica e, em segundo lugar, as propriedades físicas e mineralógicas (influência dos sesquióxidos) no que diz respeito à resistência, durabilidade e plasticidade. Os solos são classificados de acordo com a sua plasticidade e granulometria (solos pedregosos, arenosos ou finos). Por fim, as subdivisões são estabelecidas com base no comportamento mecânico a partir dos resultados dos ensaios de degradabilidade, fragmentabilidade, friabilidade, capacidade de carga e limite de retração (Quadro 2) (Rodrigues *et al.*, 2010).

A composição química e a gênese dos solos lateríticos constituem as bases fundamentais desta proposta de classificação. Os ensaios de análise química convencionais, os ensaios de Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV), Fluorescência de Raios X (FRX) e Difração de Raios X (DRX) são suficientes para identificar os minerais constitutivos desses solos. A partir das informações sobre a gênese e da composição química, em pressupondo que os solos são necessariamente lateríticos de origem, a classificação é realizada em função da granulometria (diâmetro de 80µm e de 2mm). Em seguida, as subdivisões em subclasses são estabelecidas e em se baseando sobre as atividades das frações finas das amostras de solo (o valor do azul de metileno) e os comportamentos mecânicos a partir dos resultados de ensaios de degradabilidade, de fragmentação, de friabilidade, de limite de retração e de capacidade de suporte (CBR). São denominados de Solos Lateríticos Pedregulhosos (SLP), de Solos Lateríticos Arenosos (SLA) e Solos Lateríticos Finos (SLF), enquanto as subdivisões indicam em termos de classificação Argilosos (A) e/ou Siltosos (S) (Figura 37) (Lima, 2013).

Figura 37: Solo laterítico fino (a), arenoso (b) e pedregulhoso (c)



Fonte: De autoria própria

Segundo Lima (2013), os parâmetros utilizados podem ser agrupados em duas categorias: os parâmetros naturais e os parâmetros de estado do comportamento mecânico dos solos. Eles são sempre determinados sobre a fração menor que 50mm de diâmetro que é a fração susceptível de ser identificada pelos ensaios realizados em laboratórios usuais no meio rodoviário.

Os parâmetros naturais são inerentes as características intrínsecas e que, para os solos lateríticos, podem variar com o tempo em função das diferentes etapas de manipulação ou preparação que as amostras de solo são submetidas durante a execução dos serviços em obras (pré-tratamento). O parâmetro natural empregado na classificação é a granulometria.

Quadro 2: Metodologia de Classificação Universal dos Solos Lateríticos para utilização em camadas de rodovias

SOLOS LATERÍTICOS Composição Química e Gênese															
Passante na peneira 80µm (nº 200) ≤ 30%											Passante na peneira 80µm (nº 200) > 30%				
Passante na peneira 2 mm (nº 10) ≤ 30%					Passante na peneira 2 mm (nº 10) > 30%										
SOLOS LATERÍTICOS PEDREGULHOSOS (SLP)					SOLOS LATERÍTICOS ARENOSOS (SLA)						SOLOS LATERÍTICOS FINOS (SLF)				
FR ≤ 7% & DG ≤ 7%		FR > 7% ou DG > 7%		FR > 7% & DG > 7%	VA ≤ 1,50g/100g				FS > 60%	VA > 1,50g/100g	VA ≤ 3,00g/100g				VA > 3,00g/100g
FS ≤ 60%					LR ≥ 20%		LR < 20%								
LR ≥ 15%		LR < 15%			CBR ≥ 10%	CBR < 10%	CBR ≥ 10%	CBR < 10%							
CBR ≥ 60%	CBR < 60%	CBR ≥ 30%	CBR < 30%		CBR ≥ 30%	CBR < 30%	CBR ≥ 30%	CBR < 30%		CBR ≥ 10%	CBR < 10%	CBR ≥ 10%	CBR < 10%		
SLP ₁	SLP ₂	SLP ₃	SLP ₄	SLP ₅	SLA ₆	SLA ₇	SLA ₈	SLA ₉	SLA ₁₀	SLA ₁₁	SLF ₁₂	SLF ₁₃	SLF ₁₄	SLF ₁₅	SLF ₁₆
NATURAL	ESTABILIZADO				NATURAL	ESTABILIZADO					NATURAL	ESTABILIZADO			
BASE [ξ ≤ 1,00%] [MR ≥ 300 MPa → N ≥ 10 ⁶] [MR ≥ 400 MPa → N ≥ 10 ⁷]					BASE [ξ ≤ 1,00%] [MR ≥ 300 MPa → N ≥ 10 ⁶] [MR ≥ 400 MPa → N ≥ 10 ⁷]						BASE [ξ ≤ 1,00%] [MR ≥ 300 MPa → N ≥ 10 ⁶] [MR ≥ 400 MPa → N ≥ 10 ⁷]				
NATURAL	ESTABILIZADO				NATURAL	ESTABILIZADO					NATURAL	ESTABILIZADO			
SUB-BASE [ξ ≤ 1,50%] [MR ≥ 200 MPa]					SUB-BASE [ξ ≤ 1,50%] [MR ≥ 200 MPa]						SUB-BASE [ξ ≤ 1,50%] [MR ≥ 200 MPa]				
					NATURAL	ESTABILIZADO					NATURAL	ESTABILIZADO			
					REFORÇO DO SUBLEITO [MR ≥ 100 MPa]						REFORÇO DO SUBLEITO [MR ≥ 100 MPa]				
<p>Observações:</p> <p>N = Número equivalente de operações do eixo padrão de 8,2 tf; DG = Coeficiente de Degradabilidade; FR = Coeficiente de Fragmentabilidade; FS = Coeficiente de Friabilidade; LR = Limite de retração/contração; VA = Valor de adsorção de Azul de Metileno; CBR = Índice de Suporte Califórnia; ξ = Expansão.</p>															

Fonte: Adaptado de Rodrigues *et al.* (2010)

Já os parâmetros de estado do comportamento mecânico são levados em consideração para avaliar a possível utilização dos solos lateríticos em camadas de rodovias. Eles distinguem os materiais cuja fração granular é susceptível de resistir ao tráfego, podendo, assim, ser utilizados na construção de camadas de sub-base, base, no subleito e, ademais, analisa os riscos de ruptura, de expansão, de retração e de fragmentação, verificando se são utilizáveis em estado natural ou estabilizados/tratados.

Os parâmetros de comportamento mecânico considerados na classificação são:

- Adsorção de Azul de Metileno (VA): para a plasticidade da fração fina;
- Limite de Retração/Contração (LR): para a retração da fração fina;
- Coeficiente de Degradabilidade (DG): para a degradabilidade da fração pedregulhosa;
- Coeficiente de Fragmentabilidade (FR): para a fragmentação da fração pedregulhosa;
- Coeficiente de Friabilidade das Areias (FS): para friabilidade das areias; e
- Índice de Suporte Califórnia (CBR): para capacidade de suporte.

Ndiaye (2013) explica sobre cada um dos parâmetros da seguinte forma:

- O valor da adsorção de azul de metileno (VA) caracteriza a argilidade. Representa a quantidade de azul de metileno que pode adsorver às superfícies externa e interna das partículas do solo, o que está diretamente relacionado à área de superfície específica do solo.
- O limite de retração/contração (LR) é o teor no qual qualquer perda de umidade não provocará uma diminuição de volume. Representa o teor de umidade limite entre os estados sólido e semi-sólido, ou seja, o teor de umidade no qual o solo não mais varia de volume ao secar, ou ainda, o teor de umidade que ainda ocupa os vazios de um solo colocado a secar em estufa até não mais contrair. É fundamental, pois a secagem dos solos compactados é fenômeno comum nas regiões tropicais e, ademais, fissuras e trincas de contração, entre outras, dependem do tipo de comportamento do solo à expansão e à contração.

- O coeficiente de degradabilidade (DG) é um parâmetro representativo do comportamento de certos materiais rochosos, cujas características geotécnicas (granularidade, argilosidade, plasticidade, etc.) se alteram em relação às observadas imediatamente após sua extração. Este desenvolvimento pode ser atribuído à ação combinada de agentes climáticos ou hidrogeológicos (ciclos de congelamento e descongelamento, ciclos de embebição e secagem) e às tensões mecânicas sofridas. No caso de materiais rochosos considerados degradáveis, conduz a uma redução mais ou menos significativa e ininterrupta das características mecânicas e geométricas das estruturas em que são utilizados.
- O coeficiente de fragmentabilidade (FR) é um dos parâmetros representativos do comportamento de certos materiais rochosos, cuja granularidade evolui continuamente desde a sua extração até ao final da sua utilização e que, para alguns deles, continua durante a vida dos trabalhos. Este desenvolvimento é atribuído à resistência estrutural insuficiente da rocha perante as tensões mecânicas aplicadas durante a instalação e na estrutura em serviço.
- O coeficiente de friabilidade das areias (FS) é um dos parâmetros representativos da resistência à fragmentação das areias. A friabilidade do solo pode ser definida como a tendência de uma massa de solo de se desfazer em menores tamanhos de agregados sob aplicação de uma carga.
- O Índice de Suporte Califórnia (CBR) é deduzido de um ensaio que consiste em medir a força aplicada a um cilíndrico para fazê-lo penetrar em velocidade constante em um corpo de prova de material. Os valores das forças que causaram duas depressões convencionais estão respectivamente relacionados aos valores das forças observadas em um material de referência para as mesmas depressões. Através do ensaio de CBR é possível conhecer qual será a expansão de um solo sob um pavimento quando este estiver saturado, e fornece indicações da perda de resistência do solo com a saturação.

SEQUÊNCIA LÓGICA PARA CLASSIFICAÇÃO

O fluxograma da classificação é apresentado na Figura 38. Na proposta classificatória, os solos lateríticos finos são aqueles que possuem

material passante na peneira de abertura 80µm (peneira nº200) superior a 30% em peso. As amostras com material passante inferior ou igual à 30% na peneira citada são os solos lateríticos granulares, divididos em solos lateríticos pedregulhosos (passante na peneira de abertura 2mm menor ou igual a 30%) e em solos lateríticos arenosos (passante na 2mm superior a 30%).

O avanço no processo de classificação se dá de formas diferentes nos três grupos definidos acima.

Para os solos lateríticos pedregulhosos (SLP), a preocupação está na resistência das partículas (concreções lateríticas) que é caracterizada pelo coeficiente de fragmentabilidade (FR) e pelo coeficiente de degradabilidade (DG). Os valores destes coeficientes são comparados à 7%:

- Se os dois coeficientes forem inferiores ou iguais a 7%, os solos lateríticos pedregulhosos são classificados como de boa qualidade. O valor do índice CBR permite distinguir duas subclasses: SLP₁, quando o CBR for maior ou igual a 60%, e SLP₂ no caso do CBR menor que 60%;
- Se apenas um dos coeficientes for inferior a 7%, os solos lateríticos pedregulhosos são considerados como de fraca qualidade. O CBR distingue duas subclasses: SLP₃ se CBR for superior ou igual a 30% e SLP₄ se CBR menor que 30%;
- Se ambos os coeficientes forem maiores que 7%, os solos lateríticos pedregulhosos são considerados de fraca qualidade e de subclasse 5 (SLP₅).

Para os solos lateríticos arenosos (SLA), a atenção, primeiramente, está voltada para a atividade da fração fina do material, distinguindo os solos lateríticos arenosos em siltosos, com valor de adsorção de azul de metileno menor ou igual a 1,5g/100g, e argilosos, com valor de adsorção de azul de metileno maior que 1,5g/100g. Quando VA é maior que 1,5g/100g, o solo é classificado como SLA_{II}. Quando VA for menor ou igual a 1,5g/100g, analisam-se o coeficiente de friabilidade, o limite de retração/contração e o CBR.

O coeficiente de friabilidade (FS) consiste em um parâmetro que permite avaliar se as areias siltosas são muito ou pouco friáveis. Para FS maior que 60%, considera-se o solo arenoso siltoso como muito

friável, sendo classificado como SLA₁₀.

Quando o coeficiente de friabilidade é inferior ou igual a 60%, continua-se a caracterização da parte fina através do limite de retração/contração (LR), que é comparado ao valor de 15%:

- Se o LR for inferior a 15%, duas subclasses são distinguidas pelo índice CBR: SLA₈ se CBR maior ou igual a 30% e SLA₉ se CBR menor que 30%;
- Se o LR for maior ou igual a 15%, também duas subclasses são distinguidas pelo índice CBR: SLA₆ se CBR maior ou igual a 30% e SLA₇ se CBR menor que 30%.

Para os solos lateríticos finos (SLF), o valor de azul de metileno (VA) permite diferenciar os solos finos em siltosos, onde VA menor ou igual a 3,0g/100g e argilosos, em que VA maior que 3,0g/100g. No segundo caso o solo é classificado como SLF₁₆.

Para os solos lateríticos finos siltosos, prossegue-se com a caracterização da fração fina do solo por meio do limite de retração/contração, que é comparado ao valor de 20%.

- Se o LR for inferior a 20%, duas subclasses são diferenciadas pelo CBR: SLF₁₄ se CBR maior ou igual a 10% e SLF₁₅ se CBR menor que 10%;
- Se o limite de contração for maior ou igual a 20%, tem-se as seguintes subclasses: SLF₁₂ se CBR maior ou igual a 10% e SLF₁₃ se CBR menor que 10%.

Com os solos classificados, é definido então o campo de utilização de cada subclasse por meio da determinação do módulo de resiliência das amostras com a execução de ensaios triaxiais de carga repetida. Desse modo, a necessidade de aplicação de tratamentos específicos nos solos está condicionada a casos em que os parâmetros da classificação excedam, em valor, os limites supracitados. Além disso, é importante a realização de análise mecanística-empírica para complementar a análise do desempenho estrutural e funcional, através da modelagem das estruturas frente a condições reais de tráfego.

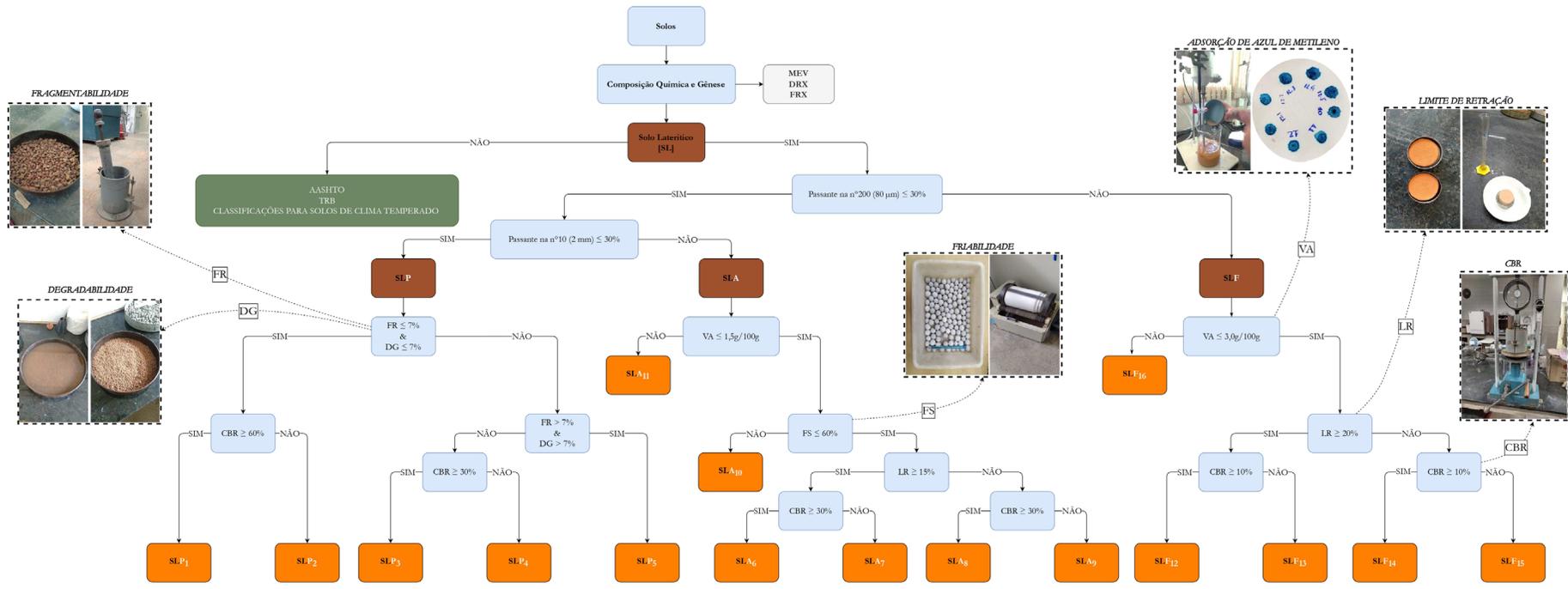
O tratamento indicado na classificação tem por objetivo viabilizar a utilização do material através da adoção de métodos adequados de estabilização granulométrica ou adição de ligantes hidráulicos, permitindo que o solo tenha comportamento, em termos de

plasticidade e outros parâmetros de resistência e durabilidade, compatível com as solicitações de tráfego para o qual a estrutura da rodovia foi projetada.

A estabilização dos solos por adição de ligantes hidráulicos (cal ou cimento) confere às misturas propriedades físicas e mecânicas particulares. Em função disto, se distinguem para o engenheiro de rodovias, aquelas que tem uma incidência sobre a plasticidade, a granulometria, as variações volumétricas por absorção de água, a pressão de expansão, as características de compactação, as quais estão associadas à capacidade de suporte, a dureza, a permeabilidade, a sucção e a adsorção. O grau no qual as modificações acontecem é dependente da natureza, do tipo de método (tempo e forma de cura, compactação da mistura, etc.) assim como da quantidade de estabilizante. Com relação aos tratamentos, geralmente a cal é utilizada para estabilizar os Solos Lateríticos Finos ou Arenosos Siltosos e o cimento para estabilizar os Solos Lateríticos Pedregulhosos ou Arenosos (Dantas, 2019).

Figura 38: Sequência lógica para classificação

CLASSIFICAÇÃO UNIVERSAL DE SOLOS LATERÍTICOS



QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO

SOLOS LATERÍTICOS											
Composição Química e Gênese											
Passante na peneira 2 mm (n° 10) <= 30%						Passante na peneira 80µm (n° 200) > 30%					
SOLOS LATERÍTICOS PEDREGULOSOS (SLP)				SOLOS LATERÍTICOS ARENOSOS (SLA)				SOLOS LATERÍTICOS FINOS (SLF)			
FR <= 7% & DG <= 7%		FR > 7% & DG > 7%		FS <= 60%		VA <= 1,5g/100g		LR <= 20%		VA <= 3,0g/100g	
CBR <= 60%	CBR <= 60%	CBR <= 30%	CBR <= 30%	LR <= 15%	LR <= 15%	FS > 60%	VA > 1,5g/100g	CBR <= 10%	CBR <= 10%	CBR <= 10%	CBR <= 10%
SLP ₁	SLP ₂	SLP ₃	SLP ₄	SLA ₁	SLA ₂	SLA ₃	SLA ₄	SLF ₁	SLF ₂	SLF ₃	SLF ₄
ESTABILIZADO				ESTABILIZADO				ESTABILIZADO			
BASE [E <= 1,00%] [MR <= 200 MPa → N <= 10] [MR <= 400 MPa → N <= 10]				BASE [E <= 1,00%] [MR <= 200 MPa → N <= 10] [MR <= 400 MPa → N <= 10]				BASE [E <= 1,00%] [MR <= 200 MPa → N <= 10] [MR <= 400 MPa → N <= 10]			
NATURAL				NATURAL				NATURAL			
ESTABILIZADO				ESTABILIZADO				ESTABILIZADO			
SUB-BASE [E <= 1,50%] [MR <= 200 MPa]				SUB-BASE [E <= 1,50%] [MR <= 200 MPa]				SUB-BASE [E <= 1,50%] [MR <= 200 MPa]			
NATURAL				NATURAL				NATURAL			
ESTABILIZADO				ESTABILIZADO				ESTABILIZADO			
REFORÇO DO SUBLEITO [MR <= 100 MPa]				REFORÇO DO SUBLEITO [MR <= 100 MPa]				REFORÇO DO SUBLEITO [MR <= 100 MPa]			

Legenda:
N: Número equivalente de operações do eixo padrão de 8,2 t; DG: Coeficiente de Degradabilidade; FR: Coeficiente de Fragmentabilidade; FS: Coeficiente de Friabilidade; LR: Limite de retração/contracção; VA: Valor de adsorção de Azul de Metileno; CBR: Índice de Suporte Califórnia; E: Expansão; SLP: Solo Laterítico Pedreguloso; SLA: Solo Laterítico Arenoso; SLF: Solo Laterítico Fino.

MÓDULO DE RESILÊNCIA



DEFORMAÇÃO PERMANENTE



- Legenda:**
- MEV: Microscopia Eletrônica de Varredura;
 - DRX: Difração de Raios X;
 - FRX: Fluorescência de Raios X;
 - N: Número equivalente de operações do eixo padrão de 8,2t;
 - DG: Coeficiente de Degradabilidade;
 - FR: Coeficiente de Fragmentabilidade;
 - FS: Coeficiente de Friabilidade;
 - LR: Limite de Retração/Contracção;
 - VA: Valor de adsorção de Azul de Metileno;
 - CBR (ISCI): Índice de Suporte Califórnia;
 - E: Expansão;
 - SLF: Solo Laterítico Fino;
 - SLA: Solo Laterítico Arenoso;
 - SLP: Solo Laterítico Pedreguloso.

AUTORES



COAUTORES



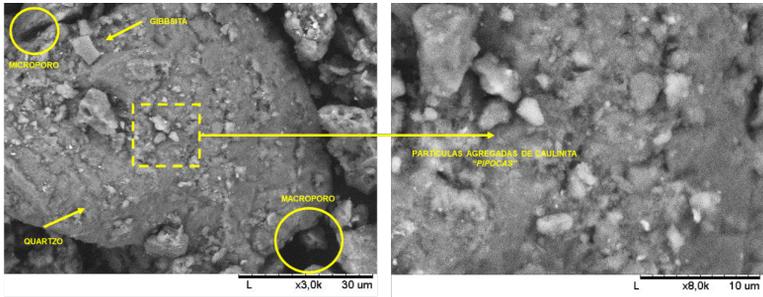
PROGRAMA DE ENSAIOS E ANÁLISES

GÊNESE, MORFOLOGIA E COMPOSIÇÃO QUÍMICA

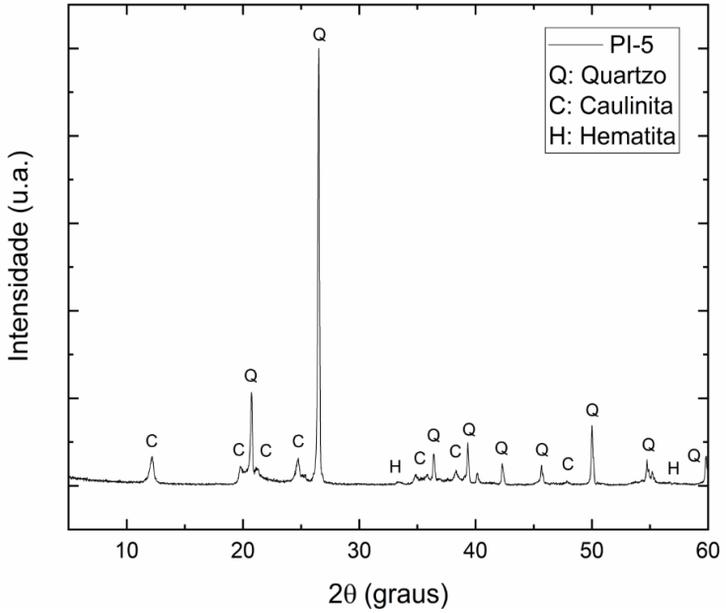
Antes de tudo, deverão ser obtidas informações sobre a gênese e a composição química que permitirão confirmar o caráter laterítico ou não-laterítico dos materiais estudados. A composição química das amostras é determinada por Fluorescência de Raio-X (FRX). Para a identificação dos argilominerais, presentes na fração fina das amostras pesquisadas, é utilizado o ensaio de Difração de Raio-X (DRX). Por fim, a microestrutura de solos lateríticos de granulação é ser observada por Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV).

Para as análises supracitadas, utiliza-se material previamente seco e passante na peneira de 80 μ m (n° 200). As Figura 39 apresenta uma análise de micrografia (3000x e 8000x) (a) e um difratograma de raios X (b) de um determinado solo laterítico.

Figura 39: Gênese, morfologia e composição química



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

GRANULOMETRIA

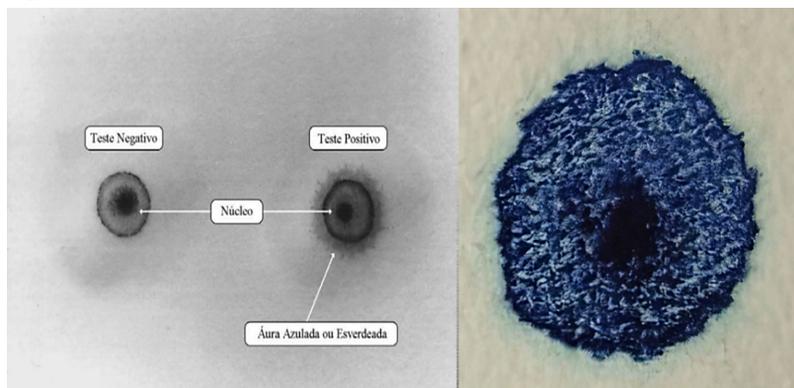
A granulometria dos solos por peneiramento pode ser realizada seguindo os procedimentos normatizados pela norma DNIT-ME 080 (1994). O peneiramento pode ser realizado com o emprego das peneiras de abertura de 50mm, 25mm, 9,5mm, 4,75mm, 2mm, 0,42mm, 0,18mm e 0,075mm. Segundo Lima (2013), os parâmetros utilizados relacionados à granulometria são: o diâmetro máximo, $D_{\text{máx}}$, o tamanho de $80\mu\text{m}$ ($n^{\circ}200$) e o tamanho de 2mm ($n^{\circ}10$).

O diâmetro máximo é a dimensão máxima dos grandes elementos contidos no solo. O diâmetro de $80\mu\text{m}$ permite distinguir os solos ricos em finos e pode ser usado para avaliar a sensibilidade do solo à água. O limite inferior é fixado em 30% e representa o limite no qual o comportamento do solo pode ser considerado como influenciado significativamente pela fração fina ($80\mu\text{m}$). O diâmetro de 2mm permite estabelecer uma distinção entre os solos com tendência arenosa e os solos com tendência pedregulhosa. O limite inferior é fixado em 30%, onde são definidos os solos com tendência arenosa e abaixo do qual são considerados solos com tendência pedregulhosa.

ADSORÇÃO DE AZUL DE METILENO (VA)

O ensaio objetiva medir a quantidade de azul de metileno que pode ser adsorvida pelo solo em suspensão na água. O ensaio é realizado adicionando sucessivamente diferentes quantidades de azul de metileno e monitorando a adsorção após cada adição. Para isso, retira-se uma gota da suspensão e coloca-se sobre um papel de filtro, o que provoca a formação de uma mancha. A adsorção máxima é alcançada quando uma auréola azul clara persistente aparece na periferia da mancha (Figura 40). Deverá aparecer uma mancha circular, composta de um núcleo escuro que contém as partículas sólidas da suspensão (solo), circundada por uma borda de cor mais clara, correspondente à fase líquida da suspensão filtrada pelo papel de filtro (Fabbri, 1994).

Figura 40: Exemplos do teste de Adsorção de Azul de Metileno



Fonte: Adaptado de Fabbri (1994)

Os ensaios de adsorção de azul metileno são realizados segundo o procedimento descrito na norma francesa NF P 94-068 (1998). O material a ser ensaiado é o passante na peneira de abertura 5mm.

São separadas três amostras de teste, cada uma contendo 60g de solo. A primeira amostra é introduzida em um recipiente e suspensa em 500ml de água destilada, havendo a dispersão por meio de um agitador mecânico girando a uma velocidade de 700rpm e posicionado a 5mm do fundo do recipiente. A agitação deve ocorrer durante pelo menos 5 minutos, antes que se introduzida as quantidades de azul de metileno. A segunda porção de teste é usada para determinar o teor de umidade do solo. Já a terceira amostra é mantida para o caso em que o teste necessite ser refeito. Após a agitação da amostra suspensa durante os primeiros 5 minutos, a velocidade de agitação deve ser reduzida para 400rpm.

A partir dessa etapa, se inicia a titulação da solução de azul de metileno. Através de uma bureta graduada, é introduzido 5ml de solução de azul de metileno e, após 1min de agitação, realizado o teste da mancha. Injeções sucessivas de 5ml de solução de azul de metileno são efetuadas até que se consiga o ponto de adsorção máxima no papel filtro, denominado “ponto de viragem”. O ensaio é finalizado quando se obteve cinco pontos positivos (adsorção máxima) seguidos, sem a necessidade de incrementos de azul de metileno. A

concentração da solução de azul de metileno é de 10gramas por litro.

A Figura 41 ilustra a aparelhagem utilizada nos ensaios de adsorção de azul de metileno.

O valor de adsorção de azul (VA) é calculado segundo a Equação 5 abaixo:

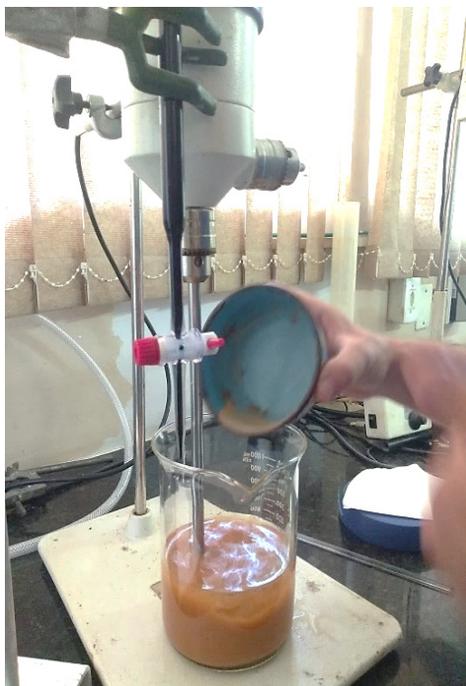
$$VA \left(\frac{g}{100g} \right) = \frac{Vx 0,01}{m_d} \quad (5)$$

Onde:

- VA é valor de adsorção de azul de metileno, expresso em gramas de azul por 100 gramas de solo;
- V é o volume de solução de azul metileno adicionado a solução, em ml; e
- m_d a massa de solo seco ensaiado, em gramas.

De acordo com classificação de Rodrigues *et al.* (2010), o VA de 1,50g/100g é o limite que distingue os Solos Lateríticos Arenosos-Siltosos dos Solos Lateríticos Arenosos-Argilosos. O VA de 3,00g/100g, por sua vez, é o limite que distingue os Solos Lateríticos Finos-Siltosos dos Solos Lateríticos Finos-Argilosos.

Figura 41: Ensaio de Adsorção de Azul de Metileno



Fonte: De autoria própria

LIMITE DE RETRAÇÃO/CONTRAÇÃO (LR)

O ensaio de limite de retração/contração é realizado com solo passante na peneira de 400 μm , e pode ser feito de duas maneiras:

- medindo a mudança no volume durante a secagem na estufa. O limite de contração é o teor de água a partir do qual nenhuma mudança no volume é observada (norma de referência: NF XP P 94-060-1, 1997);
- ou determinando-se a deformação axial e o teor de água correspondente, de um corpo de prova de material, medida em diferentes estados de sua secagem sob condições ambiente (norma de referência: NF XP P 94-060-2, 1997).

O método de obtenção do limite de contração também pode ser definido na DNIT-ME 087 (1994), onde deixa-se o solo secar ao ar até sensível mudança de tonalidade, secando-o depois em estufa até constância de peso.

Considerando o método do DNIT-ME 087 (1994), para a obtenção do limite de contração das amostras, toma-se cerca de 50g de solo passante na peneira nº40. Em seguida, o solo deve ser homogeneizado com adição de água, até a formação de uma pasta com teor de umidade próximo ao limite líquido do solo. A pasta homogeneizada é então colocada em uma cápsula de contração e deixada secando ao ar por pelo menos 12 horas. Após a secagem ao ar, a cápsula é colocada na estufa a 105°C por 24 horas, onde foi submetido à secagem até constância de peso.

Para medir o volume da pastilha de solo seco contraída, emprega-se o método do deslocamento de mercúrio. A pastilha de solo deve ser mergulhada em um recipiente com mercúrio e o volume de mercúrio deslocado medido em uma proveta graduada.

O cálculo do limite de contração (LR) é realizado com base na Equação 6 abaixo:

$$LR(\%) = \frac{m_h - P_w(V_h - V_d)}{m_d} - 1 \quad (6)$$

Onde:

- m_h é massa de solo úmido, em gramas;
- m_d a massa de solo seco, em gramas;
- V_h o volume do solo úmido, em ml;
- V_d o volume do solo seco, em ml de mercúrio deslocado; e
- P_w a massa específica da água.

Na Equação 6, o volume do solo úmido corresponde ao próprio volume da cápsula de contração.

O limite de contração do solo corresponde a média aritmética dos teores obtidos de três amostras ensaiadas. O grau de contração ou contração volumétrica, por sua vez, é a razão da diferença entre os volumes inicial e inal após a secagem da amostra, para o volume inicial, expressa em porcentagem.

A Figura 42 apresenta o esquema da realização dos ensaios de limite de retração.

A classificação de Rodrigues *et al.* (2010) considera que o limite inferior de 15% distingue os Solos Lateríticos Arenosos-Siltosos com retração moderada; e o de 20% distingue os Solos Lateríticos Finos-Siltosos com retração moderada.

Figura 42: Ensaio de limite de retração/contração



Fonte: De autoria própria

COEFICIENTES DE FRAGMENTABILIDADE (FR) E DEGRADABILIDADE (DG)

Para Solos Lateríticos Pedregulhosos, é importante analisar a resistência das partículas (concreções lateríticas) que é caracterizada pelo coeficiente de fragmentabilidade e pelo coeficiente de degradabilidade. O conhecimento por si só da natureza petrográfica da rocha da qual se derivou o material, geralmente não é suficiente para prever todos os possíveis problemas que podem aparecer devido ao uso do respectivo solo na estrutura do pavimento.

Além da questão envolvendo o método de extração, outros aspectos devem ser considerados, como a capacidade de fragmentação do material sob tensões aplicadas durante as várias fases de execução do pavimento e durante sua vida útil, e estresses mecânicos decorrentes dos ciclos de variação de umidade da camada compactada, muito comuns em regiões tropicais. Essas particularidades buscam avaliar o caráter evolutivo do solo pedregulhoso.

Os coeficientes de fragmentabilidade e degradabilidade são dois parâmetros utilizados pela classificação LCPC/SETRA para caracterizar solos pedregulhosos, a partir das particularidades supracitadas. O procedimento de ensaio para determinação do coeficiente de fragmentabilidade está descrito na norma NF P 94-066 (1992). Já para a obtenção do coeficiente de degradabilidade, a metodologia é normatizada pela norma NF P 94-067 (1992).

Pela classificação de Rodrigues *et al.* (2010), se os dois coeficientes supracitados forem inferiores a 7%, dizemos que os solos lateríticos são de boa qualidade. Se qualquer um ou os dois coeficientes for maior do que 7%, os solos lateríticos são considerados de fraca qualidade. Esses parâmetros são levados em consideração para avaliar a utilização possível dos Solos Lateríticos Pedregulhosos em camadas de rodovias.

ENSAIO DE FRAGMENTABILIDADE

O ensaio de fragmentabilidade (FR) consiste em determinar a redução do diâmetro efetivo do solo D_{10} (diâmetro tal que 10% do solo, em peso, tem partículas com diâmetros menores que ele) através de uma compactação convencional com 100 golpes, efetuados com o

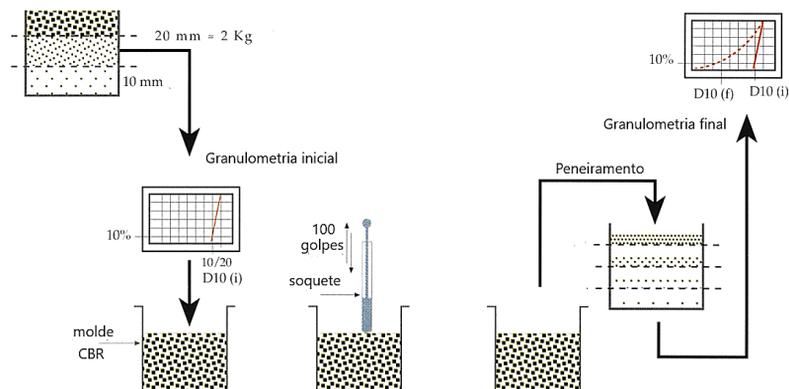
soquete Proctor pequeno em um molde CBR.

O ensaio é executado com 2kg de solo seco ao ar livre, passante na peneira de abertura 20mm e retido na 10mm. Antes do apiloamento, deve-se obter a massa retida do solo a ser ensaiado na peneira de abertura 16mm, para que seja possível traçar a curva granulométrica do material com os pontos correspondentes aos diâmetros 10mm, 16mm e 20mm (100% de material passante).

Após a preparação do solo e definição da curva granulométrica, o material é colocado no molde CBR e submetido ao apiloamento, através do soquete Proctor, com 100 golpes. Em seguida, é realizada a granulometria do solo apilado, peneirando o material nas peneiras de abertura 1mm, 2mm, 5mm e 10mm.

A Figura 43 apresenta o esquema das etapas do ensaio para determinação do coeficiente de fragmentabilidade. Por sua vez, a Figura 44 exhibe o molde CBR e o soquete utilizados nos ensaios.

Figura 43: Esquema das etapas do ensaio de fragmentabilidade



Fonte: De autoria própria

Figura 44: Execução do ensaio de fragmentabilidade



Fonte: De autoria própria

Finalmente, o cálculo do coeficiente de fragmentabilidade (FR) é calculado utilizando a Equação 7 abaixo:

$$FR(\%) = \frac{D_{10} \text{ do material antes da compactação}}{D_{10} \text{ do material após a compactação}} \quad (7)$$

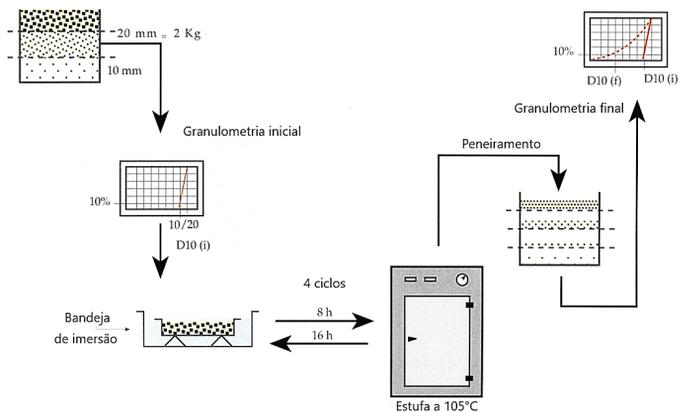
ENSAIO DE DEGRADABILIDADE

Com relação ao ensaio de degradabilidade (DG), a preparação da amostra segue os mesmos procedimentos do ensaio de fragmentabilidade. Contudo, para o ensaio de degradabilidade, em vez do apiloamento, a amostra é submetida a ciclos de imersão e secagem. O solo, previamente preparado, é imerso em água durante oito horas e depois em estufa a 105°C por 16 horas, completando um ciclo. Após quatro ciclos, é realizada a análise granulométrica da amostra para determinar a redução do diâmetro efetivo (D_{10}) do solo.

A Figura 45 apresenta o esquema das etapas do ensaio para determinação do coeficiente de degradabilidade. Por sua vez, a Figura 46

exibe a realização dos ciclos de imersão e secagem.

Figura 45: Esquema das etapas do ensaio de degradabilidade



Fonte: De autoria própria

Figura 46: Execução do ensaio de degradabilidade



Fonte: De autoria própria

Por fim, o cálculo do coeficiente de degradabilidade (DG) é calculado pela Equação 8:

$$DG (\%) = \frac{D_{10} \text{ do material antes do primeiro ciclo}}{D_{10} \text{ do material após o quarto ciclo}} \quad (8)$$

COEFICIENTE DE FRIABILIDADE DAS AREIAS (FS)

No ensaio de friabilidade das areias busca-se avaliar a evolução granulométrica do material, decorrente da fragmentação em um cilindro rotativo contendo cargas abrasivas e água. Por meio do ensaio, determina-se o coeficiente de friabilidade das areias (FS). Quanto maior for o coeficiente de friabilidade, mais friável é o solo, e maior é a tendência dele se desfazer em menores tamanhos sob aplicação de um estresse ou carga.

O coeficiente de friabilidade é um parâmetro que visa distinguir os materiais cuja fração granular é mais suscetível de resistir ao tráfego, permitindo a aplicação em camadas do pavimento. O solo, utilizado sem nenhum tratamento específico, deve ser suficientemente resistente à fragmentação e ao atrito para não permitir, sob os efeitos da compactação e do tráfego, a formação de elementos finos que o tornaria mais sensível à água e mais ativo.

A norma de referência utilizada nos ensaios de friabilidade foi a NF P 18-576 (1990). A amostra de teste corresponde a 500g de solo seco em estufa a 105°C, passante na peneira de abertura 2mm e retido na 0,2mm. O solo é introduzido em um cilindro rotativo, juntamente com 2,5 litros de água e cargas abrasivas. Por fim, o conjunto é rotacionado a uma velocidade de 100rpm durante 15 minutos.

O ensaio, segundo a norma de referência, deve ser realizado no aparelho *Micro-Deval* (Figura 47).

Figura 47: Equipamento normatizado do ensaio de friabilidade



Fonte: Adaptado de Geotechnical testing equipment (2022)

Contudo, em caso de indisponibilidade do equipamento padronizado, uma adaptação pode ser realizada. Um exemplo é o emprego de um moinho de bolas (Figura 48), constituído de material cerâmico, para reproduzir as características de ensaio de forma similar ao aparelho normatizado. As cargas abrasivas também devem ser

adaptadas, sendo empregadas esferas de material cerâmico (Figura 49). No entanto, ressalta-se que todos os ajustes devem ser realizados para que a velocidade de rotação, o diâmetro e o peso das esferas fossem equivalentes ao exigido pela norma francesa.

Figura 48: Adaptação na execução do ensaio de friabilidade das areias com moinho de bolas



Fonte: De autoria própria

Figura 49: Adaptação das cargas abrasivas para o ensaio de friabilidade das areias



Fonte: De autoria própria

Após os 15 minutos de rotação, todo o material contido no cilindro é despejado em duas peneiras sobrepostas de aberturas 0,1mm e 8mm. A peneira de abertura 8 mm tem a finalidade de coletar as cargas abrasivas.

Em seguida, o material retido é lavado na própria peneira de abertura 0,1mm, para que seja retirado todo o material fino aderente aos grãos do solo retido. Por fim, o material retido e lavado é levado a

estufa a 105°C por 24 horas, onde foi submetido à secagem até constância de peso.

Finalmente, o coeficiente de friabilidade (FS) é determinado de acordo com a Equação 9 abaixo:

$$FS (\%) = \frac{\text{Massa dos elementos inferiores a 0,1mm produzidos durante o ensaio}}{\text{Massa do material submetido ao ensaio}} \quad (9)$$

Tanto a classificação LCPC/SETRA, quanto a classificação de Rodrigues *et al.* (2010) adotam o limite de 60% para o coeficiente de friabilidade, acima do qual os solos são considerados muito friáveis.

ENSAIO DE COMPACTAÇÃO

O ensaio de compactação (Figura 50) permite determinar a correlação entre o teor de umidade e a massa específica aparente do solo seco, quando a fração do solo que passa pela peneira de 19 mm é compactada (norma de referência: DNIT-ME 164, 2013).

A amostra de solo, como recebida, é seca ao ar, destorroada no almofariz pela mão de gral, homogeneizada e reduzida com o auxílio do repartidor de amostras ou por quarteamento, até se obter uma amostra representativa. A amostra representativa é então passada na peneira de 19mm. O solo é compactado no molde com o disco espaçador em cinco camadas iguais, aplicando-se golpes por camada condizentes com a energia de compactação especificada. Para concretizar a curva de compactação do material, são executados no mínimo cinco ensaios com teores crescentes de umidade.

A curva de compactação é obtida traçando-se os dados de umidade no eixo vertical e de densidade no eixo horizontal de um sistema de coordenadas cartesianas. O ponto de inflexão do gráfico define a umidade ótima, que corresponde à densidade máxima de compactação do solo.

Figura 50: Ensaio de compactação



Fonte: De autoria própria

ÍNDICE DE SUPORTE CALIFÓRNIA (CBR)

O valor do CBR não constitui uma característica intrínseca de um

solo. De fato, sua grandeza depende, em parte, da natureza do solo (granulometria, plasticidade), propriedades que dependem do teor de água, de sua massa volumétrica seca e do seu grau de saturação, que são características de estado.

O objetivo do ensaio é determinar a capacidade de carga de um material, como suporte ou como componente de uma estrutura de pavimento, em condições de compactação e teor de água. Para a execução do ensaio de CBR, os corpos de prova são moldados na situação ótima obtida no ensaio de compactação.

Após a compactação, é realizado o ensaio de expansão, em que a cada molde é adicionada uma sobrecarga-padrão e realizada a imersão dos solos compactados em um tanque com água, deixando-os imersos durante 96 horas. Através de extensômetros, é realizado o acompanhamento da expansão por meio de leituras periódicas (inicial e diárias).

Após o término do ensaio de expansão, o molde é retirado do tanque de imersão e aguardado um período 15 minutos para escoamento do excesso de água. Posteriormente, é iniciado o ensaio de CBR com o auxílio de uma prensa universal e extensômetros para leitura da penetração e da pressão no pistão.

A norma de referência utilizada para os ensaios de CBR e Expansão pode ser a norma DNIT-ME 172 (2016). A Figura 51 ilustra as etapas para a realização dos ensaios.

De acordo com a classificação proposta por Rodrigues *et al.* (2010), o CBR inferior à 10% distingue os Solos Lateríticos Finos com uma capacidade de suporte moderada; e superior à 10% distingue os Solos Lateríticos Finos com uma capacidade de suporte boa. O limite inferior de 30% identifica os Solos Lateríticos Pedregulhosos e os Solos Lateríticos Arenosos com uma capacidade de suporte moderada. Entre 30% e 60%, dividem os Solos Lateríticos Pedregulhosos com uma capacidade de suporte moderada e os Solos Lateríticos Arenosos com uma boa capacidade de suporte. Por fim, CBR superior à 60% aponta os Solos Lateríticos Pedregulhosos de boa capacidade de suporte.

Figura 51: Ensaio de Índice de Suporte Califórnia (CBR)



Fonte: De autoria própria

MÓDULO DE RESILIÊNCIA

O ensaio de módulo de resiliência (Figura 52) pode ser realizado

conforme os procedimentos descritos na especificação da norma DNIT-ME 134 (2018). Além das amostras de solo, esta norma pode ser aplicada para amostras de britas graduadas, materiais estabilizados granulometricamente, solos e materiais melhorados por pequenas quantidades de adições de produtos químicos ou elementos tipo fibras naturais ou sintéticas e outros materiais alternativos, desde que não estabilizados quimicamente.

No ensaio de MR, para cada corpo de prova, são inicialmente aplicados 500 ciclos de carga para cada par de tensões com a finalidade de eliminar as deformações permanentes que podem ocorrer nas primeiras aplicações de tensão desvio (fase de condicionamento). Posteriormente, para determinação do MR são aplicados 18 pares de tensões com 100 ciclos de carga cada, sendo definido o MR médio das últimas 10 repetições de carga. A frequência das cargas repetidas na tensão vertical (tensão desvio) é de 1 Hz (60 ciclos por minuto), que corresponde a duração do pulso de carga de 0,1 segundo e 0,9 segundo de repouso. A Tabela 2 apresenta os dados para determinação do módulo de resiliência com base na norma DNIT-ME 134 (2018).

Figura 52: Ensaio de módulo de resiliência



Fonte: De autoria própria

Tabela 2: Sequência de tensões para determinação do módulo de resiliência

ETAPA DE CONDICIONAMENTO				
Par de tensão	σ_3 (MPa)	σ_d (MPa)	Número de ciclos	Frequência (Hz)
1	0,070	0,070	500	1
2	0,070	0,070	500	1
3	0,105	0,315	500	1
SEQUÊNCIA DE TENSÕES				
Par de tensão	σ_3 (MPa)	σ_d (MPa)	Número de ciclos	Frequência (Hz)
1		0,020	100	1
2	0,020	0,040	100	1
3		0,060	100	1
4		0,035	100	1
5	0,035	0,070	100	1
6		0,105	100	1
7		0,050	100	1
8	0,050	0,100	100	1
9		0,150	100	1
10		0,070	100	1
11	0,070	0,140	100	1
12		0,210	100	1
13		0,105	100	1
14	0,105	0,210	100	1
15		0,315	100	1
16		0,140	100	1
17	0,140	0,280	100	1
18		0,420	100	1

Fonte: Adaptado de DNIT-ME 134 (2018)

DEFORMAÇÃO PERMANENTE (DP)

O ensaio de deformação permanente (Figura 53) consiste em aplicar um grande número de ciclos de carga repetida para um estado de

tensões em cada corpo de prova, anotando as deformações permanentes acumuladas ao longo dos ciclos.

O ensaio de deformação permanente pode ser realizado conforme os procedimentos descritos na especificação da norma DNIT-IE 179 (2018). No ensaio de DP, para cada corpo de prova, são previamente aplicados 50 ciclos de carga, para a acomodação do conjunto pistão e cabeçote e, assim, evitar que eventuais folgas ou ajustes da superfície sejam lidos como deformação do corpo de prova. Finalmente, são aplicados 150.000 ciclos de carregamento, sendo obtidas leituras intermediárias. A frequência de aplicação da tensão desvio pode variar entre 2 e 5 Hz, sendo a duração do pulso de carga de 0,1 segundo.

Além das amostras de solo, esta norma pode ser aplicada para amostras de britas graduadas, materiais estabilizados granulometricamente, solos e materiais melhorados por pequenas quantidades de adições de produtos químicos ou elementos como fibras naturais ou sintéticas, e outros materiais alternativos, desde que não estabilizados quimicamente.

Segundo a norma, existem diferentes modelos e equações matemáticas que buscam descrever a deformação permanente de solos para pavimentação. Porém, na mesma é empregado o modelo de Guimarães (2009), que foi desenvolvido para prever a contribuição de cada material para a deformação permanente total durante o dimensionamento mecanístico-empírico do pavimento, além de permitir verificar a tendência de ruptura ou acomodação das deformações.

Conforme descrito no modelo proposto pela norma, devem ser ensaiados no mínimo seis corpos de prova (um para cada par de tensões), para o cálculo dos parâmetros do modelo composto por regressão não linear múltipla (Equação 4). A Tabela 3 apresenta a de tensões para determinação da deformação permanente com base na norma DNIT-IE 179 (2018).

Tabela 3: Sequência de tensões para determinação da deformação permanente

PROCEDIMENTO INICIAL				
Par de tensão	σ_s (MPa)	σ_d (MPa)	Número de ciclos	Frequência (Hz)
1	0,030	0,030	50	2~5
SEQUÊNCIA DE TENSÕES				
Par de tensão	σ_s (MPa)	σ_d (MPa)	Número de ciclos	Frequência (Hz)
1		0,040	150.000	2~5
2	0,040	0,080	150.000	2~5
3		0,120	150.000	2~5
4		0,080	150.000	2~5
5	0,080	0,160	150.000	2~5
6		0,240	150.000	2~5
7		0,120	150.000	2~5
8	0,120	0,240	150.000	2~5
9		0,360	150.000	2~5

Fonte: Adaptado de DNIT-IE 179 (2018)

Figura 53: Ensaio de deformação permanente



Fonte: De autoria própria

CAPÍTULO 5 – APLICAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO UNIVERSAL: ESTUDO DE CASOS

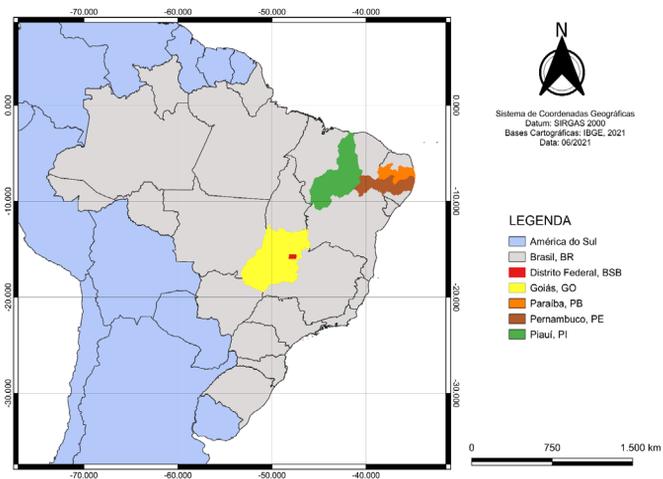
A PARTIR DA ANÁLISE DOS MAPAS PEDOLÓGICOS, FORAM COLETADAS 20 amostras em cinco Estados do Brasil: quatro solos do Distrito Federal (DF), seis solos do Goiás (GO), três solos da Paraíba (PB), um solo do Pernambuco (PE) e seis solos do Piauí (PI).

As Figuras 54–59 apresentam as localizações geográficas das amostras coletadas. As imagens com os pontos de coleta foram feitas com o auxílio da ferramenta *Google Maps* e do *software QGIS* com o *SIRGAS2000* (Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas).

Para a realização da coleta propriamente dita, foram utilizados: enxada, para limpeza da superfície da área de coleta, a fim de visualizar as características do perfil, como a transição da cobertura vegetal para o horizonte B; pá e picareta, para abertura e desagregação do solo e retirada da amostra deformada; sacos plásticos e de nylon para recolhimento, acondicionamento e preservação de umidade; e um carrinho de mão, para transporte dos sacos até o veículo do Laboratório de Engenharia de Pavimentos (LEP) e Geotecnia da UFCG.

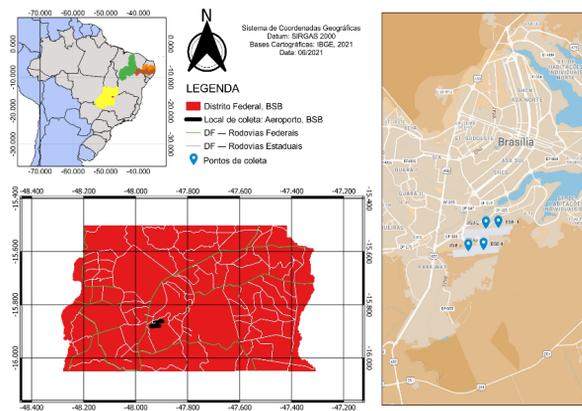
A Figura 60 exibe uma visão geral de alguns pontos de coleta no campo. Inicialmente, estabeleceu-se como critério a profundidade de pelo menos um metro abaixo da cobertura vegetal, contudo devido à altura e a situação íngreme de alguns taludes, que dificultou o acesso e a escavação, nem sempre foi possível obedecer a esta proposição. Assim, apesar da variação na profundidade de coleta, sempre foi observada a homogeneidade do perfil.

Figura 54: Localizações geográficas das amostras coletadas



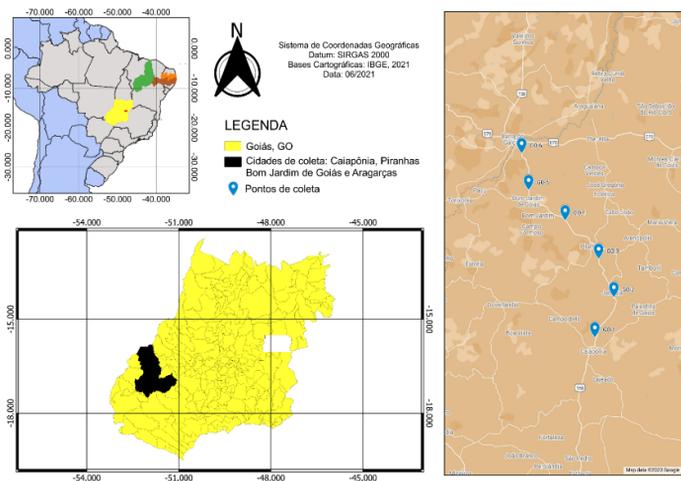
Fonte: De autoria própria a partir de dados do IBGE

Figura 55: Localizações geográficas das amostras coletadas no Distrito Federal (BSB)



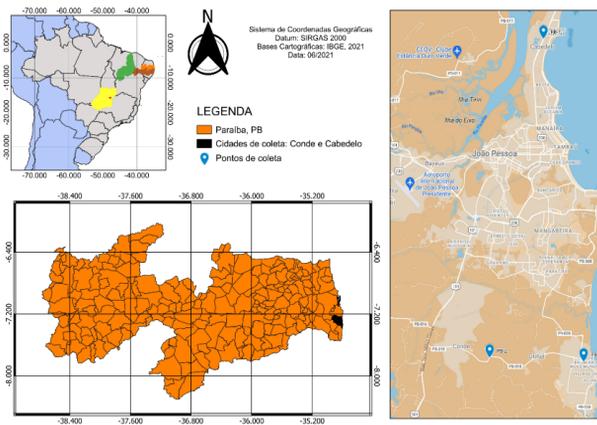
Fonte: De autoria própria a partir de dados do IBGE

Figura 56: Localizações geográficas das amostras coletadas no Goiás (GO)



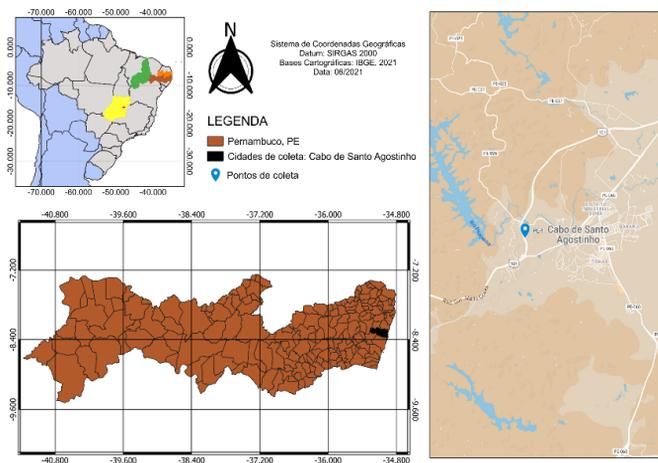
Fonte: De autoria própria a partir de dados do IBGE

Figura 57: Localizações geográficas das amostras coletadas na Paraíba (PB)



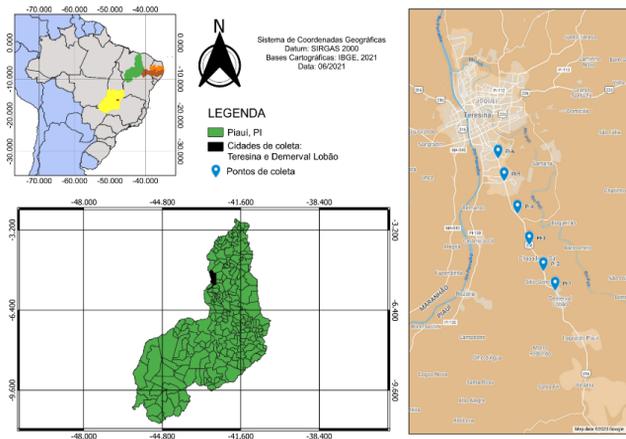
Fonte: De autoria própria a partir de dados do IBGE

Figura 58: Localizações geográficas das amostras coletadas no Pernambuco



Fonte: De autoria própria a partir de dados do IBGE

Figura 59: Localizações geográficas das amostras coletadas no Piauí (PI)



Fonte: De autoria própria a partir de dados do IBGE

Figura 60: Aspectos das amostras nos pontos de coleta





Fonte: De autoria própria

Os solos do Goiás são identificados como GO-1, GO-2, GO-3, GO-4, GO-5 e GO-6. Os solos da Paraíba são designados como PB-1, PB- 2 e PB-3. O solo do Pernambuco é apresentado como PE-1. Por fim, os solos do Piauí são nomeados como PI-1, PI-2, PI-3, PI-4, PI-5 e PI-6. A análise tátil-visual das amostras coletadas permitiu identificar solos com diferentes granulometrias, que vão desde frações

mais finas, até frações mais pedregulhosas (Figura 61).

Figura 61: Aspecto visual dos solos estudado



Fonte: De autoria própria

GÊNESE, MORFOLOGIA E COMPOSIÇÃO QUÍMICA

Nesta etapa, é apresentado o estudo sobre a gênese dos solos, buscando-se, com o auxílio de resultados de ensaios de Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV) acompanhados da técnica Energy Dispersive X-Ray detector (EDS) com identificação da composição química, Fluorescência de Raios-X (FRX) e Difração de Raios-X (DRX), a confirmação do caráter laterítico ou não-laterítico dos materiais. Conforme já destacado, a identificação da gênese dos materiais é de fundamental importância e principal premissa para a aplicabilidade da classificação de solos lateríticos objeto da pesquisa.

MEV-EDS

Os solos lateríticos caracterizam-se por possuírem a sua fração argila constituída pelo argilomineral caulinita. Estes solos ainda contêm na sua composição elevada porcentagem de óxidos e hidróxidos de ferro e de alumínio que recobrem a caulinita conferindo ao conjunto um aspecto cimentado. Os grãos desses solos formam massas esponjosas, ou com aparência de “pipoca”, com contornos predominantemente arredondados. Os contornos dos argilominerais que os constituem podem ser distinguidos com nitidez nas imagens obtidas na Microscopia Eletrônica de Varredura.

Nas Figuras 62–81 são ilustrados os resultados do MEV para os solos estudados. Os resultados de EDS, por sua vez, são apresentados nas Figuras 82–101. As imagens das amostras foram obtidas com aumento de 300X, 3000X e 8000X, sendo o EDS pontual para a ampliação de 8000X.

Figura 62: Solo BSB-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

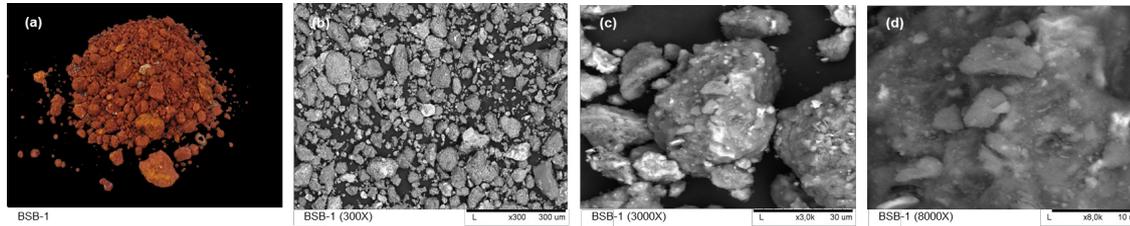


Figura 63: Solo BSB-2: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

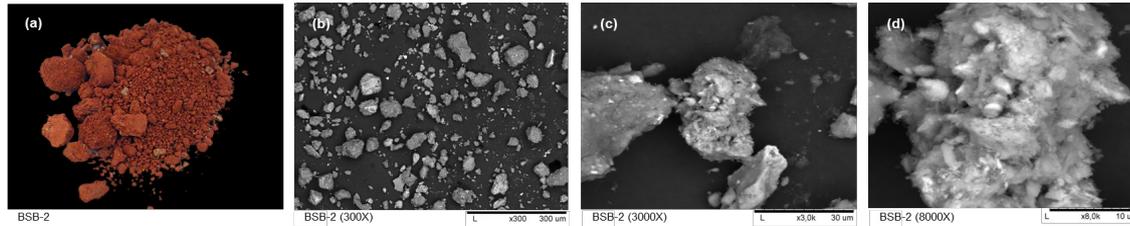


Figura 64: Solo BSB-3: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

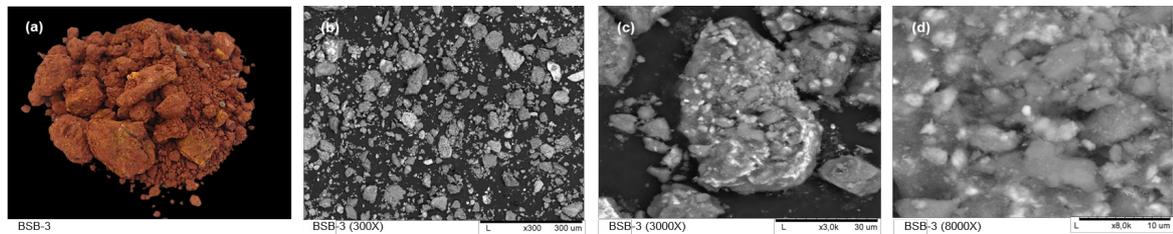


Figura 65: Solo BSB-4: (a) Fotografía; (b) Micrografía 300x; (c) Micrografía 3000x; (d) Micrografía 8000x

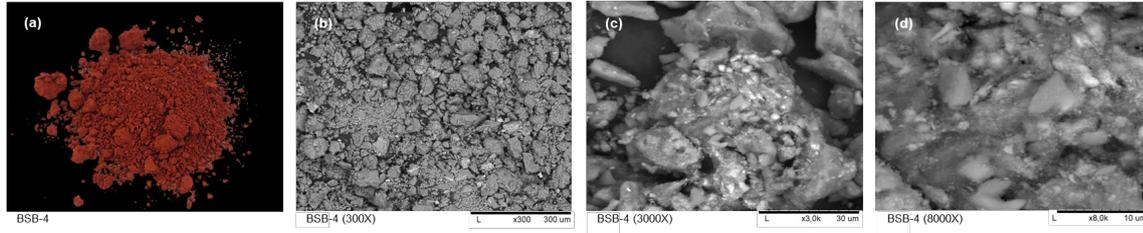


Figura 66: Solo GO-1: (a) Fotografía; (b) Micrografía 300x; (c) Micrografía 3000x; (d) Micrografía 8000x

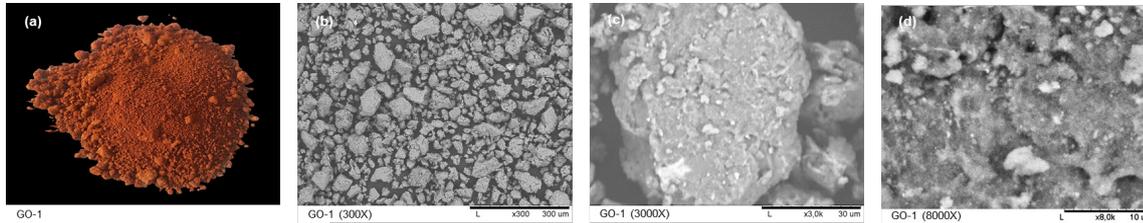


Figura 67: Solo GO-2: (a) Fotografía; (b) Micrografía 300x; (c) Micrografía 3000x; (d) Micrografía 8000x

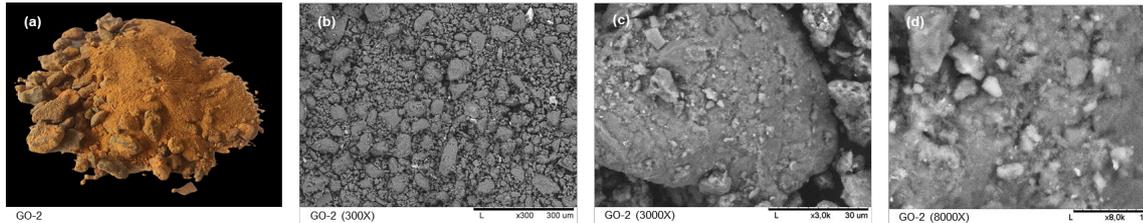


Figura 68: Solo GO-3: (a) Fotografía; (b) Micrografía 300x; (c) Micrografía 3000x; (d) Micrografía 8000x

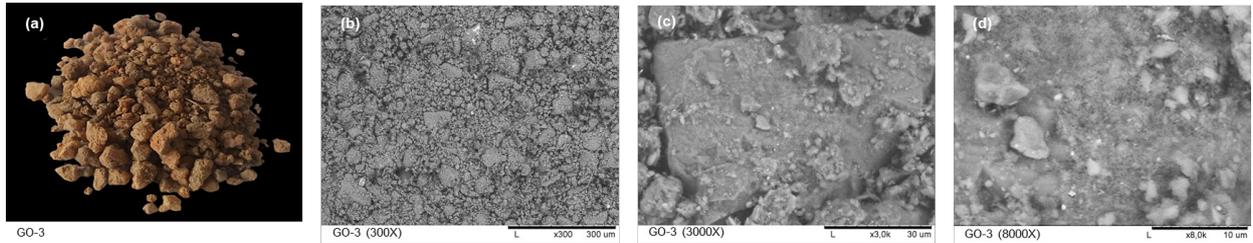


Figura 69: Solo GO-4 (a) Fotografía; (b) Micrografía 300x; (c) Micrografía 3000x; (d) Micrografía 8000x

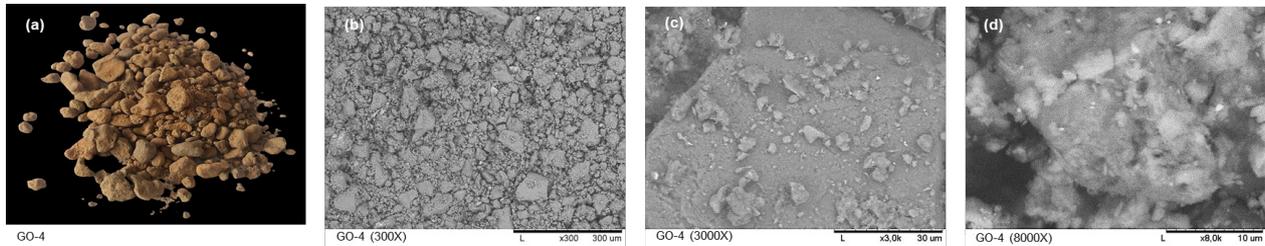


Figura 70: Solo GO-5: (a) Fotografía; (b) Micrografía 300x; (c) Micrografía 3000x; (d) Micrografía 8000x

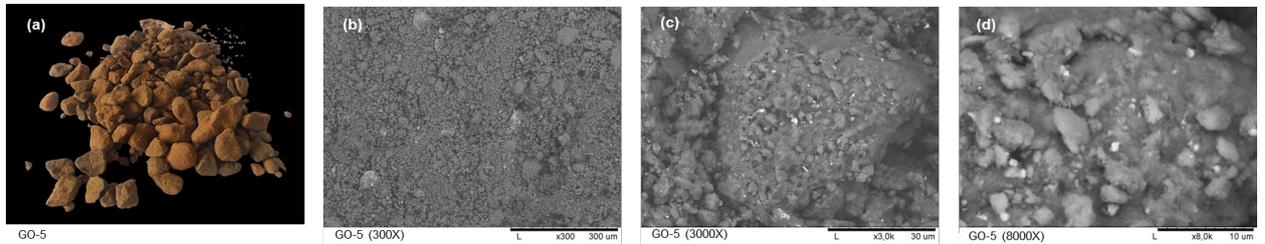


Figura 71: Solo GO-6: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

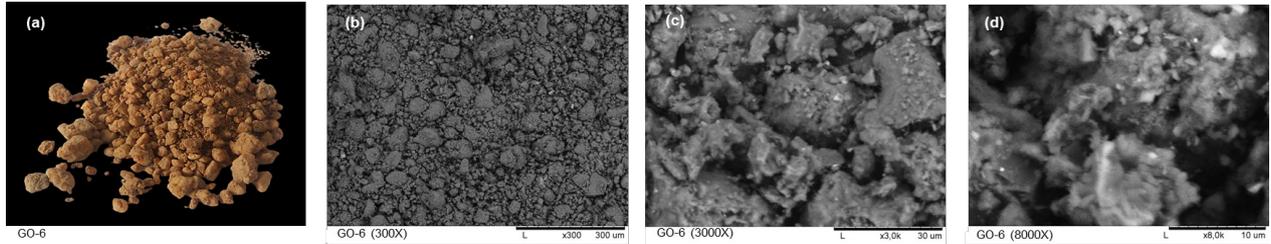


Figura 72: Solo PB-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

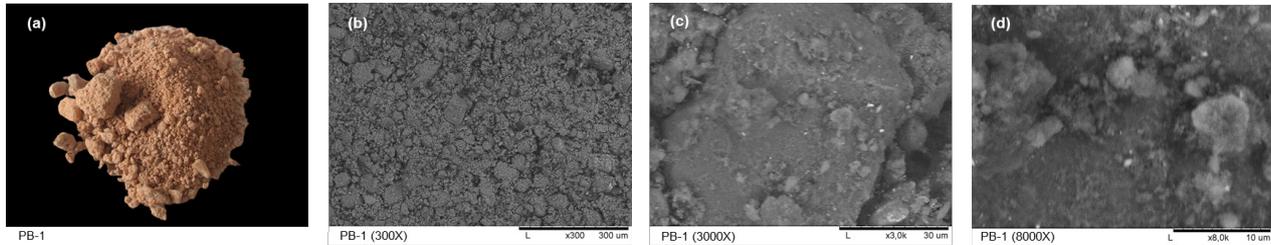


Figura 73: Solo PB-2: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

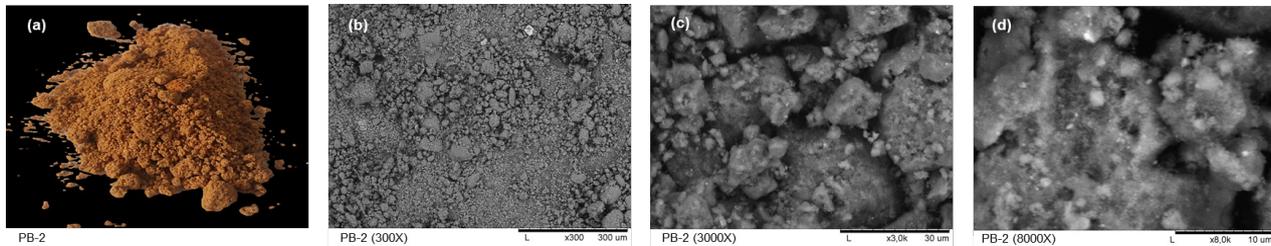


Figura 74: Solo PB-3: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

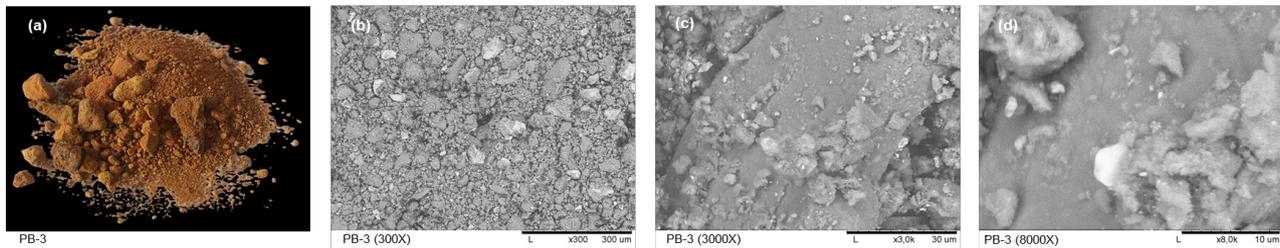


Figura 75: Solo PE-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

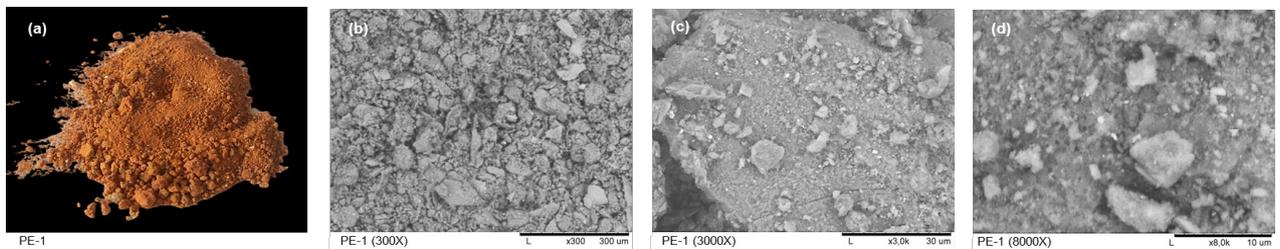


Figura 76: Solo PI-1: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

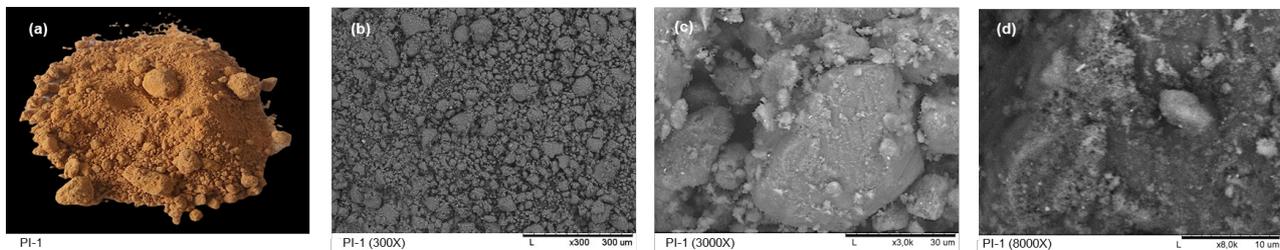
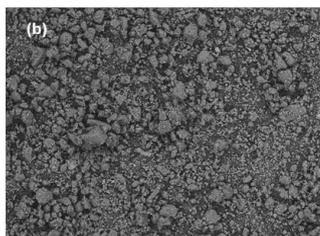


Figura 77: Solo PI-2: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

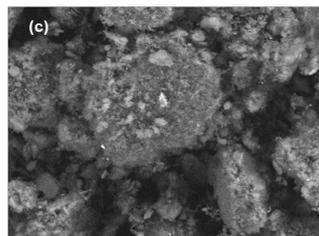


PI-2



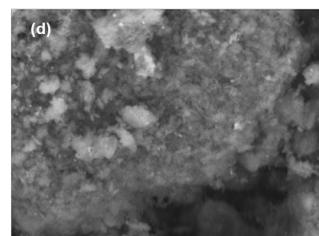
PI-2 (300X)

L x300 300 um



PI-2 (3000X)

L x3,0k 30 um



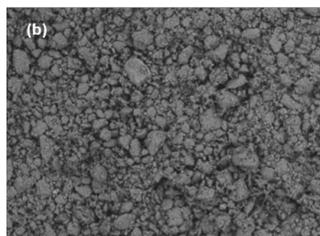
PI-2 (8000X)

L x8,0k 10 um

Figura 78: Solo PI-3: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

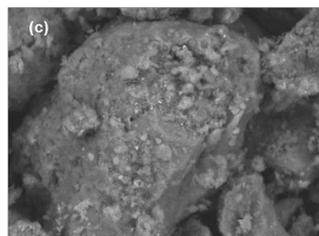


PI-3



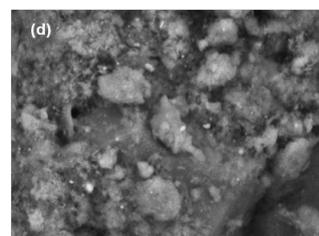
PI-3 (300X)

L x300 300 um



PI-3 (3000X)

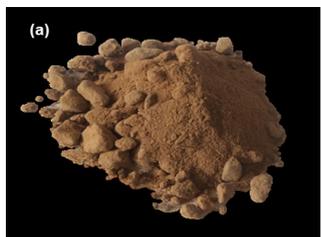
L x3,0k 30 um



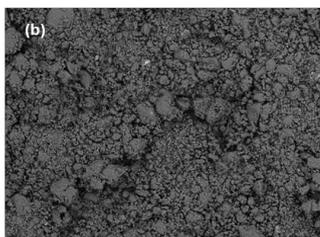
PI-3 (8000X)

L x8,0k 10 um

Figura 79: Solo PI-4: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

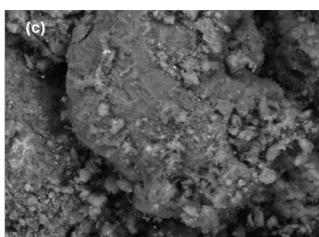


PI-4



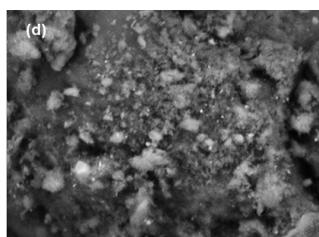
PI-4 (300X)

L x300 300 um



PI-4 (3000X)

L x3,0k 30 um



PI-4 (8000X)

L x8,0k 10 um

Figura 80: Solo PI-5: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

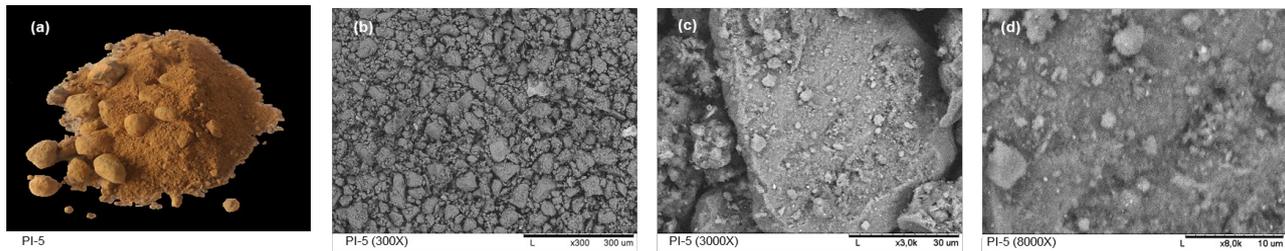


Figura 81: Solo PI-6: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

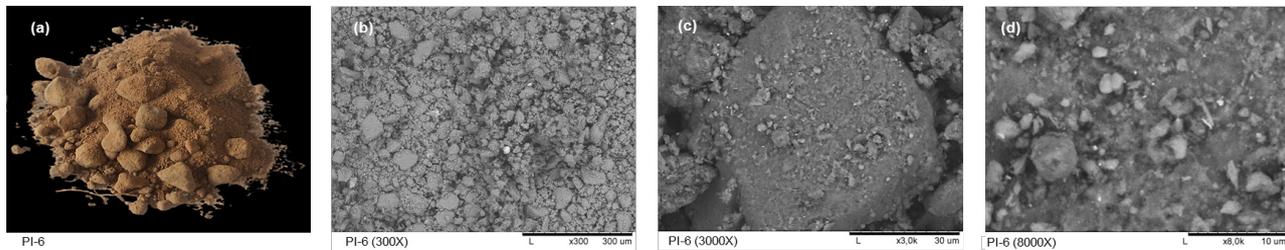


Figura 82: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-1 (8000X)

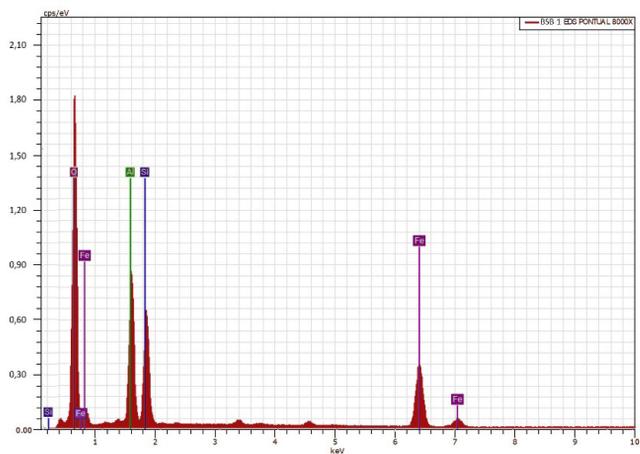


Figura 83: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-2 (8000X)

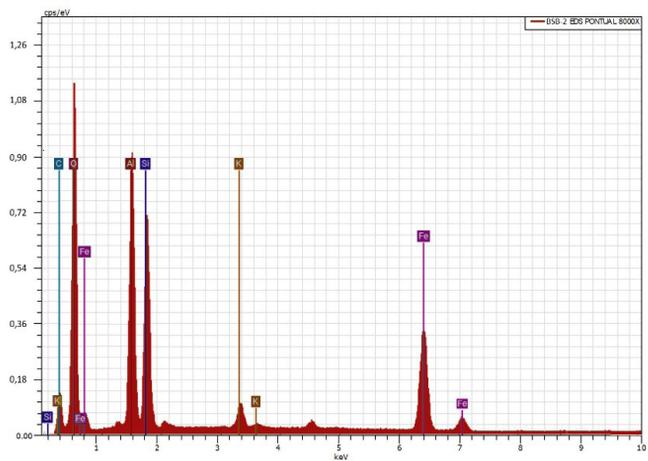


Figura 84: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-3 (8000X)

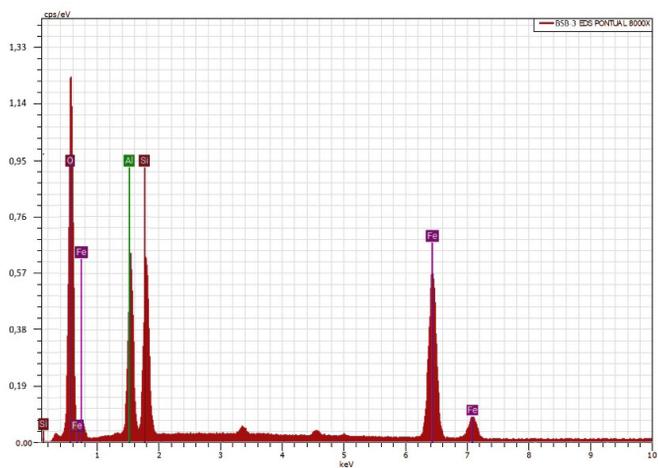


Figura 85: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da BSB-4 (8000X)

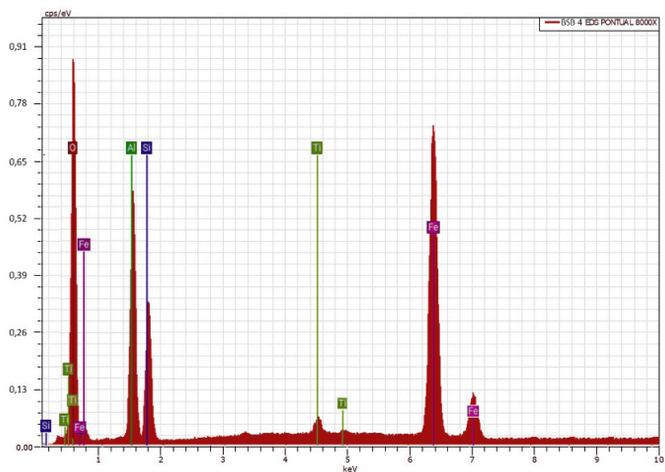


Figura 86: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-1 (8000X)

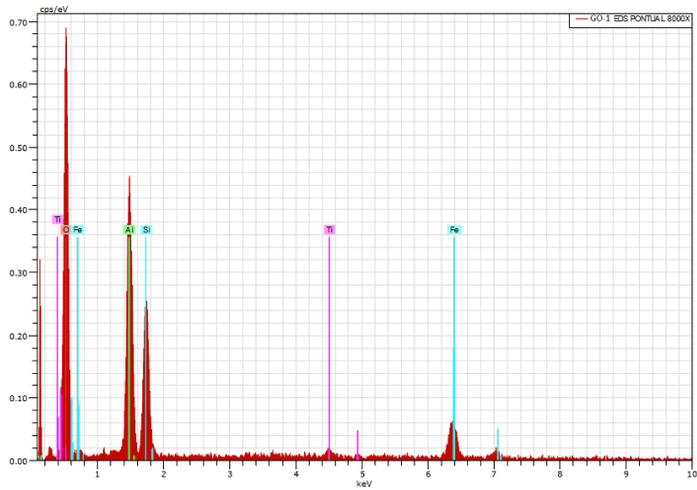


Figura 87: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-2 (8000X)

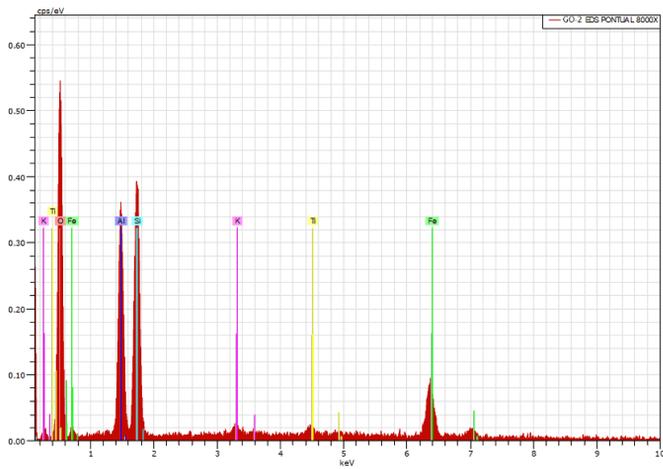


Figura 88: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-3 (8000X)

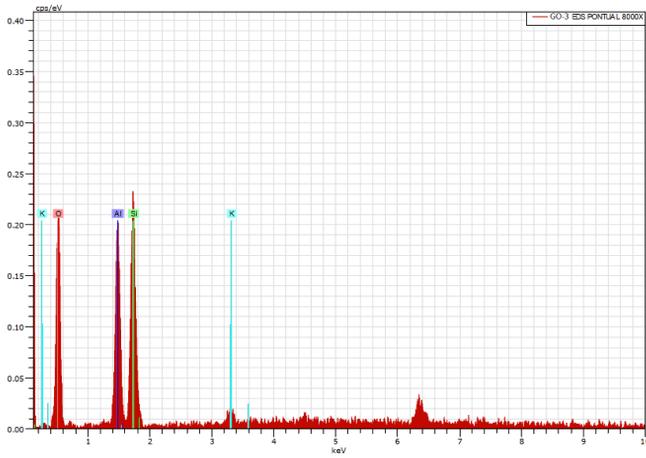


Figura 89: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-4 (8000X)

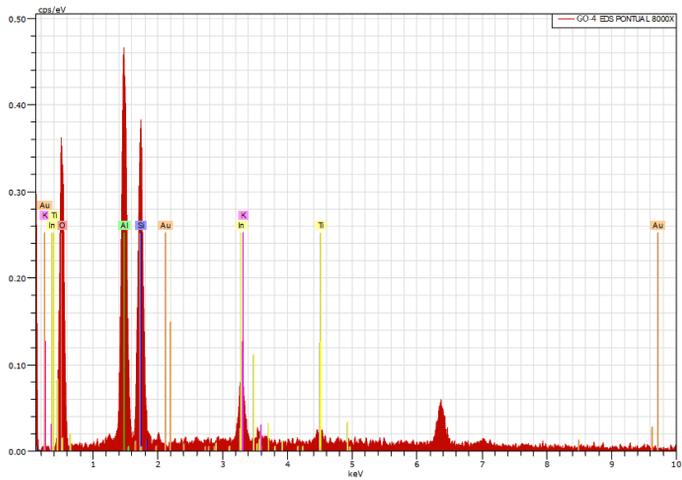


Figura 90: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-5 (8000X)

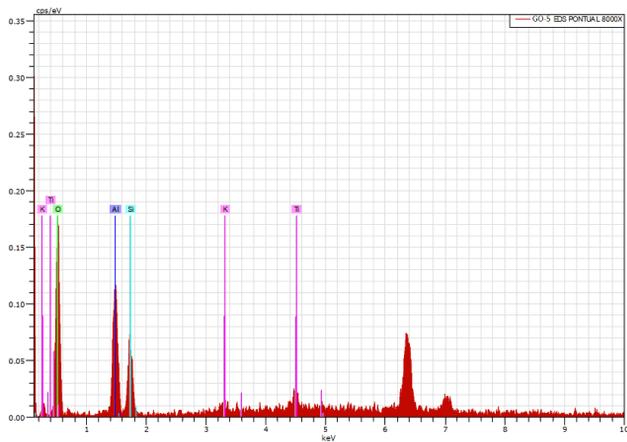


Figura 91: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da GO-6 (8000X)

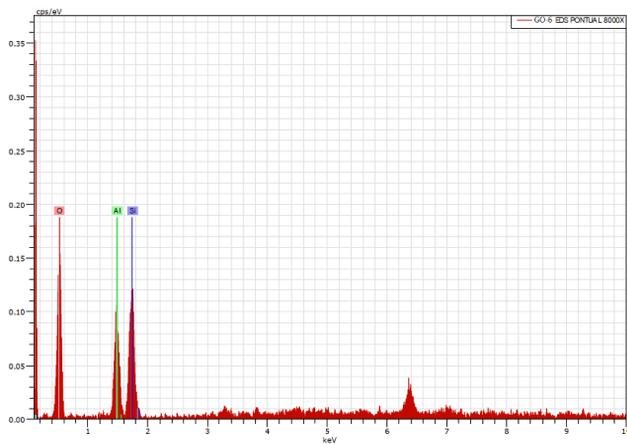


Figura 92: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PB-1 (8000X)

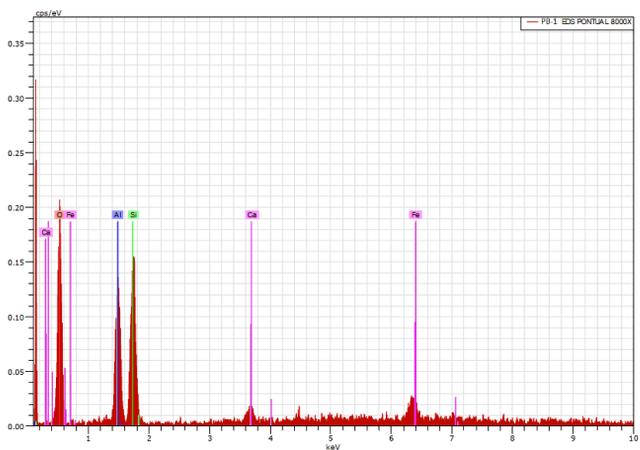


Figura 93: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PB-2 (8000X)

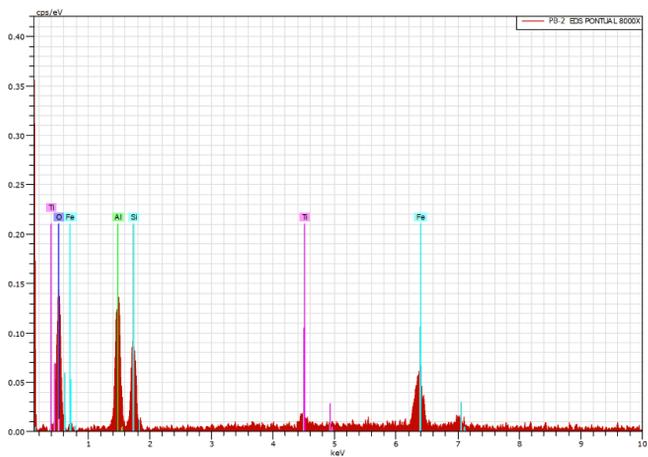


Figura 94: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PB-3 (8000X)

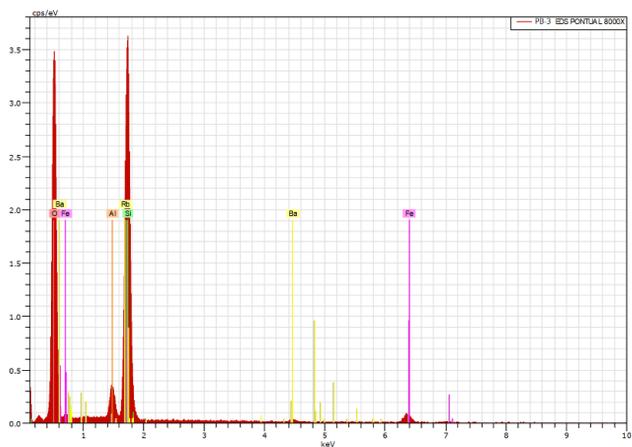


Figura 95: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PE-1 (8000X)

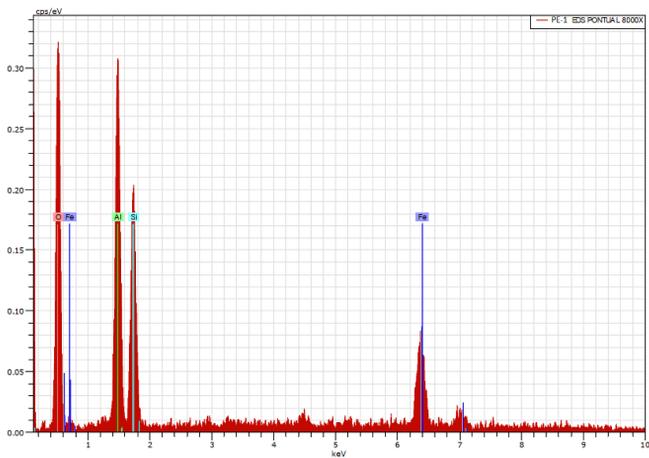


Figura 96: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-1 (8000X)

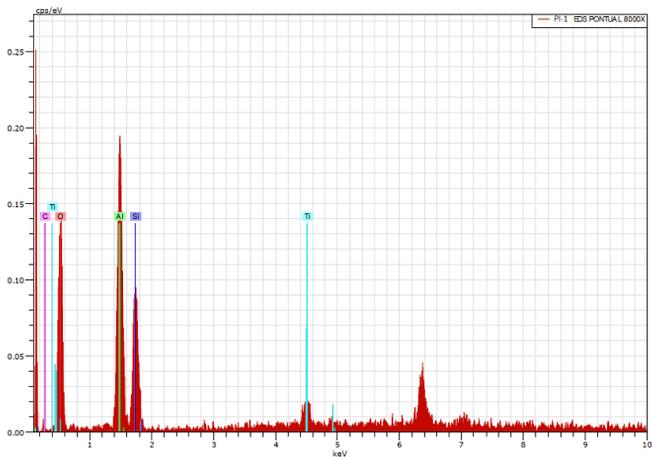


Figura 97: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-2 (8000X)

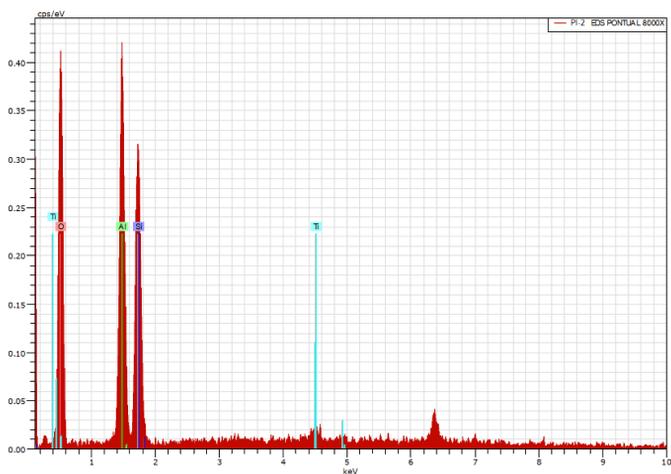


Figura 98: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-3 (8000X)

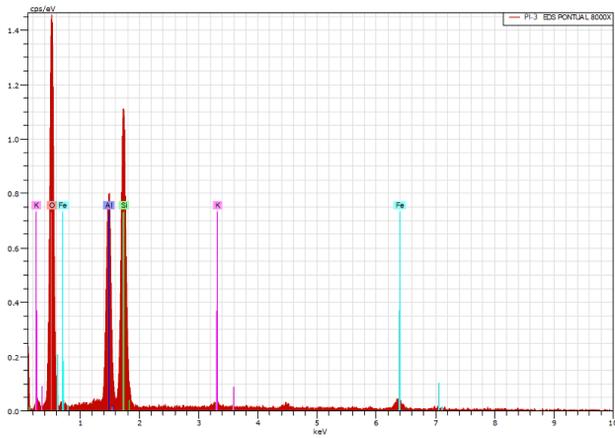


Figura 99: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-4 (8000X)

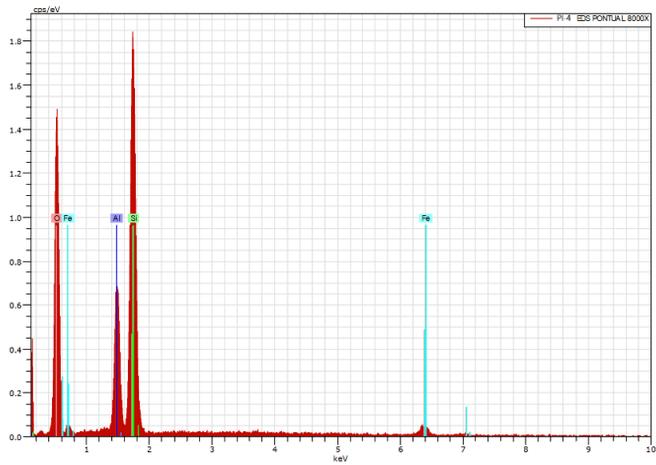


Figura 100: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-5 (8000X)

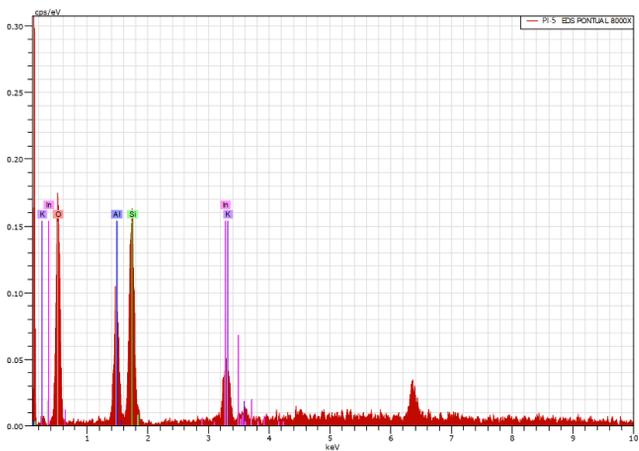
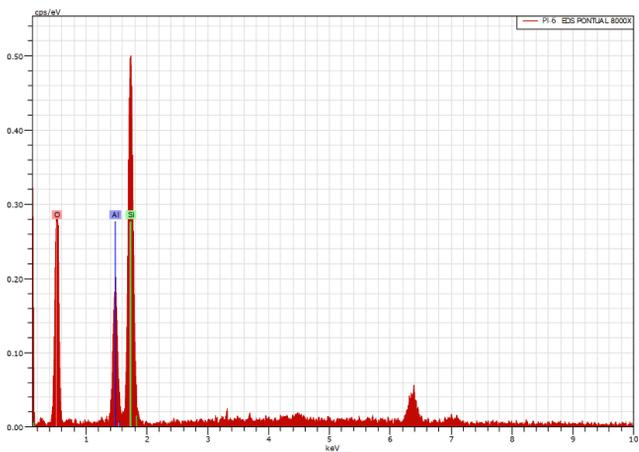


Figura 101: Resultados dos ensaios de EDS: elementos constituintes da PI-6 (8000X)



A análise das fotografias microscópicas sugere que todas as amostras apresentam gênese laterítica, onde foram encontrados padrões que demonstram a presença de cimentação entre suas partículas, bem como padrões típicos de materiais que passaram pelo processo de laterização, com uma estrutura onde as concreções de quartzo são envolvidas por grãos menores, ligados por uma massa aparentemente amorfa, conforme constatado por Nogami & Villibor (1995).

Em outras palavras, é possível observar a organização estreita entre as partículas finas (caulinita) e os grãos de quartzo. As partículas finas são de fato agregadas e formam uma película que reveste as partículas de quartzo de tamanho maior. Esta associação constitui assim um aglomerado. Isso está de acordo com os achados de Lemaire *et al.* (2013) e Mengue *et al.* (2017).

Assim, em resumo, notou-se elevada porcentagem de óxidos e hidróxidos de ferro e de alumínio que recobrem a caulinita conferindo ao conjunto um aspecto “cimentado”. Ademais, os grãos se apresentam ligados, arredondados e com indícios de vazios internos, formando massas esponjosas, ou com aspecto de “pipoca”, características que indicam se tratar de solos lateríticos.

Autores como Mahalinga-Iyer & Williams (1991); Rodrigues *et al.* (2010) e Biswal *et al.* (2018b), por meio de microscopia eletrônica de varredura (MEV), também observaram que, em solos lateríticos, as partículas de quartzo são revestidas, em geral, com finas partículas de caulinita.

No que tange a técnica *energy dispersive x-ray detector* (EDS), a Tabela 4 exibe um resumo da identificação da composição química e as porcentagens dos elementos que compõem os solos analisados. Através da análise, é possível identificar quais solos denotam, dentre outros elementos, predominância de Fe e/ou Al em sua composição, indicando características de solos lateríticos. Vale salientar que na fase de laterização dos solos tropicais ocorre o acúmulo de óxidos e hidróxidos (Al_2O_3 , Fe_2O_3 e TiO_2), ou seja, a presença de Titânio (Ti) na composição também pode indicar um solo em processo de laterização.

Devido ao fato do ensaio de EDS não indicar os constituintes minerais do solo, mas apenas os elementos químicos que compõem as

amostras, vale ressaltar algumas considerações a respeito da combinação destes elementos. Analisando a Tabela 4, é possível observar que:

- Houve predominância de O (oxigênio), Si (silício) e Al (alumínio) em quinze das dezesseis amostras. Para a amostra PB-3, a porcentagem de Al (alumínio) encontrada foi baixa quando comparada com as demais amostras;
- O elemento Al (alumínio) esteve presente em todas as amostras. Já o Fe (ferro) esteve ausente nas seguintes amostras: GO-4, GO-5, GO-6, PI-1, PI-2 e PI-6. A maior porcentagem de Fe (ferro) foi encontrada na amostra PE-1;
- O elemento Ti esteve presente em nove amostras, todas com baixos teores: BSB-4, GO-1, GO-2, GO-4, GO-5, PB-2, PI-1, PI-2, PI-4 e PI-5;
- As amostras BSB-2, GO-2, GO-3, GO-4, GO-5, GO-6 e PI-3 apontaram para a presença de potássio (K) em baixo teor;
- As amostras BSB-2 e PI-1 foram as únicas que constataram a presença de carbono (C). A presença do referido elemento pode estar relacionada ao processo de preparação da amostra. As amostras foram fixadas nos *stubs* utilizando fita carbono, o que pode ter acarretado o aparecimento do elemento.
- A amostra PB-1 foi a única com presença de cálcio (Ca);
- A amostra GO-4 foi a única que apresentou índio (In) e ouro (Au);
- A amostra PB-3 foi a única que apontou para a presença de rubídio (Rb) e bário (Ba).

Portanto, em um perfil laterítico, há ampla variação na composição mineralógica nos horizontes lateríticos, resultando na formação de argilominerais, óxi-hidróxidos de ferro, alumínio, titânio, manganês, fosfato e acumulação de minerais resistatos podendo formar depósitos supergênicos (Al, Fe, caulim, Ni, Mn, Au, Pt, Ti, P) (Lima *et al.*, 2017). A mobilidade geoquímica dos elementos no processo de formação de perfil laterítico reflete as condições ambientais de exposição e a composição química da rocha. O comportamento dos elementos e compostos químicos apresenta uma variação de padrão nos horizontes da base para o topo, quando comparado com a rocha-mãe (Costa, 2007).

Um fator importante é que, segundo Nogami & Villibor (1995), os solos tropicais em geral são constituídos de silicatos de alumínio hidratados, podendo conter pequena quantidade de elementos alcalinos (K, Na, Li) e alcalinos terrosos (Ca e Mg, principalmente). Além disso, o alumínio pode ser total ou parcialmente substituído por Fe ou Mg. Dessa maneira, somente através do ensaio de EDS não é possível definir quais solos são lateríticos e quais não são lateríticos.

Tabela 4: Resultados dos ensaios de EDS: porcentagens dos elementos constituintes (8000X)

Amostra	Elementos (%)											
	O	Si	Al	Fe	Ti	C	K	Ca	In	Au	Rb	Ba
BSB-1	63,36	11,51	14,59	10,51	-	-	-	-	-	-	-	-
BSB-2	41,48	8,23	16,89	25,96	-	7,44	0,90	-	-	-	-	-
BSB-3	51,97	13,54	13,81	20,69	-	-	-	-	-	-	-	-
BSB-4	44,43	8,00	15,57	30,19	1,81	-	-	-	-	-	-	-
GO-1	66,99	12,57	15,51	4,09	0,83	-	-	-	-	-	-	-
GO-2	60,56	19,01	14,02	5,01	0,82	-	0,59	-	-	-	-	-
GO-3	62,28	19,45	15,18	1,98	-	-	1,11	-	-	-	-	-
GO-4	65,07	14,92	17,42	-	0,68	-	0,73	-	0,88	0,31	-	-
GO-5	75,05	7,83	14,72	-	1,10	-	1,30	-	-	-	-	-
GO-6	71,69	17,31	10,13	-	-	-	0,87	-	-	-	-	-
PB-1	58,96	19,76	17,08	1,97	-	-	-	2,23	-	-	-	-
PB-2	66,18	17,23	13,07	2,72	0,81	-	-	-	-	-	-	-
PB-3	77,23	17,41	1,62	1,74	-	-	-	-	-	-	1,69	0,31
PE-1	53,89	19,11	20,76	6,24	-	-	-	-	-	-	-	-
PI-1	62,59	9,27	18,60	-	2,05	7,49	-	-	-	-	-	-
PI-2	67,58	14,66	17,34	-	0,42	-	-	-	-	-	-	-
PI-3	70,74	17,50	9,93	1,36	-	-	0,47	-	-	-	-	-
PI-4	69,62	14,39	12,72	2,78	0,49	-	-	-	-	-	-	-
PI-5	62,11	22,73	12,18	2,18	0,79	-	-	-	-	-	-	-
PI-6	63,94	26,31	9,75	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: De autoria própria

DRX E FRX

A análise dos resultados dos ensaios de difração de raios-X permite identificar os argilominerais que constituem a fração fina da amostra, separando-os segundo grupos: caulinitas, ílitas ou esmectitas. Entretanto, não permite a diferenciação dos componentes de cada um destes grupos.

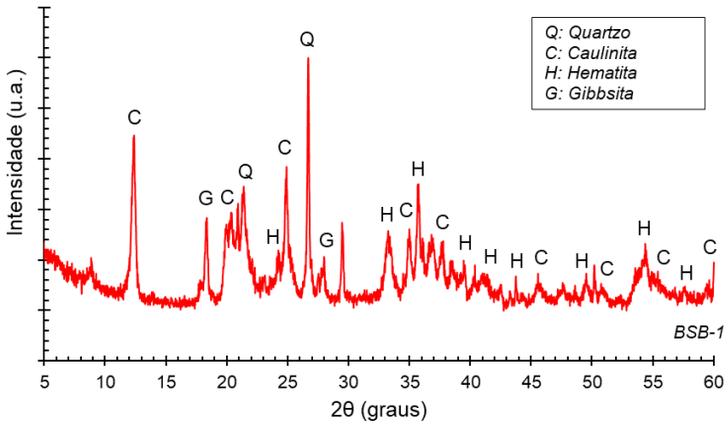
Os picos presentes nos difratogramas dos solos estudados indicaram a presença da caulinita como argilomineral predominante. Apenas para o solo PE-1, observou-se também a presença de montmorilonita, porém com a caulinita como argilomineral predominante. Em solos menos intemperizados, podem se fazer presentes minerais primários e argilominerais 2:1 como as ílitas e as esmectitas.

Nas Figuras 102–121 são indicados os resultados obtidos dos ensaios de DRX. Constatou-se a presença, na fração argila desses solos, de minerais como: gibbsita, hematita, goethita, magnetita e óxidos de ferro e alumínio mal cristalizados. Estas constatações corroboram com Nogami & Villibor (1995), que afirmam que os solos lateríticos caracterizam-se por conter óxidos e hidróxidos de ferro e alumínio, e que o argilomineral geralmente presente é a caulinita, podendo ainda serem encontrados outros membros do grupo caulinita, como a haloisita e a nacrita.

Segundo Biswal *et al.* (2016), a análise mineralógica de solos lateríticos indica a presença de uma quantidade substancial de quartzo e alguma quantidade de feldspato, hematita, goethita, moscovita como minerais não argilosos. A caulinita é o argilomineral predominante presente, e a ilita também está presente em alguns solos.

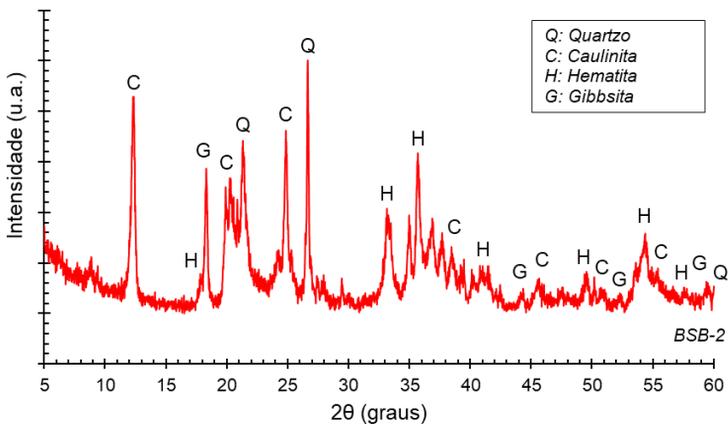
Mahalinga-Iyer & Williams (1991); Rodrigues *et al.* (2010) e Biswal *et al.* (2018b), por meio de análise em difratogramas de raios X, observaram que os principais minerais presentes em amostras de solo laterítico granular são caulinita, quartzo, hematita e goethita.

Figura 102: DRX do solo BSB-1



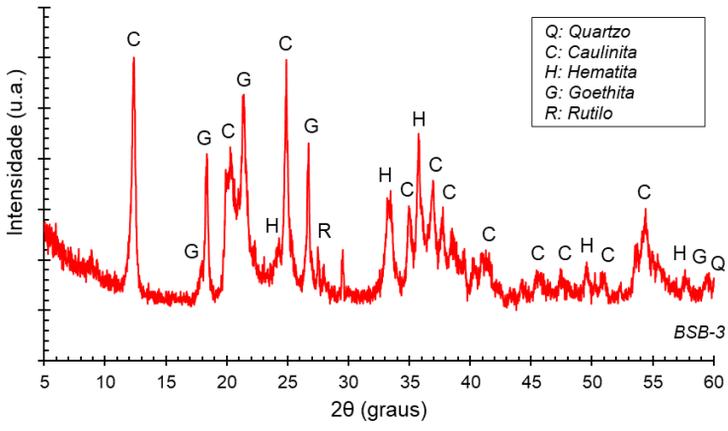
Fonte: De autoria própria

Figura 103: DRX do solo BSB-2



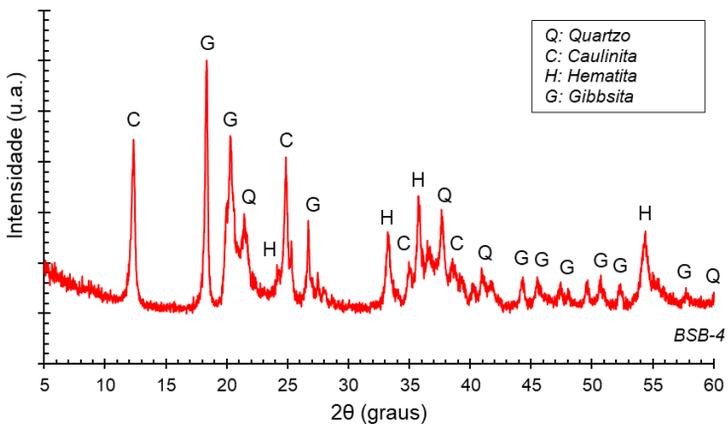
Fonte: De autoria própria

Figura 104: DRX do solo BSB-3



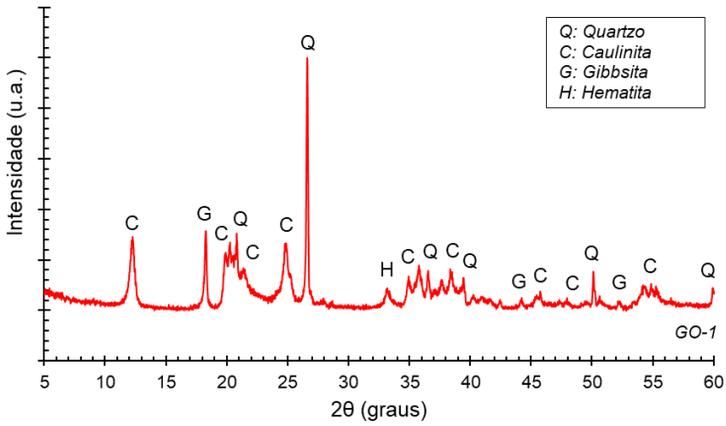
Fonte: De autoria própria

Figura 105: DRX do solo BSB-4



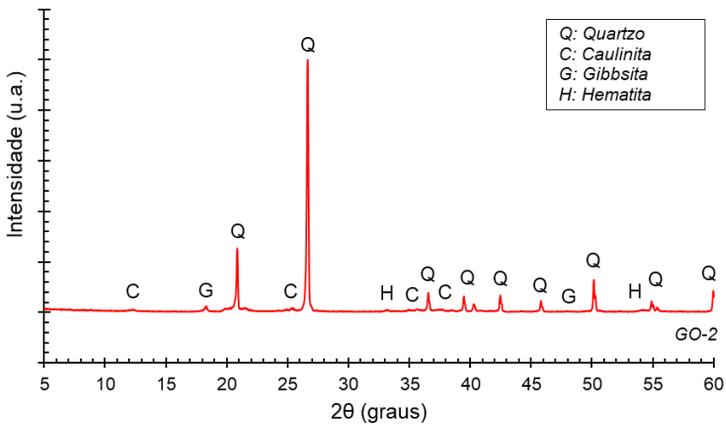
Fonte: De autoria própria

Figura 106: DRX do solo GO-1



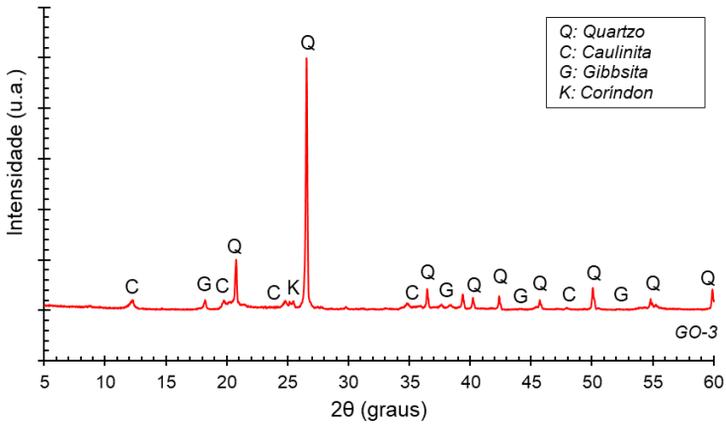
Fonte: De autoria própria

Figura 107: DRX do solo GO-2



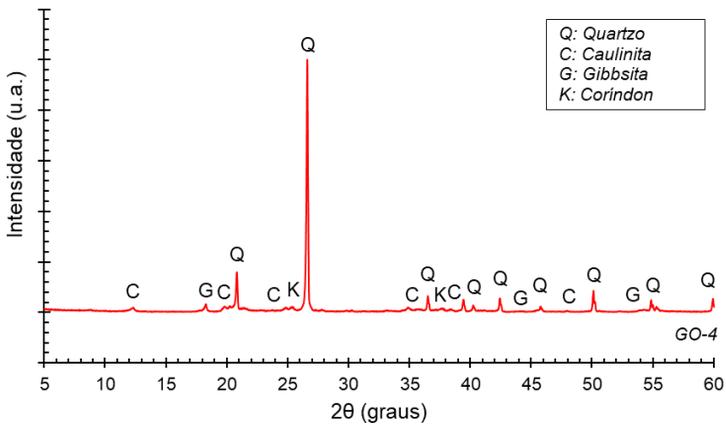
Fonte: De autoria própria

Figura 108: DRX do solo GO-3



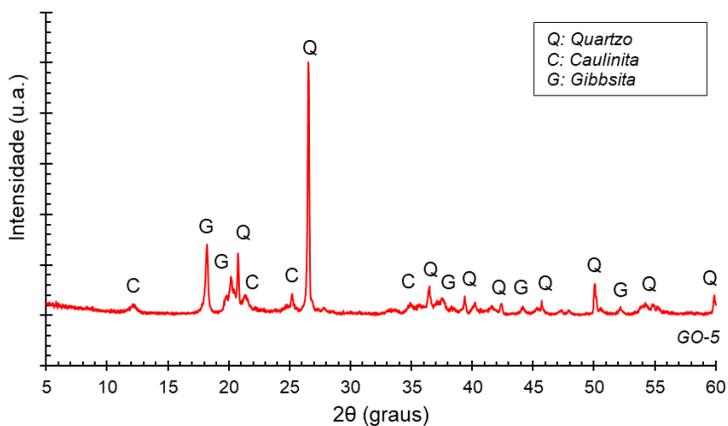
Fonte: De autoria própria

Figura 109: DRX do solo GO-4



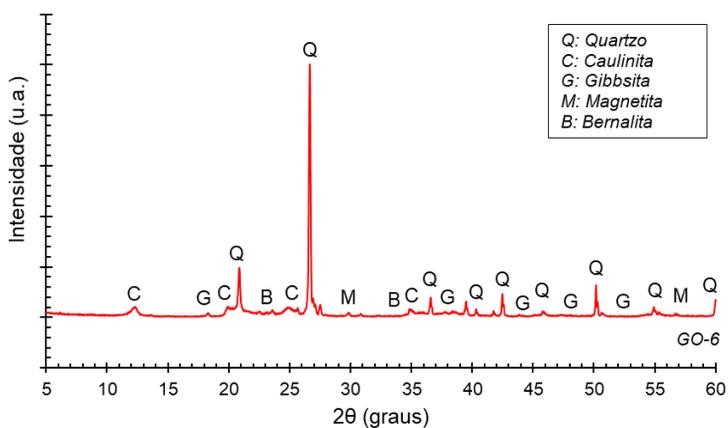
Fonte: De autoria própria

Figura 110: DRX do solo GO-5



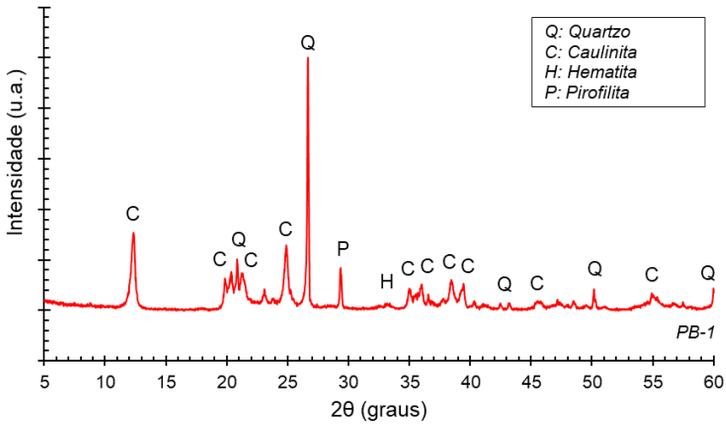
Fonte: De autoria própria

Figura 111: DRX do solo GO-6



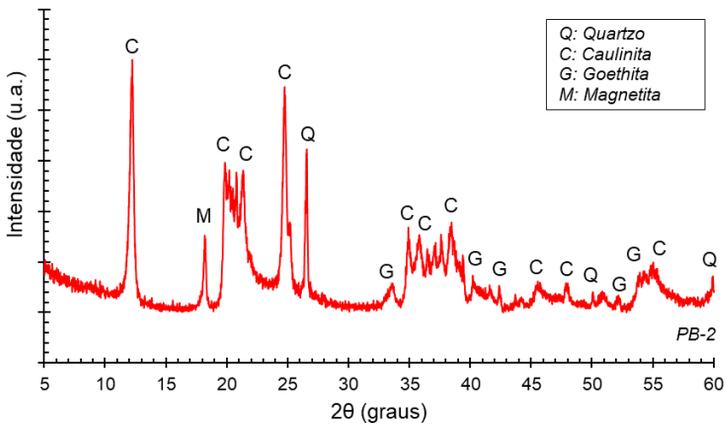
Fonte: De autoria própria

Figura 112: DRX do solo PB-1



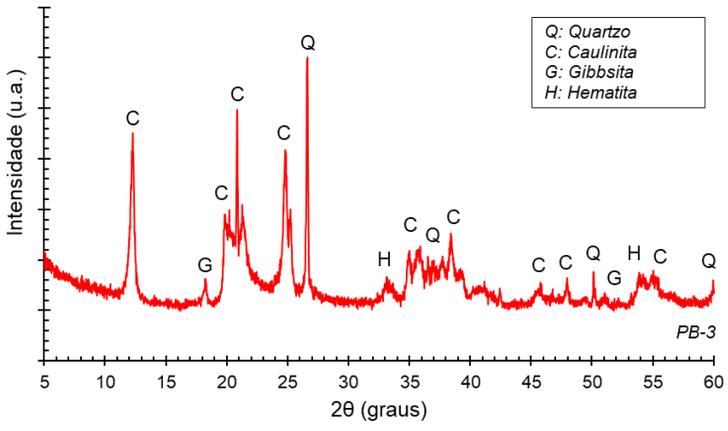
Fonte: De autoria própria

Figura 113: DRX do solo PB-2



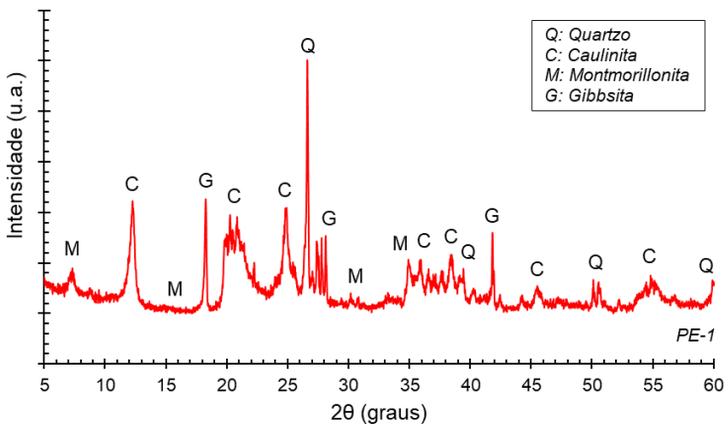
Fonte: De autoria própria

Figura 114: DRX do solo PB-3



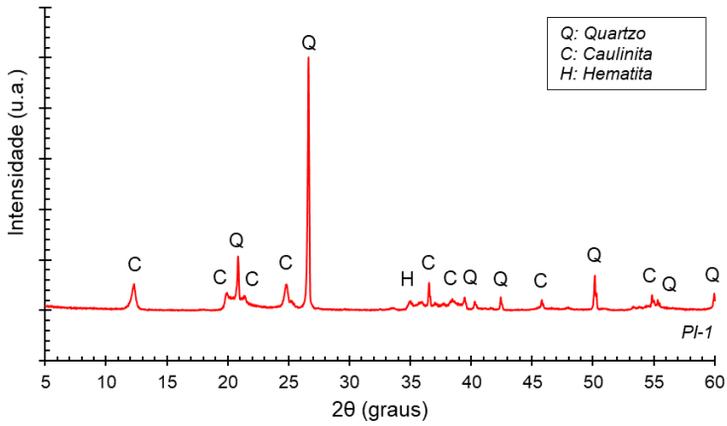
Fonte: De autoria própria

Figura 115: DRX do solo PE-1



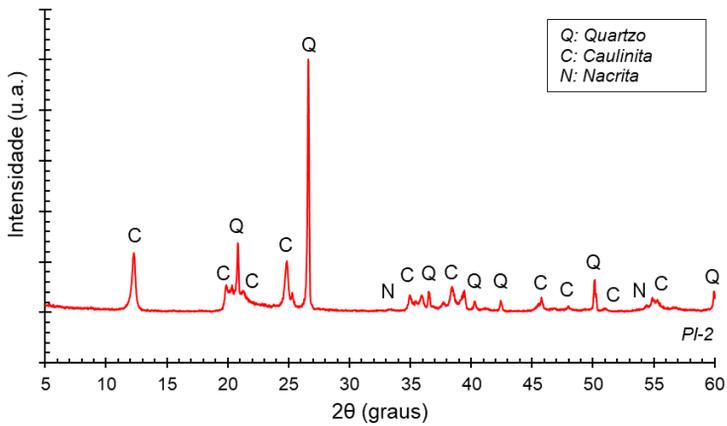
Fonte: De autoria própria

Figura 116: DRX do solo PI-1



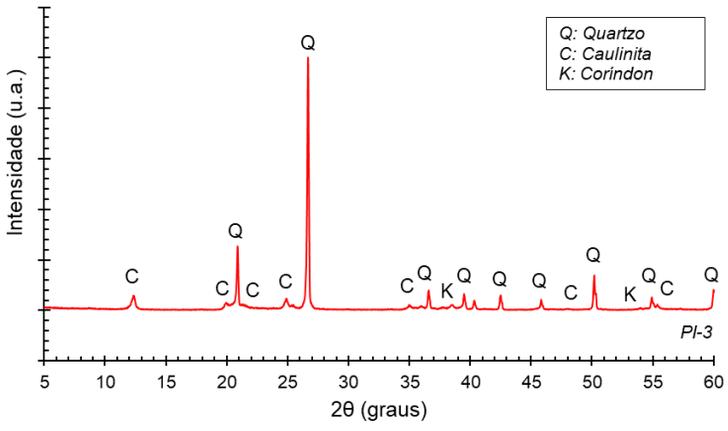
Fonte: De autoria própria

Figura 117: DRX do solo PI-2



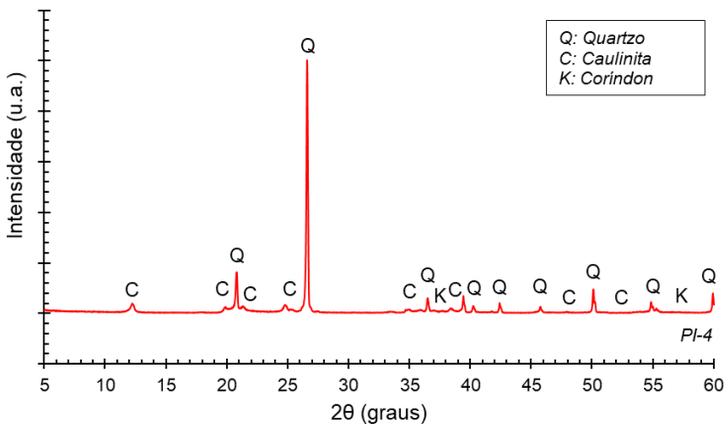
Fonte: De autoria própria

Figura 118: DRX do solo PI-3



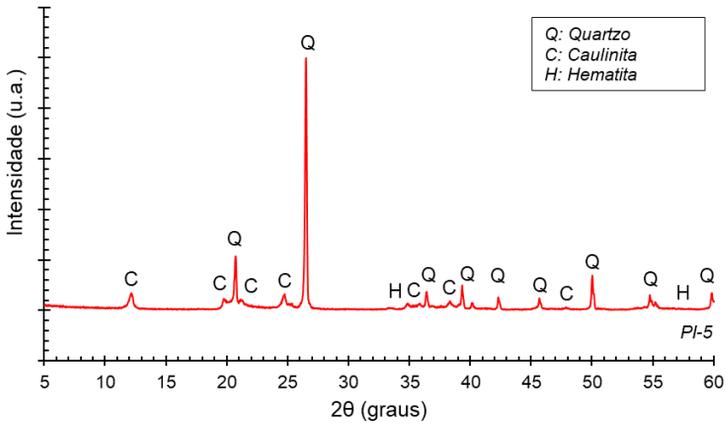
Fonte: De autoria própria

Figura 119: DRX do solo PI-4



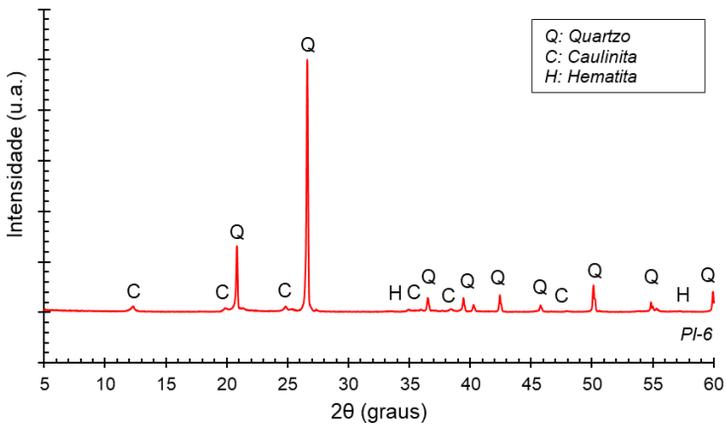
Fonte: De autoria própria

Figura 120: DRX do solo PI-5



Fonte: De autoria própria

Figura 121: DRX do solo PI-6



Fonte: De autoria própria

Através dos resultados da análise química quantitativa das amostras de solo obtidos pelo ensaio de fluorescência de raios-x (FRX), foi possível verificar o teor de cada óxido e elemento químico presente nas amostras, tanto para minerais primários quanto aos secundários, como pode-se observar na Tabela 5, a qual mostra a distribuição percentual dos elementos químicos.

Vê-se que os elementos Si, Al e Fe, considerados os constituintes básicos do processo de laterização, são em realidade os que apresentaram os maiores percentuais na composição das amostras estudadas. Como era de se esperar, outros elementos tais como Mg, K, Ca e Mn, representaram uma parcela mínima na composição dos solos. Isto se deve ao fato de a própria gênese e formação propiciar a deposição de alguns elementos como Al e Fe, a lixiviação do Si e manter resíduos de outros componentes resultantes do intemperismo da rocha de origem. Além disso, percebe-se que os ensaios realizados de FRX conseguiram identificar elementos que não constaram nos resultados de EDS, como por exemplo o titânio (Ti), que esteve presente em todas amostras de acordo com os resultados de FRX. O que pode explicar tal inconsistência é o fato de terem sido realizadas, para a técnica EDS, análises pontuais nas partículas das amostras, não detectando, desta forma, elementos que seriam identificados caso fosse feito um mapeamento químico mais geral.

Pelos resultados obtidos de FRX, constatou-se a presença significativa de óxidos de alumínio e ferro (Al_2O_3 e Fe_2O_3) e da sílica (SiO_2), onde esses três compostos representaram, em média, aproximadamente 86% dos óxidos presentes nas amostras estudadas. A elevada porcentagem de óxidos e hidróxidos de ferro e de alumínio, que recobrem a caulinita, conferem ao conjunto um aspecto “cimentado”. A cor do solo pode variar dependendo da quantidade de óxido de ferro presente. Solos mais intemperizados tendem a ter cor avermelhada ou amarelada, enquanto solos menos intemperizados podem ter cor mais clara. A textura também é importante, com solos mais intemperizados apresentando maior proporção de finos, como argila. A presença de minerais intemperizados, como óxidos de ferro e argilominerais intemperizados, indica um maior grau de intemperismo.

Os índices de intemperização, índice K_1 (relação molecular sílica/

alumina) e índice K_r (relação molecular sílica/sesquióxidos), são calculados conforme as equações 10 e 11 abaixo (Silva, 2009; Vizcarra, 2010). Os valores bem como a classificação (EMBRAPA,1997) são apresentados na Tabela 6.

$$K_i = \frac{\%SiO_2}{\%Al_2O_3} \quad (10)$$

$$K_r = \frac{\%SiO_2}{\%Al_2O_3 + \%Fe_2O_3} \quad (11)$$

Tabela 5: Análise química das amostras de solo

Amostra	Compostos (%)												PF (%)
	SiO ₂	Al ₂ O ₃	Fe ₂ O ₃	TiO ₂	K ₂ O	MgO	ZrO ₂	CaO	SO ₃	BaO	MnO	Outros	
BSB-1	29,69	36,35	18,04	1,15	0,73	0,00	0,04	1,55	0,21	0,00	0,05	0,11	12,08
BSB-2	26,62	39,34	18,70	1,23	0,58	0,00	0,00	0,41	0,12	0,00	0,04	0,15	12,81
BSB-3	26,03	40,30	17,93	1,18	0,43	0,00	0,03	0,70	0,00	0,00	0,03	0,11	13,25
BSB-4	20,67	47,54	10,92	1,58	0,14	0,84	0,04	0,09	0,00	0,00	0,02	0,10	18,05
GO-1	36,75	38,72	8,85	1,26	0,00	0,00	0,11	0,06	0,18	0,28	0,00	0,00	13,79
GO-2	62,66	21,11	6,57	1,41	0,59	0,68	0,17	0,11	0,23	0,00	0,00	0,01	6,45
GO-3	54,72	27,89	3,70	1,25	1,84	0,99	0,13	0,00	0,20	0,00	0,03	0,01	9,24
GO-4	53,34	28,56	5,38	1,31	1,70	0,56	0,06	0,05	0,18	0,00	0,02	0,13	8,71
GO-5	35,83	36,65	6,91	2,00	0,77	0,34	0,00	0,24	0,19	0,00	0,00	0,00	17,07
GO-6	53,67	31,27	2,87	1,14	2,02	0,59	0,28	0,00	0,24	0,22	0,03	0,03	7,64
PB-1	44,72	33,55	4,67	0,97	0,18	0,98	0,00	4,12	0,18	0,00	0,00	0,00	10,64
PB-2	40,33	39,19	6,19	1,89	0,00	0,00	0,11	0,00	0,00	0,31	0,00	0,00	11,98
PB-3	31,17	34,31	12,30	3,40	0,09	0,00	0,08	0,11	0,20	0,00	0,02	0,07	18,24
PE-1	39,89	35,39	6,77	1,00	1,32	1,18	0,09	0,00	0,18	0,00	0,03	0,01	14,14
PI-1	54,98	31,36	4,12	1,64	0,00	0,00	0,12	0,10	0,19	0,00	0,03	0,10	7,35
PI-2	52,02	32,80	2,33	1,12	0,13	0,00	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	11,52
PI-3	66,64	23,71	2,15	0,85	0,58	0,79	0,08	0,00	0,19	0,00	0,00	0,01	5,02
PI-4	61,22	24,43	4,76	1,08	0,00	0,62	0,10	0,00	0,15	0,00	0,00	0,01	7,64
PI-5	57,74	27,10	3,69	1,17	0,00	0,74	0,11	0,05	0,00	0,20	0,00	0,00	9,20
PI-6	69,17	19,73	3,36	0,95	0,35	0,63	0,11	0,12	0,28	0,00	0,00	0,00	5,30

Fonte: De autoria própria

Tabela 6: Classificação do tipo de laterização por meio dos índices de intemperismo K_i e K_r

Amostra	K_i	K_r	Classificação
BSB-1	0,82	0,55	Solo caulínítico-oxídico altamente intemperizado
BSB-2	0,68	0,46	Solo oxídico (hematítico ou goethítico ou gibbsítico) altamente intemperizado
BSB-3	0,65	0,45	Solo oxídico (hematítico ou goethítico ou gibbsítico) altamente intemperizado
BSB-4	0,43	0,35	Solo oxídico (hematítico ou goethítico ou gibbsítico) altamente intemperizado
GO-1	0,95	0,77	Solo caulínítico altamente intemperizado
GO-2	2,97	2,26	Solo caulínítico pouco intemperizado
GO-3	1,96	1,73	Solo caulínítico altamente intemperizado
GO-4	1,87	1,57	Solo caulínítico altamente intemperizado
GO-5	0,98	0,82	Solo caulínítico altamente intemperizado
GO-6	1,72	1,57	Solo caulínítico altamente intemperizado
PB-1	1,33	1,17	Solo caulínítico altamente intemperizado
PB-2	1,03	0,89	Solo caulínítico altamente intemperizado
PB-3	0,91	0,67	Solo caulínítico-oxídico altamente intemperizado
PE-1	1,13	0,95	Solo caulínítico altamente intemperizado
PI-1	1,75	1,55	Solo caulínítico altamente intemperizado
PI-2	1,59	1,48	Solo caulínítico altamente intemperizado
PI-3	2,81	2,58	Solo caulínítico pouco intemperizado
PI-4	2,51	2,10	Solo caulínítico pouco intemperizado
PI-5	2,13	1,88	Solo caulínítico altamente intemperizado
PI-6	3,51	3,00	Solo caulínítico pouco intemperizado

Fonte: De autoria própria

Observa-se valores muito baixos do índice K_i , o que pode ser interpretado como um indício de maior grau de intemperização dos solos. Os solos GO-2, PI-3, PI-4 e PI-6 se apresentaram como pouco intemperizados. Os ensaios físico-químicos realizados identificaram a presença de hidróxidos de Fe e Al, em baixas proporções, determinando um coeficiente $K_i > 2,2$, visto o alto percentual de areia com predominância de quartzo. Segundo Pereira (2014), autores alegam que não necessariamente solos com alto valor de K_i conotam pouca intemperização, podendo sim estar relacionado com a natureza da rocha.

Quanto menor o valor de K_i e K_p , mais intemperizados e com predominância de óxidos de ferro e alumínio. Esses minerais promovem o desenvolvimento de uma microestrutura com predomínio de poros de empacotamento compostos, o que favorece uma macroestrutura do tipo granular, determinando menor densidade do solo, maior proporção de poros grandes e maior permeabilidade ou seja, valores menores de capacidade de campo (Rossi, 2019). Nos Latossolos, solos mais intemperizados, observa-se que, à medida em que há redução de K_i e K_p , há também redução nos valores de resistência (Rocha *et al.*, 2002).

Ao efetuar a correlação entre os dados apresentados na Tabela 5 e os resultados dos ensaios de DRX, entende-se que a sílica está intrinsecamente ligada a ocorrência de quartzo na análise de DRX, bem como os silicatados e a caulinita são influenciados pela alumina (Al_2O_3). Do mesmo modo, é relevante mencionar que a ocorrência de minerais como gibbsita, hematita, goethita e magnetita, é influenciada pela concentração de ferro e alumínio, que então determinam as frações de coloração amarelada e avermelhada em solos lateríticos.

Segundo Kämpf & Cury (2000), a principal forma de ocorrência dos óxidos de ferro nos solos tropicais se deve a alguns dos minerais cristalinos, principalmente hematita e goethita, e as formas mal cristalizadas como a ferrihidrita.

Os óxidos de ferro estão intimamente vinculados aos fenômenos de estruturação e agregação do solo. Sua associação com a caulinita e, algumas vezes com a gibbsita em solos lateríticos brasileiros, proporciona uma estrutura em que as partículas de argila estão altamente

agregadas, podendo se comportar como partículas de areia (Fontes, 1992). A participação dos óxidos de ferro na constituição de um solo pode conferir, portanto, propriedades físicas desejáveis de maior permeabilidade à água e maior resistência à erosão, comparado a outros solos de mineralogia similar, mas com menores teores desses minerais. Esses mesmos óxidos ainda influenciam outras propriedades do solo, como a cor e a retenção de íons (Alves, 2002).

A gibbsita representa quase que exclusivamente o único óxido de alumínio cristalino presente em solos das regiões tropicais e está íntima e diretamente associada à intensidade do intemperismo. Também pode ser encontrada em solos mais jovens devido à possibilidade de vir a ser um dos primeiros produtos formados a partir do intemperismo dos feldspatos (Netto, 1996). Além disso, sendo a gibbsita bem reativa à cal hidratada, e ocorrendo em alguns solos com fração significativa, tem-se a perspectiva de uso alternativo destes solos estabilizados quimicamente com a cal em projetos com maior volume de tráfego.

Vale salientar que embora a composição mineralógica predominante nos solos tropicais possa ser considerada simples, variações que podem ocorrer dentro e entre os grupos de minerais quanto ao tamanho de partículas e superfície específica, faces expostas, grau de substituição isomórfica e cristalinidade podem proporcionar grande variabilidade ao comportamento desses solos dentro de uma mesma classe.

Em síntese, em termos de composição química e mineralógica, os resultados indicam a presença de elementos usualmente encontrados em solos de comportamento laterítico. Nos solos de comportamento não laterítico, em especial os saprolíticos, a presença de minerais que comprometem a estabilização de aterros e de camadas de pavimento, como a mica e o feldspato, é usualmente detectada (Medrado, 2009).

A Tabela 7 resume todos os resultados obtidos nesta etapa de identificação do caráter laterítico das amostras, onde é apresentada a gênese dos solos estudados, inferida através dos ensaios de microscopia eletrônica de varredura (MEV) com a técnica *energy dispersive x-ray detector* (EDS), difração de raios-x (DRX) e fluorescência de raios-x (FRX). Examinando a referida tabela, verifica-se que todas as

amostras exibiram características lateríticas, utilizando como base os resultados obtidos das diferentes análises supracitadas.

Portanto, a confirmação da gênese laterítica dos solos permitirá aplicá-los na metodologia de classificação proposta por Rodrigues *et al.* (2010), objeto de estudo desta pesquisa, já que as informações sobre a composição química e a gênese dos solos lateríticos constituem as bases fundamentais dessa classificação.

Tabela 7: Identificação do caráter laterítico ou não laterítico das amostras

Amostra	Mineralogia		Característica inferida do MEV	Característica inferida do DRX	Característica inferida do FRX
	Argilomineral predominante	Óxidos e hidróxidos de ferro e alumínio			
BSB-1	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
BSB-2	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
BSB-3	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
BSB-4	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
GO-1	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
GO-2	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
GO-3	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
GO-4	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
GO-5	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
GO-6	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PB-1	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PB-2	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PB-3	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PE-1	Caulinita (predominante) e Montmorilonita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PI-1	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PI-2	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PI-3	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PI-4	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PI-5	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico
PI-6	Caulinita	Sim	Laterítico	Laterítico	Laterítico

Fonte: De autoria própria

CARACTERIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS SOLOS

Foram realizados os ensaios de granulometria por peneiramento e de limites de Atterberg, todos realizados segundo procedimentos tradicionalmente utilizados no meio técnico e atendendo as normas brasileiras. Os resultados obtidos nestes ensaios são indicados na Tabela 8, onde são destacados os percentuais correspondentes às

frações de finos (argila e silte), areia e pedregulho, e a classificação TRB de cada uma das amostras. Nas Figuras 122–125 constam as curvas granulométricas dos solos estudados.

Observando a Tabela 8, nove amostras apresentaram predominância da fração pedregulho (BSB-1, BSB-3, GO-3, GO-4, GO-5, GO-6, PB-3, PI-5 e PI-6), cinco amostras apontaram para a predominância da fração silte/argila (BSB-2, BSB-4, GO-1, PE-1 e PI-3) e três solos são compostos predominantemente pela fração areia (PB-1, PB-2 e PI-2). Para também três solos não foi possível encontrar predominância de nenhuma fração granulométrica, onde as amostras GO-2 e PI-4 revelaram serem solos bem graduados com percentuais bem distribuídos entre as três frações e, por fim, a amostra PI-1 com pequeno percentual de pedregulho e quantidade considerável de areia e silte/argila.

Com os resultados dos ensaios de caracterização, foi possível classificar os solos conforme a metodologia TRB (*Transportation Research Board*) da AASHTO (*American Association of State Highway and Transportation Officials*), a qual faz uso dos valores dos limites de consistência, dos resultados da análise granulométrica e do índice de grupo para classificar os solos.

De posse da classificação das amostras segundo a metodologia TRB, verificou-se predominância de amostras pertencentes ao grupo A-2, com 12 amostras enquadradas nesse grupo. Em seguida, quatro amostras do grupo A-7, duas amostras do grupo A-1 e duas amostras do grupo A-4.

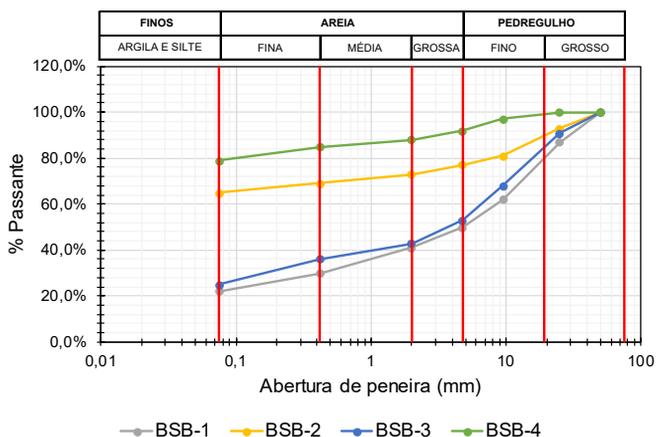
Avaliando o procedimento de análise utilizado pelo sistema classificatório TRB e os resultados obtidos para os solos, é possível constatar alguns fatos importantes:

- (1) O grupo A-2, correspondente a mais de 60% das amostras, englobou solos com características granulométricas completamente distintas. Como exemplo, pode-se citar as amostras GO-5 e GO-6, marcadamente pedregulhosas, e as amostras PB-1 e PB-2 que são predominantemente compostas pela fração areia; e
- (2) As proporções entre as frações granulométricas variam bastante de um solo para outro, apesar da identificação de predominância de uma determinada fração.

Assim, fica nítido que não basta apenas classificar os solos através de sua consistência e de sua análise granulométrica. Contudo, também é necessário detectar particularidades inerentes à composição do solo como um todo, principalmente no que diz respeito aos solos lateríticos. Portanto, a metodologia TRB atribui peso classificatório excessivo às propriedades físicas (granulometria e limites de Atterberg), desprezando a contribuição das outras frações na constituição da estrutura geral dos solos.

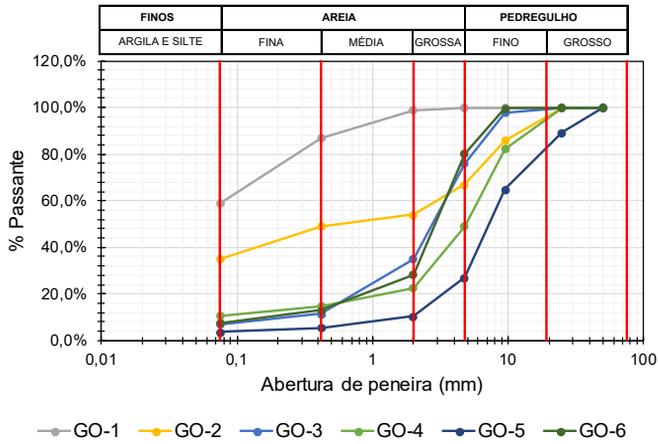
Prever o comportamento mecânico de solos tropicais através do sistema TRB é uma prática que tem suscitado críticas nos meios geotécnicos e rodoviários brasileiros, haja vista que eles se baseiam apenas nas propriedades físicas (Silva *et al.*, 2010; Silva, 2019; Farias *et al.*, 2023).

Figura 122: Curvas granulométricas das amostras do Estado de Brasília



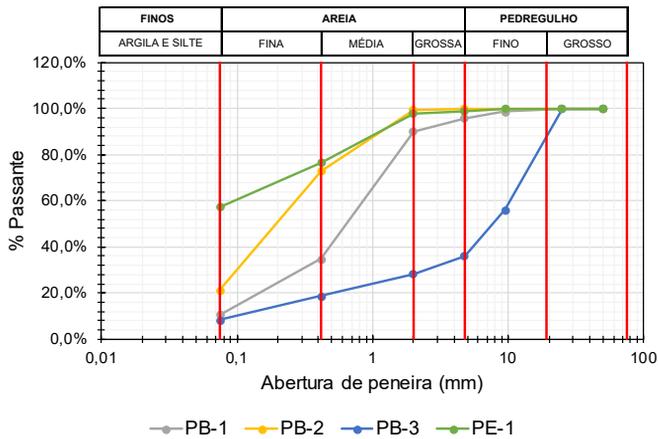
Fonte: De autoria própria

Figura 123: Curvas granulométricas das amostras do Estado do Goiás



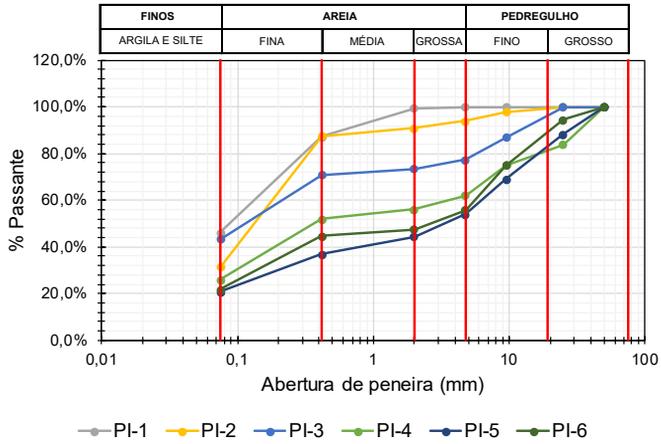
Fonte: De autoria própria

Figura 124: Curvas granulométricas das amostras dos Estados da Paraíba e Pernambuco



Fonte: De autoria própria

Figura 125: Curvas granulométricas das amostras do Estado do Piauí



Fonte: De autoria própria

Tabela 8: Resultados dos ensaios de caracterização e classificação TRB dos solos (Fonte: De autoria própria)

Amostra	Passante (%)						Fração granulométrica (%)			LL (%)	LP (%)	IP (%)	IG	Classificação TRB	
	#2" (50 mm)	#1" (25 mm)	#3/8" (25mm)	#4 (4,75 mm)	#10 (2 mm)	#40 (0,425 mm)	#200 (0,075 mm)	Finos	Areia						Pedregulho
BSB-1	100,00	87,00	62,00	50,00	41,00	30,00	22,00	22,00	19,00	59,00	28	16	12	0	A-2-6
BSB-2	100,00	93,00	81,00	77,00	73,00	69,00	65,00	65,00	8,00	27,00	46	27	19	10	A-7-6
BSB-3	100,00	91,00	68,00	53,00	43,00	36,00	25,00	25,00	18,00	57,00	32	19	13	0	A-2-6
BSB-4	100,00	100,00	97,00	92,00	88,00	85,00	79,00	79,00	9,00	12,00	45	27	18	12	A-7-6
GO-1	100,00	100,00	100,00	100,00	99,00	87,00	59,00	59,00	40,00	1,00	47	35	12	7	A-7-5
GO-2	100,00	100,00	86,00	67,00	54,00	49,00	35,00	35,00	19,00	46,00	27	NP	NP	0	A-2-4
GO-3	100,00	100,00	97,82	76,08	35,18	11,53	6,96	6,96	28,22	64,82	36	26	10	0	A-2-4
GO-4	100,00	100,00	82,33	49,20	22,67	14,96	10,73	10,73	11,94	77,33	27	21	6	0	A-1-a
GO-5	100,00	89,23	65,04	26,97	10,50	5,63	3,80	3,80	6,70	89,50	33	20	13	0	A-2-6
GO-6	100,00	100,00	99,80	80,23	28,30	13,00	7,48	7,48	20,82	71,70	32	23	9	0	A-2-4
PB-1	100,00	100,00	98,71	95,78	90,09	34,76	10,71	79,38	9,91	9,91	NL	NP	NP	0	A-2-4
PB-2	100,00	100,00	100,00	99,85	99,41	73,03	21,24	21,24	78,17	0,59	NL	NP	NP	0	A-2-4
PB-3	100,00	100,00	55,99	36,02	28,37	18,61	8,27	8,27	20,10	71,63	NL	NP	NP	0	A-1-a
PE-1	100,00	100,00	100,00	98,86	97,78	76,52	57,39	57,39	40,40	2,22	42	29	13	6	A-7-6
P1-1	100,00	100,00	100,00	99,92	99,31	87,27	46,23	46,23	53,09	0,69	26	23	3	0	A-4
P1-2	100,00	100,00	97,89	94,03	90,91	87,50	31,49	31,49	59,42	9,09	NL	NP	NP	0	A-2-4
P1-3	100,00	100,00	87,10	77,37	73,54	70,88	43,42	43,42	30,12	26,46	NL	NP	NP	0	A-4
P1-4	100,00	84,00	75,00	62,00	56,00	52,00	26,00	26,00	30,00	44,00	NL	NP	NP	0	A-2-4
P1-5	100,00	88,28	69,14	54,09	44,36	36,84	20,78	20,78	23,58	55,64	NL	NP	NP	0	A-2-4
P1-6	100,00	94,48	75,08	55,75	47,63	44,71	21,89	21,89	25,74	52,37	NL	NP	NP	0	A-2-4

METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO UNIVERSAL DE SOLOS LATERÍTICOS

Para a metodologia de classificação universal de solos lateríticos proposta por Rodrigues *et al.* (2010), a granulometria dos solos permite diferenciá-los em três grupos: solos lateríticos finos (SLF), solos lateríticos arenosos (SLA) e solos lateríticos pedregulhosos (SLP). Os solos lateríticos finos são aqueles que possuem material passante na peneira nº 200 (de abertura 80µm ou 75µm) superior a 30% em peso. As amostras com material passante inferior ou igual à 30% na peneira citada, são denominados solos lateríticos granulares, divididos em solos lateríticos pedregulhosos (passante na peneira de abertura 2mm inferior ou igual a 30%) e em solos lateríticos arenosos (passante na 2mm superior a 30%).

Com os resultados, constatou-se que oito solos são classificados como finos, onde mais de 30% dos grãos passam na peneira #80µm; oito são arenosos, onde menos de 30% dos grãos passam na peneira #80µm e mais de 30% passam na peneira #2mm, e quatro são pedregulhosos, onde menos de 30% passa na peneira #2mm. A Tabela 9 exibe as amostras e seus respectivos grupos com base nas condições supracitadas.

De maneira geral, os grupos de classificação conseguiram distinguir os solos com certa coerência em relação às suas frações granulométricas. Contudo, exceções podem ser citadas, como a presença das amostras GO-3, PI-5 e PI-6 no grupo dos solos lateríticos arenosos (SLA), mesmo possuindo certa predominância da fração pedregulhosa.

As próximas etapas consistem na etapa da metodologia proposta por Rodrigues *et al.* (2010), onde os solos serão enquadrados com o objetivo de identificar e considerar as particularidades inerentes e a contribuição das frações granulométricas na estrutura do solo como um todo, com vistas à aplicação em camadas de pavimentos.

O avanço na classificação dos solos se dá de formas diferentes nos três grupos. Para solos lateríticos arenosos e finos, a atividade da fração fina é avaliada por meio do ensaio de adsorção de azul de metileno (VA), e prossegue com a determinação do limite de contração/retração (LR). Especialmente aos solos lateríticos arenosos,

é obtido o coeficiente de friabilidade (FS). Para os solos lateríticos pedregulhosos tem-se a determinação dos coeficientes de fragmentabilidade (FR) e degradabilidade (DG). Por fim, para os três grupos da classificação tem-se a determinação da capacidade de suporte dos solos, avaliada por meio do ensaio de compactação e do índice CBR.

Tabela 9: Classificação granulométrica dos solos lateríticos estudados

Amostra	Passante (%)		Classificação granulométrica
	#10 (2,00 mm)	#200 (0,075 mm)	
BSB-1	41,00	22,00	SLA
BSB-2	73,00	65,00	SLF
BSB-3	43,00	25,00	SLA
BSB-4	88,00	79,00	SLF
GO-1	99,00	59,00	SLF
GO-2	54,00	35,00	SLF
GO-3	35,18	6,96	SLA
GO-4	22,67	10,73	SLP
GO-5	10,50	3,80	SLP
GO-6	28,30	7,48	SLP
PB-1	90,09	10,71	SLA
PB-2	99,41	21,24	SLA
PB-3	28,37	8,27	SLP
PE-1	97,78	57,39	SLF
PI-1	99,31	46,23	SLF
PI-2	90,91	31,49	SLF
PI-3	73,54	43,42	SLF
PI-4	56,00	26,00	SLA
PI-5	44,36	20,78	SLA
PI-6	47,63	21,89	SLA

Fonte: De autoria própria

ADSORÇÃO DE AZUL DE METILENO

A aplicação do ensaio de adsorção de azul de metileno na metodologia

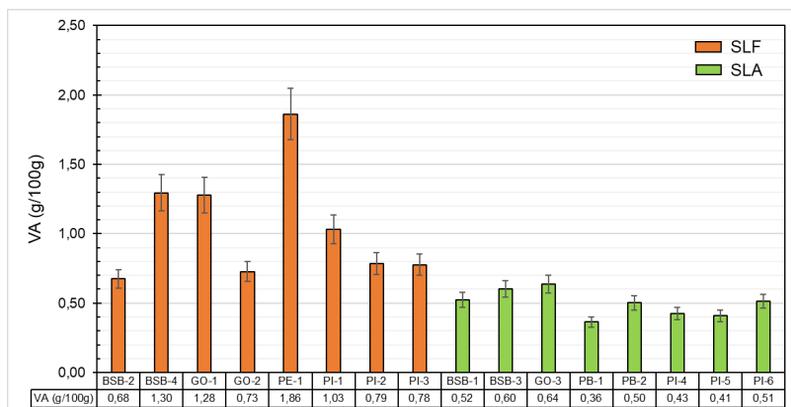
de classificação proposta por Rodrigues *et al.* (2010) é condicionada aos respectivos grupos classificatórios, onde apenas para os solos lateríticos finos (SLF) e arenosos (SLA) o ensaio é empregado. O valor de azul (VA), neste trabalho, é definido como a quantidade de solução padronizada de azul de metileno consumida por 100g de solo.

A Figura 126 exhibe os valores de adsorção de azul de metileno encontrados para as amostras de solos lateríticos finos (BSB-2, BSB-4, GO-1, GO-2, PE-1, PI-1, PI-2 e PI-3) e solos lateríticos arenosos (BSB-1, BSB-3, GO-3, PB-1, PB-2, PI-4, PI-5 e PI-6).

Como já mencionado anteriormente, o ensaio de adsorção de azul de metileno consiste em determinar a capacidade de adsorção iônica de um solo medindo a quantidade de corante necessária para cobrir, com uma camada monomolecular, a superfície total (interna e externa) de todas as partículas de argila. Portanto, quanto maior a quantidade de argila e quanto mais esta argila for ativa, ou seja, com uma superfície específica alta e muito carregada, maior tenderá ser a quantidade de azul de metileno adsorvida pelo material.

A amostra PE-1 foi a que apresentou o maior valor de azul de metileno, e uma das possíveis justificativas para tal fato consiste na presença do argilomineral montmorilonita no respectivo solo, caracterizado por possuir alta atividade e alto valor de superfície específica, favorecendo um maior consumo do corante.

Figura 126: Valores de adsorção de azul de metileno



Fonte: De autoria própria

A média dos valores de adsorção de azul de metileno obtidos para os solos lateríticos finos foi de 1,05g/100g e o desvio padrão foi de 0,41g/100g de solo, enquanto que para os solos lateríticos arenosos foi de 0,50g/100g e o desvio padrão foi de 0,09g/100g de solo. Estes números confirmam que as amostras finas apresentaram maior argilosidade quando comparadas às amostras arenosas. Ademais, nenhum valor ultrapassou 3,00g/100g de solo, que é o limite, com base na classificação proposta por Rodrigues *et al.* (2010), na qual os solos apresentam elevada atividade. Essa é uma característica intrínseca aos solos lateríticos, que possuem como argilomineral predominante ou exclusivo a caulinita, reconhecida por possuir baixa superfície específica.

Como visto, na classificação de Rodrigues *et al.* (2010), o limite de valor de azul que distingue os solos arenosos-siltosos dos solos arenosos-argilosos também é de 1,50g/100g. Já para o limite que distingue os solos siltosos dos solos argilosos, esse valor é 3,00g/100g. Ao comparar os resultados de adsorção de azul de metileno dos solos estudados e os limites supracitados, vê-se que todas as amostras tenderam a manifestar sensibilidade à água. A noção de sensibilidade, para a norma NF P 11-300 (1992), possui restrição em relação ao seu

sentido, já que não existem solos totalmente insensíveis à água. O seu conceito deve ser entendido como a maior ou menor variação da capacidade de carga de um solo dada a variação do seu teor de umidade (devido, por exemplo, à exposição a agentes meteorológicos). Ademais, diz-se que um solo é tanto mais sensível à água quanto maior for a perda da capacidade de suporte para um pequeno aumento do seu teor de umidade, e vice-versa.

Nenhum solo ultrapassou o limite de 2,50g/100 g para o valor de adsorção de azul de metileno, ou seja, todas as amostras possuem baixa plasticidade de acordo com o critério da norma. Esta constatação entra em discordância com os resultados de índice de plasticidade (IP) de sete amostras: BSB-1, BSB-2, BSB-3, BSB-4, GO-1, GO-5 e PE-1. Como indica a Tabela 8, as amostras BSB-2 e BSB-4, com IP acima de 18%, apresentaram alta plasticidade, já as amostras BSB-1, BSB-3, GO-1, GO-5 e PE-1, com índices de plasticidade acima de 12%, se configuram como medianamente plásticas. Tal divergência pode ser explicada pela grande variabilidade dos valores de IP, principalmente para os solos lateríticos. Este tipo de solo possui tendência a apresentar aumento de plasticidade com o grau de amolgamento ou moldagem da amostra, antes do ensaio. Também é válido ressaltar que o procedimento de ensaio para a determinação dos limites de Atterberg possui forte dependência do operador, dificultando ainda mais a reprodutibilidade dos resultados.

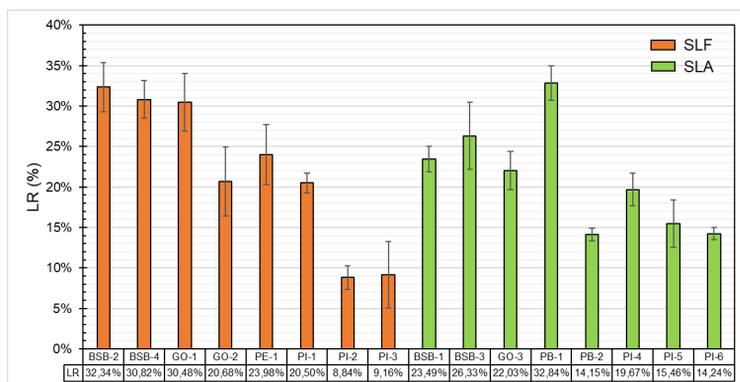
LIMITE DE CONTRAÇÃO/RETRAÇÃO

Foram determinados os limites de contração/retração (Figura 127) dos solos lateríticos finos (BSB-2, BSB-4, GO-1, GO-2, PE-1, PI-1, PI-2 e PI-3) e dos solos lateríticos arenosos (BSB-1, BSB-3, GO-3, PB-1, PB-2, PI-4, PI-5 e PI-6), como estabelece a classificação proposta por Rodrigues *et al.* (2010). O limite de contração é definido como sendo a umidade abaixo da qual o solo não sofre mais redução de volume ao perder umidade.

O grau de contração (GC) ou retração volumétrica (Figura 128), por sua vez, é a razão entre a diferença entre os volumes inicial e final após a secagem da amostra, para o volume inicial, expressa em porcentagem.

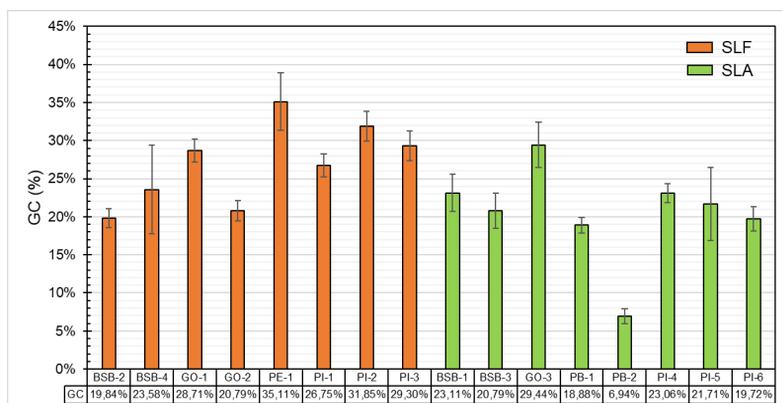
Pela Figura 127, constata-se que não foi possível identificar padrões de valores que diferenciem os solos finos dos arenosos, em que a média dos limites de contração para os solos lateríticos finos foi de 22,10% com desvio padrão de 9,28%, e para os solos lateríticos arenosos de 21,03% com desvio padrão de 6,56%. São números condizentes com materiais que contêm argilominerais de pouca atividade, como é o caso da caulinita presente nos solos lateríticos. Contudo, destaque deve ser dado às amostras PI-2, PI-3, PB-2, PI-5 e PI-6, que apresentaram LR em torno de 15%, um pouco inferior ao esperado para solos de baixa atividade. Alguns motivos podem estar associados a este baixo valor, sendo necessário um estudo mais aprofundado, já que o total de contração dos solos lateríticos depende, por exemplo, da porcentagem da fração argila no solo, da natureza dos seus constituintes, do grau de saturação e da resistência dos agregados. Vale dizer também que o procedimento de ensaio para a determinação do limite de contração promove o amolgamento da amostra e, conseqüentemente, mudanças na sua estrutura. Solos lateríticos amolgados são, em geral, menos porosos, pois ao serem trabalhados as ligações mais fracas entre agregados são rompidas, podendo intensificar a contração volumétrica do material.

Figura 127: Limites de retração



Fonte: De autoria própria

Figura 128: Grau de contração



Fonte: De autoria própria

Com os resultados de forma individual, foi verificado que quanto maior a concentração da fração argilosa (<0,002 mm), maior será sua tendência de contração volumétrica, corroborando com os resultados de Pitta (1985); Albrecht & Benson (2001) e Sadeeq *et al.* (2014). Kleppe & Olson (1985) indicaram que trincas podem começar a aparecer com retração volumétrica de 4 a 5%, e em torno de 10% podem desenvolver trincas severas. Joel & Agbede (2011) revelaram que o uso de areia e/ou adição de cimento resulta na estabilização econômica de um solo laterítico para reduzir a retração e torná-lo adequado para a camada de base. De acordo com Bernucci *et al.* (2010), para que o solo seja estabilizado de forma econômica o mesmo deve conter porção de areia, pois caso tenha um teor muito elevado de argila pode exigir um aumento considerável de cimento e apresentar elevada retração.

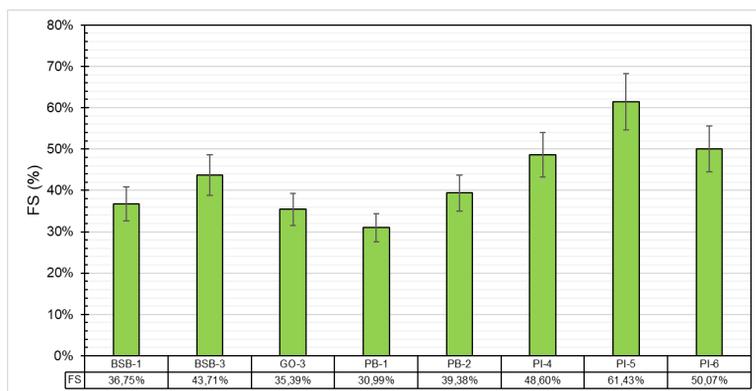
Um dos fatores que afetam a contração dos solos é a natureza mineralógica e físico-química dos argilominerais. Quanto maior a atividade do argilomineral, maior a potencialidade à mudança de volume. Fiori & Carmignani (2011) afirmam que quanto menor for o valor do limite de contração, mais passível estará o solo à mudança de volume, já que menor será a quantidade de água para que se

inicie a mudança de volume. Para as caulinitas puras, argilominerais pouco expansivos e pouco ativos, o intervalo de limite de contração gira em torno de 20 a 30% (Yong & Warkentin, 1975). Ademais, a presença de agentes cimentantes, como acontece nos solos lateríticos, pode modificar os solos granulometricamente, aumentando o grau de agregação e diminuindo a porcentagem da fração argila e a contração do solo.

FRIABILIDADE DAS AREIAS

O estudo de friabilidade foi realizado para as amostras pertencentes ao grupo dos solos lateríticos arenosos (BSB-1, BSB-3, GO-3, PB-1, PB-2, PI-4, PI-5 e PI-6). A Figura 129 resume os coeficientes de friabilidade determinados para as amostras de SLA analisadas.

Figura 129: Coeficientes de friabilidade das areias



Fonte: De autoria própria

Os solos arenosos apresentaram valores de coeficiente de friabilidade inferiores a 60%, que é o limite superior recomendado pela norma NF P 18-576 (1990). Desse modo, os solos arenosos se comportaram de forma estável quando submetidos a tensões mecânicas. Apenas para a amostra PI-5, com FS de aproximadamente 62%,

tem-se a necessidade de passar por tratamento para torná-la menos friável, viabilizando o seu uso no pavimento.

A friabilidade do solo é influenciada por diversos fatores, tais como: umidade do solo, matéria orgânica do solo, teor de argila dispersa em água, concentração e composição da solução do solo, ciclos de umedecimento e secagem, teor e mineralogia da fração argila e materiais cimentantes, além das condições climáticas (RAHIMI *et al.*, 2000).

FRAGMENTABILIDADE E DEGRADABILIDADE

Os coeficientes de fragmentabilidade e degradabilidade objetivam avaliar o caráter evolutivo dos solos pedregulhosos. Nas Figuras 130–133 são indicados os resultados dos ensaios de fragmentabilidade. Nas Figuras 134–137 são apresentados os resultados dos ensaios de degradabilidade. A Tabela 10 resume os resultados obtidos para os solos lateríticos pedregulhosos (GO-4, GO-5, GO-6 e PB-3).

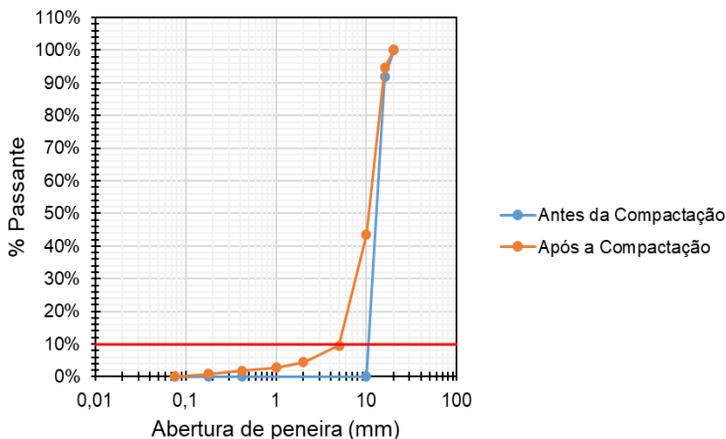
Com os resultados, observa-se que os solos lateríticos pedregulhosos basicamente não apresentaram degradabilidade e fragmentabilidade. A exceção é o solo PB-3, que apresentou fragmentabilidade acima de 7%. Vários são os fatores que podem ter contribuído para que a amostra PB-3 apresentasse alta fragmentabilidade. A dureza das concreções lateríticas pode ser variável em função da concentração de ferro, do teor de umidade, grau de estabilidade e particularmente do seu estado de compactação, onde a formação de couraças porosas e de pequena dureza parece estar associada à lixiviação da caulinita, que absorve o ferro, impedindo a formação da goethita cristalina, causando descontinuidade na fase cristalina, ou um mecanismo no processo de endurecimento. Ademais, segundo Carvalho (1991), as composições química e mineralógica são insuficientes para explicar o grau de dureza das lateritas e a dureza ou o potencial de endurecimento parece estar associado ao arranjo e a espécie dos componentes lateríticos.

Qian *et al.* (2013) notaram quebra de partículas de solos lateríticos pedregulhosos durante a compactação de laboratório. O óxido de ferro, segundo Maignein (1966), é a base do processo de endurecimento de materiais lateríticos, e estando na mesma ocorrência

nos solos, a parte mais antiga e mais desidratada é mais dura que a parte mais nova. Contudo, a Tabela 5 indica que a amostra PB-3 é a que possui maior concentração de óxido de ferro (13,51%) dentre todas as amostras, indo na contramão dos estudos supracitados. Sendo assim, surge a necessidade da realização de estudos mais aprofundados que considerem os demais fatores que podem afetar a dureza do material e, conseqüentemente, sua fragmentabilidade.

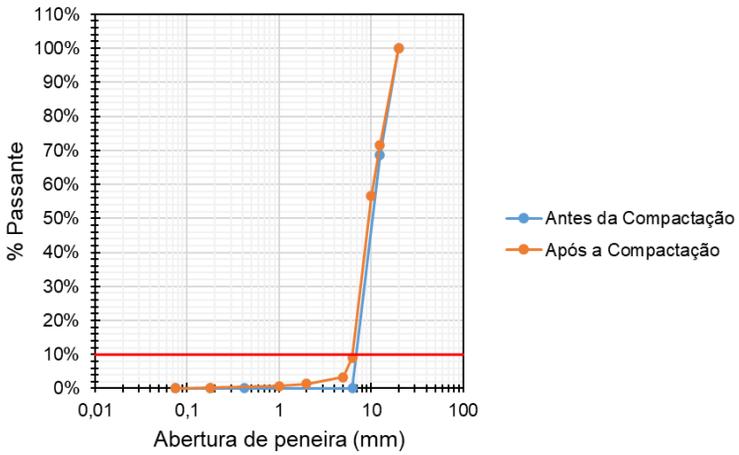
No que concerne aos resultados dos ensaios de degradabilidade, todos os solos se mostraram não degradáveis, havendo pouquíssima alteração em suas estruturas sob o efeito das tensões geradas pelos ciclos de imersão e secagem. Bernucci (1987) já afirmava que a combinação de componentes presentes nos solos lateríticos, como a caulinita e os óxidos hidratados de ferro e/ou alumínio, são responsáveis pela formação de estruturas de agregados altamente estáveis e resistentes à desintegração pela ação da água.

Figura 130: Ensaio de fragmentabilidade do solo GO-4



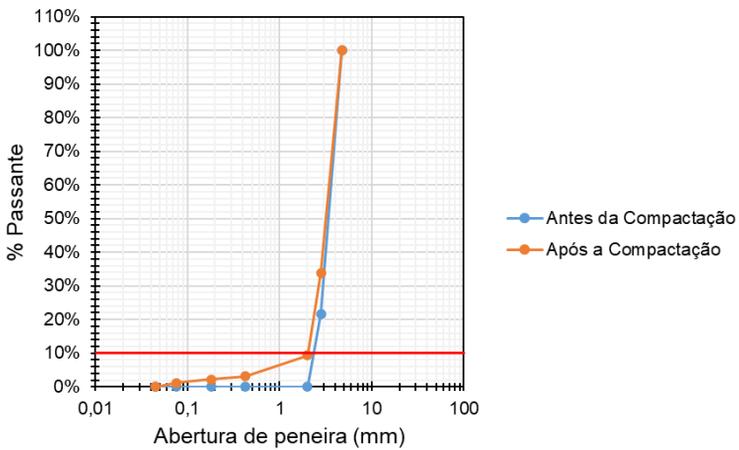
Fonte: De autoria própria

Figura 131: Ensaio de fragmentabilidade do solo GO-5



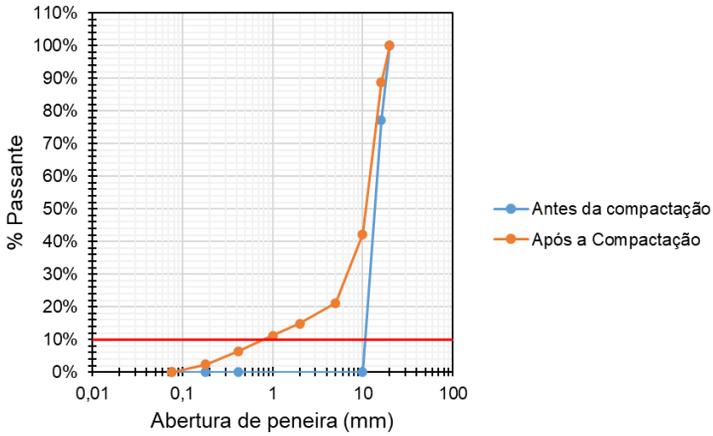
Fonte: De autoria própria

Figura 132: Ensaio de fragmentabilidade do solo GO-6



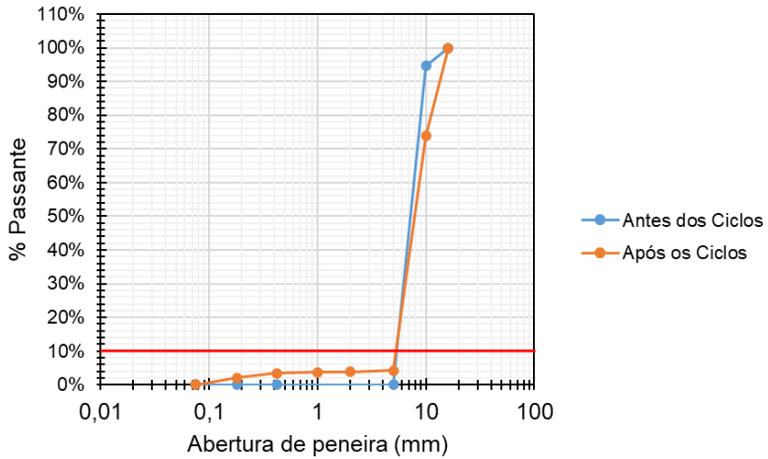
Fonte: De autoria própria

Figura 133: Ensaio de fragmentabilidade do solo PB-3



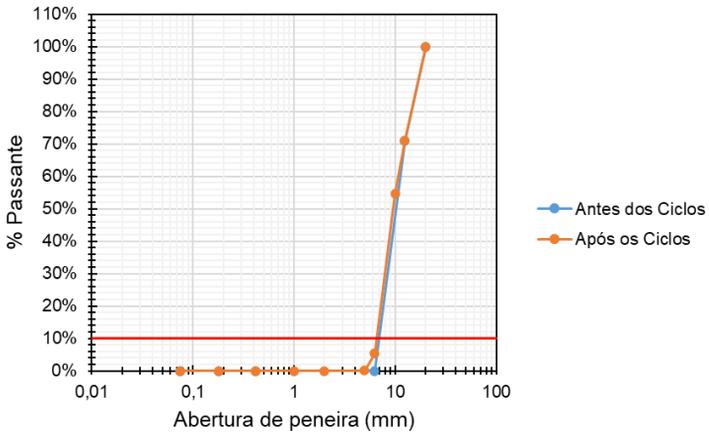
Fonte: De autoria própria

Figura 134: Ensaio de degradabilidade do solo GO-4



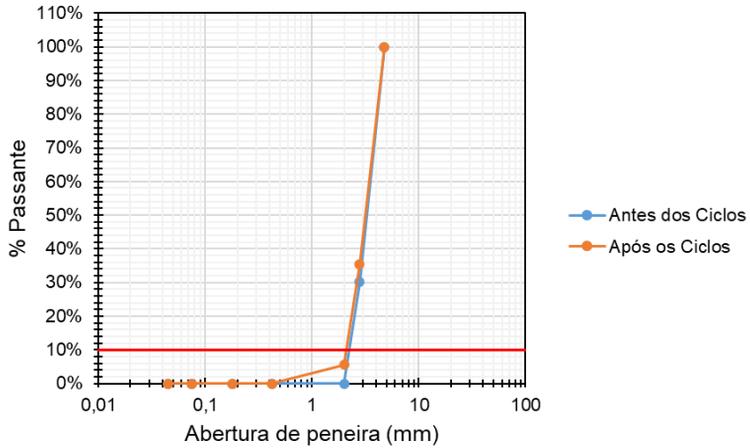
Fonte: De autoria própria

Figura 135: Ensaio de degradabilidade do solo GO-5



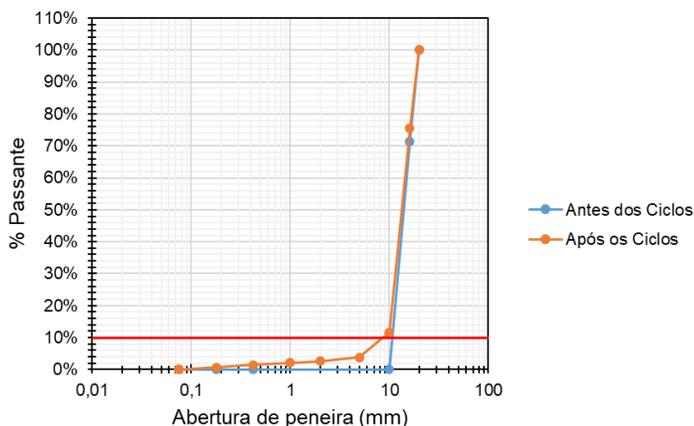
Fonte: De autoria própria

Figura 136: Ensaio de degradabilidade do solo GO-6



Fonte: De autoria própria

Figura 137: Ensaio de degradabilidade do solo PB-3



Fonte: De autoria própria

Tabela 10: Valores dos coeficientes de fragmentabilidade e degradabilidade

Amostra	Fragmentabilidade			Degradabilidade		
	D ₁₀ antes	D ₁₀ depois	FR (%)	D ₁₀ antes	D ₁₀ depois	DG (%)
GO-4	11,00	5,00	2,20	5,40	5,30	1,02
GO-5	7,00	6,50	1,08	7,00	6,60	1,06
GO-6	2,30	2,00	1,15	2,25	2,10	1,07
PB-3	11,00	0,80	13,75	12,00	8,50	1,41

Fonte: De autoria própria

Em suma, os solos pedregulhosos se mostraram estáveis, prevenindo resistência quando, por exemplo, forem submetidos à ação combinada de agentes climáticos ou hidrogeológicos e/ou quando submetidos a tensões mecânicas.

COMPACTAÇÃO

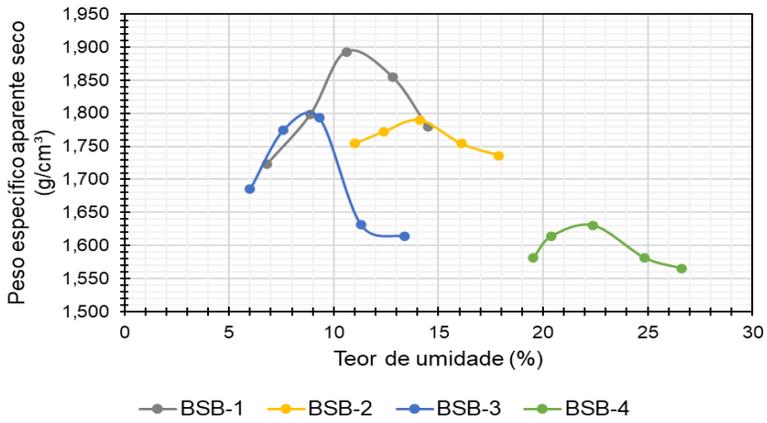
As curvas obtidas nos ensaios de compactação dos solos lateríticos dos estados de Brasília (BSB-1, BSB-2, BSB-3 e BSB-4); Goiás (GO-1,

GO-2, GO-3, GO-4, GO-5 e GO-6); Paraíba (PB-1, PB-2 e PB-3) e Pernambuco (PE-1); e Piauí (PI-1, PI-2, PI-3, PI-4, PI-5 e PI-6), utilizando a energia Proctor Intermediária, são apresentadas nas Figuras 138–141, respectivamente.

Observa-se diferentes formatos de curvas. As amostras de solo fino apresentaram formato de curva típico conforme indicado por Pinto (2006), com uma curva bastante íngreme verificando-se, na região correspondente à umidade ótima, uma mudança sensível da massa específica com pequena variação da umidade. As amostras de solo arenoso também apresentaram aparência típica, apresentando curvas com tendência mais aberta. Em suma, a experiência indica que nos solos mais grosseiros o teor de umidade ótimo é, via de regra, mais reduzido, atingindo valores mais elevados de massa específica aparente seca máxima. Já nos solos com maior predomínio de finos, o teor de umidade ótimo é mais elevado, conduzindo a valores mais reduzidos de massa específica aparente seca máxima.

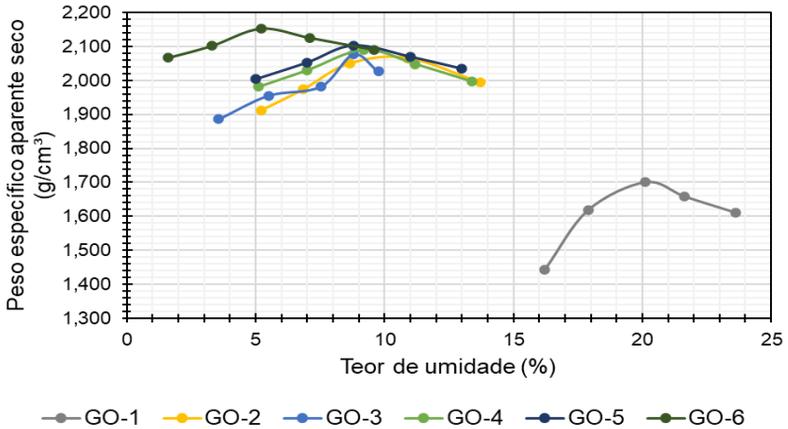
Ademais, as curvas de compactação nem sempre apresentam forma regular. Em alguns casos, isso ocorrer pelo fato de nos solos granulares, sendo bastante permeáveis, são pouco sensíveis ao teor em água, pelo que a curva de compactação destes solos não possui um pico tão pronunciado como nos solos com granulometria mais extensa e verifica-se que a massa específica aparente seca aumenta para teores em água muito baixos devido à ação de tensões capilares entre partículas.

Figura 138: Curvas de compactação dos solos lateríticos do estado de BSB



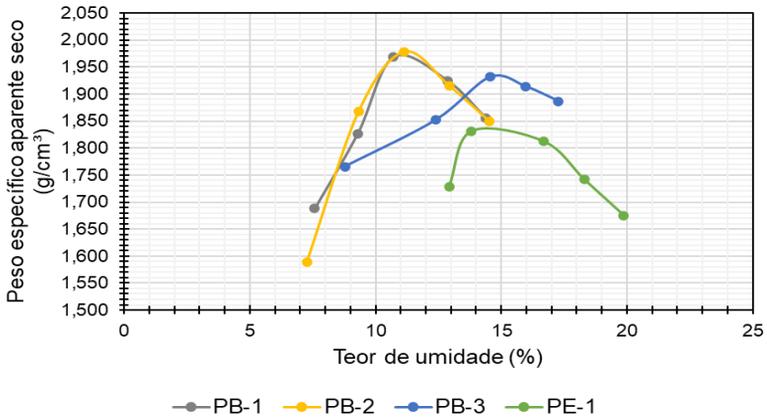
Fonte: De autoria própria

Figura 139: Curvas de compactação dos solos lateríticos do estado do GO



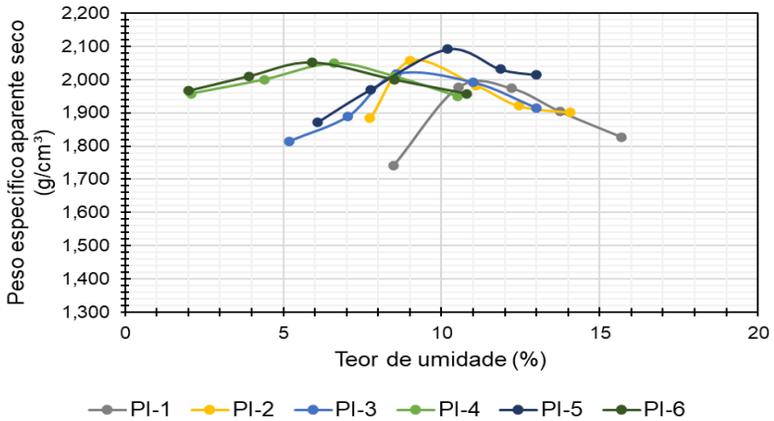
Fonte: De autoria própria

Figura 140: Curvas de compactação dos solos lateríticos dos estados da PB e PE



Fonte: De autoria própria

Figura 141: Curvas de compactação dos solos lateríticos do estado do PI



Fonte: De autoria própria

A Tabela 11 apresenta os valores de umidade ótima ($W_{ótima}$, %) e massa específica aparente seca máxima ($\rho_{máxima}$, g/cm³) obtidas. Os

resultados obtidos indicam certa correspondência com a granulometria, os solos arenosos, por exemplo, apresentam umidade ótima relativamente baixa e alta massa específica aparente seca máxima. Os solos argilosos, por sua vez, comparado aos demais solos, apresentaram altos valores de umidade e de massa específica.

Tabela 11: Massa específica aparente seca máxima e umidade ótima dos solos

Amostra	Energia de compactação	Tipo de solo	$\rho d_{máxima}$ (g/cm³)	$W_{ótima}$ (%)
BSB-2	Proctor Intermediária	SLF	1,790	13,9
BSB-4	Proctor Intermediária	SLF	1,633	22,3
GO-1	Proctor Intermediária	SLF	1,703	20,3
GO-2	Proctor Intermediária	SLF	2,069	10,3
PE-1	Proctor Intermediária	SLF	1,836	14,5
PI-1	Proctor Intermediária	SLF	1,993	11,2
PI-2	Proctor Intermediária	SLF	2,061	9,2
PI-3	Proctor Intermediária	SLF	2,022	9,1
BSB-1	Proctor Intermediária	SLA	1,893	10,8
BSB-3	Proctor Intermediária	SLA	1,801	8,7
GO-3	Proctor Intermediária	SLA	2,078	8,9
PB-1	Proctor Intermediária	SLA	1,973	11,0
PB-2	Proctor Intermediária	SLA	1,979	11,3
PI-4	Proctor Intermediária	SLA	2,049	6,7
PI-5	Proctor Intermediária	SLA	2,094	10,4
PI-6	Proctor Intermediária	SLA	2,053	5,8
GO-4	Proctor Intermediária	SLP	2,090	9,3
GO-5	Proctor Intermediária	SLP	2,103	8,9
GO-6	Proctor Intermediária	SLP	2,154	5,4
PB-3	Proctor Intermediária	SLP	1,935	14,9

Fonte: De autoria própria

Percebe-se a existência de um agrupamento de solos segundo os grupos classificatórios, já que as amostras arenosas e pedregulhosas

apresentaram maiores massas específicas e menores teores de umidade ótima, quando comparadas com as amostras lateríticas finas. Esse comportamento, portanto, vai de acordo com o esperado, visto que quanto mais finos os solos, maior tende a ser a umidade ótima.

Destaque especial deve ser dado as amostras BSB-4, PI-5 e PB-3. O primeiro apresentou maior valor de $W_{ótima}$ entre todas as amostras, o segundo apresentou maior valor de $pd_{máxima}$ e o terceiro conferiu o maior valor de $W_{ótima}$ quando comparadas a outras amostras dos seus respectivos grupos classificatórios. Coincidentemente, o solo BSB-4 foi o que apresentou maior quantidade de material passante na peneira nº 200 (0,075 mm). Por sua vez, o solo PI-5 foi o que apresentou maior coeficiente de friabilidade e o solo PB-3 maior coeficiente de fragmentabilidade. Dito isso, solos muito friáveis ou muito fragmentáveis favorecem a formação de elementos finos quando submetidos a aplicação de carga, contribuindo para a elevação da umidade ótima e aumento da massa específica aparente seca máxima no ensaio de compactação.

Isso evidencia que a compactação de solos lateríticos pode ser nociva em caso de fragilidade dos torrões e/ou concreções, já que pode provocar um incremento no teor de finos por destruição da estrutura do solo, podendo influenciar na determinação da umidade ótima e/ou da massa específica aparente seca máxima. Essa compactação pode, inclusive, tornar o material sensível ao efeito da sucção. Assim, para esses casos se faz necessário um estudo do efeito da compactação em função da energia aplicada para obtenção da compactação ótima.

Segundo Qian *et al.* (2015), a granulometria de um cascalho laterítico tornou-se mais fino à medida que o esforço de compactação aumentou. Grãos grosseiros (dentro de 19 ~ 0,625 mm) foram mais degradados do que outros. A compactação alterou a distribuição granulométrica dos corpos de prova, principalmente para as faixas granulométricas de areia e silte (1 ~ 0,5 mm).

ÍNDICE DE SUPORTE CALIFÓRNIA (CBR)

A Tabela 12 apresenta os resultados de CBR (%) e de Expansão (%) correspondentes à $pd_{máxima}$ e $W_{ótima}$ e dos solos estudados.

Tabela 12: CBR e Expansão dos solos pesquisados

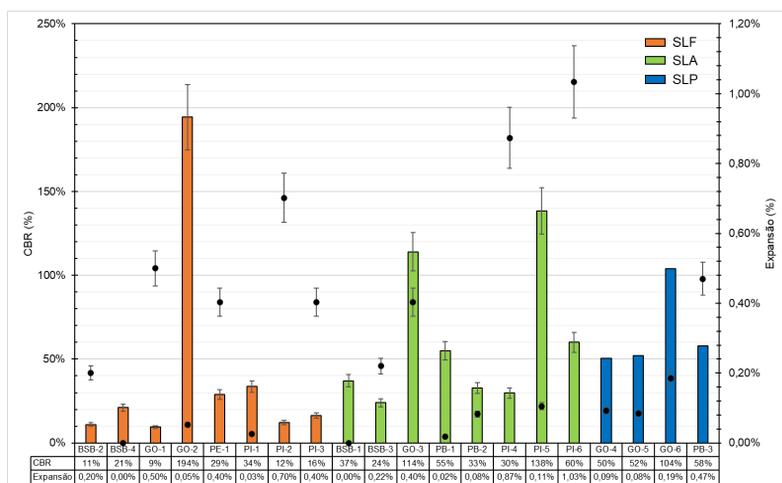
Grupo	Amostra	Parâmetros de compactação		CBR (%)	Expansão (%)
		$\rho d_{\text{máxima}}$ (g/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)		
SLF	BSB-2	1,790	13,9	11	0,20
	BSB-4	1,633	22,3	21	0,00
	GO-1	1,703	20,3	9	0,50
	GO-2	2,069	10,3	194	0,05
	PE-1	1,836	14,5	29	0,40
	PI-1	1,993	11,2	34	0,03
	PI-2	2,061	9,2	12	0,70
	PI-3	2,022	9,1	16	0,40
SLA	BSB-1	1,893	10,8	37	0,00
	BSB-3	1,801	8,7	24	0,22
	GO-3	2,078	8,9	114	0,40
	PB-1	1,973	11,0	55	0,02
	PB-2	1,979	11,3	33	0,08
	PI-4	2,049	6,7	30	0,87
	PI-5	2,094	10,4	138	0,11
	PI-6	2,053	5,8	60	1,03
SLP	GO-4	2,090	9,3	50	0,09
	GO-5	2,103	8,9	52	0,08
	GO-6	2,154	5,4	104	0,19
	PB-3	1,935	14,9	58	0,47

Fonte: De autoria própria

Com base nos resultados (Figura 142), é possível identificar uma certa tendência de aumento do índice CBR na transição dos solos lateríticos finos para os arenosos e pedregulhosos. Contudo, existe uma grande variabilidade nos resultados, não sendo possível encontrar um padrão que distinga os grupos classificatórios, fato é que, apesar de na média os solos lateríticos finos apresentarem menores

índices CBR, dois solos pertencentes a esse grupo obtiveram o menor e o maior índice dentre todas as amostras, que foram os solos GO-1 (CBR igual a 9%) e GO-2 (CBR igual a 194%), respectivamente. Esses resultados podem ser justificados pelo meio dos índices K_i e K_p , que indicaram baixos e elevados valores, evidenciando alto e pouco grau de intemperismo dos solos, respectivamente. Além do mais, os resultados evidenciam que a metodologia do ensaio CBR pode provocar uma grande dispersão nos resultados, encontrada também em alguns estudos, como os de Nogami & Villibor (2009).

Figura 142: Resultados de CBR e Expansão dos solos estudados



Fonte: De autoria própria

Segundo os valores de referência do Manual de Pavimentação (DNIT, 2006), todas as amostras atenderam aos requisitos técnicos para composição de subleitos estradais (CBR maior ou igual a 2,0% e expansão menor ou igual a 2,0%). Para aplicação de material na camada de reforço do subleito, os critérios requeridos são CBR maior que o do subleito e expansão menor ou igual a 1%, sendo assim, considerando apenas a expansão dos solos, com exceção do solo PI-6, todos respeitaram o limite imposto. Já para construção de camadas

de sub-base, os solos BSB-1, BSB-3, GO-2, GO-3, GO-4, GO-5, GO-6, PB-1, PB-2, PB-3, PI-1, PI-4 e PI-5 se encaixaram nos critérios exigidos (CBR maior ou igual a 20%, expansão menor ou igual a 1% e IG igual a 0). Por fim, para a camada de base, apenas o solo PI-5 pode ser utilizado, segundo as características técnicas requeridas (CBR maior ou igual a 80%, expansão menor ou igual a 0,5%, limite de liquidez menor ou igual a 25% e índice de plasticidade menor ou igual a 6%).

Vale lembrar que as exigências técnicas supracitadas são para um número de repetições do eixo-padrão, durante o período de projeto, $N > 5 \times 10^6$. Para $N \leq 5 \times 10^6$, podem ser empregados materiais com CBR maior ou igual a 60%, sendo possível, portanto, a utilização de outros solos estudados.

No caso da MCSL, o CBR é um parâmetro de classificação e não índice para destinação do material no pavimento. Apesar de não representar, de maneira adequada, a natureza das cargas aplicadas aos pavimentos, que são dinâmicas e possuem ciclos de carregamento que variam com a velocidade com as quais operam sobre a rodovia e, ademais, de ter sido, em grande parte, substituído por outros ensaios, o ensaio CBR tem algumas vantagens bastante relevantes que são a simplicidade, não exigindo cálculos complicados, e a importância no meio técnico, pelo fato de fornecer resultados que são reconhecidos mundialmente, ou seja, que dão uma ideia do tipo de material (Barros, 2003; Narzary *et al.*, 2018; Attah *et al.*, 2020; Guilherme, 2023).

Contudo, mesmo mantendo o CBR como parâmetro de classificação, se faz necessária a realização de uma análise mecanística-empírica para complementar a análise do desempenho estrutural e funcional, através da modelagem das estruturas frente a condições reais de tráfego.

Já é consenso no Brasil e no mundo que para garantir a qualidade e a durabilidade das obras de pavimentação, devem ser utilizados parâmetros vinculados a métodos mecanístico-empíricos. Desse modo, a análise para a destinação do material é realizada por meio da determinação do módulo de resiliência das amostras com a execução de ensaios triaxiais de carga repetida. O módulo de resiliência é uma medida do módulo de elasticidade com base na deformação recuperável sob carga repetida e pode ser medido em laboratório

usando o teste triaxial cíclico, No entanto, como o aparato necessário para o teste é complicado, demorado e caro (Narzary *et al.*, 2018).

CLASSIFICAÇÃO FINAL

De posse dos resultados de todos os ensaios, foi possível classificar as amostras de solo laterítico segundo a metodologia de classificação universal de solos lateríticos proposta por Rodrigues *et al.* (2010). A Tabela 13 apresenta os parâmetros utilizados no procedimento classificatório, bem como a classificação propriamente dita.

De forma resumida, com base nos limites expostos na Metodologia de Classificação Universal de Solos Lateríticos, observou-se que os solos laterítico finos apresentaram baixos valores de adsorção de azul de metileno (abaixo de 3,00g/100g de solo) e LR acima de 20%. As exceções foram os solos PI-2 e PI-3, que teve retração abaixo, denotando pior classificação. O solo que apresentou maior valor de expansão foi o solo PI-2, com valor de 0,70%.

Os solos lateríticos arenosos, por sua vez, apresentaram valores mais baixos de adsorção de azul de metileno, como era de se esperar devido a menor quantidade de grãos passante na peneira #80µm. Além disso, apresentaram valores relativamente baixos de friabilidade (abaixo de 60%). Somente o solo PI-5 apresentou FS um pouco acima de 60%, o que colocou na pior classificação em comparação aos demais solos arenosos. Contudo, vale salientar que o mesmo apresentou melhor valor de CBR (138%), o que indica boa capacidade de suporte. O solo que apresentou maior valor de expansão foi o solo PI-6, com valor de 1,03%.

Em geral, os valores de limites de retração/contração foram semelhantes para os solos finos e arenosos, com média em torno de 21%. Tais números são condizentes com materiais que contêm argilominerais de pouca atividade, como é o caso da caulinita presente nos solos lateríticos.

Finalmente, os solos lateríticos pedregulhosos exibiram bons valores de CBR, com ênfase ao solo GO-6, que apresentaram CBR acima de 60%. Esses valores podem ser explicados pela presença de maior porcentagem de solo na fração arenosa. Em outras palavras, quando se aumenta a quantidade de areia na mistura, também

umenta o CBR, isto ocorre devido ao aumento da variedade das dimensões das partículas presentes na amostra, reduzindo os vazios, forçando um maior entrosamento entre os grãos, o que resulta na melhoria da capacidade de suporte do solo quando compactado. Ademais, com os resultados, observa-se que os solos lateríticos pedregulhosos basicamente não apresentaram degradabilidade e fragmentabilidade, se comportando estáveis quando, por exemplo, forem submetidos à ação combinada de agentes climáticos ou hidrogeológicos e/ou quando submetidos a tensões mecânicas. A excessão é o solo PB-3, que apresentou coeficiente de fragmentabilidade acima de 7%. O solo que apresentou maior valor de expansão foi o solo PB-3, com valor de 0,47%.

É importante observar que todos os solos apresentaram valores de expansão menores ou iguais a 1,00%, o que valida a utilização dos solos em prováveis camadas de base, conforme especificações da MCSL. A ressalva é o solo PI-6, que apresentou 1,03%, valor infimamente maior do que o limite imposto, visto a existência da variabilidade nos resultados de CBR.

Luz (2003) cita que, em geral, os solos lateríticos expandem menos que os não lateríticos. Além disso, menciona que a expansão aumenta com o crescimento da porcentagem da fração argilosa presente nos materiais. Isso também foi constatado nos solos estudados. O solo laterítico pedregulhoso, mesmo apresentando uma baixa porcentagem de fração argilosa, apresenta expansão próxima de 0,50%. Isto deve-se provavelmente a sua elevada fragmentabilidade, favorecendo a formação de elementos finos quando submetidos a aplicação de carga.

Em resumo, levando em consideração o quesito relacionado ao valor de expansão, todos os solos naturais poderiam ser aplicados na camada de base. Entretanto, como antes citado, o campo de utilização de cada subclasse é determinado por meio da análise do módulo de resiliência, bem como mediante a mecanística-empírica para complementar a análise do desempenho estrutural e funcional.

Tabela 13: Metodologia de Classificação Universal de Solos Lateríticos

Grupo	Amostra	VA						Expansão (%)	Classificação final
		(g/100 g)	LR	FS	FR	DG	CBR		
SLF	BSB-2	0,68	32,34%	-	-	-	11%	0,20	SLF ₁₂
	BSB-4	1,30	30,82%	-	-	-	21%	0,00	SLF ₁₂
	GO-1	1,28	30,48%	-	-	-	9%	0,50	SLF ₁₃
	GO-2	0,73	20,68%	-	-	-	194%	0,05	SLF ₁₂
	PE-1	1,86	23,98%	-	-	-	29%	0,40	SLF ₁₂
	PI-1	1,03	20,50%	-	-	-	34%	0,03	SLF ₁₂
	PI-2	0,79	8,84%	-	-	-	12%	0,70	SLF ₁₄
	PI-3	0,78	9,16%	-	-	-	16%	0,40	SLF ₁₄
SLA	BSB-1	0,52	23,49%	36,75%	-	-	37%	0,00	SLA ₅
	BSB-3	0,60	26,33%	43,71%	-	-	24%	0,22	SLA ₇
	GO-3	0,64	22,03%	35,39%	-	-	114%	0,40	SLA ₅
	PB-1	0,36	32,84%	30,99%	-	-	55%	0,02	SLA ₅
	PB-2	0,50	14,15%	39,38%	-	-	33%	0,08	SLA ₃
	PI-4	0,43	19,67%	48,60%	-	-	30%	0,87	SLA ₆
	PI-5	0,41	15,46%	61,43%	-	-	138%	0,11	SLA ₁₀
	PI-6	0,51	14,24%	50,07%	-	-	60%	1,03	SLA ₃
SLP	GO-4	-	-	-	2,20%	1,02%	50%	0,09	SLP ₃
	GO-5	-	-	-	1,08%	1,06%	52%	0,08	SLP ₃
	GO-6	-	-	-	1,15%	1,07%	104%	0,19	SLP ₁
	PB-3	-	-	-	13,75%	1,41%	58%	0,47	SLP ₃

Fonte: De autoria própria

CLASSIFICAÇÃO MCT E G-MCT

Com as MCT e G-MCT, é possível classificar os solos tropicais tanto de granulação fina como grossa, com seus diversos grupos de solos, o que permite prever suas propriedades e hierarquizar seu uso na área rodoviária. A conexão dos parâmetros associados no sistema G-MCT visa qualificar a análise dos resultados que determinam a classificação do material, permitindo verificar a viabilidade de aplicação do material nas camadas de base e sub-base.

De posse dos resultados dos ensaios de Compactação Mini-MCV, Perda de Massa por Imersão e da análise granulométrica, foi possível

classificar os solos de acordo com a Metodologia MCT e G-MCT.

A Tabela 14 apresenta os parâmetros utilizados nos procedimentos classificatórios, bem como as classificações propriamente ditas. A Figura 143 apresenta os tipos granulométricos G-MCT da fração granular dos solos analisados. A Figura 144 expõe a distribuição da classificação MCT dos solos analisados.

Segundo Villibor & Alves (2019), para os tipos granulométricos da G-MCT, a fração retida na peneira 2,0mm é constituída de inertes de areia e pedregulho, enquanto a fração que passa na peneira 0,075 mm (silte + argila), que dependendo da quantidade e gênese desta fração, atua como ligante em camadas compactadas. Os solos Ps ou Sp que apresentam menos de 30% passando na peneira de 0,075 mm, após compactados, apresentam um esqueleto granular bem graduado, geralmente adequado para transmissão dos esforços, quando os seus grãos são resistentes. Muitas dessas ocorrências são possíveis de serem utilizadas para execução de camadas nobres do pavimento, como bases e sub-bases. Já os solos Gf, por apresentarem elevada porcentagem da fração que passa na peneira de 2,0 mm, geram, após compactados, camadas designadas de granulometria descontínua. Estes solos podem, ou não, ser utilizados como camada nobre de pavimento, em função das propriedades mecânicas e hídricas, obtidas em amostras compactadas, apesar do excesso de finos na peneira 0,075 mm. Geralmente, os solos Ps e Sp podem apresentar granulometria contínua ou descontínua.

Os solos BSB-1, BSB-3 e PB-1 foram os únicos classificados com comportamento não laterítico. Na classificação G-MCT, o solo BSB-1 foi único classificado como pedregulho com solo argiloso não laterítico (Ps-NS'). O solo BSB-3, por sua vez, foi o único classificado como pedregulho com solo arenoso não laterítico (Ps-NA'). Finalmente, o solo PB-1 é identificado como solo arenoso não laterítico com pedregulho (Sp-NA'). Tais identificações vão de encontro à análise química dos solos, na qual evidenciaram a natureza laterítica dos solos estudados.

Os solos BSB-2, BSB-4, GO-1 e PE-1 foram os classificados como argiloso laterítico (LG'). Na classificação G-MCT, todos foram identificados como solo granular fino argiloso laterítico com pedregulho

(Gf-LG’).

Os solos GO-2, PI-1, PI-2 e PI-3 foram classificados como solos lateríticos arenoso (LA’). Com base na classificação G-MCT, todos foram denominados como solo granular fino arenoso laterítico com pedregulho (Gf-LA’). Os solos GO-3, GO-4, GO-5, GO-6, PB-3, PI-5 e PI-6 também foram classificados como solos arenosos lateríticos, contudo na classificação G-MCT foram especificados como pedregulho com solo arenoso laterítico (Ps-LA’). Por fim, da mesma forma, os solos PB-2 e PI-4 foram classificados como arenosos lateríticos, porém, segundo a G-MCT são identificados como solo arenoso laterítico com pedregulho (Sp-LA’).

Segundo Villibor & Alves (2017), a utilização dos melhores grupos deve ser definitivamente indicada por meio dos valores obtidos em ensaios para os fins que se destinam. Para uso dos solos dos grupos em camadas:

- Prioritariamente, usar solos do grupo Ps-NA’, Sp-NA’, com menos de 15% passando na peneira de 0,075 mm. Caso não ocorra este grupo, usar os Sp-NA, também nas mesmas condições;
- Para todos os tipos granulométricos, não utilizar solos quando seus finos pertencerem aos grupos NA e NS’. Estes solos, geralmente, são muito resilientes e impróprios para camadas de pavimento;
- Para solos serem usados para base, recomenda-se obter seu módulo de resiliência para que atenda a vida de fadiga de projeto do pavimento, verificada por método mecânico. Além disso, devem apresentar outras exigências tecnológicas para o fim a que se destinam, ressaltando que mesmo que uma camada apresente CBR adequado, a mesma poderá ser inadequada quanto ao seu módulo de resiliência.

É necessário priorizar os solos dos grupos Ps-LA’ e Sp-LA’ para base. Tais solos geralmente apresentam elevado suporte e módulo de resiliência, baixa contração e expansão, entre outras. Estes solos podem apresentar sua granulometria contínua ou descontínua, mantendo as propriedades referidas, sendo, no entanto, preferível o uso do solo de granulometria contínua. Já no caso de solo granular com finos não lateríticos, algumas camadas se comportam bem, como constituinte de estrutura de pavimento, enquanto outras apresentam sérios problemas estruturais. As de comportamento satisfatório são

as constituídas de poucos finos sendo, portanto, uma diretriz para escolha do estudo das ocorrências (Villibor & Alves, 2017).

Segundo Villibor & Alves (2019):

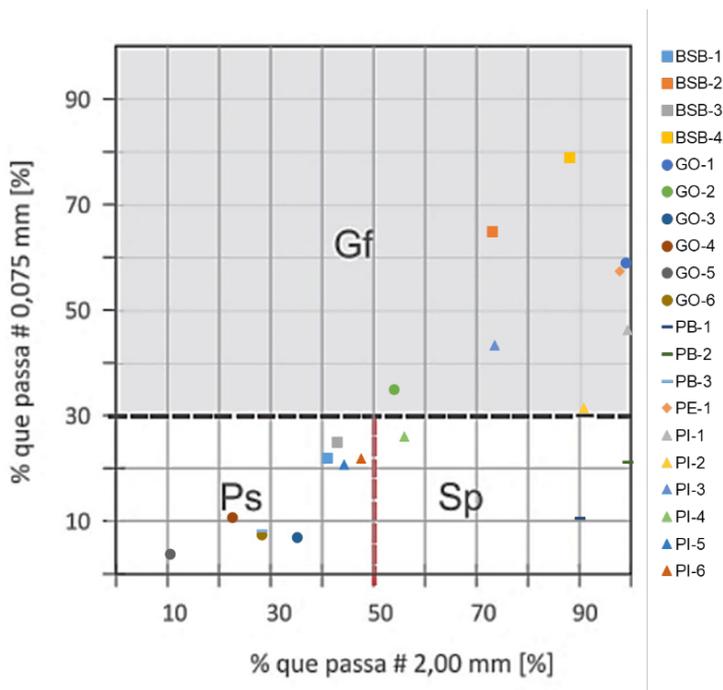
- No caso dos solos granulares com menos de 30% passante na peneira de n° 200 (0,075 mm), para base os melhores solos são os com finos LA', LA e LG', priorizando os solos do tipo Ps, e quando inexistentes utilizar o tipo Sp. Os solos granulares com mais de 30% (tipo Gf) podem ser utilizados para base e sub-base, priorizando os mais granulares, ou seja, com menor fração passando na peneira de 2,0 mm, com a mesma prioridade dos finos referidos acima.
- Os solos granulares com menos de 15% que passa na peneira de 2,0 mm apresentam baixa influência de seus finos, independentemente do comportamento laterítico ou não laterítico, pois seus finos não preenchem de maneira adequada os vazios dos grãos maiores. Esses solos geralmente apresentam um bom comportamento como camada de base. Os solos granulares com material passante na peneira de 2,0 mm entre 15% e 30% de melhor desempenho para camadas são os com finos da classe L, priorizando os solos próximos com 15%.
- No caso de finos com material passante próximo a 30%, pode ocorrer acúmulo entre os grãos maiores do material, o que, quando da classe N, prejudica o desempenho da camada compactada. Para solos granulares com mais de 30% com material passante na peneira de 2,0 mm, quanto maior a porcentagem da fração que passa nessa peneira, priorizam-se os da classe granular com finos de comportamento laterítico. Nesse caso, pode ocorrer um acúmulo dos finos de silte e argila entre os grãos maiores do material, produzindo granulometrias descontínuas.

Desse modo, percebe-se a nítida indicação de solos com características lateríticas para aplicação em camadas de pavimentos, materiais Ps-LA' e Sp-LA' para uso em base e sub-base ou mesmo em revestimento primário, e em seguida Ps-LA e Sp-LA. Do grupo com comportamento não laterítico, observa-se como principais sugestões para utilização em base e sub-base, materiais com peculiaridades arenosas que é o caso de Ps-NA' e Sp-NA'.

O Quadro 3 apresenta breves descrições dos grupos de solos da classificação G-MCT. Perante a análise dos dados, os solos lateríticos

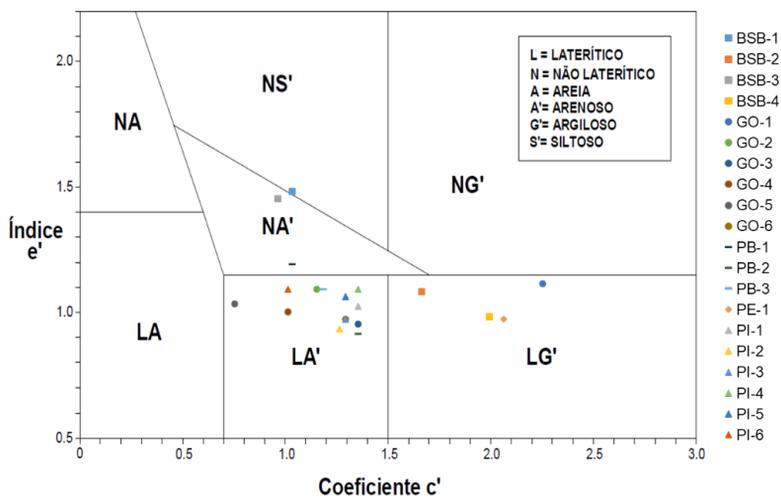
GO-3, GO-4, GO-5, GO-6, PB-3, PI-5 e PI-6, especificados como pedregulho com solo arenoso laterítico (Ps-LA'), e os solos PB-2 e PI-4, identificados como solo arenoso laterítico com pedregulho (Sp-LA'), são os mais indicados para camadas de base, onde teoricamente devem apresentar alto suporte CBR, baixa expansão CBR e baixa contração.

Figura 143: Tipos granulométricos G-MCT da fração granular dos solos analisados



Fonte: De autoria própria

Figura 144: Distribuição da classificação MCT dos solos analisados



Fonte: De autoria própria

Tabela 14: Classificação MCT e G-MCT

Amostra	Coeficiente c'	Índice e'	Classificação MCT	Passante (%)		Classificação G-MCT
				#10 (2,00 mm)	#10 (2,00 mm)	
BSB-1	1,03	1,48	NS'	41,00	22,00	Ps-NS'
BSB-2	1,66	1,08	LG'	73,00	65,00	Gf-LG'
BSB-3	0,96	1,45	NA'	43,00	25,00	Ps-NA'
BSB-4	1,99	0,98	LG'	88,00	79,00	Gf-LG'
GO-1	2,25	1,11	LG'	99,00	59,00	Gf-LG'
GO-2	1,15	1,09	LA'	54,00	35,00	Gf-LA'
GO-3	1,35	0,95	LA'	35,18	6,96	Ps-LA'
GO-4	1,01	1,00	LA'	22,67	10,73	Ps-LA'
GO-5	0,75	1,03	LA'	10,50	3,80	Ps-LA'
GO-6	1,29	0,97	LA'	28,30	7,48	Ps-LA'
PB-1	1,03	1,19	NA'	90,09	10,71	Sp-NA'
PB-2	1,35	0,91	LA'	99,41	21,24	Sp-LA'
PB-3	1,18	1,09	LA'	28,37	8,27	Ps-LA'
PE-1	2,06	0,97	LG'	97,78	57,39	Gf-LG'
PI-1	1,35	1,02	LA'	99,31	46,23	Gf-LA'
PI-2	1,26	0,93	LA'	90,91	31,49	Gf-LA'
PI-3	1,29	0,97	LA'	73,54	43,42	Gf-LA'
PI-4	1,35	1,09	LA'	56,00	26,00	Sp-LA'
PI-5	1,29	1,06	LA'	44,36	20,78	Ps-LA'
PI-6	1,01	1,09	LA'	47,63	21,89	Ps-LA'

Fonte: De autoria própria

Quadro 3: Breves descrições dos grupos de solos da classificação G-MCT

Grupo MCT	G-MCT	Classificação G-MCT	Breve descrição
NS'	Ps-NS'	Pedregulho com solo argiloso não laterítico	Reforço de Subleito, Base e Sub-base: 4° em prioridade de utilização
NA'	Ps-NA'	Pedregulho com solo arenoso não laterítico	Reforço de Subleito, Base e Sub-base: 1° em prioridade de escolha
	Sp-NA'	Solo arenoso não laterítico com pedregulho	Reforço de Subleito, Base e Sub-base: 1° em prioridade de escolha
LG'	Gf-LG'	Solo granular fino argiloso laterítico com pedregulho	Revestimento primário: 4° em prioridade de escolha Reforço de Subleito: 6° em prioridade de escolha Base e Sub-base: 6° em prioridade de escolha
LA'	Gf-LA'	Solo granular fino arenoso laterítico com pedregulho	Revestimento primário: 3° em prioridade de escolha Reforço de Subleito: 5° em prioridade de escolha Base e Sub-base: 4° em prioridade de escolha
	Ps-LA'	Pedregulho com solo arenoso laterítico	Revestimento primário: 1° em prioridade de escolha Reforço de Subleito: 2° em prioridade de escolha Base e Sub-base: 1° em prioridade de escolha
	Sp-LA'	Solo arenoso laterítico com pedregulho	Revestimento primário: 1° em prioridade de escolha Reforço de Subleito: 2° em prioridade de escolha Base e Sub-base: 1° em prioridade de escolha

Fonte: Adaptado de VILLIBOR & ALVES (2019)

ANÁLISE SOBRE OS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

Foi realizada uma análise comparativa entre os resultados das classificações TRB, MCSL, MCT, G-MCT. A Tabela 15 expõe a classificação

dos solos de acordo com as duas metodologias.

Tabela 15: Análise comparativa entre metodologias de classificação

Grupo	Amostra	Classificação			
		TRB	MCSL	MCT	G-MCT
SLF	BSB-2	A-7-6	SLF ₁₂	LG'	Gf-LG'
	BSB-4	A-7-6	SLF ₁₂	LG'	Gf-LG'
	GO-1	A-7-5	SLF ₁₃	LG'	Gf-LG'
	GO-2	A-2-4	SLF ₁₂	LA'	Gf-LA'
	PE-1	A-7-6	SLF ₁₂	LG'	Gf-LG'
	PI-1	A-4	SLF ₁₂	LA'	Gf-LA'
	PI-2	A-2-4	SLF ₁₄	LA'	Gf-LA'
	PI-3	A-4	SLF ₁₄	LA'	Gf-LA'
SLA	BSB-1	A-2-6	SLA ₆	NS'	Ps-NS'
	BSB-3	A-2-6	SLA ₇	NA'	Ps-NA'
	GO-3	A-2-4	SLA ₆	LA'	Ps-LA'
	PB-1	A-2-4	SLA ₆	NA'	Sp-NA'
	PB-2	A-2-4	SLA ₈	LA'	Sp-LA'
	PI-4	A-2-4	SLA ₆	LA'	Sp-LA'
	PI-5	A-2-4	SLA ₁₀	LA'	Ps-LA'
	PI-6	A-2-4	SLA ₈	LA'	Ps-LA'
SLP	GO-4	A-1-a	SLP ₂	LA'	Ps-LA'
	GO-5	A-2-6	SLP ₂	LA'	Ps-LA'
	GO-6	A-2-4	SLP ₁	LA'	Ps-LA'
	PB-3	A-1-a	SLP ₃	LA'	Ps-LA'

Fonte: De autoria própria

A classificação TRB indica o comportamento geral do solo como subleito. Os solos classificados nos grupos A-1, A-2 e A-3 apresentam um desempenho de excelente a bom. Por sua vez, os solos pertencentes aos grupos A-4, A-5, A-6 e A-7 manifestam um comportamento

regular a mau.

Comparando-se a classificação TRB com a classificação MCSL de Rodrigues *et al.* (2010), a Tabela 15 indica que as maiores diferenças são encontradas para os solos lateríticos finos e pedregulhosos. Nos solos lateríticos finos (SLF), têm-se amostras pertencentes aos grupos A-2 (GO-2 e PI-2), A-4 (PI-1 e PI-3) e A-7 (BSB-2, BSB-4, GO-1 e PE-1). Ou seja, a classificação TRB inviabiliza o aproveitamento de seis dos oito solos lateríticos finos: BSB-2, BSB-4, GO-1, PE-1, PI-1 e PI-3.

De acordo como o Manual de Pavimentação (DNIT, 2006), o grupo A-4 é tipicamente representado pelos solos siltosos não plásticos, ou com discreta plasticidade. Inclui misturas de siltes com até 64% de areia e pedregulho retidos na peneira de abertura 0,075 mm. Além disso, podem conter quantidades variadas de material grosso, que traduz em menor ou maior IG. Espera-se que apresentem valores baixos de capacidade de suporte em termos de CBR e expansão razoável.

Contudo, o solo PI-1, apesar de classificado no grupo A-4, mostrou capacidade de suporte suficiente (CBR igual a 34%) para ser aplicado em uma sub-base, segundo os critérios do Manual de Pavimentação do DNIT (2006). Ademais, apresentou também, expansão praticamente nula, indo em desacordo com as especificações do seu grupo TRB. As mesmas observações valem para a amostra PI-3, que igualmente exibiu baixa expansão (0,40%) e que, apesar de um índice CBR bem inferior (16%) à amostra PI-1, atende a capacidade de suporte mínima imposta pelo referido Manual, que é um índice CBR de 2%.

O grupo A-7 é composto por materiais que apresentam elevado valor de limite de liquidez, conferindo caráter excessivamente elástico e sujeito a variação de volume expressiva entre os estados seco e úmido. Espera-se que apresentem valores de suporte muito baixos e comportamento altamente expansivo. No entanto, a amostra GO-1, pertencente ao grupo A-7, foi a que mostrou maior valor de limite de contração (30,48%), e isso associado ao baixo valor de adsorção de azul de metileno adsorvido (1,28g/100g), sugere que o solo é menos passível a grandes variações de volume. O valor do índice CBR (9%)

do solo GO-1 foi o mais baixo dentre todos os solos estudados, mas ainda assim, suficiente para ser aplicado em um subleito, conforme os critérios do DNIT.

Outra amostra classificada no grupo A-7 foi a PE-1, que exibiu baixa expansão (0,40%) e índice CBR igual a 29%, três vezes maior do que o apresentado pela amostra GO-1.

As observações supracitadas evidenciam que nenhuma das classificações conseguiu agrupar os solos, levando-se em consideração a capacidade de suporte em termos do índice CBR. A grande variabilidade dos valores de CBR é uma característica bastante comum em solos lateríticos, constatada não só na presente pesquisa, mas em diversos outros estudos. Isso mostra que não é recomendável adotar o CBR como critério único para avaliar a capacidade de suporte desses solos. A consideração, por exemplo, das propriedades resilientes e de deformação permanente desses materiais é uma solução que pode complementar as análises de resistência, juntamente com a implementação de métodos mecanístico-empíricos.

Além disso, outra particularidade dos solos lateríticos é a baixa expansibilidade. Devido à presença exclusiva ou predominante do argilomineral caulinita, esses solos tendem a ser pouco expansivos, porém com comportamento contrátil. Diante disso, além de não abordar as características contráteis dos materiais, a metodologia TRB atribui um valor classificatório considerável para a granulometria e para os limites de consistência de Atterberg.

Já foi exposto que os ensaios para a determinação dos limites de plasticidade não possuem reprodutibilidade em solos lateríticos, diante das particularidades inerentes a esse tipo de solo. Em contrapartida, a metodologia de Rodrigues *et al.* (2010) e Farias (2023) analisa a atividade da fração fina do solo por meio do ensaio de adsorção de azul de metileno, por ser um procedimento que se baseia na superfície específica dos argilominerais presentes, mostrando-se mais adequado para ser aplicado em solos lateríticos. Pelos resultados dos ensaios de adsorção de azul de metileno, todos os solos manifestaram baixa atividade, o que é esperado para esses materiais que possuem um argilomineral de baixa superfície específica, a caulinita.

Para exemplificar o que foi supracitado, basta observar na Tabela

15 que todos os solos lateríticos arenosos foram enquadrados em um mesmo grupo da metodologia TRB, o grupo A-2. No entanto, esses solos apresentam diferenças significativas em algumas das propriedades estudadas, como a friabilidade, que variou de 30,99% a 61,43%, e o limite de contração, que variou de 14,15% a 32,84%. Nos solos lateríticos pedregulhosos, a amostra PB-3, apesar de sua alta fragmentabilidade, obteve uma melhor classificação na metodologia TRB, pertencendo ao grupo A-1, em comparação com as outras amostras.

Agora, comparando-se a classificação MCT e G-MCT com a classificação MCSL, constata-se, analisando a Tabela 15, que há correspondência entre os sistemas. Contudo, pode-se afirmar que as metodologias apresentam incompatibilidade parcial entre si, uma vez que amostras classificadas em um mesmo grupo na MCSL são classificadas em grupos adversos na MCT e G-MCT. Vale destacar algumas observações:

- Alguns solos foram apresentaram comportamento não laterítico perante a metodologia MCT e G-MCT;
- Os únicos solos lateríticos classificados como argilosos lateríticos (LG') na MCT, foram também classificados solos lateríticos finos (SLF) na MCSL;
- Todos os solos lateríticos finos (SLF) da MCSL apresentaram tipo granulométrico Gf (granular fino) na G-MCT,
- Todos os SLP (solos lateríticos pedregulhosos) da MCSL apresentaram tipo granulométrico Ps (pedregulho com solo) na G-MCT; e
- Os únicos solos que apresentaram tipo granulométrico Sp (solo com pedregulho) estão na classificação SLA (solos lateríticos arenosos) da MCSL.

Perante isso, corroborando com Marson (2004), o coeficiente c' que se correlaciona, principalmente, com o comportamento granulométrico do solo se mostrou fundamental e coerente com as demais classificações. Entretanto, índice e' , que avalia o caráter laterítico, pareceu não ser muito adequado e pouco sensível as características genéticas dos solos. Ademais, sua formulação matemática, segundo Nogami & Villibor (1985), é inteiramente empírica e depende do d' , cuja determinação, em alguns casos, é complexa.

Além disso, a análise morfológica, mineralógica e química

presente na classificação MCSL se mostrou importante, uma vez que solos com gênese laterítica comprovada, se situaram em grupos de comportamento não laterítico na classificação MCT e G-MCT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, a principal vantagem da metodologia MCT e G-MCT é a quantidade de material necessário para a classificação. Além do mais, as mesmas fundamentalmente necessitam apenas de três ensaios (Mini-MCV, perda de massa por imersão e granulometria no caso da G-MCT). Entretanto, algumas minuciosidades na execução dos ensaios, bem como a análise subjetiva e complexa dos resultados, podem comprometer a identificação fidedigna dos solos.

A MCSL, por sua vez, mesmo necessitando de uma quantidade maior de ensaios e de material para a classificação final dos solos lateríticos, considera diretamente as propriedades genéticas, físicas e químicas dos solos, bem como as concepções apropriadas do meio ambiente tropical úmido.

Enquanto isso, a classificação TRB acaba por impossibilitar o aproveitamento desses materiais por se tratar de uma metodologia mais adequada para ser utilizada em solos de clima de temperado, que se formam em condições diferentes do observado em regiões tropicais.

Em resumo, como era o esperado, nota-se que não há correspondência direta entre os sistemas (Villibor & Nogami, 2009; Rodrigues *et al.*, 2010; Guimarães *et al.*, 2018; Silva, 2019). Pode-se afirmar que as metodologias apresentam incompatibilidade parcial entre si. As incompatibilidades observadas nesta pesquisa se justificam pelo fato dessas metodologias terem sido desenvolvidas em contextos distintos e considerando condições do meio físico completamente diversas. Em outras palavras, perante as incompatibilidades pode-se desprezar um material bom e, por outro lado, selecionar um material que apresente propriedades aquém das esperadas (Silva, 2019).

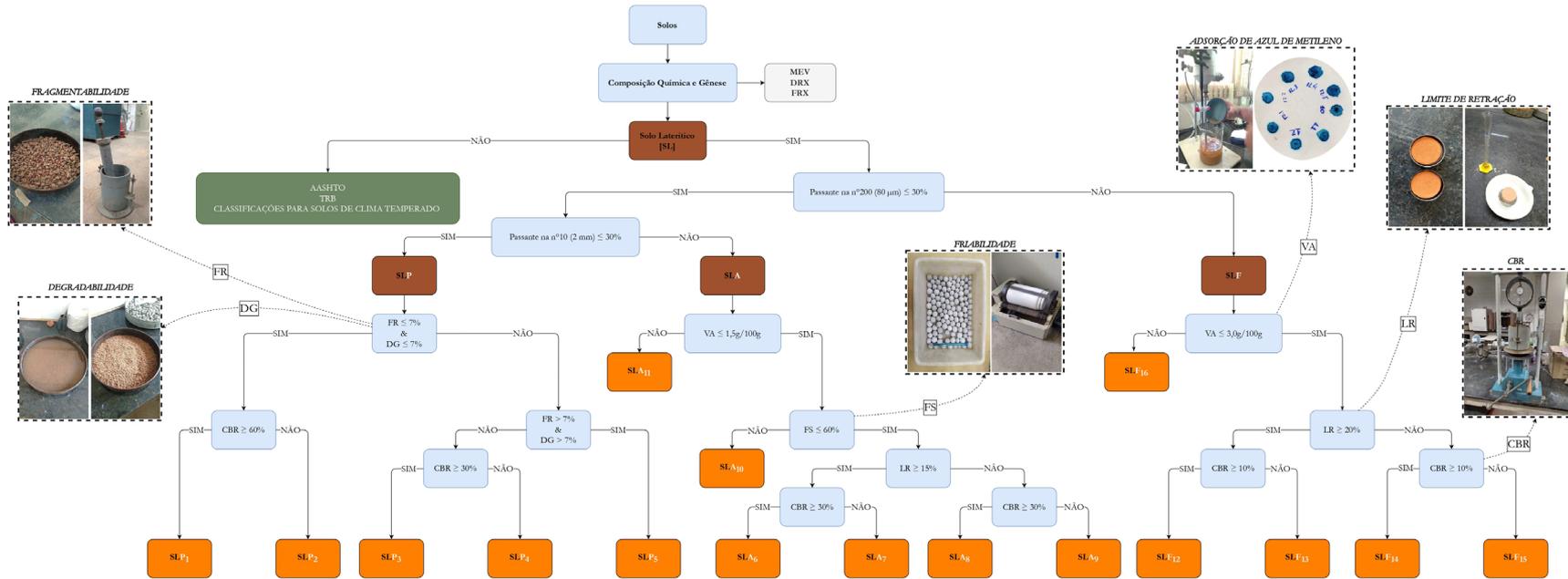
O conhecimento da caracterização química do solo é fundamental para justificar o comportamento de alguns solos finos, pois nem sempre a curva granulométrica é suficiente para verificar as

propriedades do material. Um exemplo de ocorrência comum se dá com os solos que apresentam alta porcentagem de argila na sua composição, mas nem sempre esses solos vão apresentar características de solos argilosos, como coesão, compressibilidade, baixa permeabilidade, entre outros. Por vezes, as areias pulverizadas e partículas de rocha com granulação muito fina, acabam interferindo nas propriedades mecânicas desse material (Pascoal, 2020).

Assim, diante do que foi exposto, a MCSL de Rodrigues *et al.* (2010) e Farias (2023) (v) apresenta potencial e permitiu viabilizar a aplicação de solos lateríticos nas camadas estruturais que constituem um pavimento, justamente por levar em conta as particularidades desses solos, advindas do processo de laterização.

Segundo Farias *et al.* (2023) e Farias (2023), a Metodologia de Classificação Universal de Solos Lateríticos proposta por Rodrigues *et al.* (2010) mostrou potencial para o emprego de solos lateríticos naturais ou estabilizados em camadas de pavimentos, visto que leva em consideração as concepções apropriadas do meio ambiente tropical e o processo de laterização, bem como as propriedades mecânicas inerentes às composições químicas dos sistemas lateríticos.

CLASSIFICAÇÃO UNIVERSAL DE SOLOS LATERÍTICOS



QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO

SOLOS LATERÍTICOS Composição Química e Gênese														
Passante na peneira nº200 (80 µm) ≤ 30%					Passante na peneira 2 mm (nº 10) > 30%					Passante na peneira 80 µm (nº 200) > 30%				
SOLOS LATERÍTICOS PEDREGULHOSOS (SLP)					SOLOS LATERÍTICOS ARENOSOS (SLA)					SOLOS LATERÍTICOS FINOS (SLF)				
FR ≤ 7% & DG ≤ 7%		FR ≤ 7% & DG > 7%			FS ≤ 60%					VA ≤ 3,0g/100g				
CBR ≥ 60%		CBR ≥ 30%			LR ≥ 15%		LR < 15%			LR ≥ 20%		LR < 20%		
SLP1	SLP2	SLP3	SLP4	SLP5	SLA6	SLA7	SLA8	SLA9	SLA10	SLA11	SLF12	SLF13	SLF14	SLF15
ESTABILIZADO					ESTABILIZADO					ESTABILIZADO				
BASE [E ≤ 1,00%] [MR ≥ 300 MPa - N ≥ 10] [MR ≥ 400 MPa - N ≥ 10]					BASE [E ≤ 1,00%] [MR ≥ 300 MPa - N ≥ 10] [MR ≥ 400 MPa - N ≥ 10]					BASE [E ≤ 1,00%] [MR ≥ 300 MPa - N ≥ 10] [MR ≥ 400 MPa - N ≥ 10]				
NATURAL					NATURAL					NATURAL				
SUB-BASE [E ≤ 1,50%] [MR ≥ 200 MPa]					SUB-BASE [E ≤ 1,50%] [MR ≥ 200 MPa]					SUB-BASE [E ≤ 1,50%] [MR ≥ 200 MPa]				
NATURAL					NATURAL					NATURAL				
REFORÇO DO SUBLEITO [MR ≥ 100 MPa]					REFORÇO DO SUBLEITO [MR ≥ 100 MPa]					REFORÇO DO SUBLEITO [MR ≥ 100 MPa]				

Legenda:
 N: Número equivalente de operações do eixo padrão de 8,2t; E: Coeficiente de Degradabilidade; FR: Coeficiente de Fragmentabilidade; FS: Coeficiente de Finitude; LR: Limite de retração/contracção; VA: Valor de adsorção de Azul de Metileno; CBR: Índice de Suporte Califórnia; [E]: Expansão; [MR]: Solo Laterítico Fino; [MR]: Solo Laterítico Arenoso; [MR]: Solo Laterítico Pedregulhoso.

MÓDULO DE RESILIÊNCIA



DEFORMAÇÃO PERMANENTE



- Legenda:**
- MEV: Microscopia Eletrônica de Varredura;
 - DRX: Difração de Raios X;
 - FRX: Fluorescência de Raios X;
 - N: Número equivalente de operações do eixo padrão de 8,2t;
 - DG: Coeficiente de Degradabilidade;
 - FR: Coeficiente de Fragmentabilidade;
 - FS: Coeficiente de Finitude;
 - LR: Limite de Retração/Contracção;
 - VA: Valor de adsorção de Azul de Metileno;
 - CBR (ISC): Índice de Suporte Califórnia;
 - E: Expansão;
 - SLF: Solo Laterítico Fino;
 - SLA: Solo Laterítico Arenoso;
 - SLP: Solo Laterítico Pedregulhoso.

AUTORES



COAUTORES



PARCEIROS



CAPÍTULO 6 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS: COMPORTAMENTO À CARGA ESTÁTICA

PARA ANALISAR O COMPORTAMENTO À CARGA ESTÁTICA, TRÊS SOLOS, sendo um solo laterítico fino, um arenoso e um pedregulhoso, foram analisados por meio de ensaios mecânicos em sua situação natural e melhorado com ligantes hidráulicos (cal e cimento). Foram escolhidos o solo laterítico fino PE-1, o solo laterítico arenoso PB-2 e o solo laterítico pedregulhoso PB-3.

Para tais solos, foram executados ensaios de compactação sem reuso, para determinação da umidade ótima e do peso específico aparente seco máximo. Além do mais, foram realizados ensaios de CBR, compressão simples e tração por compressão diametral. Vale salientar que os ensaios foram realizados para os solos em sua situação natural e também quando tratados com ligantes hidráulicos. Além dos solos, os ensaios mecânicos também foram executados na mistura de Brita Graduada Tratada com Cimento (BGTC).

SOLOS NATURAIS

Antes da realização dos ensaios mecânicos, foram realizados ensaios de compactação sem reuso, com o objetivo de comparar os resultados e avaliar a influência do reuso na obtenção da umidade ótima e da massa específica aparente seca máxima. Os resultados dos ensaios de compactação com e sem reuso são apresentados na Tabela 16.

Tabela 16: Resultados da compactação sem e com reuso

Amostra	Compactação sem reuso		Compactação com reuso	
	$\rho d_{\text{máxima}}$ (g/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)	$\rho d_{\text{máxima}}$ (g/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)
PE-1	1,720	19,6	1,836	14,5
PB-2	1,980	8,8	1,979	11,3
PB-3	1,870	15,7	1,935	14,9

Fonte: De autoria própria

Com base nos resultados, notou-se que o reuso das amostras levou a um aumento da massa específica aparente seca máxima e a uma diminuição da umidade ótima. O que era de se esperar, visto que o procedimento com reuso, mesmo com a vantagem da economia de material utilizado no ensaio de compactação, suscita a possibilidade de fragmentação de partículas que poderia alterar a granulometria e o peso específico aparente do material em cada reuso. Para Nogami & Villibor (1995), com o reuso do mesmo material saprolítico nos ensaios, há muita fragmentação dos grãos em processo de intemperização, dificultando a previsão do seu comportamento quando compactado.

A exceção foi o solo PB-2, na qual o reuso provocou um aumento na umidade ótima e manteve a massa específica aparente seca máxima basicamente igual. O solo PB-2, com base nos resultados de friabilidade, mostrou-se consideravelmente estável, apresentando FS de 39,38%. Isso pode ter influenciado nos valores basicamente constantes de $\rho d_{\text{máxima}}$. O solo PB-3, por sua vez, apresentou coeficiente de fragmentabilidade (FR) muito elevado (13,75%), o que justifica o aumento na massa específica aparente seca máxima quando realizado o ensaio com o reuso do solo.

A natureza da curva granulométrica, bem como a resistência da fração grosseira de concreção, são fatores cruciais na determinação da influência de amostras naturais e de reutilização nas características de compactação de solos lateríticos. Em geral, as densidades secas máximas da compactação de amostras reutilizadas são maiores do que aquelas obtidas da compactação de amostras naturais. Nenhuma tendência, contudo, é estabelecida para diferenças nos valores de

teor de umidade ótima quando empregada amostra reutilizada ou amostra natural (Yohanna *et al.* 2015).

CBR

Os resultados dos ensaios de CBR e Expansão dos solos compactados com e sem reuso são apresentados na Tabela 17. Com os resultados, observa-se pouca influência da reutilização das amostras na determinação do CBR. Nota-se um discreto aumento do CBR com o reuso, provavelmente devido a elevação da massa específica aparente seca máxima. Contudo, como supracitado, a variabilidade dos valores de CBR é uma característica bastante comum em solos lateríticos, e diante disso não se pode determinar uma real influência da reutilização ou não das amostras no valor de CBR.

Nota-se uma maior elevação do CBR do solo PB-3 com o reuso. Esses valores podem ser explicados pelo considerável valor do coeficiente de fragmentabilidade (FR) do solo. Desse modo, ao ser compactado e por isso “quebrado”, a porcentagem da fração arenosa aumenta e, conseqüentemente, o valor do CBR é dilatado.

Tabela 17: Resultados de CBR do solo sem e com reuso

Amostra	Compactação sem reuso			
	$\rho_{d\text{máxima}}$ (g/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)	CBR (%)	Expansão (%)
PE-1	1,720	19,6	25	0,40
PB-2	1,980	8,8	32	0,10
PB-3	1,870	15,7	51	0,12
Amostra	Compactação com reuso			
	$\rho_{d\text{máxima}}$ (g/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)	CBR (%)	Expansão (%)
PE-1	1,836	14,5	29	0,40
PB-2	1,979	11,3	33	0,08
PB-3	1,935	14,9	58	0,07

Fonte: De autoria própria

RCS E RTCD

Para cada ensaio foram moldados três corpos de prova em condições semelhantes, sendo aceitos os corpos de prova com 200 ± 2 mm de

altura e 100 ± 1 mm de diâmetro. Além das dimensões, a umidade de moldagem deveria estar no intervalo de $\pm 0,5$ ponto percentual em torno da umidade ótima de compactação sem reuso, bem como grau de compactação entre 98% e 102% da densidade obtida no ensaio de compactação sem reuso. Os resultados dos ensaios de resistência à compressão simples (RCS) e à tração por compressão diametral (RTCD) são expostos na Tabela 18.

Tabela 18: Resultados dos ensaios de RCS e RTCD

Amostra	$\rho d_{\text{máxima}}$ (g/ cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)	RCS média (kPa)	RTCD média (kPa)
PE-1	1,720	19,6	839	109
PB-2	1,980	8,8	527	62
PB-3	1,870	15,7	331	37

Fonte: De autoria própria

Wahab *et al.* (2021) analisando um solo laterítico classificado como silte plástico (MH) e A-7-5 de acordo com os sistemas USCS e AASHTO, respectivamente, obteve valores de RCS de aproximadamente 200 kPa. Mélo (2011), por sua vez, ao analisar solos de comportamento laterítico (L), pertencente à classe dos arenosos (LA') e argilosos (LG'), verificaram valores de RCS em torno de 900 kPa e 300 kPa, respectivamente. Budny (2018), por sua vez, analisando um solo Laterítico Argiloso, obteve valores de RCS próximos de 1000 kPa e de RTCD próximos de 100 kPa. Joel & Agbede (2011), estudando um solo laterítico marrom-avermelhado classificado como A-2-7 no sistema de classificação de solos AASHTO, obtiveram valores de RCS na faixa de 600 kPa. Por fim, Rocha & Rezende (2017) obtiveram resultados de RCS de aproximadamente 400 kPa ao estudar solos lateríticos granulares.

Mesmo sendo compactados na energia Proctor Intermediária, os solos apresentaram bons valores de RCS. Além do mais, fica nítida a influência da granulometria, visto que, quanto mais granular o solo, menor foi a resistência não confinada. A resistência à tração por compressão diametral (RTCD) foi considerada baixa, porém apresentou

a mesma tendência de decréscimo com a granulometria dos solos. O fato do solo PB-3 ser altamente fragmentável pode ter influenciado na discrepância dos resultados, pois apesar de sua alta rigidez eles também aumentam a heterogeneidade quando compactados.

MATERIAIS MELHORADOS

Para a análise desempenho dos solos lateríticos melhorados com ligantes hidráulicos, inicialmente foi feita a dosagem para a definição dos teores de cimento e da cal a serem utilizados para confecção dos corpos de prova. Como mencionado anteriormente, para o solo laterítico fino (PE-1), empregou-se cal hidratada I (CH-I). Já para os solos lateríticos arenoso (PB-2) e pedregulhoso (PB-3), foi utilizado o cimento Portland pozolânico (CP IV-32).

CIMENTO PORTLAND

É comum a presença de fissuras e/ou trincas que se formam inicialmente em misturas de solo-cimento, devido principalmente a alteração granulométrica e aumento da superfície específica da amostra com a adição do cimento e devido, adicionalmente, ao processo de hidratação do cimento. O espaçamento e a abertura dessas trincas dependem do tipo e da quantidade de cimento e das características do solo.

O aumento da temperatura no interior das misturas devido ao calor desenvolvido durante a hidratação do cimento pode levar ao aparecimento de fissuras e/ou trincas, que podem ser evitadas se forem usados cimentos com taxas lentas de evolução de calor. Diante disso, o agente cimentante empregado nas misturas com solo lateríticos arenosos e pedregulhosos foi o cimento Portland Pozolânico (CP IV-32).

O CP IV contém, além do clínquer e do sulfato de cálcio (gesso), entre 25% e 40% de material pozolânico, em massa. As principais vantagens dos cimentos Portland pozolânicos estão ligadas a maior estabilidade, durabilidade e impermeabilidade, pois conferem a mistura menor calor de hidratação, maior resistência ao ataque por sulfatos e cloretos, maior resistência à compressão em idades mais avançadas e maior resistência à tração e à flexão, em relação ao

cimento sem adições, em igualdade de condições.

Para caracterização do Cimento Portland foram realizados ensaios de granulometria por difração de laser (Figura 145), massa específica (NM 23, 2001) (Figura 146), índice de finura por meio da peneira 75 μm (n° 200) (ABNT NBR 12826, 2014), área específica (*Blaine*) (NBR 16372, 2015), perda ao fogo (NM 18, 2012), tempo de início e fim de pega (NM 65, 2003) e resistência à compressão (ABNT NBR 7215, 2019). Os resultados da caracterização estão apresentados na Tabela 19. Foi ainda avaliada a morfologia por meio dos ensaios de MEV com EDS (Figuras 147–149; Tabela 20), e a mineralogia com o ensaio de DRX (Figura 150).

Figura 145: Resultado do ensaio de granulometria por difração de laser do Cimento Portland

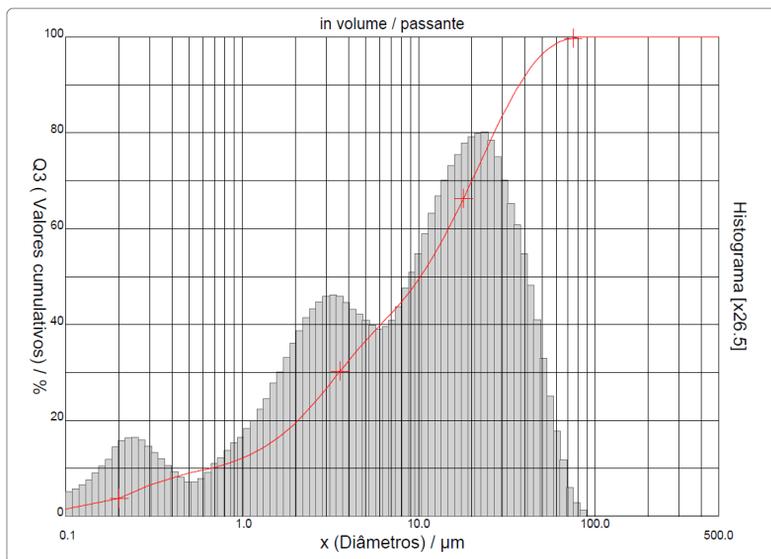


Figura 146: Cimento Portland Pozolânico (CP IV-32) e ensaio de massa específica



Fonte: De autoria própria

Tabela 19: Caracterização do Cimento Portland

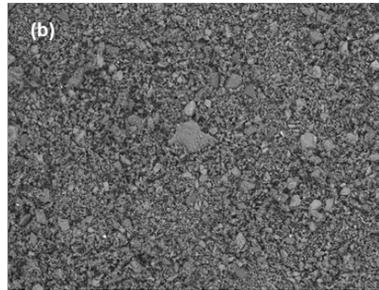
Ensaio	Norma	Resultado
Massa específica	NM 23 (2001)	2,98g/cm ³
Índice de finura por meio da peneira 75µm (n°200)	NBR 12826 (2014)	0,6%
Área específica (<i>Blaine</i>)	NBR 16372 (2015)	4930cm ² /g
Perda ao fogo	NM 18 (2012)	6,5%
Tempo de início e fim de pega	NM 65 (2003)	Início: 04h10min
		Fim: 05h10min
Resistência à compressão	NBR 7215 (2019)	1 dia: 8,8MPa
		3 dias: 16,2MPa
		7 dias: 22,9MPa
		28 dias: 32,1MPa

Fonte: De autoria própria

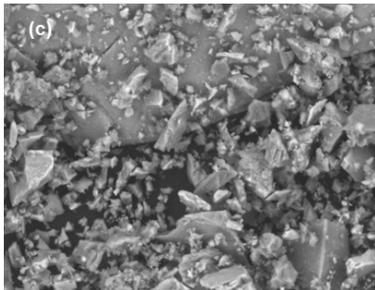
Figura 147: Cimento Portland: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x



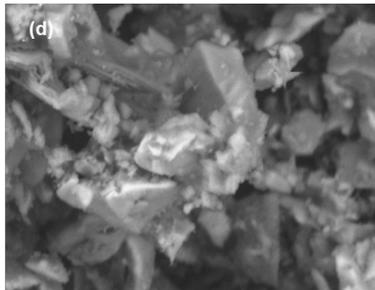
CIMENTO



CIMENTO (300X)



CIMENTO (3000X)



CIMENTO (8000X)

Figura 148: Resultados de EDS: elementos constituintes do Cimento Portland (300X)

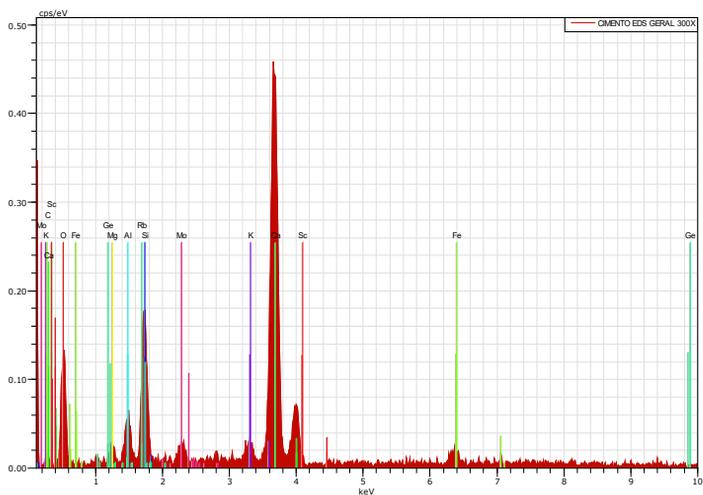


Figura 149: Resultados de EDS: elementos constituintes do Cimento Portland (8000X)

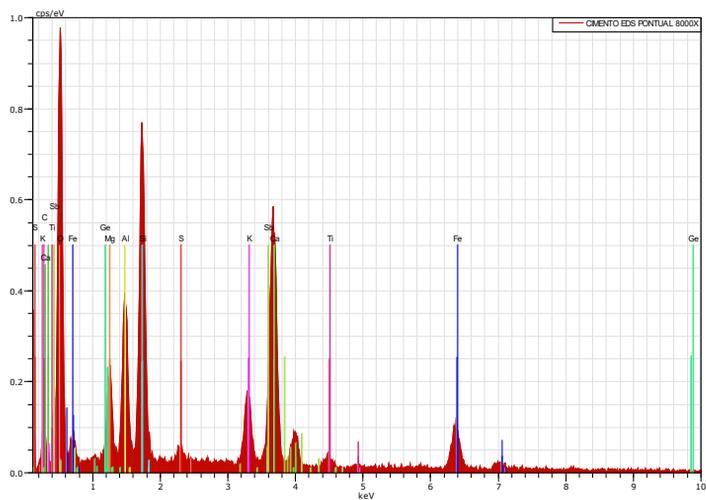


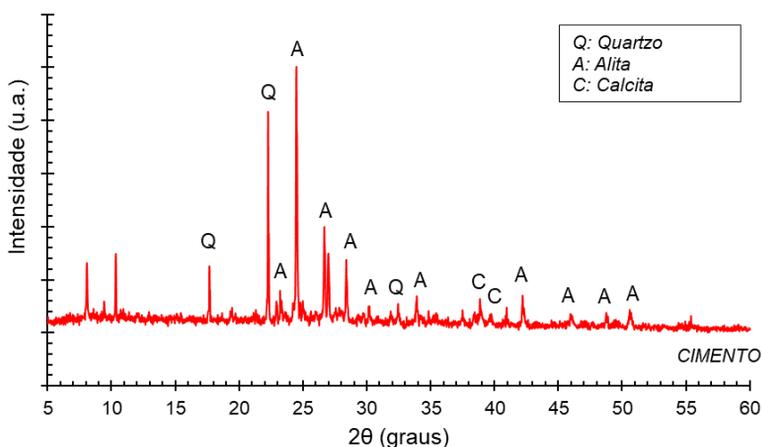
Tabela 20: Resultados dos ensaios de EDS: porcentagens dos elementos do Cimento Portland

Elementos (%) – Cimento EDS 300X												
Ca	O	Si	Fe	Mo	Al	C	Rb	K	Sc	Ge	Mg	
25,4	54,4	7,2	1,7	0,8	2,7	4,8	0,6	1,1	0,5	0,3	0,6	

Elementos (%) – Cimento EDS 8000X											
O	Ca	Si	Fe	Al	C	K	Mg	Sb	Ge	Ti	S
59,1	7,7	8,6	3,3	4,6	10,0	2,0	2,6	0,5	0,4	0,6	0,5

Fonte: De autoria própria

Figura 150: Difratoograma de Raios-X (DRX) do Cimento Portland



Fonte: De autoria própria

Todos os requisitos gerais e específicos exigíveis de cimento Portland destinado à produção de concreto para obras rodoviárias deverão estar adequados ao tipo de cimento utilizado, conforme a especificação de material, DNIT-EM 036 (1995). Essa norma apresenta definições e o procedimento para inspeção e as condições ou rejeição do material.

CAL HIDRATADA

A aplicação de cal no solo tem como principais funções o melhoramento da resistência, rigidez, durabilidade e redução na plasticidade e potencial de retração/expansão. Diante disso, o agente cimentante empregado nas misturas com solo lateríticos finos foi a cal hidratada I (CH-I). A cal CH-I, é considerada o tipo de cal hidratada mais nobre e pura, pois contém menos de 10% óxidos não hidratados na sua composição.

A aplicação da cal CH-I para estabilizar solos é baseada na função pozolânica, que permite estabilização contrapondo-se à ação da umidade, melhorando a estabilidade e a durabilidade, e, ademais, reduzindo o inchamento e a plasticidade. Garante muitas outras vantagens, como melhor trabalhabilidade e plasticidade, maior potencial de aderência e grande capacidade de retenção de água. Consequentemente, reduz os problemas com fissuras por retração e contribui para a resistência mecânica.

Para caracterização da cal foram realizados ensaios de granulometria por difração de laser (Figura 151), massa específica (NM 23, 2001) (Figura 152), índice de finura por meio da peneira 75 µm (nº 200) (ABNT NBR 12826, 2014) e perda ao fogo (NM 18, 2012). Os resultados da caracterização estão apresentados na Tabela 21. Foi ainda avaliada a morfologia por meio dos ensaios de MEV com EDS (Figuras 153–155; Tabela 22), e a mineralogia com o ensaio de DRX (Figura 156).

Figura 151: Resultado do ensaio de granulometria por difração de laser da Cal Hidratada

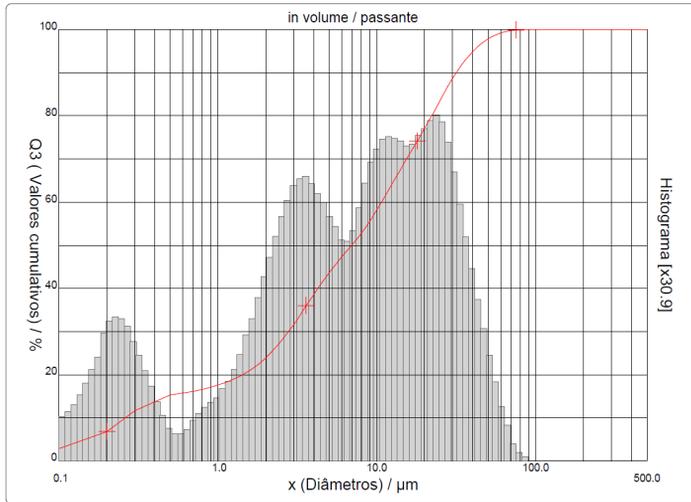


Figura 152: Cal Hidratada I (CH-I)



Fonte: De autoria própria

Tabela 21: Caracterização do Cal Hidratada

Ensaio	Norma	Resultado
Massa específica	NM 23 (2001)	2,30g/cm ³
Índice de finura por meio da peneira 75µm (n°200)	NBR 12826 (2014)	0,39%
Perda ao fogo	NM 18 (2012)	25,98%

Fonte: De autoria própria

Figura 153: Cal Hidratada: (a) Fotografia; (b) Micrografia 300x; (c) Micrografia 3000x; (d) Micrografia 8000x

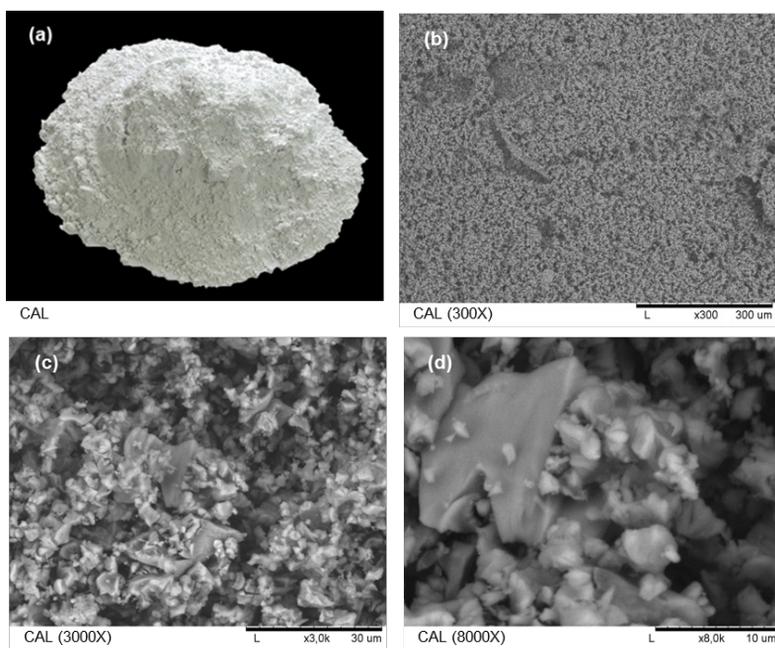


Figura 154: Resultados de EDS: elementos constituintes da Cal Hidratada (300X)

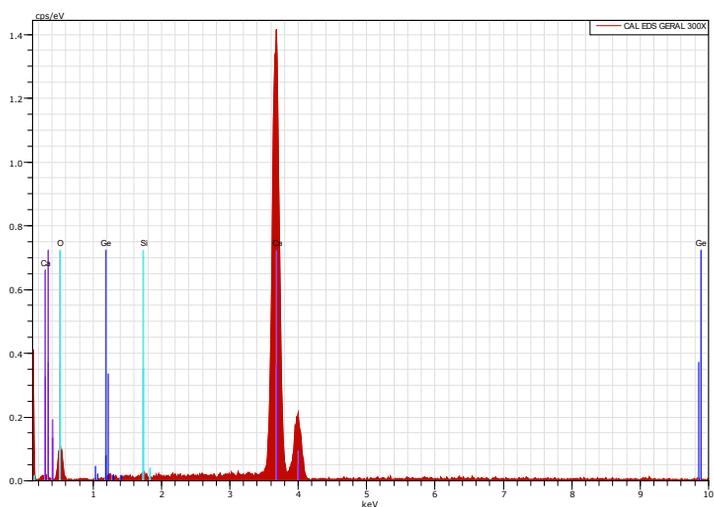


Figura 155: Resultados de EDS: elementos constituintes da Cal Hidratada (8000X)

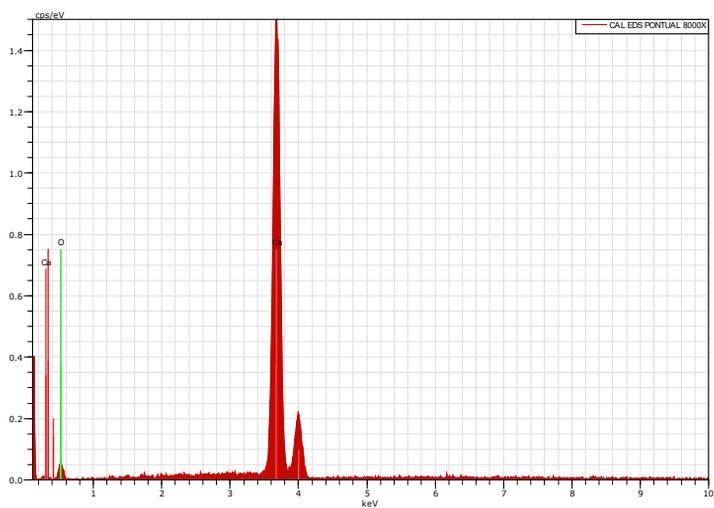
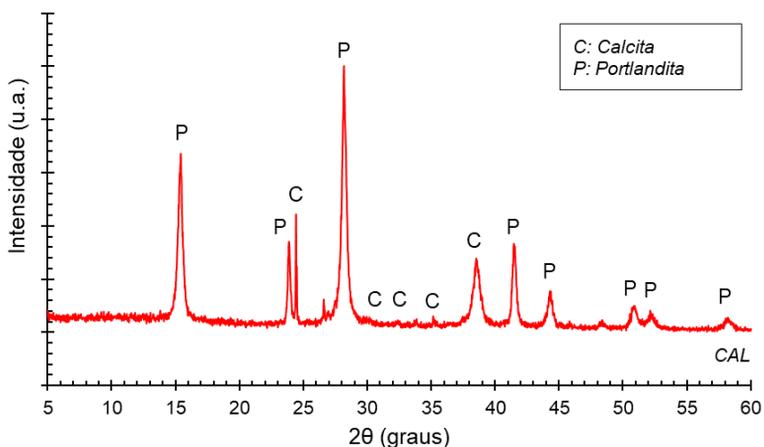


Tabela 22: Resultados dos ensaios de EDS: porcentagens dos elementos da Cal Hidratada

Elementos (%) – Cal EDS 300X			
Ca	O	Ge	Si
53,8	43,9	1,4	1,0
Elementos (%) – Cal EDS 8000X			
Ca	O		
70,7	29,3		

Figura 156: Difratograma de Raios-X (DRX) da Cal Hidratada



Fonte: De autoria própria

A análise foi efetuada de acordo com os métodos recomendados pela ABNT NBR 6473 (2003) (Cal virgem e cal hidratada – Análise química) e pela ASTM-C25 (2019) (*Standard Test Methods for Chemical Analysis of Limestone, Quicklime and Hydrated Lime*).

PROCEDIMENTOS DE DOSAGEM

O planejamento dos ensaios que envolvem a avaliação de desempenho das misturas requer a definição dos teores de cimento e da cal a

serem utilizados para confecção dos corpos de prova.

A dosagem do teor de cimento (Figura 157) foi realizada com base na norma ABNT NBR 12253 (2012), que estabelece os requisitos para a determinação da quantidade de cimento Portland capaz de estabilizar solos, para emprego em camadas de solo-cimento, pela medida de resistência à compressão simples de corpos de prova cilíndricos. Inicialmente se fez necessário executar o ensaio de compactação na energia Proctor Normal com amostras não trabalhadas (ABNT NBR 12023, 2012) para definição dos valores de umidade ótima e massa específica seca aparente seca máxima. A confecção dos corpos de prova foi realizada com misturas contendo três teores de cimento: 1, 4 e 7% em relação à massa de solo seco. Para cada teor foram moldados e curados por sete dias, três corpos de prova cilíndricos conforme a ABNT 12024 (2012). Decorrido o tempo de cura, os corpos de prova foram imersos por 4h em água à temperatura ambiente, secos superficialmente e submetidos ao ensaio de compressão simples com deformação de 1mm/min, conforme a norma ABNT 12025 (2012). Como resultado, deve ser adotado o teor de cimento cuja a resistência à compressão seja igual ou superior a 2,1MPa aos sete dias de cura, sendo permitida interpolação, mas não extrapolação.

Figura 157: Dosagem do teor de cimento



Fonte: De autoria própria

Já o teor mínimo de cal necessário para a estabilização físico-química (Figura 158) foi realizado conforme a norma DNIT-ME 419 (2019). Esse método baseia-se no método proposto por Eades & Grim que mensura o pH do solo com vários teores de cal, com o objetivo de atingir o pH de 12,4. Este método é uma estimativa que facilita a determinação do teor mínimo de cal para realização dos ensaios mecânicos. O processo metodológico compreende a obtenção de 10 amostras representativas de cal, onde nove foram adicionadas ao solo com teores variando de 2 a 10% em relação ao peso de 25g de solo seco, e a décima amostra de cal foi de 2g colocada em um frasco. Em cada frasco foi acrescentado a quantidade de 100 ml de água destilada, sendo agitados por 30 segundos a cada 10 minutos durante uma hora. Por fim, foram determinados os valores de pH em um equipamento próprio nos últimos 15 minutos de agitação. Como resultado, a menor porcentagem de cal adicionada ao solo que alcançou o valor de pH de 12,4 foi o teor mínimo de cal que proporciona a estabilização do solo.

Figura 158: Dosagem do teor mínimo de cal



Fonte: De autoria própria

A dosagem do teor de cimento foi realizada com base na norma ABNT NBR 12253 (2012) e o teor mínimo de cal necessário para a estabilização físico-química foi realizado conforme a norma DNIT-ME 419 (2019).

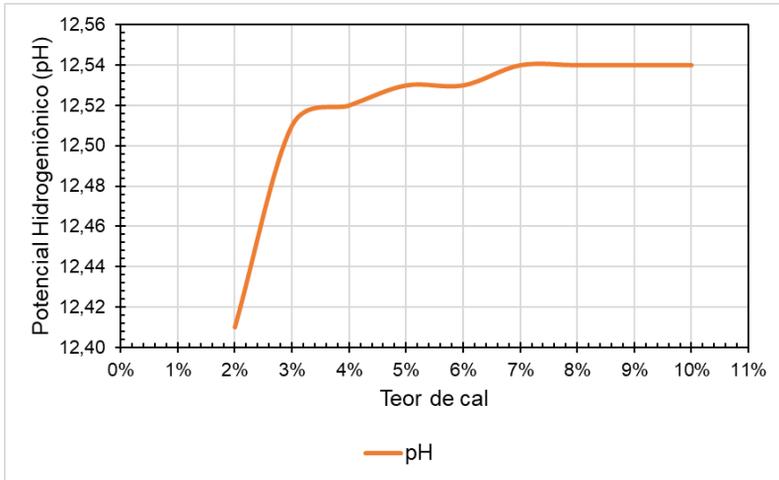
O resultado da dosagem físico-química da cal é indicado na Tabela 23 e Figura 159. Observa-se que com apenas 2% de cal o solo laterítico fino (PE-1) já apresentou pH acima de 12,4 que é a referência proposta pela norma. Assim, adotou-se 2%, em relação à massa seca de solo laterítico, como o teor provável de cal que proporciona a estabilização do solo PE-1.

Tabela 23: Teor mínimo de cal necessário para a estabilização físico-química

Amostra	Mistura	Teor de cal (%)	pH
1	2 g de cal + 100 ml de água	-	12,38
2	25 g de solo + 2% de cal + 100 ml de água	2%	12,41
3	25 g de solo + 3% de cal + 100 ml de água	3%	12,51
4	25 g de solo + 4% de cal + 100 ml de água	4%	12,52
5	25 g de solo + 5% de cal + 100 ml de água	5%	12,53
6	25 g de solo + 6% de cal + 100 ml de água	6%	12,53
7	25 g de solo + 7% de cal + 100 ml de água	7%	12,54
8	25 g de solo + 8% de cal + 100 ml de água	8%	12,54
9	25 g de solo + 9% de cal + 100 ml de água	9%	12,54
10	25 g de solo + 10% de cal + 100 ml de água	10%	12,54
11	25 g de solo + 100 ml de água	-	5,26

Fonte: De autoria própria

Figura 159: Evolução do pH com o teor de cal



Fonte: De autoria própria

Para a dosagem do teor de cimento, por sua vez, se fez necessário previamente a realização do ensaio de compactação sem reuso com os solos melhorados para determinação da umidade ótima e do peso específico aparente seco máximo e, assim, moldagem dos corpos de prova. O ensaio de compactação é realizado na energia Proctor Normal, com um teor cimento proposto a depender do tipo de solo.

Para o solo laterítico arenoso (PB-2), o teor proposto foi 5% de cimento. Já para o solo laterítico pedregulhoso (PB-3), o teor de cimento estimado pela norma foi 4%. Os resultados dos ensaios de compactação são apresentados na Tabela 24.

Tabela 24: Compactação para dosagem do teor de cimento

Amostra	Teor de cimento recomendado pela norma	Compactação sem reuso	
		$\rho d_{\text{máxima}}$ (gf/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)
PB-2	5%	1,960	10,6
PB-3	4%	1,730	18,4

Fonte: De autoria própria

De porte dos dados de compactação, foi realizada a confecção dos corpos de prova foi realizada com misturas contendo três teores de cimento: 1, 4 e 7% em relação à massa de solo seco. Para cada teor, foram moldados e curados por 7 dias, três corpos de prova cilíndricos. Decorrido o tempo de cura, os corpos de prova foram imersos por 4 horas em água à temperatura ambiente, secos superficialmente e submetidos ao ensaio de compressão simples. Os resultados são apresentados na Tabela 25.

Tabela 25: RCS para dosagem do teor de cimento

Amostra	Teor de cimento (%)	RCS média (kPa)
PB-2	1,0	73
	4,0	378
	7,0	602
PB-3	1,0	0
	4,0	98
	7,0	203

Fonte: De autoria própria

A norma estabelece afirma que deve ser adotado o teor de cimento cuja a resistência à compressão seja igual ou superior a 2,1 MPa aos 7 dias de cura, sendo permitida interpolação, mas não extrapolação. É nítido que os resultados obtidos foram muito inferiores, com destaque ao SLP que apresentou resistência nula mesmo quando tratado com 1% de cimento (Figura 16o). Em outras palavras, o material perde, basicamente na sua totalidade, a capacidade de suporte.

Figura 16o: RCS do SLP (PB-3) com 1% de cimento



Fonte: De autoria própria

Godoy (1997) cita que os solos de comportamento laterítico, desde que sejam compactados em condições específicas previamente determinadas, adquirem resistências altas e uma excelente capacidade de

suporte, contudo podem apresentar perda dessa capacidade quando imersos em água. Lovato (2004) cita a desintegração gradual durante o período de imersão prévia ao ensaio, é possivelmente devido à perda de umidade durante o período de cura.

Em relação a capacidade de suporte perante deformações elásticas, Pascoal (2020) verifica que os CPs quando submersos por 4 dias em água, obtiveram redução de aproximadamente 74%. Com base neste valor elevado, salienta-se que, se não houver um controle ideal da sucção ou um projeto/execução de drenagem adequado, o material perde, quase na sua totalidade, a capacidade de suporte às deformações elásticas. Bhattacharja *et al.* (2003) afirmam que quando uma amostra de solo estabilizado é imersa em água, a água penetra na amostra ou sai através da estrutura de poros interconectados. A tensão superficial da água é alta o suficiente para gerar uma pressão capilar que causará trincamento na matriz, principalmente em solos estabilizados que apresentam baixa resistência à tração. A força capilar exercida na parede do poro depende do tamanho do poro; quanto menor o poro, maior a força de sucção da água. À medida que a água se move para dentro e para fora da amostra durante os ciclos de molhagem e secagem, a força de tração gerada pode causar um dano irreversível à integridade do material e, devido a seu efeito cumulativo, eventualmente a amostra entra em colapso.

Qian *et al.* (2019), revela que o pedregulho laterítico melhorado com cimento exibe baixa estabilidade à água. Segundo os autores, a água pode reduzir significativamente a resistência do pedregulho laterítico estabilizado com cimento.

Desse modo, foram executados os ensaios de compressão simples, porém sem considerar o período de imersão. Os resultados dos ensaios de RCS para os solos melhorados com ligantes hidráulicos com e sem imersão são apresentados na Tabela 26.

Observa-se que a imersão em água tem influência considerável na diminuição da resistência à compressão simples dos solos lateríticos estudados. Contudo, vale ressaltar que mesmo sem o período de imersão em água os resultados de RCS obtidos foram muito inferiores a 2,1MPa, que é a resistência estipulada pela norma. Como o intuito é utilizar o mínimo possível de estabilizante, adotou-se 2%

como o teor provável de cimento que proporciona a estabilização do solo PB-2 e PB-3.

Tabela 26: Resultados dos ensaios de RCS para os solos melhorados com e sem imersão

Amostra	Teor de cimento (%)	RCS média (kPa)	
		Com imersão	Sem imersão
PB-2	1,0	73	475
	4,0	378	713
	7,0	602	887
PB-3	1,0	0	159
	4,0	98	269
	7,0	203	445

Fonte: De autoria própria

Em resumo, para as misturas de solo laterítico tratado com cimento, no intuito de avaliar a incorporação de pequenas quantidades de cimento, indicando a viabilidade econômica de o material testado poder ser utilizado como solo melhorado com cimento, optou-se pela utilização de 2% em relação à massa seca de solo laterítico. Esse percentual é muito utilizado em experiências brasileiras e internacionais com solos lateríticos estabilizados com cimento (Mengue *et al.*, 2017; Rocha & Rezende, 2017; Samb *et al.*, 2018; Biswal *et al.*, 2018a; Biswal *et al.*, 2018b; Biswal *et al.*, 2018c; Caro *et al.*, 2018; Fedrigo *et al.*, 2019; Oliveira & Paiva, 2019; Biswal *et al.*, 2020; Wahab *et al.*, 2021).

COMPACTAÇÃO E CBR

Ensaio de compactação sem reuso e com energia Proctor Intermediária foram realizados para determinar o teor de umidade ideal e o peso unitário seco máximo de cada mistura. Após a pesagem do solo, estabilizante (cal ou cimento) e água, o solo e o estabilizante foram misturados até que a mistura adquirisse uma consistência uniforme para garantir a homogeneidade. A água então foi adicionada, continuando o processo de mistura até que uma pasta homogênea

fosse criada (Figura 161).

Figura 161: Mistura e homogeneização do solo, estabilizante e água



Fonte: De autoria própria

O resultado do ensaio de compactação sem reuso dos solos PE-1, PB-2 e PB-3 melhorados é indicado na Tabela 27.

Tabela 27: Compactação dos solos naturais e melhorados

Amostra	Solo natural		Solo melhorado	
	pd _{máxima} (g/cm ³)	W _{ótima} (%)	pd _{máxima} (g/cm ³)	W _{ótima} (%)
PE-1	1,720	19,6	1,670	21,0
PB-2	1,980	8,8	2,010	11,0
PB-3	1,870	15,7	1,740	19,0

Fonte: De autoria própria

Como era de esperar, a estabilização de solo com cal proporcionou redução na massa específica aparente seca máxima densidade e, além disso, aumento no teor de umidade ótima, o que corrobora com as observações de Pei *et al.* (2015) e Silva (2016). Isso ocorre, como já mencionado anteriormente devido a floculação do solo que ocorre quando a cal é adicionada e, portanto, a quantidade e a dimensão dos vazios aumentam (Silva, 2016).

Com a determinação da $pd_{máxima}$ e da $W_{ótima}$, foram executados os ensaios de CBR na energia Proctor Intermediária. O resultado do CBR e da Expansão do solo PE-1 tratado com 2% cal, bem como a comparação com o valor do CBR do solo natural é apresentado na Tabela 28 e Figura 162.

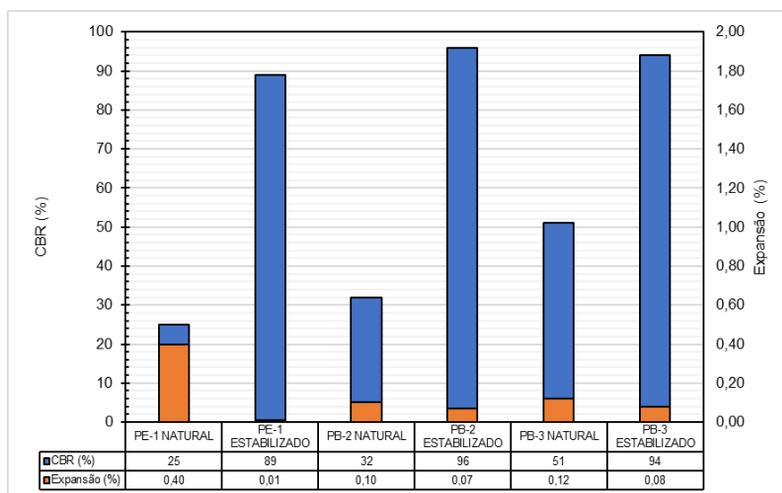
Tabela 28: CBR e Expansão dos solos naturais e melhorados

Amostra	Solo natural		CBR (%)	Expansão (%)
	pd _{máxima} (g/cm ³)	W _{ótima} (%)		
PE-1	1,720	19,6	25	0,40
PB-2	1,980	8,8	32	0,10
PB-3	1,870	15,7	51	0,12

Amostra	Solo melhorado		CBR (%)	Expansão (%)
	pd _{máxima} (g/cm ³)	W _{ótima} (%)		
PE-1	1,670	21,0	89	0,01
PB-2	2,010	11,0	96	0,07
PB-3	1,740	19,0	94	0,08

Fonte: De autoria própria

Figura 162: Comparação entre CBR e Expansão dos materiais naturais e melhorados



Fonte: De autoria própria

Com a incorporação do estabilizante, houve aumento considerável nos valores de CBR, em especial no solo PE-1 com crescimento de aproximadamente 260%, bem como redução na expansão. Isso era esperado, visto que o emprego do aglutinante dá origem a uma matriz que contribui para a resistência da mistura transformando o solo em um material endurecido, durável e com significativa redução de permeabilidade e expansão (Lovato, 2004; Nicholson, 2014; Pei *et al.*, 2015; Silva, 2016; Firoozi *et al.*, 2017).

Mesmo apresentando um importante aumento no CBR, o solo PB-3 foi o que menos apresentou crescimento ($\approx 80\%$). Como supracitado, o fato do solo PB-3 ser altamente fragmentável promove, quando compactado, a quebra das concreções lateríticas e conseqüentemente o aumento de sua heterogeneidade. Assim, a presença de vazios não preenchidos pelo cimento pode ser considerável.

Analisando o CBR de forma individual, com a estabilização, os solos lateríticos PE-1, PB-2 e PB-3, segundo os valores de referência do Manual de Pavimentação (DNIT, 2006), poderiam ser

empregados em camada de base, pois apresentaram características técnicas acima das requeridas do referido manual, com CBR maior que 80% e expansão menor que 0,5%.

RCS E RTCD

Da mesma forma, para cada ensaio foram moldados três corpos de prova em condições semelhantes, sendo aceitos os corpos de prova com 200 ± 2 mm de altura e 100 ± 1 mm de diâmetro. Além das dimensões, a umidade de moldagem deveria estar no intervalo de $\pm 0,5$ ponto percentual em torno da umidade ótima de compactação sem reuso, bem como grau de compactação entre 98% e 102% da densidade obtida no ensaio de compactação sem reuso. As amostras de solo foram compactadas na energia Proctor Intermediária, enquanto o BGTC em Energia Proctor Modificada.

BRITA GRADUADA TRATADA COM CIMENTO (BGTC)

Para a realização de uma análise comparativa, a resposta obtida nas misturas de solo laterítico puro e melhorado foi relacionada com o comportamento mecânico de uma mistura de Brita Graduada Tratada com Cimento (BGTC), convencionalmente empregada em camada de base de pavimentos.

A granulometria dos agregados foi dosada de acordo com especificação técnica ETDE-P00/009 (DER, 2005) – Sub-base ou Base de Brita Graduada com Cimento. Os materiais são compostos 100% de material britado. Para a BGTC, optou-se pela utilização de 2% de cimento em relação à massa da mistura seca.

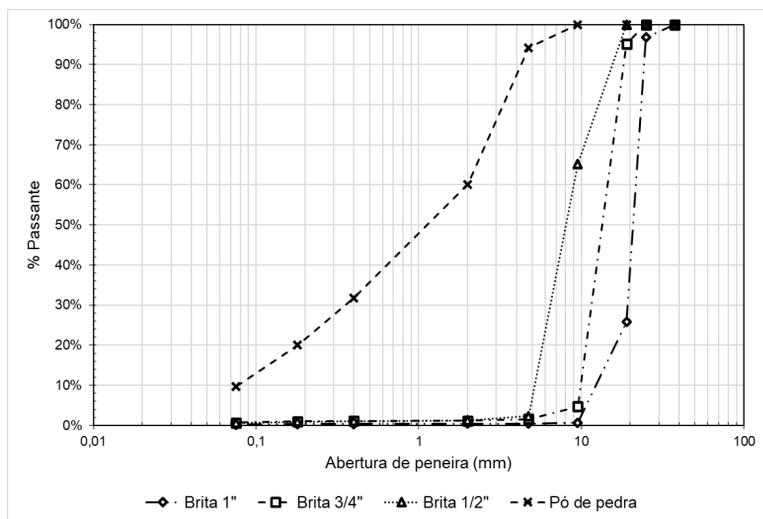
A dosagem e a caracterização das britas utilizadas são apresentadas na Tabela 29. Os agregados foram secos em estufa à $100 \pm 5^\circ\text{C}$ e separados nas diferentes gradações. Posteriormente foram misturados em uma proporção conforme a composição da dosagem. A Figura 163 ilustra a curva de distribuição granulométrica dos materiais. A Figura 164 evidencia o aspecto visual da mistura de BGTC.

Tabela 29: Composição da dosagem da brita graduada

Brita 1" (25,4mm)		
Proporção na mistura	24%	
Densidade real	2,744 g/cm ³	DNIT-ME 195 (1997)
Abrasão "Los Angeles"	26,3%	NBR NM 51 (2001)
Índice de forma	0,86	DNIT-ME 086 (1994)
Brita ¾" (19,05mm)		
Proporção na mistura	11%	
Densidade real	2,734 g/cm ³	DNIT-ME 195 (1997)
Abrasão "Los Angeles"	26,3%	NBR NM 51 (2001)
Índice de forma	0,86	DNIT-ME 086 (1994)
Brita ½" (12,7mm)		
Proporção na mistura	24%	
Densidade real	2,729 g/cm ³	DNIT-ME 195 (1997)
Abrasão "Los Angeles"	26,3%	NBR NM 51 (2001)
Índice de forma	0,86	DNIT-ME 086 (1994)
Pó de pedra		
Proporção na mistura	41%	
Densidade real	2,711 g/cm ³	DNIT-ME 084 (1995)
Equivalente de areia	75,3%	DNIT-ME 054 (1997)

Fonte: De autoria própria

Figura 163: Curvas de distribuição granulométrica dos materiais da BGTC



Fonte: De autoria própria

Figura 164: Aspecto visual da mistura de BGTC



Fonte: De autoria própria

Os resultados dos ensaios de resistência à compressão simples

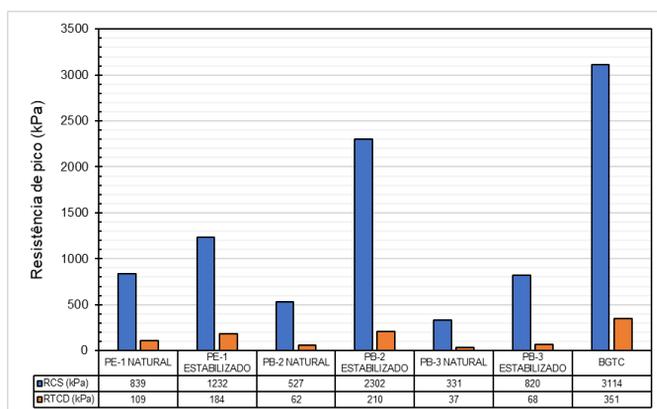
(RCS) e à tração por compressão diametral (RTCD) para os solos PE-1, PB-2 e PB-3 naturais e melhorados, bem como da BGTC, com são expostos na Tabela 30 e Figura 165.

Tabela 30: RCS e RTCD dos materiais naturais e melhorados

Solo natural				
Amostra	$\rho d_{\text{máxima}}$ (g/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)	RCS média (kPa)	RTCD média (kPa)
PE-1	1,720	19,6	839	109
PB-2	1,980	8,8	527	62
PB-3	1,870	15,7	331	37
Material melhorados				
Amostra	$\rho d_{\text{máxima}}$ (g/cm ³)	$W_{\text{ótima}}$ (%)	RCS média (kPa)	RTCD média (kPa)
PE-1	1,670	21,0	1232	184
PB-2	2,010	11,0	2302	210
PB-3	1,740	19,0	820	68
BGTC	2,198	6,5	3114	351

Fonte: De autoria própria

Figura 165: Comparação entre RCS e RTCD dos materiais naturais e melhorados



Fonte: De autoria própria

Com os resultados, para o solo PE-1, observa-se, com a incorporação da cal, um aumento de aproximadamente 50% na resistência à compressão simples e quase 70% na resistência à tração por compressão diametral. Vale salientar que a grande maioria dos corpos de prova apresentou uma ruptura frágil à compressão simples, característica de materiais melhorados ou estabilizados.

Para o solo PB-2, com a introdução do cimento, notou-se um aumento em torno de 350% na resistência à compressão simples e mais ou menos 250% na resistência à tração por compressão diametral.

Por fim, para o solo PB-3, com a inserção do cimento, verificou-se um aumento de quase 150% na resistência à compressão simples e de cerca de 90% na resistência à tração por compressão diametral.

A RCS e RTCD do solo PE-1, que obteve melhor desempenho entre os solos naturais, representa quase de 27% da RCS e 31% da RTCD da BGTC. Já as resistências do solo PB-2 com incorporação do cimento, que obteve melhor comportamento entre os melhorados com ligantes hidráulicos, representa quase de 75% da RCS e 60% da RTCD da BGTC.

Fica nítido que o desempenho dos solos tratados com cimento é melhor do que o dos solos tratados com cal e não tratados, corroborando com Mohammad & Saadeh (2008); Portelinha *et al.*, 2012 e Todingrara *et al.* (2017), onde verificaram que o uso de baixos teores de cimento mostrou-se mais eficaz do que a cal para melhorar a resistência do solo laterítico. No entanto, vale salientar que trincas de retração nos solos estabilizados com cimento é uma grande preocupação quando usados como material de pavimento, principalmente quando empregados em solos lateríticos finos.

Silva (2016), verificou que, no período de 0 a 7 dias de cura, a mistura de solo laterítico argiloso com 4% de cal apresentou taxa de acréscimo de resistência à compressão em torno de 15% e, ademais, crescimento de 33% na resistência à tração. Azevedo (2010), por sua vez, ao analisar solos de comportamento laterítico, analisou um aumento na RCS com o acréscimo de 2% na mistura. Segundo o autor, a RCS evoluiu de aproximadamente 200 kPa para perto de 350 kPa durante o período de 7 dias de cura.

Segundo Okeke *et al.* (2020), o processo envolve a adição de cal

a solos lateríticos na presença de umidade. Isso desencadeia uma reação pozolânica que resulta na troca de cátions, floculação, aglomeração e formação de novos compostos cimentícios, como hidratos de silicato de cálcio (CSH) e hidratos de aluminato de cálcio (CAH). Quando a cal é adicionada e misturada ao solo, dá-se início a uma sequência de reações químicas, que resultam em alterações imediatas. Outras reações são processadas mais lentamente, o que atribui à estabilização de solos com cal uma parcela de ganho de resistência imediato e outra ao longo do tempo. De forma geral, nas misturas solo-cal ganhos de resistência podem continuar ocorrendo durante um período prolongado, desde que as condições de cura sejam adequadas (Silva, 2016).

Contudo, mesmo com apenas 7 dias de cura em câmara úmida e 2% de cal em relação ao solo seco, verificou-se uma boa estabilização do solo PE-1 estudado, o que comprova a aptidão da metodologia de dosagem utilizada.

O solo PB-2, como supracitado, foi o que apresentou melhor desempenho com a estabilização. O solo em questão é classificado como solo laterítico arenoso (SLA), com 78,17% de fração areia. Além disso, o solo PB-2 apresentou coeficiente de friabilidade (FS) de 39,38%, evidenciando grãos consideravelmente estáveis. Vale destacar que o desempenho do solo PB-2 melhorado com cimento ficou relativamente próximo do comportamento da BGTC, mesmo este sendo compactado na energia Proctor Modificada.

Segundo Joel & Agbede (2011), a adição de areia a solos naturais lateríticos melhora suas propriedades de engenharia, podendo contribuir com a granulometria e as características de compactação. Consoli *et al.* (2021) indicam que para uma mesma energia de compactação é possível obter uma densidade maior quando se emprega um percentual de areia. Isso se deve a uma melhor distribuição granulométrica e consequentemente um melhor empacotamento das partículas.

Para o solo PB-3, o processo de estabilização melhorou o comportamento, contudo não apresentou resultados tão significativos. Como comparação, a resistência à compressão simples do solo PB-3 melhorado com cimento foi menor do que a do solo PE-1 natural. Da mesma forma que foi discutido anteriormente, a compactação, considerando

que o solo PB-3 é altamente fragmentável (FR de 13,75%), promove a quebra das concreções e, assim, aumento da heterogeneidade macroestrutural. Com isso, a presença de vazios não preenchidos pelo cimento pode ser considerável. Fica explícito, assim, que as propriedades mecânicas das lateritas compactadas mostram dependência de sua curva granulométrica final após compactados.

Segundo Millogo *et al.* (2008), as adições de cimento aos solos pedregulhosos lateríticos levam à formação de uma microestrutura homogênea e melhoraram a resistência mecânica. Esses impactos positivos estão relacionados principalmente da hidratação do cimento. Assim, solos pedregulhosos lateríticos melhorados com cimento são convenientes para a fabricação de camadas de base de pavimentos. Por considerações econômicas, uma quantidade de 2% em peso é suficiente para este tipo de construção. Acima de 2% ou 3% de cimento, o pedregulho laterítico aumentará o risco de trincas de retração (Qian *et al.*, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incorporação do cimento ou da cal promoveu aumento nos parâmetros mecânicos estáticos, com repercussão nítida na resistência à compressão simples e na resistência à tração por compressão diâmetro. É observado também que o desempenho dos solos tratados com cimento foi melhor do que o dos solos tratados com cal.

Um destaque é dado ao solo PB-3, cuja fração granulométrica pedregulhosa corresponde a aproximadamente 75% e, além do mais, apresenta considerável fragmentabilidade. Diante disso, dentre os solos analisados, o processo de estabilização melhorou o comportamento do solo PB-3 de forma mais tênue (menos efetiva). Isso indica que a incorporação do cimento não conseguiu preencher os vazios e o período de sete dias de cura foi insuficiente para que todas as reações entre o solo e o cimento fossem realizadas.

A depender da fragmentabilidade do solo, os resultados indicaram que as propriedades mecânicas das lateritas compactadas tendem a resultar da sua curva granulométrica após a compactação, visto que o processo pode promover a quebra das concreções e, conseqüentemente, aumento da heterogeneidade macroestrutural.

CAPÍTULO 7 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS: COMPORTAMENTO À CARGA CÍCLICA

OS ENSAIOS TRIAXIAIS DE CARGA REPETIDA CONSTITUEM A MELHOR configuração experimental para caracterização mecânica de solos e agregados com vistas à aplicação em pavimentação.

Para os solos PE-1, PB-2 e PB-3, bem como para a BGTC, foram executados ensaios de compactação sem reuso, para determinação da umidade ótima e do peso específico aparente seco máximo. Ademais, foram realizados ensaios de módulo de resiliência e de deformação permanente. Vale salientar que os ensaios foram realizados para os solos em sua situação natural e também quando melhorados com ligantes hidráulicos.

É sempre importante destacar que para cada ensaio foram moldados três corpos de prova em condições semelhantes, sendo aceitos os corpos de prova com 200 ± 2 mm de altura e 100 ± 1 mm de diâmetro. Além das dimensões, a umidade de moldagem deveria estar no intervalo de $\pm 0,5$ ponto percentual em torno da umidade ótima de compactação sem reuso, bem como grau de compactação entre 98% e 102% da densidade obtida no ensaio de compactação sem reuso.

MÓDULO DE RESILIÊNCIA DOS SOLOS NATURIAS

Foram executados os ensaios de módulo de resiliência (MR) para os 20 (vinte) tipos de solo anteriormente citados. A Tabela 31 resume os valores dos módulos de resiliência mínimo, máximo e médio dos

solos estudados. São indicados também os parâmetros de regressão “k” e os coeficientes de determinação (R^2) dos modelos σ_3 (tensão confinante), σ_d (tensão desvio) e composto (tensão confinante e tensão desvio). Os parâmetros de regressão foram obtidos através de regressão múltipla não linear no programa “STATISTICA (sistema de *software* de análise de dados), versão 10”.

Examinando a Tabela 31, percebe-se que não houve um padrão de valores de módulo resiliente que diferenciasse os solos lateríticos finos, arenosos e pedregulhosos. Além do mais, não foi constatada uma relação nítida entre o grau de intemperismo e os valores MR. Todos os três grupos exibiram bons valores de módulo de resiliência, equivalentes, inclusive, à materiais tradicionais empregados na pavimentação.

O solo laterítico fino GO-1 foi o que apresentou menor valor de módulo resiliente médio, obtendo 330 MPa. Mesmo assim, esse valor consegue ser superior a materiais como a brita graduada simples (BGS) e o macadame seco, conforme Araújo (2022). A amostra BSB-2, também do grupo dos solos lateríticos finos, foi a que teve maior módulo de resiliência médio, com $MR_{\text{médio}}$ igual a 1237 MPa. Esse valor de módulo, segundo Araújo (2022), supera o de solos melhorados com cimento, material utilizado em bases e sub-bases, que em média possuem um módulo resiliente de 900 MPa. Ótimos valores também foram encontrados para os solos lateríticos arenosos e pedregulhosos. No grupo dos solos lateríticos arenosos, o menor módulo médio foi da amostra GO-3, com $MR_{\text{médio}}$ de 336 MPa, já o maior, foi da amostra BSB-1, com 1110 MPa. Para os solos lateríticos pedregulhosos, o maior valor foi do solo PB-3, com $MR_{\text{médio}}$ de 761 MPa, e o menor, do solo GO-6, com módulo médio de 344 MPa.

Quando relacionados a cada uma das variáveis de tensão, os dados experimentais apresentam dispersão significativa, indicando que nenhuma dessas variáveis de tensão pode, por si só, descrever completamente o comportamento. Já para o modelo composto, foram obtidos melhores ajustes, onde todos os coeficientes de determinação (R^2) foram iguais ou superiores a 0,80. As exceções são os solos GO-2, BSB-3, PB-1 e PI-5, nos quais apresentaram R^2 abaixo de 0,80. Coincidentemente, o solo GO-2 apresenta baixo valor de VA entre

os solos finos, o solo BSB-3 alto valor de VA entre os arenosos, o solo PB-1 o maior valor de LR e o solo PI-5 o maior valor FS (maior que 60%). Diante disso, especificamente com relação ao solo PI-5, a sua alta friabilidade pode ter facilitado a formação de elementos finos, o que parece ter influenciado o comportamento do material ao longo do ensaio.

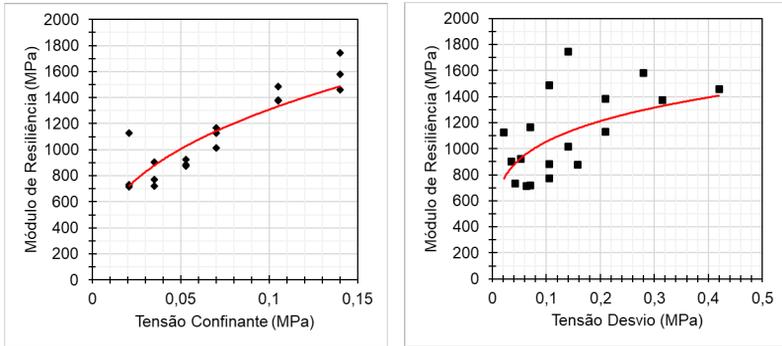
Em suma, nota-se que existe uma variação do módulo de resiliência com o estado de tensões. Entretanto, os resultados obtidos sugerem que não há correspondência direta entre a qualidade de ajuste dos modelos σ_3 e σ_d (aqui representada pelo valor do parâmetro R^2) e a predominância granulométrica das amostras. É importante observar que o coeficiente k_3 , que é expoente da tensão desvio no modelo composto, para todos os solos, foi negativo. Isso indica que σ_d crescente causa diminuição do módulo de resiliência.

Por fim, nota-se que para os solos arenosos e pedregulhosos, o valor do coeficiente de regressão k_2 , expoente da tensão confinante, foi sempre positivo e superior ao coeficiente k_3 . Isso indica que σ_3 crescente causa aumento do módulo de resiliência. Além do mais, como a tensão de desvio é responsável pela deformação angular dos materiais, e a tensão de confinamento é responsável pela deformação volumétrica, à medida que a deformação volumétrica aumenta no solo granular, o atrito entre as partículas também aumenta, o que explica o aumento do módulo resiliente com a tensão de confinamento, bem como indica a maior relação entre k_2 e o MR.

Nas Figuras 166–205 são apresentados o comportamento e os gráficos dos modelos σ_3 e σ_d , bem como as superfícies de ajuste usando o modelo composto de cada solo.

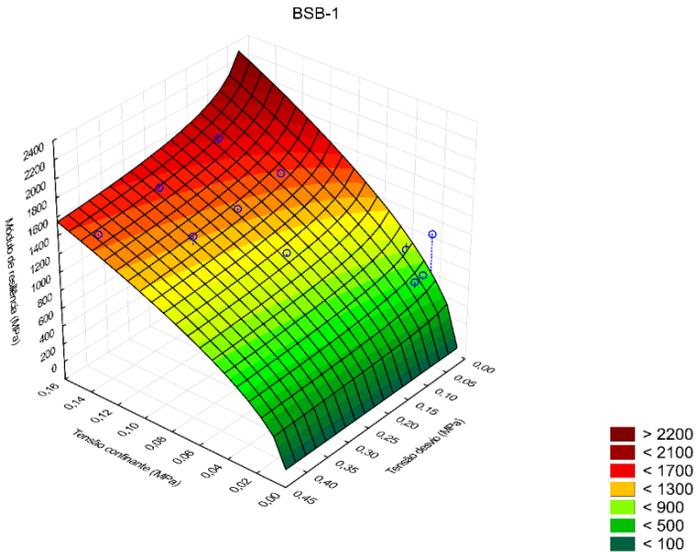
Com os dados, os valores de MR obtidos podem ser considerados elevados, pois todas as amostras correspondem a solos compactados com energia Proctor Intermediária. Guimarães (2009), Zago (2016); Norback (2018); Osten (2018); Gomes *et al.* (2018), Pascoal (2020) e Serra *et al.* (2020) verificam que solos lateríticos sem estabilização apresentam módulo de resiliência na faixa de 100 a 500 MPa.

Figura 166: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-1



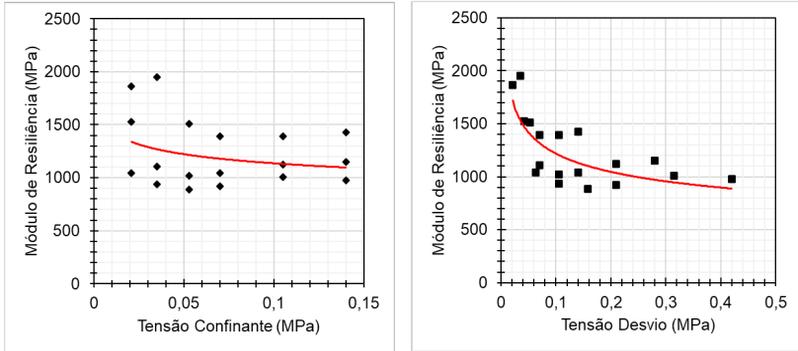
Fonte: De autoria própria

Figura 167: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-1



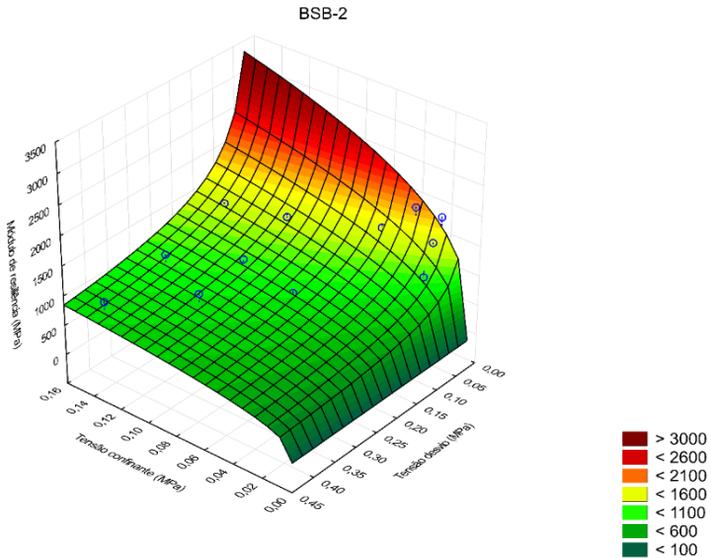
Fonte: De autoria própria

Figura 168: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-2



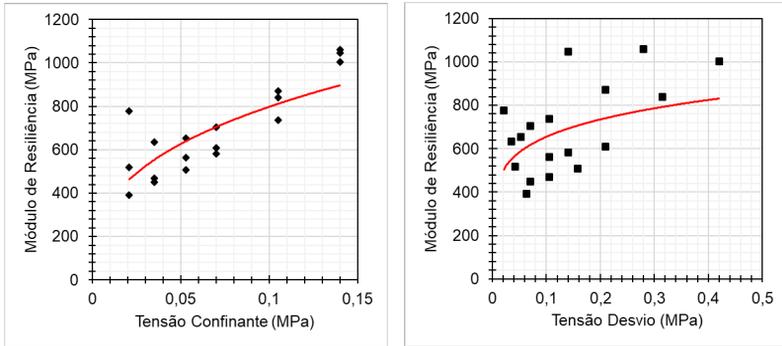
Fonte: De autoria própria

Figura 169: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-2



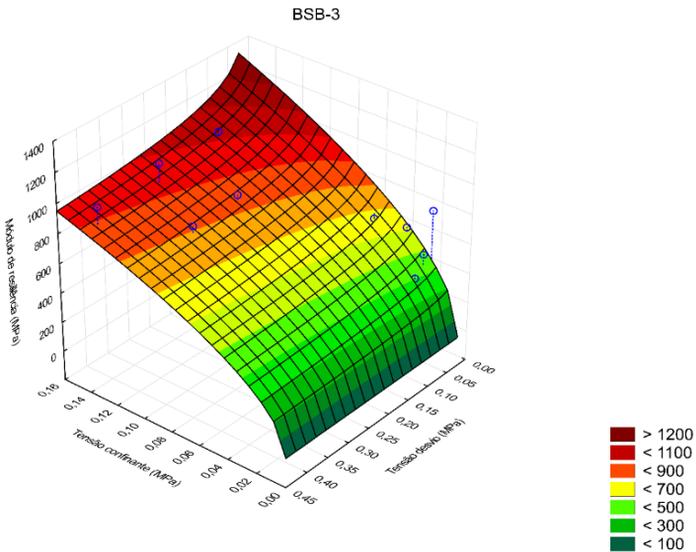
Fonte: De autoria própria

Figura 170: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-3



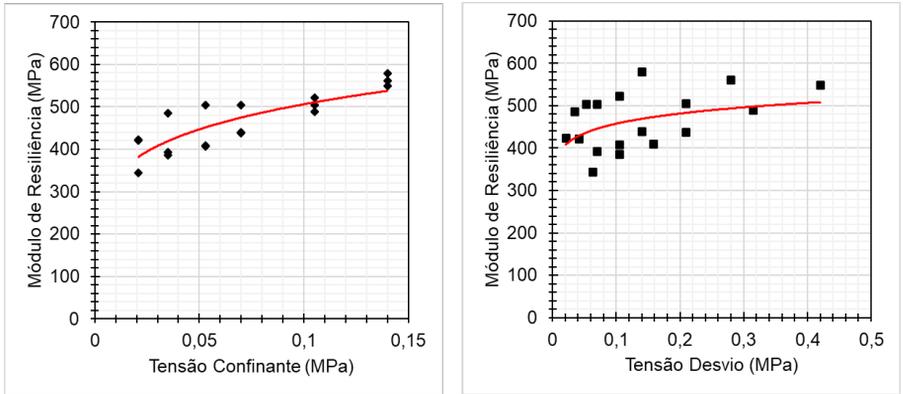
Fonte: De autoria própria

Figura 171: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-3



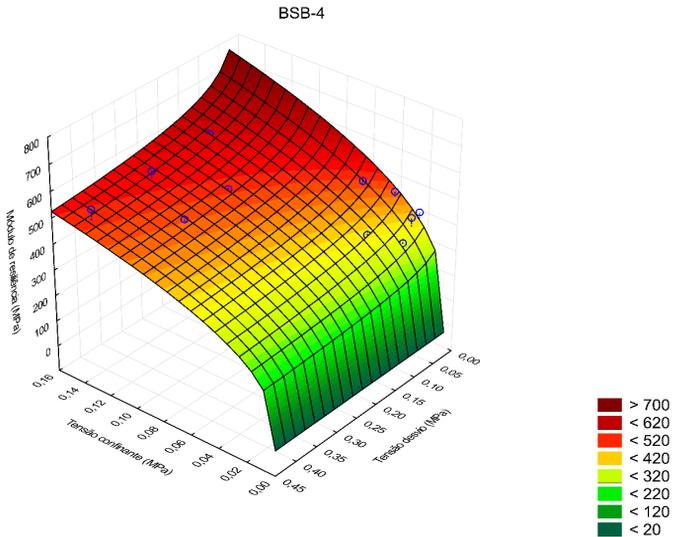
Fonte: De autoria própria

Figura 172: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo BSB-4



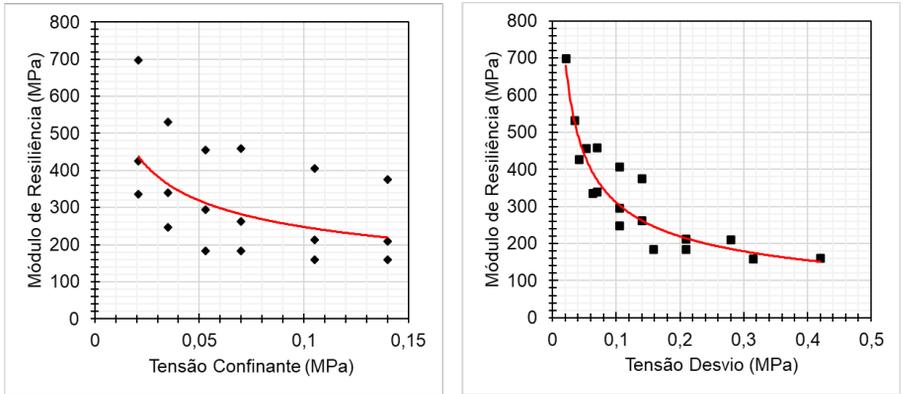
Fonte: De autoria própria

Figura 173: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo BSB-4



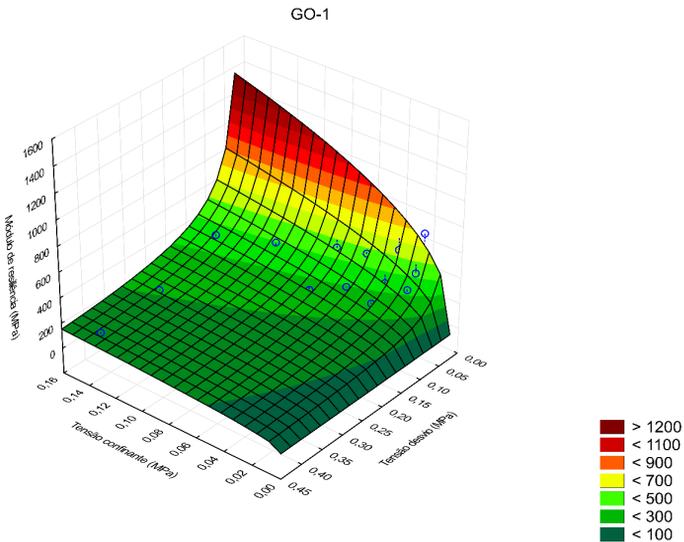
Fonte: De autoria própria

Figura 174: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-1



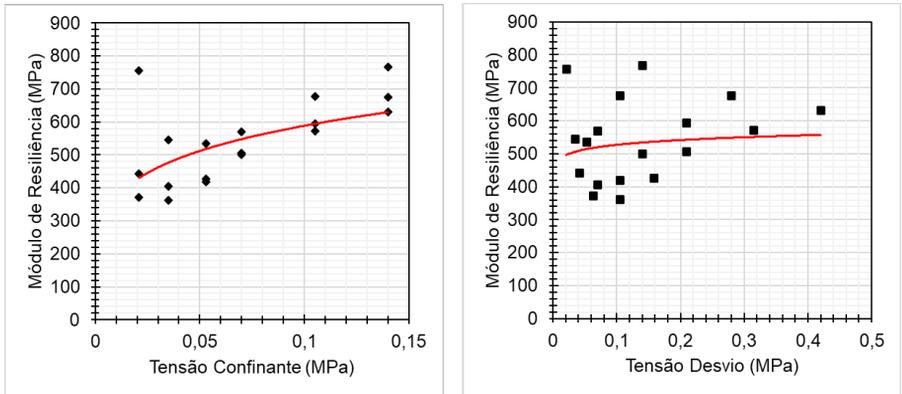
Fonte: De autoria própria

Figura 175: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-1



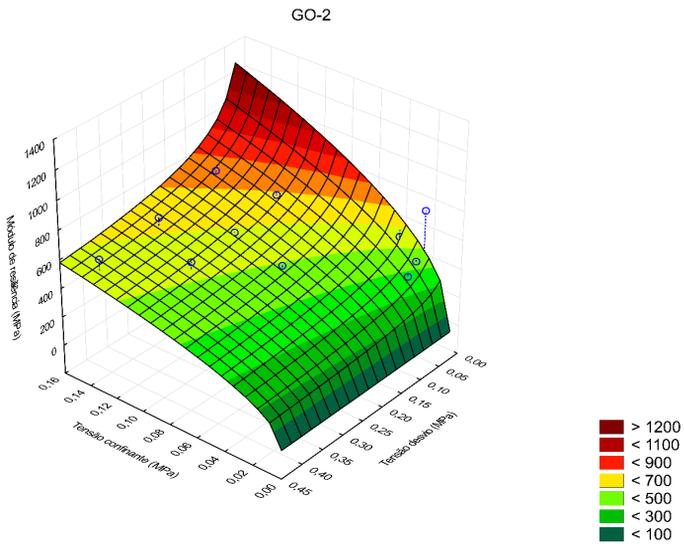
Fonte: De autoria própria

Figura 176: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-2



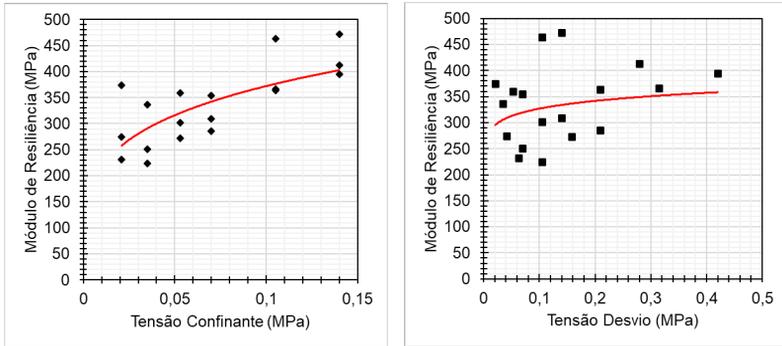
Fonte: De autoria própria

Figura 177: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-2



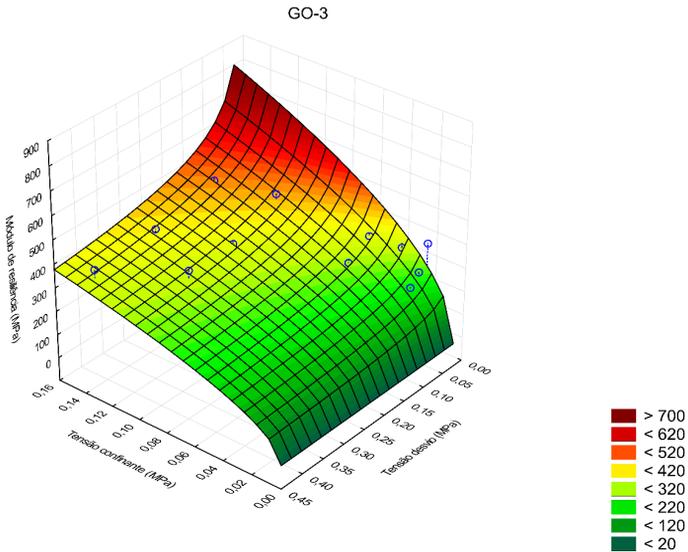
Fonte: De autoria própria

Figura 178: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-3



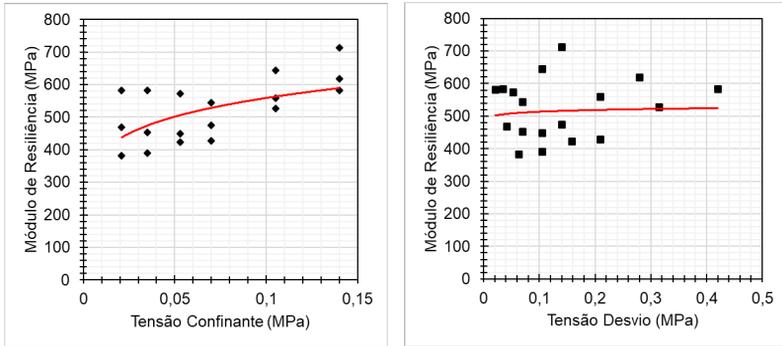
Fonte: De autoria própria

Figura 179: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-3



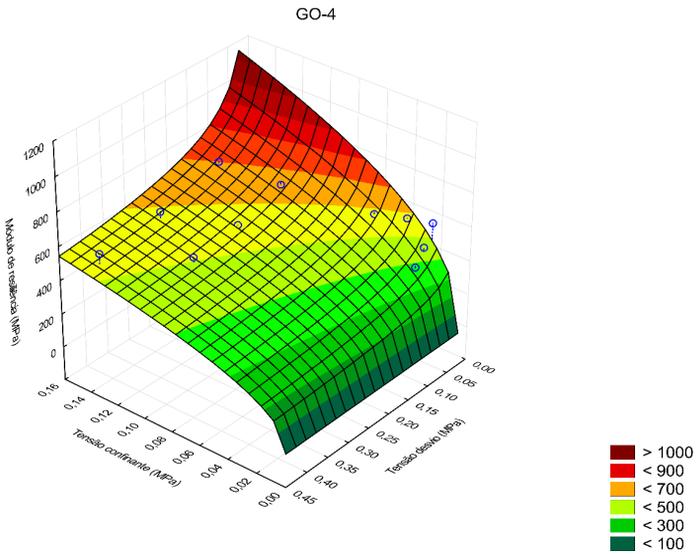
Fonte: De autoria própria

Figura 180: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-4



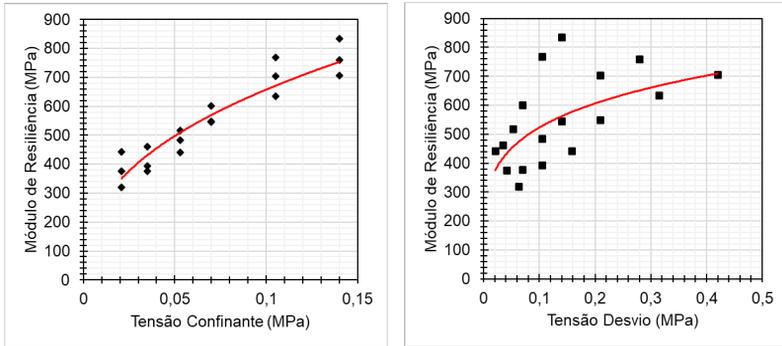
Fonte: De autoria própria

Figura 181: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-4



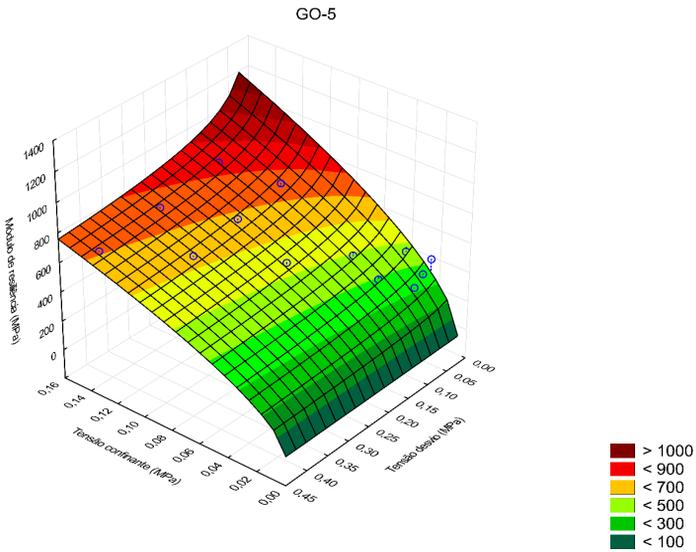
Fonte: De autoria própria

Figura 182: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-5



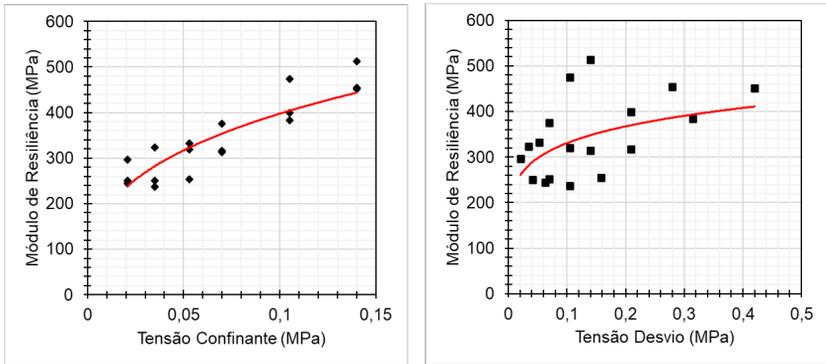
Fonte: De autoria própria

Figura 183: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-5



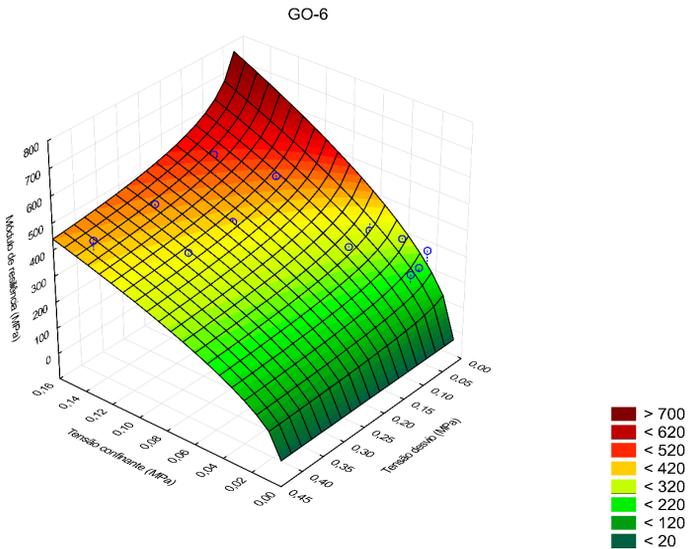
Fonte: De autoria própria

Figura 184: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo GO-6



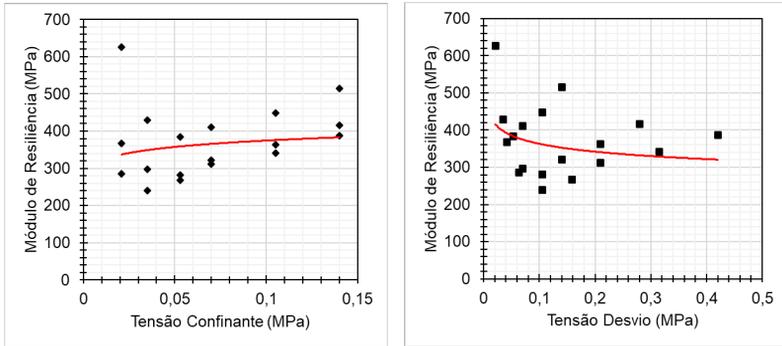
Fonte: De autoria própria

Figura 185: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo GO-6



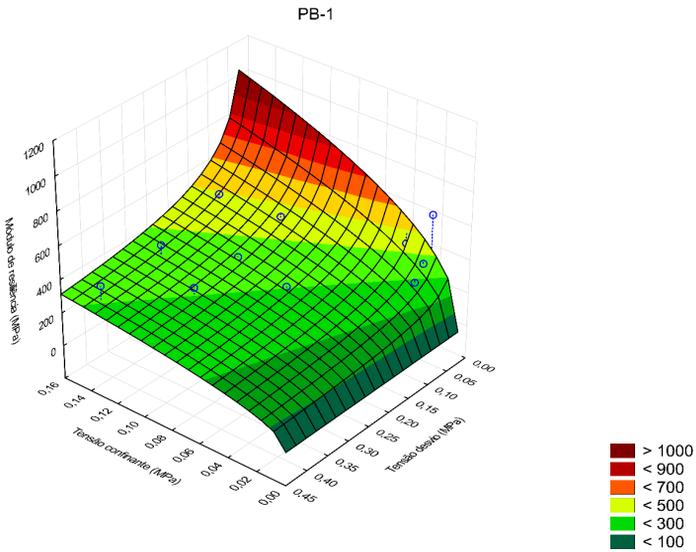
Fonte: De autoria própria

Figura 186: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-1



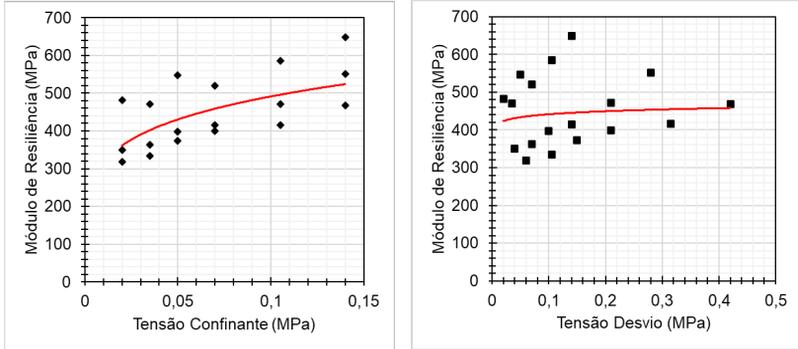
Fonte: De autoria própria

Figura 187: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-1



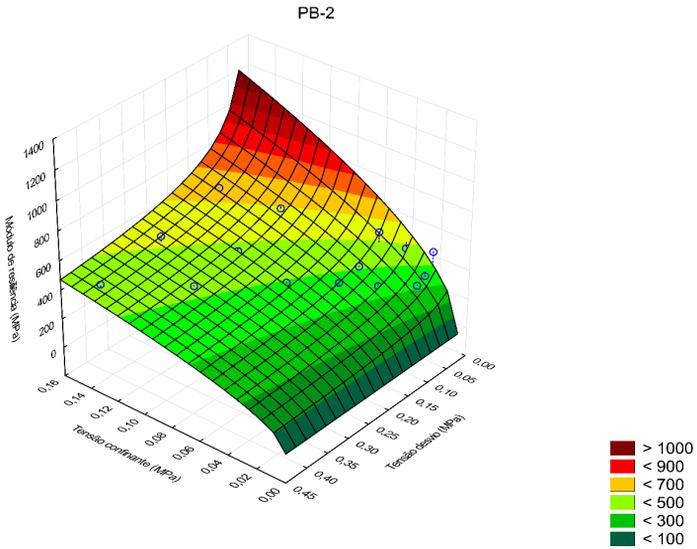
Fonte: De autoria própria

Figura 188: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2



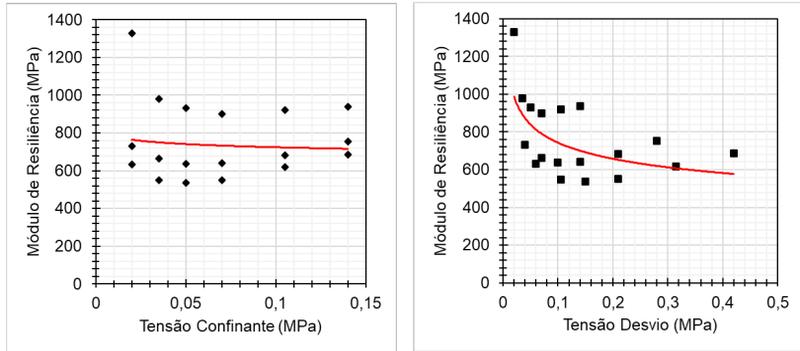
Fonte: De autoria própria

Figura 189: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2



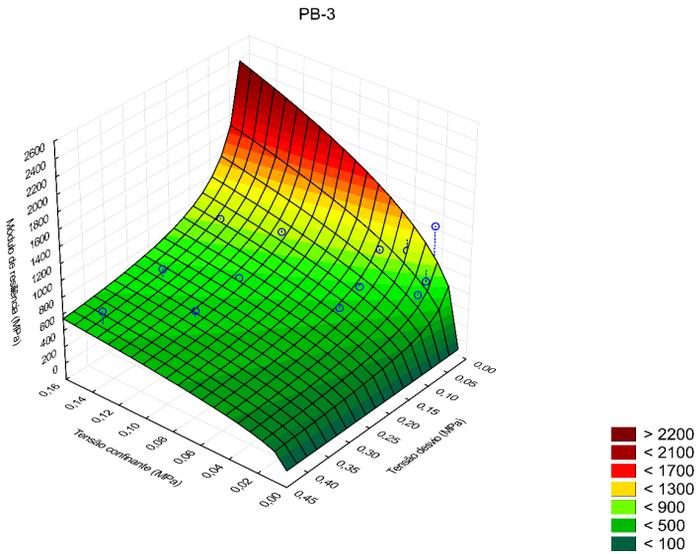
Fonte: De autoria própria

Figura 190: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3



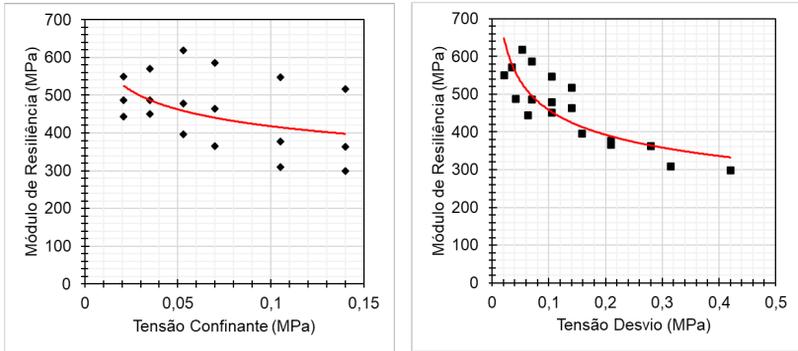
Fonte: De autoria própria

Figura 191: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3



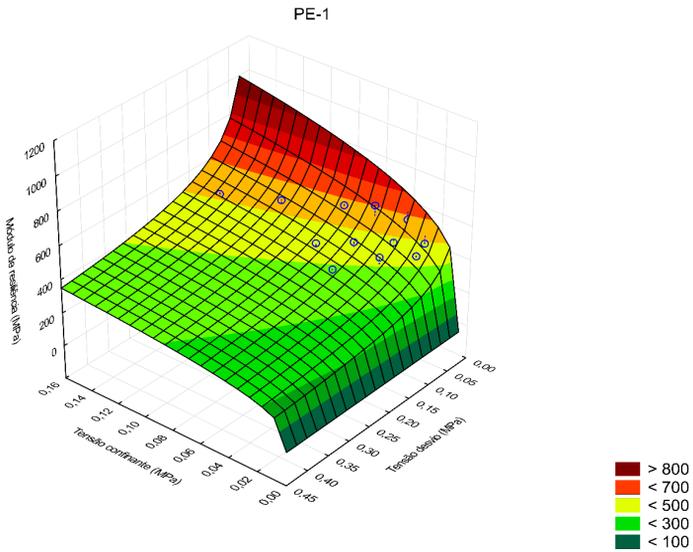
Fonte: De autoria própria

Figura 192: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1



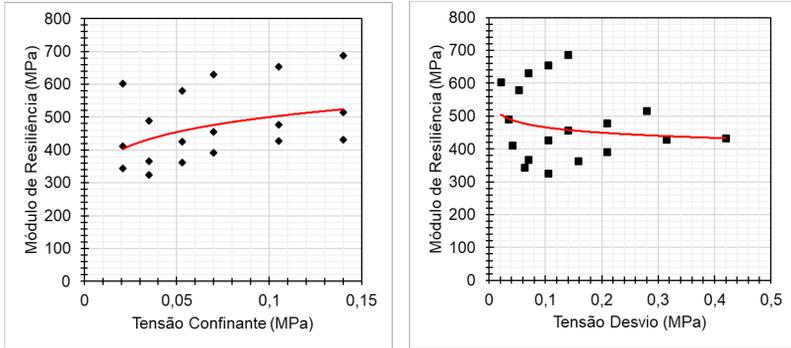
Fonte: De autoria própria

Figura 193: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1



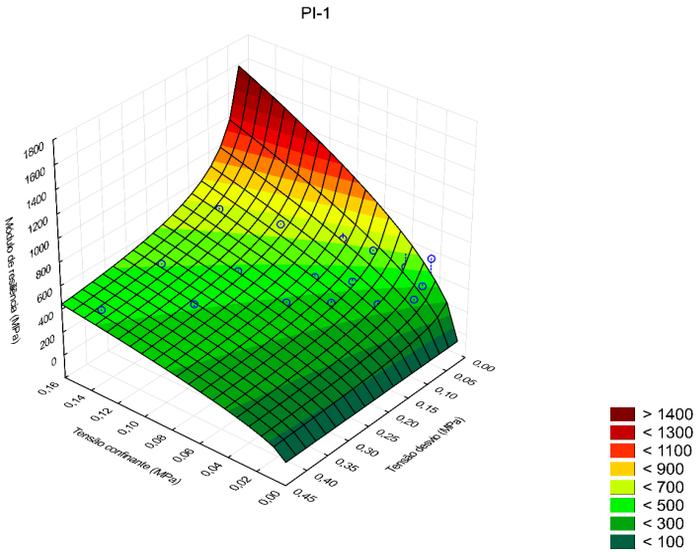
Fonte: De autoria própria

Figura 194: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-1



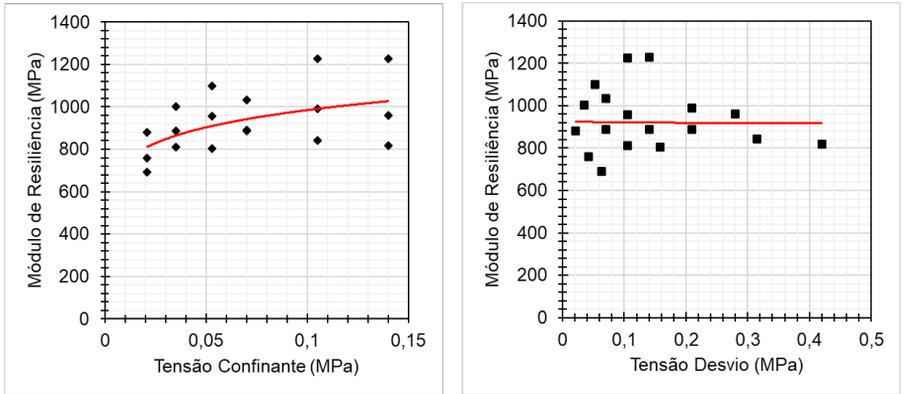
Fonte: De autoria própria

Figura 195: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-1



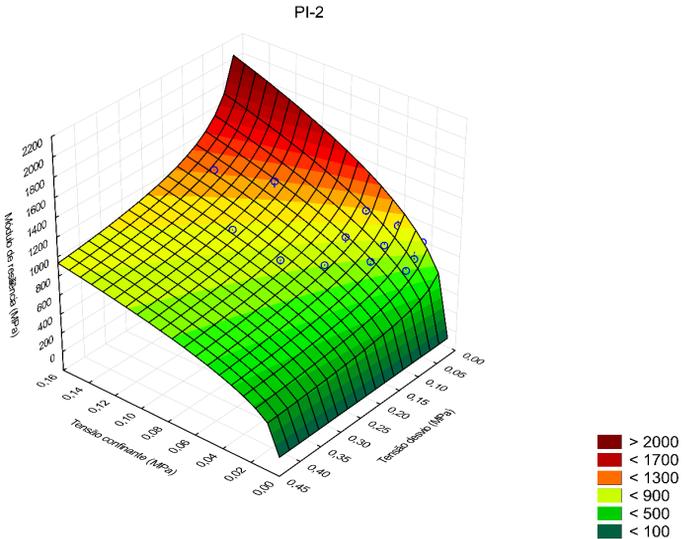
Fonte: De autoria própria

Figura 196: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-2



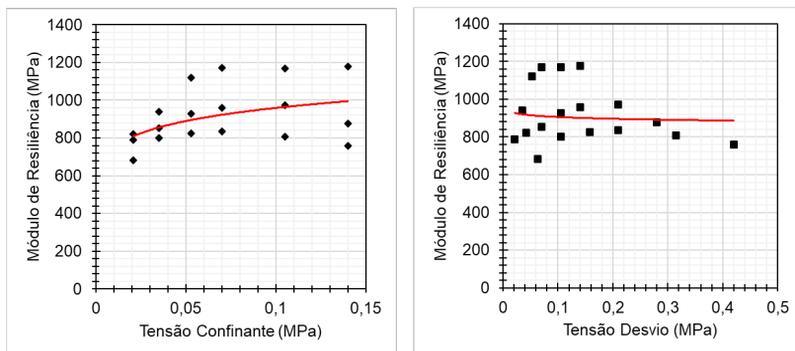
Fonte: De autoria própria

Figura 197: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-2



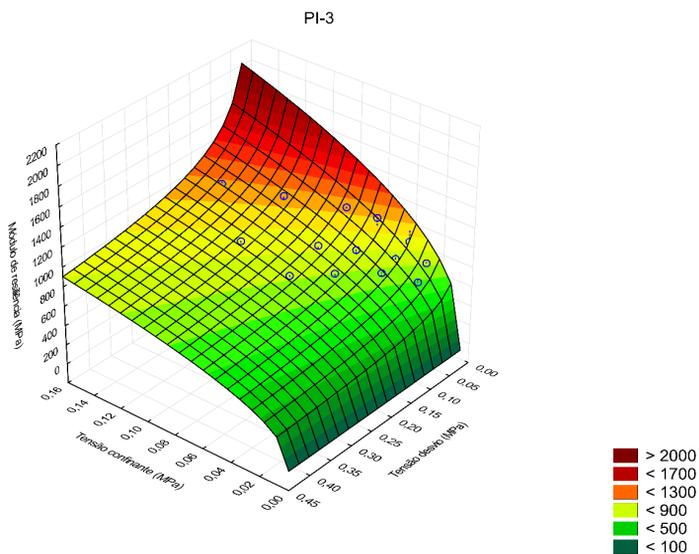
Fonte: De autoria própria

Figura 198: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-3



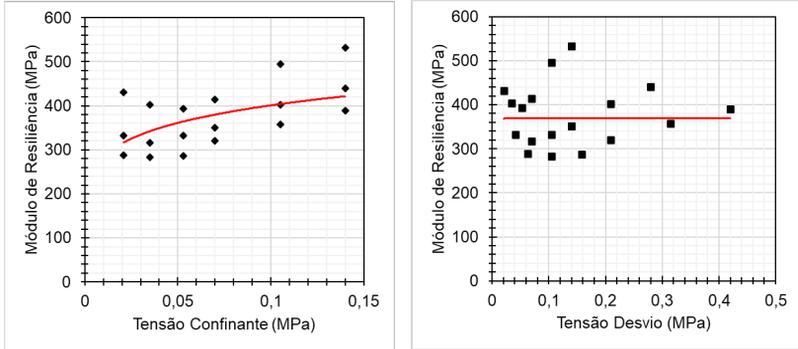
Fonte: De autoria própria

Figura 199: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-3



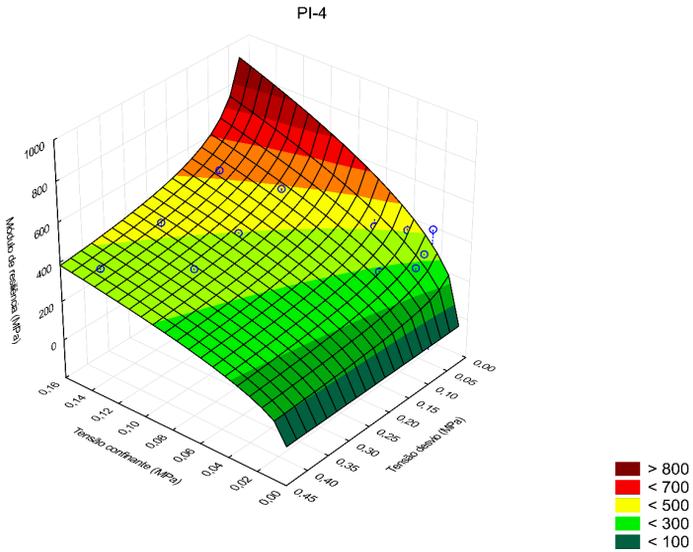
Fonte: De autoria própria

Figura 200: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-4



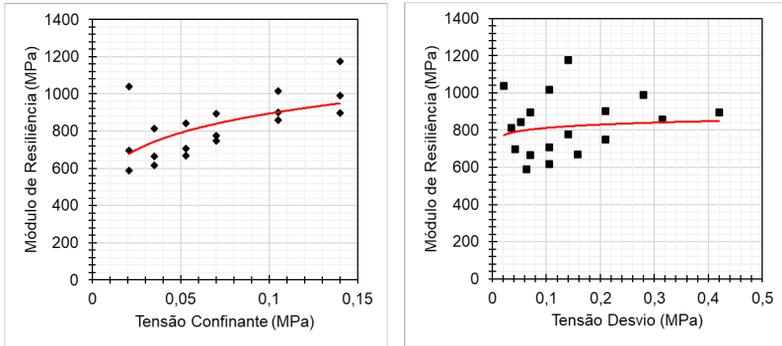
Fonte: De autoria própria

Figura 201: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-4



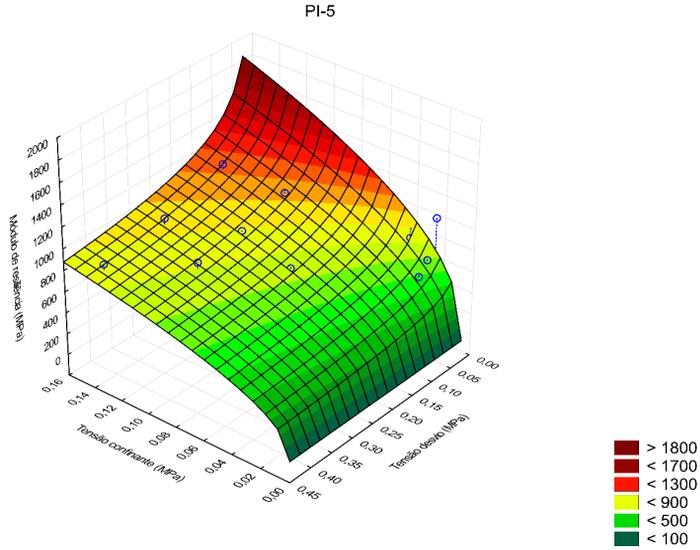
Fonte: De autoria própria

Figura 202: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-5



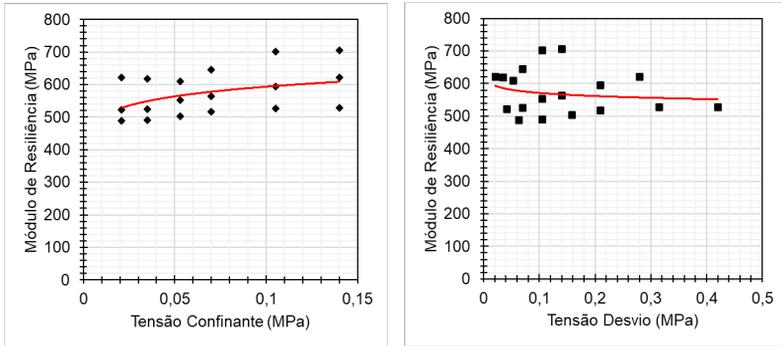
Fonte: De autoria própria

Figura 203: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-5



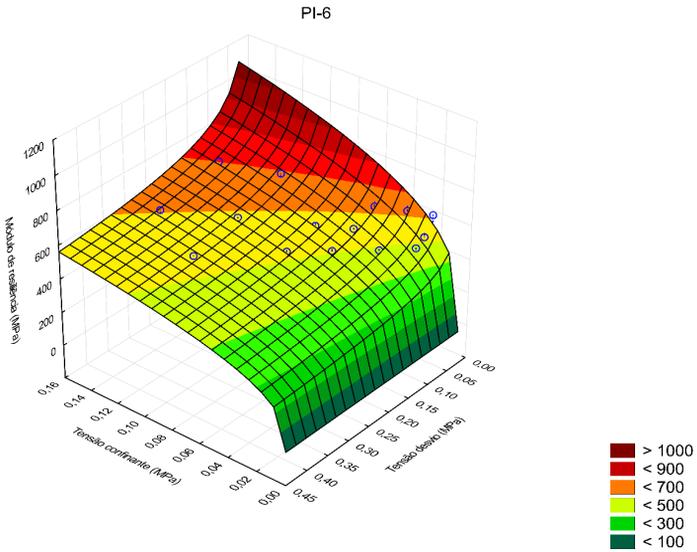
Fonte: De autoria própria

Figura 204: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PI-6



Fonte: De autoria própria

Figura 205: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PI-6



Fonte: De autoria própria

Tabela 31: Modelos e respectivos valores dos coeficientes de regressão para as amostras

Grupo	Amostra	MR _{mínimo} (MPa)	MR _{médio} (MPa)	MR _{máximo} (MPa)	MR = k ₁ · σ ₃ ^{k₂}			MR = k ₁ · σ _d ^{k₂}			MR = k ₁ · σ ₃ ^{k₂} · σ _d ^{k₃}			
					k ₁	k ₂	R ²	k ₁	k ₂	R ²	k ₁	k ₂	k ₃	R ²
SLF	BSB-2	886	1237	1950	891,06	-0,11	0,08	733,52	-0,22	0,54	1045,02	0,32	-0,46	0,85
	BSB-4	344	464	579	765,14	0,18	0,66	541,78	0,07	0,17	835,91	0,31	-0,13	0,86
	GO-1	159	330	697	106,99	-0,37	0,31	97,79	-0,50	0,87	169,75	0,38	-0,74	0,98
	GO-2	361	542	767	934,06	0,20	0,32	576,18	0,04	0,01	1083,33	0,46	-0,26	0,60
	PE-1	299	462	618	298,44	-0,15	0,16	274,24	-0,22	0,63	412,95	0,25	-0,36	0,85
	PI-1	324	476	687	687,00	0,14	0,15	413,51	-0,05	0,04	889,02	0,57	-0,43	0,92
	PI-2	692	932	1228	1311,11	0,12	0,26	915,04	-0,003	0,0006	1550,85	0,39	-0,26	0,89
	PI-3	682	916	1177	1232,20	0,11	0,18	874,72	-0,02	0,01	1477,72	0,39	-0,27	0,80
SLA	BSB-1	715	1110	1745	3138,13	0,38	0,74	1676,04	0,20	0,31	3872,04	0,56	-0,13	0,85
	BSB-3	391	690	1060	1782,08	0,35	0,60	960,08	0,17	0,20	2221,50	0,51	-0,11	0,71
	GO-3	224	336	472	638,37	0,23	0,52	378,77	0,06	0,06	766,11	0,50	-0,26	0,84
	PB-1	239	372	626	437,72	0,07	0,01	297,33	-0,09	0,13	493,31	0,43	-0,41	0,57
	PB-2	319	451	649	762,99	0,19	0,40	468,46	0,03	0,01	933,23	0,51	-0,32	0,94
	PI-4	283	376	532	566,48	0,15	0,30	370,26	0,001	0,00003	699,01	0,46	-0,30	0,86
	PI-5	589	827	1177	1345,20	0,18	0,37	872,35	0,03	0,01	1579,72	0,43	-0,25	0,74
SLP	PI-6	488	574	706	703,92	0,07	0,18	540,19	-0,02	0,03	812,97	0,30	-0,22	0,95
	GO-4	383	522	713	801,10	0,16	0,35	531,30	0,02	0,01	947,12	0,42	-0,25	0,81
	GO-5	319	550	834	1662,20	0,40	0,89	853,68	0,21	0,37	1923,02	0,58	-0,15	0,97
	GO-6	237	344	513	842,34	0,33	0,79	468,43	0,15	0,26	1028,77	0,54	-0,19	0,92
	PB-3	536	760	1329	670,76	-0,03	0,01	495,35	-0,18	0,35	771,13	0,41	-0,50	0,81

Fonte: De autoria própria

COMPORTAMENTO RESILIENTE E UTILIZAÇÃO DO SOLO CONFORME MCSL

Além do quesito relacionado ao valor de expansão, o campo de utilização de cada subclasse é determinado, também, por meio da análise do módulo de resiliência. O resumo da classificação MCSL e do comportamento resiliente dos 20 solos é apresentado na Tabela 32 abaixo.

Tabela 32: Resumo da classificação MCSL e o comportamento resiliente

Grupo	Amostra	Classificação final	MR _{mínimo} (MPa)	MR _{médio} (MPa)	MR _{máximo} (MPa)
SLF	BSB-2	SLF ₁₂	886	1237	1950
	BSB-4	SLF ₁₂	344	464	579
	GO-1	SLF ₁₃	159	330	697
	GO-2	SLF ₁₂	361	542	767
	PE-1	SLF ₁₂	299	462	618
	PI-1	SLF ₁₂	324	476	687
	PI-2	SLF ₁₄	692	932	1228
	PI-3	SLF ₁₄	682	916	1177
SLA	BSB-1	SLA ₆	715	1110	1745
	BSB-3	SLA ₇	391	690	1060
	GO-3	SLA ₆	224	336	472
	PB-1	SLA ₆	239	372	626
	PB-2	SLA ₈	319	451	649
	PI-4	SLA ₆	283	376	532
	PI-5	SLA ₁₀	589	827	1177
PI-6	SLA ₈	488	574	706	
SLP	GO-4	SLP ₂	383	522	713
	GO-5	SLP ₂	319	550	834
	GO-6	SLP ₁	237	344	513
	PB-3	SLP ₃	536	760	1329

Fonte: De autoria própria

Com os valores expostos, fica claro a análise unicamente do CBR

pode subestimar o comportamento dos solos. Um exemplo claro são os solos finos BSB-2, PI-2 e PI-3 que apresentaram baixos valores de CBR e ótimos dados de MR, considerando solos naturais e compactados na Energia Proctor Intermediária.

Segundo o Manual do DNIT (2006), devido às diferentes características granulométricas, os solos tendem a apresentar diferentes comportamentos mecânicos (resposta à carga aplicada). Portanto, o solo granular, em geral, é altamente resistente à penetração, devido ao atrito intergranular e ao entrosamento de partículas. Ao mesmo tempo, a sua deformabilidade elástica tende a ser elevada, porque as partículas têm liberdade suficiente para rolar umas sobre as outras, devido à baixa coesão e à fraca influência das forças de campo em comparação com o peso das partículas. Já nos solos finos coesivos, a resistência à penetração tende a ser baixa, pois as partículas são plaquetas com baixo grau de entrosamento, e sua deformidade elástica tende a ser baixa, devido aos campos eletromagnéticos que existem entre as partículas, os quais se opõem a seus deslocamentos relativos, tendo importância devido ao pequeno peso das partículas.

Considerando somente o MR médio, todos os solos teriam a possibilidade de emprego em camadas de base quando $N \geq 106$. Contudo, considerando $N \geq 107$, somente 75% dos solos poderiam compor uma estrutura de pavimento como camada de base (as exceções são os solos GO-1, GO-3, PB-1, PI-4 e GO-6).

Todavia, a MCSL — como mencionado várias vezes ao longo do texto e como apresentado no Quadro 2 — não se resume somente ao MR. O solo PI-2, por exemplo, foi classificado como SLF_{14} devido, principalmente, seu baixo valor de LR (8,84%). Ou seja, somente após apresentar grau de umidade menor que 9%, a camada atingirá um limite de retração no qual não ocorrerá mais nenhuma alteração de volume devido à secagem. É provável que apareçam fissuras e/ou rachaduras na superfície da camada.

Os solos GO-3 e PI-4, por sua vez, foram classificados como SLA_6 (a melhor classificação dos solos arenosos), porém apresentaram os menores valores de MR. O mesmo aconteceu com o solo GO-6, classificado como SLP_1 , que, mesmo sendo o melhor classificado entre os pedregulhosos, apresentou os menores valores de MR. Nesses casos,

ambos deveriam apresentar melhoramento para suprir as elevadas deformações elásticas, seja por meio de estabilização granulométrica e/ou química.

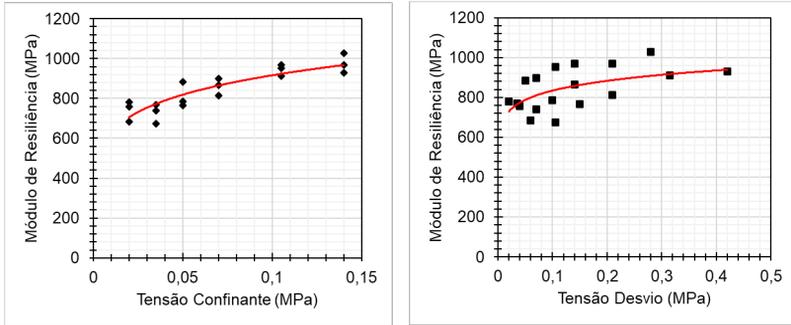
Desse modo, a análise em conjunto de todos os parâmetros e índices previstos na Metodologia de Classificação Universal de Solos Laterítico, bem como a avaliação empírico-mecânica, é fundamental para a previsão do desempenho dos solos lateríticos em distintas aplicações em camadas de pavimento frente a condições reais de tráfego.

MÓDULO DE RESILIÊNCIA DOS MATERIAIS MELHORADOS

Foram executados os ensaios de módulo de resiliência (MR) dos solos melhorados com ligantes hidráulicos para os 3 (três) tipos anteriormente citados (PE-1, PB-3 e PB-3), bem como para a BGTC. As curvas para os modelos σ_3 e σ_d e as superfícies de ajuste do modelo composto são apresentadas nas Figuras 206–215. A partir de então, os solos puros serão denominados PE-1, PB-2 e PB-3. Os solos melhorados com ligantes hidráulicos serão chamados de PE-1_2%, PB-2_2% e PB-3_2%. A mistura de brita graduada tratada com cimento será denominada BGTC.

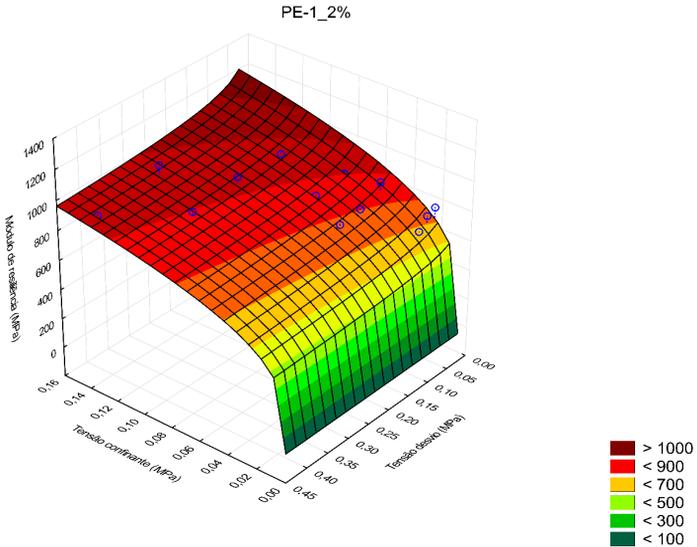
Por fim, a sigla BGS (BGTC_0%) foi utilizada para designar os ensaios realizados na BGTC sem a adição do cimento. Essa análise foi realizada devido ao *software* MeDiNa considerar materiais melhorados com ligantes hidráulicos como materiais que possuem propriedades elásticas que variam ao longo do tempo de vida útil (comportamento do tipo sigmoidal). Em outras palavras, o programa considera que o valor do MR varia entre dois limites: o módulo inicial ou superior, obtido considerando a mistura com o estabilizante (material sem danos); e o módulo final ou inferior, determinado, por segurança, considerando a mistura sem o estabilizante (material trincado e sem vida de fadiga).

Figura 206: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1_2%



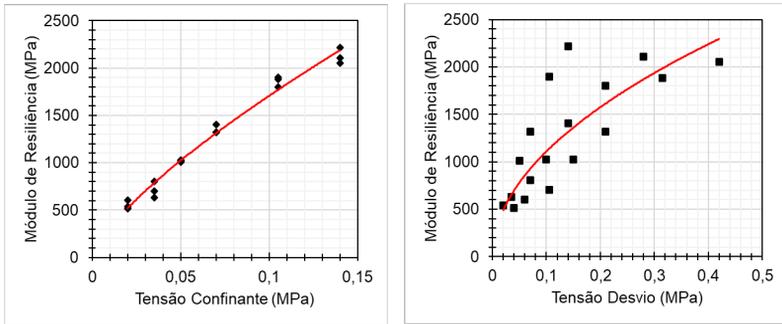
Fonte: De autoria própria

Figura 207: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1_2%



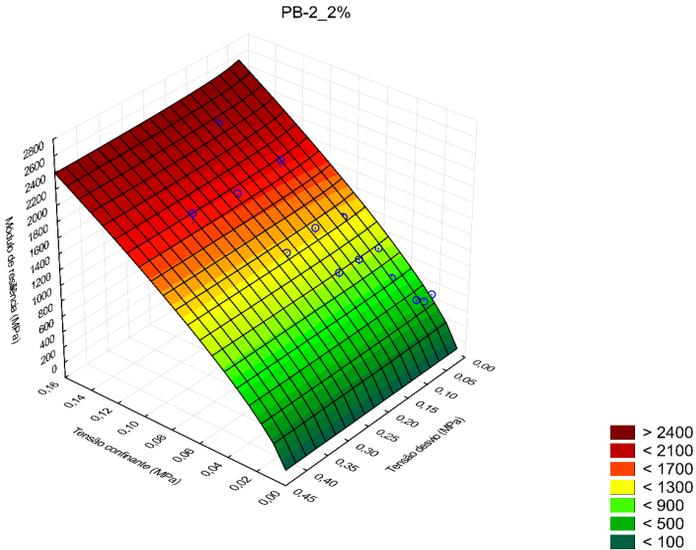
Fonte: De autoria própria

Figura 208: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2_2%



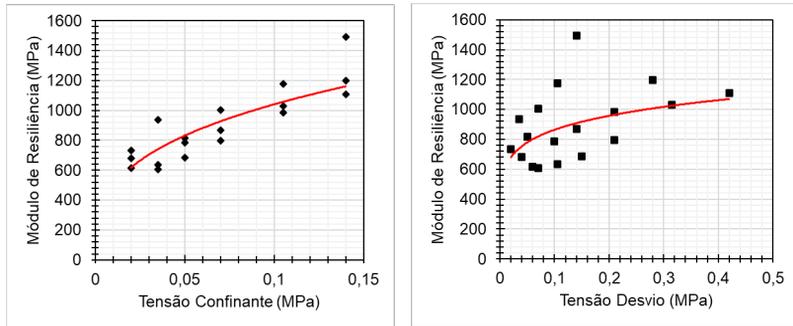
Fonte: De autoria própria

Figura 209: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2_2%



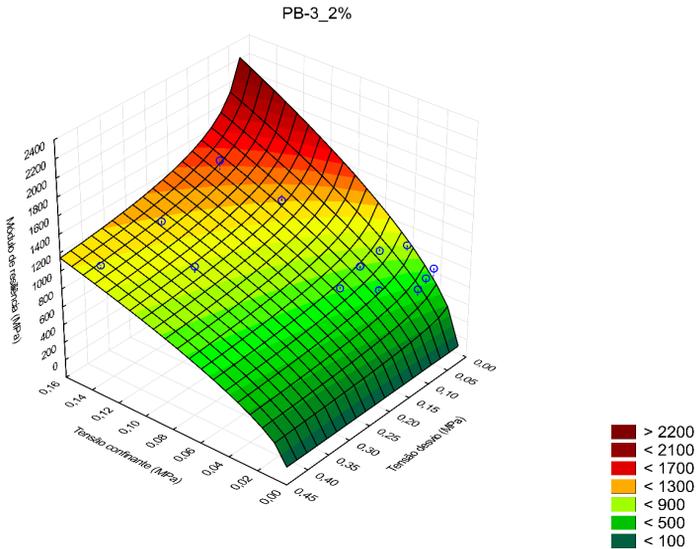
Fonte: De autoria própria

Figura 210: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3_2%



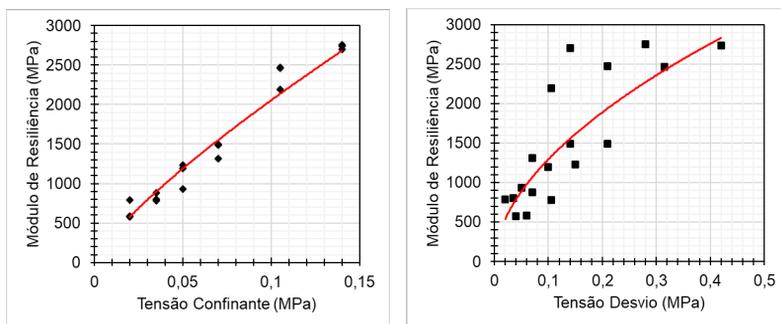
Fonte: De autoria própria

Figura 211: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3_2%



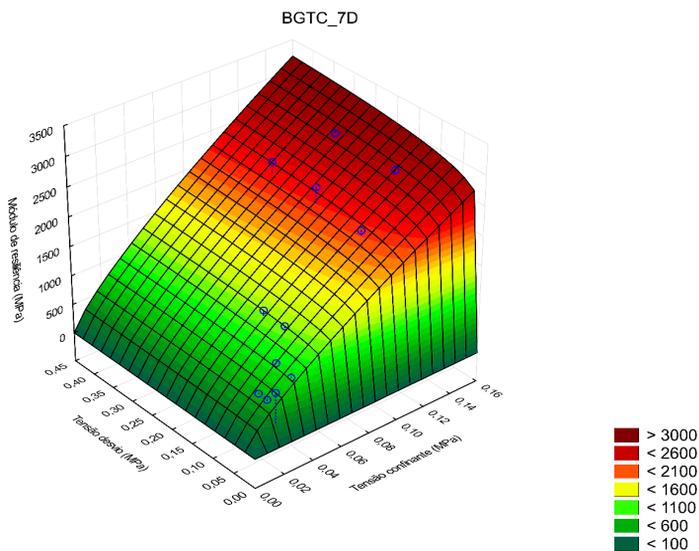
Fonte: De autoria própria

Figura 212: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para a BGTC



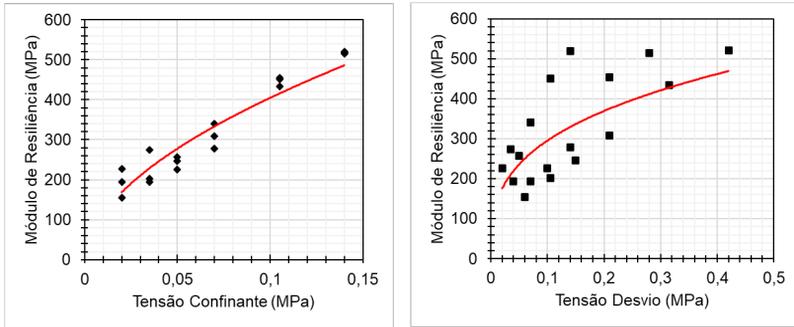
Fonte: De autoria própria

Figura 213: Superfície de ajuste usando o modelo composto para a BGTC



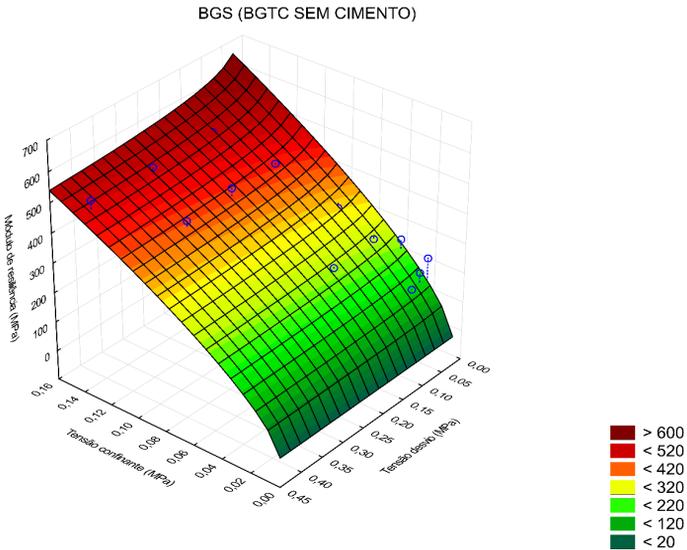
Fonte: De autoria própria

Figura 214: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para a BGS (BGTC_0%)



Fonte: De autoria própria

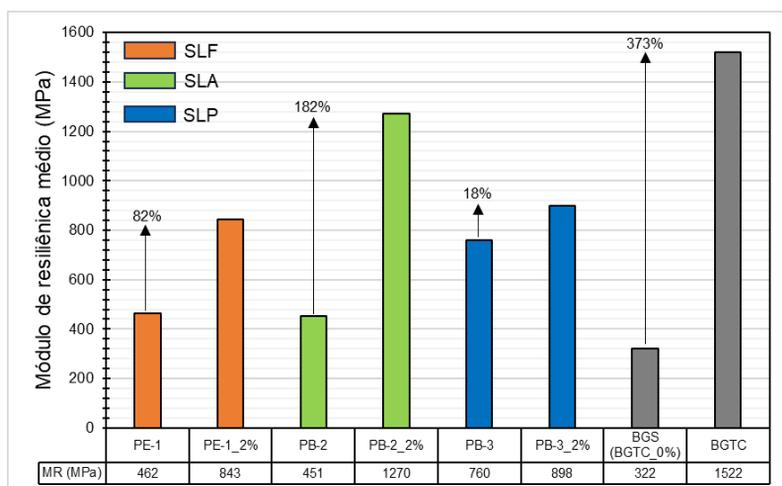
Figura 215: Superfície de ajuste usando o modelo composto para a BGS (BGTC_0%)



Fonte: De autoria própria

A Tabela 33 resume os valores do módulo resiliente mínimo, máximo e médio dos materiais estudados. Também são apresentados os parâmetros de regressão k e os coeficientes de determinação R^2 dos modelos σ_3 (tensão de confinamento), σ_d (tensão de desvio) e composto (tensão de confinamento e tensão de desvio). Os parâmetros de regressão foram obtidos por meio do programa “STATISTICA (sistema de *software* de análise de dados, versão 10”. A Figura 216 apresenta a variação dos módulos de resiliência médio dos solos estudados com o processo de estabilização.

Figura 216: Variação do módulo de resiliência médio com a estabilização



Fonte: De autoria própria

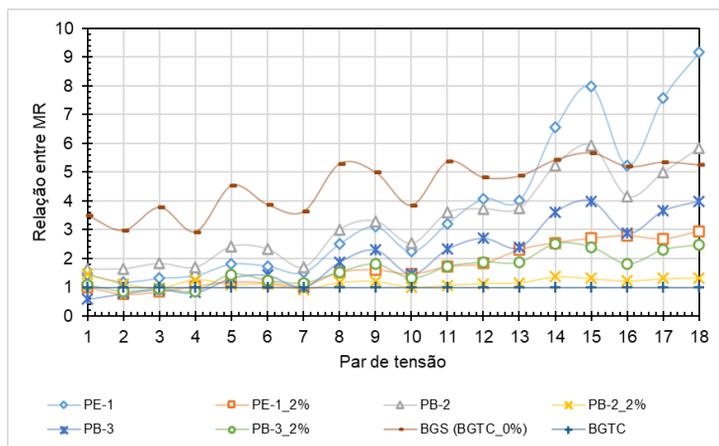
Para o solo PE-1, analisando os resultados de $MR_{\text{médio}}$ considerando a presença do estabilizante, verifica-se que os CPs com solo melhorado indicaram valores médios muito maiores ($\approx 80\%$) do que aqueles moldados com solo natural. Tais resultados corroboram com Silva (2016), que verificou, para um solo LG' com adição de cal, um valor de MR 54% superior ao MR do solo natural. Para o solo PB-2, a incorporação de cimento promoveu um aumento considerável nos valores do módulo resiliente (aumento de quase 200%). Para o solo

PB-3, o uso do cimento também resultou no crescimento da MR, porém com evolução mais discreta (aproximadamente 20%).

Da mesma forma como mencionado anteriormente, o fato do solo PB-3 ser altamente fragmentável pode ter influenciado, pois apesar de sua alta rigidez eles também aumentam a heterogeneidade quando compactados, e assim a presença de vazios não preenchidos pelo cimento pode ser considerável.

A Figura 217 mostra a razão entre o comportamento resiliente da BGTC com os solos *in natura* e melhorados com ligantes hidráulicos, para cada par de tensões. Comparando com os resultados obtidos nos ensaios com BGTC, que é convencionalmente utilizada em camadas de base de pavimentos principalmente devido a sua alta rigidez, os valores de MR obtidos podem ser considerados altos, pois as amostras de solo foram compactadas na energia Proctor Intermediária, enquanto o BGTC em Energia Proctor modificada. O destaque é dado ao solo PB-2_2%, que apresentou valores médios de MR acima de 1200MPa, representando quase de 85% do valor de MR médio da BGTC.

Figura 217: Relação entre o MR da BGTC e das misturas de solos *in natura* e melhorados



Fonte: De autoria própria

No modelo composto foram obtidos os melhores ajustes, onde todos os coeficientes de determinação (R^2) foram maiores que 0,80. Para todas as amostras de solo, observa-se um valor negativo de k_3 , indicando uma redução no módulo resiliente com o aumento da tensão de desvio, comportamento típico para solos com granulometria fina ou arenosa (Guimarães, 2009; Bonzanini, 2011; Santos, 2016; Zago, 2016; Norback, 2018; Lima *et al.*, 2018; Dalla Roza, 2018; Pascoal, 2020; Serra, 2020). Mesmo PB-3 sendo pedregulhoso, o valor de k_3 negativo justifica-se pelo seu valor significativo do coeficiente de fragmentabilidade e consequente quebra das concreções lateríticas quando compactado.

Com exceção do solo PE-1, na qual k_2 basicamente se manteve constante, observa-se um aumento no coeficiente k_2 com a estabilização. Ou seja, há um aumento da influência da tensão confinante na determinação do MR. O coeficiente k_3 apresentou um valor mais elevado (próximo de zero), embora ainda negativo. Para o BGTC, valores positivos são encontrados para todos os coeficientes de regressão.

Em outras palavras, observa-se uma redução da influência da tensão desviadora na determinação do MR (redução do coeficiente k_3 com a estabilização). Esse fato confirma que nos solos lateríticos, a cimentação das partículas tem o efeito de reduzir a dependência de MR com estado de tensões. Ademais, o próprio valor do módulo tende a aumentar, juntamente com a resistência (DNIT, 2006; Oliveira, 2007; Kumar & Silva, 2016; George, 2018; Serra *et al.*, 2020).

Tabela 33: MR e coeficientes de regressão

Parâmetro	PE-1	PE-1_2%	PB-2	PB-2_2%	PB-3	PB-3_2%	BGTC	BGS (BGTC_0%)
Módulo								
MR _{mínimo} (MPa)	299	675	319	515	536	607	576	155
MR _{média} (MPa)	462	843	451	1270	760	898	1522	322
MR _{máximo} (MPa)	618	1028	649	2215	1329	1494	2754	521
Modelo de regressão								
MR = $k_1 \cdot \sigma_3^{k_2}$								
Coefficiente de regressão (k_1)	298,44	1344,10	762,99	9335,38	670,76	2197,88	12686,16	1414,78
Coefficiente de regressão (k_2)	-0,15	0,17	0,19	0,74	-0,03	0,32	0,79	0,54
R ²	0,16	0,79	0,40	0,98	0,01	0,72	0,95	0,88
MR = $k_1 \cdot \sigma_d^{k_2}$								
Coefficiente de regressão (k_1)	274,24	1008,76	468,46	3565,99	495,35	1216,44	4549,43	620,60
Coefficiente de regressão (k_2)	-0,22	0,08	0,03	0,51	-0,18	0,15	0,55	0,32
R ²	0,63	0,31	0,01	0,63	0,35	0,22	0,67	0,46
MR = $k_1 \cdot \sigma_3^{k_2} \cdot \sigma_d^{k_3}$								
Coefficiente de regressão (k_1)	412,95	1408,32	932,98	9348,81	771,13	2803,03	14268,26	1767,34
Coefficiente de regressão (k_2)	0,25	0,24	0,51	0,75	0,41	0,59	0,78	0,68
Coefficiente de regressão (k_3)	-0,36	-0,07	-0,32	-0,02	-0,50	-0,23	0,07	-0,07
R ²	0,85	0,87	0,94	0,98	0,81	0,90	0,97	0,94

Fonte: De autoria própria

DEFORMAÇÃO PERMANENTE DOS SOLOS NATURAIS

Neste item são apresentados e analisados os resultados dos ensaios de deformação permanente (DP) realizados nos solos PE-1, PB-2 e PB-3. Novamente, é sempre importante destacar que para cada ensaio foram moldados três corpos de prova em condições semelhantes,

sendo aceitos os corpos de prova com 200 ± 2 mm de altura e 100 ± 1 mm de diâmetro. Além das dimensões, a umidade de moldagem deveria estar no intervalo de $\pm 0,5$ ponto percentual em torno da umidade ótima de compactação sem reuso, bem como grau de compactação entre 98% e 102% da densidade obtida no ensaio de compactação sem reuso.

Foram realizados seis ensaios para cada condição e em pares espaçados, seguindo os preceitos da normativa DNIT-ME 179/2018. Os corpos de prova foram submetidos a 150.000 ciclos na frequência de 5 Hz. As análises apresentadas a seguir foram realizadas com o modelo de Guimarães (2009), que tem sua ferramenta matemática descrita na normativa supracitada.

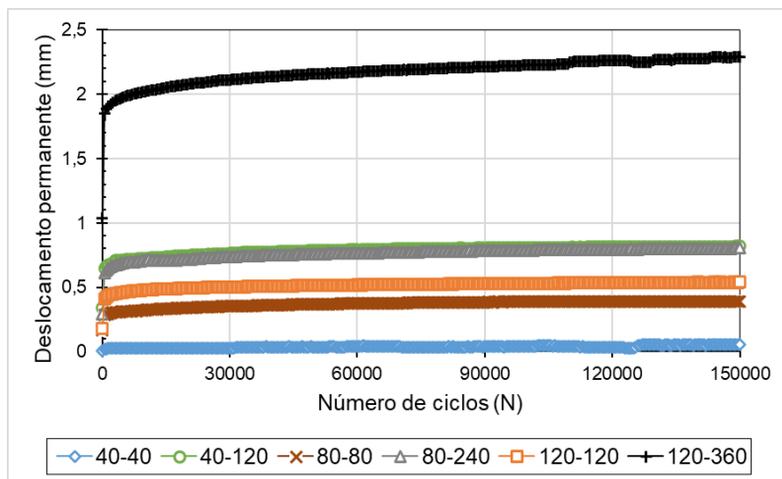
Os resultados de deslocamento permanente acumulado das amostras ensaiadas de solo natural estão apresentados na Tabela 34 e Figuras 218–220, bem como o par de tensões no qual cada amostra foi submetida. Todas as amostras foram submetidas a 150.000 ciclos, conforme o protocolo de ensaio presente na normativa DNIT-IE 179 (2018). O deslocamento permanente acumulado é representado por “ ξ_n ” sendo que o número “n” representa o número de ciclos de carga.

Tabela 34: Resultados de deslocamento permanente acumulado

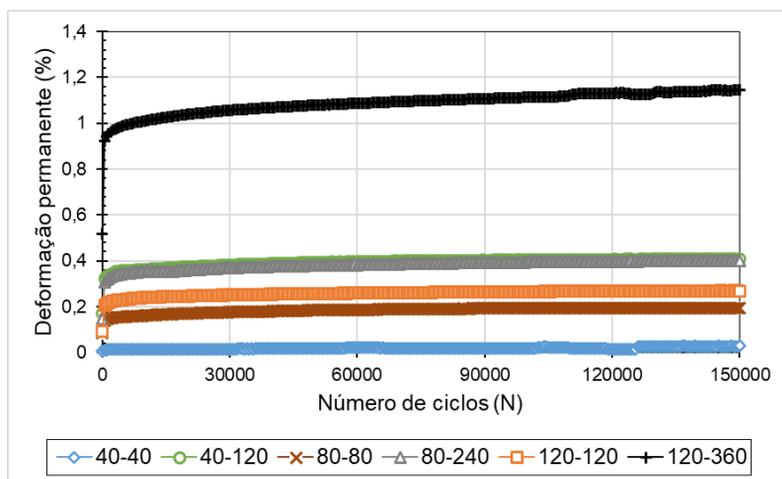
Amostra	σ_3 (kPa)	σ_d (kPa)	Deslocamento permanente (mm)					
			$\xi_{1.000}$	$\xi_{10.000}$	$\xi_{30.000}$	$\xi_{50.000}$	$\xi_{100.000}$	$\xi_{150.000}$
PE-1	40	40	0,0232	0,0251	0,0271	0,0364	0,0383	0,0559
		120	0,6644	0,7226	0,7623	0,7847	0,8065	0,8180
	80	80	0,2904	0,3217	0,3526	0,3688	0,3863	0,3886
		240	0,6353	0,7093	0,7375	0,7584	0,7892	0,8035
	120	120	0,4268	0,4782	0,5013	0,5132	0,5299	0,5391
		360	1,8881	2,0206	2,1126	2,1560	2,2256	2,2910
PB-2	40	40	0,0761	0,0989	0,1069	0,1092	0,1095	0,1152
		120	0,2379	0,2643	0,2678	0,2668	0,2772	0,2821
	80	80	0,1617	0,1855	0,1943	0,1924	0,1970	0,2096
		240	0,5112	0,5489	0,5605	0,5641	0,5680	0,5660
	120	120	0,1698	0,1930	0,2046	0,2099	0,2166	0,2213
		360	0,7429	0,8030	0,8360	0,8533	0,8785	0,8923
PB-3	40	40	0,0611	0,0743	0,0790	0,0795	0,0771	0,0817
		120	0,2966	0,3196	0,3304	0,3342	0,3401	0,3413
	80	80	0,1579	0,1765	0,1833	0,1855	0,1860	0,1942
		240	0,4121	0,4462	0,4610	0,4659	0,4745	0,4785
	120	120	0,1388	0,1604	0,1705	0,1791	0,1891	0,1924
		360	0,6823	0,7367	0,7536	0,7629	0,7726	0,7794

Fonte: De autoria própria

Figura 218: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PE-1



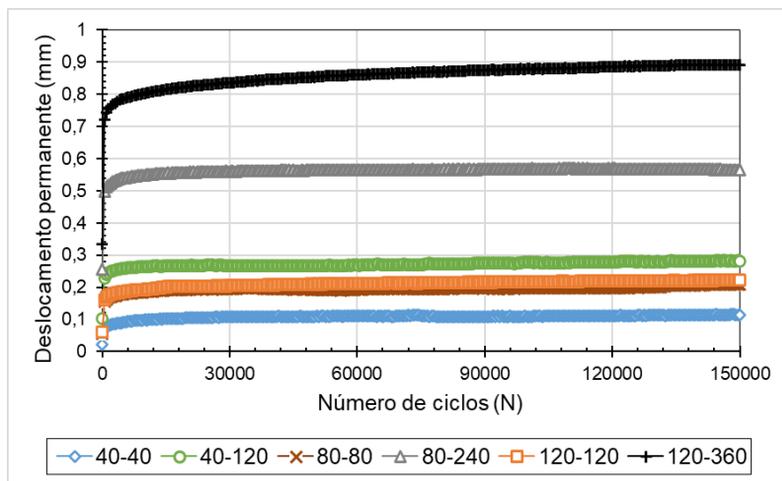
(a)



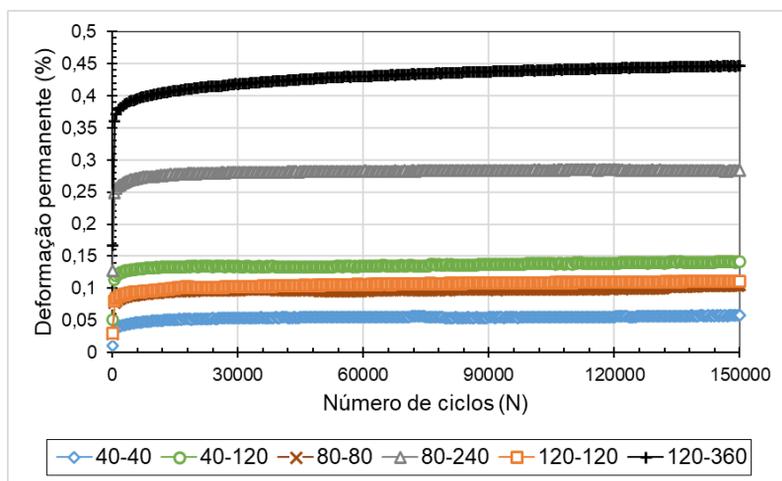
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 219: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-2



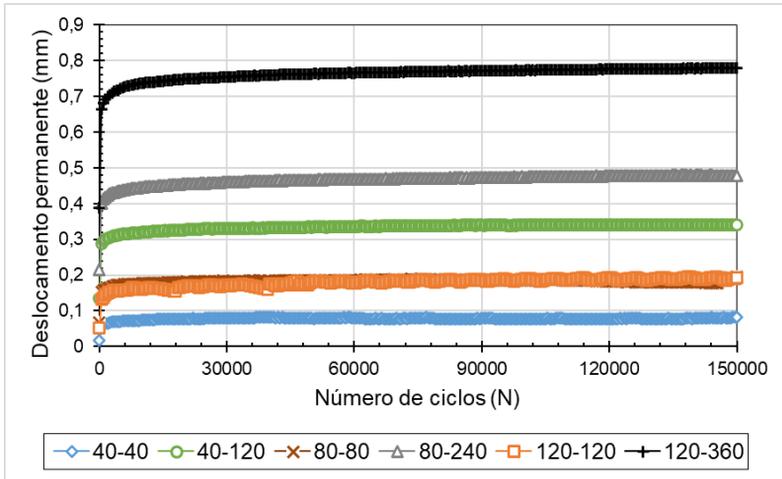
(a)



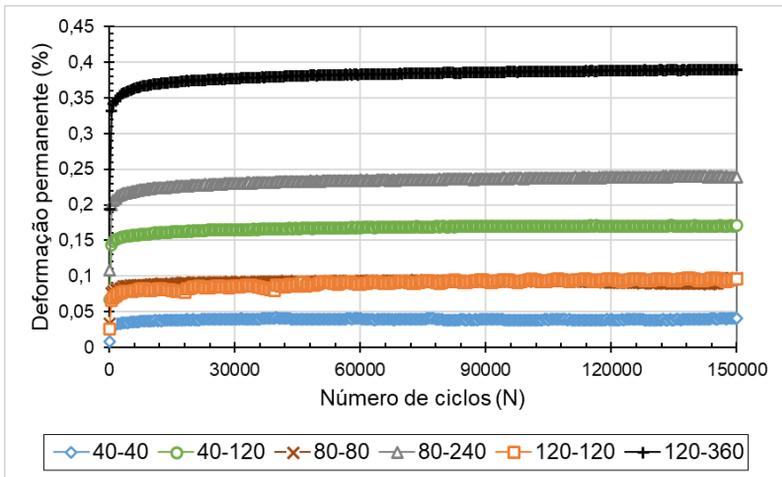
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 220: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-3



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

A maior deformação é obtida no nono par de tensões (σ_3 : 120 e σ_d : 360 kPa). À medida em que as tensões se elevavam, as deformações também aumentavam. O comportamento apontou acomodamento plástico (ou *shakedown*), que é tendência à estabilização da deformação permanente com o número de ciclos de carregamento. Observa-se que nenhum dos solos obteve deformação permanente superior a 3,0mm (ou 1,5% para uma amostra com 200mm de altura). Como destaque, nota-se o ótimo comportamento dos solos PB-2 e PB-3, que apresentaram deformação permanente inferior a 1,0mm (ou 0,5% para uma amostra com 200mm de altura), pouco contribuindo para o afundamento total do pavimento que constituem.

De modo geral, vê-se que a variação da tensão desvio parece apresentar um impacto maior na magnitude das deformações permanentes do que a variação da tensão confinante. Resultados semelhantes também foram obtidos por Zago (2016), Pascoal (2020) e Sousa (2021).

De posse dos resultados supracitados, os dados foram submetidos a uma regressão múltipla não linear no programa “STATISTICA (sistema de *software* de análise de dados), versão 10”, para obtenção dos parâmetros “ Ψ ” de Guimarães (2009) dos materiais analisados. Os parâmetros de regressão de DP, conforme preconiza a normativa do DNIT-IE 179 (2018) são indicados na Tabela 35 abaixo.

Tabela 35: Parâmetros de regressão obtidos por meio do modelo de Guimarães (2009)

Amostra	$\varepsilon_p (\%) = \Psi_1 \cdot \left(\frac{\sigma_3}{P_0}\right)^{\Psi_2} \left(\frac{\sigma_d}{P_0}\right)^{\Psi_3} \cdot N^{\Psi_4}$				R^2
	Ψ_1	Ψ_2	Ψ_3	Ψ_4	
PE-1	0,123	0,247	1,212	0,048	0,89
PB-2	0,066	-0,140	1,143	0,039	0,99
PB-3	0,061	-0,353	1,166	0,033	0,97

Fonte: De autoria própria

Com os resultados, observa-se significativos valores de R^2 (acima de 0,85) indicando um bom enquadramento dos dados ao modelo usado. Como principais avaliações dos parâmetros de regressão, o parâmetro ψ_2 , que está associado à tensão de confinamento, apresenta valor negativo, o que indica uma diminuição da DP com o aumento de σ_3 . A exceção foi o PE-1, que apresentou valor de ψ_2 positivo. Analisando os valores de ψ_3 , que por sua vez está relacionado com a tensão de desvio, observa-se um comportamento similar entre os solos, indicando uma influência semelhante da tensão desvio independentemente do tipo de solo.

INVESTIGAÇÃO DA OCORRÊNCIA DE *SHAKEDOWN*

A investigação da ocorrência de *shakedown* através de ensaios triaxiais de carga cíclica, analisa a taxa de aumento da deformação permanente em função da deformação permanente total acumulada, conforme apresentado nas Figuras 221–223. Para a interpretação dos resultados dos ensaios, a fim de definir os tipos de comportamento do material ensaiado, devem ser observadas as seguintes indicações e os preceitos da tese de Guimarães (2009).

Em posse dos valores de deformação permanente e dos ciclos de aplicação de cargas, foi possível determinar a taxa de variação da deformação permanente e plotar os gráficos a fim de analisar a ocorrência das condições de *shakedown* nos solos em estudo. Para o material ser considerado acomodado ou *shakedown*, é necessário apresentar taxa de acréscimo da DP na ordem de $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga. As Figuras 221–223 indicaram a ocorrência das condições de *shakedown* para os solos analisados.

Todos os resultados indicaram uma situação de acomodamento das deformações permanentes, ou *shakedown*, pois a taxa de crescimento atingiu um valor muito baixo. Observa-se que todas as amostras tiveram sua taxa de aumento de deformação permanente próxima ou abaixo de $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga, indicando uma situação de acomodamento das deformações permanentes, ou *shakedown*.

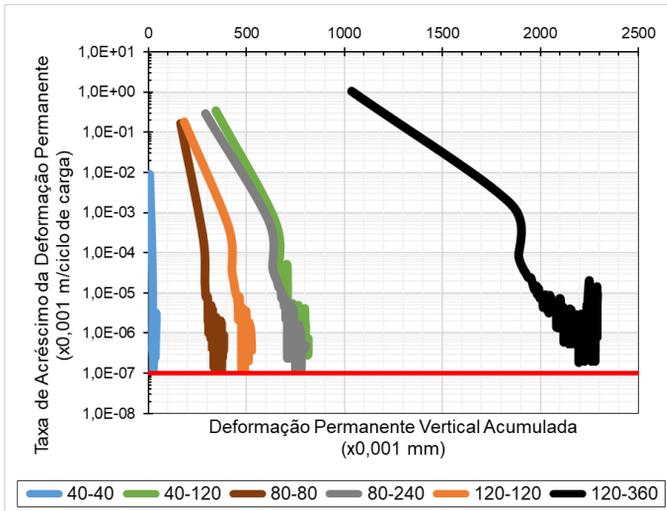
Neste caso, com a compactação intermediária, provavelmente

não haverá problemas de afundamento deste material na camada do pavimento. Contudo, embora todos os casos aparentaram entrar em *shakedown*, a maioria das amostras não atingiu a taxa de DP requerida pela normativa do DNIT-IE 179 (2018). Possivelmente, com a aplicação de um número maior de ciclos de repetição de cargas, todas as amostras atingiriam da taxa de $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga.

No entanto, de acordo com os modelos de comportamento de deformação permanente de solos expostos na norma DNIT-IE 179 (2018), o formato das curvas, em geral, indicou um padrão tipo A para amostras ensaiadas com menores tensões e uma combinação AB quando ensaiadas com maiores tensões. Conforme citado por Guimarães *et al.* (2018), é provável que a exclusão de um número maior do que os registros de deformação iniciais transformaria a situação AB na situação convencional de A, mas optou-se por não excluir tais dados incluindo-os no modelo de previsão de deformação permanente.

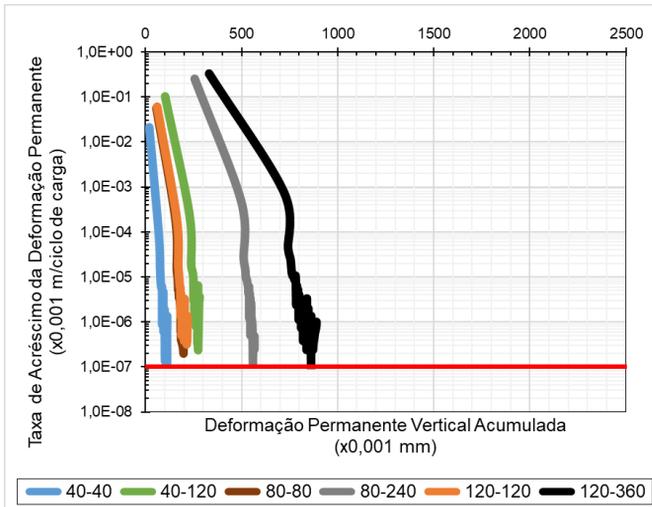
Resultados semelhantes foram encontrados por Pascoal (2020) e Sousa (2021), onde os solos estudados apresentaram predominância do modelo A de comportamento a deformação permanente. Lima *et al.* (2017), por sua vez, obtiveram, comportamentos do tipo A e B, sendo que o fato de alguns ensaios não terem atingido 10^{-7} ($\times 0,001$ m/ciclo de carga) na análise gráfica pode ser devido ao número de ciclos realizados no equipamento triaxial de cargas repetidas não ter sido suficiente.

Figura 221: Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PE-1



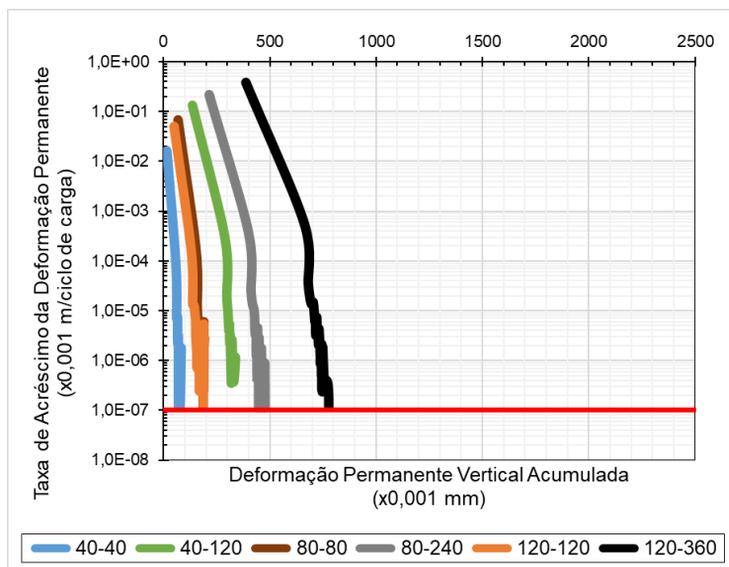
Fonte: De autoria própria

Figura 222: Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-2



Fonte: De autoria própria

Figura 223: Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-3



Fonte: De autoria própria

DEFORMAÇÃO RESILIENTE

Observa-se nas Figuras 224–226 que as deformações elásticas tendem a diminuir com a aplicação de ciclos de carga, e posteriormente apresentam valores aproximadamente constantes. Comportamentos semelhantes foram obtidos por Guimarães (2009); Lima (2016); Norback (2018); Guimarães *et al.* (2018) e Lima (2020).

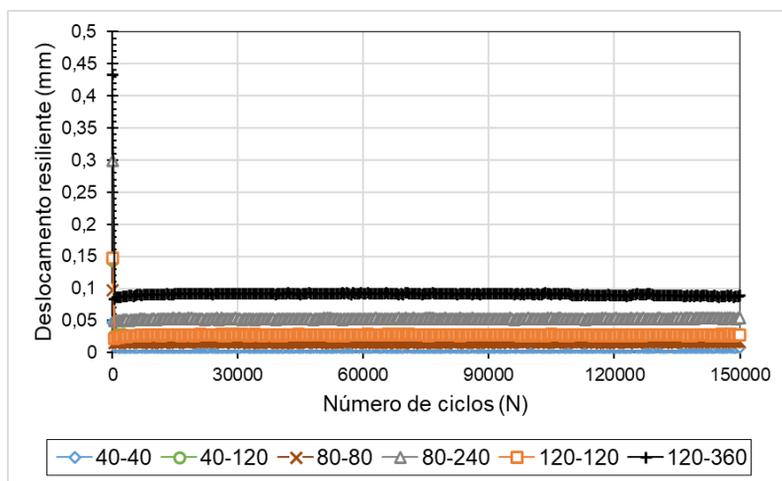
As Figuras 227–229 apresentam a evolução do módulo de resiliência resultante de cada corpo de prova, testado em cada par de tensões no ensaio de deformação permanente. A obtenção deste gráfico é feita através dos dados de deformação elástica obtidos durante os ensaios de deformação permanente. Os resultados indicaram que, com o número de ciclos de aplicação de carga, ocorre rearranjo das partículas e do esqueleto mineral, e, assim, aumento da densidade, tendendo a tornar o material menos deformável elasticamente e consequentemente mais rígido.

O valor do módulo durante o período de carregamento não

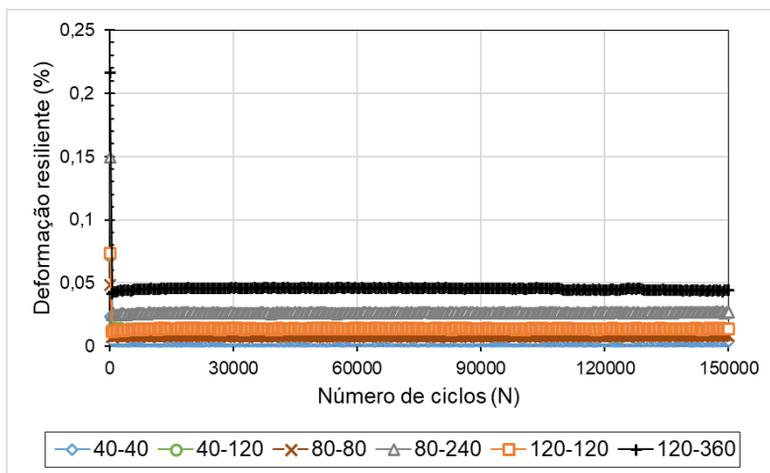
seguiu um padrão de aumento da rigidez com o aumento da tensão. No entanto, é possível concluir que os valores dos módulos foram maiores, indicando assim que há um aumento na rigidez do material. Os módulos de resiliência médios foram de 462 MPa, 451MPa e 760MPa para os solos PE-1, PB-2 e PB-3, respectivamente. Observando as Figuras 227–229, para o solo PE-1 os valores de MR ficaram em torno de 850MPa, para o solo PB-2 por volta de 900 MPa e para o solo PB-3 por volta de 800MPa.

Ou seja, comparando os valores de MR ao longo do ensaio DP e os resultados dos ensaios tradicionais de módulo de resiliência realizados em corpos-de-prova, foi possível verificar que os valores de módulo foram superiores durante o período de aplicação da carga, o que indica ganho de rigidez ao longo do ensaio de DP e, portanto, que os materiais podem enrijecer quando submetidos a movimentos repetidos de cargas impostas pelo tráfego.

Figura 224: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1



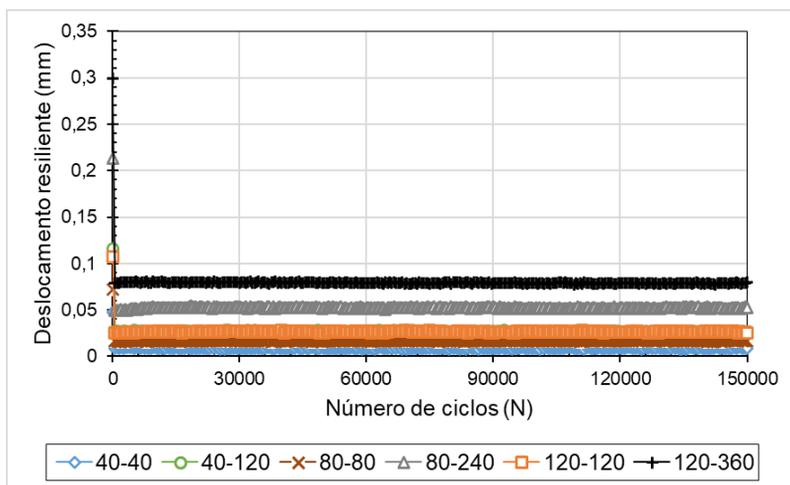
(a)



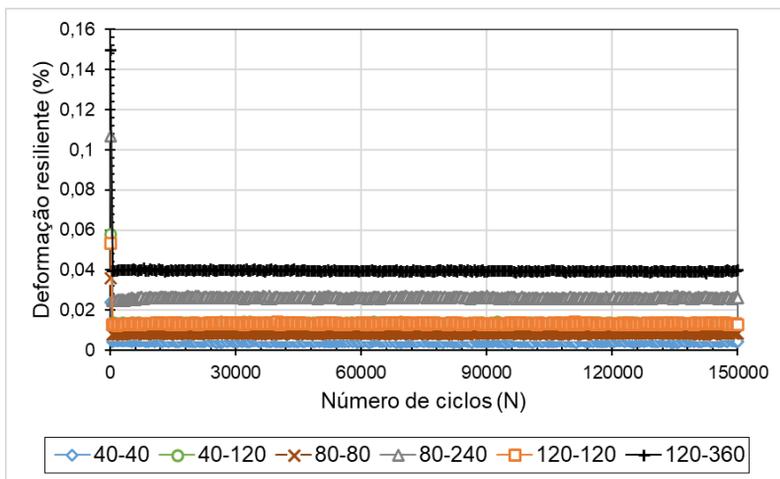
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 225: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-2



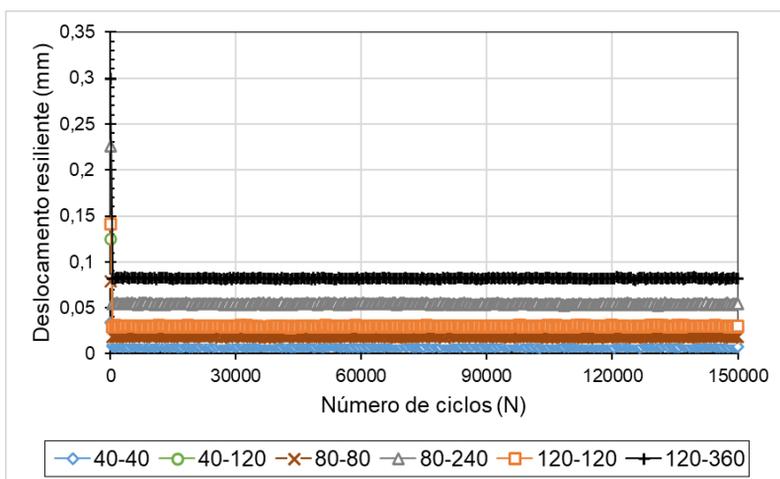
(a)



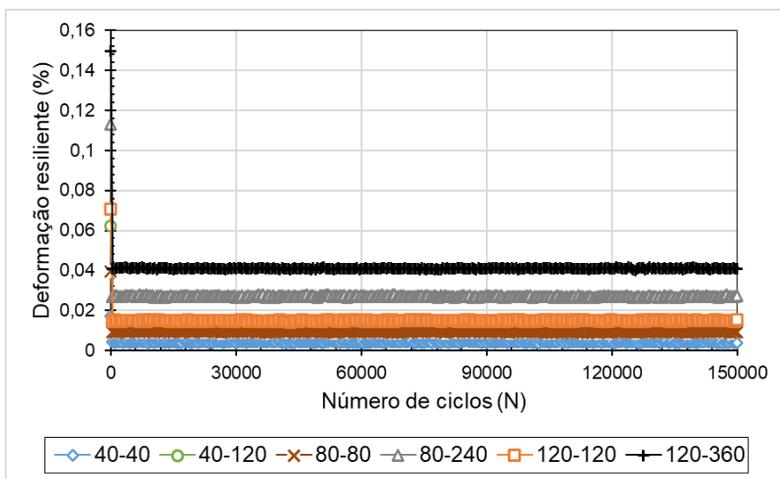
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 226: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-3



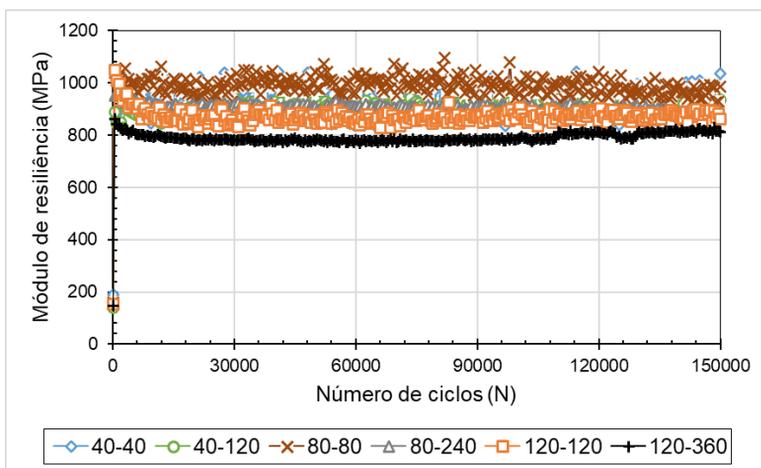
(a)



(b)

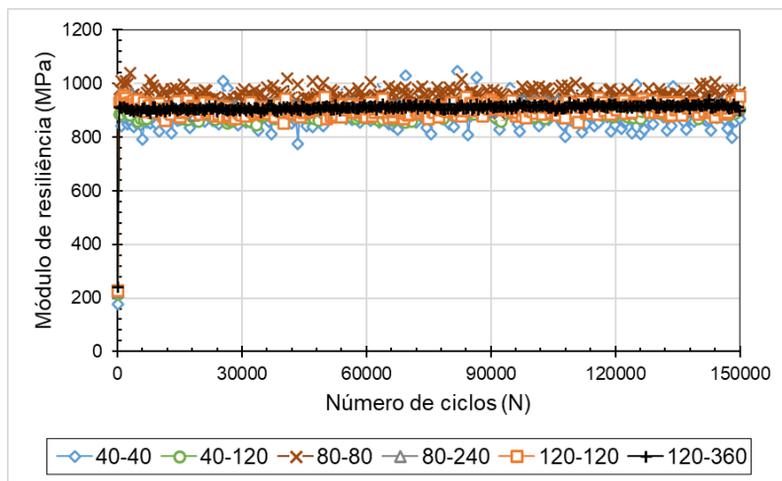
Fonte: De autoria própria

Figura 227: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PE-1



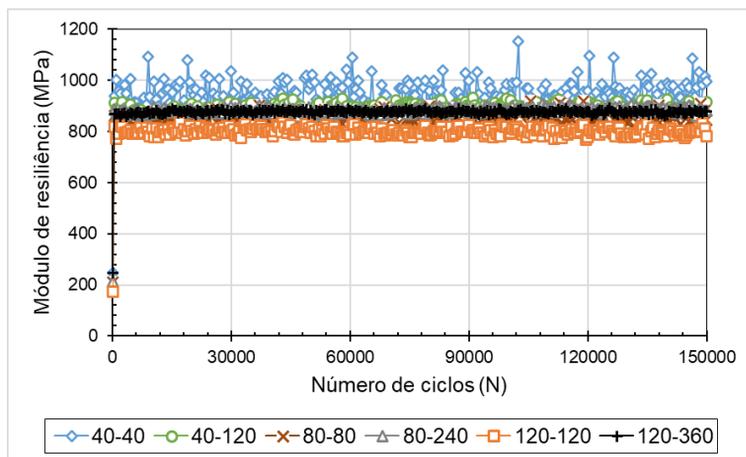
Fonte: De autoria própria

Figura 228: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-2



Fonte: De autoria própria

Figura 229: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-3



Fonte: De autoria própria

DEFORMAÇÃO PERMANENTE DOS MATERIAIS MELHORADOS

Foram executados os ensaios de deformação permanente (DP) nos solos PE-1, PB-2 e PB-3 melhorados com ligantes hidráulicos, bem como para a BGTC. Os resultados de deslocamento permanente acumulado das amostras ensaiadas dos solos melhorados e da BGTC estão apresentados na Tabela 36 e Figuras 230–233, bem como o par de tensões no qual cada amostra foi submetida. Todas as amostras foram submetidas a 150.000 ciclos, conforme o protocolo de ensaio presente na normativa DNIT 179/2018. O deslocamento permanente acumulado é representado por “ ξ_n ” sendo que o número “n” representa o número de ciclos de carga.

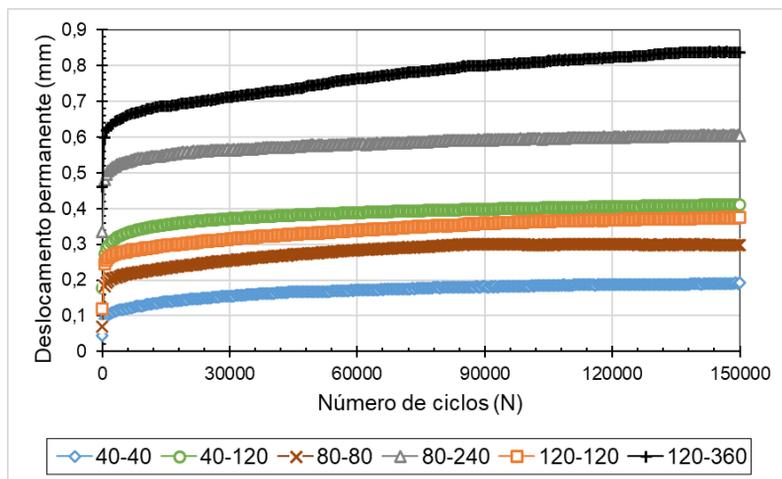
Tabela 36: Resultados de deslocamento permanente acumulado

Amostra	σ_3 (kPa)	σ_d (kPa)	Deslocamento permanente (mm)					
			$\xi_{1.000}$	$\xi_{10.000}$	$\xi_{30.000}$	$\xi_{50.000}$	$\xi_{100.000}$	$\xi_{150.000}$
PE-1	40	40	0,0232	0,0251	0,0271	0,0364	0,0383	0,0559
		120	0,6644	0,7226	0,7623	0,7847	0,8065	0,8180
	80	80	0,2904	0,3217	0,3526	0,3688	0,3863	0,3886
		240	0,6353	0,7093	0,7375	0,7584	0,7892	0,8035
	120	120	0,4268	0,4782	0,5013	0,5132	0,5299	0,5391
		360	1,8881	2,0206	2,1126	2,1560	2,2256	2,2910
PE-1_2%	40	40	0,0999	0,1305	0,1553	0,1678	0,1835	0,1919
		120	0,2894	0,3453	0,3720	0,3844	0,4013	0,4111
	80	80	0,1930	0,2244	0,2553	0,2764	0,2980	0,2973
		240	0,4966	0,5416	0,5645	0,5770	0,5955	0,6047
	120	120	0,2565	0,2895	0,3144	0,3315	0,3630	0,3749
		360	0,6198	0,6741	0,7104	0,7446	0,8074	0,8379
PB-2	40	40	0,0761	0,0989	0,1069	0,1092	0,1095	0,1152
		120	0,2379	0,2643	0,2678	0,2668	0,2772	0,2821
	80	80	0,1617	0,1855	0,1943	0,1924	0,1970	0,2096
		240	0,5112	0,5489	0,5605	0,5641	0,5680	0,5660
	120	120	0,1698	0,1930	0,2046	0,2099	0,2166	0,2213
		360	0,7429	0,8030	0,8360	0,8533	0,8785	0,8923

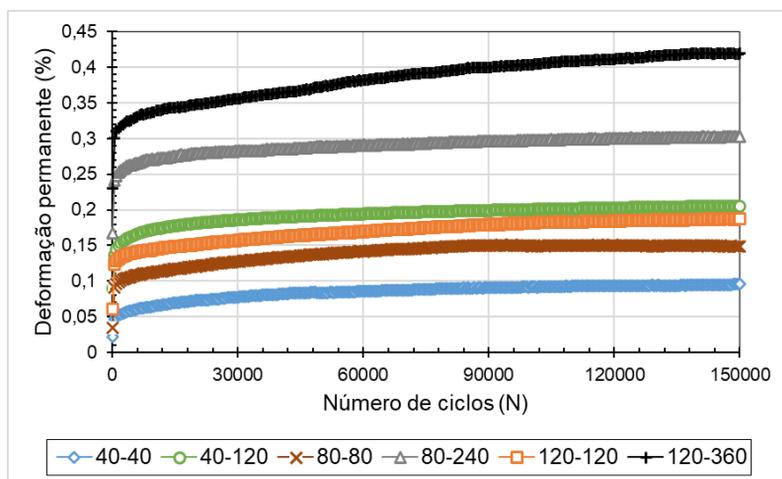
PB-2_2%	40	40	0,0350	0,0483	0,0584	0,0644	0,0731	0,0761
		120	0,1321	0,1591	0,1643	0,1685	0,1791	0,1829
	80	80	0,0556	0,0836	0,0929	0,0969	0,1059	0,1194
		240	0,2098	0,2481	0,2606	0,2676	0,2742	0,2799
	120	120	0,0814	0,0996	0,1129	0,1193	0,1267	0,1260
		360	0,3176	0,3500	0,3563	0,3589	0,3721	0,3811
PB-3	40	40	0,0611	0,0743	0,0790	0,0795	0,0771	0,0817
		120	0,2966	0,3196	0,3304	0,3342	0,3401	0,3413
	80	80	0,1579	0,1765	0,1833	0,1855	0,1860	0,1942
		240	0,4121	0,4462	0,4610	0,4659	0,4745	0,4785
	120	120	0,1388	0,1604	0,1705	0,1791	0,1891	0,1924
		360	0,6823	0,7367	0,7536	0,7629	0,7726	0,7794
PB-3_2%	40	40	0,0638	0,0806	0,0890	0,0921	0,0983	0,1013
		120	0,1956	0,2117	0,2181	0,2236	0,2305	0,2340
	80	80	0,1338	0,1490	0,1544	0,1626	0,1544	0,1569
		240	0,3499	0,3672	0,3606	0,3563	0,3622	0,3661
	120	120	0,1799	0,1947	0,2101	0,2103	0,2195	0,2326
		360	0,4114	0,4387	0,4450	0,4482	0,4494	0,4568
BGTC	40	40	0,0581	0,0706	0,0721	0,0721	0,0698	0,0661
		120	0,1567	0,1807	0,1887	0,1955	0,2021	0,2102
	80	80	0,1074	0,1312	0,1414	0,1449	0,1478	0,1536
		240	0,2524	0,2778	0,2889	0,2970	0,3089	0,3155
	120	120	0,1665	0,1884	0,1972	0,1990	0,1997	0,1960
		360	0,3541	0,3853	0,3993	0,4063	0,4167	0,4234

Fonte: De autoria própria

Figura 230: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%



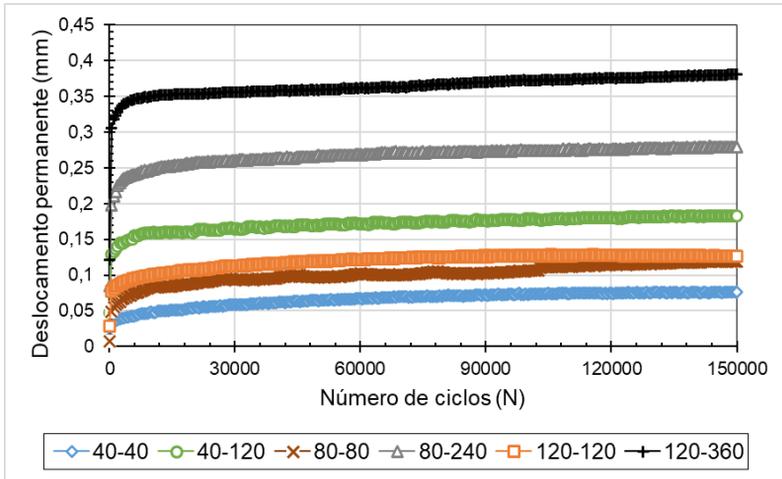
(a)



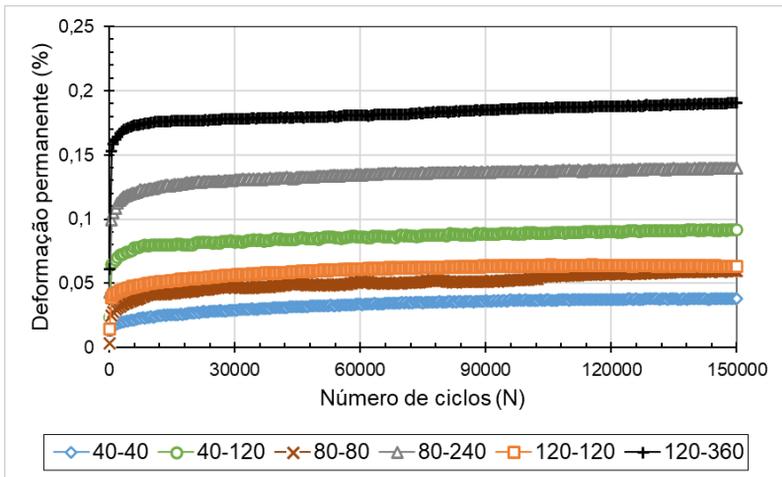
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 231: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%



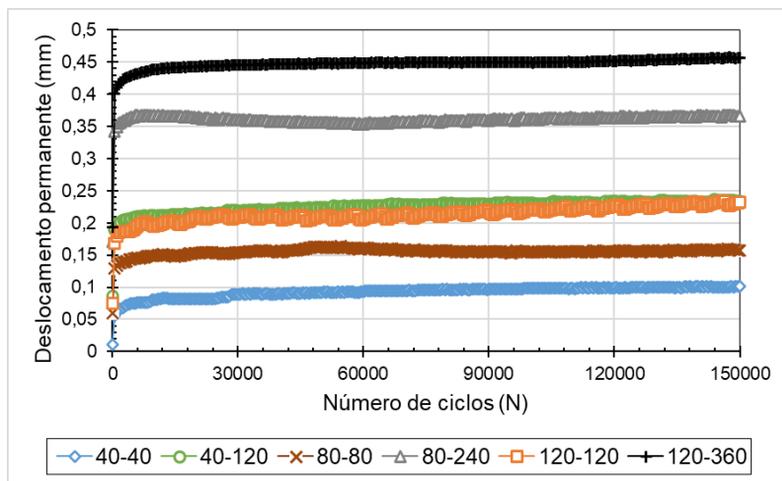
(a)



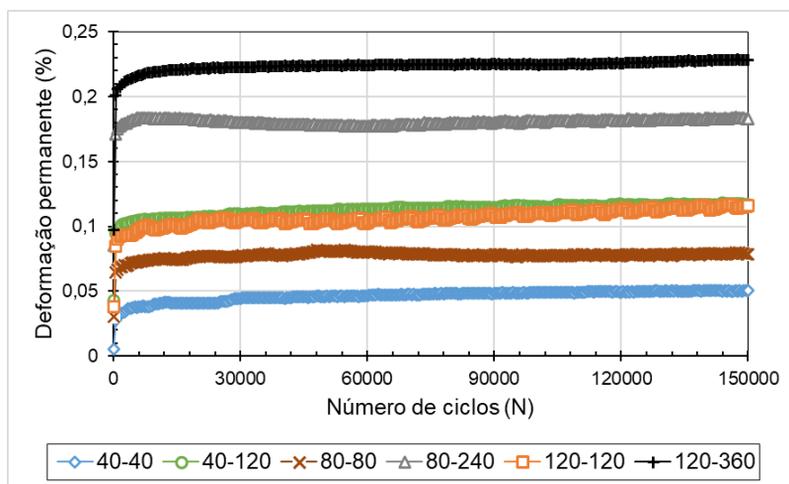
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 232: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. Solo PB-3_2%



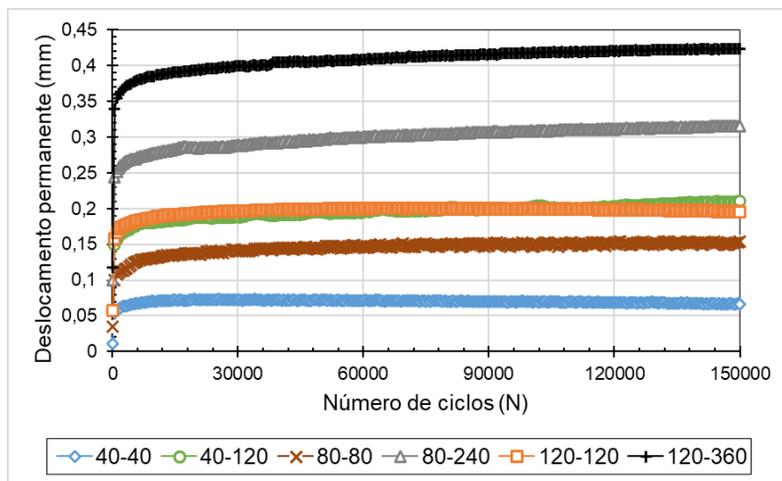
(a)



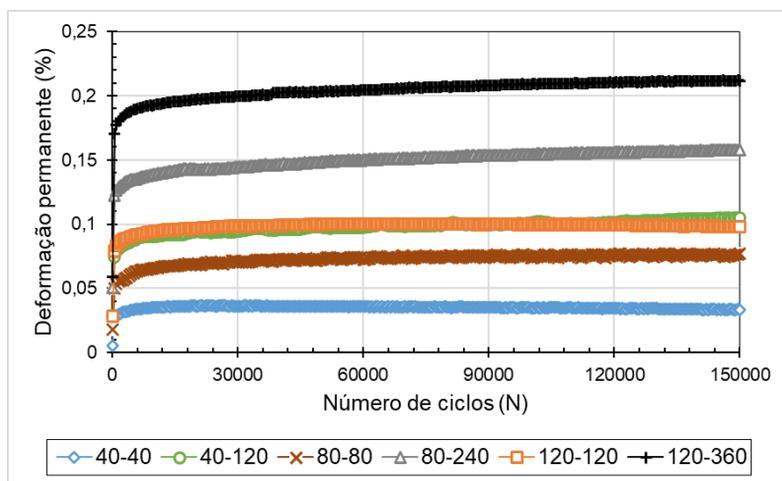
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 233: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. BGTC



(a)



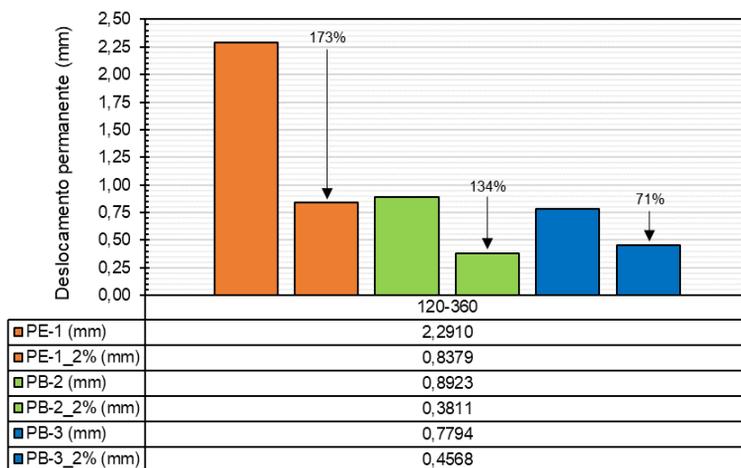
(b)

Fonte: De autoria própria

A maior deformação é obtida no nono par de tensões (σ_3 : 120 e σ_d : 360 kPa). À medida em que as tensões se elevavam, as deformações também aumentavam. O comportamento apontou acomodamento plástico (ou *shakedown*), que é tendência à estabilização da deformação permanente com o número de ciclos de carregamento. Nenhum dos materiais melhorados obteve deformação permanente superior a 1,0mm (ou 0,5% para uma amostra com 200mm de altura), pouco contribuindo para o afundamento total do pavimento que constituem.

Para o solo PE-1, observa-se que a amostra com 2% de cal apresentou deformações permanentes inferiores, com diminuição de aproximadamente 180% quando considerado o nono par de tensões. O solo PB-2_2% apontou deformações permanentes menores, inclusive abaixo até que a deformações registradas nos ensaios com a BGTC, e obteve redução de mais de 130% quando considerado o nono par de tensões. O solo PB-3_2%, por sua vez, expressou um decréscimo de mais de 70% quando considerado o nono par de tensões (Figura 234). A BGTC apresentou valores relativamente bons de deformação permanente, com valores inferiores a 0,5mm (ou 0,25% para uma amostra com 200mm de altura). Em todos os materiais, é notório que ocorre uma tendência ao acomodamento das deformações a partir de um determinado número de ciclos.

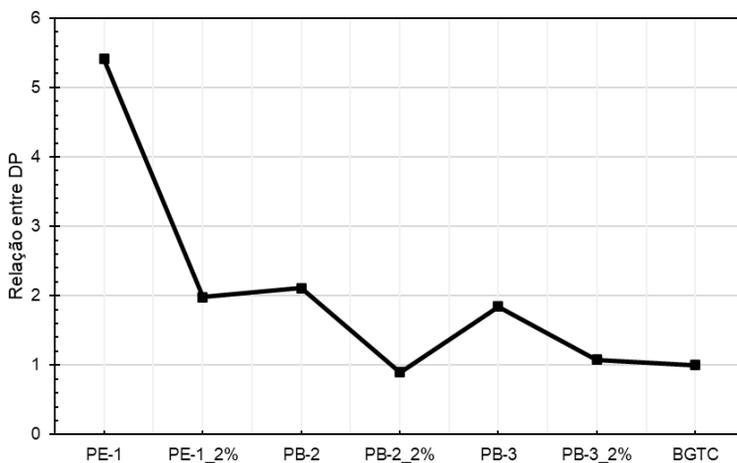
Figura 234: Variação do deslocamento permanente com a estabilização, considerando $\sigma_3 = 120$ e $\sigma_d = 360$ kPa



Fonte: De autoria própria

Comparando os resultados obtidos em solos tropicais com os resultados da BGTC, os valores de DP indicam que todas as amostras, naturais ou estabilizadas, podem ser consideradas bons materiais e não apresentarão problemas e nem contribuirão para o ATR nas camadas do pavimento. A Figura 235 apresenta a relação entre o valor de DP dos solos *in natura* e melhorados, e o valor da DP da BGTC, considerando o nono par de tensões (σ_3 : 120 e σ_d : 360 kPa) ao final dos 150.000 ciclos de carregamento.

Figura 235: Relação entre a DP das misturas de solos *in natura* e melhorados e a DP da BGTC



Fonte: De autoria própria

Comparando com os resultados obtidos nos ensaios com BGTC, que é convencionalmente utilizada em camadas de base de pavimentos principalmente devido a sua alta rigidez, os valores de DP obtidos podem ser considerados baixos, pois as amostras de solo foram compactadas na energia Proctor Intermediária, enquanto o BGTC em Energia Proctor modificada. O destaque é dado ao solo PB-2_2%, que apresentou valores de DP abaixo dos valores de DP da BGTC, ao final dos 150.000 ciclos de carregamento.

De posse dos resultados supracitados, os dados foram submetidos a uma regressão múltipla não linear no programa “*STATISTICA* (sistema de *software* de análise de dados), versão 10”, para obtenção dos parâmetros “ Ψ ” de Guimarães (2009) dos materiais analisados. Os resultados são apresentados na Tabela 37.

Tabela 37: Parâmetros de regressão obtidos por meio do modelo de Guimarães (2009)

$$\varepsilon_p (\%) = \psi_1 \cdot \left(\frac{\sigma_3}{P_0} \right)^{\psi_2} \left(\frac{\sigma_d}{P_0} \right)^{\psi_3} \cdot N^{\psi_4}$$

Amostra	Ψ_1	Ψ_2	Ψ_3	Ψ_4	R ²
PE-1	0,123	0,247	1,212	0,048	0,89
PE-1_2%	0,072	-0,084	0,715	0,070	0,99
PB-2	0,066	-0,140	1,143	0,039	0,99
PB-2_2%	0,031	-0,276	0,948	0,055	0,99
PB-3	0,061	-0,353	1,166	0,033	0,97
PB-3_2%	0,067	-0,082	0,719	0,029	0,99
BGTC	0,050	0,026	0,693	0,048	0,99

Fonte: De autoria própria

Constata-se grandes valores de R² (acima de 0,85), indicando um excelente ajuste dos dados ao modelo utilizado. Avaliando os parâmetros da regressão, o parâmetro ψ_2 , que está associado à tensão de confinamento, apresenta valor negativo, o que indica uma diminuição da DP com o aumento de σ_3 . As exceções foram o solo PE-1 e a BGTC, que apresentaram valores de ψ_2 positivos.

Analisando os valores de ψ_3 , que está relacionado com a tensão de desvio, observa-se um decréscimo com a estabilização, indicando uma redução da influência da tensão de desvio nos valores de DP. Nota-se similaridade nos valores de ψ_1 e ψ_4 antes e após o processo de estabilização. Mesmo com todos os coeficientes de regressão positivos, há uma maior influência da tensão desvio nos valores de DP da Brita Graduada Tratada com Cimento.

INVESTIGAÇÃO DA OCORRÊNCIA DE *SHAKEDOWN*

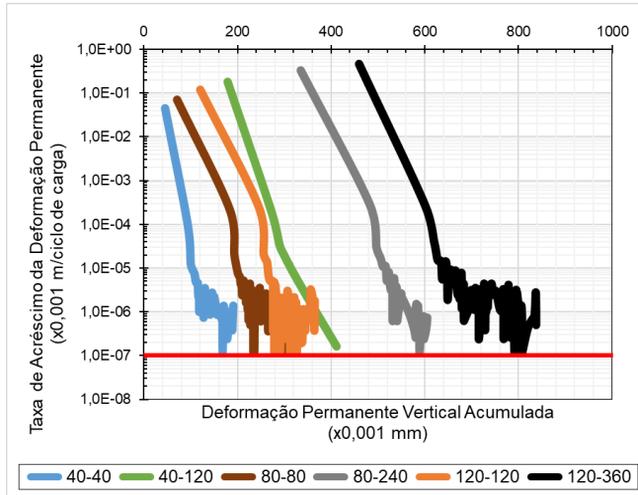
Novamente, com os valores de deformação permanente e dos ciclos de aplicação de cargas, foi possível determinar a taxa de variação

da deformação permanente e plotar os gráficos a fim de analisar a ocorrência das condições de *shakedown*. Como citado anteriormente, para o material ser considerado acomodado ou *shakedown*, é necessário apresentar taxa de acréscimo da DP na ordem de $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga. As Figuras 236–239 indicam a ocorrência das condições de *shakedown* para os materiais melhorados com ligantes hidráulicos.

Todos os resultados indicaram uma situação de acomodamento das deformações permanentes, ou *shakedown*, pois a taxa de crescimento atingiu um valor muito baixo. Observa-se que todas as amostras tiveram sua taxa de aumento de deformação permanente próxima ou inferior a $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga, indicando uma situação de acomodamento das deformações permanentes, ou *shakedown*.

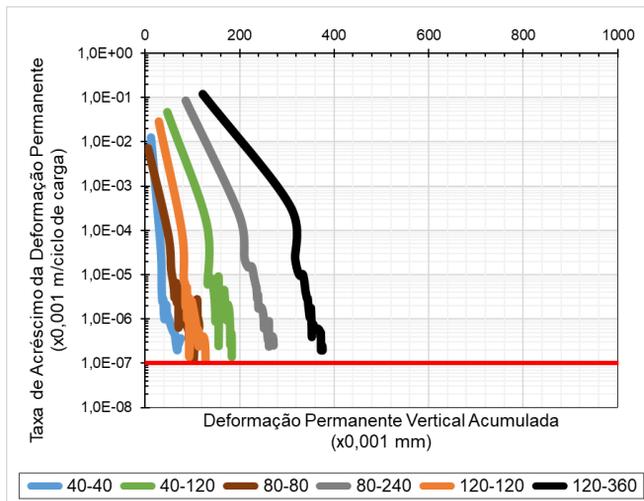
Neste caso, como era de se esperar, já que os solos naturais já apresentaram bons resultados, com a compactação intermediária, provavelmente não haverá problemas de afundamento deste material na camada do pavimento. Contudo, embora todos os casos apresentaram entrar em *shakedown*, a maioria das amostras não atingiu a taxa de DP requerida pela normativa do DNIT-ME 179 (2018). Possivelmente, com a aplicação de um número maior de ciclos de repetição de cargas, todas as amostras atingiriam da taxa de $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga.

Figura 236: Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PE-1_2%



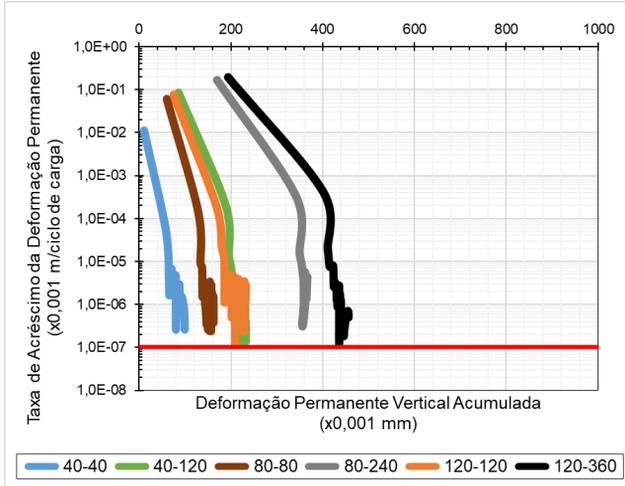
Fonte: De autoria própria

Figura 237: Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-2_2%



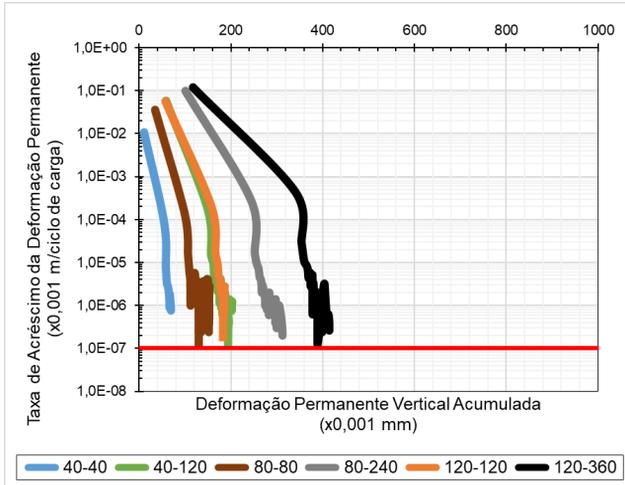
Fonte: De autoria própria

Figura 238: Investigação de ocorrência de *shakedown*. Solo PB-3_2%



Fonte: De autoria própria

Figura 239: Investigação de ocorrência de *shakedown*. BGTC



Fonte: De autoria própria

De acordo com os modelos de comportamento de deformação permanente de solos expostos na norma DNIT-IE 179 (2018), o formato das curvas, em geral, indicou um padrão tipo A para amostras ensaiadas com menores tensões e uma combinação AB quando ensaiadas com maiores tensões. Conforme citado por Guimarães *et al.* (2018), é provável que a exclusão de um número maior do que os registros de deformação iniciais transformaria a situação AB na situação convencional de A.

No caso da BGTC, apresentado na Figura 239, embora a deformação total tenha sido baixa, todos os ensaios indicaram um comportamento do tipo AB, comportamento plástico, indicando uma tendência à estabilização da deformação permanente com o número de ciclos de carga, mas com alto valor de deslocamento permanente acumulado antes do assentamento (*shakedown*). Mesmo empregando a compactação na energia Proctor Modificada, foi utilizado apenas 2% de cimento na composição. Assim, considerando apenas 7 dias de cura, a matriz heterogênea pode ter gerado muitos poros e descontinuidade em sua estrutura interna com alto número de vazios. Esses vazios, sob carga repetida, fazem com que a mistura cimentada se deforme plasticamente e as trincas se propaguem, causando sua desestruturação.

Tal situação também pode ter ocorrido com o solo PB-3, que por ser pedregulhoso, provavelmente demandaria maior quantidade de cimento e tempo de cura. Atrelado a isso, o alto valor do coeficiente de fragmentabilidade (FR) também pode influenciar, pois, embora apresentem alta rigidez, quando compactados esses solos sofrem aumento da heterogeneidade granulométrica e, assim, a presença de vazios não preenchidos pelo cimento pode ser muito expressiva.

Segundo Qian *et al.* (2015), baixos teores de argilominerais finos em pedregulhos lateríticos resultam na ineficácia das reações de cimento. Contudo, se os períodos de cura fossem longos o suficiente, a adição de cimento aos acabaria por trazer a interseção compacta de partículas lateríticas entrelaçadas.

Em ambos os casos, o teor insuficiente de cimento pode não ter possibilitado o preenchimento dos vazios, reduzindo a resistência

da mistura final esperada. No entanto, se a dosagem de cimento for muito alta, a mistura está sujeita a trincas por retração e a resistência é reduzida. Assim, em aplicações práticas de engenharia, uma quantidade criteriosa de cimento é usada (JIANG *et al.*, 2020).

DEFORMAÇÃO RESILIENTE

Semelhante ao que acontece com solos naturais, as deformações elásticas tendem a diminuir com a aplicação de ciclos de carga, e posteriormente apresentam valores aproximadamente constantes, basicamente paralelos ao eixo das abscissas (Figuras 240–243).

As Figuras 244–247 indicam a evolução do módulo de resiliência resultante de cada corpo de prova, testado em cada par de tensões no ensaio de deformação permanente. Como mencionado anteriormente, a obtenção deste gráfico é feita através dos dados de deformação elástica obtidos durante os ensaios de deformação permanente.

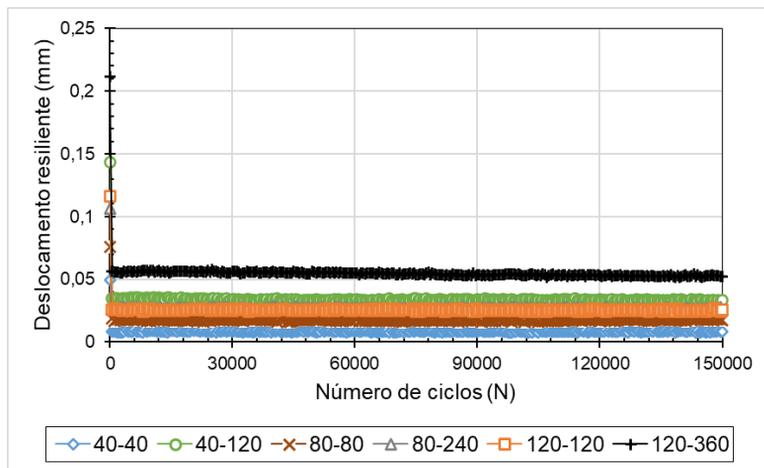
Com o passar dos ciclos de aplicação de carga, as deformações resilientes tenderam a se estabilizar. Contudo, diferentemente do que aconteceu com os solos naturais — onde devido ao rearranjo das partículas e aumento da densidade, o número de ciclos de aplicação de carga tendeu a aumentar o MR, indicando considerável aumento de rigidez ao longo do ensaio de DP — não foi constatada significativa variação no MR durante os ensaios de DP para os materiais melhorados. Para os materiais PE-1_2%, PB-2_2%, PB-3_2% e BGTC, os MR médios foram 843MPa, 1270MPa, 898MPa e 1522MPa, respectivamente. Observando as Figuras 244–247, os valores de MR variaram entre aproximadamente 900MPa para PE-1_2%, 1100MPa para PB-2_2%, 900MPa para PB-3_2% e 1100MPa para a BGTC.

Assim, devido ao desenvolvimento da estabilização e consequente ligação cimentícia entre as partículas, o processo de densificação com a aplicação dos ciclos de carregamento pode não ter contribuído substancialmente. Pelo contrário, nota-se que em alguns casos o valor do MR sofreu redução com a aplicação dos ciclos, com destaque na BGTC. Segundo Lima (2022), a ligação da pasta de cimento com o agregado é o ponto fraco da BGTC. Além disso, como já discutido anteriormente, foi utilizado apenas 2% de cimento na composição e considerado apenas 7 dias de cura. Isso pode ter gerado uma matriz

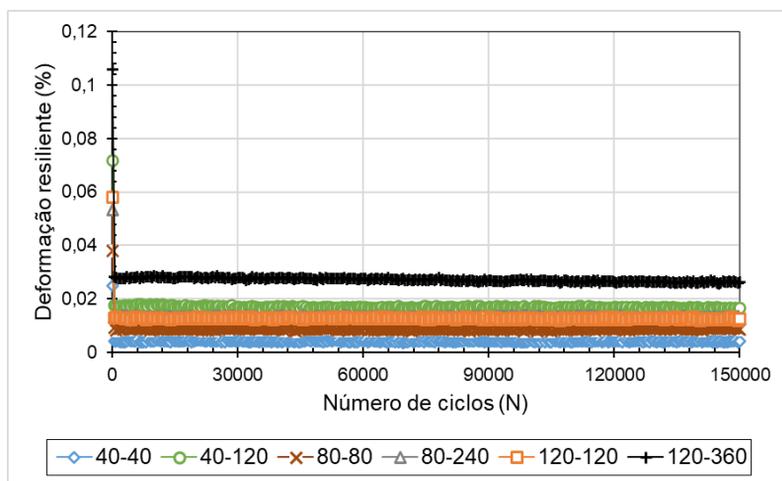
heterogênea com presença de muitos poros e descontinuidade em sua estrutura interna.

Rosa (2006) cita que a estabilização contribui enquanto não acontece a quebra progressiva das ligações. Essa quebra das ligações cimentantes entre os contatos das partículas se dá de forma gradual durante a aplicação de carregamento, de maneira que o comportamento do material tenderia estar mais próximo daquele encontrado para amostras não cimentadas.

Figura 240: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%



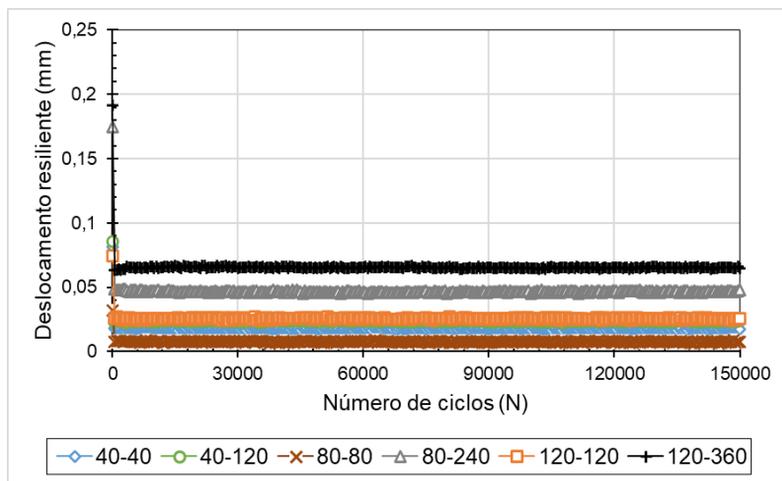
(a)



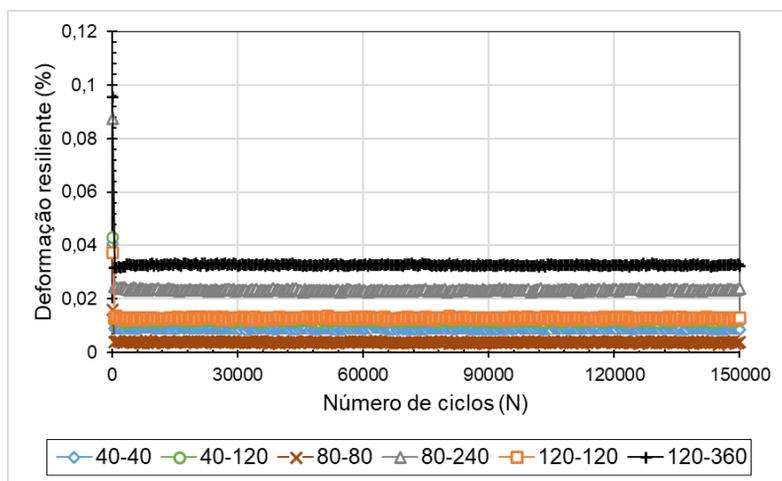
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 241: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%



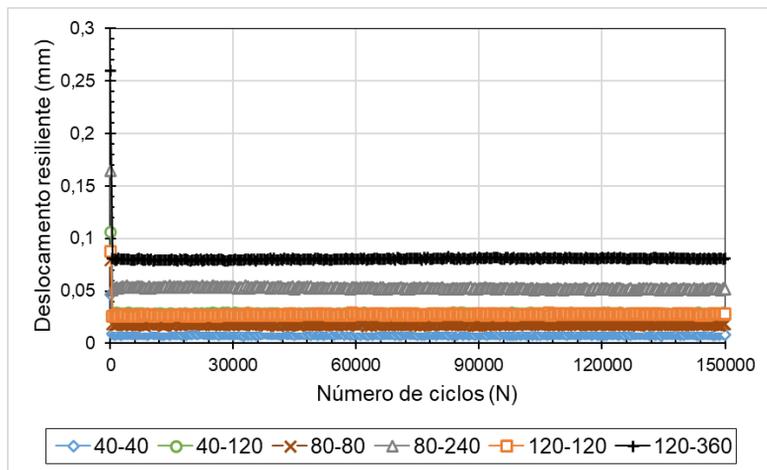
(a)



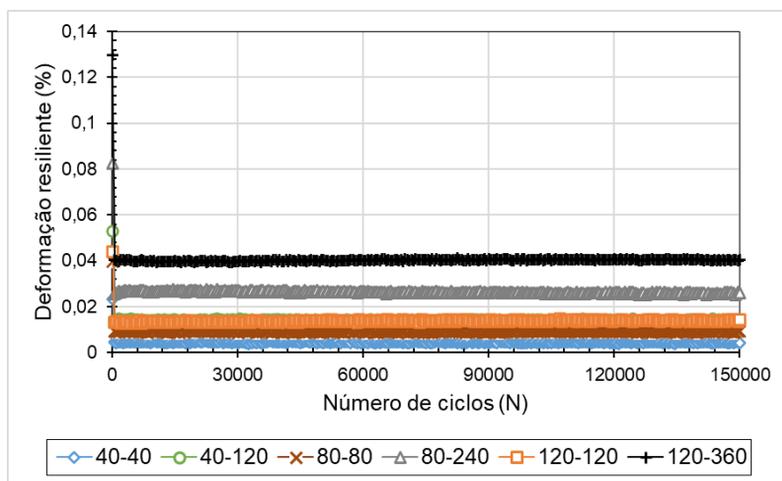
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 242: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB_3_2%



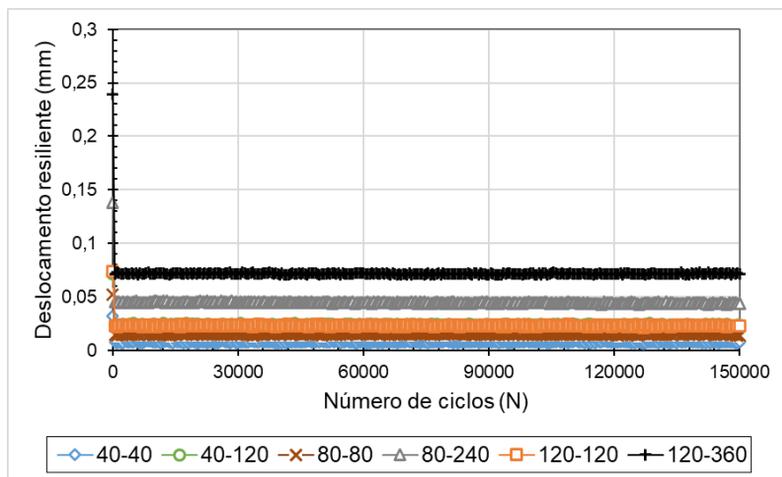
(a)



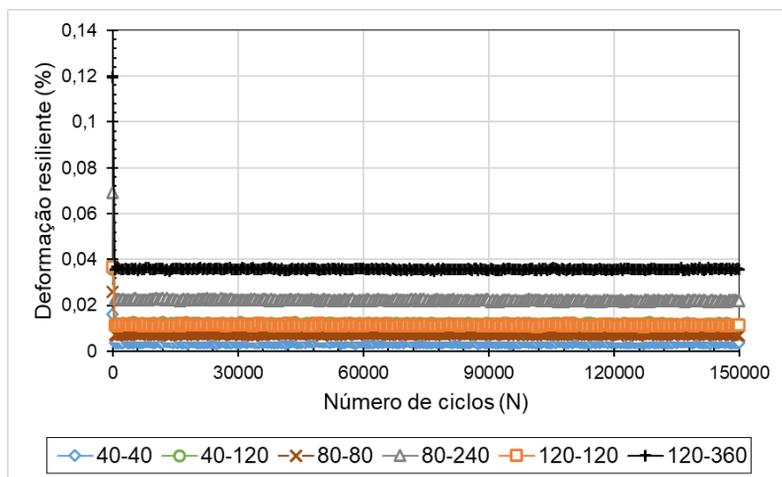
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 243: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. BGTC



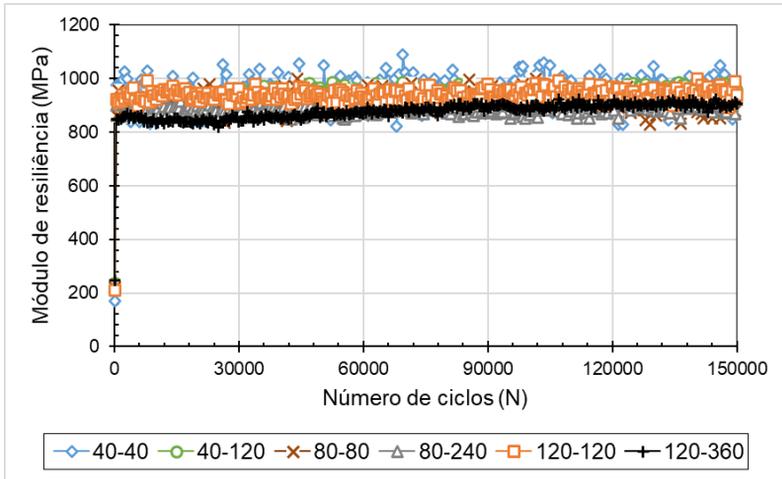
(a)



(b)

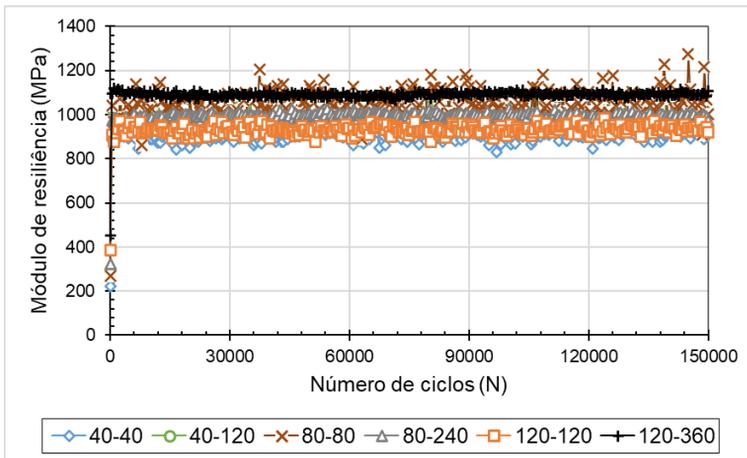
Fonte: De autoria própria

Figura 244: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%



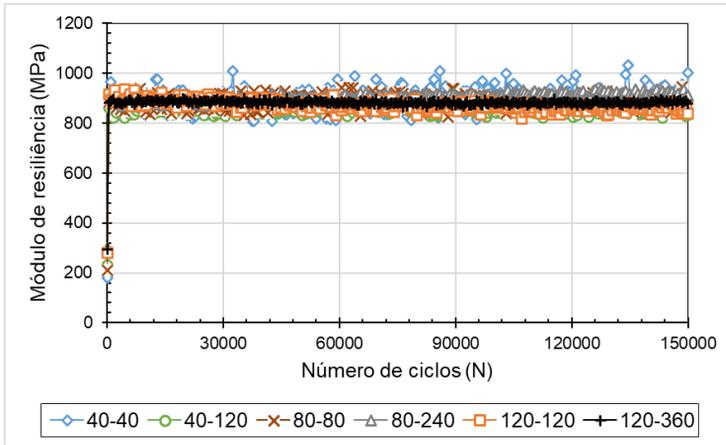
Fonte: De autoria própria

Figura 245: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%



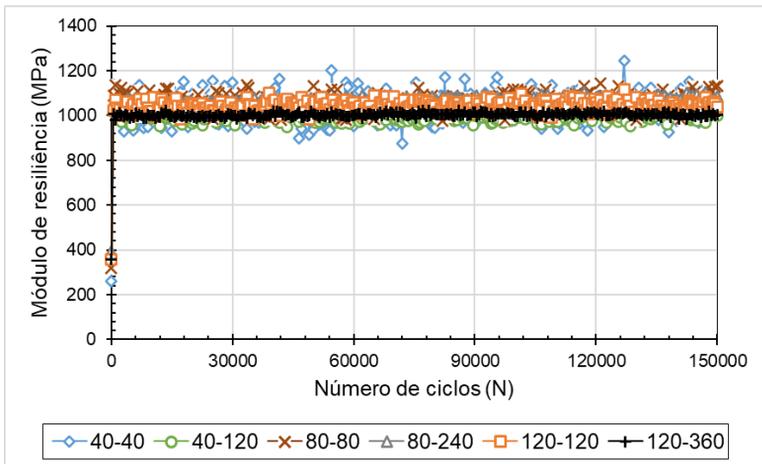
Fonte: De autoria própria

Figura 246: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. Solo PB-3_2%



Fonte: De autoria própria

Figura 247: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos. BGTC



Fonte: De autoria própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não houve um padrão de valores de módulo resiliente que diferenciasse os solos lateríticos fino, arenoso e pedregulhoso. O modelo composto apresentou melhores resultados para representar a variação do módulo de resiliência com as tensões atuantes no solo, pois nele são consideradas todas as tensões que causam deformações no corpo de prova. Os resultados de módulo de resiliência médios obtidos foram relativamente bons, com valores acima de 300 MPa quando compactados na energia Proctor intermediária. A influência da estabilização também foi constatada, com consequência positiva nos valores e modelos de MR.

Além disso, a influência da tensão desvio na determinação do MR é reduzida (redução do coeficiente k_3 com estabilização). Essa evidência confirma que a cimentação de partículas nos solos lateríticos reduz a dependência de MR com estado de tensão.

De maneira geral, os valores de deformações permanentes totais foram inferiores a 3,0mm ou 1,5% de uma amostra com 200mm de altura. Com a estabilização, nenhuma das misturas obteve deformação permanente superior a 1,0mm (ou 0,5% para uma amostra com 200mm de altura), o que pode ser considerado muito baixo. Comparando os resultados obtidos em solos tropicais com os resultados da BGTC, os valores de DP indicam que todas as amostras, naturais ou estabilizadas, podem ser consideradas bons materiais e não apresentarão problemas de subsidência na camada do pavimento. Foi encontrado um excelente ajuste dos dados ao modelo de Guimarães (2009).

As formas das curvas de deformação total acumulada em função do número de ciclos de aplicação de carga indicaram uma situação de acomodamento em praticamente todos os ensaios. Em geral, a forma das curvas indica um padrão tipo A para as amostras testadas nas tensões mais baixas, o que indica acomodamento plástico. Porém, com tensões maiores, observa-se uma combinação AB, que indica deformações iniciais significativas seguidas, também, de acomodamento plástico. Para misturas com granulometria grossa (solo PB-3 e BGTC) os resultados de todos os ensaios mostraram um comportamento indicando uma tendência de estabilização da

deformação permanente com o número de ciclos de carregamento, mas com alto valor de deslocamento permanente acumulado antes do assentamento. Isso pode estar ligado à deficiência de cimento e tempo de cura e, além disso, à alta fragmentabilidade e consequente heterogeneidade do solo laterítico pedregulhoso PB-3.

CAPÍTULO 8 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS: INFLUÊNCIA DA RETRAÇÃO NO COMPORTAMENTO MECÂNICO

ESSE CAPÍTULO BUSCOU AVALIAR A INFLUÊNCIA DA RETRAÇÃO INDUZIDA por dessecação na resposta à deformação resiliente e permanente de amostras compactadas de solos lateríticos naturais e melhorados com ligantes hidráulicos.

Apesar das inúmeras aplicações de solos lateríticos em camadas de pavimentos e dos vários estudos realizados para avaliar o efeito da secagem nas propriedades dos solos tropicais, os efeitos da retração induzida por dessecação na resposta à deformação resiliente e permanente de solos lateríticos ainda não foram relatados pela bibliografia especializada.

Foram realizados ensaios de módulo de resiliência e de deformação permanente após o processo de retração por secagem dos corpos de prova de solo laterítico fino, arenoso e pedregulhoso, no intuito de avaliar o efeito retração volumétrica nas propriedades dos solos em estados natural e melhorado com ligantes hidráulicos.

PROCESSO DE RETRAÇÃO VOLUMÉTRICA

Os corpos de prova com 100mm de diâmetro e 200mm altura foram moldados através de compactação em 10 camadas na energia equivalente à Proctor Intermediário, na umidade pretendida, de modo que a massa específica obtida no ensaio de compactação fosse atingida ao final da moldagem. Foram aceitos os corpos de prova com 200

± 2 mm de altura e 100 ± 1 mm de diâmetro. Além das dimensões, a umidade de moldagem deveria estar no intervalo de $\pm 0,5$ ponto percentual em torno da umidade ótima de compactação, bem como grau de compactação entre 98% e 102% da densidade obtida no ensaio de compactação.

Após o processo de moldagem, cada corpo de prova compactado foi extrudado do molde de compactação e seco ao ar em sala de laboratório a uma temperatura de $25 \pm 2^\circ\text{C}$ e umidade de $60 \pm 10\%$ por um período de 15 dias. O procedimento de secagem em laboratório teve como objetivo simular a lenta taxa de secagem que ocorre no campo, mantendo um tempo de ensaio razoável. Vale ressaltar que para solos lateríticos melhorados, antes dos 15 dias de retração por dessecação, as amostras foram curadas por um período de sete dias em câmara úmida com temperatura e umidade controladas.

Para as amostras naturais de solo laterítico, a cada cinco dias foram realizadas três medições de diâmetro e altura de cada corpo de prova com o auxílio de um paquímetro com precisão de 0,05mm. Para os corpos de prova de solo laterítico melhorado com ligantes hidráulicos, as três medidas de diâmetro e altura foram realizadas diariamente durante os sete dias de cura em câmara úmida, e a cada cinco dias durante o período de dessecação. As leituras médias de diâmetro e altura foram usadas para calcular o volume dos espécimes ao longo do tempo. As massas também foram coletadas durante o período de secagem e cura.

A Figura 248 apresenta o acondicionamento dos corpos de prova, bem como a mudança de coloração dos mesmos ao perder umidade com a secagem.

Figura 248: Processo de secagem dos corpos de prova



Fonte: De autoria própria

A tensão de contração volumétrica (ϵ_v) foi determinada medindo o volume inicial (V_i) e o volume após vários intervalos de tempo (V_t) usando a Equação 12.

$$\epsilon_v (\%) = \frac{V_i - V_t}{V_i} \times 100 \quad (12)$$

Onde:

- ϵ_v (%) é a contração volumétrica; e
- V_i e V_t os volumes inicial e final em um determinado momento, respectivamente, em mm^3 .

ENSAIO DE SUCÇÃO MATRICIAL

Para a realização dos ensaios de sucção matricial foi utilizada a metodologia do papel filtro proposta pela norma americana ASTM D 5298 (2016). Para a obtenção da sucção matricial foram trabalhados corpos de prova com solo natural e melhorado com ligantes hidráulicos. O papel usado para medir a sucção matricial foi o Whatman®

N°42 com aproximadamente 50mm de diâmetro (Figura 249). O papel foi colocado na estufa, a 60°C, por 24 horas para retirar a umidade presente.

Figura 249: Ensaio de sucção matricial com papel filtro Whatman® N°42



Fonte: De autoria própria

A sucção matricial será medida se o papel filtro estiver em contato físico com o solo. O contato físico entre o solo e o papel de filtro permite a transferência de fluidos, incluindo a transferência de sais que podem ser dissolvidos na água intersticial.

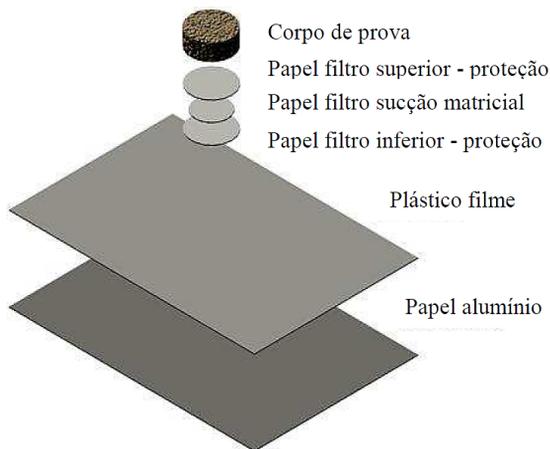
As amostras foram moldadas através de compactação em camada única, na energia equivalente à Proctor Intermediário. Foram utilizados gabaritos de latão (anéis) com dimensões de aproximadamente 2,0cm de altura e 7,0cm de diâmetro, no intuito de garantir a integridade da amostra e facilitar o processo de pesagem.

Considerando o solo natural, os espécimes foram compactados mirando a quantidade de água correspondente a umidade ótima, $\pm 3,0$, $\pm 6,0$ e $\pm 9,0$ pontos percentuais em torno da umidade ótima de compactação. O ensaio foi realizado em triplicata, totalizando 21 corpos de prova.

Considerando o solo melhorado, todos os corpos de prova foram compactados nas mesmas condições visando a umidade ótima. Após o período de sete dias de cura em câmara úmida, as amostras foram submetidas ao processo de saturação por ascensão capilar ou secagem ao ar livre (Figura 251) até se obter, aproximadamente, corpos de prova nas umidades definidas: quantidade de água correspondente a umidade ótima, $\pm 3,0$, $\pm 6,0$ e $\pm 9,0$ pontos percentuais em torno da umidade ótima de compactação. O ensaio foi realizado em triplicata, totalizando, também, 21 corpos de prova.

Após a compactação, foram colocados três papéis de filtro empilhados em contato com a amostra de solo. Os papéis de filtro externos evitam a contaminação do solo do papel de filtro central usado para análise da sucção matricial. Os papéis de filtro externos possuem diâmetro ligeiramente maior do que o papel de filtro central. Isso ajudou a evitar o contato direto do solo com o papel de filtro central. Posteriormente, as amostras com o papel filtro foram envoltas com um plástico filme impermeável e com um papel alumínio (Figura 250). Por fim, cada amostra foi identificada e levada à câmara úmida durante um período de equilíbrio de no mínimo sete dias.

Figura 250: Ensaio de sucção matricial com papel filtro Whatman® N°42





Fonte: De autoria própria

No final do período de equilíbrio, cada papel de filtro central foi pesado na balança de precisão de 0,0001g, colocado em uma cápsula e levado para estufa durante 24h a $110 \pm 5^\circ\text{C}$. Posteriormente, utilizando uma pinça, os papeis foram retirados e pesados (Figura 251). Todo este processo foi concluído em cinco segundos. A chave para medições bem-sucedidas do conteúdo de água do papel de filtro é minimizar a perda ou ganho de água durante seu manuseio.

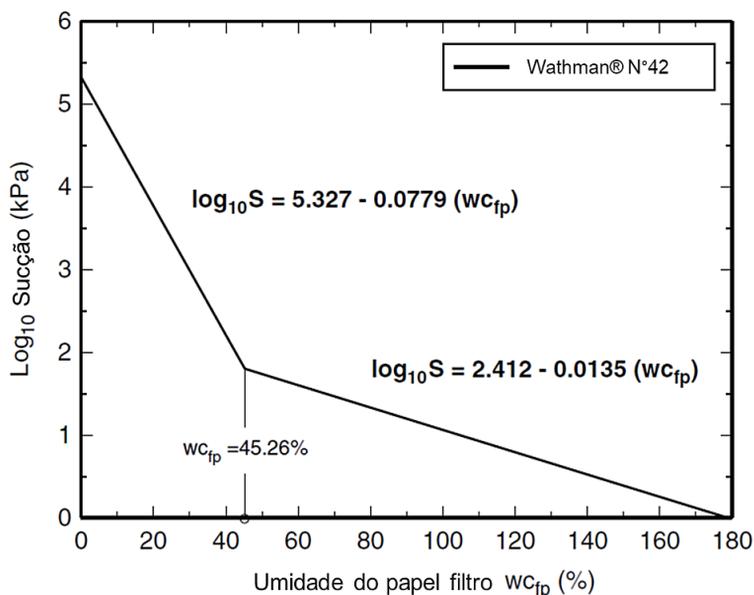
Figura 251: Processo de saturação e secagem dos corpos de prova e pesagem do papel filtro



Fonte: De autoria própria

A diferença entre o peso inicial úmido e o peso final seco fornece a porcentagem de água que o papel ganhou com o contato direto com o solo, correspondente ao fluxo de água capilar. Com a umidade do papel, foi determinada a sucção matricial usando as curvas de calibração para o papel filtro Whatman® N°42 expostas na norma ASTM D 5298 (2016). As equações para a curva de calibração são apresentadas na Figura 252.

Figura 252: Curva de calibração do Whatman® N°42 conforme ASTM D5298/2016



Fonte: Adaptado de KIM *et al.* (2017)

RETRAÇÃO VOLUMÉTRICA E PERDA DE MASSA

Como já mencionado anteriormente, após o processo de moldagem, alguns CPs foram submetidos ao processo de dessecação, com o intuito de avaliar o efeito da retração volumétrica causada por secagem ou dessecação nas propriedades de solos tropicais puros e melhorados com ligantes hidráulicos. Diante disso, para cada corpo de prova moldado com solos puros, três medidas de diâmetro e altura, respectivamente, foram feitas a cada 5 dias, por um período de 15 dias, com o auxílio de um paquímetro com precisão de 0,05 mm.

Já para os solos lateríticos melhorados, as três medidas de diâmetro e altura respectivamente, para cada corpo de prova, foram feitas diariamente durante os 7 dias de cura em câmara úmida, e a cada 5 dias durante o período de dessecação. As leituras médias de

diâmetro e altura foram usadas para calcular a porcentagem de deformação de contração volumétrica. Ressalta-se que além das medidas de diâmetro e altura, as massas durante o período de secagem e/ou cura também foram coletadas.

Os resultados de perda de massa e de retração volumétrica média durante o período de secagem e/ou cura são apresentados nas Figuras 253–255.

Para o solo PE-1, durante o período de 15 dias (360 horas) de dessecação, a contração volumétrica média dos CPs moldados para os ensaios de MR e DP ficou em torno de 2,3%. Com o uso de cal, a retração volumétrica média apresentou uma redução de aproximadamente 30%, ficando em torno de 1,8%.

Para o solo PB-2, durante os 15 dias (360 horas) de dessecação, a contração volumétrica média dos CPs moldados para os ensaios de MR e DP ficou por volta de 1,5%. Com o emprego do cimento, a deformação volumétrica de retração média apresentou uma redução de aproximadamente 20%, ficando em torno de 1,3%.

Por fim, para o solo PB-3, após os 15 dias (360 horas) de dessecação, a contração volumétrica média dos CPs moldados para os ensaios de MR e DP ficou por volta de 1,3%. Com a estabilização, a deformação volumétrica de retração média apresentou uma redução de aproximadamente 22%, ficando em torno de 1,1%.

As mudanças de massa foram mais pronunciadas nos primeiros 5 dias (120 horas) de secagem. Semelhante às variações de massa, não ocorreu alteração significativa na retração de volume após os primeiros 5 dias (120 horas) de secagem, contudo as alterações na retração volumétrica foram muito mais rápidas nos primeiros 5 dias de secagem. Pode-se inferir que a possibilidade de desenvolvimento de trincas de retração é maior nas fases iniciais da construção e, portanto, a cura por um período mínimo de 3 dias resultará em redução da retração das camadas.

Osinubi & Eberemu (2010), analisaram as mudanças de massa e retração volumétrica em um solo laterítico fino marrom avermelhado. Como resultados, os autores verificaram que as mudanças na massa e na contração volumétrica foram rápidas nos primeiros 5 dias de secagem, e essas mudanças foram proporcionais ao teor de

umidade de moldagem e não foram afetadas pela energia de compactação. Ademais, a contração volumétrica aumentou com maior teor de umidade de moldagem e energia de compactação. A tensão de retração volumétrica variou muito entre os lados seco e úmido da linha de ótica, onde aumentou para o lado úmido e diminuiu para o lado seco, onde apresentou tendência de expansão. Resultados semelhantes também foram obtidos por Osinubi & Nwaiwu (2008) e Osinubi *et al.* (2018).

Para os solos melhorados com ligantes hidráulicos, os valores de perda de massa após o período de cura foram ínfimos. Contudo, é importante mencionar que, mesmo controlando a umidade e a temperatura do processo de cura, e, ademais, empregando cal hidratada I (CH-I) e cimento Portland pozolânico (CP IV-32), conferindo menor calor de hidratação a mistura, a retração é um processo natural e foi constatada nos resultados.

Segundo Specht (2000), fissuras por retração volumétrica aparecem, normalmente, durante o processo de cura de solos estabilizados. A redução da retração volumétrica e, conseqüentemente, da fissuração, podem ser alcançadas minimizando-se a retração por secagem nas camadas. A proteção da superfície e o controle de cura são fundamentais para este fim.

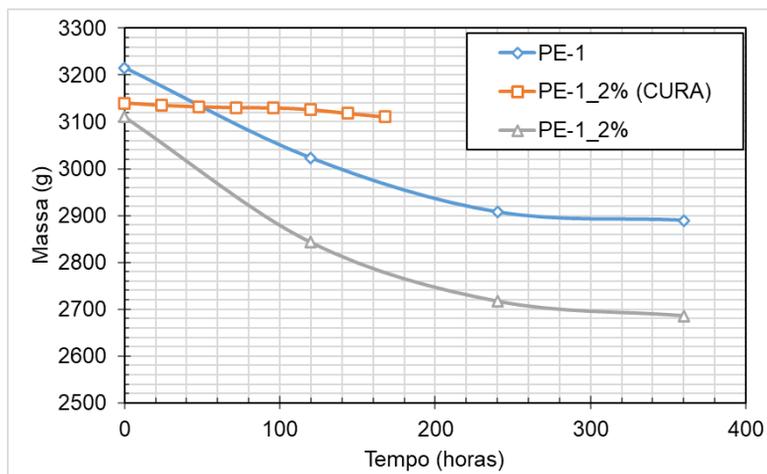
Observando as curvas de retração volumétrica para os solos melhorados, verifica-se, para um maior período de dessecação, uma tendência de estabilização e até decrescente. Uma tímida tendência crescente é observada para o solo PB-2. Mesmo apresentando menores valores de deformação por retração volumétrica, que era esperado, o fato de ser um solo arenoso pode demandar mais tempo para alcançar a estabilidade. Desse modo, a estabilização pode apresentar maior influência quando analisados períodos de secagem maiores, como nos trabalhos elaborados por Osinubi & Eberemu (2010) e Biswal *et al.* (2018a), onde os corpos de prova compactados foram extrudados do molde e secos ao ar por 30 dias.

Biswal *et al.* (2018a) observaram que a secagem de amostras de solos lateríticos granulares com dosagens de cimento de 2 a 8% atinge 90% da retração final em três dias, enquanto o solo laterítico não estabilizado sofre mais de 90% da deformação final em 24h.

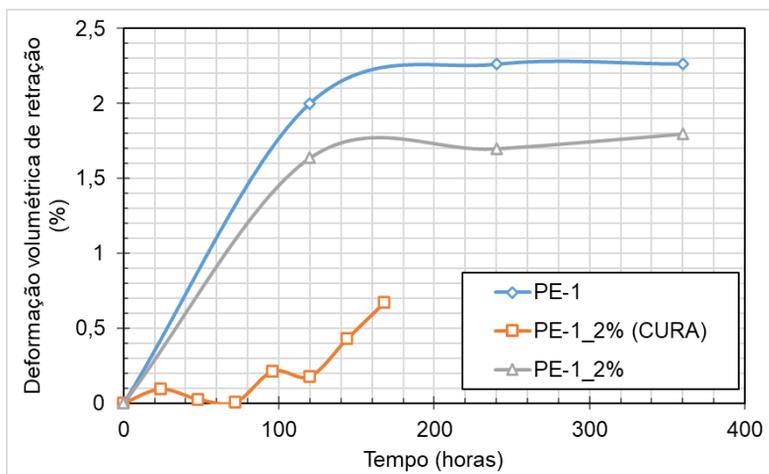
Portanto, pode-se inferir que a possibilidade de desenvolvimento de trincas de retração é mais nos estágios iniciais de construção. Assim, a cura por um período mínimo de 3 dias resultará na redução da contração das camadas.

Biswal *et al.* (2018a) ainda verificaram que a retração do solo não tratado é maior do que o solo tratado, que é reduzido significativamente pela adição de poucas porcentagens de cimento. A adição de 2% de cimento resulta em notável redução da retração. No entanto, a adição de maior dosagem de cimento, ou seja, 6 ou 8% resultam em aumento de deformação a uma taxa lenta. Isso pode ser devido ao aumento do tamanho dos poros quando utilizado maior teor de cimento.

Figura 253: Perda de massa (a) e deformação volumétrica de retração (b) médias durante o período de secagem. Solos PE-1 e PE-1_2%



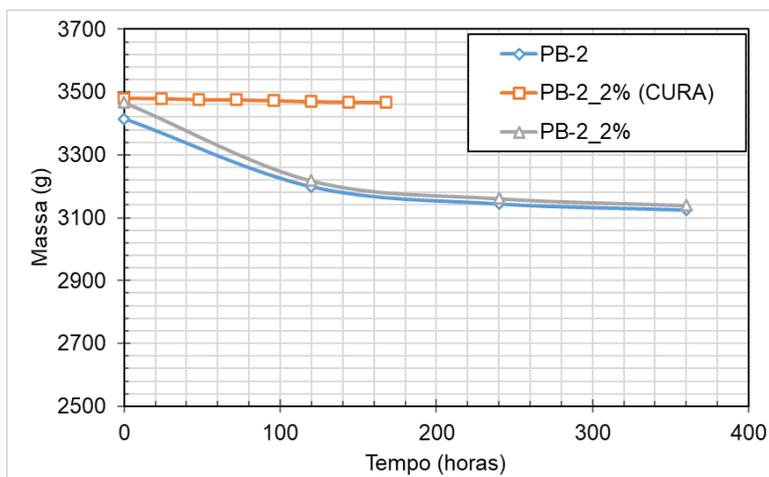
(a)



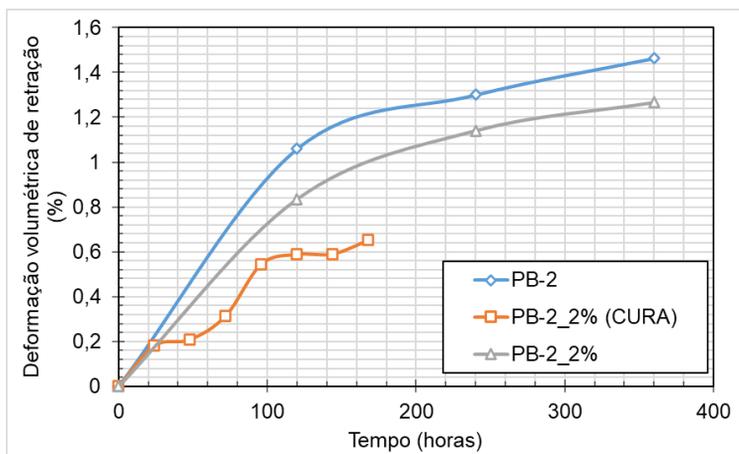
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 254: Perda de massa (a) e deformação volumétrica de retração (b) médias durante o período de secagem. Solos PB-2 e PB-2_2%



(a)

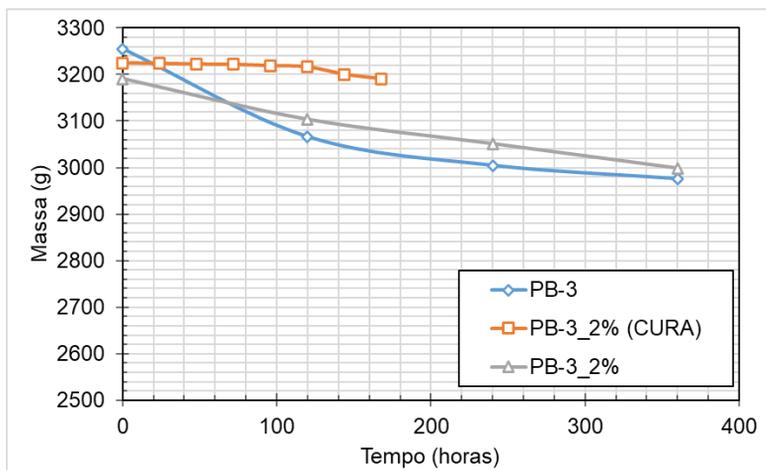


(b)

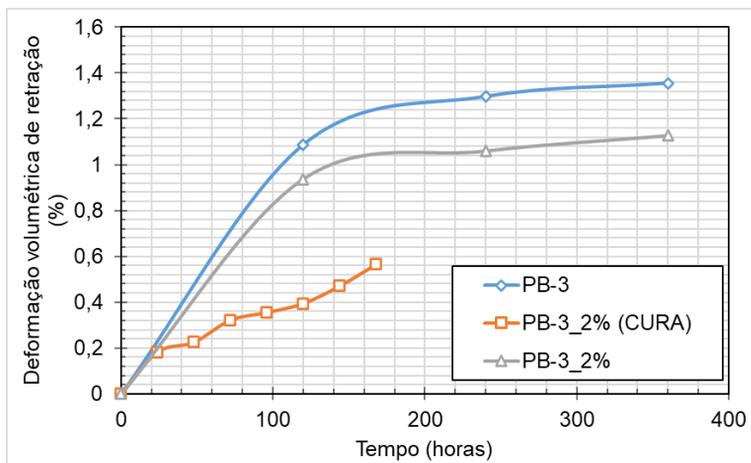
Fonte: De autoria própria

Figura 255: Perda de massa (a) e deformação volumétrica de retração (b) médias durante o período de secagem.

Solos PB-3 e PB-3_2%



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

SUCÇÃO MATRICIAL

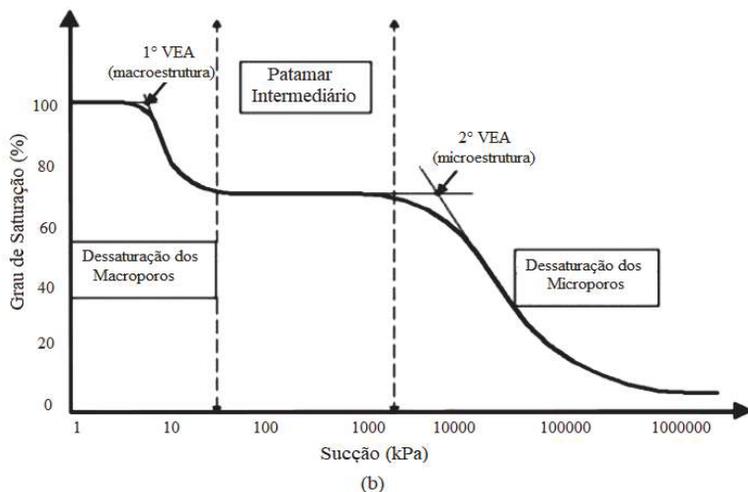
Para analisar a influência da sucção no desempenho mecânico das misturas solo-cal e solo-cimento, foram medidos valores de sucção matricial com uma técnica simples e econômica conhecida como a técnica ou método do papel filtro.

Segundo Silva *et al.* (2020), a curva característica representativa dos solos pouco intemperizados é monomodal e a curva característica representativa dos solos profundamente intemperizados é bimodal. A curva característica bimodal é marcada por duas entradas de ar (VEA), uma nos macroporos (1° VEA) e outra nos microporos (2° VEA), que majoritariamente integram os agregados (Figura 256). Os macroporos definem um primeiro patamar com grandes variações de umidade e pequenas variações de sucção. Em seguida, existe uma zona de transição, e logo após os microporos. A quantidade e distribuição inclusive quanto ao tamanho dos poros definem a inclinação dessa linha de transição, a qual pode ser íngreme, quando da inexistência destes, ou ser suave, quando for significativa a sua presença.

Nos solos tropicais, os agentes atmosféricos e a acidez são

responsáveis pela formação de agregados de partículas, solidificadas ou não por óxidos e/ou hidróxidos de alumínio e/ou ferro. E essas agregações estão conectadas entre si formando macroporos, seja com os mesmos cimentos ou através de pontes de argila, o que provoca uma distribuição bimodal de poros neste meio. No caso dos solos tropicais, o intemperismo e a acidez são responsáveis pela formação de agregações de partículas cimentadas ou não por óxidos e/ou hidróxidos de alumínio e/ou ferro. Estas agregações por sua vez se ligam umas às outras formando macroporos, seja por estes mesmos cimentos, seja por pontes de argila, dando assim origem a distribuição bimodal de poros desse solo (CAMAPUM & LEROUEIL, 2004).

Figura 256: Parâmetros da curva característica bimodal



Fonte: Adaptado de Feuerharmel *et al.* (2005) por Silva *et al.* (2020)

A Equação 13, utilizada para representação matemática da curva de retenção de água dos dados experimentais, foi proposta por Durner (1994), que modificou a equação de van Genuchten a fim de estender seu uso para curvas bimodais, típicas de solos tropicais conforme mostrado a seguir. Tal modelo apresenta sete parâmetros

a serem estimados e dois pontos de inflexão.

$$Se = [1+(\alpha_1 h)^{n_1}]^{-m_1} + (1-w_1)[1+(\alpha_2 h)^{n_2}]^{-m_2} \quad (13)$$

Os parâmetros são: w_1 é um fator de ponderação ($0 < w_1 < 1$); α_1 está relacionado ao valor de entrada de ar para os macroporos, n_1 é a inclinação da linha que relaciona a umidade e a sucção dos macroporos; m_1 é a inclinação da linha que relaciona umidade e sucção na região de transição; α_2 está relacionado ao valor de entrada de ar para os microporos, n_2 é a inclinação da linha que relaciona a umidade e a sucção dos microporos; m_2 é a inclinação da linha que relaciona a umidade e a sucção após o valor de umidade higroscópica do solo.

Em outras palavras, conforme Sírío *et al.* (2020), α_1 e α_2 são parâmetros que conferem dupla porosidade, um da estrutura do solo (agregados ou macroporos) e outro, da textura do solo (microporos), respectivamente. Já n_1 , n_2 , m_1 e m_2 são os parâmetros de ajuste de curvatura do modelo, os dois primeiros, do platô assintótico de saturação ao intermediário, e os dois últimos, entre o platô intermediário e o residual. O parâmetro m_1 é obtido de n_1 : $m_1 = 1 - (1/n_1)$.

A curva de retenção de água no solo é descrita pela função de retenção de água, $\theta(h)$, que expressa a relação entre a umidade gravimétrica (θ) e a sucção matricial (h). O grau de saturação efetiva (S_e) é definido por $\frac{\theta - \theta_r}{\theta_s - \theta_r}$, onde S_e é adimensional; θ é a umidade relativa do solo; θ_r é a umidade residual; e θ_s é a umidade na saturação. Portanto, $\theta = \theta_r + (\theta_s - \theta_r) S_e$.

As curvas características são geralmente plotadas colocando-se a sucção em função da umidade gravimétrica, da umidade volumétrica ou do grau de saturação. No presente trabalho, será empregado o modelo Duplo van Genuchten e se trabalhará nas análises com a umidade gravimétrica.

As Figuras 257–259 apresentam as curvas de retenção de água no solo determinadas pelo método do papel filtro e ajustados no modelo Duplo van Genuchten. Na Tabela 38 são apresentados os parâmetros determinados com o programa *SWRC Fit*, que realiza o ajuste

não linear de curvas de retenção de água no solo.

O modelo se ajustou com excelente aproximação aos dados obtidos pelo método do papel filtro, onde obtiveram coeficientes de determinação (R^2) acima de 0,95. Em geral, para os solos arenoso e pedregulhoso, o primeiro valor de entrada de ar ocorre para pequenos valores de sucção, em função da textura grossa e da elevada porosidade do solo. Contudo, uma vez atingido o 1° VEA, a dessaturação acontece rapidamente. Para o solo fino, o valor de entrada de ar é maior devido principalmente ao menor diâmetro dos macroporos.

Para solos intemperizados, os macroporos apresentam um valor de entrada de ar entre 2,5 e 4,0 kPa, enquanto os microporos entre 7000 e 10500 kPa (ARAÚJO, 2010). Camapum & Leroueil (2004), no entanto, verificaram valores de entrada de ar nos macroporos geralmente inferior a 10 kPa, e uma entrada de ar nos microporos que compõem os agregados geralmente superior a 1000 kPa, a depender da microestrutura do solo.

Para os solos naturais, é evidente a presença nítida do patamar intermediário. A exceção é o solo PB-2, fino e argiloso, onde o patamar intermediário é mal definido. Segundo Scariot (2018), a relação não gradual entre a sucção e a quantidade de água retida para os solos arenosos, deve-se, também, a presença de poros maiores e mais conectados, quando comparados aos solos argilosos. No patamar intermediário é onde o aumento da sucção não provoca uma variação significativa no teor de umidade, pela inexistência de poros de tamanho intermediário e devido à alta capacidade da microestrutura em reter água (Feurharmel, 2007).

Com a estabilização, os solos mesmo os com granulometria grossa apresentaram curvas mais suaves, que é típico de solos com teor de finos maior, como as argilas. Os solos de granulometria mais grossa, como pedregulhos ou areias, apresentam largos poros interconectados e uma brusca variação no grau de saturação com a sucção (curva mais íngreme). O início do estágio residual de não saturação nesses solos é bem definido. Os solos com teor de finos maior, como as argilas, tendem a apresentar uma curva mais suave e conseqüentemente uma maior capacidade de armazenar água (Feurharmel, 2003).

Uma forma bimodal, ou seja, com descontinuidades ao longo da

curva geradas por importantes variações entre tamanhos de poros, indicam perda de homogeneidade na distribuição, sendo que em cada segmento modal essa curva pode ser mais ou menos horizontalizada a depender do nível de uniformidade ou graduação dos poros, e o trecho entre eles será mais ou menos verticalizado a depender dos poros intermediários existentes no solo (Camapum & Leroueil, 2004).

Nota-se também que os solos PE-1 e PE-1_2%, mesmo sendo solos tropicais, não apresentando nitidez do platô intermediário, tendem a apresentar comportamento de curva unimodal suave. Com isso, foi realizada, também, a representação matemática da curva de retenção de água dos dados experimentais por meio da equação unimodal de van Genuchten (Figura 260). O modelo também se ajustou com excelente aproximação, onde obtiveram coeficientes de determinação (R^2) acima de 0,95. Segundo Weber (2013), a tendência de curva unimodal é típica para solos compactados, uma vez que eles perdem suas estruturas naturais e modificam a microestrutura e macroestrutura.

Observa-se que a 2º VEA, que está relacionado aos microporos, aumentou com o emprego do estabilizante. A exceção foi o solo pedregulhoso (PB-3) que, quando tratado com cimento, apresentou baixos valores de entrada de ar. Isso pode estar relacionado aos valores de teor de umidade empregados no ensaio, no qual foram diferentes pois levaram em consideração a umidade ótima de cada mistura. As amostras de solos PB-3_2% foram moldadas com os maiores valores de umidade inicial. Segundo Zhang *et al.* (2016), a sucção correspondente aos pontos de curvatura máxima (VEA) diminui com a diminuição das densidades secas de compactação. Weber (2013) afirma que a umidade de compactação influencia diretamente a estrutura do solo e que, apesar de tratar-se do mesmo solo, podem ser considerados materiais diferentes.

Em suma, a maioria dos autores concorda que a estabilização resulta em tamanhos de partícula bem ligados e compactados, aumentando o valor de entrada de ar (Eyo *et al.*, 2022). Hoyos *et al.* (2007) observaram um aumento no valor de entrada de ar atribuído ao maior efeito de adesão e redução de poros causados pela estabilização com cimento. Yang *et al.* (2011) também relataram um aumento no VEA e, portanto, a retenção de umidade observada visualmente como um achatamento

da inclinação à medida que a quantidade de cal aumentava. O aumento das porcentagens dos estabilizantes aumentou o VEA, no entanto, o VEA obtido do tratamento com cal foi relativamente menor do que o do tratamento com cimento para a mesma quantidade de ambos os estabilizadores usados (Eyo *et al.*, 2022).

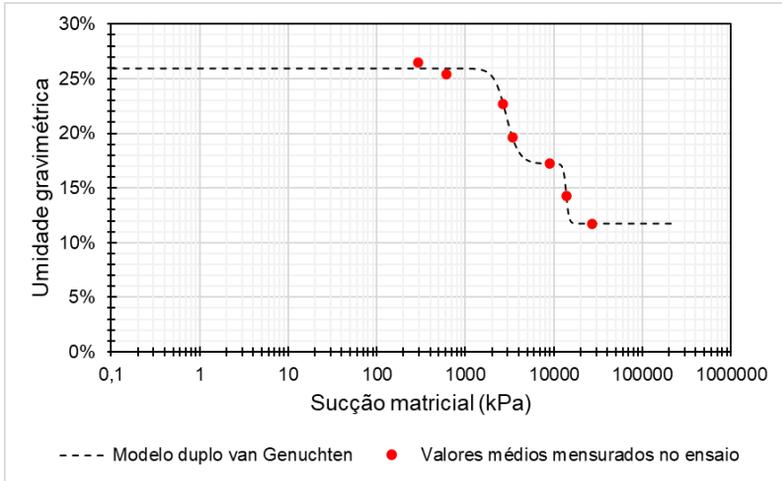
O tratamento ou estabilização pode afetar a capacidade de um solo de reter umidade. O aumento da retenção de umidade ocorre geralmente com o aumento da proporção de estabilizante e sua finura (EYO *et al.*, 2022). Zhang *et al.* (2016), por sua vez, revelaram que o tratamento com cal aumentou a estabilidade volumétrica, mas reduziu a capacidade de retenção de água devido a uma estrutura mais aberta possibilitada pelos efeitos de floculação e ligação química. A determinação do nível de sucção é importante para compreender o comportamento mecânico do solo tanto no estado natural como estabilizado quimicamente. Os estabilizantes químicos podem contribuir para a diminuição dos índices de vazios influenciando nas forças de adsorção de água e conseqüentemente no potencial de sucção, afetando tanto a compressibilidade quanto a resistência ao cisalhamento dos solos (Scariot, 2018).

Tabela 38: Parâmetros de ajuste da curva de retenção

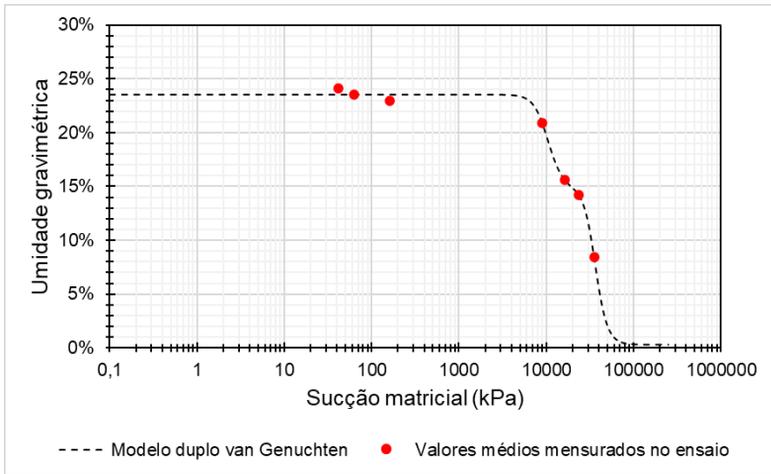
Parâmetro	Amostra					
	PE-1	PE-1_2%	PB-2	PB-2_2%	PB-3	PB-3_2%
1° VEA (kPa)	1000~3000	4000~10000	20~100	8~30	1000~2000	5~20
2° VEA (kPa)	10000~20000	20000~30000	8000~20000	10000~30000	10000~30000	100~1000
θ_s	0,2594	0,2353	0,1587	0,1839	0,1458	0,2422
θ_t	0,11747	0,00304	0,02918	2,26E-33	2,80E-14	1,00E-10
w_t	0,6154	0,3800	0,2888	0,6338	0,3460	0,3669
α_t	0,00035614	0,00009950	0,01941900	0,02554500	0,00048571	0,06875900
n_t	6,5780	5,4640	8,4979	1,2318	8,0000	3,6318
α_s	7,2685E-05	2,8172E-05	3,9530E-05	3,6894E-05	1,9710E-05	7,9626E-04
n_s	27,8860	6,8298	2,5234	8,0000	2,9327	1,2886
m_t	0,8480	0,8170	0,8823	0,1882	0,8750	0,7247
m_s	0,9641	0,8536	0,6037	0,8750	0,6590	0,2240
R^2	0,9940	0,9967	0,9940	0,9950	0,9849	1,0000

Fonte: De autoria própria

Figura 257: Curva bimodal de retenção de água no solo: (a) PE-1; (b) PE-1_2%



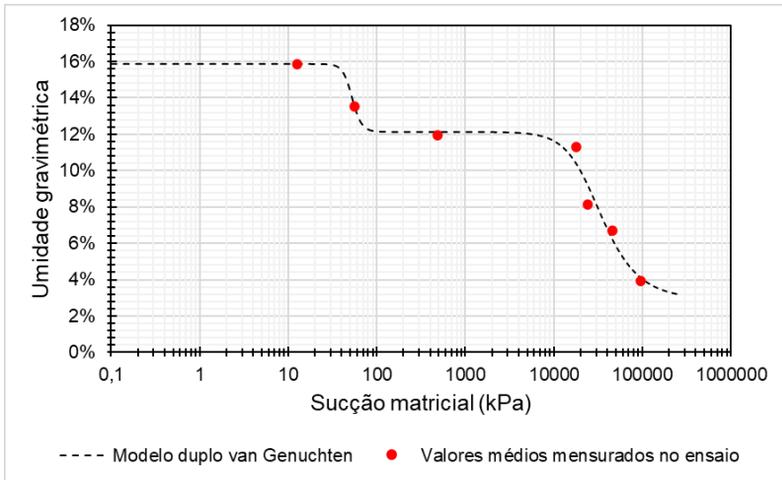
(a)



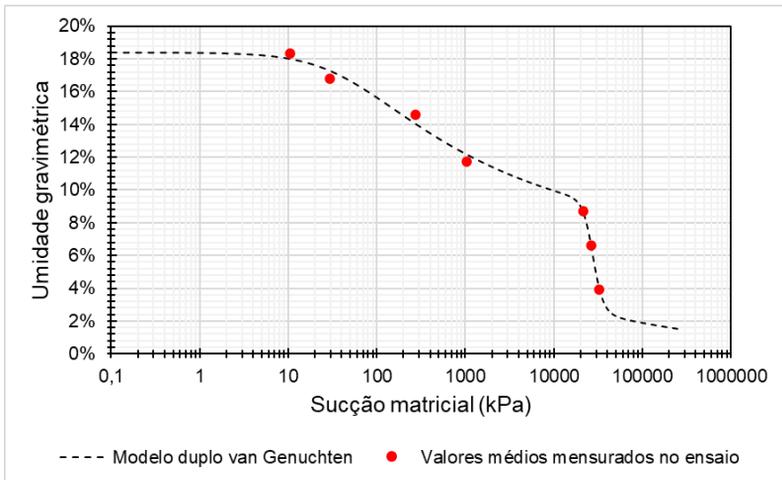
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 258: Curva bimodal de retenção de água no solo: (a) PB-2; (b) PB-2_2%



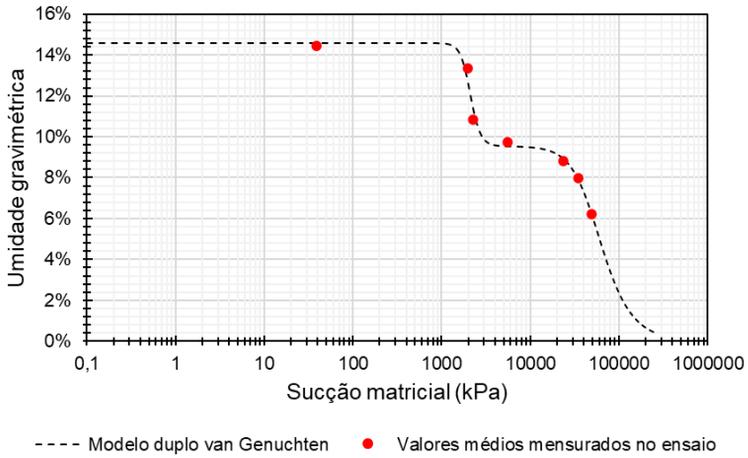
(a)



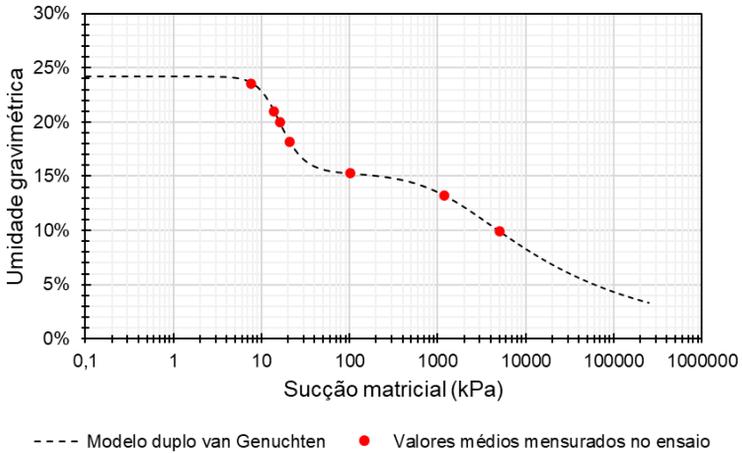
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 259: Curva bimodal de retenção de água no solo: (a) PB-3; (b) PB-3_2%



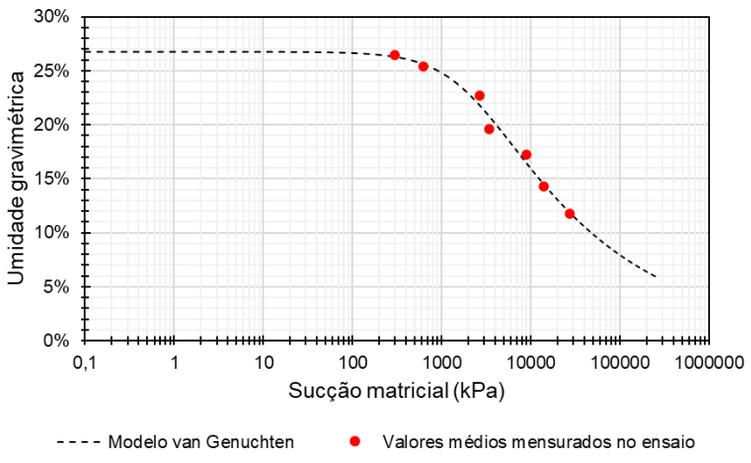
(a)



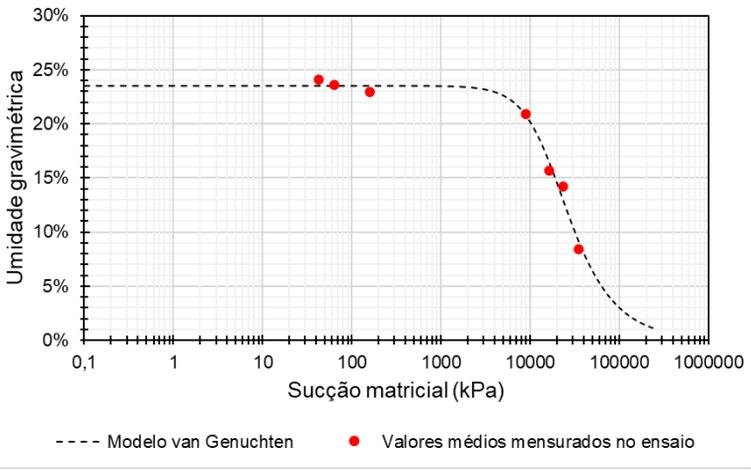
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 260: Curva unimodal de retenção de água no solo: (a) PE-1; (b) PE-1_2%



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

MÓDULO DE RESILIÊNCIA

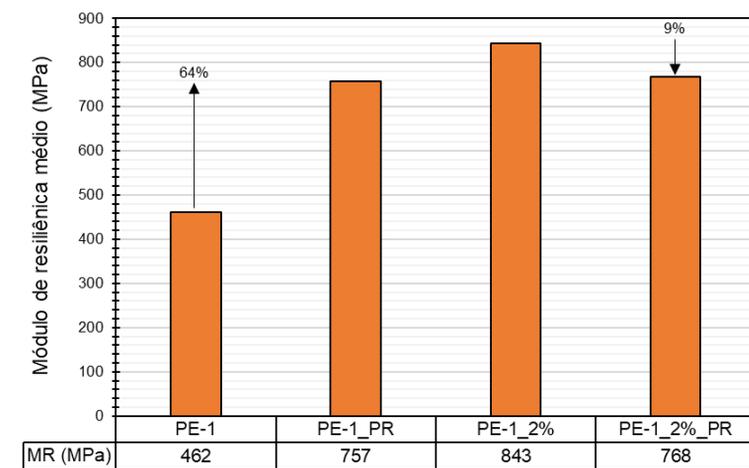
Para o módulo de resiliência (MR) dos solos naturais e melhorados com ligantes hidráulicos após o período de retração (sigla PR), os resultados para os modelos σ_3 e σ_d e modelo composto são expostos nas Figuras 264–275. Além disso, a Tabela 40 resume os valores dos módulos de resiliência mínimo, máximo e médio dos solos PE-1, PB-2 e PB-3 nos seus estados natural e melhorado após o período de retração. São indicados também os parâmetros de regressão k e os coeficientes de determinação R^2 dos modelos σ_3 (tensão confinante), σ_d (tensão desvio) e composto (tensão confinante e tensão desvio).

SOLO PE-1

Os maiores valores de MR médio foram obtidos para CPs com solo PE-1_2%. Comparando os valores de MR dos solos antes e depois do período de retração volumétrica, verifica-se que os CPs com solo PE-1_PR apresentaram valores de MR consideravelmente superiores aos obtidos nos CPs com solo PE-1, com crescimento de quase 70% considerando o MR médio. Os CPs com solo PE-1_2%_PR, no entanto, quando comparados aos obtidos nos CPs com solo PE-1_2%, apresentaram redução de aproximadamente 10% considerando o MR médio (Figura 261).

Analisando o modelo composto, que obteve melhores ajustes, se verificou uma tendência de aumento da influência da tensão de confinamento no módulo de resiliência, indicada pelo aumento de k_2 . Já o coeficiente k_3 , que é expoente da tensão desvio, continuou negativo, sem significativa variação com o processo de dessecação. Isso indica que σ_d crescente causa diminuição do módulo de resiliência.

Figura 261: Variação do módulo de resiliência médio com o processo de retração volumétrica. Solo PE-1



Fonte: De autoria própria

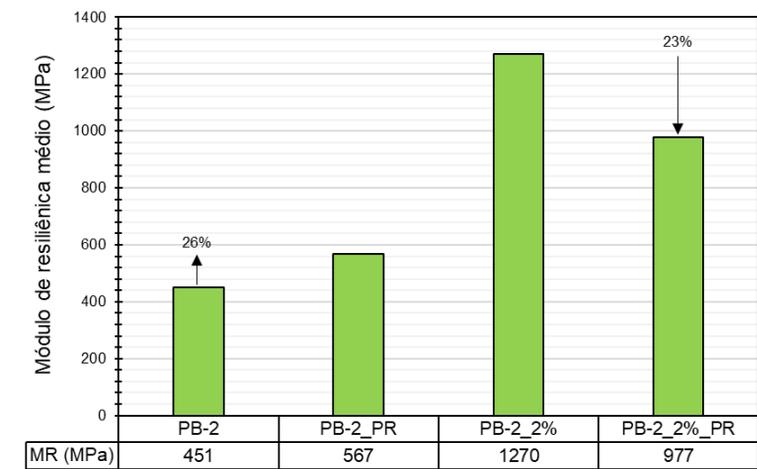
SOLO PB-2

Da mesma forma, os maiores valores de MR foram obtidos para CPs com solo PB-2_2%. Comparando os valores de MR dos solos antes e depois do período de retração volumétrica, verifica-se que os CPs com solo PB-2_PR apresentaram valores de MR superiores aos obtidos nos CPs com solo PB-2, com aumento de aproximadamente 30% considerando o MR médio. Entretanto, os CPs com solo PB-2_2%_PR apresentaram decréscimo do MR, quando comparados aos obtidos nos CPs com solo PB-2_2%, com uma redução em torno de 20% considerando o MR médio (Figura 262).

Na análise dos coeficientes de regressão do modelo composto, observa-se comportamentos distintos. Para o solo natural, se verificou uma tendência de aumento da influência da tensão de confinamento no módulo de resiliência, indicada pelo aumento de k_2 . O coeficiente k_3 , que antes processo de secagem era negativo, ficou positivo, indicando que o aumento na tensão desvio provoca também aumento no MR. Já para o solo tratado, as variações foram ínfimas. Contudo, vale

ressaltar que o coeficiente k_3 , relacionado a tensão desvio, apresentou valores próximos de zero, ou seja, não indicando influência nos valores de MR do solo.

Figura 262: Variação do módulo de resiliência médio com o processo de retração volumétrica. Solo PB-2



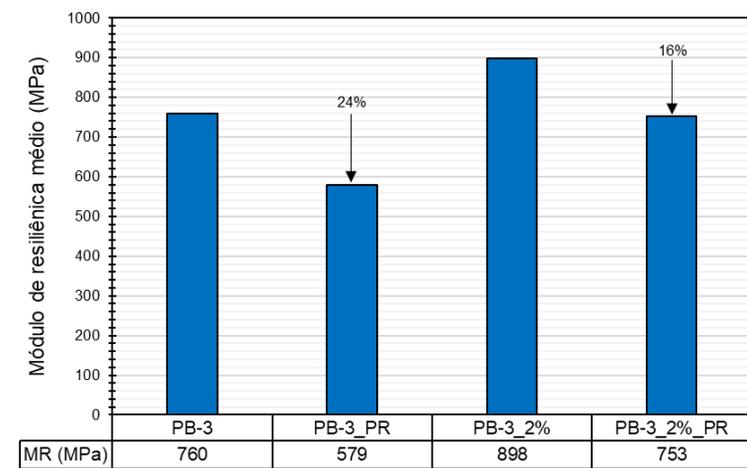
Fonte: De autoria própria

SOLO PB-3

Novamente, os maiores valores de MR foram obtidos para CPs com solo PB-3_2%. Comparando os valores de MR dos solos antes e depois do período de retração volumétrica, verifica-se que o período de secagem influenciou negativamente nos valores MR para todos os casos, com redução próxima de 20% (Figura 263).

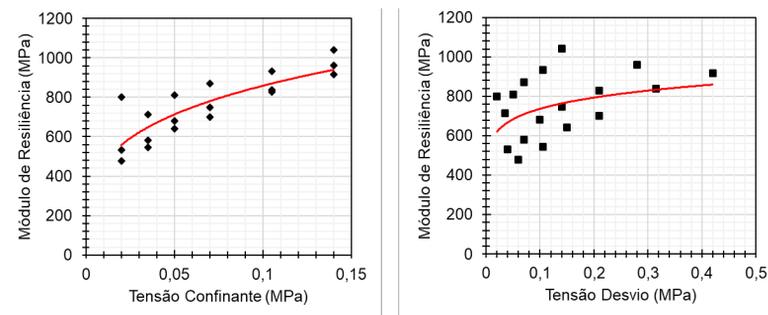
Na análise dos coeficientes de regressão do modelo composto, se verificou uma tendência tímida de aumento da influência da tensão de confinamento no módulo de resiliência, indicada pelo aumento de k_2 . O coeficiente k_3 , relacionado a tensão desvio, apresentou valores próximos de zero após a secagem, indicando que o processo de retração volumétrica reduz e basicamente anula a influência da tensão desvio nos valores de MR do solo.

Figura 263: Variação do módulo de resiliência médio com o processo de retração volumétrica. Solo PB-3



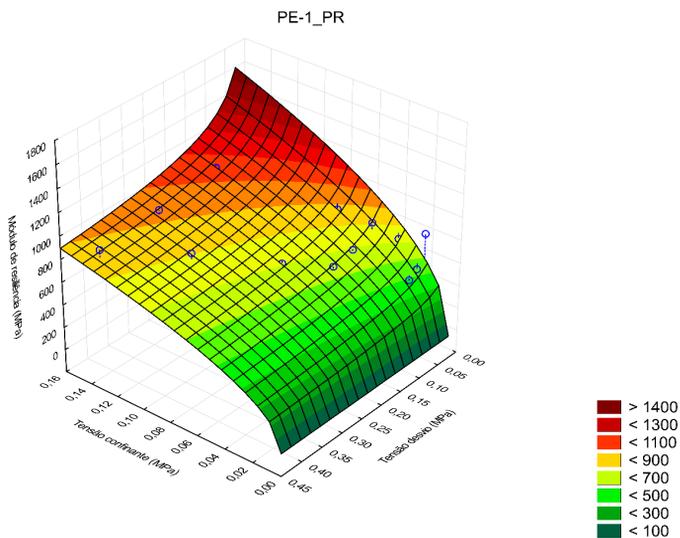
Fonte: De autoria própria

Figura 264: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1_PR



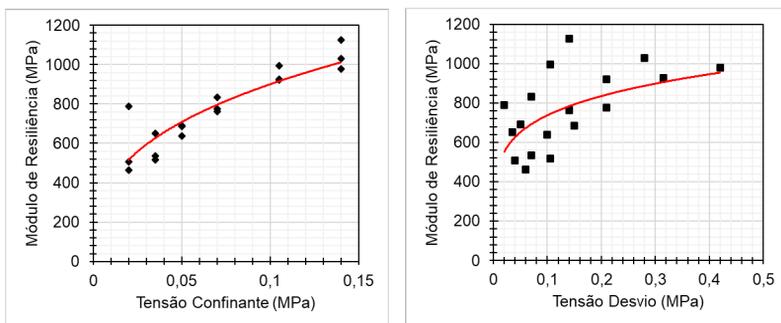
Fonte: De autoria própria

Figura 265: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1_PR



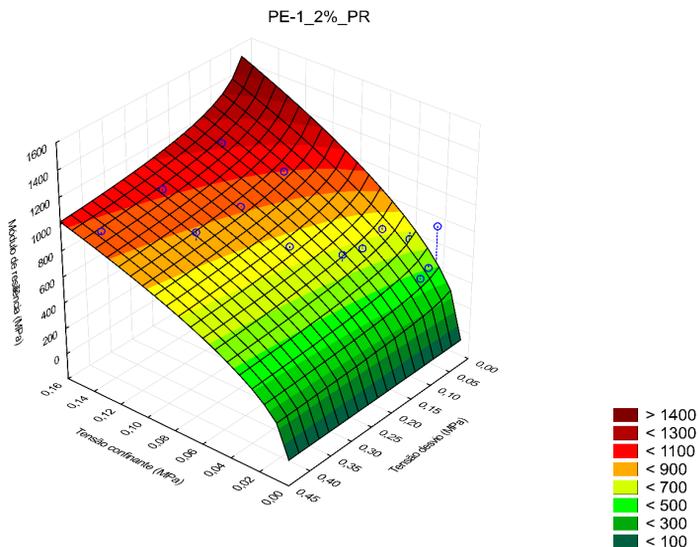
Fonte: De autoria própria

Figura 266: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PE-1_2%_PR



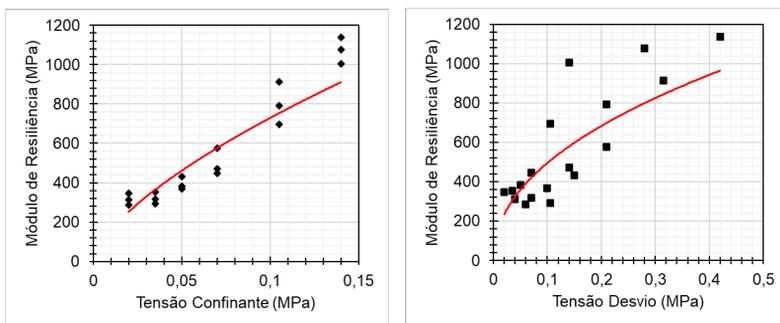
Fonte: De autoria própria

Figura 267: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PE-1_2%_PR



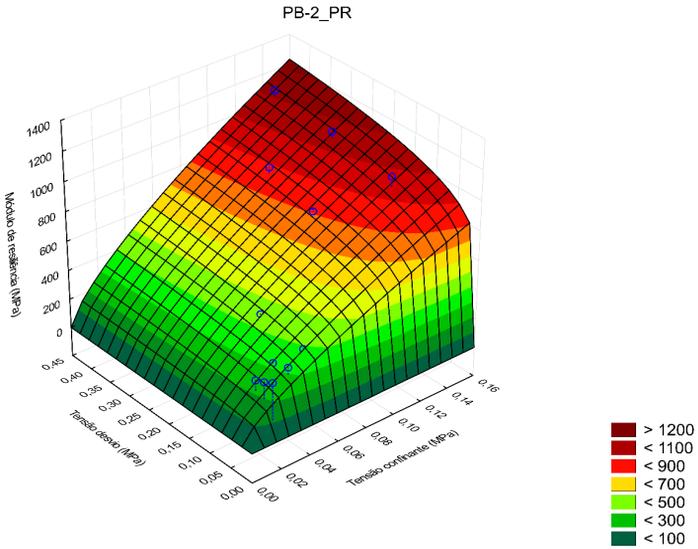
Fonte: De autoria própria

Figura 268: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2_PR



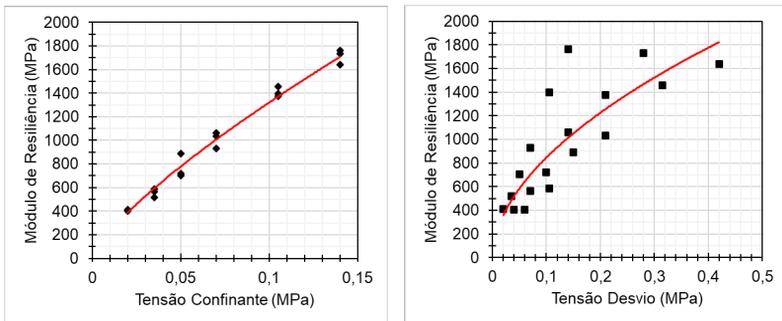
Fonte: De autoria própria

Figura 269: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2_PR



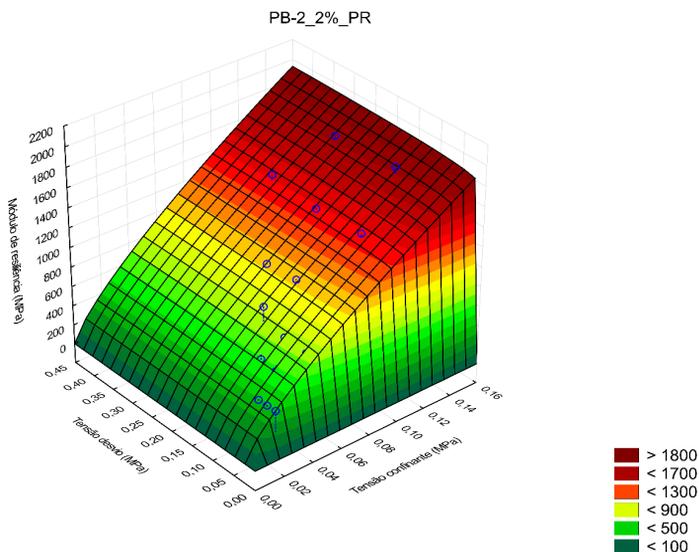
Fonte: De autoria própria

Figura 270: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-2_2%_PR



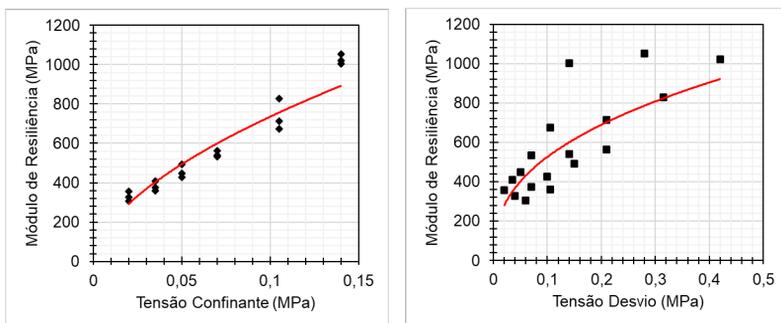
Fonte: De autoria própria

Figura 271: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-2_2%_PR



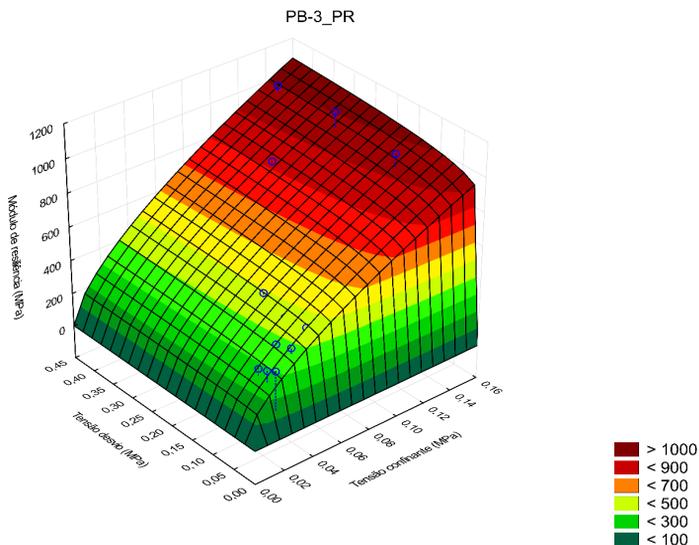
Fonte: De autoria própria

Figura 272: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3_PR



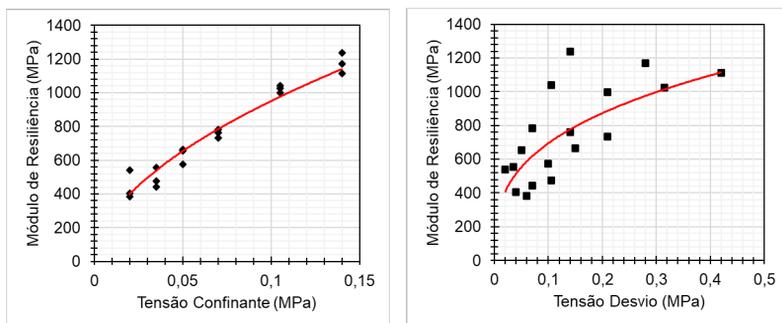
Fonte: De autoria própria

Figura 273: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3_PR



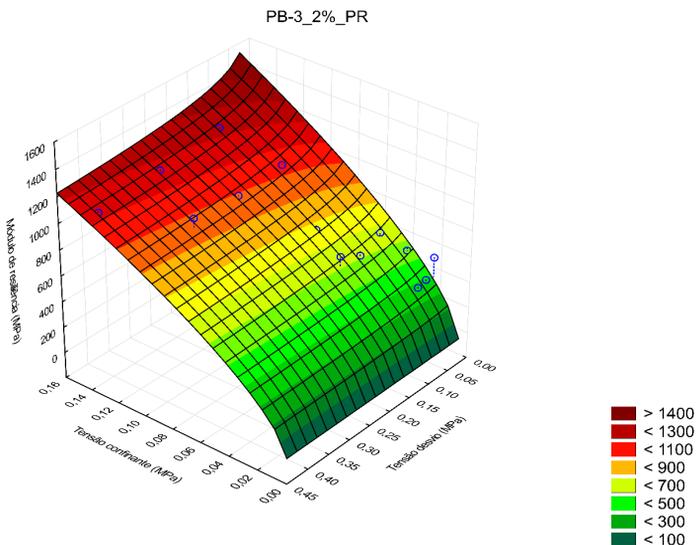
Fonte: De autoria própria

Figura 274: Curvas de ajuste usando os modelos σ_3 e σ_d para o solo PB-3_2%_PR



Fonte: De autoria própria

Figura 275: Superfície de ajuste usando o modelo composto para o solo PB-3_2%_PR



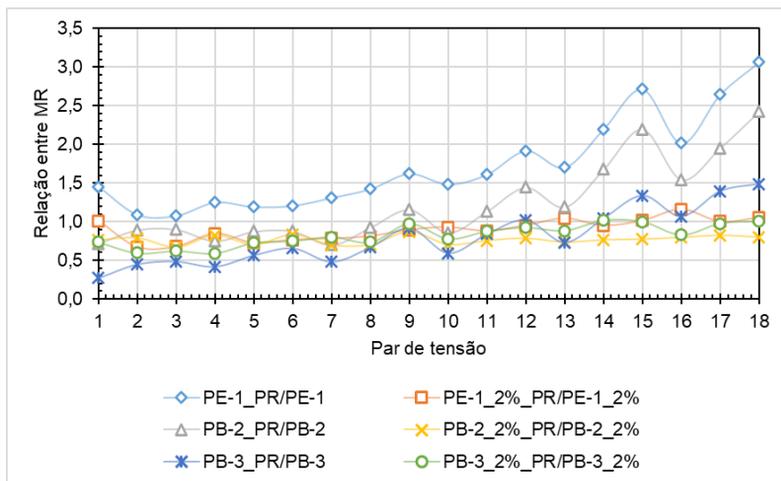
Fonte: De autoria própria

A Figura 276 mostra a razão entre o comportamento resiliente solos *in natura* e melhorados, antes e após o processo de retração volumétrica, para cada par de tensões. Em resumo, fica evidente a positiva influência do período de retração nos resultados de módulo de resiliência dos solos naturais. A exceção foi o solo pedregulhoso PB-3, que possui vazios maiores e menor teor de finos, portanto tem menor capacidade de reter umidade e menor valor de sucção quando comparado aos outros solos.

Para os solos melhorados com ligantes hidráulicos, o período de retração apresenta influência negativa nos valores de MR médio. Isso evidencia que após o período de cura em câmara úmida, a exposição dos CPs ao processo de dessecação reduziu gradativamente a umidade e conseqüentemente reduziu a ocorrência de reações físico-químicas de longo prazo. No solo PE-1_2%, vale ressaltar, a influência não foi considerável, visto que esse solo apresenta maior capacidade

de reter umidade.

Figura 276: Relação entre o MR dos solos *in natura* e melhorados, antes e após o processo de retração volumétrica



Fonte: De autoria própria

Analisando os parâmetros de regressão, os valores de k_2 aumentaram após o período de retração. Além do mais, todos os solos apresentaram valores de k_2 superiores aos de k_3 . Segundo Takeda (2006), em solos mais secos, a tendência é de maiores valores de k_2 quando comparados aos valores de k_3 . Esses fatos podem ser explicados pelo aumento da sucção com a diminuição da umidade. Finalmente, fica exposto que a cimentação das partículas produzida pela estabilização tem o efeito de reduzir a dependência do MR com estado de tensões, principalmente da tensão desvio.

Takeda (2006), observou que a secagem produziu um aumento no valor de MR, e quanto menor a umidade, maior o MR. O aumento médio observado no valor de MR foi de 245%, podendo este aumento chegar a níveis próximos a 700% em alguns materiais. Além disso, do ponto de vista da gênese, o autor verificou pouca influência nos resultados de aumento ou diminuição do módulo de resiliência

durante os processos de secagem. De acordo com Khoury *et al.* (2009); Ribeiro (2013); Ribeiro *et al.* (2014); e Santos *et al.* (2019), quando comparados aos resultados na umidade ótima, os valores de MR aumentaram significativamente após o processo de secagem, com valores chegando a aproximadamente 94%.

Gonçalves (1999), ao analisar materiais argilosos de comportamento laterítico, observou um ganho de resistência com a secagem, de modo que a mesma funcionou como uma energia de compactação complementar. Verificou também um efeito benéfico com a perda de umidade em solos lateríticos compactados, diminuindo sua potencialidade à expansão. Segundo o autor, corpos de prova ensaiados após período de dessecação, apresentam valores de módulo de resiliência superiores, sendo esse acréscimo na ordem de 50%.

A partir da relação da sucção com o teor de umidade dos solos em estudo, obtido pelo método do papel filtro, foi possível determinar a relação entre o módulo de resiliência e a sucção. A Tabela 39 apresenta o MR médio, a umidade e a sucção matricial para cada uma das condições avaliadas.

Tabela 39: Relação entre o teor de umidade, sucção matricial e módulo de resiliência médio dos solos em estudo

Amostra	Umidade (%)	Sucção matricial (kPa)	MR _{médio} (MPa)
PE-1	19,60	3412	462
PE-1_PR	10,54	> 250000	757
PE-1_2%	21,00	8888	843
PE-1_2%_PR	7,65	36496	768
PB-2	8,80	26264	451
PB-2_PR	0,35	> 250000	567
PB-2_2%	11,00	2968	1270
PB-2_2%_PR	1,36	> 250000	977
PB-3	15,70	< 0,1	760
PB-3_PR	7,78	35848	579
PB-3_2%	19,00	18	898
PB-3_2%_PR	12,88	1422	753

Fonte: De autoria própria

Com o processo de secagem, os solos apresentaram variação significativa da umidade. Isso retrata a considerável variação da sucção. Uma análise mais precisa poderia ser feita analisando valores de umidade presentes no intervalo entre a umidade residual e a umidade na saturação. Além disso, em determinadas situações verificaram-se algumas incongruências nos valores de sucção auferidos, possivelmente associadas à presença do patamar intermediário em curvas características bimodais ou em decorrência do próprio ajuste matemático, que eventualmente podem acabar projetando esses valores. Todavia, tais discrepâncias não impactam, de modo geral, nas análises (Santos, 2020).

Tabela 40: MR e coeficientes de regressão dos materiais antes e após processo de retração

Amostra	MR _{mínimo} (MPa)	MR _{médio} (MPa)	MR _{máximo} (MPa)	MR = k ₁ · σ ₃ ^{k₂}			MR = k ₁ · σ _d ^{k₂}			MR = k ₁ · σ ₃ ^{k₂} · σ _d ^{k₃}			
				k ₁	k ₂	R ²	k ₁	k ₂	R ²	k ₁	k ₂	k ₃	R ²
				PE-1	299	462	618	298,44	-0,15	0,16	274,24	-0,22	0,63
PE-1_2%	675	843	1028	1344,10	0,17	0,79	1008,76	0,08	0,31	1408,32	0,24	-0,07	0,87
PE-1_PR	479	757	1041	1591,30	0,27	0,66	943,02	0,11	0,16	1777,01	0,46	-0,20	0,89
PE-1_2%_PR	463	768	1126	1996,72	0,35	0,76	1115,19	0,18	0,30	2254,30	0,49	-0,13	0,87
PB-2	319	451	649	762,99	0,19	0,40	468,46	0,03	0,01	932,98	0,51	-0,32	0,94
PB-2_2%	515	1270	2215	9335,38	0,74	0,98	3565,99	0,51	0,63	9348,81	0,75	-0,02	0,98
PB-2_PR	286	567	1137	3341,03	0,66	0,86	1442,57	0,46	0,63	5118,90	0,72	0,14	0,94
PB-2_2%_PR	404	977	1762	7644,38	0,76	0,98	2900,76	0,54	0,72	7838,10	0,76	0,02	0,99
PB-3	536	760	1329	670,76	-0,03	0,01	495,35	-0,18	0,35	771,13	0,41	-0,50	0,81
PB-3_2%	607	898	1494	2197,88	0,32	0,72	1216,44	0,15	0,22	2803,03	0,59	-0,23	0,90
PB-3_PR	306	579	1053	2757,31	0,57	0,92	1293,36	0,39	0,63	3621,28	0,64	0,05	0,94
PB-3_2%_PR	384	753	1238	3299,81	0,54	0,92	1483,94	0,33	0,51	3795,39	0,65	-0,08	0,97

Fonte: De autoria própria

Corroborando com Kern (2022), para a energia intermediária se verificou que o aumento do MR com

a sucção não foi tão expressivo, sendo que após certo ponto o valor de MR diminui ou aparenta se manter constante. Essas variações do MR com a sucção nos indicam que a umidade ótima de compactação resulta nas melhores condições de rigidez frente a esta janela de variação permitida pela legislação brasileira ($\pm 2\%$ em relação a umidade ótima). Em alguns casos (dependendo da natureza do solo) uma umidade menor pode trazer uma maior rigidez, porém a preferência pela compactação no teor ótimo apresenta mais benefícios.

Mesmo apresentando aumento no valor da sucção matricial com o processo de secagem, em alguns casos, como já mencionado anteriormente, o valor de MR apresentou redução. Isso é mais evidente no solo PB-3, que possui maior índice de vazios e menor teor de finos, e conseqüentemente tem menor capacidade de reter umidade e menor valor de sucção quando comparado aos outros solos. Isso corrobora com Edil & Motan (1979); Rodrigues (1997); Gehling *et al.* (1998); Ceratti *et al.* (2004), que verificaram que valor do módulo de resiliência aumenta até para valores de sucção denominados de crítico por estes autores. Acima desse valor crítico de sucção, o MR se torna constante ou reduz.

Finalmente, a sucção depende, além do teor de umidade, de outros fatores como granulometria, mineralogia e estrutura, que, como visto, interferem diretamente na curva característica dos solos, refletindo em comportamentos resilientes bastante distintos em face do umedecimento e/ou secagem. Ademais, a rigidez dos solos e a umidade encontra-se fortemente associada à sucção. Na verdade, além de ser um parâmetro explicativo do comportamento dos solos parcialmente saturados, a sucção retrata as oscilações de rigidez em função do teor de umidade de uma forma muito mais adequada do que o próprio teor de umidade, pois contempla outros fatores intervenientes na deformabilidade elástica dos solos, devendo ser considerada na previsão da rigidez desses materiais (Santos, 2020).

DEFORMAÇÃO PERMANENTE

Os resultados dos ensaios de deformação permanente, realizados após o período de retração, das amostras ensaiadas de solo natural e estabilizadas são apresentadas abaixo. Todas as amostras, naturais e

estabilizadas, foram submetidas a 150.000 ciclos, conforme o protocolo de ensaio presente na normativa DNIT-IE 179 (2018).

SOLO PE-1

Os resultados dos ensaios de deformação permanente das amostras ensaiadas de solo PE-1 são apresentados na Tabela 41 e Figuras 277, 280–281. A maior deformação é obtida no nono par de tensões (σ_3 : 120 e σ_d : 360 kPa). A menor deformação permanente, considerado o nono par de tensões, foi obtida no solo PE-1_2%_PR, mostrando a influência da estabilização e da sucção. Analisando as curvas de deformação permanente acumulada, o comportamento apontou para acomodamento plástico (ou *shakedown*), apresentando tendência a estabilizar a deformação permanente com o número de ciclos de carga.

Comparando os valores de DP antes e depois do processo de retração, observa-se uma redução de quase 250% na DP do solo natural. Para o solo melhorado, a redução fica em torno de 70%. Em ambos os casos considerado o nono par de tensões.

Observa-se que nenhum dos solos após o processo de retração obteve deformação permanente superior a 1,0mm (ou 0,5% para uma amostra com 200mm de altura), pouco contribuindo para o afundamento total do pavimento que constituem.

SOLO PB-2

Os resultados dos ensaios de deformação permanente das amostras ensaiadas de solo PE-1 são apresentados na Tabela 42 e Figuras 278, 282–283. Da mesma maneira, a maior deformação é obtida no nono par de tensões (σ_3 : 120 e σ_d : 360 kPa). Contudo, a menor deformação permanente, considerado o nono par de tensões, foi obtida no solo PB-2_2%, indicando a menor influência da sucção no solo arenoso, quando comparado ao solo fino. Analisando as curvas de deformação permanente acumulada, o comportamento também apontou para acomodamento plástico (ou *shakedown*), apresentando tendência a estabilizar a deformação permanente com o número de ciclos de carga.

Comparando os valores de DP antes e depois do processo de

retração, observa-se uma redução de quase 70% na DP do solo natural. Para o solo melhorado, foi constatado um aumento na DP em torno de 35%. Em ambos os casos considerado o nono par de tensões. Como o valor da DP foi muito baixa, pode-se considerar que aumento da DP pode estar dentro do erro das leituras.

Nenhum dos solos após o processo de retração obteve deformação permanente superior a 0,5mm (ou 0,25% para uma amostra com 200mm de altura), pouco contribuindo para o afundamento total do pavimento que constituem.

SOLO PB-3

Os resultados dos ensaios de deformação permanente das amostras ensaiadas de solo PE-1 são apresentados na Tabela 43 e Figuras 29, 284–285. Da mesma forma, a maior deformação é obtida no nono par de tensões (σ_3 : 120 e σ_d : 360 kPa). Como aconteceu com o solo arenoso, a menor deformação permanente, considerado o nono par de tensões, foi obtida no solo PB-3_2%, indicando a menor influência da sucção quando comparado ao solo fino. Analisando as curvas de deformação permanente acumulada, o comportamento também apontou para acomodamento plástico (ou *shakedown*), apresentando tendência a estabilizar a deformação permanente com o número de ciclos de carga.

Comparando os valores de DP antes e depois do processo de retração, observa-se uma redução de quase 35% na DP do solo natural. Para o solo melhorado, foi constatado um aumento na DP em torno de 25%. Em ambos os casos considerado o nono par de tensões.

Nenhum dos solos obteve deformação permanente superior a 1,0mm (ou 0,5% para uma amostra com 200mm de altura), após o processo de retração. Desse modo, provavelmente pouco irão contribuir para o afundamento total do pavimento que constituem.

Tabela 41: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PE-1

Amostra	σ_3 (kPa)	σ_d (kPa)	Deslocamento permanente (mm)					
			$\xi_{1,000}$	$\xi_{10,000}$	$\xi_{30,000}$	$\xi_{50,000}$	$\xi_{100,000}$	$\xi_{150,000}$
PE-1	40	40	0,0232	0,0251	0,0271	0,0364	0,0383	0,0559
		120	0,6644	0,7226	0,7623	0,7847	0,8065	0,8180
	80	80	0,2904	0,3217	0,3526	0,3688	0,3863	0,3886
		240	0,6353	0,7093	0,7375	0,7584	0,7892	0,8035
	120	120	0,4268	0,4782	0,5013	0,5132	0,5299	0,5391
		360	1,8881	2,0206	2,1126	2,1560	2,2256	2,2910
PE-1_2%	40	40	0,0999	0,1305	0,1553	0,1678	0,1835	0,1919
		120	0,2894	0,3453	0,3720	0,3844	0,4013	0,4111
	80	80	0,1930	0,2244	0,2553	0,2764	0,2980	0,2973
		240	0,4966	0,5416	0,5645	0,5770	0,5955	0,6047
	120	120	0,2565	0,2895	0,3144	0,3315	0,3630	0,3749
		360	0,6198	0,6741	0,7104	0,7446	0,8074	0,8379
PE-1_PR	40	40	0,0636	0,0798	0,0918	0,0991	0,1028	0,1014
		120	0,1395	0,1531	0,1649	0,1724	0,1881	0,1910
	80	80	0,1021	0,1166	0,1270	0,1336	0,1414	0,1322
		240	0,3672	0,3998	0,4179	0,4301	0,4400	0,4469
	120	120	0,2406	0,2698	0,2848	0,2925	0,3023	0,3082
		360	0,5990	0,6368	0,6404	0,6324	0,6660	0,6846
PE-1_2%_PR	40	40	0,0961	0,1117	0,1221	0,1239	0,1288	0,1316
		120	0,2941	0,3171	0,3356	0,3405	0,3497	0,3550
	80	80	0,1139	0,1487	0,1718	0,1759	0,1875	0,1942
		240	0,2868	0,3068	0,3228	0,3254	0,3327	0,3370
	120	120	0,1975	0,2040	0,2193	0,2166	0,2207	0,2231
		360	0,4450	0,4654	0,4841	0,4871	0,4953	0,5000

Fonte: De autoria própria

Tabela 42: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-2

Amostra	σ_3 (kPa)	σ_d (kPa)	Deslocamento permanente (mm)					
			$\xi_{1,000}$	$\xi_{10,000}$	$\xi_{30,000}$	$\xi_{50,000}$	$\xi_{100,000}$	$\xi_{150,000}$
PB-2	40	40	0,0761	0,0989	0,1069	0,1092	0,1095	0,1152
		120	0,2379	0,2643	0,2678	0,2668	0,2772	0,2821
	80	80	0,1617	0,1855	0,1943	0,1924	0,1970	0,2096
		240	0,5112	0,5489	0,5605	0,5641	0,5680	0,5660
	120	120	0,1698	0,1930	0,2046	0,2099	0,2166	0,2213
		360	0,7429	0,8030	0,8360	0,8533	0,8785	0,8923
PB-2_2%	40	40	0,0350	0,0483	0,0584	0,0644	0,0731	0,0761
		120	0,1321	0,1591	0,1643	0,1685	0,1791	0,1829
	80	80	0,0556	0,0836	0,0929	0,0969	0,1059	0,1194
		240	0,2098	0,2481	0,2606	0,2676	0,2742	0,2799
	120	120	0,0814	0,0996	0,1129	0,1193	0,1267	0,1260
		360	0,3176	0,3500	0,3563	0,3589	0,3721	0,3811
PB-2_PR	40	40	0,0751	0,0859	0,0907	0,1048	0,1071	0,1192
		120	0,2018	0,2206	0,2245	0,2321	0,2386	0,2607
	80	80	0,1534	0,1706	0,1874	0,1876	0,2038	0,2064
		240	0,2574	0,2776	0,2887	0,2901	0,3062	0,3069
	120	120	0,1806	0,1978	0,2176	0,2192	0,2291	0,2375
		360	0,4368	0,4694	0,4863	0,4964	0,5134	0,5262
PB-2_2%_PR	40	40	0,0478	0,0590	0,0648	0,0683	0,0797	0,0866
		120	0,1569	0,1757	0,1810	0,1884	0,1953	0,1913
	80	80	0,1159	0,1211	0,1199	0,1171	0,1226	0,1300
		240	0,2984	0,3311	0,3446	0,3481	0,3657	0,3796
	120	120	0,1816	0,1997	0,2051	0,2129	0,2169	0,2201
		360	0,3979	0,4238	0,4500	0,4605	0,4759	0,4914

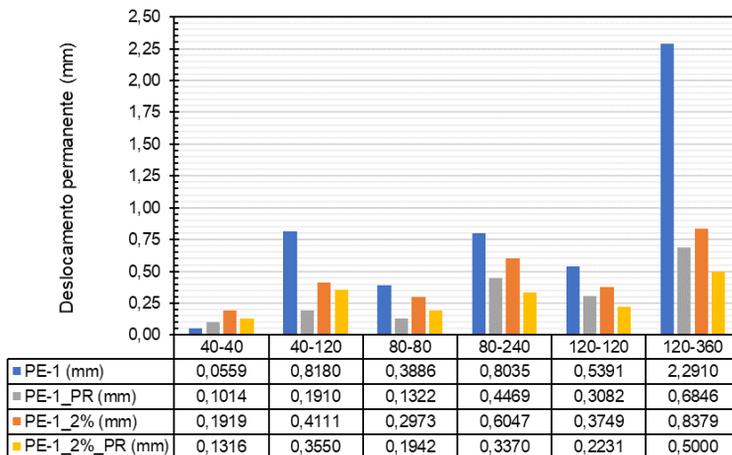
Fonte: De autoria própria

Tabela 43: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-3

Amostra	σ_3 (kPa)	σ_d (kPa)	Deslocamento permanente (mm)					
			$\xi_{1.000}$	$\xi_{10.000}$	$\xi_{30.000}$	$\xi_{50.000}$	$\xi_{100.000}$	$\xi_{150.000}$
PB-3	40	40	0,0611	0,0743	0,0790	0,0795	0,0771	0,0817
		120	0,2966	0,3196	0,3304	0,3342	0,3401	0,3413
	80	80	0,1579	0,1765	0,1833	0,1855	0,1860	0,1942
		240	0,4121	0,4462	0,4610	0,4659	0,4745	0,4785
	120	120	0,1388	0,1604	0,1705	0,1791	0,1891	0,1924
		360	0,6823	0,7367	0,7536	0,7629	0,7726	0,7794
PB-3_2%	40	40	0,0638	0,0806	0,0890	0,0921	0,0983	0,1013
		120	0,1956	0,2117	0,2181	0,2236	0,2305	0,2340
	80	80	0,1338	0,1490	0,1544	0,1626	0,1544	0,1569
		240	0,3499	0,3672	0,3606	0,3563	0,3622	0,3661
	120	120	0,1799	0,1947	0,2101	0,2103	0,2195	0,2326
		360	0,4114	0,4387	0,4450	0,4482	0,4494	0,4568
PB-3_PR	40	40	0,0667	0,0793	0,0923	0,0942	0,0968	0,1125
		120	0,1217	0,1453	0,1459	0,1468	0,1537	0,1558
	80	80	0,0915	0,1016	0,1096	0,1060	0,1206	0,1143
		240	0,3963	0,4263	0,4455	0,4521	0,4736	0,4798
	120	120	0,2094	0,2326	0,2465	0,2526	0,2619	0,2716
		360	0,5016	0,5434	0,5606	0,5704	0,5855	0,5883
PB-3_2%_PR	40	40	0,0936	0,1091	0,1197	0,1216	0,1353	0,1398
		120	0,2678	0,2954	0,3055	0,3079	0,3208	0,3221
	80	80	0,1831	0,2032	0,2209	0,2282	0,2416	0,2374
		240	0,3459	0,3763	0,3920	0,3977	0,4082	0,4139
	120	120	0,3853	0,4025	0,4160	0,4184	0,4266	0,4324
		360	0,5001	0,5282	0,5439	0,5523	0,5587	0,5640

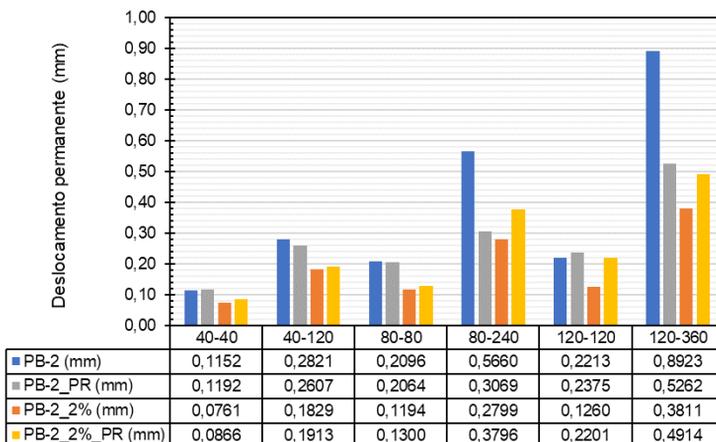
Fonte: De autoria própria

Figura 277: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PE-1 (ξ para 150.000)



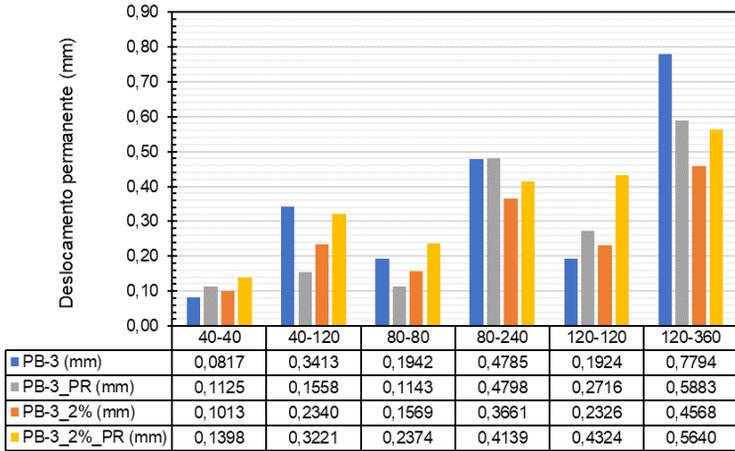
Fonte: De autoria própria

Figura 278: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-2 (ξ para 150.000)



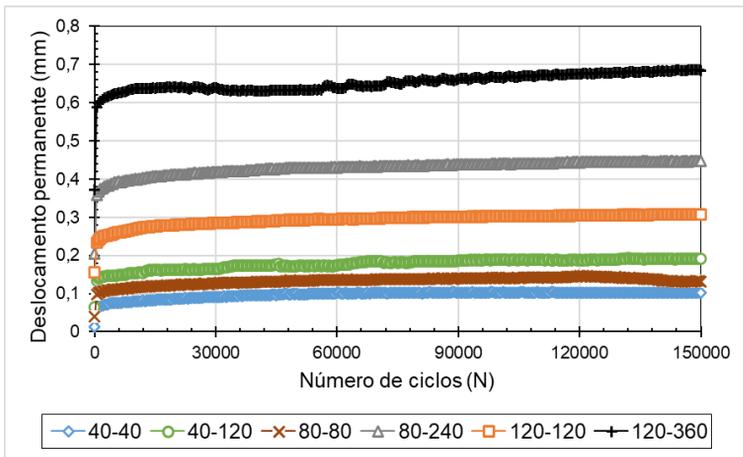
Fonte: De autoria própria

Figura 279: Resultados de deslocamento permanente acumulado. Solo PB-3 (ξ para 150.000)

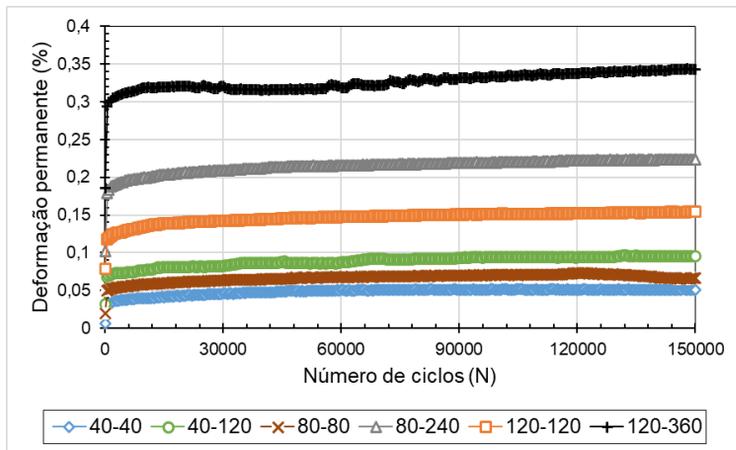


Fonte: De autoria própria

Figura 280: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PE-1_PR



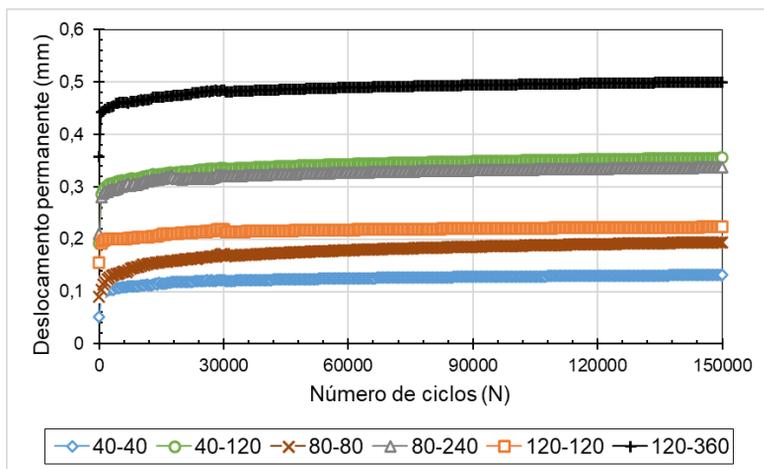
(a)



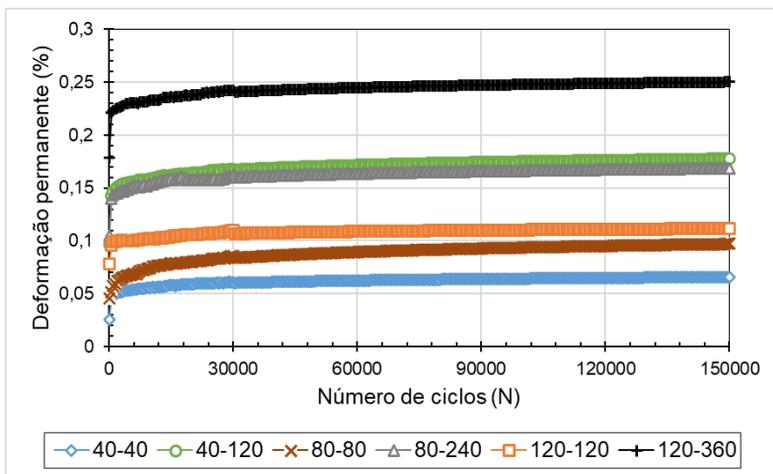
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 281: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PE-1_2%_PR



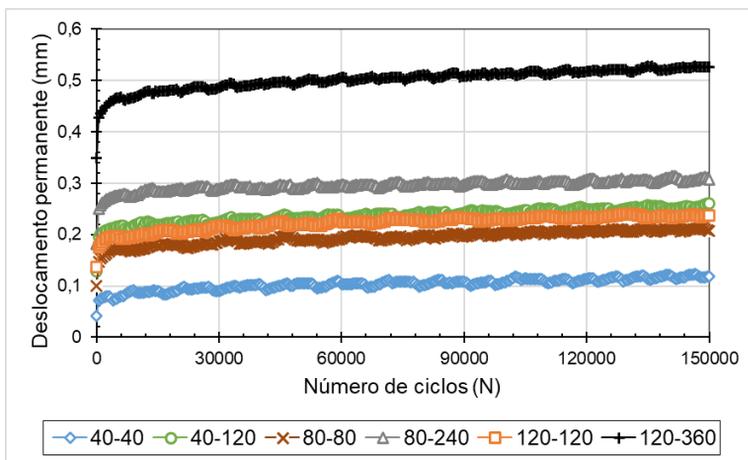
(a)



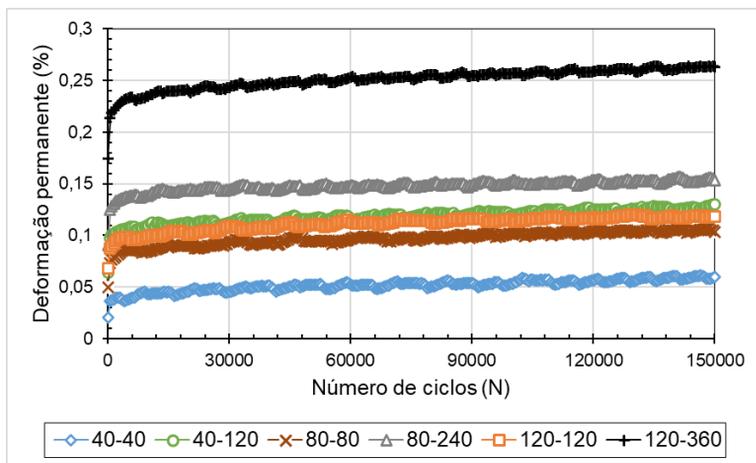
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 282: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-2_PR



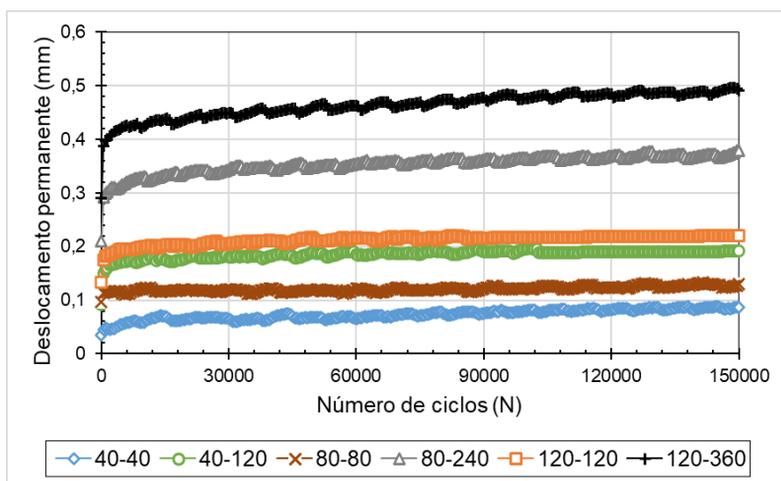
(a)



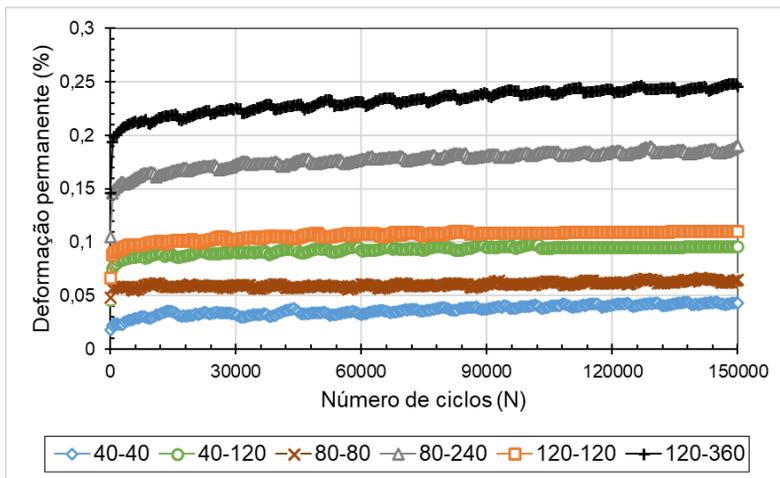
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 283: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-2_2%_PR



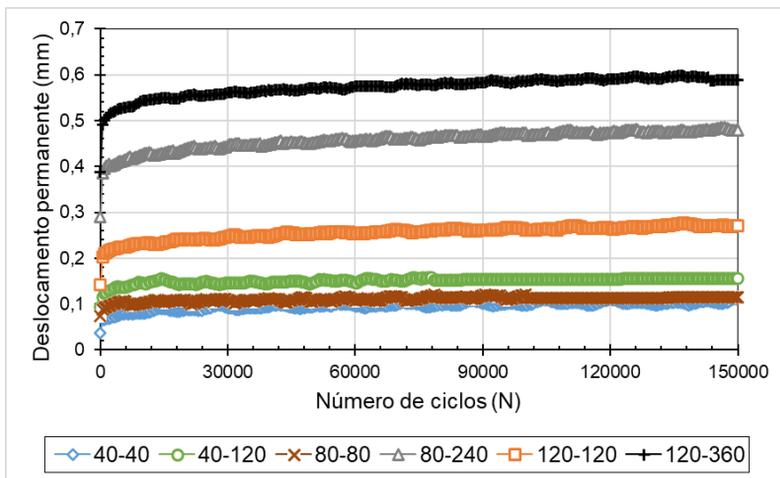
(a)



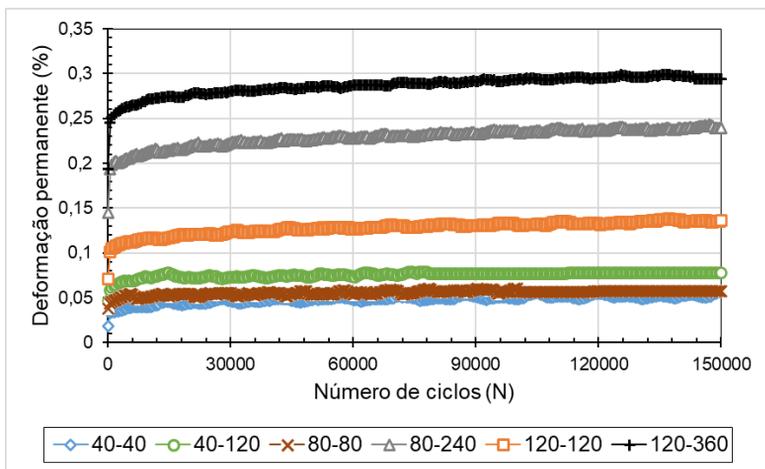
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 284: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-3_PR



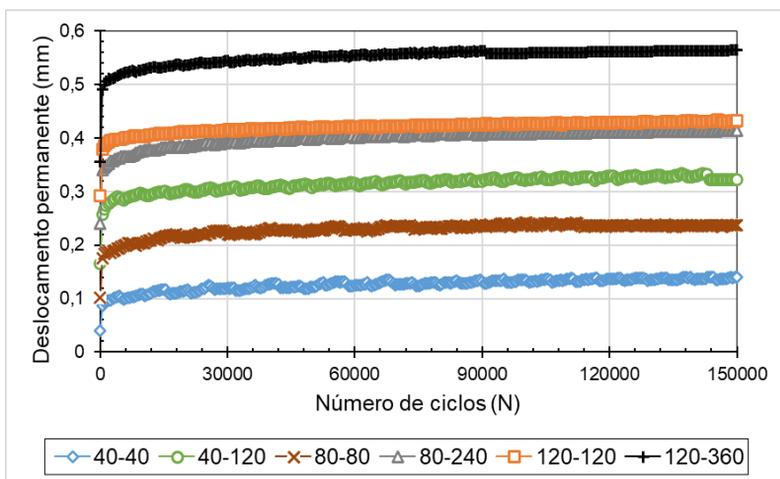
(a)



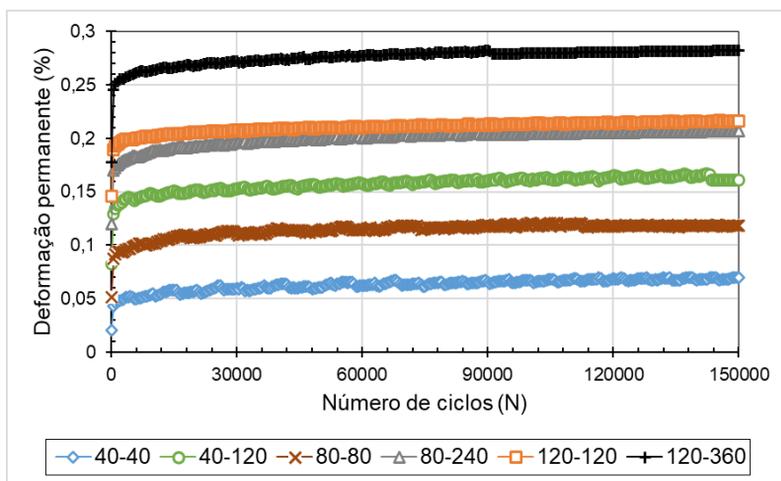
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 285: Deslocamento (a) e deformação (b) permanentes em função do número de ciclos. PB-3_2%_PR



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

Em síntese, fica evidente a positiva influência do período de retração nos resultados de deformação permanente dos solos naturais. A influência é proporcional a granulometria do solo, visto que para o solo pedregulhoso PB-3 — que possui vazios maiores, menor teor de finos e, conseqüentemente, menor capacidade de reter umidade e menor valor de sucção — a redução da DP foi mais moderada.

Para os solos melhorados, o período de retração apresenta influência positiva somente para o solo PE-1_2%. Para os solos grossos, onde a sucção apresentou atuação menor, as DP aumentaram com o a retração volumétrica. O que aconteceu pode ser justificado de forma semelhante ao que aconteceu nos valores de MR, visto que que após o período de cura em câmara úmida, a exposição dos CPs ao processo de dessecação reduziu gradativamente a umidade e conseqüentemente reduziu a ocorrência de reações físico-químicas de longo prazo.

Kern (2017) concluiu que os corpos de prova de solo no ramo seco adquirem uma rigidez maior e sofrem menores deformações. Ribeiro *et al.* (2014), observaram que a deformação permanente aumenta

com o aumento da umidade. O aumento em 3% na umidade do solo levou a um aumento da ordem de 20% na deformação permanente. Porém, a intensidade do efeito da variação da umidade é menor que a da variação de tensões, isto porque o distanciamento entre as curvas é menor quando comparado ao distanciamento provocado pela variação de tensões.

Lima *et al.* (2019) verificaram que quando o teor de umidade de compactação era maior que o valor ótimo, a deformação permanente aumentava e o material no trecho úmido era mais propenso ao acúmulo de DP em níveis de tensão mais altos. Além disso, a umidade pode prejudicar o desempenho do material em tensões mais altas, enquanto os materiais secos indicam uma tendência a se estabilizar em deformações permanentes.

Pascoal (2020), por sua vez, verifica que quando se eleva a umidade, a DP também aumenta. À medida em que se eleva a massa específica do material, a resistência à deformação permanente dos solos aumenta. A redução do grau de compactação resulta em um acréscimo da DP. Em outras palavras, a sucção entra em ação e tem relevância no comportamento frente às deformações. É ressaltado que o teor de umidade é inversamente proporcional do comportamento resiliente e permanente (Santos *et al.*, 2019).

Assim, de acordo com Norback (2018), materiais lateríticos finos apresentam boas características principalmente na ausência do ciclo gelo-degelo, drenagem favorecida, umidade de equilíbrio abaixo da ótima de compactação em algumas regiões, favorecida pela secagem do material da base, natureza e estado peculiar dos solos lateríticos, que expandem muito pouco na presença d'água, apesar da plasticidade às vezes elevada.

A partir da relação da sucção com o teor de umidade dos solos em estudo, obtido pelo método do papel filtro, foi possível determinar a relação entre a deformação permanente e a sucção. A Tabela 44 expõe a deformação permanente ao final dos 150.000 ciclos de carregamento considerando o nono par de tensões (σ_3 : 120 e σ_d : 360 kPa), a umidade e a sucção matricial para cada uma das condições avaliadas.

Tabela 44: Relação entre o teor de umidade, sucção matricial e deformação permanente dos solos em estudo

Amostra	Umidade (%)	Sucção matricial (kPa)	$\xi_{150.000}$ 120-360 kPa
PE-1	19,60	3412	2,2910
PE-1_PR	10,54	> 250000	0,6846
PE-1_2%	21,00	8888	0,8379
PE-1_2%_PR	7,65	36496	0,5000
PB-2	8,80	26264	0,8923
PB-2_PR	0,35	> 250000	0,5262
PB-2_2%	11,00	2968	0,3811
PB-2_2%_PR	1,36	> 250000	0,4914
PB-3	15,70	< 0,1	0,7794
PB-3_PR	7,78	35848	0,5883
PB-3_2%	19,00	18	0,4568
PB-3_2%_PR	12,88	1422	0,5640

Fonte: De autoria própria

Apesar das inúmeras aplicações de solos lateríticos em camadas de pavimentos e dos vários estudos realizados para avaliar o efeito da secagem nas propriedades dos solos tropicais, os efeitos da retração induzida por dessecação e a relação da deformação permanente com a sucção ainda é pouco discutida no meio acadêmico. Com o aumento da umidade, o arranjo de partículas é modificado ao mesmo tempo que a fase ar se torna oclusa, resultando em um decréscimo de sucção e consequentemente um aumento das deformações plásticas (Kern, 2022).

Como anteriormente discutido nas análises de MR, com o processo de secagem, os solos apresentaram grande variação da umidade. Isso retrata a significativa variação da sucção. Uma análise mais precisa poderia ser feita analisando valores de umidade presentes no intervalo entre a umidade residual e a umidade na saturação.

Em resumo, os resultados corroboraram com os dados obtidos por Kern (2022). O que se percebe nestes resultados é que com o processo de secagem, a deformação permanente final sofreu influência

positiva, em alguns ação negativa e em outros praticamente não se alterou. A maior variação foi percebida no solo PE-1, o que provavelmente está associado à sua textura mais fina (natureza do material) e indica que grande parte da rigidez medida pode ser atribuída a sucção, que, quando o solo se encontra saturado deixa de atuar.

Em posse dos resultados supracitados, os conjuntos de dados de cada solo foram submetidos a uma regressão múltipla não linear no programa “*STATISTICA* (sistema de *software* de análise de dados), versão 10”, a fim de obter os parâmetros de regressão de Guimarães (2009), apresentado na Equação 4. Os parâmetros estabelecidos na normativa do DNIT-IE 179 (2018) para DP são apresentados na Tabela 45 abaixo.

Tabela 45: Parâmetros de regressão obtidos por meio do modelo de Guimarães (2009)

$$\varepsilon_p (\%) = \psi_1 \cdot \left(\frac{\sigma_3}{P_0} \right)^{\psi_2} \left(\frac{\sigma_d}{P_0} \right)^{\psi_3} \cdot N^{\psi_4}$$

Amostra	ψ_1	ψ_2	ψ_3	ψ_4	R^2
PE-1	0,123	0,247	1,212	0,048	0,89
PE-1_2%	0,072	-0,084	0,715	0,070	0,99
PE-1_PR	0,071	0,355	0,798	0,041	0,99
PE-1_2%_PR	0,066	-0,347	0,717	0,036	0,92
PB-2	0,066	-0,140	1,143	0,039	0,99
PB-2_2%	0,031	-0,276	0,948	0,055	0,99
PB-2_PR	0,064	0,113	0,632	0,044	0,94
PB-2_2%_PR	0,051	0,036	0,801	0,046	0,99
PB-3	0,061	-0,353	1,166	0,033	0,97
PB-3_2%	0,067	-0,082	0,719	0,029	0,99
PB-3_PR	0,062	0,173	0,858	0,041	0,95
PB-3_2%_PR	0,110	0,325	0,388	0,035	0,91

Fonte: De autoria própria

Observa-se consideráveis valores de R^2 (acima de 0,85) indicando um bom enquadramento dos dados ao modelo usado.

Em relação aos solos naturais, podemos inferir as seguintes informações:

- Solo PE-1: Observa-se que o processo de retração promoveu aumento do coeficiente ψ_2 e redução do ψ_3 , evidenciando o aumento da influência da tensão confinante e a diminuição da influência da tensão desvio na DP, respectivamente.
- Solo PB-2: O coeficiente ψ_2 basicamente inverteu o sinal, ou seja, mesmo apresentando a mesma influência em ordem de grandeza, um aumento da tensão confinante produz aumento nos valores de deformação permanente. O coeficiente ψ_3 apresentou diminuição, assim como aconteceu no solo PE-1, evidenciando a redução da influência da tensão desvio na DP.
- Solo PB-3: Diferentemente do solo PB-2, o coeficiente ψ_2 inverteu o sinal, contudo também diminuiu a influência em ordem de grandeza. O coeficiente ψ_3 apresentou diminuição, assim como aconteceu no solo PE-1, evidenciando a redução da influência da tensão desvio na DP.

No que refere aos solos melhorados com ligantes hidráulicos, se pode deduzir as seguintes informações:

- Solo PE-1: É notório um aumento do coeficiente ψ_2 . Antes do processo de retração, a tensão confinante basicamente não apresentava influência na DP. No entanto, ψ_2 se manteve com valor negativo, indicando que um aumento da tensão confinante produz redução nos valores de deformação permanente. O coeficiente ψ_3 basicamente se manteve constante.
- Solo PB-2: Com o processo de retração, coeficiente ψ_2 , que antes era negativo, fica positivo e bem próximo de zero. Isso mostra que a influência da tensão confinante basicamente é anulada. O coeficiente ψ_3 sofreu redução, indicando diminuição na influência da tensão desvio nos valores de DP.
- Solo PB-3: É nítido um aumento do coeficiente ψ_2 . Antes do processo de retração, a tensão confinante basicamente não apresentava influência na DP. No entanto, coeficiente ψ_2 , que antes tinha sinal negativo, com a dessecação apresentou sinal positivo, indicando que

um aumento da tensão confinante produz aumento nos valores de deformação permanente. O coeficiente ψ_3 sofreu redução, indicando diminuição na influência da tensão desvio nos valores de DP.

Os coeficientes ψ_1 e ψ_4 basicamente não apresentaram variação. Em comum entre os solos, verifica-se que os valores de ψ_3 , que está relacionado com a tensão de desvio, sofre redução com o processo de secagem, indicando uma influência semelhante da tensão desvio independentemente do tipo de solo.

Como observação plausível, todos os ensaios apresentaram baixos valores de a deformação permanente acumulada ao final dos 150.000 ciclos de carregamento. Desse modo, qualquer variação no grau de compactação e/ou umidade de moldagem pode ter influenciado no valor de DP obtido no ensaio e, conseqüentemente, no valor do coeficiente de determinação (R^2).

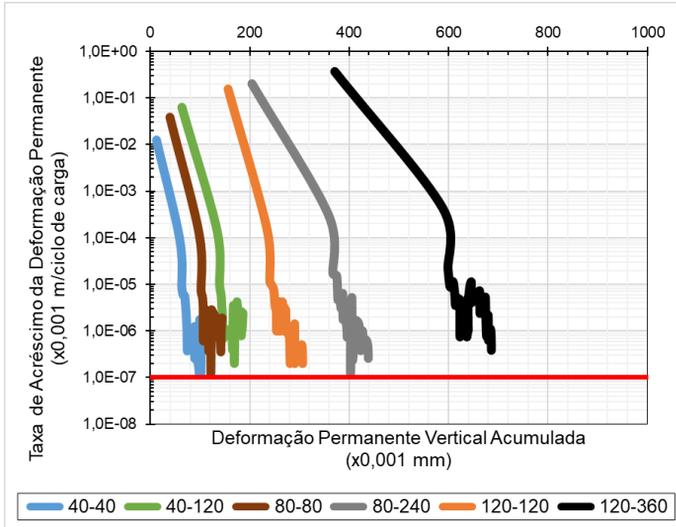
INVESTIGAÇÃO DA OCORRÊNCIA DE *SHAKEDOWN*

Em posse dos valores de deformação permanente e dos ciclos de aplicação de cargas, foi possível determinar a taxa de variação da deformação permanente e plotar os gráficos a fim de analisar a ocorrência das condições de *shakedown*. As Figuras 286–288 indicam a ocorrência das condições de *shakedown* para o solo PE-1, PB-2 e PB-3 naturais e melhorados após o processo de dessecação, respectivamente.

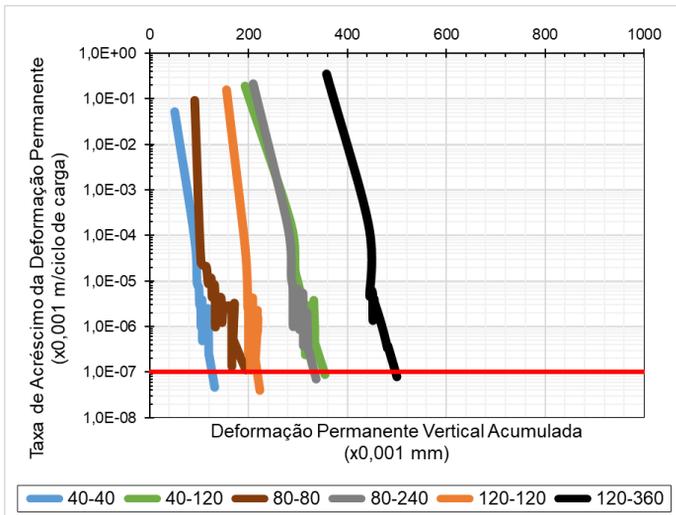
Com os resultados, semelhante aos outros resultados anteriormente discutidos, verifica-se uma situação de acomodamento das deformações permanentes (*shakedown*), pois a taxa de crescimento atingiu um valor muito baixo. Observa-se que todas as amostras tiveram sua taxa de aumento de deformação permanente próxima ou superior a $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga, indicando uma situação de acomodamento das deformações permanentes, ou *shakedown*.

Assim, mesmo após o período de retração volumétrica, provavelmente não haverá problemas de afundamento deste material na camada do pavimento. Embora todos os casos aparentaram entrar em *shakedown*, algumas amostras não atingiu a taxa de DP requerida pela normativa do DNIT-IE 179 (2018). Possivelmente, com a aplicação de um número maior de ciclos de repetição de cargas, todas as amostras atingiriam da taxa de $10^{-7} \times 10^{-3}$ metros por ciclo de aplicação de carga.

Figura 286: Ocorrência de *shakedown*: (a) Solo PE-1_PR; (b) Solo PE-1_2%_PR



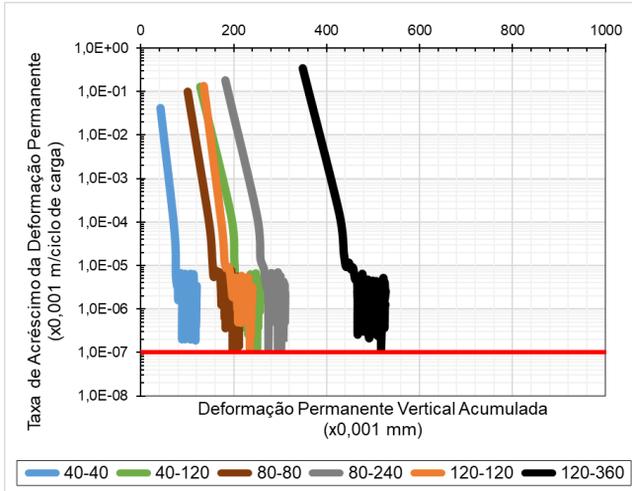
(a)



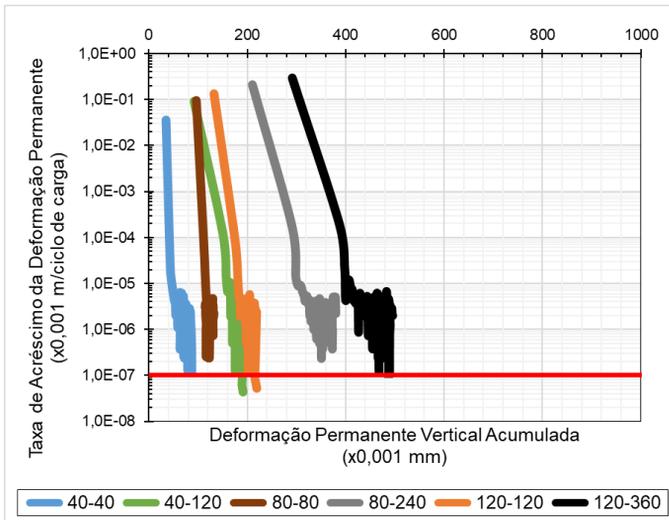
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 287: Ocorrência de *shakedown*: (a) Solo PB-2_PR; (b) Solo PB-2_2%_PR



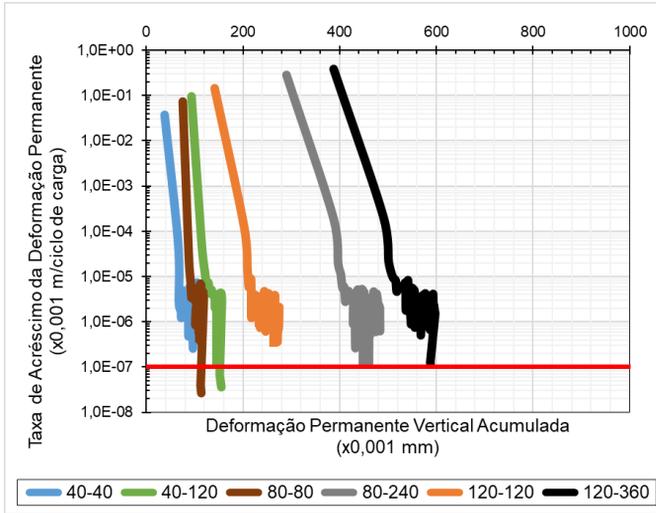
(a)



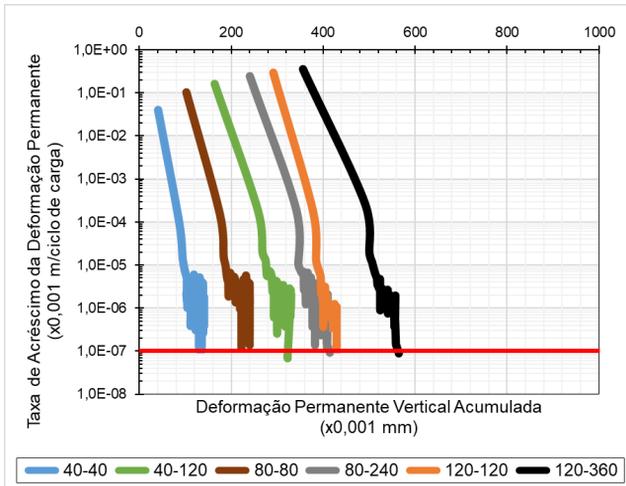
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 288: Investigação de ocorrência de *shakedown*: (a) Solo PB-3_PR; (b) Solo PB-3_2%_PR



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

De acordo com os modelos de comportamento de deformação permanente de solos expostos na norma DNIT-IE 179 (2018), o formato das curvas, em geral, indicou um padrão tipo A, apresentando acomodamento plástico e indicando ausência de problemas de afundamentos no pavimento. Em algumas amostras ensaiadas, foi constatada a combinação AB quando ensaiadas com maiores tensões. Essa afirmação também será melhor discutida nas análises mecânicas-empíricas elaboradas no pavimento tipo, onde serão simulados os valores de afundamento de trilha de roda (ATR) e do percentual de área trincada (AT) através da análise no MeDiNa.

DEFORMAÇÃO RESILIENTE

As deformações elásticas mensuradas durante os ensaios de deformação permanente tendem a diminuir com a aplicação de ciclos de carga, e posteriormente apresentam valores aproximadamente constantes, basicamente paralelos ao eixo das abscissas (Figuras 289–294).

As Figuras 295–297 apresentam a evolução do módulo de resiliência resultante de cada corpo de prova, testado em cada par de tensões no ensaio de deformação permanente.

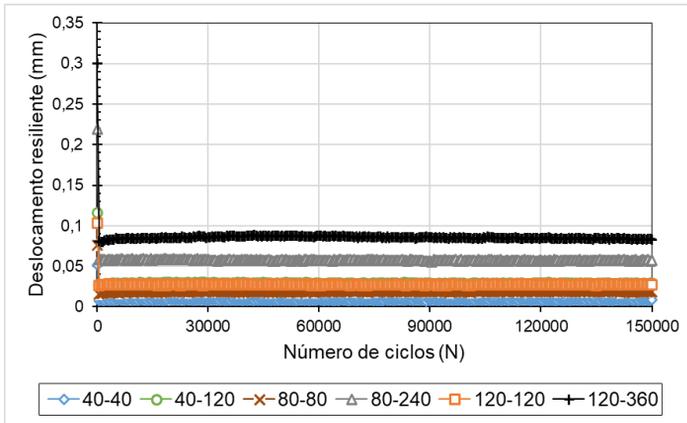
Para os materiais PE-1_PR, PE-1_2%_PR, PB-2_PR, PB-2_2%_PR, PB-3_PR e PB-3_2%_PR, os MR médios foram 757MPa, 768MPa, 567MPa, 977MPa, 579MPa e 753MPa, respectivamente. Observando as Figuras 295–297, os valores de MR variaram entre aproximadamente 850MPa para PE-1_PR, 900MPa para PE-1_2%_PR, 800MPa para PB-2_PR, 850MPa para PB-2_2%_PR, 850MPa para PB-3_PR e 800MPa para PB-3_2%_PR.

Principalmente para os solos naturais, comparando os valores de MR ao longo do ensaio DP e os resultados dos ensaios tradicionais de módulo de resiliência realizados em corpos-de-prova, foi possível verificar que os valores de módulo foram superiores durante o período de aplicação da carga, o que indica ganho de rigidez ao longo do ensaio de DP e, portanto, que os materiais podem enrijecer quando submetidos a movimentos repetidos de cargas impostas pelo tráfego.

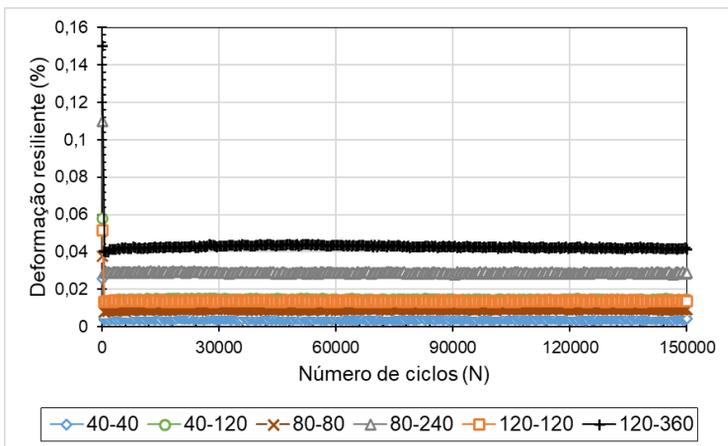
Para os solos melhorados com ligantes hidráulicos, devido a contribuição da sucção no período de secagem, e, além disso, ao

desenvolvimento da estabilização e consequente ligação cimentícia entre as partículas, o processo de densificação com a aplicação dos ciclos de carregamento pode não ter contribuído substancialmente.

Figura 289: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1_PR



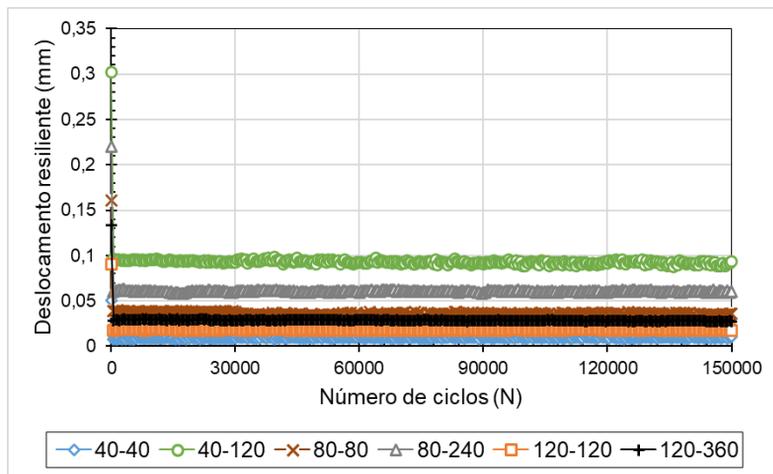
(a)



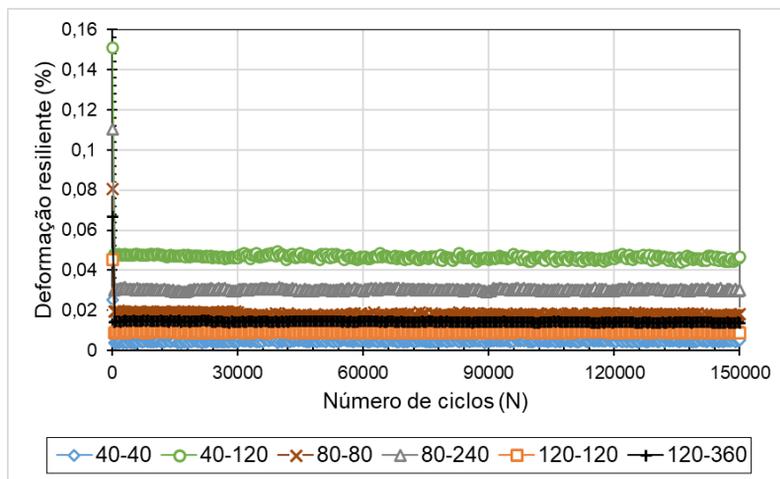
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 290: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PE-1_2%_PR



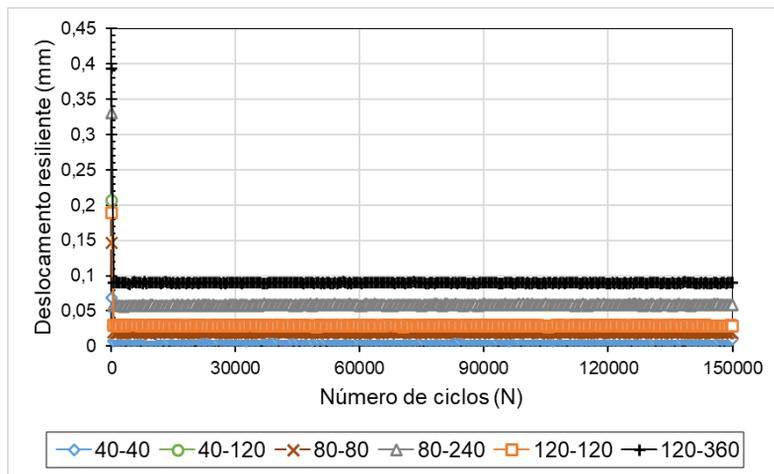
(a)



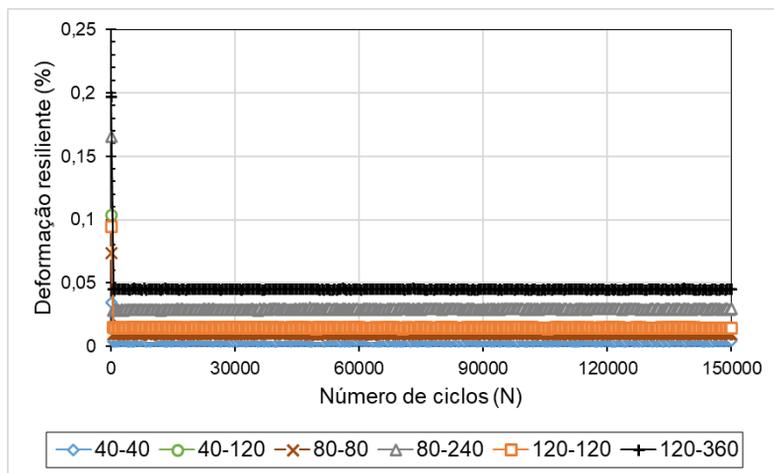
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 291: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB_2_PR



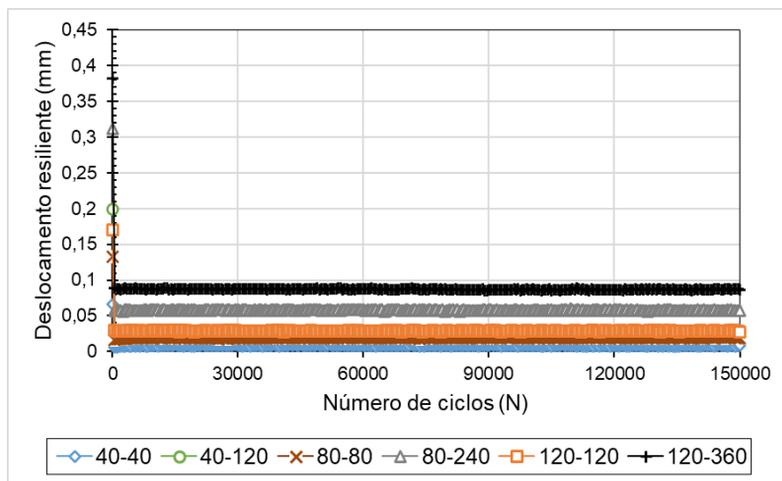
(a)



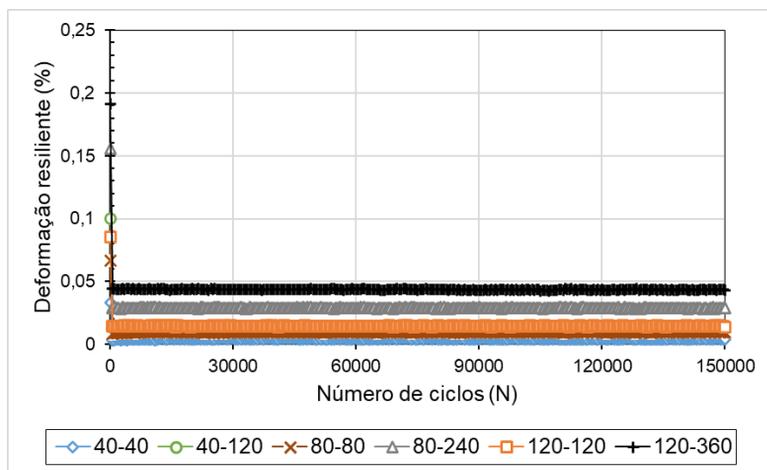
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 292: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-2_2%_PR



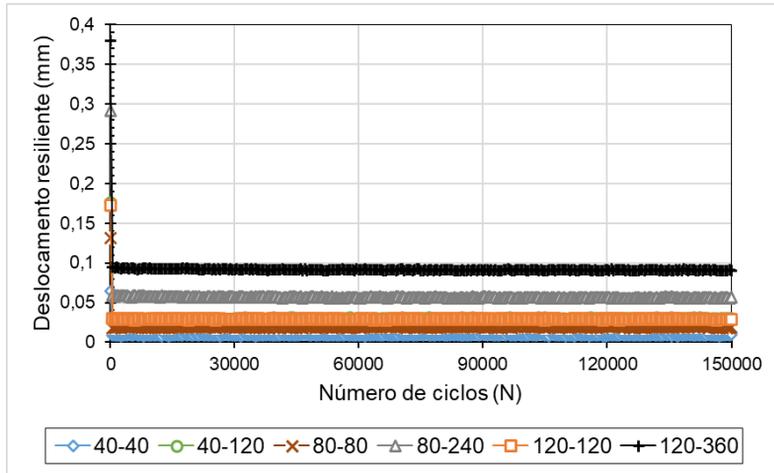
(a)



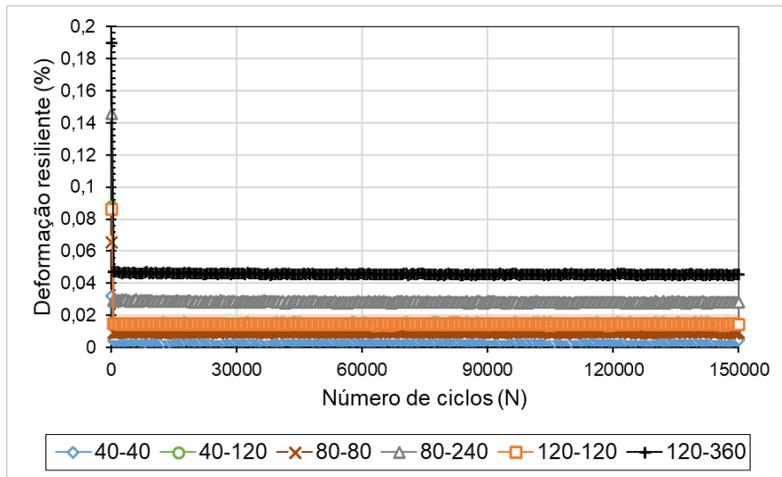
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 293: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-3_PR



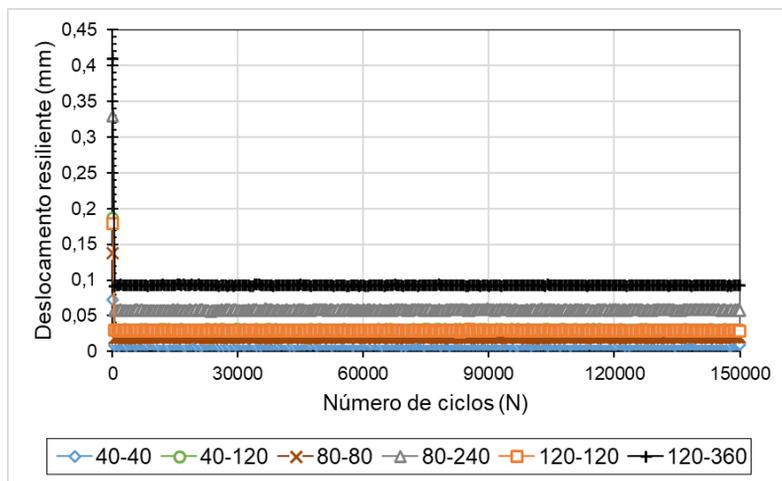
(a)



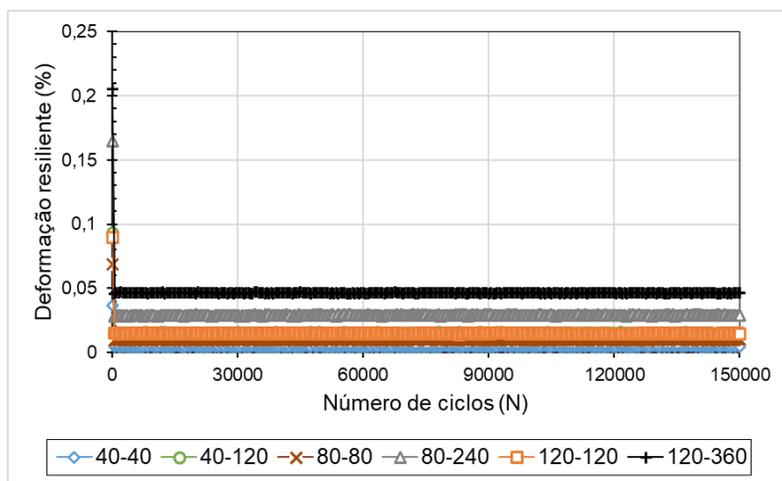
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 294: Deslocamento (a) e deformação (b) resilientes em função do número de ciclos. Solo PB-3_2%_PR



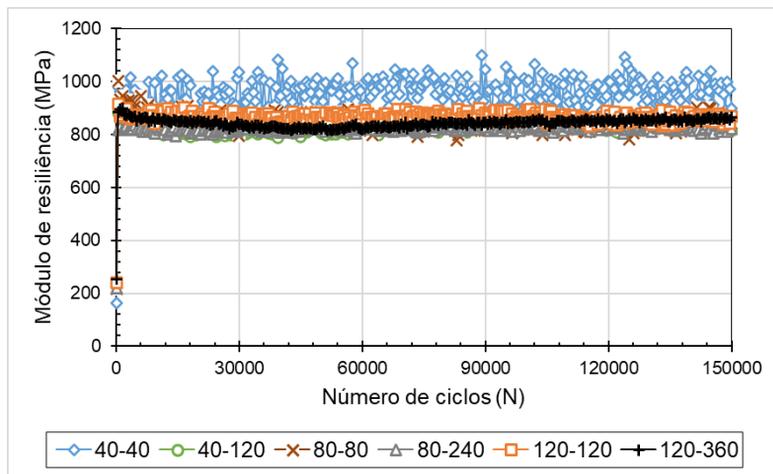
(a)



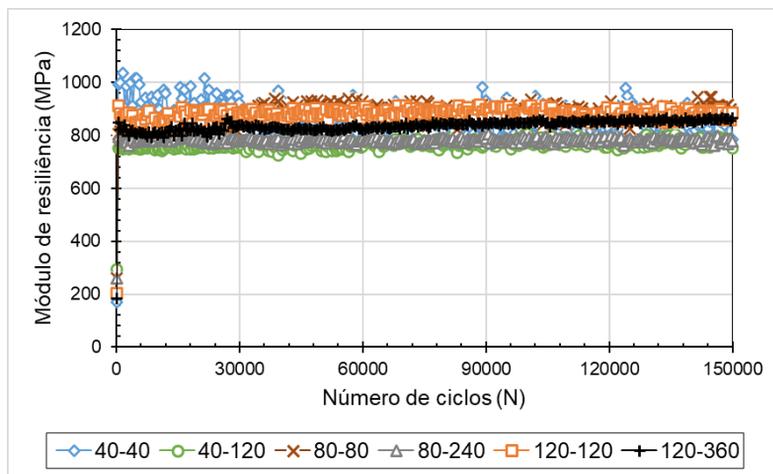
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 295: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos: (a) Solo PE-1_PR (b) Solo PE-1_2%_PR



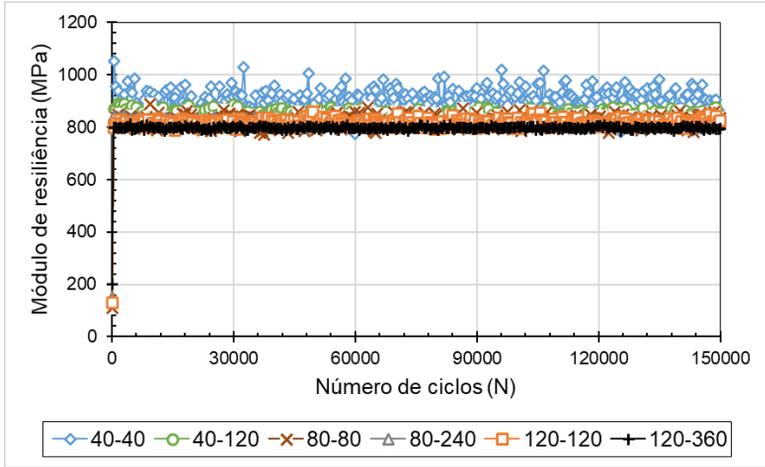
(a)



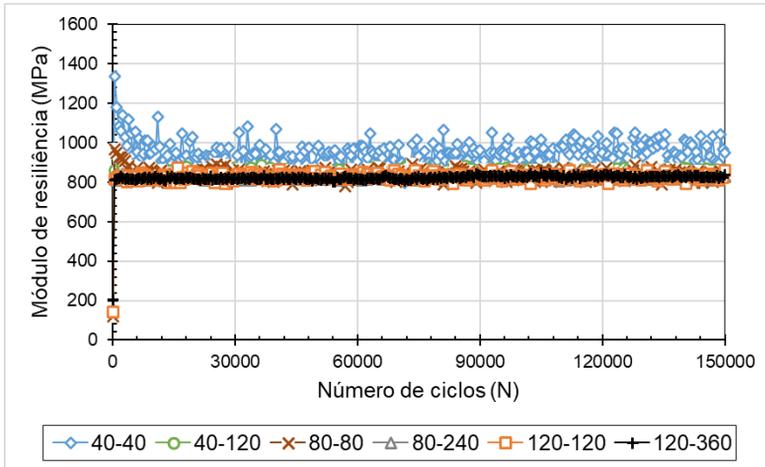
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 296: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos: (a) Solo PB-2_PR (b) Solo PB-2_2%_PR



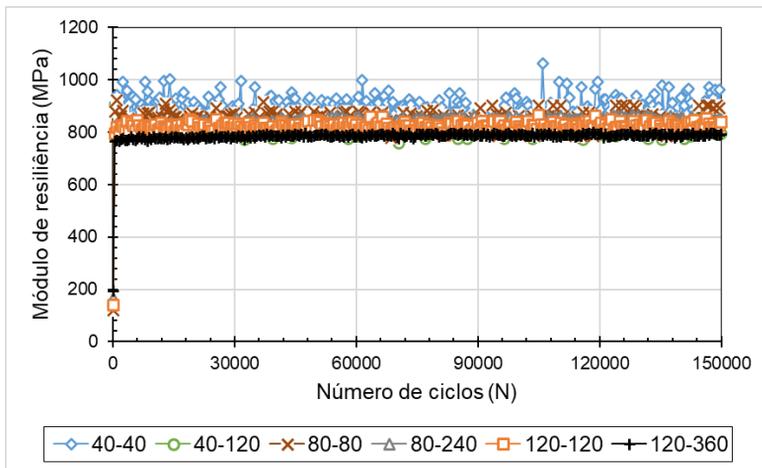
(a)



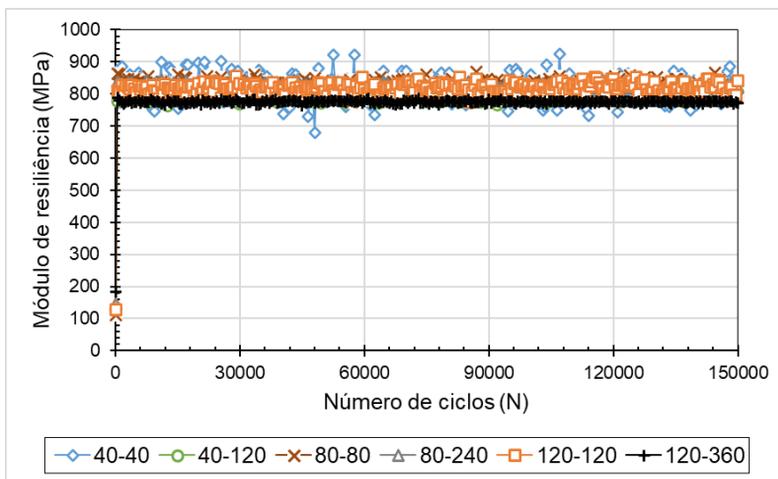
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 297: Variação do módulo resiliente em função do número de ciclos: (a) Solo PB-3_PR (b) Solo PB-3_2%_PR



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

APLICAÇÃO DO MODELO DE DEFORMAÇÃO PERMANENTE

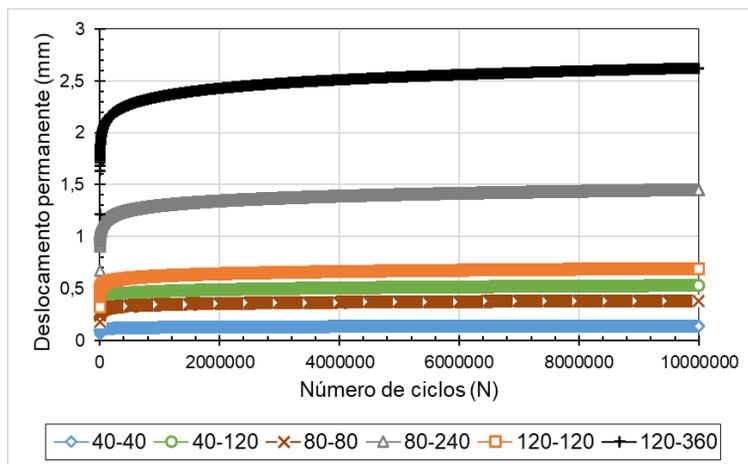
No caso de projetos de pavimentação reais, o número de ciclos de aplicação de carga pode ser muito superior aos utilizados em ensaios de laboratório. Por esta razão, optamos por calcular o deslocamento permanente para N igual a 10^7 , conforme exibido nas Figuras 298–310.

Mesmo após a aplicação de 10^7 ciclos de carregamento, os materiais apresentaram deslocamento permanente inferiores 3,0mm, o que corresponde a 1,5% de uma amostra com 200mm de altura, o que pode ser considerado muito baixo. Ademais, a forma das curvas indica uma deformação plástica de complacência ou *shakedown*, pois elas tendem a ficar paralelas ao eixo horizontal (derivada nula).

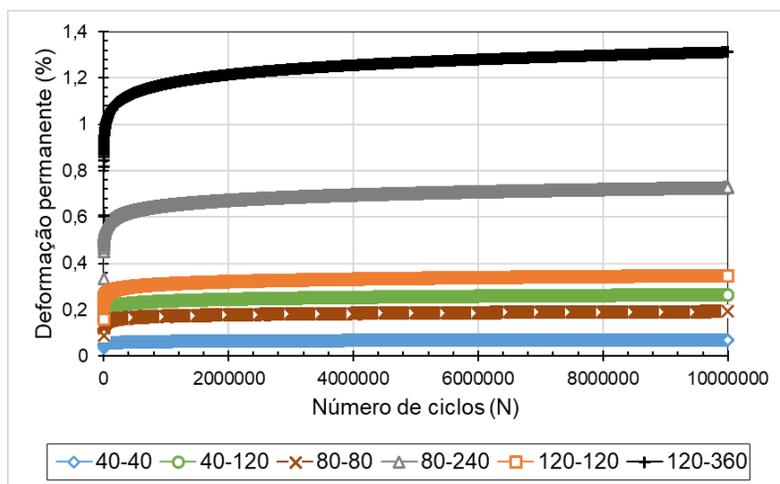
Com base em Guimarães *et al.* (2018), três níveis de tensão distintos foram estudados: baixo ($\sigma_3 = 70$ kPa e $\sigma_d = 70$ kPa), médio ($\sigma_3 = 100$ kPa e $\sigma_d = 300$ kPa) e alto ($\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa). Segundo os autores, a intensidade desses estados de tensão é compatível com as tensões de trabalho para camadas de pavimento, desde logo abaixo da camada de asfalto até o topo da sub-base, considerando um eixo rodoviário padrão de 8,2 tf. Os resultados estimados de deslocamento e deformação permanente de acordo com o modelo são apresentados nas Figuras 311–313 para o solo PE-1, 314–316 para o solo PB-2 e 317–319 para o solo PB-3.

Para os três níveis de tensão estudados, considerando um elevado número ciclos ($N = 10^7$), ocorre um rápido crescimento inicial seguido de uma fase de acomodamento, representada pelo paralelismo em relação ao eixo horizontal, o que indica uma situação de acomodamento das deformações ou acomodamento plástico (*shakedown*).

Figura 298: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de ciclos. Solo PE-1 ($N = 10^7$)



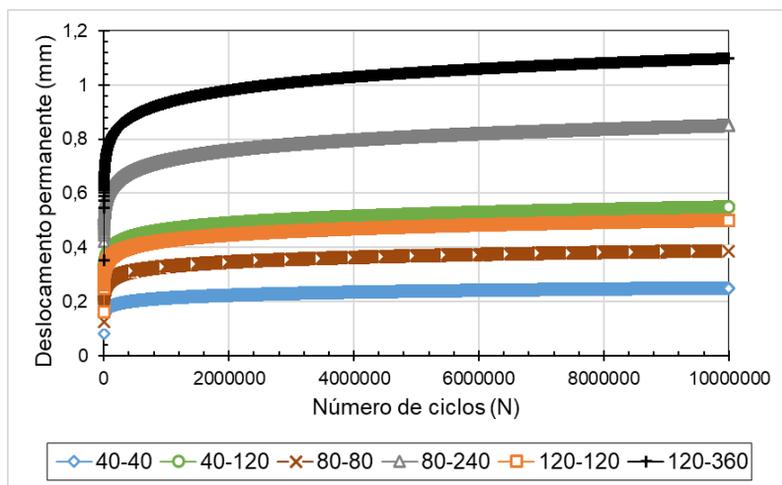
(a)



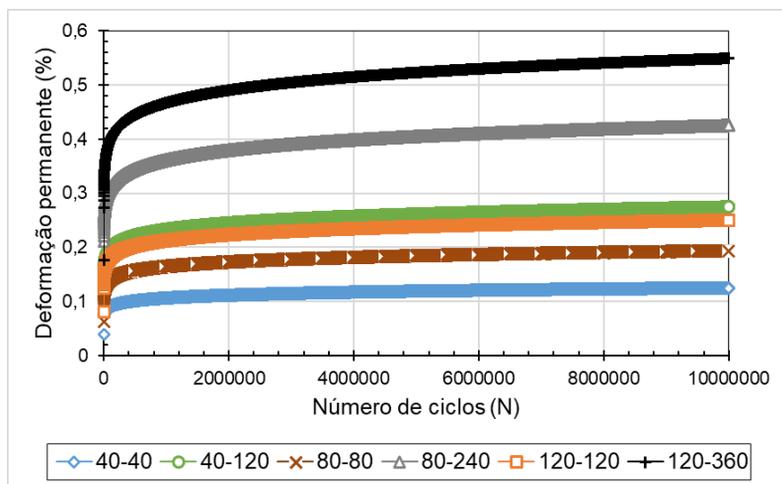
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 299: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de ciclos. Solo PE-1_2% ($N = 10^7$)



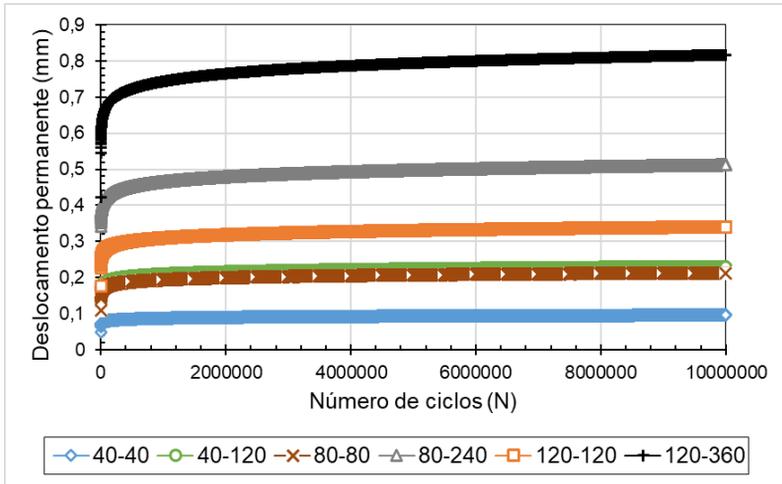
(a)



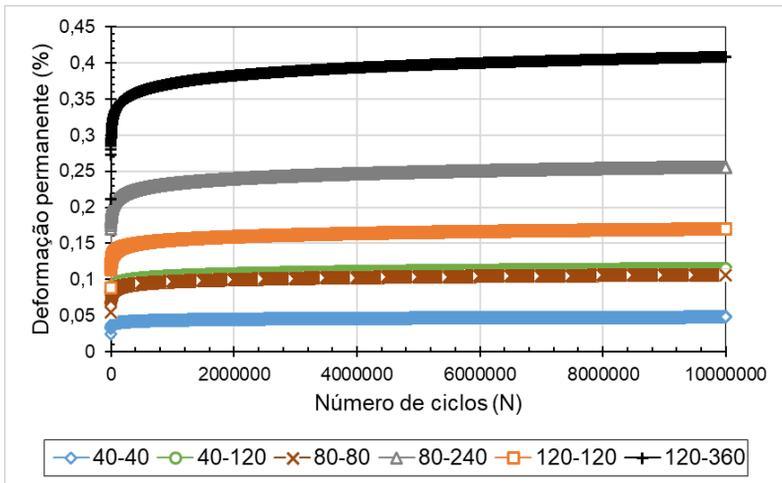
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 300: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PE-1_PR ($N = 10^7$)



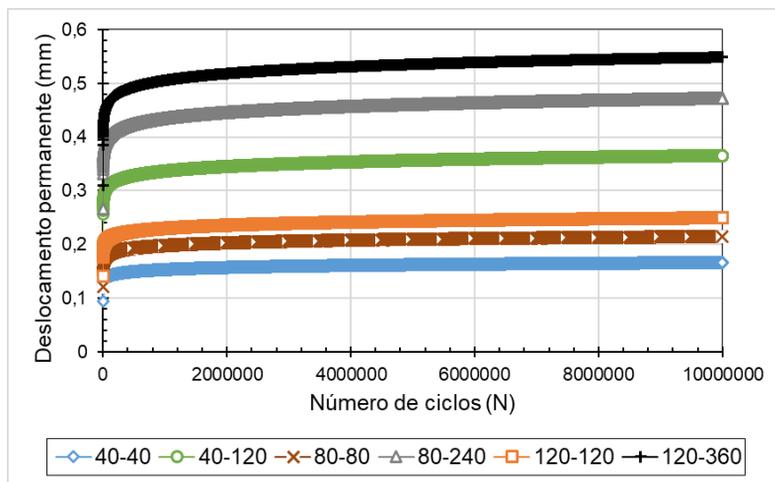
(a)



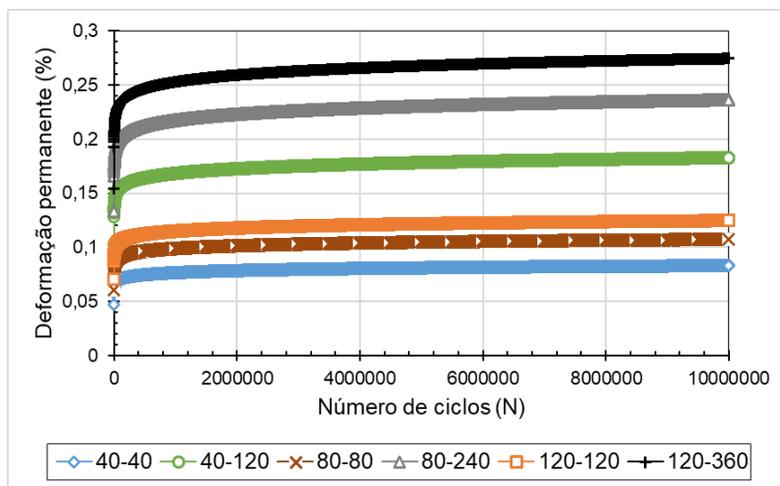
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 301: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PE-1_2%_PR ($N = 10^7$)



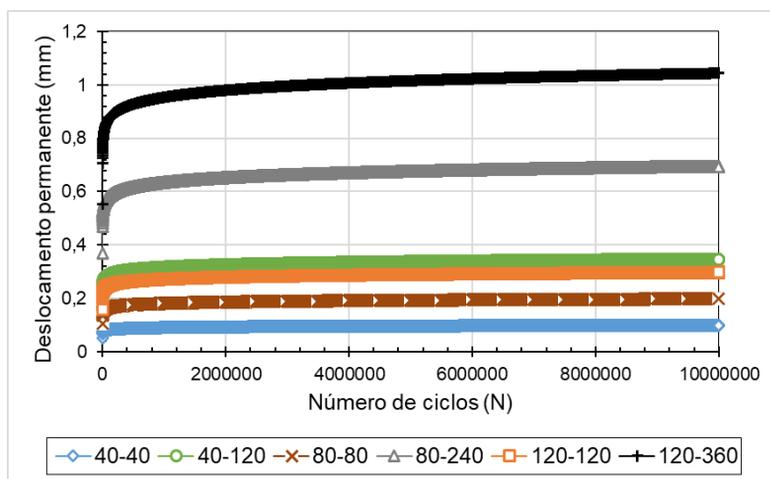
(a)



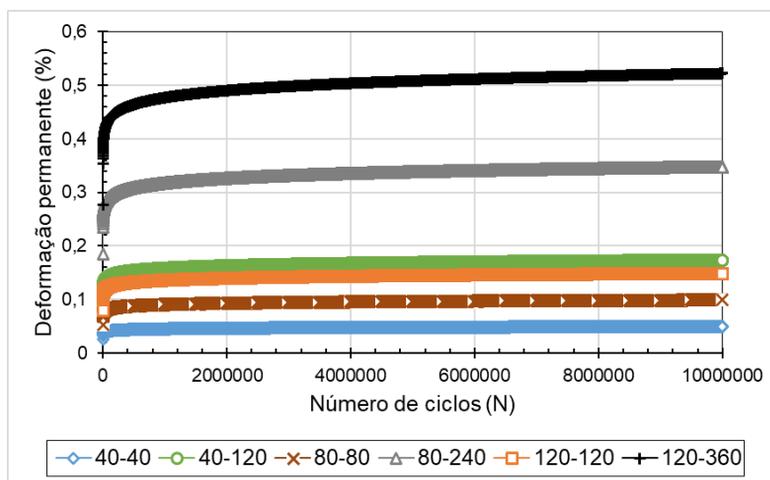
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 302: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de ciclos. Solo PB-2 ($N = 10^7$)



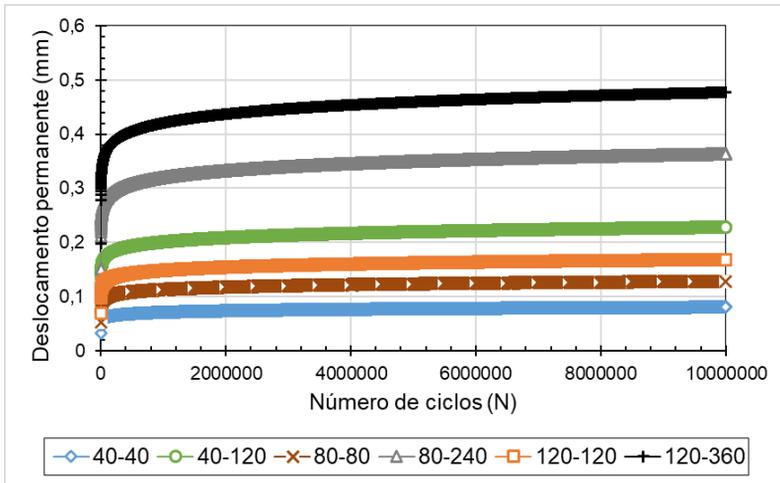
(a)



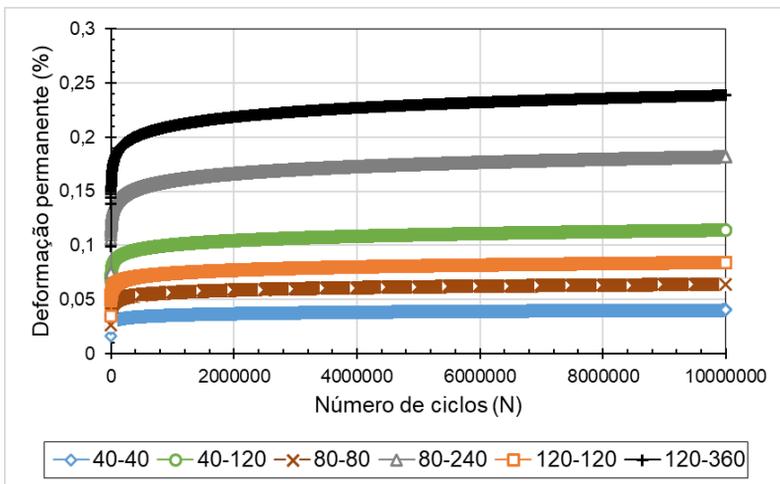
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 303: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de ciclos. Solo PB-2_2% ($N = 10^7$)



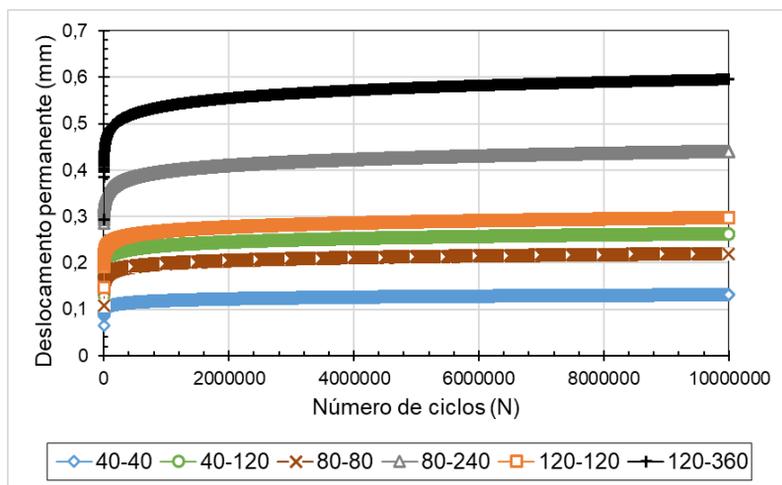
(a)



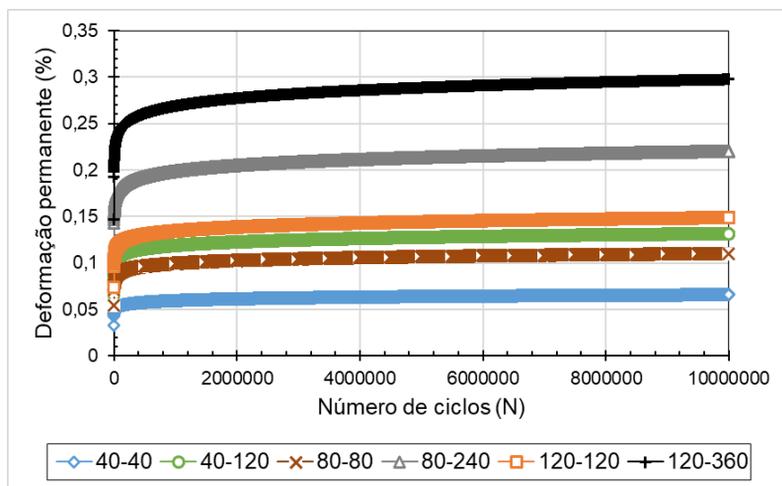
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 304: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de ciclos. Solo PB-2_PR ($N = 10^7$)



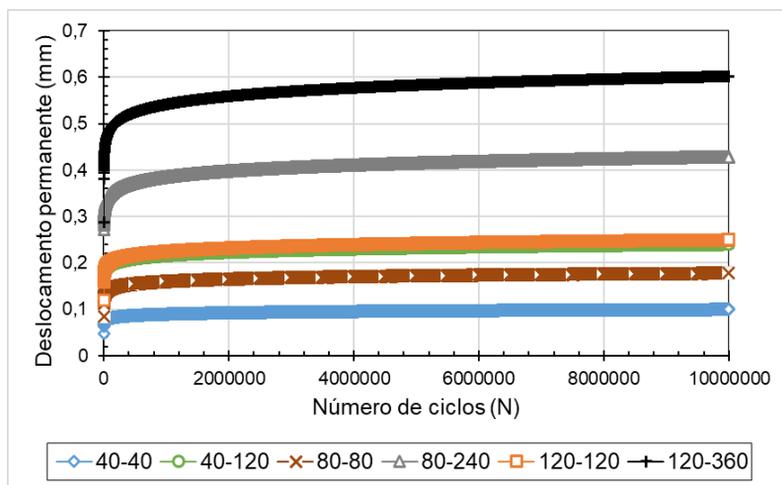
(a)



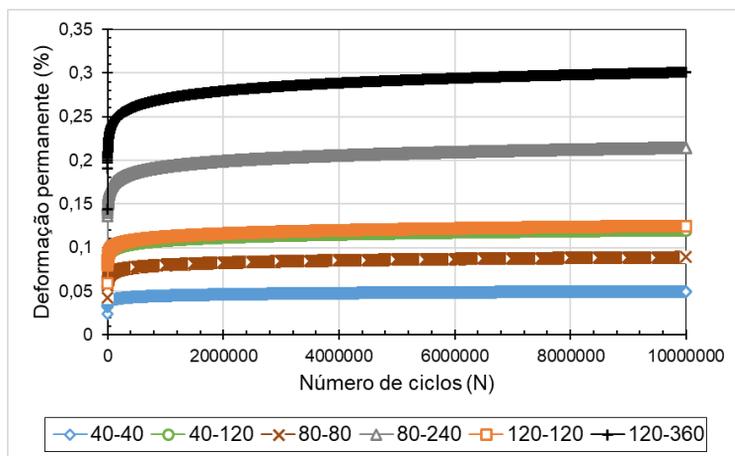
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 305: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-2_2%_PR ($N = 10^7$)



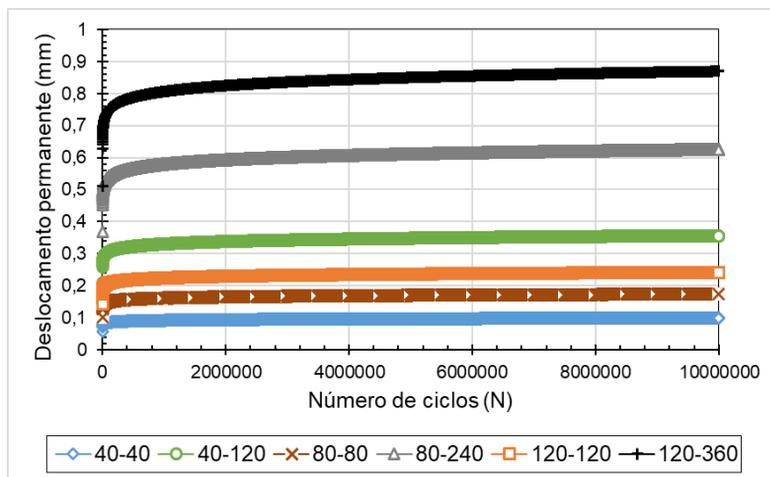
(a)



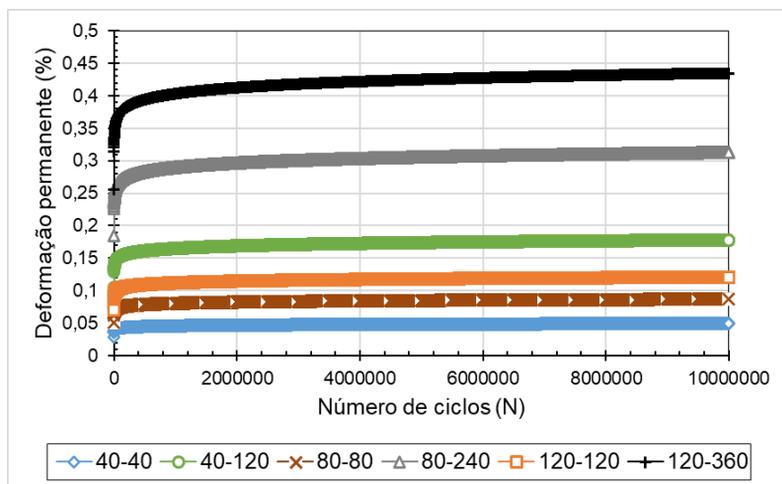
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 306: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3 ($N = 10^7$)



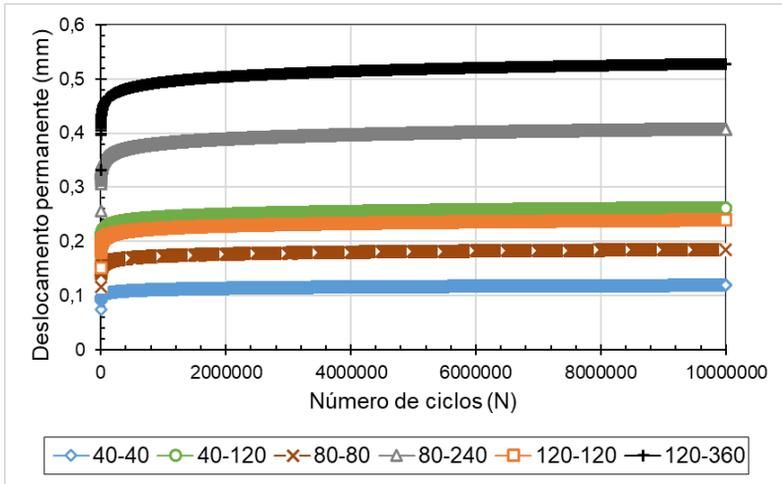
(a)



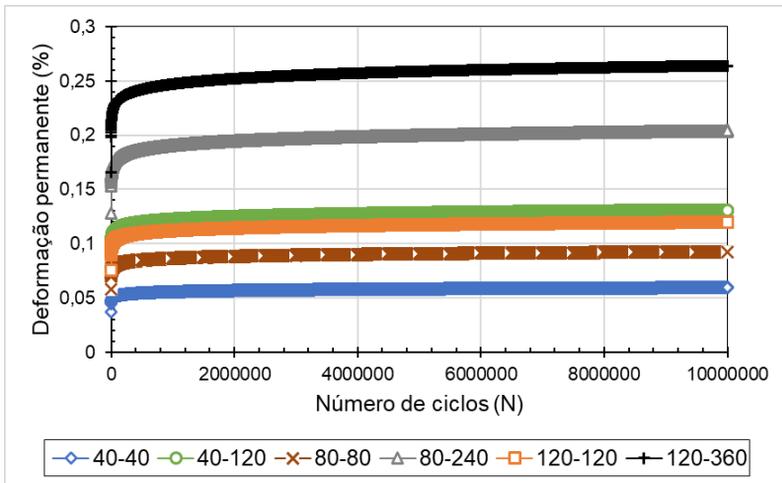
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 307: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3_2% ($N = 10^7$)



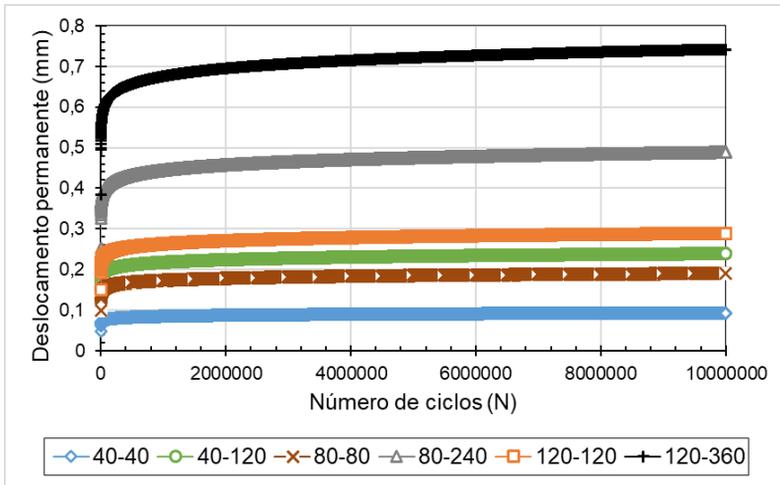
(a)



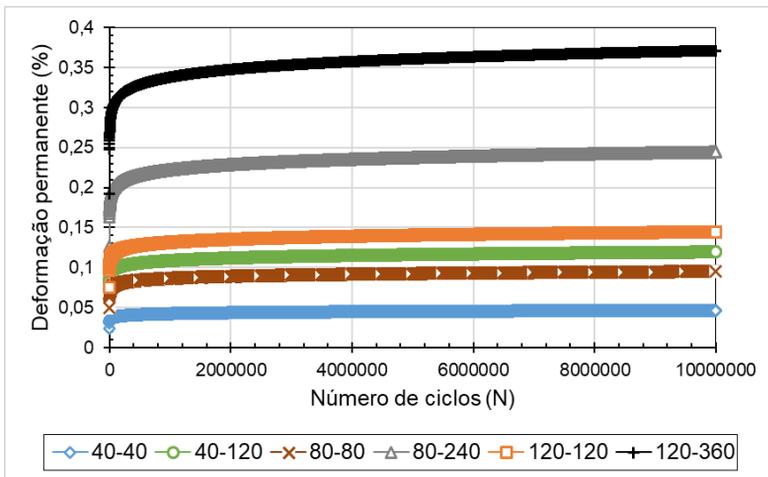
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 308: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3_PR ($N = 10^7$)



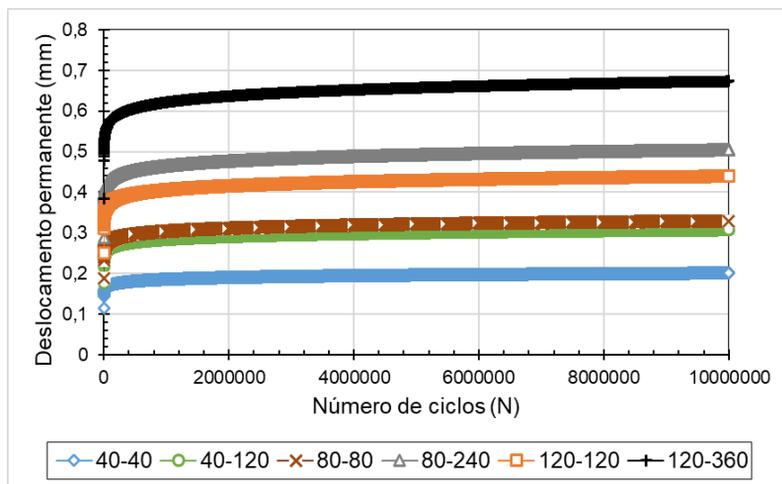
(a)



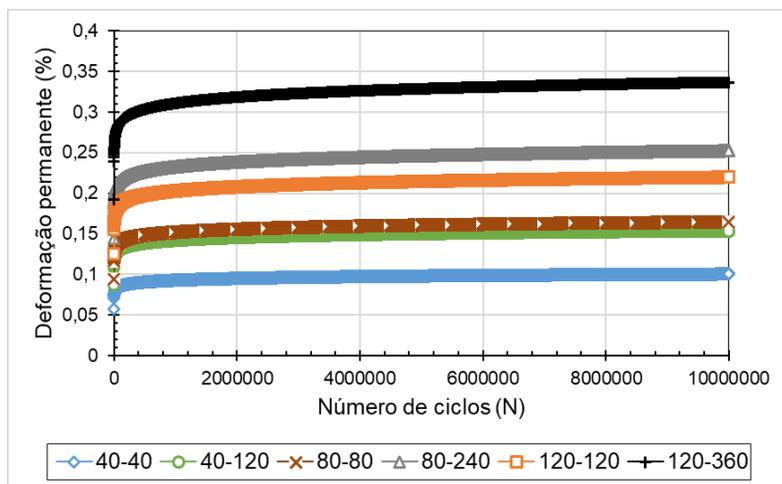
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 309: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de cargas. Solo PB-3_2%_PR ($N = 10^7$)



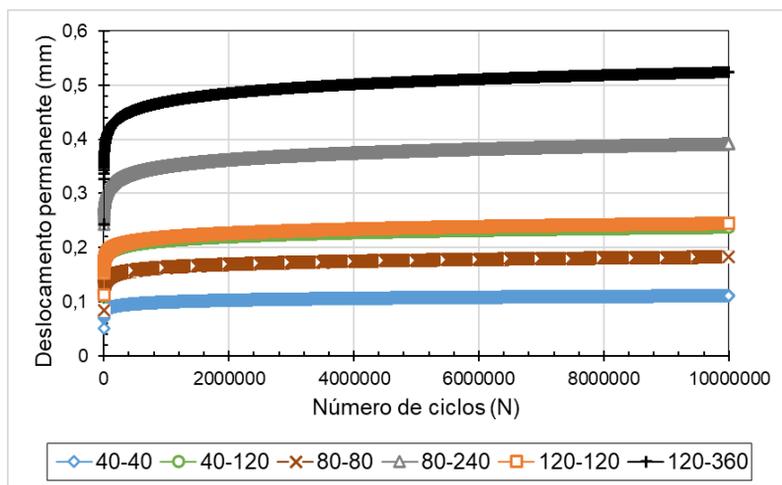
(a)



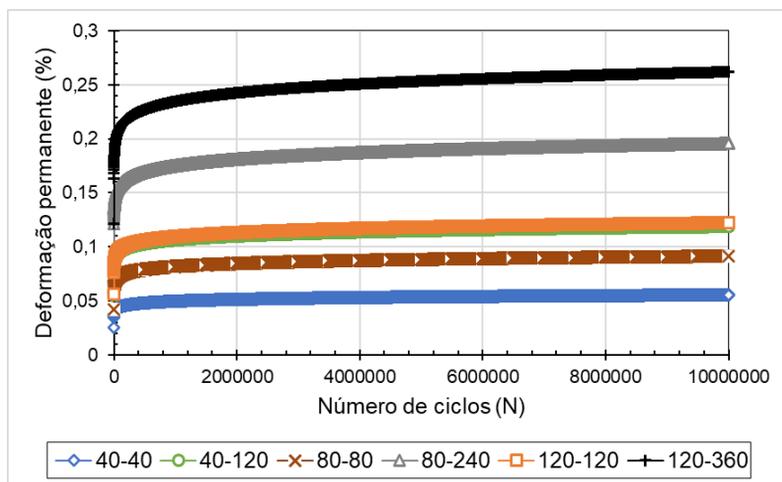
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 310: Deslocamento (a) e deformação (b) permanente em função do número de ciclos. BGTC ($N = 10^7$)



(a)



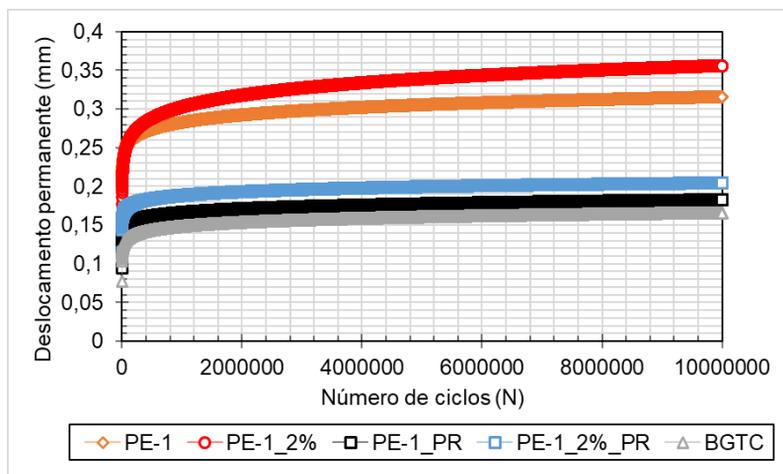
(b)

Fonte: De autoria própria

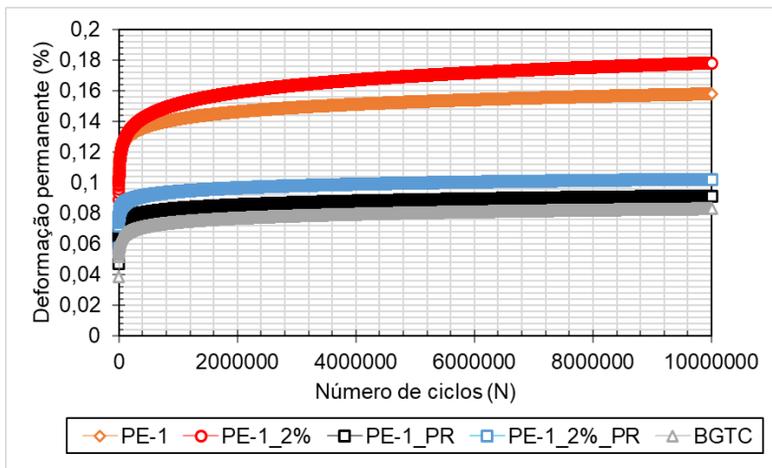
Os materiais apresentaram deslocamento permanente inferiores 4mm considerando o estado de elevado carregamento ($\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa), o que corresponde a deformação permanente específica de 2% de uma amostra com 200mm de altura. Vale ressaltar que a maioria dos solos apresentou deslocamento permanente inferiores 2,0mm (ou 1,0% de deformação específica em uma amostra com 200mm de altura), o que pode ser considerado muito baixo, indicando que os materiais — ambos solos e a mistura de BGTC — apresentaram bom comportamento frente solicitações cíclicas.

Contudo, como já mencionado anteriormente, é necessária uma análise mecanística-empírica para complementar a análise do desempenho estrutural e funcional, através da modelagem das estruturas frente a condições reais de tráfego.

Figura 311: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PE-1 ($N = 10^7$) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 70$ kPa e $\sigma_d = 70$ kPa



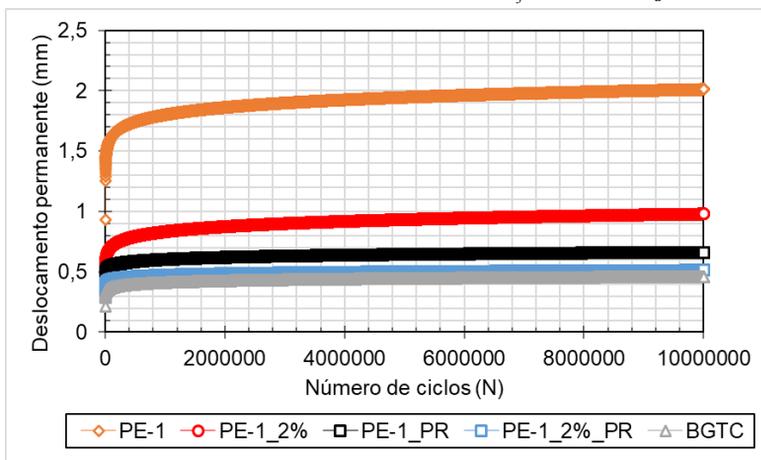
(a)



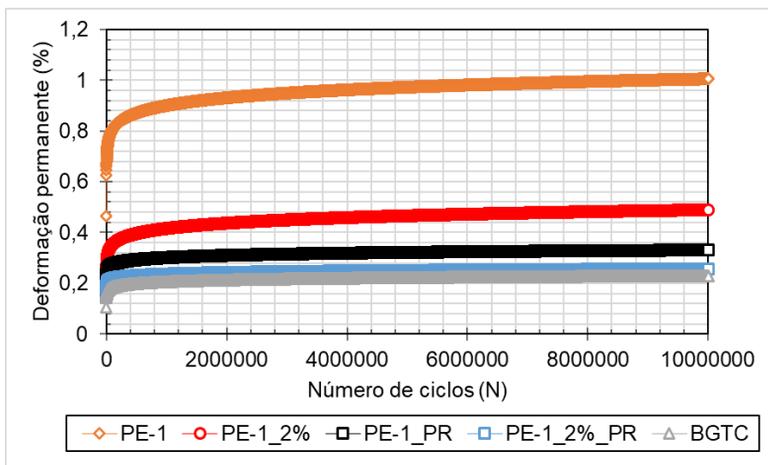
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 312: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PE-1 ($N = 10^7$) Estado de média tensão: $\sigma_3 = 100$ kPa e $\sigma_d = 300$ kPa



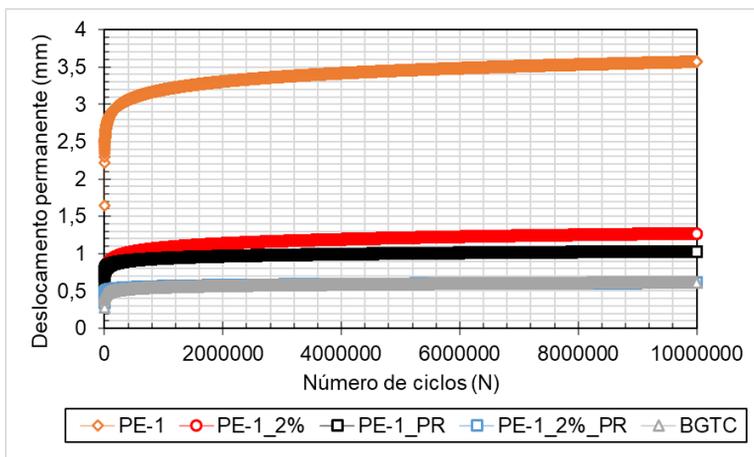
(a)



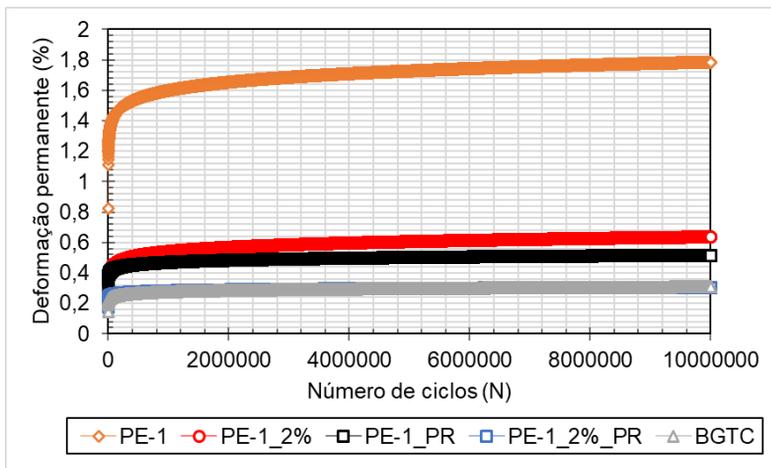
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 313: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PE-1 ($N = 10^7$) Estado de alta tensão: $\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa



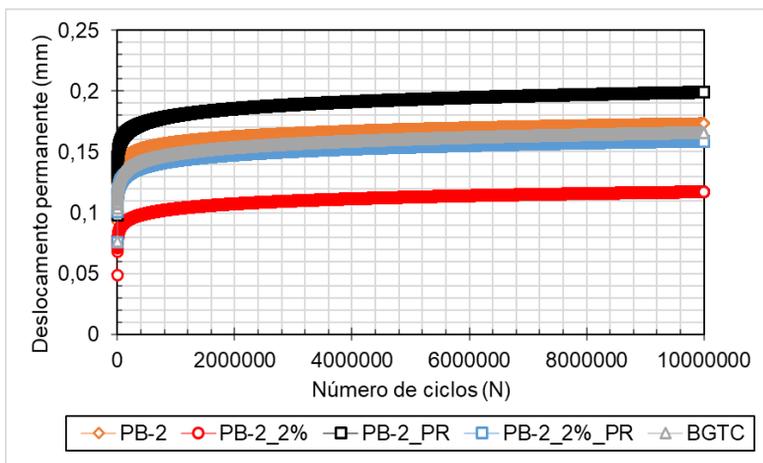
(a)



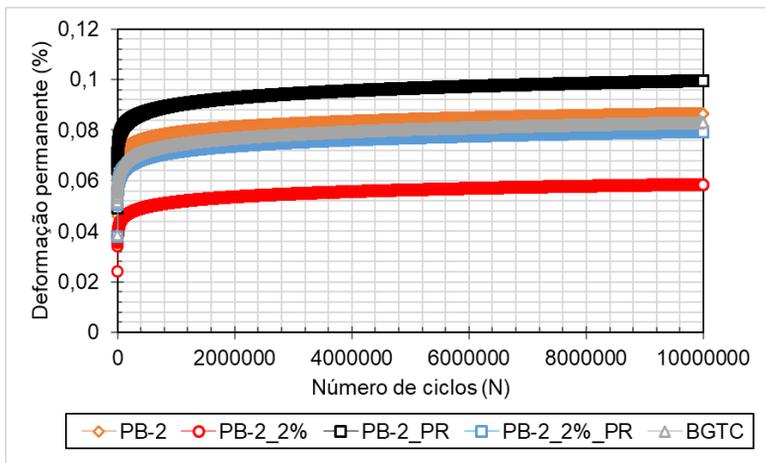
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 314: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-2 ($N = 10^7$) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 70$ kPa e $\sigma_d = 70$ kPa



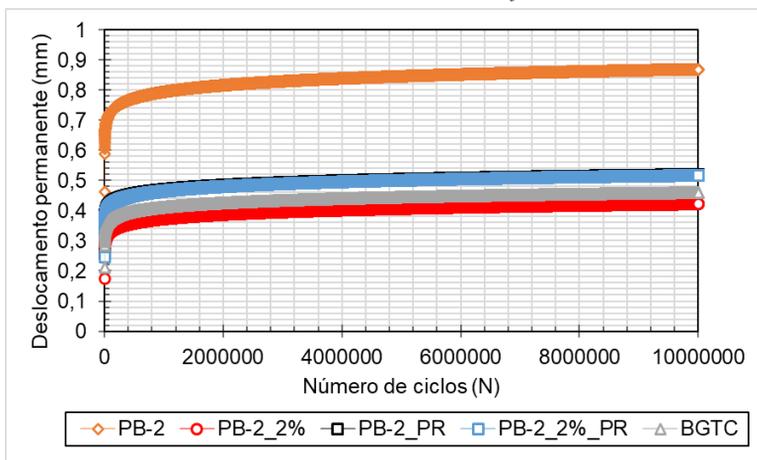
(a)



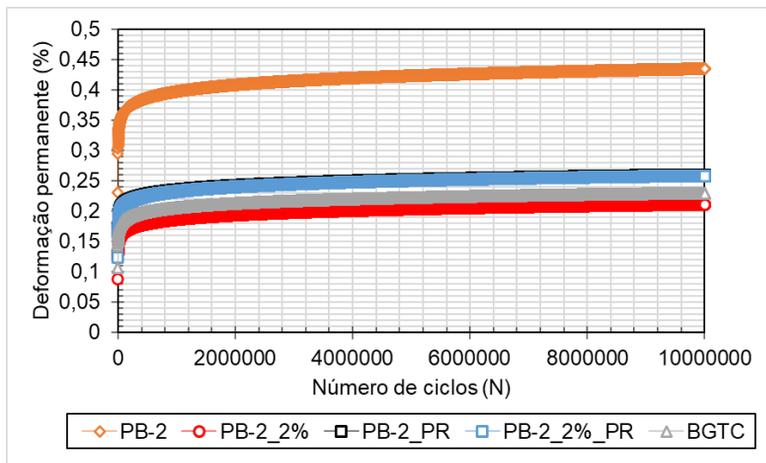
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 315: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-2 ($N = 10^7$) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 100$ kPa e $\sigma_d = 300$ kPa



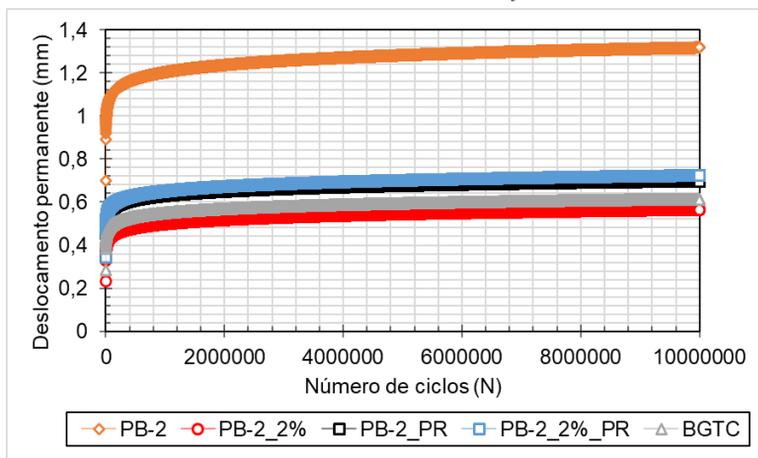
(a)



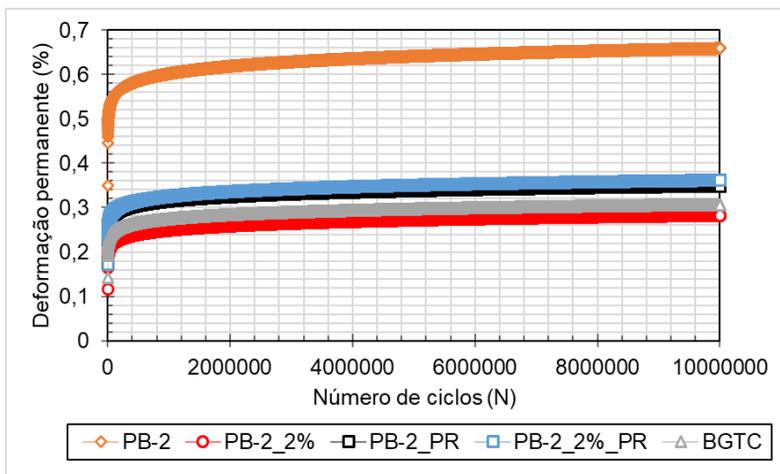
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 316: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-2 ($N = 10^7$) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa



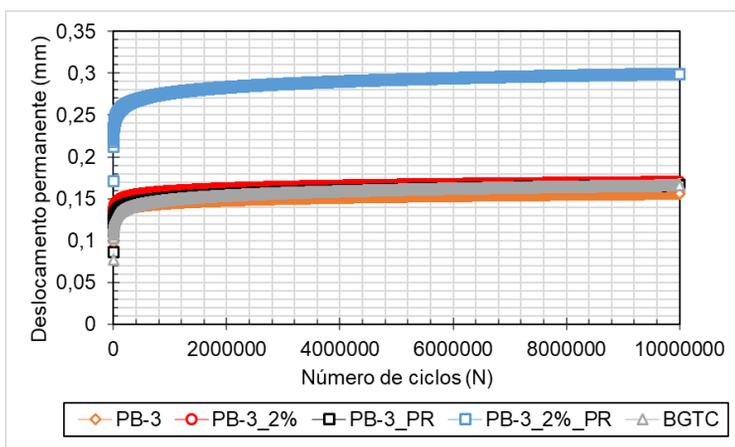
(a)



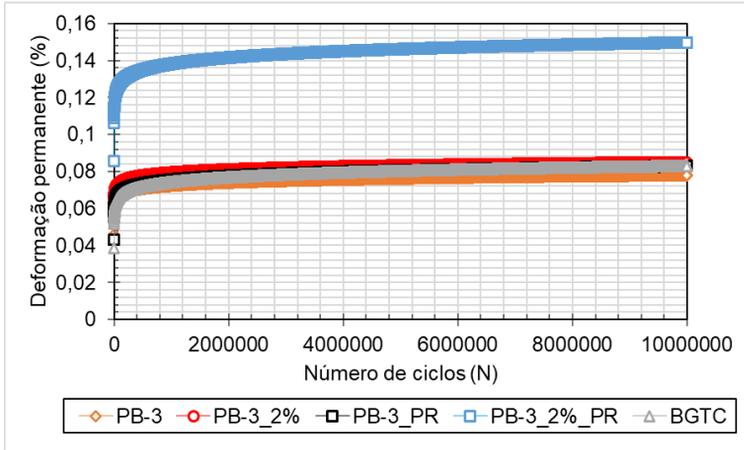
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 317: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-3 ($N = 10^7$) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 70$ kPa e $\sigma_d = 70$ kPa



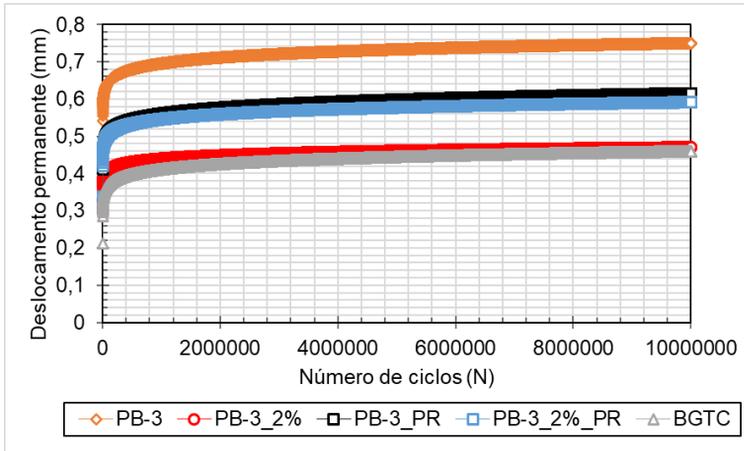
(a)



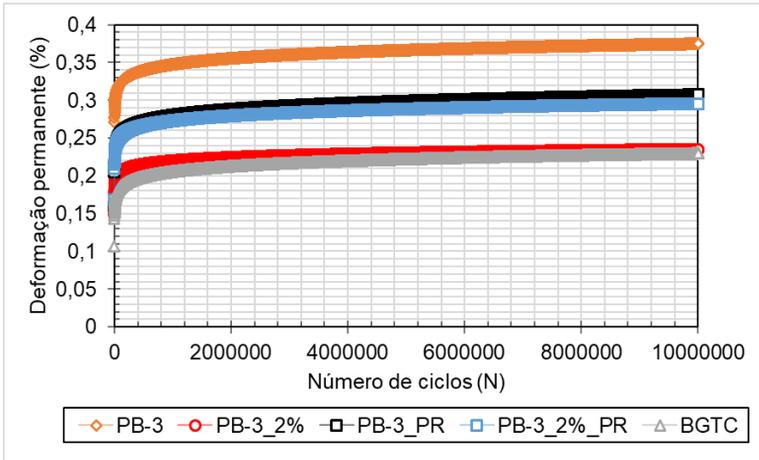
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 318: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-3 ($N = 10^7$) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 100$ kPa e $\sigma_d = 300$ kPa



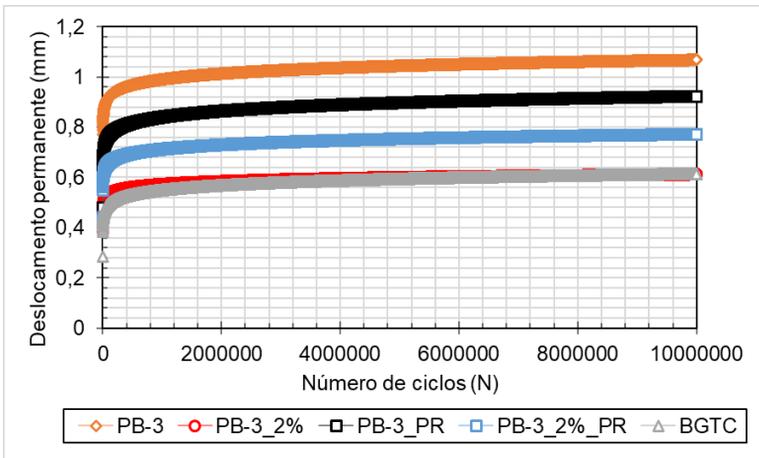
(a)



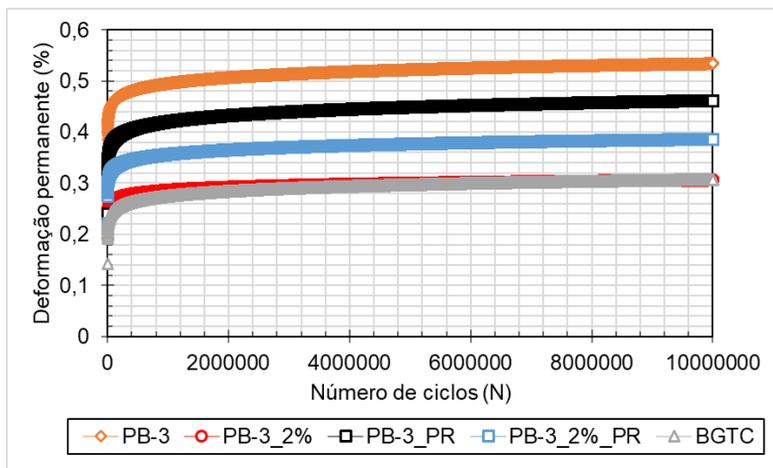
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 319: Deslocamento (a) e deformação (b) em função do número de cargas. Solo PB-3 ($N = 10^7$) Estado de baixa tensão: $\sigma_3 = 140$ kPa e $\sigma_d = 450$ kPa



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças de massa e as variações volumétricas por retração foram mais pronunciadas nos primeiros 5 dias (120 horas) de secagem. Ficou evidente que a possibilidade de desenvolvimento de trincas de retração é maior nas fases iniciais da construção e, portanto, a cura por um período mínimo de 3 dias resultará em redução da retração das camadas.

É observada a positiva influência do período de retração nos resultados de módulo de resiliência dos solos naturais desta pesquisa. A exceção foi o solo pedregulhoso PB-3, que possui vazios maiores e menor teor de finos, portanto tem menor capacidade de reter umidade e menor valor de sucção quando comparado aos outros solos. Para os solos melhorados com ligantes hidráulicos, o período de retração apresenta influência tecnicamente negativa nos valores de MR. Isso mostra que após o período de cura em câmara úmida, a depender da capacidade de reter umidade, a exposição de solos melhorados ao processo de dessecação reduziu gradativamente a umidade e consequentemente reduziu a ocorrência de reações físico-químicas

de longo prazo. Com isso, na execução de um pavimento, deve-se dar relevância à preservação da condição de umidade durante o período de cura.

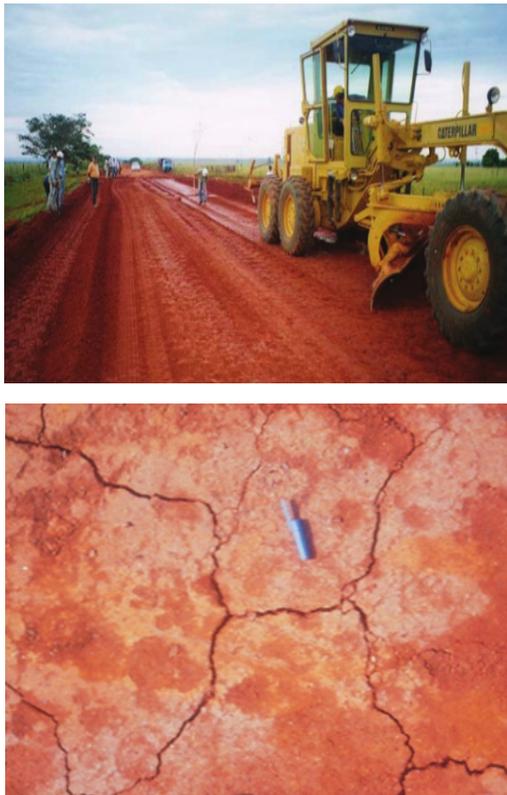
Fica visível também a positiva influência do período de retração nos resultados de deformação permanente dos solos naturais. A influência é proporcional a granulometria do solo, visto que para o solo pedregulhoso PB-3 — que possui vazios maiores, menor teor de finos e, conseqüentemente, menor capacidade de reter umidade e menor valor de sucção — a redução da DP foi mais moderada. Para os solos melhorados, o período de retração apresenta influência positiva somente para o solo PE-1_2%. Para os solos grossos, onde a sucção apresentou atuação menor, as DP aumentaram com o a retração volumétrica. O que aconteceu pode ser justificado de forma semelhante ao que aconteceu nos valores de MR, porque, após o período de cura em câmara úmida, a umidade dos materiais é gradualmente reduzida pela exposição ao processo de dessecação, o que resulta em uma redução no número de reações físico-químicas de longo prazo.

A sucção de solos não saturados é alterada por variações ambientais. A forma como a sucção influencia o módulo de resiliência e a deformação permanente depende do tipo de solo. A relação entre módulo de resiliência, bem como a deformação permanente, e sucção do solo é muito complexa e outros parâmetros também devem ser investigados. Diante disso, reforça-se a necessidade de uma investigação mais detalhada sobre a temática, que possa vir a gerar no futuro um protocolo padrão de ensaio que também inclua a influência do processo de retração e conseqüentemente da sucção na resposta à deformação resiliente e permanente dos solos.

Villibor & Alves (2019) recomendam que na execução de camadas com solos laterítico, é de fundamental importância o processo de secagem após o término da operação de compactação. A camada deve ser submetida à perda de umidade, que resulta no desenvolvimento de trincas na camada compactada (Figura 320). A secagem deve ocorrer por um período mínimo de 60 horas. No geral, os solos mais argilosos apresentam trincas com maiores espessuras comparadas a dos mais arenosos e pedregulhosos. A operação de secagem é

de grande importância, pois permite: aumentar a resistência da camada de forma irreversível (com o aumento de suporte); evitar o desenvolvimento de novas trincas de contração, quando atingir em serviço sua umidade de equilíbrio; acelerar a obtenção da umidade de equilíbrio, melhorando o desempenho do pavimento em seus primeiros anos de serviço; e proporcionar uma penetração adequada da imprimadura impermeabilizante na superfície da base, garantindo sua melhor aderência com o revestimento.

Figura 320: Conformação final da base e trincamento em função da secagem



Fonte: Adaptado de VILLIBOR & ALVES (2019)

CAPÍTULO 9 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS: AVALIAÇÃO MECANÍSTICA- EMPÍRICA COM O SOFTWARE MEDINA

O MÉTODO MEDINA (MÉTODO DE DIMENSIONAMENTO NACIONAL), em homenagem ao engenheiro Jacques de Medina, utiliza-se de um *software* para a verificação e o dimensionamento de estruturas de pavimentos através de uma análise elástica da estrutura por meio do componente AEMC (análise de camadas de múltiplas camadas).

Considerando os resultados obtidos nos ensaios de módulo de resiliência e deformação permanente, foi realizada uma avaliação empírico-mecanística com o objetivo de viabilizar o emprego de solos lateríticos naturais ou melhorados com ligantes hidráulicos em camadas granulares de pavimentos.

Inicialmente são inseridos os dados de tráfego para determinação do Número Equivalente de Eixos, o número N. Posteriormente, os dados referentes aos materiais e espessuras das camadas constituintes da estrutura são adicionados. O banco de dados do *software* conta com vários deles disponíveis, contudo, podem ser adicionados novos materiais para qualquer camada, desde que se conheça suas características, como o módulo de resiliência, coeficiente do Poisson, massa específica, umidade ótima, entre outros. Os resultados fornecem uma gama de informações pertinentes à estrutura analisada, como uma planilha de dados mensais indicando a evolução do número N, da porcentagem de área trincada e também do afundamento de trilha de roda. Também é fornecida uma lista completa em formato

de relatório que elenca todos os resultados da análise, detalhando a estrutura do pavimento, os materiais constituintes, a definição do tráfego, a evolução dos danos no pavimento, o afundamento de trilha de roda e as deflexões.

O *software* dimensiona apenas uma camada por vez, logo deve-se ter uma noção das camadas e materiais utilizados a fim de se pré-dimensionar a estrutura. O *software* calcula a espessura necessária para a camada selecionada suportar o tráfego imposto, de acordo com os materiais e espessuras das outras camadas que foram pré-dimensionadas. Se os materiais ou espessuras das mesmas forem insuficientes, a camada que está sendo dimensionada atingirá o seu limite e o *software* não conseguirá concluir o dimensionamento. O dimensionamento prossegue fazendo esses ajustes de materiais e espessuras até que sejam atendidos os critérios de parada do dimensionamento.

ESTRUTURA TIPO UTILIZADA

Para a avaliação empírico-mecânica, a estrutura e as propriedades dos materiais constituintes do pavimento foram adotadas com base em dados de monitoramento de trechos experimentais realizados pelo Laboratório de Engenharia de Pavimentos (LEP) na BR-230 no estado da Paraíba (Tabela 10). O segmento em questão corresponde à uma faixa da BR-230/PB da travessia urbana que liga as cidades de Cabedelo e João Pessoa.

O trecho foi modelado no MeDiNa considerando 5 camadas:

- (1) Camada de Tratamento Superficial Duplo (TSD) com RR-2C e 2,5cm de espessura;
- (2) Camada de CBUQ com AMP 55/75 e 7,0cm de espessura;
- (3) Camada de base com BGTC e 15,0cm de espessura;
- (4) Camada de sub-base com solo granular e 15,0cm de espessura; e
- (5) Camada de subleito com solo e espessura semi-infinita.

Adotou-se como carga padrão 8,2 toneladas por eixo com período de projeto de 10 anos, e taxa de crescimento de 3% ao ano, compatível com o crescimento econômico observado na região. Para o proposto dimensionamento foram considerados volumes de tráfego

diferentes: O caso 1 considerou o número $N = 10^6$ e o caso 2 considerou $N = 10^7$, sendo o N o número de passadas do eixo padrão. As estruturas foram analisadas com o objetivo de avaliar o desempenho dos solos ao serem aplicados na camada de base, preservando as demais camadas existentes. Os coeficientes de Poisson adotados seguiram os estudos de Franco (2007), Souza Júnior (2018) e Cavalcante (2005), sendo 0,30 para camadas asfálticas, 0,35 para base e sub-base granular e 0,45 para subleito.

Em todas as análises considerou-se a via como “Sistema Arterial Principal”. As rodovias desse tipo são caracterizadas por alto nível de mobilidade e volume de tráfego, proporcionando ao usuário velocidades de 60 a 120km/h, típico da rodovia na qual está localizada a praça de pedágio em questão (PASCOAL, 2020). O nível de confiabilidade das análises realizadas pelo MeDiNa foi de 95%, com isso, o critério de aceitação do dimensionamento passa a ser 30% de área trincada e 10mm de deformação permanente.

INTRODUÇÃO

Foi utilizado o *software* MeDiNa, fornecido pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), para modelagem das estruturas a fim de avaliar, frente a condições reais de tráfego, o desempenho estrutural e funcional. A estrutura e as propriedades dos materiais constituintes do pavimento foram adotadas com base em dados de monitoramento de trechos experimentais realizados pelo Laboratório de Engenharia de Pavimentos (LEP) na BR-230 no estado da Paraíba (Tabela 46).

Tabela 46: Estrutura e as propriedades dos materiais constituintes do pavimento

Camada	TSD	Concreto asfáltico	Sub-base	Subleito
Parâmetros				
Espessura (cm)	2,5	7,0	15	0 (semi-infinita)
Coefficiente de Poisson	0,25	0,30	0,35	0,45
Módulo (MPa)				
Modelo constituinte	Resiliente Linear	Resiliente Linear	Resiliente Não Linear	Resiliente Não Linear
Módulo (MPa)	1000	5998	-	-
Coefficiente de Regressão (k1)	-	-	1498,00	882,77
Coefficiente de Regressão (k2)	-	-	0,387	0,451
Coefficiente de Regressão (k3)	-	-	-0,222	-0,072
Características				
Tipo de material	RR-2C	AMP 55/75	Solo	Solo
Massa específica (g/cm ³)	2,40	2,38	1,998	1,830
Umidade ótima (%)	-	-	9,94	11,80
Energia de compactação	-	-	Intermediária	Normal
Resistência à tração (MPa)	-	1,00	-	-
Teor de asfalto (%)	-	5,2	-	-
Volume de vazios (%)	-	3,6	-	-
Faixa granulométrica	-	C	-	-
Abrasão <i>Los Angeles</i> (%)	-	-	-	-
Curva de fadiga				
Modelo	-	k1.(et ^ k2)	-	-
Coefficiente de Regressão (k1)	-	2E-16	-	-
Coefficiente de Regressão (k2)	-	-4,804	-	-
Classe de Fadiga	-	3	-	-
FFM (100μ a 250μ)	-	1,02	-	-
Deformação permanente				
Modelo	$\epsilon_p(\%) = \Psi_1(\sigma_3)^{\Psi_2} \cdot (\sigma_d)^{\Psi_3} \cdot (N)^{\Psi_4}$			
Coefficiente de Regressão (Ψ_1)	-	-	0,128	0,244
Coefficiente de Regressão (Ψ_2)	-	-	0,485	0,419
Coefficiente de Regressão (Ψ_3)	-	-	0,581	1,309
Coefficiente de Regressão (Ψ_4)	-	-	0,046	0,069

Fonte: De autoria própria

AVALIAÇÃO MECANÍSTICA-EMPÍRICA

Para o proposto dimensionamento foram considerados volumes de tráfego diferentes: O caso 1 considerou o número $N = 10^6$ e o caso 2 considerou $N = 10^7$. As estruturas foram analisadas com o objetivo de avaliar o desempenho dos solos ao serem aplicados na camada de base, preservando as camadas de revestimento, sub-base e subleito existentes.

Em todas as análises considerou-se a via como “Sistema Arterial Principal”. O nível de confiabilidade das análises realizadas pelo MeDiNa foi de 95%, com isso, o critério de aceitação do dimensionamento passa a ser uma área trincada máxima de 30% e deformação permanente máxima de 10 mm.

Para os solos PE-1, PB-2 e PB-3, as análises foram realizadas considerando suas situações natural, estabilizada e após o período de retração. Também foi realizada a análise para a BGTC e para a BGS (BGTC_0%). Para os materiais em específico, foram utilizados os parâmetros de regressão obtidos através dos ensaios de módulo de resiliência (MR) e deformação permanente (DP) realizados na pesquisa. Contudo, exclusivamente para a BGS (BGTC_0%), como não foi realizado ensaio de DP para esse material, os parâmetros de regressão foram retirados do trabalho de Lima *et al.* (2017).

Os valores de porcentagem de AT e ATR ao longo do período de vida útil, previstos nas modelagens dos pavimentos realizadas no MeDiNa são indicados na Tabela 47 e Figuras 321–322.

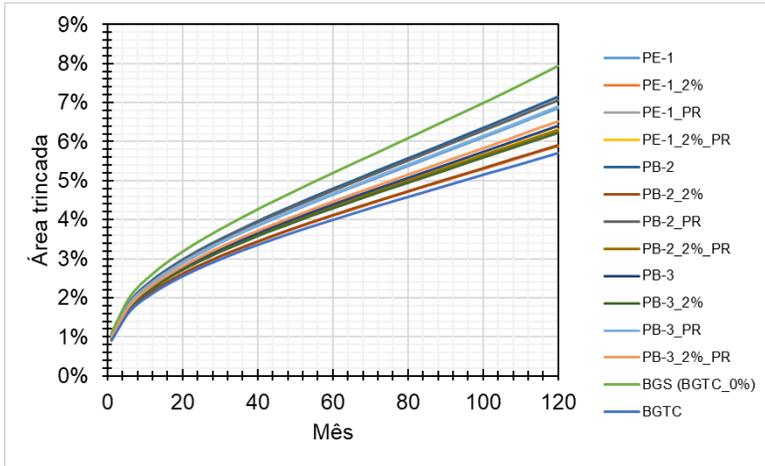
Tabela 47: Desempenho frente a porcentagem de área trincada (AT) e ao afundamento de trilha de roda (ATR)

Tempo de projeto		Tráfego N = 10 ⁶													
		PE-1	PE-1_2%	PE-1_PR	PE-1_2%_PR	PB-2	PB-2_2%	PB-2_PR	PB-2_2%_PR	PB-3	PB-3_2%	PB-3_PR	PB-3_2%_PR	BGTC	BGS (BGTC_0%)
1º mês	AT	1,02%	0,93%	0,97%	0,97%	1,04%	0,93%	1,04%	0,97%	0,98%	0,96%	1,02%	0,99%	0,91%	1,10%
	ATR (mm)	2,6	2,5	2,2	2,5	2,5	2,2	2,3	2,3	2,5	2,3	2,3	2,3	2,2	2,9
12º mês	AT	2,39%	2,17%	2,27%	2,27%	2,46%	2,17%	2,44%	2,27%	2,29%	2,25%	2,40%	2,32%	2,12%	2,61%
	ATR (mm)	3,0	2,9	2,6	2,9	2,9	2,6	2,7	2,7	3,0	2,7	2,7	2,7	2,6	3,4
24º mês	AT	3,11%	2,81%	2,94%	2,94%	3,20%	2,81%	3,18%	2,94%	2,97%	2,92%	3,13%	3,01%	2,74%	3,42%
	ATR (mm)	3,2	3,1	2,7	3,0	3,0	2,8	2,8	2,8	3,1	2,8	2,8	2,8	2,7	3,6
48º mês	AT	4,17%	3,72%	3,92%	3,92%	4,30%	3,73%	4,27%	3,92%	3,96%	3,88%	4,19%	4,02%	3,63%	4,64%
	ATR (mm)	3,3	3,2	2,9	3,2	3,2	2,9	3,0	2,9	3,2	3,0	2,9	2,9	2,8	3,8
96º mês	AT	5,96%	5,19%	5,52%	5,53%	6,19%	5,20%	6,13%	5,52%	5,60%	5,47%	5,99%	5,69%	5,04%	6,80%
	ATR (mm)	3,5	3,4	3,0	3,3	3,3	3,0	3,1	3,1	3,4	3,1	3,1	3,1	3,0	4,0
120º mês	AT	6,85%	5,89%	6,30%	6,31%	7,14%	5,91%	7,06%	6,30%	6,40%	6,23%	6,89%	6,51%	5,71%	7,93%
	ATR (mm)	3,5	3,4	3,0	3,4	3,4	3,1	3,1	3,1	3,4	3,1	3,1	3,1	3,0	4,1

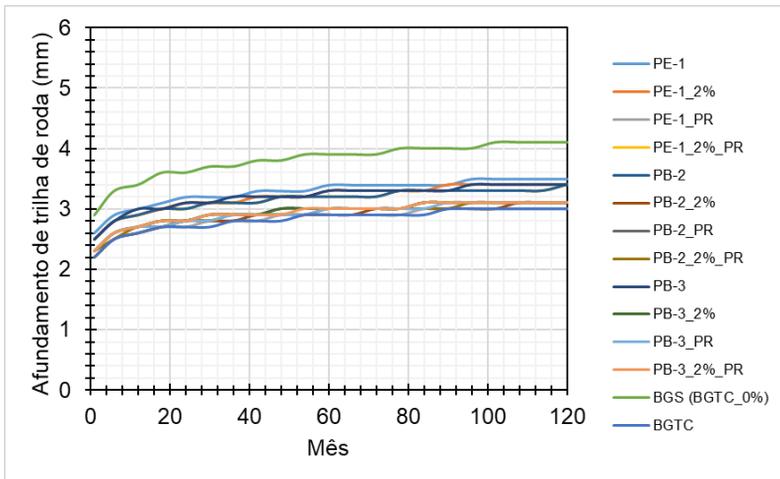
Tempo de projeto		Tráfego N = 10 ⁷													
		PE-1	PE-1_2%	PE-1_PR	PE-1_2%_PR	PB-2	PB-2_2%	PB-2_PR	PB-2_2%_PR	PB-3	PB-3_2%	PB-3_PR	PB-3_2%_PR	BGTC	BGS (BGTC_0%)
1º mês	AT	2,23%	2,03%	2,12%	2,12%	2,29%	2,03%	2,27%	2,12%	2,14%	2,10%	2,24%	2,16%	1,98%	2,43%
	ATR (mm)	3,0	2,9	2,6	2,9	2,9	2,6	2,7	2,6	2,9	2,7	2,6	2,7	2,6	3,4
12º mês	AT	6,35%	5,50%	5,86%	5,87%	6,60%	5,51%	6,53%	5,86%	5,95%	5,80%	6,38%	6,05%	5,33%	7,28%
	ATR (mm)	3,5	3,4	3,0	3,3	3,3	3,1	3,1	3,1	3,4	3,1	3,1	3,1	3,0	4,1
24º mês	AT	9,96%	8,21%	8,94%	8,95%	10,51%	8,25%	10,36%	8,94%	9,12%	8,82%	10,03%	9,33%	7,90%	12,07%
	ATR (mm)	3,6	3,6	3,2	3,5	3,5	3,2	3,3	3,2	3,5	3,3	3,2	3,3	3,1	4,3
48º mês	AT	19,36%	14,55%	16,48%	16,52%	20,97%	14,63%	20,54%	16,50%	16,97%	16,16%	19,56%	17,56%	13,74%	25,76%
	ATR (mm)	3,8	3,7	3,3	3,6	3,6	3,3	3,4	3,4	3,7	3,4	3,4	3,4	3,3	4,5
96º mês	AT	51,43%	35,17%	41,79%	41,94%	56,61%	35,45%	55,24%	41,85%	43,46%	40,69%	52,09%	45,47%	32,41%	70,66%
	ATR (mm)	4,0	3,9	3,5	3,8	3,8	3,5	3,6	3,5	3,9	3,6	3,5	3,6	3,4	4,8
120º mês	AT	71,83%	49,92%	59,21%	59,43%	78,12%	50,32%	76,49%	59,30%	61,49%	57,70%	72,66%	64,17%	45,90%	93,34%
	ATR (mm)	4,1	4,0	3,5	3,9	3,9	3,6	3,6	3,6	3,9	3,6	3,6	3,6	3,5	4,9

Fonte: De autoria própria

Figura 321: Desempenho do pavimento tipo durante a vida útil: (a) porcentagem de AT (b) ATR. Tráfego N = 10⁶



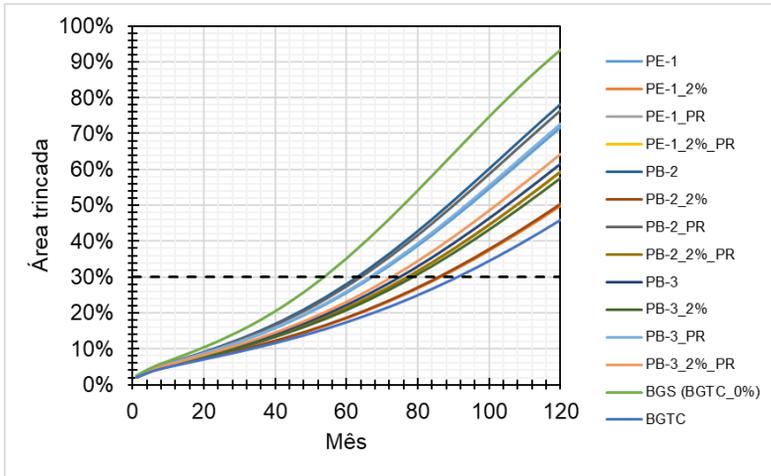
(a)



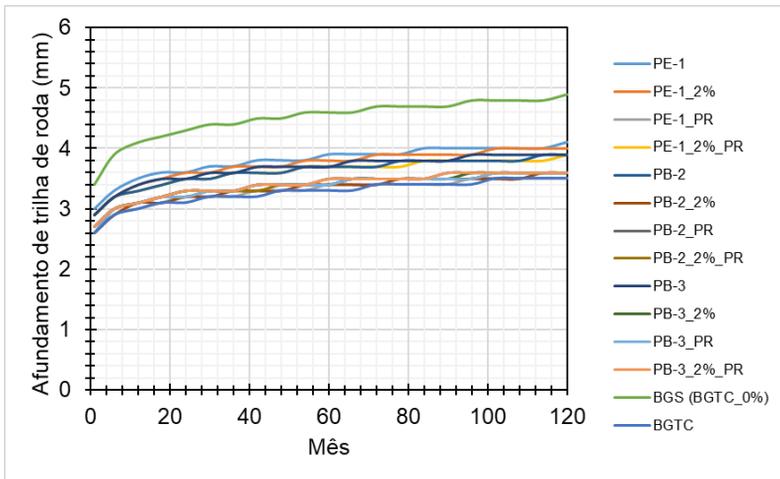
(b)

Fonte: De autoria própria

Figura 322: Desempenho do pavimento tipo durante a vida útil: (a) porcentagem de AT (b) ATR. Tráfego $N = 10^7$



(a)



(b)

Fonte: De autoria própria

Com os resultados, verifica-se que todas as modelagens que consideraram como camada de base a BGS (BGTC_0%) apresentam maiores valores de AT e ATR. Como já mencionado, os parâmetros de regressão do ensaio de DP para esse material foram retirados do trabalho de Lima *et al.* (2017). Contudo, mesmo assim, os autores concluíram que os valores apresentados foram adequados para aplicação em camadas de base e sub-base, visto que as deformações permanentes acumuladas foram baixas, estimando-se pequena contribuição da camada.

Ainda segundo Lima *et al.* (2017), o valor admissível de 12,5 mm de ATR total é geralmente considerado em projetos de rodovias de alto volume de tráfego. A *Federal Highway Administration* classifica o ATR em três níveis de gravidade, sendo baixo quando entre 6 e 12,5 mm, médio entre 12,5 e 25 mm, e alto quando maior que 25 mm (HAFEEZ, 2009). Medina & Motta (2015) sugerem o valor de 13 mm de ATR como referência para rodovias com alto volume de tráfego, admitindo um valor máximo de 16 mm. Nos métodos de dimensionamento mecânico, admite-se os valores entre 10 e 20 mm para ATR. Segundo Silva (2008), os valores críticos de ATR em relação ao risco de hidroplanagem são de 12 mm a 15 mm para as velocidades de 120 km/h e 80 km/h, respectivamente.

Ao avaliar as estruturas que foram dimensionadas para tráfego menor ($N = 10^6$), o desempenho foi muito satisfatório, visto que o afundamento de trilha de roda e a porcentagem de área trincada, ao final da vida útil, estão bem abaixo dos limites requisitados ao tipo da via. Tais resultados evidenciam o bom comportamento dos solos investigados neste trabalho quando empregado em camadas de base de pavimentos.

No cenário de maior tráfego ($N = 10^7$), ao concluir a verificação, o programa emitiu o alerta de tráfego elevado, indicando que o mecanismo de ruptura foi a fadiga oriunda da repetição de deformações elásticas. Além disso, o *software* alertou que o programa não calcula a Área Trincada proveniente da reflexão de trincas da base estabilizada. Entretanto, a deformação permanente resultante do acúmulo de deformações plásticas permanece dentro do limite nos 10 anos, indicando o bom comportamento dos solos quando empregado em camadas de base.

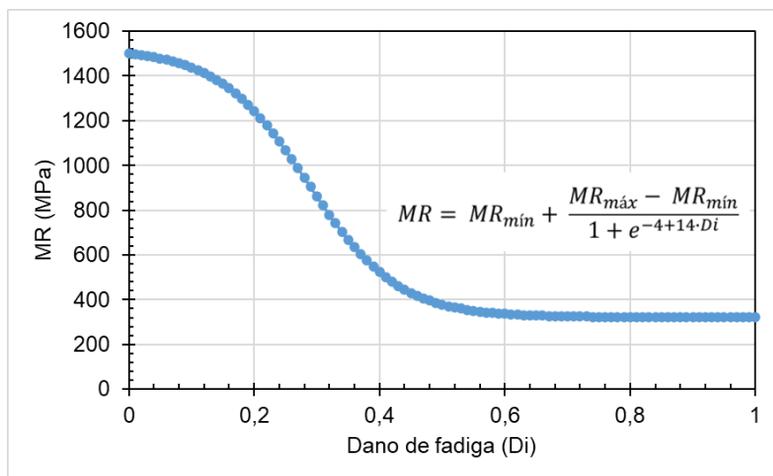
Tais dados corroboram os resultados obtidos por Pascoal (2020), onde as análises verificaram que estruturas compostas com solos lateríticos dimensionadas a resistir a $1,0 \times 10^6$ ao longo dos dez anos, não

sofrieriam com nenhum dos mecanismos de deterioração. Entretanto, nas estruturas dimensionadas com o número de solicitações de $2,50 \times 10^7$, o autor verificou que o mecanismo de ruptura foi a fadiga.

Por meio da rotina “Avaliar estrutura” foi possível observar que, considerando a situação de tráfego elevado ($N = 10^7$), até antes do oitavo ano de utilização, a estrutura estaria comprometida quanto a fadiga, apresentando uma área trincada maior que 30% (Figura 322, a). Realizando o dimensionamento, por meio da rotina “Dimensionar”, em todos casos, a camada de CBUQ apresenta acréscimo na espessura. Por exemplo, considerando a estrutura com o emprego da BGS (BGTC_0%), no qual apresentou pior desempenho referente ao valor de AT e ATR ao final da vida útil, o *software* MeDiNa recomenda uma espessura de 12,8cm de CBUQ AMP 55/75, ou seja, um acréscimo de 5,8cm. Com esse valor, a área trincada estimada do pavimento no fim do período seria de 28,4% e o afundamento de trilha de roda de 2,7mm.

Além do mais, pode-se inferir um possível decaimento rápido do módulo das camadas melhoradas. Analisando o modelo ou função sigmoideal (Figura 323) da camada de BGTC, é nítida uma considerável variação do MR com o dano de fadiga. A função considerou o MR_{\min} o valor médio obtido (322 MPa) para o ensaio com a BGS (BGTC_0%) e o MR_{\max} o valor médio obtido (1522 MPa) para o ensaio com a BGTC. A constante A foi de -4 e a constante B de 14, obtendo um R^2 de 0,98.

Figura 323: Modelo ou função sigmoidal da camada de BGTC



Fonte: De autoria própria

A conclusão da avaliação mecânica-empírica foi que o afundamento da trilha de roda ficou bem abaixo dos limites exigidos para o tipo de via quando as misturas foram aplicadas na camada de base. No entanto, a porcentagem de área trincada ficou acima das restrições impostas para o tipo de via quando houve tráfego elevado. Isso indica que a camada de CBUQ não foi empregada adequadamente e/ou que o módulo da camada de base melhorada diminuiu rapidamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a avaliação mecanística-empírica evidenciou o desempenho satisfatório dos solos quando aplicados em camada de base, visto que o afundamento de trilha de roda, ao final da vida útil, ficou bem abaixo dos limites exigidos ao tipo de via. Contudo, para tráfegos elevados, a porcentagem de área trincada ficou acima das restrições impostas para o tipo de via, indicando a incapacidade da camada de CBUQ empregada e/ou decaimento rápido do módulo da camada de base melhorada, sendo necessário reforço para combater possíveis mecanismos de ruptura por fadiga advinda da repetição de deformações elásticas.

Os valores dos módulos de resiliência e de deformação permanente das amostras já indicavam a provável viabilidade do emprego dos solos lateríticos. Com a análise mecanística-empírica complementar, os resultados das avaliações, especialmente no solo PE-1, indicaram que um solo laterítico fino também é capaz de manifestar um comportamento adequado em camadas de base, abrindo o leque de possibilidades de aplicação de solos lateríticos com granulometrias distintas.

Uma observação plausível é que o *software* MeDiNa não diferencia material estabilizado e material melhorado. Isso provoca alteração nos parâmetros de entrada. Na presente pesquisa, somente 2% de estabilizante foi aplicado nas misturas com solos e brita graduada. Na definição da especificação de serviço norma DNIT-ES 142 (2022), a descrição para base de solo melhorado com cimento é “Material proveniente da mistura de solo (com ou sem adição de material granular), cimento e água, em proporções previamente determinadas por processo próprio de dosagem, de forma que o teor selecionado promova a melhoria das características do material, tais como granulometria, redução da expansão, etc., propiciando seu emprego como material de pavimentação e o atendimento às exigências de projeto. Os teores de cimento para a mistura de solo melhorado usualmente estão situados na faixa de 2% a 4%, em massa, em relação à massa total seca da mistura.

Independente do teor de estabilizante, o programa requer os modelos de módulo de resiliência e de fadiga, todavia as misturas

participantes da pesquisa foram classificadas como misturas melhoradas e não estabilizadas e, por isso, foram praticados os modelos de módulo de resiliência e de deformação permanente.

Vale salientar que os preceitos da metodologia presente no *software* não consideram dados de retração dos solos. Além do mais, os resultados do MeDiNa ainda estão em fase de calibração e aperfeiçoamento, principalmente em torno de programas de implantação e monitoramento de segmentos experimentais.

CAPÍTULO 10 – SOLOS LATERÍTICOS NATURAIS E MELHORADOS COM LIGANTES HIDRÁULICOS: COMPOSIÇÃO DE CUSTOS

APÓS TODA A ANÁLISE MECÂNICA ESTÁTICA E CÍCLICA DOS MATERIAIS, foi realizada uma investigação de custo para execução de camadas de base, com o intuito de comparar as despesas. A composição de custos segundo o SICRO (DNIT, 2023) foi realizada para as seguintes misturas:

- Base ou sub-base de brita graduada com brita comercial;
- Base ou sub-base de brita graduada tratada com cimento com brita comercial;
- Base de solo estabilizado granulometricamente sem mistura com material de jazida;
- Base de solo melhorado com 2% de cimento e mistura na pista com material de jazida;
- Base de solo melhorado com 2% de cal e mistura na pista com material de jazida.

O SICRO é utilizado como valor de referência para insumos e serviços considerados nos orçamentos de obras rodoviárias. Inclui uma metodologia de precificação que leva em consideração as diferenças regionais de valor, seja por disponibilidade de insumos, distância dos centros produtores ou fatores econômicos. Neste trabalho, é considerada a composição de preços do estado da Paraíba publicada pelo SICRO com data base de abril de 2023.

As composições de preço do SICRO incluem os custos com equipamentos, mão de obra, materiais, atividades auxiliares, tempo fixo

e momento de transporte.

COMPARATIVO NA COMPOSIÇÃO DE CUSTOS

Um fator muito influente, que muitas vezes se destaca na pavimentação rodoviária, é o custo dos materiais utilizados para sua construção ou reabilitação, que sofrem grande influência do tipo de material disponível na região onde a rodovia está localizada, fazendo com que seu custo varie amplamente, baseado nos parâmetros utilizados para o dimensionamento (CAVALCANTE, 2010).

A Tabela 48 apresenta os resultados obtidos por meio dos Relatórios Analítico e Sintético de Composições de Custos do SICRO. Vale lembrar que foram consideradas as composições de preço publicadas no SICRO para o Estado da Paraíba com a data-base de abril de 2023.

Tabela 48: Composições de custos com o SICRO

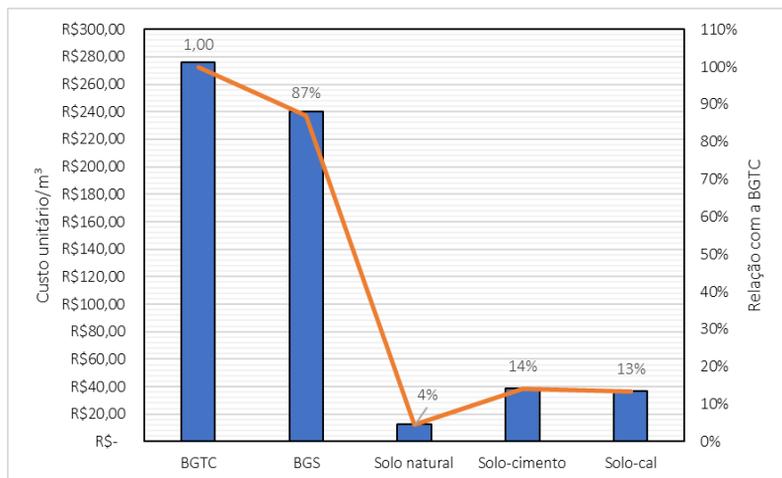
Código	Descrição do Serviço	Unidade	Custo unitário
4011276	Base ou sub-base de brita graduada com brita comercial	m ³	R\$ 236,90
4011278	Base ou sub-base de brita graduada tratada com cimento com brita comercial	m ³	R\$ 276,14
4011219	Base de solo estabilizado granulometricamente sem mistura com material de jazida	m ³	R\$ 12,35
4011287	Base de solo melhorado com 2% de cimento e mistura na pista com material de jazida	m ³	R\$ 38,64
4011305	Base de solo melhorado com 2% de cal e mistura na pista com material de jazida	m ³	R\$ 36,99

Fonte: DNIT (2023)

Com os valores, é evidente a economia na utilização de solo natural ou estabilizado. Fazendo o comparativo, o custo do metro cúbico da BGS, do solo natural, do solo estabilizado com cimento e do solo estabilizado com cal, representa aproximadamente 87%, 4%, 14% e

13% do custo da execução do metro cúbico da BGTC, respectivamente (Figura 324).

Figura 324: Comparativo de custos do metro cúbico e relação com o valor da BGTC



Fonte: De autoria própria

De acordo com Ferri (2013), o preço do metro cúbico do Solo Melhorado com 3% de Cimento representa cerca de 10% do preço do metro cúbico do CBUQ (Concreto Betuminoso Usinado a Quente) e, cerca de 27% do preço do metro cúbico da BGS (Brita Graduada Simples). Segundo o autor, na grande maioria das vezes custaria muito mais caro executar alguns centímetros a mais nas camadas de base e revestimento para compensar eventuais deficiências do subleito e atingir os níveis deflectométricos estabelecidos em projeto para a estrutura final.

Conforme Couto (2009) existem pelo menos dois fatores que comprometem sua utilização futura da mistura de brita graduada como estrutura de pavimento e justificam o empenho acadêmico na busca da validação de soluções alternativas. O primeiro refere-se ao custo elevado de produção, associado às questões de transporte,

pois com produções regionalizadas as distâncias de transporte chegam a ultrapassar cem quilômetros. O segundo está relacionado às questões ambientais que dificultam a abertura de novas lavras que devido às agressões causadas em função das detonações em rocha, da emissão de gás carbônico (para produzir e transportar o material a grandes distâncias) e da alteração do habitat natural onde se situam as jazidas. Segundo o autor, a utilização do solo-agregado proporcionou economia de 20 a 30% no custo por m³ das bases e sub-bases rodoviárias, comparadas com as de brita graduada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quantitativo de custos é apresentado apenas para exemplificar superficialmente a economia na utilização dos solos lateríticos na pavimentação. Desse modo, pesquisas futuras podem ampliar as informações sobre custos de execução e manutenção de pavimentos executados com solos tropicais, visto que, mesmo apresentando grande disponibilidade no Brasil e em outros países, ainda são pouco explorados, ainda que apresentando bom comportamento mecânico estático e cíclico, como constatado na pesquisa.

REFERÊNCIAS

CAPÍTULO 1

ALEXANDER, L.; CADY, J. (1962) Genesis and hardening of laterite in soils. Technical Bulletin No. 1282. USDA, Washington, DC, United States. 106 p.

AUBERT, G. (1964) Extrait des Actes et Comptes Rendus du V Congrès International de la Science du Sol, Léopoldville, 16-21 août 1954, Volume I, pp. 103-118. Les Sols Latéritiques PAR (Office de la Recherche Scientifique et Technique Outre-Mer, France).

AUTRET, P. (1983) Latérites et graveleux latéritiques. Institut des sciences et des Techniques de l'équipement et de l'environnement pour le développement. Études. Laboratoire Central des Pontes et Chaussées.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2020) Fatigue Characteristics of Cement-Stabilized Granular Lateritic Soils. Journal Of Transportation Engineering, Part B: Pavements, v. 146, n. 1, p. 04019038. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: <http://dx.doi.org/10.1061/jpeodx.0000147>.

CARO, S.; AGUDELO, J. P.; CAICEDO, B.; OROZCO, L. F.; PATIÑO, F.; RODADO, N. (2018) Advanced characterisation of

cement-stabilised lateritic soils to be used as road materials. *International Journal of Pavement Engineering*, v. 20, n. 12, p. 1425-1434. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10298436.2018.1430893>.

CARVALHO, J. C.; GITIRANA JUNIOR, G. F. N.; MACHADO, S. L.; MASCARENHA, M. M. A.; SILVA FILHO, F. C. (Org.). Solos não saturados no contexto geotécnico. 1ed. São Paulo.: ABMS. 2015a.v. 1, p. 97-124.

CARVALHO, J. C.; REZENDE, L. R.; CARDOSO, F. B. F.; LUCENA, L. C. F. L.; GUIMARÃES, R. C.; VALENCIA, Y. G. (2015b) Tropical soils for highway construction: peculiarities and considerations. *Transportation Geotechnics*, v. 5, p. 3-19. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.trgeo.2015.10.004>.

COMMITTEE ON TROPICAL SOILS OF THE (ISSMFE) - Progress report, chapter 4.2.4: lateritic gravels, publicado pela Associação Brasileira de Mecânica dos Solos (ABMS), São Paulo, 1985.

CUNHA, J. E. V. (1992) Solos lateríticos estabilizados com cimento através da metodologia da ABCP. 151 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências e Tecnologia, Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande.

DUTRA, S. V. M. (2014) Estado da Arte sobre a Utilização de Solos Lateríticos em Pavimentos Rodoviários. 104 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Especialização em Geotecnia, Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2014.

EMBRAPA. Sistema Brasileiro de Classificação de solos/ [editores técnicos, Humberto Gonçalves dos Santos... et al.] – 3. ed. – Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 2013. 353p.

FABBRI, G. T. P. (1994) Caracterização da fração fina de solos

tropicais através da adsorção de azul de metileno. 176 f. Tese (doutorado) – Departamento de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

GIDIGASU, M. D. (1976) Laterite Soil Engineering: Pedogenesis and Engineering Principles (Developments in geotechnical engineering). Elsevier Scientific Publishing Company, Amsterdam.

GUIMARÃES, A. C. R.; MOTTA, L. M. G.; CASTRO, C. D. (2018) Permanent deformation parameters of fine – grained tropical soils. Road Materials and Pavement Design, v. 20, n. 7, p. 1664-1681. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1473283>.

JOEL, M.; AGBEDE, I. O. (2011) Mechanical-Cement Stabilization of Laterite for Use as Flexible Pavement Material. Journal of Materials in Civil Engineering, v. 23, n. 2, p. 146-152. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0000148](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0000148).

KLAMT, E. (1989) Relevância da Pedologia na Avaliação do Comportamento de Solos. In: II COLÓQUIO DE SOLOS TROPICAIS E SUBTROPICAIS E SUAS APLICAÇÕES EM ENGENHARIA CIVIL, 1989, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: CPGEC/UFRGS, pp.13-24.

LIMA, G. F. (2013) Avaliação da eficácia da proposta de classificação universal para solos lateríticos aplicada a três solos do nordeste brasileiro. 77 f. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

MAHALINGA-IYER, U.; WILLIAMS, D. J. (1991) Engineering properties of a lateritic soil profile. Engineering Geology, v. 31, n. 1, p. 45-58. Elsevier BV. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/0013-7952\(91\)90056-q](http://dx.doi.org/10.1016/0013-7952(91)90056-q).

MAHALINGA-IYER, U.; WILLIAMS, D. J. (1997) Properties and performance of lateritic soil in road pavements. *Engineering Geology*, 46(2), 71–80. DOI:10.1016/S0013-7952(96)00096-8.

MAIGNEIN, R. (1966) Review of Research Laterites. Office de la Recherche Scientifique et Technique d'Outre-mer. Paris. United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Place de Fontenoy, Paris-7. Printed by Vaillant-Carmanne, Liège.

MARANGON, M.; MOTTA, L. M. G. (2001) Aplicação do Método Simplificado de Classificação Geotécnica MCT no Estudo de um Solo Laterítico. In: 33ª REUNIÃO ANUAL DE PAVIMENTAÇÃO, 2001, Florianópolis. Anais.

MARTÍNEZ, G. S. S. (2003) Estudo do comportamento mecânico de solos lateríticos da formação barreiras. 291 f. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MENGUE, E.; MROUEH, H.; LANCELOT, L.; EKO, R. M. (2017) Mechanical Improvement of a Fine- Grained Lateritic Soil Treated with Cement for Use in Road Construction. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 29, n. 11, p. 04017206. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0002059](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0002059).

NOGAMI, J. S.; VILLIBOR D. F. (1995) Pavimentação de Baixo Custo com Solos Lateríticos. São Paulo: Editora Villibor, 240 p.

PORTELINHA, F. H. M.; LIMA, D. C.; FONTES, M. P. F.; CARVALHO, C. A. B. (2012) Modification of a Lateritic Soil with Lime and Cement: An Economical Alternative for Flexible Pavement Layers, 35(1), p. 51-63. *Soils and Rocks*, São Paulo. DOI: <http://dx.doi.org/10.28927/sr.351051>.

RODRIGUES, J. K. G.; NDIAYE, M.; REIFFSTECK, P.; AURIO, J. C.

(2010) Rationalisation de l'Utilisation des Sols Latéritiques en Plateforme de Chaussées Durables et de Faible Coût. In: XXVIIIe Rencontres Universitaires de Génie Civil. La Bourboule.

SCHELLMANN, W. (2009) An Introduction in Laterite. Disponível em: <<http://www.laterite.de/index.html>>. Acesso em: 04 de junho de 2023.

SEGALEN, P. (1964) Le fer dans sols. Directeur de Recherches de l'O.R.S.T.O.M. P A R I S.

SILVA, B. O. (2019) Estudo comparativo entre metodologias de classificação e caracterização mecânica de solos da região metropolitana de Belo Horizonte para fins rodoviários. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geotecnia) – Programa de Pós-Graduação em Geotecnia, Escola de Minas, Núcleo de Geotecnia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

TAKEDA, M. C. (2006) A influência da variação da umidade pós-compactação no comportamento mecânico de solos de rodovias do interior paulista. Tese (doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (USP), São Carlos, 2006.

TARDY Y. (1993) Pétrologie des latérites et des sols tropicaux. Paris: Masson, 459 p. ISBN 2-225-84176- 4.

VALLERGA, B. A. (1960) Engineering study of laterite and soils in connection with construction of roads, hgwys and airfields. U.S. Agency Inst. Dev. AID/CSD, 1810.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S. (2009) Pavimentos econômicos – Tecnologia do uso dos Solos Finos Lateríticos. 291 p. São Paulo: Arte & Ciência.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S.; CINCERRE, J. R.; SERRA, P. R. M.; NETO, A. Z. (2009) Pavimentos de Baixo Custo para Vias Urbanas

– Bases Alternativas com Solos Lateríticos Gestão de Manutenção de Vias Urbanas. 2ª edição, 196 p. São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

VILLIBOR, D. F; ALVES, D, M. L. Pavimentação de baixo custo para regiões tropicais. Projeto e Construção – Novas Considerações. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2019.

CAPÍTULO 2

ACKROYD, L. W., “Formation and Properties of Concretionary and Non-Concretionary Soils of Western Nigeria.” Proc, 4th Regular Conf. African Soil Mech. and Found. Engineering, Balkema, Cape Town, South Africa, 47-51. (1967).

ALAO, D. A. Geology and engineering properties of laterities from Ilorin. Engineering Geology, 19:111-118, Nigeria, 1983.

ALCOCK. RAMMED EARTH TECHNIQUE IN WEST AFRICA, Housing and town and country planning Bulletin N. 4. United Nation Organization (1950).

ALNEDAWI, A.; NEPAL, K. P.; AL-AMERI, R. (2019) Effect of loading frequencies on permanent deformation of unbound granular materials. International Journal of Pavement Engineering v. 22, n. 8, p. 1008- 1016. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10298436.2019.1656807>.

ALONSO, E. E. Suelos compactados em la teoría y em la práctica. Barcelona: Departamento de Ingeniería del Terreno, Cartográfica y Geofísica. Universidad Politécnica de Cataluña, 2004.

ARAÚJO, H. A. O. (2022) Estudo sobre a validação de uma metodologia de classificação de solos lateríticos com vistas à execução de camadas de pavimentos rodoviários. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Campina Grande, 2022.

AUTRET, P. (1983) Latérites et graveleux latéritiques. Institut des sciences et des Techniques de l'équipement et de l'environnement pour le développement. Études. Laboratoire Central des Pontes et Chaussées.

BALBO, J. T. Pavimentação Asfáltica: materiais, projetos e restauração. São Paulo: Oficina dos Textos, 2007.

BARROSO, S. H. A.; FABBRI, G. T. P. Aplicação do Ensaio de Adsorção de Azul de Metileno para Caracterizar o Potencial de Uso em Pavimentação dos Solos da Região Metropolitana de Fortaleza. In: XVII Congresso de Pesquisa e Ensino em Transportes. ANPET. Vol 1. pg. 312-322. Rio de Janeiro, 2003.

BAYEWU, O. O.; OLOUNTOLA, M. O.; MOSURO, G. O.; ADENIYI, S. A. Petrographic and geotechnical properties of lateritic soils developed over different parent rocks in AgoIwoyee area, south-western Nigeria. International Journal Of Applied Sciences & Engineering Research, 1(4):584-594, 2012.

BELLO, A. A. Analysis of shear strength of compacted lateritic soils. The Pacific Journal of Science and Technology, 12(1), 2011.

BERNUCCI, L. B.; CAMACHO, J.; MARINHO, F. M.; NOGAMI, J. S. Efeitos da temperatura na movimentação d'água em pavimentos construídos com solos lateríticos. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM TRANSPORTES, 14. Anais. Gramado, ANPET. v.1, p.539-550, Gramado, 2000.

BERNUCCI, L. B.; MOTTA, L. M. G.; CERATTI, J. A. P.; SOARES, J. B. Pavimentação asfáltica: Formação básica para engenheiros. Rio de Janeiro, 2008.

BERNUCCI, L. L. B. Expansão e contração de solos tropicais compactados e suas aplicações as obras viárias. Classificação de solos tropicais com base na expansão e contração. Dissertação de Mestrado,

Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), 171 p, São Paulo, 1987.

BERNUCCI, L. L. B. Módulo Resiliente de Solos Lateríticos e sua Aplicação ao Dimensionamento de Pavimentos de Vias de Baixo Volume de Tráfego, I SINBATRA, Vol II, 490/508, Rio de Janeiro, 1997.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2016) Characterization of granular lateritic soils as pavement material. *Transportation Geotechnics*, 6, 108–122. doi:10.1016/j.trgeo.2015.10.005.

BONA, A. C. D.; GUIMARÃES, A. C. R. (2021) Avaliação da deformação permanente e resiliente de uma laterita alternativa utilizada em base de pavimento rodoviário. *Transportes*, v. 29, n. 3, p. 1-13, 31 dez. 2021. Lepidus Tecnologia. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/transportes.v29i3.2404>.

BORBA, S. M. C. Estudo das Propriedades Químicas e Mineralógicas dos Solos Vermelhos Tropicais do Norte e Nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1981.

CASANOVA, L. V. P. Estabilização de Minerais Argilosos com Cal. Petrobras: Petróleo Brasileiro S.A., 100 p., Rio de Janeiro, 1988.

CETIN, H.; FERNER, M.; SOYLEMEZ, M.; GUNAYDIN, O. Soil structure changes during compaction of a cohesive soil. *Engineering Geology*, v. 92, n. 1-2, p. 38-48, 2007.

CHAVES, J. F. Caracterização Geotécnica de Solos da Formação Barreiras da Região Metropolitana de Fortaleza para Aplicação em Obras Rodoviárias. Tese M.Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

CHEN, W. B; FENG, W. Q.; YIN, J. H.; BORANA, L.; CHEN, R. P. (2019) Characterization of permanent axial strain of granular materials subjected to cyclic loading based on shakedown theory.

Construction and Building Materials, v. 198, p. 751-761. Elsevier BV.
DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.conbuildmat.2018.12.012>.

DAWSON, A.; KOLISOJA, P.; ROADEX, I. I. (2004) Northern Periphery. Permanent Deformation, Report on Task, v. 2.

DE GRAFT-JOHNSON, J. W. S., BHATIA, H. S. AND YEBOA, S. L. "Influence of Geology and Physical Properties on Strength Characteristics of Laterite Gravels for Road Pavements." Hwy. Res. Board Record, 405, 87-104. (1972).

DE GRAFT-JOHNSON, J. W. S.; BHATIA, H. S.; GIDIGASU, M. D. The engineering characteristics of lateritic residual clays of Ghana for earthdam construction. Proc. Symp. Earth Rockfill Dams. Natl. Soc. Soil Mech. Found. Eng., 1: 94-107, New Delhi, 1968.

DELGADO, Anna Karina Chaves. Estudo do comportamento mecânico de solos tropicais característicos do Distrito Federal para uso na pavimentação rodoviária. 2007. 414 f. Tese (Doutorado em Geotecnia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (2006) DNIT – Manual de Pavimentação Rodoviária. Publicação IPR 719. Diretório de Planejamento e Pesquisa, Instituto de Pesquisas Rodoviárias. (3ª ed.). Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, Rio de Janeiro, RJ.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. DNIT-IE 179: Pavimentação – Solos – Determinação da deformação permanente – Instrução de ensaio. DNIT, 2018.

ENUVIE G., AKPOKODJE and PETER P. HUDEC, Factors Controlling Properties and Durability of Laterite Gravel Aggregates. Journal of Materials in Civil Engineering, Vol. 4, No. 1, February, ASCE, ISSN0899-1561/92/0001. No. 412. (1992).

ESPINOSA, V. R. P. (1987) Ensaios Triaxiais de Carga Repetida de uma Brita. Dissertação (mestrado) – UFRJ, COPPE, Programa de Engenharia Civil, Rio de Janeiro, 1987.

FABBRI, G. T. P. (1994) Caracterização da fração fina de solos tropicais através da adsorção de azul de metileno. 176 f. Tese (doutorado) – Departamento de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

FALL, M.; SAWANGSURIYA, A.; BENSON, C. H.; EDIL, T. B.; BOSSCHER, P. J. (2007) On the Investigations of Resilient Modulus of Residual Tropical Gravel Lateritic Soils from Senegal (West Africa). *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 26, n. 1, p. 13-35. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-007-9144-5>.

FERNER, M.; YESILLER, N. Vertical pore structure profile of a compacted clayey soil. *Engineering Geology*, v. 166, p. 204-2015, 2013.

FREITAS, J. B.; REZENDE, L. R.; GITIRANA JUNIOR; GILSON, F. N. (2020) Prediction of the resilient modulus of two tropical subgrade soils considering unsaturated conditions, *Engineering Geology*, v. 270, p. 1-14. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.enggeo.2020.105580>.

GIDIGASU, M. D. & BANI, S. K. Geotechnical Characteristics of Troublesome Laterite Materials, in *Proceedings of 8th International Conference on Soil Mechanics and Foundation Engineering*, Moscow, Vol. 2, pp. 89-96. (1973).

GIDIGASU, M. D. Identification of Problem Laterite Soils in Highway Engineering: A review, *Transportation Research Record*, 497, 96-111. (1974).

GIDIGASU, M. D. Review of identification of problem laterite soils in highway engineering. *Trans. Res. Board, Wash., Rec.*, 497: 96-111, 1974.

GODOY, H.; BERNUCCI, L. B. Caracterização de propriedades geotécnicas de solos realizada no próprio campo e de maneira expedita. In: REUNIÃO ANUAL DE PAVIMENTAÇÃO, 32., Brasília, DF, 2000. Anais. ABPV. v.1, p.107-15, Brasília, 2000.

GOMES, M. S. (2021) Análise da influência do teor de umidade na deformação permanente de solos argilosos lateríticos para uso em estruturas de pavimentos. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora.

GOMES, M. S.; GUIMARÃES, A. R.; MARQUES, M. E. S. (2018) Estudo da influência do tipo de finos no comportamento resiliente de solos tropicais para uso em pavimentos. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, v.9, n.5, p.78-87. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.005.0008>.

GUIMARÃES, A. C. R. (2009) Um método mecanístico-empírico para a previsão da deformação permanente em solos tropicais constituintes de pavimentos. 352 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, A. C. R.; MOTTA, L. M. G.; CASTRO, C. D. (2018) Permanent deformation parameters of fine – grained tropical soils. Road Materials and Pavement Design, v. 20, n. 7, p. 1664-1681. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1473283>.

HEUKELOM, W.; FOSTER, C. R. Dynamics Testing of Pavements. Journal of the Soil Mechanics and Foundations Division, 86(1), 1-28, 1960.

HORPIBULSUK, S.; SUDDEEPPONG, A.; CHAMKET, P.; CHINKULKIJNIWAT, A. Compaction behavior of fine grained soils, lateritic soils and crushed rocks. Soils and Foundations. The

Japanese Geotechnical Society, 2012.

ISTED & LCPC, Latérites et Graveleux Latéritiques. Institut des Sciences et des Techniques de l'Équipement et de l'Environnement pour le Développement & Laboratoire Central des Ponts et Chaussées. Paris. France. ISSN 0989-64241. (1983).

ISTED. Utilisation des Graveleux Latéritiques en Technique Routière. Institut des Sciences et des Techniques de l'Équipement et de l'Environnement pour le Développement. Paris, 1990.

JOSE, A.; KRISHNAN, J. M.; ROBINSON, R. G. (2022). Resilient and Permanent Deformation Response of Cement-Stabilized Pond Ash. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 34, n. 1, p. 1-13. DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0004044](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0004044).

KODIKARA, J.; TANVIRU, L. I.; AROORAN, S. Review of Soil Compaction: History and Recent Developments. *Transportation Geotechnics*, 17:24– 34, 2018.

KUMAR, A.; GEORGE, V. (2018) Effect of Soil Parameters on Resilient Modulus Using Cyclic Tri-Axial Tests on Lateritic Subgrade Soils from Dakshina Kannada, India. *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 36, n. 6, p. 3987-4000. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-018-0550-7>.

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL – LNEC. Engineering Properties of Lateritic Soils VII International Conference on Soil Mechanics and Foundation Engineering, Mexico. (1969).

LAMBE, T. W. The structure of compacted clay. *Journal of the Soil Mechanics and Foundations Division*, v. 84, n. 2, p. 1654-1-1654-34, 1958.

LCPC. L'essai au Bleu de Méthylène - Avant-Projet de Mode Opératoire. Département de Géotechnique, Laboratoire Central des Ponts

et Chaussées, France, 1979.

LECOMTE-NANA, G. L.; LESUEUR, E.; BONNET, J. P.; LECOMTE, G. Characterization of a lateritic geomaterial and its elaboration through a chemical route. *Construction and Building Materials*. ELSEVIER. N. 23, 1126–1132, 2008.

LEKARP, F.; DAWSON, A. (1998) Modelling permanent deformation behaviour of unbound granular materials. *Construction and building materials*, v. 12, n. 1, p. 9-18.

LI, X.; ZHANG, L. M. Characterization of dual-structure pore-size distribution of soil. *Canadian Geotechnical Journal*, v46: pp129–141, 2009.

LIMA, C. D. A.; MOTTA, L. M. G.; ARAGÃO, F. T. S. (2021) Ensaios de deformação permanente: efeito do número de ciclos na interpretação do comportamento de solos e britas. *Matéria (Rio de Janeiro)*, v. 26, n. 3, p. 1-11, 2021. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-707620210003.13044>.

LOPERA, J. F. B. Influência da microestrutura no comportamento mecânico dos solos tropicais naturais e compactados. Dissertação de Mestrado, Publicação G.DM272/16, 149p., Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LYON ASSOCIATES INC. Une Etude Géotechnique pour Agence pour le Développement International, Les Sols Latéritiques et d'Autres Sols Difficiles d'Afrique. Baltimore, Maryland, U.S.A. Building & Road Research Institute, 1971.

MAHALINGA-IYER, U.; WILLIAMS, D. J. (1997) Properties and performance of lateritic soil in road pavements. *Engineering Geology*, 46(2), 71–80. doi:10.1016/s0013-7952(96)00096-8.

MAIGNEIN, R. (1966) Review of Research Laterites. Office de la

Recherche Scientifique et Technique d'Outre-mer. Paris. United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Place de Fontenoy, Paris-7. Printed by Vaillant-Carmanne, Liège.

MAIGNEIN, R. Review of Research Laterites. Office de la Recherche Scientifique et Technique d'Outre-mer. Paris. United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Place de Fontenoy, Paris-7. Printed by Vaillant-Carmanne, Liège, 1966.

MARANGON, M. Proposição de Estruturas Típicas de Pavimentos para Região de Minas Gerais Utilizando Solos Lateríticos Locais a Partir da Pedologia, Classificação MCT e Resiliência. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia Civil). Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, J. A. A. (1993). Aperfeiçoamentos do Equipamento e dos Procedimentos de Ensaio de Módulo Resiliente. Solos e Rochas. São Paulo, p.123-130.

MEDINA, J. & PREUSSLER, E. S. (1980). Características Resilientes de Solos em Estudos de Pavimentos. Solos e Rochas. São Paulo. p. 3-26.

MEDINA, J. Mecânica dos Pavimentos. 1ª edição, 380 p., Editora UFRJ Rio de Janeiro-RJ, 1997.

MEDINA, J.; MOTTA, L. M. G. & CERATTI, J. A. (1986). Estudos de Resiliência na Mecânica dos Pavimentos. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE MECÂNICA DOS SOLOS E ENGENHARIA DE FUNDAÇÕES. Porto Alegre. Anais. p.137-148.

MEDINA, J.; MOTTA, L. M. G. (2015) Mecânica dos Pavimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 638 p.

MERCK e CO. The merck index of chemical and drugs. Rahway,1952.

MOH, ZA-CHIEN; MAZHAR, M. F. Effects of Method of Preparation on Index Properties of Lateritic Soil. Proceeding of the Specialty Session. Engineering Properties of Lateritic soils. VII ICSM-FE, volume 1, Asian Institute of Technology, Bangkok, Thailand, 1969.

MOTTA, L. M. G. e CERATTI, J. A. P. (1986). Comportamento Resiliente de Solos Arenosos Finos. In: 21ª REUNIÃO ANUAL DE PAVIMENTAÇÃO, Salvador. Anais. p. 51-68.

MOTTA, L. M. G.; MEDINA, J.; MATOS, M. V. M. e VIANNA, A. A. D. (1990). Resiliência de Solos Pedregulhosos Lateríticos. In: 24ª REUNIÃO ANUAL DE PAVIMENTAÇÃO, Belém. Anais. p.234-255.

MOTTA, L. M.; ARANOVICH, L. A. S. & CERATTI, J. A. P. (1985). Comportamento Resiliente de Solos Utilizados em Pavimentos de Baixo Custo. Solos e Rochas, v. 8, n. 3. p. 15-42.

NETTERBERG, F. Calcrete in Road Construction. National Institute for Transport and Road Research. NITRR. Bulletin 10. Pretória. South Africa, 1975.

NEWILL, D. A laboratory of two red clays from Kenya. Geotechnique, 11:303-318, 1961.

NEWILL, D. A laboratory of two red clays from Kenya. Geotechnique, 11:303-318, 1961.

NOGAMI, J. S.; VILLIBOR D. F. (1995) Pavimentação de Baixo Custo com Solos Lateríticos. São Paulo: Editora Villibor, 240 p.

NOGAMI, J. S.; VILLIBOR, D. F.; SÓRIA, M. H. A.; FABBRI, G. T. P. Pavimentação com Solos Lateríticos. Associação Brasileira de Mecânica dos Solos (ABMS), Departamento de Geotecnia da Escola de Engenharia de São Carlos – USP, 1993.

NORBACK, C. (2018) Caracterização do módulo de resiliência e da

deformação permanente de três solos e misturas solo-brita. 180 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

NOVAIS, F. H. & MEIRELES, J. M. F. Influência nas Propriedades Geotécnicas de Solos Lateríticos, do Umedecimento e da Temperatura. Laboratório de Engenharia de Angola, N. 164, pp 251-259. (1972).

NWAIWU, C. M. O. ALKALI, I. B. K AND AHMED, U. A. Properties of Ironstone Lateritic Gravels in Relation to Gravel Road Pavement Construction Geotechnical and Geological Engineering, 283–298. Springer. (2006).

OLIVEIRA, F. G. de. Análise da aplicabilidade da classificação MCT na execução de bases rodoviárias com utilização de solos lateríticos estabilizados. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geotecnia) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.

OLIVEIRA, J. C. (2007) Indicadores de Potencialidades e Desempenho de Agregados Reciclados de Resíduos Sólidos da Construção Civil em Pavimentos Flexíveis. Tese (doutorado). Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília. Brasília.

OMOTOSO, O. A.; OJO, OJ.; ADETOLAJU, ET. Engineering properties of lateritic soils around Dall quarry in Sango area, Ilorin, Nigeria. *Earth Science Research*, 1(2):1-81, 2012.

OSEI, A.; DALLAS, N. L.; TUTUMLEUR, E. Effect of Compaction on Orthotropic Properties of Unbound Aggregate Bases. *European Workshop On Compaction of Soils and Granular Materials*, pp. 17-26, Paris, 2000.

OSTEN, F. B. VON DER. (2018) Avaliação de quatro solos tropicais para sublastro da estrada de ferro Carajás. Dissertação (mestrado) – Instituto Militar de Engenharia, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

PASCOAL, P. T. (2020) Estudo da influência da compactação no comportamento resiliente e deformação permanente de solo laterítico do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

QUEIROZ DE CARVALHO, J. B. Effects of deferation and removal of amorphous silica and alumina on selected properties of Brazilian lateritic soils. In: INTERNATIONAL SEMINARON LATERITE, Tokyo, Proceedings. v. II, p. 559-567, 1985.

QUEIROZ DE CARVALHO, J. B. Lateritic soils: chemical and geotechnical properties. In: Regional Conference For Africa On Soil Mechanics And Foundation Engineering 10, and International Conference On Tropical And Residual Soils. 3., Maseru, Proceedings, 1991.

QUEIROZ DE CARVALHO, J. B. Study of the microstructure of lateritic soils using Scanning Electron Microscope. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON LATERIZATION PROCESSES, São Paulo, Proceedings, v. I, p. 563-568, 1981.

RODRIGUES, J. K. G.; NDIAYE, M.; REIFFSTECK, P.; AURIO, J. C. (2010) Rationalisation de l'Utilisation des Sols Latéritiques en Plateforme de Chaussées Durables et de Faible Coût. In: XXVIIIe Rencontres Universitaires de Génie Civil. La Bourboule.

ROMERO, E. A microstructural insight into compacted clayey soils and their hydraulic properties. *Engineering Geology*, v. 165, p. 3-19, 2013.

SANTANA, H.; GONTIJO, P. R. A. Os Materiais Lateríticos na Pavimentação de Baixo Custo no Brasil. *ABPv – 22a Reunião Anual de Pavimentação*, Maceió, 2: 850-899, 1987.

SANTOS, P. S. Tecnologia de argilas aplicada as argilas brasileiras. Volume 1. Edgar Blucher Ltda, 737p., 1975.

SEGALEN, P. (1964) Le fer dans sols. Directeur de Recherches de l'O.R.S.T.O.M. P A R I S.

SERRA, G. A.; GUIMARÃES, A. C. R.; MARQUES, M. E. S.; CASTRO, C. D. (2020) Estudo do comportamento resiliente de cinco solos finos da ilha de São Luís para fins de pavimentação. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, v. 11, n. 5, p. 376-389. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2020.005.0035>.

SOUSA, M. A. S. (2021) Contribuição ao estudo de solos tropicais finos para uso na pavimentação rodoviária. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CTG. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, 2021.

TAN, Y.; HU, Y.; CHEN, R.; SUN, W. (2020) Shrinkage Mechanism of Laterite Modified by lime and Metakaolin. Advances In Civil Engineering, v. 2020, p. 1-9. Hindawi Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1155/2020/6347597>.

TERZAGHI, K. Design and performance of the Sasumua dam. Proc. Brit. Inst. Civ. Eng., Lond., 9: 369-394, 1958.

TOWNSEND, F. C.; MANKE, G. P.; PARCHER, J. V. Effect of remoulding on the properties of a laterite soil. Highw. Res. Board, Rec., 284: 76-84, 1969.

TOWNSEND, F.C. Geotechnical Characteristics of Residual Soils. Journal of Geotechnical Engineering, 111, 77-92, 1985.

TRINDADE, T. P.; CARVALHO, C. A. B.; LIMA, D. C.; SILVA, C. H. C.; BARBOSA, P. S. A. Estudo dos módulos de resiliência de dois solos tropicais no estado natural e quando estabilizados com cimento. Engenharia Civil UM (Braga), n.17, p. 19-30, Guimarães, Portugal, 2003.

UGBE, F. C. Basic engineering geological properties of lateritic soils

from western Niger delta. *Research Journal of Environmental and Earth Sciences*, 3(5):571-577, 2011.

VARGAS, M. O Uso dos Limites de Atteberg na Classificação dos Solos Tropicais, VII Congresso Brasileiro de Mecânica de Solos e Engenharia de Fundações, Volume 5, Olinda/Recife, 1982.

VIANA, H. M. F. (2007) Estudo do comportamento resiliente dos solos tropicais grossos do interior do Estado de São Paulo. Tese (doutorado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, SP, 2007.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S. (2009) Pavimentos econômicos – Tecnologia do uso dos Solos Finos Lateríticos. 291 p. São Paulo: Arte & Ciência.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S. Aspectos fundamentais para uso adequado de SAFL em bases de pavimentos de baixo custo. 33ª Reunião Anual de Pavimentação. Florianópolis: ABPV, 2001.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S.; CINCERRE, J. R.; SERRA, P. R. M.; NETO, A. Z. (2009) Pavimentos de Baixo Custo para Vias Urbanas – Bases Alternativas com Solos Lateríticos Gestão de Manutenção de Vias Urbanas. 2ª edição, 196 p. São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

VILLIBOR, D.F, Pavimentos econômicos. Novas considerações. Tese (Doutorado em Engenharia de Transportes) – Universidade de São Paulo (São Carlos), São Paulo, 1981.

ZAGO, J. P., PINHEIRO, R. J. B., BARONI, M., SPECHT, L. P., DELONGUI, L., & SAGRILO, A. V. (2021). Study of the permanent deformation of three soils employed in highway subgrades in the municipality of Santa Maria-RS, Brazil. *International Journal of Pavement Research and Technology*, 14(6), 729–739. doi:10.1007/s42947-020-0129-6.

ZHANG, T. W.; CUI, Y. J.; LAMAS-LOPES, F.; CALON, N.; D'AGUIR, S. C. Compacted soil behaviour through changes of density, suction and stiffness of soils with remoulding water content. *Canadian Geotechnical Journal*, v. 55, n. 2, p. 182-190, 2018.

CAPÍTULO 3

ALECRIM, A. V. (2009). Estudo do Resíduo de Quartzito Foliado para o Emprego em Estruturas de Pavimentos. São Paulo, 2009. 168p. Dissertação de Mestrado. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

AL-KHANBASHI, A. & EL-GAMAL, M. (2003). Modification of sandy soil using waterborne polymer. *Journal of Applied Polymer Science*, 88(10): 2484-2491.

ANDREOLA, F.; BARBIERI, L.; LANCELLOTTI, I.; BIGNOZZI, M. C.; SANDROLINI, F. New blended cement from polishing and glazing ceramic sludge. *International Journal of Applied Ceramic Technology*, v. 7, n. 4, p. 546-555, 2010.

ARAÚJO, S. C. J. F. N. Análise de microestrutura e de características geotécnicas de misturas de resíduo de polimento de porcelanato e solo. 2016. 114f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE ROCHAS ORNAMENTAIS (2021) O Setor Brasileiro de Rochas Ornamentais. ABIROCHAS, 2021.

BALBO, J. T. Pavimentação Asfáltica: materiais, projetos e restauração. São Paulo: Oficina dos Textos, 2007.

BALDOVINO, J. J. A.; IZZO, R. L. S.; SILVA, É. R.; LUNDGREN ROSE, J. Sustainable use of recycled-glass powder in soil stabilization. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 32, n. 5, p. 04020080,

2020.

BARBOSA, T. S.; L. G. L.; FARIAS, R. J. C. (2018) Geo-Mechanical Characterization in Laterite Soil Mixtures - Aerial Lime for Road Based Use in Federal District, Brazil. *Contemporary Issues in Soil Mechanics*, p. 194-202. Springer International Publishing. DOI: http://dx.doi.org/10.1007/978-3-030-01941-9_17.

BARRETO R. R. et al. (2021) Desempenho térmico de argamassas produzidas com resíduos da mineração e siderurgia. 7º Encontro Nacional de Aproveitamento de Resíduos na Construção, pp 73-80.

BARRETO, T. M.; REPSOLD, L. L. & CASAGRANDE, M. D. T. (2018). Melhoramento de solos arenosos com polímeros, 19º Congresso Brasileiro de Mecânica dos Solos e Engenharia Geotécnica, Salvador, Bahia, Brasil. 11p.

BARRETO, T. M.; REPSOLD, L. L. & CASAGRANDE, M. D. T. (2018). Melhoramento de solos arenosos com polímeros, 19º Congresso Brasileiro de Mecânica dos Solos e Engenharia Geotécnica, Salvador, Bahia, Brasil. 11p.

BERNUCCI, L. B., MOTTA, L. M. G., CERATTI, J. A. P. (2010) *Pavimentação Asfáltica: formação básica para engenheiros*. 4. ed., v.1, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Petrobras, ABEDA.

BEZERRA, R. L. (1976) A durabilidade de solos lateríticos estabilizados com cimento e aditivos. 97 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências e Tecnologia, Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1976.

BILLONG, N.; MELO, U. C.; LOUVET, F.; NJOPWOUO, D. (2009) Properties of compressed lateritic soil stabilized with a burnt clay-lime binder: effect of mixture components. *Construction and Building Materials*, v. 23, n. 6, p. 2457-2460. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.conbuildmat.2008.09.017>.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018a) Durability and shrinkage studies of cement stabilised granular lateritic soils. *International Journal Of Pavement Engineering*, v. 20, n. 12, p. 1451-1462. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10298436.2018.1433830>.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018b) Mechanical characteristics of cement stabilised granular lateritic soils for use as structural layer of pavement. *Road Materials and Pavement Design*, v. 21, n. 5, p. 1201-1223. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1545687>.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018c) Non-destructive strength and stiffness evaluation of cement-stabilised granular lateritic soils. *Road Materials and Pavement Design*, v. 21, na. 3, p. 835-849. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1511458>.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2020) Fatigue Characteristics of Cement-Stabilized Granular Lateritic Soils. *Journal Of Transportation Engineering, Part B: Pavements*, v. 146, n. 1, p. 04019038. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: <http://dx.doi.org/10.1061/jpeodx.0000147>.

BREITENBACH, S. B. (2013) Desenvolvimento de argamassa para restauração utilizando resíduo do polimento do porcelanato. 2013. 180f. Tese (Doutorado em Ciência e Engenharia de Materiais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2013.

CARVALHO, J. C.; REZENDE, L. R.; CARDOSO, F. B. F.; LUCENA, L. C. F. L.; GUIMARÃES, R. C.; VALENCIA, Y. G. (2015) Tropical soils for highway construction: peculiarities and considerations. *Transportation Geotechnics*, v. 5, p. 3-19. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.trgeo.2015.10.004>.

CLOUGH, G. W.; SITAR, N.; BACHUS, R. C.; RAD, N. S. (1981)

Cemented Sands Under Static Loading. *Journal of Geotechnical Engineering Division*, New York: ASCE, v.107, n.GT6, p.799-817. DOI: <https://doi.org/10.1061/AJGEB6.0001152>.

CONSOLI, N. C.; BASSANI, M. A. A.; FESTUGATO, L. (2010) Effect of fiber-reinforcement on the strength of cemented soils. *Geotextiles And Geomembranes*, v. 28, n. 4, p. 344-351. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.geotextmem.2010.01.005>.

CONSOLI, N. C.; BITTAR MARIN, E. J.; QUIÑÓNEZ SAMANIEGO, R. A.; HEINECK, K. S.; JOHANN, A. D. R. Use of sustainable binders in soil stabilization. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 31, n. 2, p. 06018023, 2019a.

CONSOLI, N. C.; FOPPA, D.; FESTUGATO, L.; HEINECK, K. S. (2007) Key Parameters for Strength Control of Artificially Cemented Soils. *Journal Of Geotechnical and Geoenvironmental Engineering*, v. 133, n. 2, p. 197-205. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)1090-0241\(2007\)133:2\(197\)](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)1090-0241(2007)133:2(197)).

CONSOLI, N. C.; LEON, H. B.; SILVA CARRETTA, M.; DARONCO, J. V. L.; LOURENÇO, D. E. The effects of curing time and temperature on stiffness, strength and durability of sand-environment friendly binder blends. *Soils and Foundations*, v. 59, n. 5, p. 1428-1439, 2019b.

CONSOLI, N. C.; MORAES, R. R. de; FESTUGATO, L. (2011) Split tensile strength of monofilament polypropylene fiber-reinforced cemented sandy soils. *Geosynthetics International*, v. 18, n. 2, p. 57-62. Thomas Telford Ltd. DOI: <http://dx.doi.org/10.1680/gein.2011.18.2.57>.

CONSOLI, N. C.; MORAES, R. R. de; FESTUGATO, L. (2013) Parameters Controlling Tensile and Compressive Strength of Fiber-Reinforced Cemented Soil. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 25, n. 10, p. 1568-1573. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0000555](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0000555).

CONSOLI, N. C.; PÁRRAGA MORALES, D.; SALDANHA, R. B. (2021). A new approach for stabilization of lateritic soil with Portland cement and sand: strength and durability. *Acta Geotechnica*, 16(5), 1473–1486. doi:10.1007/s11440-020-01136-y.

CUNHA, J. E. V. (1992) Solos lateríticos estabilizados com cimento através da metodologia da ABCP. 151 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências e Tecnologia, Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande.

DIAS L. S. (2017) Rejeito de mineração de quartzito como agregado para a produção de argamassa colante. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

DUAN, X.; ZHANG, J. (2019) Mechanical Properties, Failure Mode, and Microstructure of Soil-Cement Modified with Fly Ash and Polypropylene Fiber. *Advances In Materials Science and Engineering*, v. 2019, p. 1-13. Hindawi Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1155/2019/9561794>.

DUARTE G.M.; SANTOS N. C. S. (2019) Aproveitamento de resíduos da produção de pedras decorativas em argamassas de revestimento. Unievângelica, Anápolis, GO.

FALL, M.; SAWANGSURIYA, A.; BENSON, C. H.; EDIL, T. B.; BOSSCHER, P. J. (2007) On the Investigations of Resilient Modulus of Residual Tropical Gravel Lateritic Soils from Senegal (West Africa). *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 26, n. 1, p. 13-35. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-007-9144-5>.

FALL, M.; SAWANGSURIYA, A.; BENSON, C. H.; EDIL, T. B.; BOSSCHER, P. J. (2007) On the Investigations of Resilient Modulus of Residual Tropical Gravel Lateritic Soils from Senegal (West Africa). *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 26, n. 1, p. 13-35. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-007-9144-5>.

org/10.1007/s10706-007-9144-5.

FEDRIGO, W.; NÚÑEZ, W. P.; SCHREINERT, G. G.; KLEINERT, T. R.; MATUELLA, M. F.; LÓPEZ, M. A. C.; CERATTI, J. A. P. (2019) Flexural strength, stiffness and fatigue of cement-treated mixtures of reclaimed asphalt pavement and lateritic soil. *Road Materials and Pavement Design*, v. 22, n. 5, p. 1004-1022. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2019.1660207>.

FESTUGATO, L.; FOURIE, A.; CONSOLI, N. C. (2013) Cyclic shear response of fibre-reinforced cemented paste backfill. *Géotechnique Letters*, v. 3, n. 1, p. 5-12. Thomas Telford Ltd. DOI: <http://dx.doi.org/10.1680/geolett.12.00042>.

FIROOZI, A. A.; GUNEY OLGUN, C., BAGHINI, M. S. (2017) Fundamentals of soil stabilization. *International Journal of Geo-Engineering* volume 8, Article number: 26. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40703-017-0064-9>.

FONSECA, A. V.; RIOS, S.; AMARAL, M. F.; PANICO, F. (2013) Fatigue Cyclic Tests on Artificially Cemented Soil. *Geotechnical Testing Journal*, v. 36, n. 2, p. 1-9. ASTM International. DOI: <http://dx.doi.org/10.1520/gtj20120113>.

FORDE, M. (2009) Bitumen properties and test methods. ICE manual of construction materials: volume I: fundamentals and theory; concrete; asphalts in road construction; masonry. ICE publishing, Londres. Cap. 23. p. 263-272.

GAJEWSKA, B.; KRASZEWSKI, C.; RAFALSKI, L. (2017) Significance of cement-stabilised soil grain size distribution in determining the relationship between strength and resilient modulus. *Road Materials and Pavement Design*, v. 19, n. 7, p. 1692-1701. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2017.1324808>.

GARCIA, N. F., VALDES, J. R. & CORTES, D. D. (2015). Strength

characteristics of polymerbonded sands. *Géotechnique Letters*, 5(3), 212–216.

GEORGE, K. P. (1968) Shrinkage characteristics of soil-cement mixtures. *Highway Research Record*. Washington D. C. n. 255, p. 48-58.

GHORBANI, A.; SALIMZADEHSHOOILI, M.; MEDZVIECKAS, J.; KLIUKAS, R. Strength characteristics of cement-rice husk ash stabilised sand-clay mixture reinforced with polypropylene fibers. *The Baltic Journal of Road and Bridge Engineering*, v. 13, n. 4, p. 447–474, 2018.

HERNÁNDEZ, J., VARGAS, S., ESTÉVEZ, M., VÁZQUEZ, G., ZEPEDA, A. & RODRÍGUEZ, R. (2005). Hydrophobic modification of an expansive soil using polymers and organic compounds: a comparative study with lime. *Géotechnique*, 55(8), 613–616.

HORPIBULSUK, S.; RACHAN, R.; RAKSACHON, Y. Role of fly ash on strength and microstructure development in blended cement stabilized silty clay. *Soils and Foundations*, v. 49, n. 1, p. 85–98, 2009.

HOY, M.; TRAN, N. Q.; SUDDEEPONG, A.; HORPIBULSUK, S.; BURITATUM, A.; YAOWARAT, T.; ARULRAJAH, A. (2023a) Wet-ting-drying durability performance of cement-stabilized recycled materials and lateritic soil using natural rubber latex. *Construction And Building Materials*, v. 403, p. 1-14, Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.conbuildmat.2023.133108>.

HOY, M.; TRAN, N. Q.; SUDDEEPONG, A.; HORPIBULSUK, S.; MOBKRATHOK, M.; CHINKULKIJNIWAT, A.; ARULRAJAH, A. (2023b) Improved fatigue properties of cement-stabilized recycled materials – Lateritic soil using natural rubber latex for sustainable pavement applications. *Transportation Geotechnics*, v. 40, p. 1-11, maio 2023. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.trgeo.2023.100959>.

HUANG, Y. H. (2004). *Pavement analysis and design*. Upper Saddle

River, NJ: Pearson/Prentice Hall.

JACOBY, P. C.; PELISSER, F. (2015) Pozzolanic effect of porcelain polishing residue in Portland cement. *Journal of Cleaner Production*, v. 100, p. 84–88, 2015.

JAMSAWANG, P.; VOOTTIPRUEX, P.; HORPIBULSUK, S. (2015) Flexural Strength Characteristics of Compacted Cement-Polypropylene Fiber Sand. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 27, n. 9, p. 04014243. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0001205](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0001205).

JOEL, M.; AGBEDE, I. O. (2011) Mechanical-Cement Stabilization of Laterite for Use as Flexible Pavement Material. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 23, n. 2, p. 146-152. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0000148](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0000148).

JOSE, A.; KRISHNAN, J. M.; ROBINSON, R. G. (2022). Resilient and Permanent Deformation Response of Cement-Stabilized Pond Ash. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 34, n. 1, p. 1-13. DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0004044](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0004044).

KAYACI, K. (2021) The use of perlite as flux in the production of porcelain stoneware tiles. *Boletín de la Sociedad Española de Cerámica y Vidrio*, v. 60, n. 5, p. 283–290, 2021.

KHAJEH, A.; CHENARI, R. J.; PAYAN, M. A. (2019) Simple Review of Cemented Non-conventional Materials: Soil composites. *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 38, n. 2, p. 1019-1040. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-019-01090-x>.

KHATAMI, H. R; O'KELLY B. C. Improving Mechanical Properties of Sand Using Biopolymers. Dublin, 03 nov. 2013. p. 2. DOI:10.1061/(ASCE)GT.1943-5606.0000861. Disponível em: ><https://ascelibrary>.

org/doi/abs/10.1061/(ASCE)GT.1943-5606.0000861.

KUMAR, A.; GEORGE, V. (2018) Effect of Soil Parameters on Resilient Modulus Using Cyclic Tri-Axial Tests on Lateritic Subgrade Soils from Dakshina Kannada, India. *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 36, n. 6, p. 3987-4000. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-018-0550-7>.

LAM, C. & JEFFERIS, S. A. (2018) Introduction to polymers and polymers fluids. *Polymer support fluids in civil engineering*. ICE publishing, Londres. Cap. 3. p. 29-53.

LEKHA, B. M.; SHANKAR, A. U. Ravi; SARANG, Goutham. (2012) Fatigue and Engineering Properties of Chemically Stabilized Soil for Pavements. *Indian Geotechnical Journal*, v. 43, n. 1, p. 96-104, Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s40098-012-0031-5>.

LI, L. G.; OUYANG, Y.; ZHUO, Z.-Y.; KWAN, A. K. H. Adding ceramic polishing waste as filler to reduce paste volume and improve carbonation and water resistances of mortar. *Advances in Bridge Engineering*, v. 2, n. 1, p. 3, 2021.

LI, L. G.; ZHUO, Z. Y.; KWAN, A. K. H.; ZHANG, T. S.; LU, D. G. Cementing efficiency factors of ceramic polishing residue in compressive strength and chloride resistance of mortar. *Powder Technology*, v. 367, p. 163–171, 2020a.

LI, L. G.; ZHUO, Z. Y.; ZHU, J.; KWAN, A. K. H. Adding ceramic polishing waste as paste substitute to improve sulphate and shrinkage resistances of mortar. *Powder Technology*, v. 362, p. 149–156, 2020b.

LIANG, B.; ZHANG, M.; LI, H.; ZHAO, M.; XU, P.; DENG, L. Preparation of ceramic foams from ceramic tile polishing waste and fly ash without added foaming agent. *Ceramics International*, v. 47, n. 16, p. 23338–23349, 2021.

LIMA G. L. S. (2020) Efeito filler em argamassas de revestimento com resíduos de quartzito. Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Angicos-RN.

LINARES-UNAMUNZAGA, A.; PÉREZ-ACEBO, H.; ROJO, M.; GONZALO-ORDEN, H. (2019) Flexural Strength Prediction Models for Soil–Cement from Unconfined Compressive Strength at Seven Days. *Materials*, v. 12, n. 3, p. 387. MDPI AG. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/ma12030387>.

LOVATO, R. S. (2004) Estudo do comportamento mecânico de um solo laterítico estabilizado com cal, aplicado à pavimentação. 144 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MACÊDO, M. M. (2004) Solos modificados com cimento - Efeito no módulo de resiliência e no dimensionamento de pavimentos. 289 f. Dissertação (Mestrado em Ciência em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MAHVASH, S.; LÓPEZ-QUEROL, S.; BAHADORI-JAHROMI, A. Effect of fly ash on the bearing capacity of stabilised fine sand. *Proceedings of the Institution of Civil Engineers - Ground Improvement*, v. 171, n. 2, p. 82–95, 2018.

MARTINS, L. M.; PEIXOTO, R. A. F. MENDES, J. C. (2023) Quartzite tailings in civil construction materials: a systematic review. *Clean Technologies and Environmental Policy*, fevereiro, pp. 1-18.

MATOS, P. R.; JIAO, D.; ROBERTI, F.; PELISSER, F.; GLEIZE, P. J. P. Rheological and hydration behaviour of cement pastes containing porcelain polishing residue and different water-reducing admixtures. *Construction and Building Materials*, v. 262, p. 120850, 2020.

MATOS, P. R.; OLIVEIRA, A. L.; PELISSER, F.; PRUDÊNCIO

JÚNIOR, L. R. (2018a) Rheological behavior of Portland cement pastes and self-compacting concretes containing porcelain polishing residue. *Construction and Building Materials*, v. 175, p. 508–518, 2018a.

MATOS, P. R.; PRUDÊNCIO, L. R.; OLIVEIRA, A. L.; PELISSER, F.; GLEIZE, P. J. P. (2018b) Use of porcelain polishing residue as a supplementary cementitious material in self-compacting concrete. *Construction and Building Materials*, v. 193, p. 623–630, 2018b.

MEDEIROS, A. G.; GURGEL, M. T.; SILVA, W. G.; OLIVEIRA, M. P.; FERREIRA, R. L. S.; LIMA, F. J. N. (2021) Evaluation of the mechanical and durability properties of eco-efficient concretes produced with porcelain polishing and scheelite wastes. *Construction and Building Materials*, v. 296, p. 123719, 2021.

MEDEIROS, A. G.; GURGEL, M. T.; SILVA, W. G.; OLIVEIRA, M. P.; FERREIRA, R. L. S.; LIMA, F. J. N. (2021) Evaluation of the mechanical and durability properties of eco-efficient concretes produced with porcelain polishing and scheelite wastes. *Construction and Building Materials*, v. 296, p. 123719, 2021.

MENDES J. C. et al. (2020) Coating mortars based on mining and industrial residues. *J Mater Cycles Waste Manage* 22:1569–1586. <https://doi.org/10.1007/s10163-020-01051-0>.

MENDONÇA, W. M. (2023) Desempenho do resíduo de quartzito como agregado em camadas de base e revestimento de pavimentos. 166 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Núcleo de Geotecnia da Escola de Minas. Programa de Pós- Graduação em Geotecnia. Ouro Preto, 2023.

MENGUE, E.; MROUEH, H.; LANCELOT, L.; EKO, R. M. (2017) Mechanical Improvement of a Fine- Grained Lateritic Soil Treated with Cement for Use in Road Construction. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 29, n. 11, p. 04017206. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE))

mt.1943-5533.0002059.

MOHAMMAD, L.; SAADEH, S. (2008) Performance Evaluation of Stabilized Base and Subbase Material. In: GeoCongress 2008 Conference. Conference proceedings... pp 1073-1080. New Orleans, US: ASCE, 2008. DOI: [https://doi.org/10.1061/40971\(310\)134](https://doi.org/10.1061/40971(310)134).

MOLAABASI, H.; SABERIAN, M.; LI, J. (2019) Prediction of compressive and tensile strengths of zeolite-cemented sand using porosity and composition. *Construction and Building Materials*, v. 202, p. 784-795. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.conbuildmat.2019.01.065>.

MOLAABASI, H.; SHOOSHPASHA, I. (2016) Prediction of zeolite-cement-sand unconfined compressive strength using polynomial neural network. *The European Physical Journal Plus*, v. 131, n. 4, p. 1-12. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1140/epjp/i2016-16108-5>.

MUNTOHAR, A. S.; KHASANAH, I. A. (2019) Effect of Moisture on the Strength of Stabilized Clay with Lime-Rice Husk Ash and Fibre Against Wetting-Drying Cycle. *International Journal of Integrated Engineering* vol. 11 n°. 9 100-109. DOI: <https://doi.org/10.30880/ijie.2019.11.09.011>.

NICHOLSON, P. G. (2014) *Soil Improvement and Ground Modification Methods*. Butterworth-Heinemann.

OKEKE, C. A. U.; JOHNSON, A. O.; OGBUAGU, F. U.; AKINMUSURU, J. O. (2020) Effects of continuous leaching on engineering properties of lime-stabilized lateritic soils. *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering*, Volume 640, 1st International Conference on Sustainable Infrastructural Development 24-28 June 2019, Covenant University, Canaan Land, Ota, Nigeria. DOI: [10.1088/1757-899X/640/1/012084](https://doi.org/10.1088/1757-899X/640/1/012084).

OKONTA, F. (2019). Pavement geotechnical properties of polymer modified weathered semiarid shale subgrade. *International Journal of Pavement Research and Technology* 12(1): 54-63.

PALMEIRA, E. M. (2018). Introdução aos polímeros. *Geossintéticos em geotecnia e meio ambiente*. Oficina de Textos, SP. Cap. 2. p. 17-25.

PARK, S. (2011) Unconfined compressive strength and ductility of fiber-reinforced cemented sand. *Construction and Building Materials*, v. 25, n. 2, p. 1134-1138. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.conbuildmat.2010.07.017>.

PATRICIO, J. D. (2015) Estudo de solos modificados por adição de polímeros para uso em pavimentos rodoviários. 128 f. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal De Campina Grande, Campina Grande, 2015.

PEI, X.; ZHANG, F.; WU, W.; LIANG, S. (2015) Physicochemical and index properties of loess stabilized with lime and fly ash piles. *Applied Clay Science* 114:77–84. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.clay.2015.05.007>.

PEREIRA T. G. T. et al. (2020) Coconut fibers and quartzite wastes for fibercement production by extrusion. *Mater Today Proc*.

PESSOA, F. H. C. (2004) Análises dos solos de Urucu para Fins de Uso Rodoviário. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Tecnologia, Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PINHEIRO, J. H. M. (2004). Incorporação de Borracha de Pneu em Misturas Asfálticas de Diferentes Granulometrias (Processos Úmido e Seco). Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Engenharia de Transportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 166 f.

PITTA, M. R. (1985) Retração de solo-cimento. São Paulo: ABCP, 63 p.

PORTELINHA, F. H. M.; LIMA, D. C.; FONTES, M. P. F.; CARVALHO, C. A. B. (2012) Modification of a Lateritic Soil with Lime and Cement: An Economical Alternative for Flexible Pavement Layers, 35(1), p. 51-63. Soils and Rocks, São Paulo. DOI: <http://dx.doi.org/10.28927/sr.351051>.

QIAN, J.; CHEN, K.; TIAN, Y.; ZENG, F.; WANG, L. (2019). Performance evaluation of flexible pavements with a lateritic gravel base using accelerated pavement testing. Construction and Building Materials, 228, 116790. doi: 10.1016/j.conbuildmat.2019.116790.

RODRIGUES, J. K. G.; NDIAYE, M.; REIFFSTECK, P.; AURIO, J. C. (2010) Rationalisation de l'Utilisation des Sols Latéritiques en Plateforme de Chaussées Durables et de Faible Coût. In: XXVIIIe Rencontres Universitaires de Génie Civil. La Bourboule.

RUSSO, M. L. C. (2011) Reciclagem de resíduo gerado na extração de quartzito. 172 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Engenharia. Belo Horizonte, 2011.

SALES, K. C. S. (2011) Melhoria de Solos por inclusão de Fibras Naturais. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Tecnologia, Departamento de Engenharia Civil, Universidade de Brasília, Brasília.

SANBONSUGE, K. (2013) Comportamento mecânico e desempenho em campo de base de solo-cimento. 135 f. Dissertação (mestrado) – Departamento de Engenharia de Transportes, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SÁNCHEZ DE ROJAS, M. I.; FRÍAS, M.; SABADOR, E.; ASENSIO, E.; RIVERA, J.; MEDINA, C. Use of ceramic industry milling and glazing waste as an active addition in cement. Journal of the American Ceramic Society, v. 101, n. 5, p. 2028–2037, 2018.

SANTOS, D H. (2015) Substituição total do agregado natural por quartzito friável para produção de argamassas mistas de assentamento e revestimento. 2015. 128 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2015.

SILVA, F. B. S. Avaliação de misturas de solo e resíduo de polimento de porcelanato para emprego em obras rodoviárias. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SILVA, M. F. (2016) Estudo da estabilização com cal de um solo laterítico e um solo não laterítico. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

SILVA, M. F. (2016) Estudo da estabilização com cal de um solo laterítico e um solo não laterítico. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

SIMATUPANG, M.; MANGALLA, L. K.; EDWIN, R. S.; PUTRA, A. A.; AZIKIN, M. T.; ASWAD, N. H.; MUSTIKA, W. The mechanical properties of fly-ash-stabilized sands. *Geosciences*, v. 10, n. 4, 2020.

SOLIZ, V. V. P. Estudo de três solos estabilizados com emulsão asfáltica, Dissertação de MSc., UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2007.

SOLIZ, V.V.P., Estudo de três solos estabilizados com emulsão asfáltica, Dissertação de MSc., UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2007.

SOUSA, I. V.; JARAMILLO NIEVES, L. J.; DAL-BÓ, A. G.; BERNARDIN, A. M. Valorization of porcelain tile polishing residue in the production of cellular ceramics. *Cleaner Engineering and Technology*, v. 6, p. 100381, 2022.

SOUSA, I. V.; JARAMILLO NIEVES, L. J.; DAL-BÓ, A. G.; BERNARDIN, A. M. Valorization of porcelain tile polishing residue in the production of cellular ceramics. *Cleaner Engineering and Technology*, v. 6, p. 100381, 2022.

SPECHT, L. P. (2000) Comportamento de misturas solo-cimento-fibra submetidas a carregamentos estáticos e dinâmicos visando a pavimentação. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil, Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SVENSON, M. (1981) Estudo de Mistura Solo-Cal sob Carregamento Dinâmico. In: Simpósio Brasileiro de Solos Tropicais em Engenharia. Anais... pp. 385-414. Rio de Janeiro: UFRJ.

TAN, Y.; HU, Y.; CHEN, R.; SUN, W. (2020) Shrinkage Mechanism of Laterite Modified by lime and Metakaolin. *Advances In Civil Engineering*, v. 2020, p. 1-9. Hindawi Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1155/2020/6347597>.

TINGLE, J. S., et al., “Stabilization Mechanisms of Nontraditional Additives. *Journal of the Transportation Research Board*”. Washington: Transportation Research Board of the National Academies, v. 2, n. 1989, 2007.

TODINGRARA, Y. T.; TJARONGE, M. W.; HARIANTO, T. RAMLI, M. (2017) Performance of Laterite Soil Stabilized with Lime and Cement as a Road Foundation. *International Journal of Applied Engineering Research* ISSN 0973-4562 Volume 12, Number 14 (2017) pp. 4699-4707.

VENSON, G. I. (2015) Módulo de resiliência e vida de fadiga de areia artificialmente cimentada. 158 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S.; CINCERRE, J. R.; SERRA, P. R. M.; NETO, A. Z. (2009) Pavimentos de Baixo Custo para Vias Urbanas – Bases Alternativas com Solos Lateríticos Gestão de Manutenção de Vias Urbanas. 2ª edição, 196 p. São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

WANG, C.; WANG, S.; LI, X.; LIU, Y.; ZHANG, X.; CHANG, Q.; WANG, Y. Phase composition, microstructure, and properties of ceramic tile prepared using ceramic polishing waste as raw material. *International Journal of Applied Ceramic Technology*, v. 18, n. 3, p. 1052–1062, 2021a.

WIRTGEN. Reciclagem a frio: tecnologia de reciclagem a frio Wirtgen. Windhagen, Alemanha, 370 p., 2012.

XIAO, Y.; YUAN, Z.; LIN, J.; RAN, J.; DAI, B.; CHU, J.; LIU, H. (2019) Effect of particle shape of glass beads on the strength and deformation of cemented sands. *Acta Geotechnica*, v. 14, n. 6, p. 2123-2131. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11440-019-00830-w>.

ZANDIEH, A.R. & YASROBI, S.S. (2010). Study of factors affecting the compressive strength of sandy soil stabilized with polymer. *Geotechnical and Geological Engineering*, 28(2): 139- 145.

CAPÍTULO 4

BAIA, M. V. M. (2019) Estabilização física de solos tropicais para base de pavimento de baixo custo na região metropolitana de Manaus-AM. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018b) Mechanical characteristics of cement stabilised granular lateritic soils for use as structural layer of pavement. *Road Materials and Pavement Design*, v. 21, n. 5, p. 1201-1223. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/>

10.1080/14680629.2018.1545687.

DELGADO, Anna Karina Chaves. Estudo do comportamento mecânico de solos tropicais característicos do Distrito Federal para uso na pavimentação rodoviária. 2007. 414 f. Tese (Doutorado em Geotecnia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-ME 080: Solo – análise granulométrica por peneiramento – Método de Ensaio. DNIT, 1994.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-ME 087: Solos – determinação dos fatores de contração – Método de Ensaio. DNIT, 1994.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-ME 256: Solos compactados com equipamento miniatura – determinação da perda de massa por imersão. DNIT, 1994.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-ME 258: Solos – compactação de solos em equipamento miniatura - Mini-MCV. DNIT, 1994.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTE. DNIT ME-134: Pavimentação – Solos – Determinação do módulo de resiliência – Método de ensaio. DNIT, 2018.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. DNIT-IE 179: Pavimentação – Solos – Determinação da deformação permanente – Instrução de ensaio. DNIT, 2018.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. DNIT-ME 164: Solos – Compactação utilizando amostras não trabalhadas – Método de Ensaio. DNIT, 2013.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE

TRANSPORTES. DNIT-ME 172: Solos – Determinação do Índice de Suporte Califórnia utilizando amostras não trabalhadas – Método de ensaio. DNIT, 2016.

FABBRI, G. T. P. (1994) Caracterização da fração fina de solos tropicais através da adsorção de azul de metileno. 176 f. Tese (doutorado) – Departamento de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

GEOTECHNICAL TESTING EQUIPMENT (2023). MICRO-DEVAL TESTING MACHINE. Disponível em: <<https://geotechnical-equipment.com/product/micro-deval-testing-machine/>>. Acesso em: 04 de junho de 2023.

GIDIGASU, M. D. (1976) Laterite Soil Engineering: Pedogenesis and Engineering Principles (Developments in geotechnical engineering). Elsevier Scientific Publishing Company, Amsterdam.

GUIMARÃES, A. C. R. (2009) Um método mecanístico-empírico para a previsão da deformação permanente em solos tropicais constituintes de pavimentos. 352 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, A. C. R.; MOTTA, L. M. G.; CASTRO, C. D. (2018) Permanent deformation parameters of fine – grained tropical soils. Road Materials and Pavement Design, v. 20, n. 7, p. 1664-1681. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1473283>.

LIMA, G. F. (2013) Avaliação da eficácia da proposta de classificação universal para solos lateríticos aplicada a três solos do nordeste brasileiro. 77 f. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

MARSON, M. (2004) Análise crítica da classificação MCT para solos tropicais. 216 f. Dissertação (Mestrado em Ciência) – Curso de Engenharia de Infraestrutura Aeronáutica, Área de Infraestrutura de Transportes, Instituto Tecnológico de Aeronáutica, São José dos Campos, São Paulo, 2004.

NDIAYE, M. (2013) Contribution à l'étude de sols latéritiques du Sénégal et du Brésil. 161 f. Thèse (Doctorat en Géotechnique) – Département Géotechnique, Environnement, risques naturels et Sciences de la terre, Université Cheikh Anta Diop De Dakar, Université Paris-Est.

NOGAMI, J. S.; VILLIBOR, D. F. (1981) Uma nova classificação de solos para finalidades rodoviárias. In: Simpósio Brasileiro de Solos Tropicais em Engenharia. Rio de Janeiro. v.1, pp. 30-41.

NORME FRANÇAISE. NF P 11-300: Classification des matériaux utilisables dans la construction des remblais et des couches de forme d'infrastructures routières. NF, 1992.

NORME FRANÇAISE. NF P 18-576: Granulats – Mesure du coefficient de friabilité des sables. NF, 1990.

NORME FRANÇAISE. NF P 94-056: Sols: reconnaissance et essais – Analyse granulométrique – Méthode par tamisage à sec après lavagem. NF, 1996.

NORME FRANÇAISE. NF P 94-066: Sols: reconnaissance et essais – Coefficient de fragmentabilité des matériaux rocheux. NF, 1992.

NORME FRANÇAISE. NF P 94-067: Sols: reconnaissance et essais – Coefficient de dégradabilité des matériaux rocheux. NF, 1992.

NORME FRANÇAISE. NF XP P 94-060-1: Sols: reconnaissance et essais – Essai de dessiccation – Partie 1: Détermination conventionnelle de la limite de retrait sur le passant à 400 µm d'un matériau.

NF, 1997.

NORME FRANÇAISE. NF XP P 94-060-2: Sols: reconnaissance et essais – Essai de dessiccation – Partie 2: détermination effective de la limite de retrait sur un prélèvement non remanié. NF, 1997.

PASSOS, M. C. F. (2000) Metodologia MCT aplicada aos solos arenosos finos lateríticos do Rio Grande do Sul visando pavimentação. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RODRIGUES, J. K. G.; NDIAYE, M.; REIFFSTECK, P.; AURIO, J. C. (2010) Rationalisation de l'Utilisation des Sols Latéritiques en Plateforme de Chaussées Durables et de Faible Coût. In: XXVIIIe Rencontres Universitaires de Génie Civil. La Bourboule.

SANTOS, E. F. (2006) Estudo comparativo de diferentes sistemas de classificações geotécnicas aplicadas aos solos tropicais. 145 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

SANTOS, E. F. (2006) Estudo comparativo de diferentes sistemas de classificações geotécnicas aplicadas aos solos tropicais. 145 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

SILVA, B. O. (2019) Estudo comparativo entre metodologias de classificação e caracterização mecânica de solos da região metropolitana de Belo Horizonte para fins rodoviários. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geotecnia) – Programa de Pós-Graduação em Geotecnia, Escola de Minas, Núcleo de Geotecnia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

VILLIBOR, D. F. (1981) Pavimentos Econômicos. Novas Considerações. 222 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Vias de Transportes

e Topografia, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos 1981.

VILLIBOR, D. F.; ALVES, D. M. L. (2017) Classificação de solos tropicais de granulação fina e grossa. Revista Pavimentação, nº 43, jan-mar2017, ABPv-Associação Brasileira de Pavimentação. Rio de Janeiro, 2017.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S. (2009) Pavimentos econômicos – Tecnologia do uso dos Solos Finos Lateríticos. 291 p. São Paulo: Arte & Ciência.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S.; CINCERRE, J. R.; SERRA, P. R. M.; NETO, A. Z. (2009) Pavimentos de Baixo Custo para Vias Urbanas – Bases Alternativas com Solos Lateríticos Gestão de Manutenção de Vias Urbanas. 2ª edição, 196 p. São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

VILLIBOR, D. F.; ALVES, D. M. L. Pavimentação de baixo custo para regiões tropicais. Projeto e Construção – Novas Considerações. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2019.

WESLEY, L. D.; IRFAN, T. Y. (1997) Classification of residual soils. In: BLIGHT, G. E. Mechanical of residual soils. Rotterdam, Brookfield: Ed. Balkema.

CAPÍTULO 5

ALBRECHT, B. A.; BENSON, C. H. (2001) Effect of Desiccation on Compacted Natural Clays. Journal Of Geotechnical and Geoenvironmental Engineering, v. 127, n. 1, p. 67-75. DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)1090-0241\(2001\)127:1\(67\)](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)1090-0241(2001)127:1(67)).

ALVES, M. E. (2002) Atributos mineralógicos e eletroquímicos, adsorção e dessorção de sulfato em solos paulistas. Tese (doutorado) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, SP 2002.

ATTAH, I. C.; OKAFOR, F. O.; UGWU, O. O. (2020) Optimization of California bearing ratio of tropical black clay soil treated with cement kiln dust and metakaolin blend. *International Journal of Pavement Research and Technology*, 14(6), 655–667. doi:10.1007/s42947-020-0003-6.

BARROS, C. O. A. (2003) Revisão da correlação mini-CBR/CBR para solos do município de São Carlos- SP. Dissertação (mestrado) – Departamento de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

BERNUCCI, L. L. B. (1987) Expansão e contração de solos tropicais compactados e suas aplicações as obras viárias. Classificação de solos tropicais com base na expansão e contração. Dissertação (mestrado) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 171 p, São Paulo, 1987.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2016) Characterization of granular lateritic soils as pavement material. *Transportation Geotechnics*, 6, 108–122. doi:10.1016/j.trgeo.2015.10.005.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018b) Mechanical characteristics of cement stabilised granular lateritic soils for use as structural layer of pavement. *Road Materials and Pavement Design*, v. 21, n. 5, p. 1201-1223. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1545687>.

CARVALHO, J. B. Q. (1991) Lateritic soils: chemical and geotechnical properties. In: *Regional Conference for Africa on Soil Mechanics and Foundation Engineering 10, and International Conference On Tropical And Residual Soils. 3., Maseru, Proceedings.*

COSTA, M. L. (2007) Introdução ao intemperismo laterítico e à lateritização. In: Otavio A.B. Licht, Carlos Siqueira Bandeira de Mello, Cassio Roberto da Silva (Eds.), *Prospecção Geoquímica de Depósitos Minerais Metálicos, Não-metálicos, óleo e Gás.* Sociedade Brasileira

de Geoquímica, SBGq/CPRM, Serviço Geológico do Brasil (Geological Survey of Brazil), 199–244p. Rio de Janeiro.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (2006) DNIT – Manual de Pavimentação Rodoviária. Publicação IPR 719. Diretório de Planejamento e Pesquisa, Instituto de Pesquisas Rodoviárias. (3ª ed.). Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, Rio de Janeiro, RJ.

EMBRAPA. Manual de métodos de análise de solos. 2 ed. Rio de Janeiro, EMBRAPA, 1997.

FARIAS, M. L. A. e (2023) Estudo e classificação de solos lateríticos finos, arenosos e pedregulhosos naturais e melhorados com ligantes hidráulicos para utilização em camadas de pavimentos flexíveis. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Campina Grande, 2023.

FARIAS, M. L. A. e; ARAÚJO, H. A. O.; RODRIGUES, J. K. G. (2023) Análise da aplicabilidade de Sistema de Classificação Universal para solos lateríticos utilizados em camadas de pavimentos. Transportes, v. 31, n. 1, p. 2750, <http://dx.doi.org/10.58922/transportes.v31i1.2750>.

FIORI, A. P.; CARMIGNANI, L. (2011) Fundamentos de mecânica dos solos e das rochas: aplicações na estabilidade de taludes. 2. ed. rev. e ampl. Curitiba, PR: Ed. UFPR.

FONTES, M. (1992) Iron oxide-clay mineral association in Brazilian Oxisols: a magnetic separation study. Clays an Clay Minetals, pp. 175-179.

GUILHERME, A. T. P. (2023) Um catálogo simplificado de estruturas padrão em pavimentos flexíveis dimensionados pelo método MeDiNa aplicável à RMF. Tese (doutorado) – Pós-graduação em Engenharia de Transportes, Departamento de Engenharia de Transportes da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

GUIMARÃES, A. C. R.; MOTTA, L. M. G.; CASTRO, C. D. (2018) Permanent deformation parameters of fine – grained tropical soils. *Road Materials and Pavement Design*, v. 20, n. 7, p. 1664-1681. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1473283>.

JOEL, M.; AGBEDE, I. O. (2011) Mechanical-Cement Stabilization of Laterite for Use as Flexible Pavement Material. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 23, n. 2, p. 146-152. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0000148](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0000148).

KÄMPF, N.; CURI, N. (2000) Óxidos de ferro: indicadores de ambientes pedogênicos e geoquímicos. *Tópicos em ciência do solo*. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, v. 1, p. 107-138.

KLEPPE, J. H.; OLSON, R. E. (1985) Desiccation Cracking of Soil Barriers. *Hydraulic Barriers In Soil and Rock*, p. 263-275, ASTM International. DOI: <http://dx.doi.org/10.1520/stp34583s>.

LEMAIRE, K.; DENELEE, D.; BONNET, S.; LEGRET, M. (2013) Effects of lime and cement treatment on the physicochemical, microstructural and mechanical characteristics of a plastic silt. *Engineering Geology*, 166, 255–261. doi:10.1016/j.enggeo.2013.09.012.

LIMA, C. D. A.; MOTTA, Laura, M. G.; GUIMARÃES, A. C. R. (2017) Estudo da deformação permanente de britas granito-gnaiss para uso em base e sub-base de pavimentos. *Transportes*, v. 25, n. 2, p. 41. Lepidus Tecnologia. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/transportes.v25i2.1262>.

LUZ, M. P. (2003) Análise dos resultados do ensaio CBR realizado em condições variadas de umidade pós-compactação. Dissertação (mestrado). Departamento de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

MAHALINGA-IYER, U.; WILLIAMS, D. J. (1991) Engineering properties of a lateritic soil profile. *Engineering Geology*, v. 31, n. 1, p. 45-58. Elsevier BV. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/0013-7952\(91\)90056-q](http://dx.doi.org/10.1016/0013-7952(91)90056-q).

MAIGNEIN, R. (1966) *Review of Research Laterites*. Office de la Recherche Scientifique et Technique d'Outre-mer. Paris. United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Place de Fontenoy, Paris-7. Printed by Vaillant-Carmanne, Liège.

MEDRADO, W. A. (2009) *Caracterização geotécnica de solo da região norte de Minas Gerais para aplicação em obras rodoviárias*. Dissertação (mestrado). Núcleo de Geotecnia, Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

MENGUE, E.; MROUEH, H.; LANCELOT, L.; EKO, R. M. (2017) Mechanical Improvement of a Fine- Grained Lateritic Soil Treated with Cement for Use in Road Construction. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 29, n. 11, p. 04017206. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0002059](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0002059).

NARZARY, B. K.; AHAMAD, K. U. (2018) Estimating elastic modulus of California bearing ratio test sample using finite element model. *Construction and Building Materials*, 175, 601-609. doi:10.1016/j.conbuildmat.2018.04.228.

NETTO, A. R. (1996) *Influência da mineralogia da fração argila sobre propriedades físico-químicas de solos brasileiros*. 144p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1996.

NOGAMI, J. S.; VILLIBOR D. F. (1995) *Pavimentação de Baixo Custo com Solos Lateríticos*. São Paulo: Editora Villibor, 240 p.

NORME FRANÇAISE. NF P 11-300: *Classification des matériaux utilisables dans la construction des remblais et des couches de forme d'infrastructures routières*. NF, 1992.

NORME FRANÇAISE. NF P 18-576: Granulats – Mesure du coefficient de friabilité des sables. NF, 1990.

PASCOAL, P. T. (2020) Estudo da influência da compactação no comportamento resiliente e deformação permanente de solo laterítico do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

PEREIRA, A. N. (2014) Caracterização física, química e mineralógica dos solos em uma vertente do Parque Municipal das Mangabeiras – Quadrilátero Ferrífero (MG). Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia e Análise Ambiental, Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

PINTO, C. S. (2006) Curso Básico de Mecânica dos Solos em 16 Aulas. São Paulo: Oficina de Textos; 3ª edição, 368 p.

PITTA, M. R. (1985) Retração de solo-cimento. São Paulo: ABCP, 63 p.

QIAN, J.; LIANG, G.; LING, J.; JIA, Q.; ZENG, F. (2015) Laboratory Characterization of Cement–Lateritic Gravel for Use in Base Construction. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 29, n. 3, p. 1-7. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0001466](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0001466).

RAHIMI, H.; PAZIRA, E.; TAJIK, F. (2000) Effect of soil organic matter, electrical conductivity and sodium adsorption ratio on tensile strength of aggregates. *Soil and Tillage Research*, v.54, n.3/4, p.145-153.

ROCHA, W. W.; DIAS JUNIOR, M. S.; LIMA, J. M.; MIRANDA, E. E. V.; SILVA, A. R. (2002). Resistência ao cisalhamento e grau de intemperismo de cinco solos na região de Lavras (MG).

Revista Brasileira de Ciência Do Solo, 26(2), 297–303. doi:10.1590/s0100-06832002000200002.

RODRIGUES, J. K. G.; NDIAYE, M.; REIFFSTECK, P.; AURIO, J. C. (2010) Rationalisation de l'Utilisation des Sols Latéritiques en Plateforme de Chaussées Durables et de Faible Coût. In: XXVIIIe Rencontres Universitaires de Génie Civil. La Bourboule.

ROSSI, N. G. (2019) Interação entre os índices de intemperismo K_i e K_r e os atributos físicos, químicos e mineralógicos de solos do Estado de Rondônia. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Centro de Ciências Agrárias da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2019.

SADEEQ, J. A.; OCHEPO, J.; SALAHUDEEN, A. B. (2014) Effect of used oil contamination on the volumetric shrinkage of lateritic soils. Proceedings of the Third International Conference on Engineering and Technology Research, p. 167-175. Ladoke Akintola University of Technology, Ogbomosho, Nigeria.

SILVA, B. A. (2009) Análise Mecânica de um Pavimento Rodoviário Submetido à Oscilação do Lençol Freático Simulada em Modelo Físico de Verdadeira Grandeza. Tese (doutorado) – COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2009.

SILVA, B. O. (2019) Estudo comparativo entre metodologias de classificação e caracterização mecânica de solos da região metropolitana de Belo Horizonte para fins rodoviários. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geotecnia) – Programa de Pós-Graduação em Geotecnia, Escola de Minas, Núcleo de Geotecnia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

SILVA, T. O.; CARVALHO, C. A. B.; LIMA, D. C.; CALIJURI, M. L.; LANI, J. L.; OLIVEIRA, T. M. (2010) Sistemas de classificações geotécnicas de solos: estudo de caso aplicado à rodovia não pavimentada vcs 346, Viçosa, MG. Revista Árvore, 34(2), 313–321. doi:10.1590/

SO100-67622010000200014.

VILLIBOR, D. F.; ALVES, D. M. L. (2017) Classificação de solos tropicais de granulação fina e grossa. Revista Pavimentação, nº 43, jan-mar2017, ABPv- Associação Brasileira de Pavimentação. Rio de Janeiro, 2017.

VILLIBOR, D. F.; NOGAMI, J. S. (2009) Pavimentos econômicos – Tecnologia do uso dos Solos Finos Lateríticos. 291 p. São Paulo: Arte & Ciência.

VILLIBOR, D. F.; ALVES, D. M. L. Pavimentação de baixo custo para regiões tropicais. Projeto e Construção – Novas Considerações. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2019.

VIZCARRA, G. O. C. (2010). Aplicabilidade de Cinzas de Resíduo Sólido Urbano para Base de Pavimentos. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

YONG, R. N. & WARKENTIN, B. P. (1975) Soil properties and behaviour. Elsevier scientific publishing company, Amsterdam.

CAPÍTULO 6

AMERICAN SOCIETY FOR TESTING AND MATERIAL. ASTM C25: Standard Test Methods for Chemical Analysis of Limestone, Quicklime, and Hydrated Lime. West Conshohocken, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 12023: Solo-cimento – Ensaio de compactação. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 12024: Solo-cimento – Moldagem e cura de corpos de prova cilíndricos – Procedimento. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 12025: Solo-cimento – Ensaio de compressão simples de corpos-de-prova cilíndricos – Método de ensaio. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 12253: Solo-cimento – Dosagem para emprego como camada de pavimento – Procedimento. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 12826: Cimento Portland e outros materiais em pó – Determinação do índice de finura por meio de peneirador aerodinâmico. Rio de Janeiro, ABNT, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 12826: Cimento Portland e outros materiais em pó – Determinação do índice de finura por meio de peneirador aerodinâmico. Rio de Janeiro, ABNT, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 16372: determinação da finura pelo método de permeabilidade ao ar de cimento Portland Rio de Janeiro, ABNT, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 6473: Cal virgem e cal hidratada – Análise química. Rio de Janeiro, ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 7215: Cimento Portland – Determinação da resistência à compressão de corpos de prova cilíndricos. Rio de Janeiro, ABNT, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR NM 18: Cimento Portland - Análise química – Determinação de perda ao fogo. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT

NBR NM 18: Cimento Portland - Análise química – Determinação de perda ao fogo. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR NM 23: Cimento Portland e outros materiais em pó – Determinação de massa específica. Rio de Janeiro, ABNT, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR NM 23: Cimento Portland e outros materiais em pó – Determinação de massa específica. Rio de Janeiro, ABNT, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR NM 51: Agregado graúdo – Ensaio de abrasão “Los Angeles”. Rio de Janeiro, ABNT, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR NM 65: Cimento Portland – Determinação do tempo de pega. Rio de Janeiro, ABNT, 2003.

BHATTACHARJA, S.; BHATTY, J. I.; TODRES, H. A. (2003) Stabilization of Clay Soils by Portland Cement or Lime - A Critical Review of Literature, PCA R&D Serial No. 2066, Portland Cement Association, Skokie, Illinois USA, 60 p.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018a) Durability and shrinkage studies of cement stabilised granular lateritic soils. International Journal Of Pavement Engineering, v. 20, n. 12, p. 1451-1462. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10298436.2018.1433830>.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018b) Mechanical characteristics of cement stabilised granular lateritic soils for use as structural layer of pavement. Road Materials and Pavement Design, v. 21, n. 5, p. 1201-1223. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1545687>.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018c) Non-destructive strength and stiffness evaluation of cement-stabilised granular lateritic soils. *Road Materials and Pavement Design*, v. 21, na. 3, p. 835-849. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1511458>.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2020) Fatigue Characteristics of Cement-Stabilized Granular Lateritic Soils. *Journal Of Transportation Engineering, Part B: Pavements*, v. 146, n. 1, p. 04019038. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: <http://dx.doi.org/10.1061/jpeodx.0000147>.

BUDNY, J. (2018) Verificação do Potencial de Estabilização de um Solo Laterítico com uso de Ácido Fosfórico, Ácido Cítrico e Cinza de Casca de Arroz. Tese (doutorado) – UFRJ, COPPE, Programa de Engenharia Civil, Rio de Janeiro, 2018.

CARO, S.; AGUDELO, J. P.; CAICEDO, B.; OROZCO, L. F.; PATTIÑO, F.; RODADO, N. (2018) Advanced characterisation of cement-stabilised lateritic soils to be used as road materials. *International Journal of Pavement Engineering*, v. 20, n. 12, p. 1425-1434. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10298436.2018.1430893>.

CONSOLI, N. C.; PÁRRAGA MORALES, D.; SALDANHA, R. B. (2021). A new approach for stabilization of lateritic soil with Portland cement and sand: strength and durability. *Acta Geotechnica*, 16(5), 1473-1486. doi:10.1007/s11440-020-01136-y.

DEPARTAMENTO DE ESTRADAS E RODAGEM. ETDE-P00/009: Sub-base ou Base de Brita Graduada com Cimento. DER, 2005.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-EM 036: Cimento Portland – recebimento e aceitação – Especificação de Material. DNIT, 1995.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM.

DNER-ME 054: Equivalente de areia – Método de ensaio. DNIT, 1997.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-ME 084: Agregado miúdo – determinação da densidade real – Método de ensaio. DNIT, 1995.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-ME 086: Agregado – determinação do índice de forma – Método de ensaio. DNIT, 1994.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM. DNER-ME 195: Agregados – determinação da absorção e da massa específica de agregado graúdo – Método de Ensaio. DNIT, 1997.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (2006) DNIT – Manual de Pavimentação Rodoviária. Publicação IPR 719. Diretório de Planejamento e Pesquisa, Instituto de Pesquisas Rodoviárias. (3ª ed.). Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, Rio de Janeiro, RJ.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. DNIT-ME 419: Pavimentação – Solo-Cal – Estimativa do teor mínimo de cal para estabilização química de solo – Método de ensaio. DNIT, 2019.

FEDRIGO, W.; NÚÑEZ, W. P.; SCHREINERT, G. G.; KLEINERT, T. R.; MATUELLA, M. F.; LÓPEZ, M. A. C.; CERATTI, J. A. P. (2019) Flexural strength, stiffness and fatigue of cement-treated mixtures of reclaimed asphalt pavement and lateritic soil. *Road Materials and Pavement Design*, v. 22, n. 5, p. 1004-1022. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2019.1660207>.

FIROOZI, A. A.; GUNEY OLGUN, C., BAGHINI, M. S. (2017) Fundamentals of soil stabilization. *International Journal of Geo-Engineering* volume 8, Article number: 26. DOI: <https://doi.org/10.1186/>

s40703-017- 0064-9.

GODOY, H. (1997) Identificação e Classificação Geotécnica de Latossolos do Estado de São Paulo pelo Método das Pastilhas MCT. Tese (doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, 1997.

JOEL, M.; AGBEDE, I. O. (2011) Mechanical-Cement Stabilization of Laterite for Use as Flexible Pavement Material. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 23, n. 2, p. 146-152. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0000148](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0000148).

LOVATO, R. S. (2004) Estudo do comportamento mecânico de um solo laterítico estabilizado com cal, aplicado à pavimentação. 144 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MÉLO, V. S. (2011) Classificação e Estabilização de Solos Lateríticos do Estado da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, RN, 2011.

MENGUE, E.; MROUEH, H.; LANCELOT, L.; EKO, R. M. (2017) Mechanical Improvement of a Fine- Grained Lateritic Soil Treated with Cement for Use in Road Construction. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 29, n. 11, p. 04017206. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0002059](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0002059).

MILLOGO, Y.; HAJJAJI, M.; OUEDRAOGO, R.; GOMINA, M. (2008). Cement-lateritic gravels mixtures: Microstructure and strength characteristics. *Construction and Building Materials*, 22(10), 2078–2086. doi:10.1016/j.conbuildmat.2007.07.019.

MOHAMMAD, L.; SAADEH, S. (2008) Performance Evaluation of

Stabilized Base and Subbase Material. In: GeoCongress 2008 Conference. Conference proceedings... pp 1073-1080. New Orleans, US: ASCE, 2008. DOI: [https://doi.org/10.1061/40971\(310\)134](https://doi.org/10.1061/40971(310)134).

NICHOLSON, P. G. (2014) Soil Improvement and Ground Modification Methods. Butterworth-Heinemann.

NOGAMI, J. S.; VILLIBOR D. F. (1995) Pavimentação de Baixo Custo com Solos Lateríticos. São Paulo: Editora Villibor, 240 p.

OKEKE, C. A. U; JOHNSON, A. O.; OGBUAGU, F. U.; AKINMUSURU, J. O. (2020) Effects of continuous leaching on engineering properties of lime-stabilized lateritic soils. IOP Conference Series: Materials Science and Engineering, Volume 640, 1st International Conference on Sustainable Infrastructural Development 24–28 June 2019, Covenant University, Canaan Land, Ota, Nigeria. DOI: [10.1088/1757-899X/640/1/012084](https://doi.org/10.1088/1757-899X/640/1/012084).

OLIVEIRA, P. C. A.; PAIVA, C. E. L. (2019) Full depth reclamation with cement of gravel base with lateritic fines. International Journal of Pavement Research and Technology, v. 12, n. 5, p. 546-552. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s42947-019-0065-5>.

PASCOAL, P. T. (2020) Estudo da influência da compactação no comportamento resiliente e deformação permanente de solo laterítico do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

PEI, X.; ZHANG, F.; WU, W.; LIANG, S. (2015) Physicochemical and index properties of loess stabilized with lime and fly ash piles. Applied Clay Science 114:77–84. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.clay.2015.05.007>.

PORTELINHA, F. H. M.; LIMA, D. C.; FONTES, M. P. F.;

CARVALHO, C. A. B. (2012) Modification of a Lateritic Soil with Lime and Cement: An Economical Alternative for Flexible Pavement Layers, 35(1), p. 51-63. Soils and Rocks, São Paulo. DOI: <http://dx.doi.org/10.28927/sr.351051>.

QIAN, J.; CHEN, K.; TIAN, Y.; ZENG, F.; WANG, L. (2019). Performance evaluation of flexible pavements with a lateritic gravel base using accelerated pavement testing. Construction and Building Materials, 228, 116790. doi: 10.1016/j.conbuildmat.2019.116790.

QIAN, J.; CHEN, K.; TIAN, Y.; ZENG, F.; WANG, L. (2019). Performance evaluation of flexible pavements with a lateritic gravel base using accelerated pavement testing. Construction and Building Materials, 228, 116790. doi: 10.1016/j.conbuildmat.2019.116790.

ROCHA, M. T.; REZENDE, L. R. (2017) Estudo laboratorial de um solo tropical granular estabilizado quimicamente para fins de pavimentação. Matéria (Rio de Janeiro), v. 22, n. 4, p. 1-25. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-707620170004.0229>.

ROCHA, M. T.; REZENDE, L. R. (2017) Estudo laboratorial de um solo tropical granular estabilizado quimicamente para fins de pavimentação. Matéria (Rio de Janeiro), v. 22, n. 4, p. 1-25. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-707620170004.0229>.

SAMB, F.; BERTHAUD, Y.; BA, M.; FALL, M.; BENBOUDJEMA, F. (2018) Nonlinear Mechanical Behavior Analysis of Flexible Lateritic Pavements of Senegal (West Africa) by FEM for M.-E. Pavement Design. Geotechnical And Geological Engineering, v. 36, n. 5, p. 2939-2956. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-018-0514-y>.

SILVA, M. F. (2016) Estudo da estabilização com cal de um solo laterítico e um solo não laterítico. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

TODINGRARA, Y. T.; TJARONGE, M. W.; HARIANTO, T. RAMLI, M. (2017) Performance of Laterite Soil Stabilized with Lime and Cement as a Road Foundation. *International Journal of Applied Engineering Research* ISSN 0973-4562 Volume 12, Number 14 (2017) pp. 4699-4707.

WAHAB, N. A.; ROSHAN, M. J.; RASHID, A. S. A.; HEZMI, M. A.; JUSOH, S. N.; NORSYAHARIATI, N. D. N.; TAMASSOKI, S. (2021) Strength and Durability of Cement-Treated Lateritic Soil. *Sustainability*, v. 13, n. 11, p. 6430. MDPI AG. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/su13116430>.

YOHANNA, P.; NWAIWU, C. M. C.; OLUREMI, J. R. (2015) Effect of Sample Re-use on the Compaction Characteristics of Concretionary Lateritic Soil as Subgrade Material. *International Journal of Scientific & Engineering Research*, Volume 6, Issue 5, ISSN 2229-5518.

CAPÍTULO 7

ARAUJO, A. G. D. (2010) Análise do desempenho de poços de infiltração na cidade de Goiânia-GO. 159 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Geotecnia, Mecânica das Estruturas e Construção Civil da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BONZANINI, J. A. F. (2011) Estudos dos efeitos do tamanho de corpos-de-prova no módulo de resiliência de quatro solos. 135 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

DALLA ROZA, A. E. (2018) Contribuição para projeto mecanístico-empírico de pavimentos asfálticos na região norte do estado do Mato Grosso. 178 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE

TRANSPORTES (2006) DNIT – Manual de Pavimentação Rodoviária. Publicação IPR 719. Diretório de Planejamento e Pesquisa, Instituto de Pesquisas Rodoviárias. (3ª ed.). Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, Rio de Janeiro, RJ.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. DNIT-IE 179: Pavimentação – Solos – Determinação da deformação permanente – Instrução de ensaio. DNIT, 2018.

GOMES, M. S.; GUIMARÃES, A. R.; MARQUES, M. E. S. (2018) Estudo da influência do tipo de finos no comportamento resiliente de solos tropicais para uso em pavimentos. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, v.9, n.5, p.78-87. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.005.0008>.

GUIMARÃES, A. C. R. (2009) Um método mecanístico-empírico para a previsão da deformação permanente em solos tropicais constituintes de pavimentos. 352 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, A. C. R.; MOTTA, L. M. G.; CASTRO, C. D. (2018) Permanent deformation parameters of fine – grained tropical soils. Road Materials and Pavement Design, v. 20, n. 7, p. 1664-1681. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1473283>.

JIANG, Y.; TIAN, T.; DENG, C.; YUAN, K.; YI, Y. (2020). Effects of Cement Content, Curing Period, Gradation, and Compaction Degree on Mechanical Behavior of Cement-Stabilized Crushed Gravel Produced via Vertical Vibration Test Method. Advances in Civil Engineering, 1–13. doi:10.1155/2020/3082924.

KUMAR, A.; GEORGE, V. (2018) Effect of Soil Parameters on Resilient Modulus Using Cyclic Tri-Axial Tests on Lateritic Subgrade Soils from Dakshina Kannada, India. Geotechnical And Geological

Engineering, v. 36, n. 6, p. 3987-4000. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-018-0550-7>.

LIMA, C. D. A. (2016) Estudo da Deformação Permanente de Duas Britas Graduadas para Uso em Camadas de Pavimentos. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LIMA, C. D. A. (2020) Avaliação da Deformação Permanente de Materiais de Pavimentação a Partir de Ensaios Triaxiais de Cargas Repetidas. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

LIMA, C. D. A. de.; MOTTA, L. M. G. da.; GUIMARÃES, A. C. R.; ARAGÃO, F. T. S. (2018) Contribution to the study of brazilian tropical soils as pavement materials. In: 13^o Conference on asphalt pavements – ISAP. Anais... Fortaleza, Ceará, 2018.

LIMA, C. D. A.; MOTTA, Laura, M. G.; GUIMARÃES, A. C. R. (2017) Estudo da deformação permanente de britas granito-gnaise para uso em base e sub-base de pavimentos. Transportes, v. 25, n. 2, p. 41. Lepidus Tecnologia. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/transportes.v25i2.1262>.

LIMA, R. M. (2022) Análise do comportamento mecânico de britas graduadas tratadas com cimento (BGTC). Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília. Faculdade de Tecnologia. Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Brasília, 2022.

NORBACK, C. (2018) Caracterização do módulo de resiliência e da deformação permanente de três solos e misturas solo-brita. 180 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

OLIVEIRA, J. C. (2007) Indicadores de Potencialidades e

Desempenho de Agregados Reciclados de Resíduos Sólidos da Construção Civil em Pavimentos Flexíveis. Tese (doutorado). Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília. Brasília.

OSTEN, F. B. VON DER. (2018) Avaliação de quatro solos tropicais para sublastro da estrada de ferro Carajás. Dissertação (mestrado) – Instituto Militar de Engenharia, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

PASCOAL, P. T. (2020) Estudo da influência da compactação no comportamento resiliente e deformação permanente de solo laterítico do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

QIAN, J.; LIANG, G.; LING, J.; JIA, Q.; ZENG, F. (2015) Laboratory Characterization of Cement–Lateritic Gravel for Use in Base Construction. *Journal of Materials in Civil Engineering*, v. 29, n. 3, p. 1-7. American Society of Civil Engineers (ASCE). DOI: [http://dx.doi.org/10.1061/\(ASCE\)mt.1943-5533.0001466](http://dx.doi.org/10.1061/(ASCE)mt.1943-5533.0001466).

ROSA, F. D. (2006) Comportamento mecânico de um solo cimentado curado sob tensão em ensaios triaxiais. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia. Programa de Pós Graduação em Engenharia Civil. Porto Alegre, 2006.

SANTOS, T. A. dos. (2016) Avaliação da resistência e deformabilidade de solos empregados em subleitos rodoviários do estado do Rio Grande do Sul. 2016. 150 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2016.

SERRA, A. G. (2020) Análise da Influência da umidade na deformabilidade de solos da Ilha de São Luís para Emprego em Camadas de Pavimento. Dissertação (mestrado) – Instituto Militar de Engenharia, Engenharia de Transportes, Rio de Janeiro, 2020.

SERRA, G. A.; GUIMARÃES, A. C. R.; MARQUES, M. E. S.; CASTRO, C. D. (2020) Estudo do comportamento resiliente de cinco solos finos da ilha de São Luís para fins de pavimentação. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, v. 11, n. 5, p. 376-389. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2020.005.0035>.

SILVA, M. F. (2016) Estudo da estabilização com cal de um solo laterítico e um solo não laterítico. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Transportes, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

SOUSA, M. A. S. (2021) Contribuição ao estudo de solos tropicais finos para uso na pavimentação rodoviária. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CTG. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, 2021.

ZAGO, J. P. (2016) Estudo da deformação permanente de três solos típicos de subleitos rodoviários de Santa Maria - RS. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, RS, 2016.

CAPÍTULO 8

AMERICAN SOCIETY FOR TESTING AND MATERIAL. ASTM D5298: Standard Test Method for Measurement of Soil Potential (Suction) Using Filter Paper. West Conshohocken, 2016.

ARAUJO, A. G. D. (2010) Análise do desempenho de poços de infiltração na cidade de Goiânia-GO. 159 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Geotecnia, Mecânica das Estruturas e Construção Civil da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BISWAL, D. R.; SAHOO, U. C.; DASH, S. R. (2018a) Durability and shrinkage studies of cement stabilised granular lateritic soils. International Journal Of Pavement Engineering, v. 20, n. 12, p. 1451-1462.

Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10298436.2018.1433830>.

CAMAPUM, C. J.; LEROUÉIL, S. (2004) Curva Característica de Sucção Transformada. *Solos e Rochas*, 27(3): 231-242.

CERATTI, J. A. P., GEHLING, W. Y. Y. e NÚÑEZ, W. P. (2004) Seasonal variations of a subgrade soil resilient modulus in southern Brazil. *Transportation Research Record*, Washington, D. C., v 1874, p. 165-173.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. DNIT-IE 179: Pavimentação – Solos – Determinação da deformação permanente – Instrução de ensaio. DNIT, 2018.

DURNER, W. (1994). Hydraulic conductivity estimation for soils with heterogeneous pore structure. *Water Resources Res.*, 30: 211–223.

EDIL, T. B.; MOTAN, S. E. Soil-water potential and resilient behavior of subgrade soils. *Transportation Research Record*, Washington, D.C., No. 705, pp. 54-63, 1979.

EYO, E. U.; NG'AMBI, S.; & ABBEY, S. J. (2022). An overview of soil-water characteristic curves of stabilised soils and their influential factors. *Journal of King Saud University – Engineering Sciences*. doi:10.1016/j.jksues.2020.07.013.

FEUERHARMEL, C. (2003) Aspectos do comportamento não saturado de dois solos coluvionares – gasoduto Bolívia-Brasil. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

FEUERHARMEL, C. (2007) Estudo da resistência ao cisalhamento e da condutividade hidráulica de solos coluvionares não saturados da Formação Serra Geral. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do

Sul, Porto Alegre, 2007.

FEUERHARMEL, C.; GEHLING, W. Y. Y.; BICA, A. V. D. (2005) Determination of the Soil-Water Characteristic Curve of Undisturbed Colluvium Soils. In: International Symposium Advanced Experimental Unsaturated Soil Mechanics, EXPERUS 2005, Trento (Itália).

GEHLING, W. Y. Y., CERATTI, J. A. P., NÚÑEZ, W. P., RODRIGUES, M. R. (1998) A study of the influence of suction on the resilient behaviour of soils from southern Brazil. International Conference on Unsaturated Soils. Peqim, China. Vol. 1, p. 47-53.

GONÇALVES, R. F. (1999) Estudo da influência da variação do teor de umidade no valor do módulo de resiliência de um solo argiloso encontrado em subleito de rodovias no interior paulista. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1999.

GUIMARÃES, A. C. R. (2009) Um método mecanístico-empírico para a previsão da deformação permanente em solos tropicais constituintes de pavimentos. 352 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, A. C. R.; MOTTA, L. M. G.; CASTRO, C. D. (2018) Permanent deformation parameters of fine – grained tropical soils. Road Materials and Pavement Design, v. 20, n. 7, p. 1664-1681. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14680629.2018.1473283>.

HOYOS, L. R.; THUDI, H.; PUPPALA, A. J. (2007) Soil-Water Retention Properties of Cement Treated Clay. In: Geo-Denver 2007 February 18–21, 2007. Colorado, United States, pp. 1–8.

KERN, C. (2017) Análise de desempenho de pavimentos da rede temática de asfalto no Rio Grande do Sul – A avaliação de um

pavimento submetido à oscilação do lençol freático. 167 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

KERN, C. (2022) Efeito da variação de umidade e sucção no comportamento mecânico e em simulações de desempenho de dois solos utilizados em pavimentos rodoviários. Tese (doutorado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

KHOURY, N.; BROOKS, R.; ZAMAN, M.; KHOURY, C. (2009) “Variations of resilient modulus of subgrade soils with post-compaction moisture contents.” *Transportation Research Record: Journal of the Transportation Research Board*, (2001). pp. 72-81.

KIM, H.; PREZZI, M.; SALGADO, R. (2017). Calibration of Whatman Grade 42 filter paper for soil suction measurement. *Canadian Journal of Soil Science*. doi:10.1139/cjss-2016-0064.

LIMA, C. D. A.; MOTTA, L. M. G.; ARAGÃO, F. T. S. (2019) Effects of Compaction Moisture Content on Permanent Deformation of Soils Subjected to Repeated Triaxial Load Tests. *Transportation Research Record: Journal of the Transportation Research Board*, v. 2673, n. 2, p. 466-476. SAGE Publications. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0361198118825124>.

NORBACK, C. (2018) Caracterização do módulo de resiliência e da deformação permanente de três solos e misturas solo-brita. 180 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

OSINUBI, K. J.; EBEREMU, A. O. (2010) Desiccation Induced Shrinkage of Compacted Lateritic Soil Treated with Blast Furnace Slag. *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 28, n. 5, p. 537-547. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-010-9308-6>.

OSINUBI, K. J.; GADZAMA, E. W.; IJIMDIYA¹, T. S.; EBEREMU, A. O. (2018) Volumetric Shrinkage of Compacted Lateritic Soil Treated with *Sporosarcina pasteurii*. 1st International Civil Engineering Conference (ICEC 2018) Department of Civil Engineering Federal University of Technology, Minna, Nigeria.

OSINUBI, K. J.; NWAIWU, C. M. O. (2008) Desiccation-induced Shrinkage in Compacted Lateritic Soils. *Geotechnical And Geological Engineering*, v. 26, n. 5, p. 603-611. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10706-008-9193-4>.

PASCOAL, P. T. (2020) Estudo da influência da compactação no comportamento resiliente e deformação permanente de solo laterítico do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

RIBEIRO, M. M. P. (2013). Contribuição ao Estudo da Deformação Permanente dos Solos de Subleito. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

RIBEIRO, M. M. P.; SILVA, M. F.; FURLAN, A. P.; FABBRI, G. T. P. (2014). In: Conference: XXVIII Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Transportes, Curitiba, Brazil.

RODRIGUES, M. R. (1997) Influência da sucção no módulo de resiliência de solos típicos de subleito de pavimentos do Rio Grande do Sul. 106 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

SANTOS, T. A. dos. (2020) A influência da sucção na deformabilidade de subleitos rodoviários: efeitos da variação de umidade, método de compactação e gênese dos solos. Tese (doutorado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa

Maria, Santa Maria, RS, 2020.

SANTOS, T. A.; SPECHT, L. P.; PINHEIRO, R. J. B.; CERATTI, J. A. P.; BRITO, L. A. T. (2019) Avaliação da resistência e da deformação resiliente de quatro solos de subleitos rodoviários no estado do Rio Grande do Sul. *Transportes*, v. 27, n. 1, p. 48-64. Lepidus Tecnologia. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/transportes.v27i1.1531>.

SCARIOT, K. A. L. (2018) Estudo paramétrico da resistência ao cisalhamento de um solo de baixa capacidade de suporte. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.

SEKI, K. (2007) SWRC fit - a nonlinear fitting program with a water retention curve for soils having unimodal and bimodal pore structure. *Hydrol. Earth Syst. Sci. Discuss.*, 4: 407-437. doi:10.5194/hessd-4-407-2007

SILVA, F. C.; CABRAL, S. M.; CABRAL, R. M.; CARVALHO, J. C.; CORDÃO NETO, M. P.; OLIVEIRA, R. B.; CÔRTEZ, H. A. (2020) Determinação da curva característica e a influência dos macro e microporos em um perfil de solo residual. *Geotecnia*, n. 149, p. 101-128, Coimbra University Press. <http://dx.doi.org/10.24849/j.geot.2020.149.06>.

SÍRIO, D. L. N.; BARBASSA, A. P.; ZUQUETTE, L. V. (2020) Análise experimental e validação de curvas bimodais de retenção de água no solo para solos areno-argilosos residuais da formação Itaqueri em São Carlos – SP. *Geosciences = Geociências*, v. 39, n. 04, p. 1041-1057. UNESP - Universidade Estadual Paulista. <http://dx.doi.org/10.5016/geociencias.v39i04.14354>.

SPECHT, L. P. (2000) Comportamento de misturas solo-cimento-fibra submetidas a carregamentos estáticos e dinâmicos visando a pavimentação. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil, Escola de Engenharia da Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

TAKEDA, M. C. (2006) A influência da variação da umidade pós-compactação no comportamento mecânico de solos de rodovias do interior paulista. Tese (doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (USP), São Carlos, 2006.

VILLIBOR, D. F; ALVES, D, M. L. Pavimentação de baixo custo para regiões tropicais. Projeto e Construção – Novas Considerações. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2019.

WEBER, R. C. (2013) Avaliação das trajetórias de umedecimento e secagem na deformabilidade elástica de solos compactados. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

YANG, H.; HE, C.; XIAO, J.; WENTAO, Z. (2011) Analysis on Improvement Effect of Expansive Soil by Soil-Water Characteristic Curve. In: GeoHunan International Conference 2011: Instrumentation, Testing, and Modeling of Soil and Rock Behavior. pp. 272–279.

ZHANG, X.; MAVROULIDOU, M.; GUNN, M. J. (2016). A study of the water retention curve of lime-treated London Clay. *Acta Geotechnica*, 12(1), 23–45. doi:10.1007/s11440-015-0432-6.

CAPÍTULO 9

CAVALCANTE, F. P. (2005) Avaliação das características funcionais e estruturais da Rodovia BR-230/PB Lote III. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CTG. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Recife, 2005.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. DNIT-ES 142: Pavimentação – Base de solo melhorado com cimento – Especificação de serviço. DNIT, 2022.

FRANCO, F. A. C. P. (2007) Método de Dimensionamento Mecânico-Empírico de Pavimentos Asfálticos – SISPAV. 294p. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HAFEEZ, I. (2009) Impact of hot mix asphalt properties on its permanent deformation behavior. Tese (Doutorado). Department of Civil Engineering and Environmental Engineering, University of Engineering and Technology Taxila, 2009.

LIMA, C. D. A.; MOTTA, Laura, M. G.; GUIMARÃES, A. C. R. (2017) Estudo da deformação permanente de britas granito-gnaiss para uso em base e sub-base de pavimentos. Transportes, v. 25, n. 2, p. 41. Lepidus Tecnologia. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/transportes.v25i2.1262>.

MEDINA, J.; MOTTA, L. M. G. (2015) Mecânica dos Pavimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 638 p.

PASCOAL, P. T. (2020) Estudo da influência da compactação no comportamento resiliente e deformação permanente de solo laterítico do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

SILVA, J. P. S. (2008) Aderência pneu-pavimento em revestimentos asfálticos aeroportuários. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Tecnologia, Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOUZA JÚNIOR, P. L. (2018) Comportamento drenado e não drenado de uma areia eólica de Natal/RN. 77 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CAPÍTULO 10

CAVALCANTE, C. M. B. (2010) Metodologia de retroanálise de módulos de resiliência em camadas de pavimentos flexíveis: desenvolvimento do Programa RETROPAV. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil e Ambiental, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010.

COUTO, J. B. (2009) Estudo de misturas de solo-agregado em bases e sub-bases rodoviárias do Rio Grande do Sul: caracterização de laboratório e execução de trecho experimental. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. SICRO – Sistema de Custos Referenciais de Obras, data de referência de abril de 2023. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/assuntos/planejamento-e-pesquisa/custos-e-pagamentos/custos-e-pagamentosdnit/sistemas-de-custos/sicro_antiga/nordeste/paraiba/2023/abril/abril-2023>. Acesso em 06 de agosto de 2023.

FERRI, S. (2013) Critérios de aceitação e controle da qualidade da execução de camadas de fundação de pavimentos novos através de métodos deflectométricos. Dissertação (mestrado) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOBRE OS AUTORES



John Kennedy Guedes Rodrigues é Professor Titular do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com Pós-Doutorado no Laboratoire Central des Pontes et Chaussées - LCPC (Divisão de Geotecnia, Paris et Nantes, França - 2009/2010) onde atuou como Professor invité do LCPC, atualmente Université Gustavo Eiffel, tem Doutorado em Engenharia em Transportes pela Universidade de São Paulo (EESC/USP/1998), Mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/1992 - Área de Concentração de Geotecnia) e Graduou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/Campus de Campina Grande//1988). Foi Diretor do Centro de Tecnologia e Recursos CTRN/UFCG (2013/2021 - CTRN/UFCG) Foi Coordenador do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil e Ambiental entre 2005 e 2009 (PPGECA/UFCG), e Coordenador Administrativo do Departamento de Engenharia Civil (2013 -2014).

Atualmente é Consultor e Membro Efetivo da Associação Técnica Ernesto Luiz de Queiroz Junior (ATECEL), Chefe do Laboratório de Engenharia de Pavimentos (LEP/DEC/UFCG), Coordenador, em nível de UFCG, da Rede Temática Brasileira da Petrobrás (Asfalto). Orienta Dissertações e Teses nos Programas de Pós-graduação em Engenharia Civil e Ambiental e de Engenharia de Processos da UFCG. Coordena Projetos com Termos de Cooperação Científica firmados entre a UFCG/FINEP/IPR/DNIT/PE/DNIT/PB e as Empresas: PETROBRAS & JBR ENGENHARIA. Tem experiência na Área de Engenharia Civil, com ênfase em Rodovias; Projeto e Construção, atuando principalmente nos seguintes Linhas de Pesquisa: Estudos de Solos Tropicais, Gerência de Pavimentos, Infraestrutura de Rodovias e de Aeroportos, Estudo Comportamento Físico e Mecânico de Ligantes e de Misturas Asfálticas, Mecânica de Pavimentos e Aproveitamento de Resíduos Sólidos na pavimentação.



Jean-Claude Auriol é um destacado pesquisador do Laboratório Central de Pontes e Estradas (LCPC), hoje parte do Instituto Francês de Ciências e Tecnologias dos Transportes, da Ampla França (IFSTTAR). Reconhecido internacionalmente, ele atua nas áreas de mecânica dos solos e engenharia geotécnica, com um enfoque especial na interação solo-estrutura e no comportamento dos solos sob diferentes tipos de carregamento. A carreira de Auriol é marcada por importantes contribuições ao desenvolvimento de técnicas inovadoras, fundamentais para a segurança e eficácia nas práticas de engenharia civil. Sua pesquisa ampliou o entendimento sobre os

materiais geotécnicos, trazendo soluções aplicáveis a uma ampla gama de desafios em infraestrutura. Além de sua produção científica, Jean-Claude Auriol desempenha um papel fundamental na formação de novos pesquisadores, transmitindo conhecimento e incentivando o pensamento crítico e a inovação. Sua dedicação ao avanço da geotecnia faz dele uma referência influente no campo, inspirando as próximas gerações de engenheiros e cientistas.



Philippe Reiffsteck é diretor de pesquisa e pesquisador sênior na Universidade Gustave Eiffel, onde lidera o Laboratório de Mecânica dos Solos e Ensaios Especiais in situ. Sua trajetória acadêmica e científica concentra-se na reologia experimental de solos, com foco na mecânica dos solos em laboratório e em campo, para compreender o comportamento do solo na interação solo-estrutura sob carregamentos monotônicos e cíclicos. Formado em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia CUST, França, em 1992, Reiffsteck concluiu seu doutorado em Engenharia Civil pela Universidade Blaise Pascal, França, em 1996. Sua pesquisa explora materiais de origem geográfica e orgânica — como estacas de madeira, geotêxteis naturais e pedras — e se estende ao desenvolvimento de fundações superficiais, com um compromisso especial com o reaproveitamento de estruturas para reduzir o impacto ambiental. Por meio de seus projetos científicos, Philippe busca aprimorar o conhecimento sobre os fenômenos físicos envolvidos na interação entre solos e estruturas, desenvolvendo ferramentas experimentais e metodológicas que apoiam engenheiros geotécnicos em projetos de infraestrutura.



Manoel Leandro Araújo e Farias é engenheiro civil, graduado pela Universidade Estadual da Paraíba (2012-2016). Mestre em Engenharia Civil com ênfase em Geotecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017-2019), dedicou-se a pesquisas sobre fundações, estruturas de contenção, escavações e obras de terra. Entre 2019 e 2020, atuou como professor substituto na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, onde ministrou disciplinas como Fundações e Estruturas de Contenção, Mecânica dos Solos, Obras em Terra e Tópicos Especiais em Engenharia Civil na área de Geotecnia. Em 2023, concluiu o doutorado em Engenharia Civil com foco em Geotecnia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e atualmente é pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental (PPGECA) da UFCG. Com sólida experiência na área de Engenharia Civil, Manoel Leandro atua principalmente em Geotecnia e Mecânica e Gerência de Pavimentos. Suas linhas de pesquisa incluem fundações e estruturas de contenção, obras em terra, estudos de solos tropicais, mecânica e gerência de pavimentos, além da estabilização de solos com materiais convencionais e alternativos.

Sobre o livro

Projeto gráfico e capa Erick Ferreira Cabral

Mancha Gráfica 10,5 x 16,7 cm

Tipologias utilizadas Adobe Garamond Pro 11/13,2 pt

Solos Lateríticos é uma obra essencial que explora de maneira abrangente as complexidades dos solos lateríticos, abordando desde conceitos iniciais até aplicações práticas. O livro começa introduzindo os fundamentos e características dos solos, discutindo suas propriedades físicas e químicas detalhadamente. Em seguida, são apresentadas técnicas de melhoramento e estabilização, essenciais para otimizar o uso desses solos em projetos de engenharia. A obra também traz um sistema de classificação, aplicado em estudos de casos que ilustram sua utilidade no campo. O comportamento dos solos, tanto naturais quanto melhorados com ligantes hidráulicos, é minuciosamente avaliado sob condições de carga estática e cíclica, com ênfase na influência da retração. Além disso, o livro incorpora uma análise mecanicística-empírica utilizando o software MeDiNa, oferecendo uma abordagem moderna para a avaliação de desempenho. Por fim, é feita uma análise detalhada da composição de custos, tornando-se uma referência indispensável para engenheiros e pesquisadores.



 **eduepb**

ISBN: 978-65-268-0041-6



9 786526 800416